

OSHO

A pair of hands is shown from the right side of the frame, holding a small amount of dark, granular mustard seeds. The hands are positioned over a dark, textured surface that appears to be soil or a similar material. The lighting is dramatic, highlighting the texture of the hands and the seeds.

A Semente de Mostarda

10ª edição

 **icone**
editora

A Semente de Mostarda traz discursos de Osho sobre os ensinamentos de Jesus, a partir do Evangelho segundo Tomé, descoberto em escavações no Mar Morto (a maior descoberta arqueológica do século passado – restaurada por uma comissão internacional de cientistas, sem interferência das instituições religiosas).

Para o público brasileiro, na sua grande maioria de raízes cristãs, Jesus sempre foi conhecido na forma em que as seitas cristãs o apresentaram – O Filho de Deus, aquele que está ao lado direito do Deus Pai. A Trindade – Pai, Filho e Espírito Santo –, a Virgem Maria, os milagres, etecétera e, claro, Jesus tem os sermões e as parábolas. É um Mestre.

O Jesus apresentado em *A Semente de Mostarda* é com certeza o verdadeiro homem iluminado, amante da vida, independente, fluído, limpo, determinado, sem medo, senhor de si mesmo, o rebelde.

A Semente de Mostarda é uma porta, um convite para um universo totalmente diferente de tudo o que vivemos aprendendo. A semente de mostarda é a menor semente e contém a árvore em si, o único milagre, a vida. Venha beber desta fonte inesgotável de sabedoria e experimentar o grande salto, o salto quântico de consciência através das palavras iluminadas de Osho.


Ícone
editora



BHAGWAN SHREE RAJNEESH

A SEMENTE DE MOSTARDA

Discursos sobre as palavras de Jesus
segundo o Evangelho de Tomé.

Ícone Editora

PREFÁCIO

RAJNEESH:

Eu vi teus olhos. Tinham paz, não mentiam.

Eu senti tua mão sobre minha fronte. Se juntar toda a força do mar com a suavidade das nuvens; ainda assim não poderei descrever teu toque. Me senti como uma folha tremendo em mãos de um furacão.

Eu ouvi tua voz. Tem a firmeza dos séculos, a alegria das crianças, o calor da mãe, o poder de mil cascatas, a mensagem de Deus.

Você me falou e meus ouvidos não escutavam, meus olhos não viam, só minhas mãos se abriram à procura da graça.

Só meu coração compreendia, só minha consciência captava. Era a voz de muitos Cristos, de muitos Budas, de muitos Mahavis, a voz de todos os iluminados, e a voz de tantos outros, concentrada ali; naquele pedaço de Poona, perto de Bombay. E tua voz me falou e eu ouvi...

E essa tua palavra ressoa entre os cantos dos pássaros na floresta no Ashram, cada dia, cada manhã, cada entardecer, com uma nova mensagem de amor para esta sociedade neurótica, violenta e dividida, que tanto amas.

Eu, três vezes Doutorado, duas vezes Ph.D. pensava que minha ciência, meus títulos e meus livros iam fazer com que me amasse mais. Mas você me amou mais quando em meus olhos leu minhas misérias e minhas carências.

Dia a dia sentei com os cidadãos da Nova Babel que você formou. Línguas, idiomas, rostos, rostos diferentes de todos os

continentes do mundo, estavam aí comigo. Essa era uma Babel diferente: muitas línguas, mas só um coração, só um latejar, só uma energia que cresce, até formar um imenso campo energético de paz e de amor, que poderá salvar as nações da loucura e da violência.

Sentado à teus pés, aprendi mais sobre o Amor de Cristo, sobre o Nada de Buda, sobre a Alegria dos Sufis, e sobre minhas próprias misérias, tudo o que universidades, livros e homens haviam me ensinado a vida toda.

Aprendi que estou dormindo. Você me ensinou a acordar, a viver feliz aqui e agora.

Aprendi que não adianta o passado morto que deprime, nem o futuro incerto que anseia. Você me ensinou que sou uma ponte entre o passado e o futuro. Uma ponte em construção na procura do infinito.

Aprendi que não sabia amar, pois meu amor era um amor egoísta e necessitado. Você me ensinou que o amor é doação.

Aprendi que eu era um homem triste e complicado. Você me ensinou a dançar no meu caminho para Deus como David dançou na presença da Arca.

Aprendi que não adianta ficar detido a vida toda na procura de poder. Você me ensinou a abrir meu centro bioenergético do amor.

Aprendi que tudo o que sabia sobre o homem era apenas o abecedário. Você me ensinou a verdadeira linguagem com sua ciência dos 7 corpos, dos 7 vales que levam à Unidade Total, das 7 portas através das quais se condiciona o ego, das 6 camadas da consciência e dos 3 níveis de bioenergia.

Aprendi que ainda a ciência da psicologia pode ser superada através do que Você chama a Terceira Psicologia, como um passo além da psicologia patológica de Freud, primeira psicologia, e da psicologia do homem normal dos Humanistas, segunda psicologia.

Você me ensinou o caminho para uma Terceira Psicologia, não só do Inconsciente e do Consciente, senão também do

Supraconsciente: a psicologia dos homens felizes, dos homens realizados.

Esta sua Terceira Psicologia faz da Terapia uma função de amor e leva o homem a encontrar-se consigo mesmo em Deus, em felicidade, em alegria.

Agora toda a ciência do homem torna-se religiosa e toda a religião torna-se científica.

Aprendi a não julgar, a não supor, a não maldizer, pois pensamentos são sutis vibrações que podem ser usadas como espadas que ferem. Mas você me ensinou a cortar minha cabeça para não deixar-me manejar por minha mente poluída e, em troca, estou aprendendo a pensar com um coração sem violência, com uma nova cabeça além dos condicionamentos, além das programações que não me permitiam ser eu mesmo.

Aprendi que a vida não é uma luta sem sentido em uma selva de feras que brigam por dinheiro. Você me ensinou que a vida é felicidade, é continua celebração, é canto de paz que reinicia, e reinicia cada manhã, com cada novo sol e com cada nova luz.

Um dia a semente de mostarda foi semeada em meu coração, e todo meu ser entrou dentro dessa semente e senti a verdade.

A semente da Verdade está crescendo dentro de mim, por isso, imagino, você me deu o nome de Savya Sachi, Todo Verdade.

Eu já estou crescendo dentro da Semente. E quero crescer com ela a fim de transformar minha vida, como Jesus e Você fizeram, em uma grande árvore onde irão saciar sua sede de Verdade e Amor às novas gerações de Aquário.

Sei que não estou só nesta Semente. Estão aqui teus 100.000 Sanyasins espalhados no mundo inteiro, estão aqui aqueles 1.000 Sanyasins que moram em teu Ashram em Poona, está aqui Tua energia, a energia da Semente, a energia de Deus.

Tua Benção!

Savya Sachi (Dr. Egidio Vechio) Ph.D.

INTRODUÇÃO

Vinte e nove anos depois desta série de discursos, muita coisa se passou. Hoje, o amado Mestre já está dissolvido no vazio absoluto desde 19 de janeiro de 1990. Em 1987 ele voltou a Puna depois de um período vivendo nos Estados Unidos, onde, em outubro de 1985, foi brutalmente acorrentado, preso e envenenado com tálio, na versão moderna da crucificação, 2000 anos depois de Jesus.

Vinte e um países promulgaram leis proibindo-o de entrar (alguns inclusive não o permitiram abastecer o avião), alegando que ele é perigoso (mesmo no aeroporto). O medo dos que detêm o poder é tal, que chega a ser ridículo.

Para o grande público, as informações chegam distorcidas e a história é contada de forma errônea e capciosa, pelos meios de comunicação, representantes do status quo.

A grande verdade é que Osho representa, como Jesus, a ruptura das cortinas do templo, a descontinuidade com o passado e a possibilidade de um novo amanhecer para a consciência dos seres humanos.

Esse paralelo entre Osho e Jesus é o mesmo paralelo possível entre Osho e Sócrates, entre Osho e Buda, entre Jesus e Sócrates, Sócrates e Buda, etc... Os homens iluminados são a nossa única possibilidade de libertação (a liberdade de nós mesmos) e, ao mesmo tempo, aqueles mais condenados pela massa ignora, a multidão ignorante, o pequeno homem — o homem com "h" minúsculo, *the little man*.

Jesus, Sócrates, Buda, Osho, todos foram condenados (crucificados ou envenenados) pelas massas de seu tempo; poderíamos citar também Mansour, Pitágoras, Anágoras e tantos outros homens do mesmo quilate de consciência.

É muito grande a responsabilidade de introduzir ao leitor as palavras do amado mestre, principalmente, quando ele fala de Jesus a partir do Evangelho segundo Tomé, descoberto em escavações no Mar Morto (a maior descoberta arqueológica do século passado — restaurada por uma comissão internacional de cientistas, sem interferência das instituições religiosas), vinte e um anos antes de Osho proferir os vinte e um discursos entre 21 de agosto e 10 de setembro de 1974.

Para o público brasileiro, na sua grande maioria de raízes cristãs, Jesus sempre foi conhecido na forma em que as seitas cristãs o apresentaram — O Filho de Deus, aquele que está ao lado direito do Deus Pai. A Trindade — Pai, Filho e Espírito Santo — a Virgem Maria, os milagres, etcétera e, claro, Jesus tem os sermões e as parábolas. É um Mestre.

Desde cedo convivi com a igreja católica, estudei até a Universidade em escolas católicas e vi dentro de mim mesmo surgir um conflito entre a minha natural religiosidade e a religião. Por um lado, a busca do mais alto, do amor, da verdade, da liberdade; por outro, a culpa, o pecado, o medo de Deus pai, o medo da morte. A religiosidade está presente em todos os corações humanos, mas as religiões instituídas nos ensinam a negar a vida e não a vivê-la intensamente.

O Jesus que Osho nos apresenta é com certeza o verdadeiro homem iluminado, amante da vida, independente, fluido, limpo, determinado, sem medo, senhor de si mesmo, o rebelde.

Há vinte e três anos tive o privilégio de reconhecer em Osho aquilo que meu coração clamava; disse para mim mesmo: descobri o guia, entrei no caminho. Muita água já rolou e continuo me

sentindo sempre recomeçando, novas dimensões se abrem a todo instante.

A Semente de Mostarda é uma porta, um convite para um universo totalmente diferente de tudo o que vivemos aprendendo. A semente de mostarda é a menor semente e contém a árvore em si, o único milagre, a vida. Venha beber desta fonte inesgotável de sabedoria e experimentar o grande salto, o salto quântico de consciência através das palavras iluminadas do amado Mestre Osho.

Swami Anand Goloka (C.V.Jahara)

PRIMEIRO DISCURSO

21 de agosto de 1974 Poona, Índia.

"Os discípulos perguntaram a Jesus:

Diga-nos, com o que se parece o Reino dos Céus?

Ele lhes disse:

É como a semente de mostarda — a menor entre todas as sementes, mas quando cai em terra fértil dá origem a uma grande árvore que se torna abrigo para todos os pássaros do Céu".

Os relacionamentos humanos mudaram muito, e mudaram para pior. Em todas as dimensões, o relacionamento mais profundo desapareceu: a esposa não é mais uma esposa, é apenas uma amiga; o marido não é mais um marido, é apenas um amigo. A amizade é boa, mas não pode ser muito profunda. O casamento é algo que acontece no íntimo. É um compromisso solene, e a menos que você se comprometa, permanecerá superficial. A menos que se comprometa, nunca dará o salto.

Você poderá flutuar na superfície, mas a profundidade não existirá. É claro que penetrar no abismo é perigoso. Mas tem de ser assim. Porque, na superfície, você é muito ativo, pode trabalhar como um autômato, não precisa de nenhuma atenção. Entretanto,

quanto mais penetrar no abismo, mais e mais alerta deverá estar porque a todo momento a morte será possível. O medo do abismo cria uma superficialidade em todos os relacionamentos. Faz com que eles permaneçam imaturos.

Ter um amigo ou uma amiga pode ser algo divertido, mas não se transforma numa porta para a profundidade que está oculta em cada um de nós. Com uma amiga, você pode se relacionar sexualmente, mas o amor não cresce. O amor necessita de raízes mais profundas. A sexualidade pode existir na superfície, mas então é apenas animal, biológica. Só pode ser bela se for parte de um amor profundo. Senão, transforma-se no que existe de mais feio, porque nenhuma comunhão acontecerá; há apenas dois corpos se encontrando e se separando. Apenas dois corpos — nem eu, nem você, nem ninguém. Isso tem acontecido em todos os relacionamentos.

O relacionamento maior, que é o que existe entre um Mestre e um discípulo, desapareceu completamente. Você não será capaz de entender Jesus se não puder entender a dimensão desse relacionamento. A esposa foi substituída pela amante, o marido também; mas o relacionamento entre o Mestre e seus discípulos não existe mais. Ou melhor, tem sido substituído por algo muito diferente que é o que existe entre um psiquiatra e seu paciente.

Entre o psiquiatra e seu paciente existe um relacionamento que está fadado a ser doentio patológico — porque o paciente não está à procura da verdade; não está, na realidade, à procura da saúde. Esta palavra "saúde" é muito significativa: exprime totalidade, significa santidade, uma cura íntima na essência do Eu. O paciente não está em busca da saúde, porque se estivesse seria um discípulo, não um paciente. O paciente vai ao psiquiatra para se livrar da doença; sua atitude é totalmente negativa. Vai apenas para ser forçado a tornar-se normal, para tornar-se parte da engrenagem do mundo normal outra vez. Está desajustado e precisa do

psiquiatra para ajudá-lo a se ajustar novamente. Mas ajustar-se a que? A este mundo? A esta sociedade absolutamente doentia?

O que você chama de ser humano "normal" nada mais é que a patologia normal, a loucura normal, a insanidade normal. O "normal" também é insano, mas insano dentro dos limites aceitos pela sociedade, aceitos pela cultura. Às vezes alguém ultrapassa, vai além dos limites — então torna-se doente. Toda a enferma sociedade diz que esse alguém está doente. E o psiquiatra atua nesse limiar para auxiliar o doente a voltar para a multidão.

O psiquiatra não pode ser o Mestre, porque ele mesmo não é total. E o paciente não pode ser o discípulo, porque não está à procura do saber. Está perturbado e não quer continuar assim; seu esforço tem como objetivo apenas o ajustamento, não a saúde. O psiquiatra também é doente. Ele não pode ser o Mestre — embora no Ocidente ele esteja fingindo que é, o que mais cedo ou mais tarde também acontecerá no Oriente. O psiquiatra pode ajudar os outros a se ajustarem. Isso pode acontecer: um homem doente pode auxiliar outro homem doente, de diversas maneiras. Mas não pode levá-lo à totalidade; um louco não pode levar outro louco além da loucura.

Até mesmo os Freuds, os Jungs e os Adlers são absolutamente doentios. Não apenas os psiquiatras comuns são patologicamente doentes; os mais renomados também o são. Eu lhes contarei alguns fatos e vocês poderão perceber isso. Quando alguém mencionava algo sobre a morte, Freud começava a tremer. Por duas vezes chegou a desmaiar apenas porque alguém falou sobre as múmias do Egito. Ele desmaiou! Jung também. Ao falar certa vez da morte e de cadáveres, de repente começou a tremer e desmaiou, ficando inconsciente.

Se a morte causava tanto medo a Freud, o que dizer de seus discípulos? E por que tanto pavor da morte? Você pode imaginar Buda com medo da morte? Neste caso, ele não seria mais Buda.

Jung dizia que muitas vezes teve vontade de ir a Roma visitar o Vaticano, principalmente sua biblioteca, que é a maior do mundo

e onde estão os mais secretos registros de todas as religiões que já existiram — verdadeiras raridades. Mas sempre que ia comprar a passagem, ele começava a tremer — só em pensar em ir a Roma! O que acontecerá quando você se dirigir a *Moksha*? Jung cancelava a passagem e voltava. Nunca chegou a ir, nunca. Tentou muitas vezes, mas finalmente decidiu: "Não, eu não posso".

O que é o medo? Por que um psiquiatra teria medo de ir à Roma? Porque Roma é justamente o símbolo representativo da religião. Este homem, Jung, criou uma filosofia em torno de sua mente e tinha medo de vê-la destruída. Assim como um camelo tem medo de ir até o Himalaia, porque quando o faz, fica, pela primeira vez, sabendo que isso não significa nada. Toda essa filosofia criada por Jung é apenas uma infantilidade, porque o homem já criou tantos, tão vastos cósmicos sistemas, e de nada adiantou. Ele tinha medo porque indo a Roma estaria indo também para as ruínas dos grandes sistemas que o passado criou.

O que dizer sobre o seu pequeno sistema? O que dizer sobre esse cantinho que você limpou e enfeitou? O que dizer sobre sua filosofia? As Grandes Filosofias desabaram e tornaram-se pó. Vá a Roma, veja o que aconteceu! Vá a Atenas, veja o que aconteceu! Onde estão as escolas de Aristóteles, Platão e Sócrates? Todas desapareceram nas cinzas. No final, todos os grandes sistemas se transformaram em cinzas. E todos os pensamentos, afinal, provam sua inutilidade porque são apenas criações do homem.

Apenas pelo "não-pensamento" pode se chegar ao conhecimento do Divino. Pelo pensamento você não chega ao conhecimento do eterno, porque o pensamento pertence ao tempo. O pensamento não pode estar no eterno; nenhuma filosofia, nenhum sistema de pensamento pode existir no eterno.

Esse era o medo! Pelo menos quatro ou cinco vezes Jung fez reservas e cancelou-as. E esse homem, Jung, é um dos grandes nomes da psiquiatria. E se ele tinha medo de ir a Roma, o que dizer de seus discípulos? Mesmo que você não tenha medo, isso não quer

dizer que você seja melhor do que Jung. Quer dizer apenas que você é mais inconsciente. Ele tinha consciência de que em Roma sua cabeça poderia tombar; de que no momento em que olhasse para as ruínas de todos os grandes sistemas, sentiria um tremor, um certo medo da morte. E ele perguntaria a si mesmo: "o que acontecerá com o meu sistema? O que acontecerá comigo?" Ele tremeu e desistiu. Em suas memórias, escreveu: "Então, finalmente, abandonei meu projeto. Não irei mais a Roma".

O mesmo aconteceu com Freud muitas vezes. Assim, parece que isso não é apenas uma coincidência. Freud também tentou ir a Roma e teve medo. Por que? Freud era tão irritado quanto você, era tão sensual quanto você, tinha tanto medo da morte quanto você. Freud era tão neurótico em seu comportamento quanto você. Então, qual a diferença? Ele deve ter sido um homem muito inteligente — um gênio, talvez — pode ter auxiliado um pouco, mas era tão cego quanto você no que diz respeito ao Supremo, no que diz respeito ao mais secreto, ao mais íntimo centro do ser.

Não, a psiquiatria não pode tornar-se uma religião. Pode ficar bem num hospital, mas não num templo — não é possível. Um psiquiatra pode ser necessário porque as pessoas estão doentes, desajustadas; mas o psiquiatra não é um Mestre e o paciente não é um discípulo.

Se você vier a um Mestre como um paciente, então não compreenderá nada, porque o Mestre não é um psiquiatra. Eu não sou um psiquiatra. As pessoas vêm a mim e dizem: "Estou sofrendo ansiedade mental, de uma ansiedade neurótica, disso e daquilo".

Eu lhes digo: "Está bem, porque eu não vou tratar de sua ansiedade, vou tratar de você. Não estou preocupado com as suas doenças. Estou interessado apenas em você. As doenças estão na periferia. Onde você está não existe nenhuma doença".

Quando você compreende quem você é, todas as doenças desaparecem. Basicamente elas só existem porque você tenta encobrir o auto-conhecimento, tenta evitar a si mesmo, tenta evitar o

encontro básico; elas só existem porque você não quer olhar para si mesmo. Mas por que você não quer olhar para si mesmo? O que lhe aconteceu? A menos que esteja pronto para se encontrar, não poderá tornar-se um discípulo, porque o Mestre não poderá fazer nada se você não estiver pronto para se encarar. O trabalho do Mestre é auxiliá-lo a encarar a si mesmo.

Por que você tem tanto medo? Porque algo de errado ocorreu em algum ponto do passado. A criança nasce e não é aceita como ela é, muitas coisas têm de ser mudadas, forçadas: ela tem de ser disciplinada. A criança possui muitas facetas que a sociedade e os pais não podem aceitar, que têm de ser negadas, reprimidas. Apenas algumas partes podem ser aceitas e apreciadas. Então a criança tem de achar uma solução, tem de negar muitos fragmentos de seu ser que não têm permissão para se manifestar. E ela os nega tanto que se torna inconsciente deles. Isto é repressão. Em qualquer sociedade existe repressão.

A maior parte do ser da criança tem de ser reprimida, completamente jogada na escuridão. Mas essa parte reprimida sustenta a si mesma e procura rebelar-se, reagir; ela quer vir à tona, mas você a sufoca cada vez mais. Depois fica com medo de encontrar-se consigo mesmo, pois o que acontecerá com a parte reprimida? Ela voltará, ela existirá. O que acontecerá com o inconsciente? Nesse encontro o inconsciente estará presente, tudo o que foi negado estará presente, E isso lhe dá medo.

A menos que a criança seja totalmente aceita, esse medo permanecerá. Entretanto, nunca existiu uma sociedade que aceitasse a criança completamente. E parece que essa sociedade nunca existirá porque isso é quase impossível. Assim, a repressão está fadada a existir, em maior ou menor intensidade. E todo mundo, um dia, terá de enfrentar este problema: como encarar a si próprio? Você torna-se um discípulo no dia em que esquece o que é bom e o que é mau; o que é aceito e o que não é aceito. Você se transforma

num discípulo apenas no dia em que está pronto para expor a si mesmo todo o seu ser.

O Mestre é apenas uma parteira. Auxilia o discípulo a passar pelo novo nascimento, a renascer. E o que é o relacionamento entre o Mestre e o Discípulo?

Um discípulo tem de confiar, não pode duvidar. Se duvidar não conseguirá expor a si mesmo. Quando você duvida de alguém, torna-se tenso não consegue se expandir. Quando duvida de alguém, torna-se um estranho, fecha-se. Não pode se abrir porque não sabe o que esse estranho lhe fará. Você não pode ficar vulnerável diante dele; tem de proteger-se, tem de vestir uma armadura.

Com um Mestre, é preciso abandonar todas as defesas, completamente — isto é uma necessidade. Até mesmo diante de um amante, você pode ter suas defesas; com o amado, você pode não estar totalmente aberto. Mas com o Mestre, a abertura tem de ser total; do contrário, nada acontecerá. Mesmo que você oculte apenas uma pequena parte de si, o relacionamento não existirá. A confiança total é necessária. Só então os segredos podem ser revelados; só assim as chaves podem lhe ser oferecidas. Agora, se você está se escondendo de si mesmo, isto significa que está lutando contra o Mestre. Neste caso, nada poderá ser feito.

A chave para se chegar ao Mestre não é a luta; é a rendição. Mas a rendição desapareceu completamente do mundo. Muitos fatos contribuíram para isso: por três ou quatro séculos, o homem foi ensinado a ser individualista, egoísta; a não se render, mas a lutar sempre; a não obedecer, mas a rebelar-se; o homem foi ensinado a não acreditar, mas sim a duvidar. Existiram razões para isso. Isso aconteceu porque a ciência cresce através da dúvida. A ciência é de um profundo ceticismo. Não trabalha com a confiança, trabalha com a lógica, com o argumento, com a dúvida. Quanto mais você duvida, mais científico se torna. O caminho da ciência é exatamente o oposto da religião.

A religião trabalha com a confiança: quanto mais você confia, mais religioso se torna. A ciência operou milagres e esses milagres são bem visíveis. A religião operou milagres maiores, mas esses milagres não são visíveis. Porque mesmo que Buda esteja aqui, o que você pode sentir? O que pode ver? Ele não é visível — apenas seu corpo é visível. Visivelmente é tão mortal quanto você; aparentemente ficará velho e morrerá um dia — e, no entanto, ele é a própria negação da morte. Mas você não tem olhos para ver o invisível, não tem capacidade para sentir o mais profundo, o desconhecido.

Por isso é que, pouco a pouco, apenas os olhos confiantes começam a sentir e tornam-se sensitivos. Confiar significa fechar esses dois olhos. Eis porque a confiança é cega, tão cega quanto o amor — ou melhor, mais cega que o amor.

Quando você fecha esses olhos, o que acontece? Uma transformação interna! Ao fechar esses olhos, que olham para fora, o que acontece com a energia que estava saindo por eles? Começa a mover-se para dentro. Ela não pode fluir dos olhos para os objetos; então começa a voltar, torna-se um retorno. A energia não pode ficar estática, tem de mover-se; se você fecha uma válvula, ela começa a procurar outra. Quando os dois olhos estão fechados, a energia que estava se movendo para eles começa a retornar — há uma reversão.

E essa energia aquece o terceiro olho. O terceiro olho não é algo físico. É justamente essa energia que estava se movendo para os objetos exteriores e que agora retorna à fonte — esse retorno transforma-se no terceiro olho, na terceira forma de ver o mundo.

Apenas por esse terceiro olho é que Buda pode ser visto; apenas por esse terceiro olho é que Jesus pode ser compreendido. Se você não tiver o terceiro olho, Jesus poderá estar aqui, mas você não o verá — muitos não o viram. Em sua cidade natal, as pessoas pensavam que ele fosse apenas o filho do carpinteiro José. Ninguém, ninguém pôde reconhecer o que estava acontecendo a

esse homem: que ele não era mais o filho do carpinteiro, que ele havia se transformado no filho de Deus — mas esse é um fenômeno interno. Quando Jesus declarou: "Eu sou o filho do Divino, do Pai que está no Céu", as pessoas riram e disseram: "Ou você ficou louco, ou é um tolo, ou então é um homem muito astuto. Como o filho de um carpinteiro pode, de repente, transformar-se no filho de Deus?". Entretanto, isso é possível...

Apenas o corpo nasce do corpo. A alma não nasce do corpo; nasce do Espírito Santo, nasce do Divino. Mas primeiro, é preciso ter olhos para ver e ouvidos para ouvir.

Entender Jesus é algo muito sutil. Para isso, a pessoa precisa passar por um grande treinamento. É justamente como entender música clássica. Se você começar, de repente, a ouvir música clássica; pensará: "Que coisa mais absurda!". A música clássica é tão delicada que um longo treino é necessário. A pessoa precisa passar por um aprendizado de muitos e muitos anos. Só então seus ouvidos estarão treinados para captar o sutil — a partir daí, não existirá nada como a música clássica. A música popular, do dia a dia, como a música dos filmes, não representará absolutamente nada, apenas ruídos desconexos.

Por seus ouvidos não estarem treinados, você vive com esses ruídos e pensa que isso é música. Para ouvir música clássica é preciso ter um ouvido muito sensível. Um treino é necessário e quanto maior for o treinamento, mais o sutil tornar-se-á visível. Contudo, a música clássica não é nada diante de Jesus, porque Jesus é a música cósmica.

Somente quando você estiver silencioso, sem qualquer vacilação no pensamento, sem um só movimento no seu ser, é que poderá ouvir Jesus, entender Jesus e conhecê-lo.

Jesus costumava repetir isto muitas e muitas vezes: "Quem tiver ouvidos, que ouça! Quem tiver olhos, que veja! Eu estou aqui". Por que ele costumava repetir: "Quem tiver olhos, que veja! Quem tiver ouvidos, que ouça!" Por que?

Ele estava falando em outra dimensão de entendimento, que apenas um discípulo pode compreender. Muito poucos entenderam Jesus, mas isso está na própria natureza das coisas, isso tem de ser assim. Muito poucos — e quem eram esses poucos? Não eram estudantes, eruditos; não eram professores universitários; não eram sábios ou filósofos. Não! Eram pessoas comuns: um pescador, um camponês, um sapateiro, uma prostituta. Eram pessoas comuns, as mais comuns entre as comuns. Como essas pessoas podiam entender? Deve haver algo de especial no homem comum que desapareceu dos homens chamados de "extraordinários". O que é?

É a humildade, a confiança. Porque quanto mais a pessoa for intelectualmente capaz, menor será a sua confiança. Quanto menos você for capaz intelectualmente, maior será a sua confiança.

Um camponês confia, ele não tem nenhuma necessidade de duvidar. Coloca as sementes no campo e acredita que elas brotarão, que crescerão quando a estação certa chegar, que florescerão. O camponês espera, faz sua prece, e na estação certa as sementes florescem e transformam-se em plantas. Ele espera e crê. Por viver com as árvores, com as plantas, com os rios, com as montanhas, não tem necessidade de duvidar. As árvores não são traiçoeiras, você não precisa se defender delas; as plantas não são astutas, não são políticas, não são criminosas — você não precisa vestir nenhuma armadura para se defender delas. Não precisa se precaver, pode estar aberto.

É por isso que quando você vai para as montanhas, repentinamente sente-se em êxtase. De onde vem o êxtase? Das montanhas? Não! Vem de você que colocou suas defesas de lado, que não sente mais medo. Quando você chega perto de uma árvore, sente a beleza. A beleza não vem da árvore, vem do seu interior. Porque com a árvore você não precisa de proteção, pode ficar à vontade, pode sentir-se em casa. As flores não irão atacá-lo por trás; as árvores não o assaltarão; elas não podem roubar nada de você.

Assim, quando você vai para as montanhas, para o mar, para a floresta, coloca suas defesas de lado.

As pessoas que vivem em contato com a natureza são mais confiantes. Num país menos industrializado, menos mecanizado, com menos tecnologia, onde as pessoas podem viver em contato maior com a natureza, existe mais confiança. É por isso que é difícil conceber Jesus nascendo em Nova Iorque — quase impossível. Muitos "Jesus-freaks" podem nascer lá, mas não Jesus. E esses "freaks" são apenas neuróticos que usam Jesus como uma desculpa. Não, você não pode imaginar Jesus nascendo lá, é quase impossível. E mesmo que ele nasça lá, ninguém o ouvirá; mesmo que ele apareça lá, ninguém será capaz de reconhecê-lo. Jesus nasceu numa época sem tecnologia, sem ciência, filho de um carpinteiro. Viveu toda sua vida com gente pobre, simples, que estava em contato com a natureza. Essa gente podia confiar.

Um dia, ao amanhecer, Jesus foi à praia. O sol ainda não havia surgido no horizonte. Dois pescadores lá estavam e lançavam suas redes ao mar quando Jesus chegou e disse: "Olhem! Por que estão perdendo tempo? Eu posso fazê-los pescadores de homens. Por que perder energia pescando peixes? Venham, sigam-me!".

Se ele tivesse encontrado você em seu escritório ou em sua loja e lhe tivesse dito isso, você lhe diria: "Vá embora! Eu não tenho tempo. Não desperdice meu tempo!" Mas aqueles dois pescadores olharam para Jesus sem qualquer dúvida. O sol estava surgindo e o homem era lindo. Seus olhos eram mais profundos que o mar, mais radiantes que o sol. Eles deixaram suas redes de lado e seguiram Jesus.

Isso é confiança. Nem uma simples pergunta: "Quem é você?". Os pescadores não o conheciam, ele não era daquele povoado, eles nunca o tinham visto, nunca o tinham ouvido. Mas a chamada foi o suficiente — o convite foi o suficiente. Eles ouviram Jesus, olharam-no, sentiram sua sinceridade e o seguiram.

Justamente quando estavam saindo da cidade, um homem veio correndo e disse aos dois pescadores: "Onde vocês vão? Seu pai morreu de repente. Voltem!" Então, eles perguntaram a Jesus: "Nós podemos ir para casa e enterrar nosso pai? Depois, nós voltaremos". Jesus lhes disse: "Não se preocupem com o morto. Existem mortos suficientes na sua cidade. Eles enterrarão seus mortos. Venham e sigam-me. Não se preocupem com os mortos". E aqueles dois pescadores o seguiram. Isso é confiança: eles ouviram, eles viram Jesus.

Jesus estava certo. O que ele disse significa: "Quando um pai já está morto, o que se pode fazer? Quando alguém morre, está morto. Que necessidade tem dos filhos? E existem mortos suficientes no povoado; eles farão o que é necessário: farão o ritual, enterrarão seu pai. Venham, sigam-me!" E eles seguiram sem olhar para trás, nunca mais voltaram. Confiança significa não olhar para trás. Confiança significa não mais voltar.

Uma mente que duvida, está sempre olhando para trás, está sempre pensando no que não foi feito, sempre pensando em qual será a melhor alternativa: "Devo voltar ou seguir esse louco? Quem sabe? Ele diz que é o filho de Deus, mas quem pode saber? Ninguém sabe sobre Deus, ninguém sabe sobre seus filhos — e esse homem parece ser exatamente como nós!" Mas os pescadores seguiram Jesus.

Se você segue, um homem como Jesus, mais cedo ou mais tarde será contagiado por ele. Mas, no começo, é preciso segui-lo. Mais cedo ou mais tarde, sentirá que ele é o filho de Deus, e não apenas isso — através dele, compreenderá que também é filho de Deus. Mas, no começo, é preciso confiar. Se a dúvida existir no começo, as portas serão fechadas.

Esse relacionamento entre Mestre e discípulo desapareceu por causa de três séculos de triunfo da ciência. A ciência prosperou muito. E atingiu milagres — na verdade, milagres inúteis — porque eles não contribuíram nem um pouco para a felicidade humana.

Pelo contrário, a felicidade tem diminuído. E um milagre é inútil se não houver felicidade. Atualmente há mais tecnologia, mais conforto — mas menos felicidade: esse é o milagre que a ciência conseguiu. Quanto mais as coisas podem ser feitas mecanicamente, menos você é necessário. E quanto menos você é necessário, mais se sente fútil, inútil, vazio. Qualquer dias desses, o computador o substituirá e então você não será absolutamente necessário. Poderá se suicidar, porque o computador fará tudo.

A felicidade surge quando você se sente útil, quando sente que sua vida tem sentido, que tem uma razão de ser, quando sente que sem você as coisas seriam diferentes. Mas atualmente nada é diferente sem você. Ou melhor, as coisas ficam bem melhores sem você, porque as máquinas podem fazer tudo com muito mais perfeição. Você é apenas um obstáculo, apenas uma coisa antiquada. O homem é a coisa mais antiquada dos dias de hoje. Todos os anos, tudo vem numa nova edição: um novo modelo de carro, um novo modelo de tudo. Apenas o homem permanece antiquado. Entre tantos objetos novos, você é a única coisa antiga. O homem moderno está constantemente sentindo que não tem qualquer razão de ser porque, na verdade, quem precisa dele? As crianças já não necessitam tanto, porque o governo, as sociedades estatais podem tomar conta delas. Os velhos — seu pai, sua mãe — não precisam mais porque existem asilos do governo e do estado que podem cuidar de suas necessidades. Portanto, quem precisa de você? E quando uma pessoa sente que ninguém precisa dela, que é apenas um fardo sem importância, como pode se sentir feliz?

Nos velhos tempos, você era necessário. Certa vez, um místico judeu, Hillel — que deve ter sido um homem muito confiante, um homem de prece — disse a Deus em sua oração: "Não pense que só eu é que preciso de Você, Você também precisa de mim. Se Hillel não estiver aqui, quem irá rezar? Quem O respeitará? Eu sou necessário. Portanto, lembre-se disto: eu preciso de Você, isto é certo, mas Você também precisa de mim."

Quando todo o universo precisa de você — até Deus — então você tem uma razão de ser, um significado, uma fragrância. Mas, agora ninguém está precisando. Você pode ser dispensado facilmente, você não é nada. A tecnologia criou o conforto e tornou-o dispensável. A tecnologia tem feito melhores casas, mas não melhores homens, porque para isto outra dimensão é necessária — e essa dimensão não é da mecânica. Essa dimensão é da consciência.

A ciência não pode criar um Buda ou um Jesus, mas pode criar uma sociedade onde um Buda seja impossível. Muitas pessoas vêm a mim e perguntam: "Por que não existem mais Budas, mais *Teerthankers*, mais Jesus atualmente?" Por sua causa! Você criou uma tal sociedade, que agora torna-se cada vez mais difícil existir um homem simples, um homem inocente. E mesmo quando ele existe, você não o reconhece. A questão não é que os Budas não mais existem — a questão é que é difícil vê-los. No entanto, eles estão aqui. É possível que você esteja passando por eles todos os dias, a caminho do seu escritório, mas você não pode reconhecê-los porque está cego. A confiança desapareceu.

Lembre-se disto: Jesus viveu na era da confiança, de uma profunda confiança. Toda sua glória, todo o seu significado pode ser compreendido apenas através da dimensão da confiança.

Agora, poderemos abordar esta pequena jóia dos ensinamentos de Jesus:

"Os discípulos perguntaram a Jesus: Diga-nos, com o que se parece o Reino dos Céus?".

Eles não eram pesquisadores, não eram pessoas curiosas, não estavam ali para argumentar. Suas perguntas eram inocentes. E só quando uma pergunta é inocente, Jesus pode respondê-la.

Quando uma pergunta é inocente? Você sabe? É inocente quando você não sabe a resposta. Você pergunta: "Deus existe?" e já sabe a resposta. Você já sabe que Deus existe e faz essa pergunta

apenas para confirmar a resposta. Ou você sabe que não existe e pergunta apenas para ver se a outra pessoa sabe ou não a resposta. Se a resposta existe, então a pergunta não é inocente e não pode ser respondida por Jesus, porque Jesus só pode responder o que é inocente.

Ao fazer uma pergunta, o discípulo não tem nenhuma resposta em sua mente. Não sabe, simplesmente não sabe e é por isso que pergunta. Lembre-se disto: ao fazer uma pergunta, observe bem se está perguntando porque já tem uma resposta, porque já tem algum conhecimento. Pois se tiver, não poderá haver nenhum encontro. Se tiver, mesmo que eu responda, a resposta nunca o alcançará. Você não estará suficientemente vazio para recebê-la. Sua resposta já estará lá: você já está prevenido, envenenado.

Há dois tipos de perguntas: uma que é feita a partir de suas informações; neste caso, a resposta é inútil porque existe a possibilidade de um debate e o diálogo não acontece. A outra é feita a partir de sua ignorância. Quando você sabe que não sabe é pergunta, então torna-se um discípulo. Não faz a pergunta apenas para argumentar. Está com sede e pede água; está com fome e pede comida. Não sabe e pergunta; está pronto para receber. Um discípulo pergunta sabendo que não sabe. Quando você não sabe, é humilde. Quando sabe, torna-se egoísta e Jesus não pode responder para egos.

"Os discípulos perguntaram a Jesus...", discípulos significa aqueles que estão conscientes de que não sabem, "... Diga-nos, com o que se parece o Reino dos Céus?"

Jesus falava sempre sobre o Reino dos Céus e isso criou muitas dificuldades. A própria terminologia criou muita perturbação, porque a palavra "reino" é política e os políticos ficaram com medo. Eles crucificaram Jesus porque pensaram: "Esse homem está falando sobre um reino que está por vir na terra, está dizendo "eu sou o rei desse Reino". Esse homem está tentando fazer

uma revolução, está querendo depor o governo e criar um outro reinado!".

O Rei, o Governador, os oficiais, os sacerdotes, todos ficaram amedrontados porque aquele homem era influente, as pessoas o ouviam; não apenas o ouviam, mas transformavam-se, tornavam-se flamejantes, ficavam totalmente novas; algo acontecia dentro delas quando o ouviam. Os sacerdotes, o Governador Pôncio Pilatos, o rei Herodes, todo o Governo — o secular e o sagrado — ficou com medo daquele homem. Ele parecia perigoso. Nunca existira um homem tão inocente e, por isso, ele parecia perigoso. Os políticos não o compreenderam.

Existe sempre a possibilidade de Jesus não ser compreendido. O problema surgiu porque ele teve de usar a linguagem existente, a sua linguagem, e nessa linguagem as palavras já estão codificadas, já estão carregadas de significado. Jesus falava do Reino de Deus, do Reino dos Céus e as pessoas se ligavam na palavra "reino" com tudo o que ela pode sugerir de político, de perigoso.

Jesus não era um revolucionário deste mundo. Ele era um revolucionário, era um Mestre revolucionário — mas do mundo interior. Entretanto, até mesmo os discípulos não estavam conscientes do que ele estava falando. Quando você chega diante de um Mestre, um encontro entre duas dimensões diferentes acontece: é justamente como o encontro entre o céu e a terra; acontece exatamente no ponto onde um termina e o outro começa. Se a confiança existe, você pode subir para o céu; se não existe, fica ligado à terra. Se a confiança existe, você pode abrir suas asas e voar; se não existe, você se apega à terra. O Mestre lhe traz um perigo.

O que é o Reino dos Céus? Que tipo de reino é esse? Ele é diametralmente oposto ao reino deste mundo. Jesus falou e falou sobre ele, mas era difícil fazer o povo entender.

Ele disse: "Em meu Reino, os pobres serão ricos, os últimos serão os primeiros" — Jesus falou exatamente como Lao-Tsé, ele era um homem como Lao-Tsé. "No meu Reino, os últimos serão os primeiros". Ele disse que o mais humilde será o mais importante, o mais pobre será o mais rico, que aquele que não é reconhecido aqui, será reconhecido lá — tudo ao contrário!

E é assim que tem que ser. Se você parar perto de um rio silencioso, sem nenhum movimento e olhar seu reflexo na água, verá sua figura de cabeça para baixo. O reflexo está sempre invertido. Na realidade, tudo neste mundo está de cabeça para baixo e, se tiver de ser colocado da maneira correta, terá de ser posto de cabeça para cima. Mas, aos nossos olhos, ficará como se tivesse invertido, de cabeça para baixo — um estado de caos é necessário.

Buda tornou-se um mendigo — o último homem deste mundo. Ele era um rei, mas o Reino de Deus pertence ao último. Ele deixou seu reino porque o reino deste mundo é totalmente inútil, é um fardo sem importância. Você o carrega e, no entanto, ele não é fonte de alimentação. Ao contrário, ele o destrói, o envenena — se bem que de um modo tão suave que você não chega a sentir.

Um homem estava bebendo, quando seu amigo chegou e disse: "O que você está fazendo? Não vê que isso o está envenenando aos poucos?".

O homem disse: "Eu sei... mas não estou com pressa".

Tudo o que você chama de vida, é apenas um lento veneno porque, no final, ela o leva à morte. Ela o mata, nunca faz outra coisa. Você pode não estar com pressa, mas isso não faz nenhuma diferença na qualidade do veneno. Ele pode ser vagaroso, pode não estar com pressa, mas mesmo assim o matará.

O reino deste mundo pertence à morte; o Reino dos Céus pertence à vida eterna. Por isso, Jesus diz: "Quem estiver pronto, que venha comigo. E eu lhes darei vida".

Jesus estava passando por um povoado. Sentiu sede e caminhou até um poço onde uma mulher tirava água. Ele lhe disse: "Estou com sede, dê-me de beber".

A mulher replicou: "Não posso. Pertencço a uma casta muito baixa e isso não é permitido".

Jesus disse: "Não se preocupe. Dê-me de beber e, em troca, eu lhe darei da água do meu poço. Depois de bebê-la, você nunca mais terá sede".

Os discípulos perguntaram: "Com o que se parece o Reino dos Céus?" Porque aquilo que não é conhecido só pode ser explicado em termos de comparação. Daí todos os mitos. A mitologia é uma tentativa de explicar o que não é conhecido, o que não pode ser conhecido no seu estado mental, através de algo conhecido. Tenta explicar o Desconhecido em termos do que é conhecido — procura trazer algum entendimento a partir de onde você está.

O Reino dos Céus não pode ser explicado diretamente. É impossível. A menos que você entre nele, não há nenhum outro meio de conhecê-lo. Qualquer coisa que você diga, estará errada, porque a verdade não pode ser dita. Então, o que Jesus, Lao-Tsé e Buda têm feito continuamente por todos esse anos? Se a verdade não pode ser dita, o que eles têm feito? Têm tentado lhe explicar o que não pode ser explicado, utilizando-se de símbolos conhecidos, têm tentado explicar o Desconhecido através do conhecido. E contar parábolas, mitos, estórias, é a tarefa mais difícil do mundo.

Existem pessoas tolas que tentam analisar os mitos, dissecá-los e depois dizem: "Isso é um mito, não é a verdade." Elas analisam, dissecam, fazem uma cirurgia, e então dizem: "Isso é um mito, não é

história". Mas ninguém jamais disse que mito é história. O mito não pode ser retalhado porque é simplesmente simbólico.

É justamente como se uma pessoa pegasse um marco na estrada com uma flecha onde estivesse escrito: "Delhi" e dissecasse a pedra, a flecha, a tinta, a química e tudo o mais e depois dissesse: "Algum estúpido deve ter feito isto. Não existe nenhuma Delhi aqui!".

Os mitos são marcos, flechas indicando o Desconhecido. Não são a meta, simplesmente indicam.

Esse é o significado da pergunta dos discípulos: "Diga-nos, com o que se parece o Reino dos Céus?" É impossível perguntar o que é o Reino dos Céus — isto seria demais. Além disso, não poderíamos obter uma resposta. Podemos perguntar apenas com o que ele se parece, o que significa: "Diga algo que nós possamos conhecer; dê algumas indicações através das quais nós possamos ter um vislumbre".

É o mesmo que um homem cego perguntar o que é a luz. Como você pode responder o que é a luz, se ele é cego? A própria pergunta impede a resposta. Ela não pode ser respondida porque a luz pode ser conhecida, mas é preciso ter olhos para vê-la. Mas se ele perguntar: "Com o que se parece a luz?" então isso significará: "Diga algo na linguagem dos cegos".

Todas as parábolas são verdades em linguagem para cegos; todas as mitologias são verdades vestidas com a linguagem dos cegos. Assim, não tente dissecá-las! Você não encontrará nada nelas. São apenas indicações. E se você confiar, as indicações serão maravilhosas.

Há um templo no Japão onde não existe nenhuma estátua de Buda. As pessoas entram e perguntam: "Onde estão as estátuas?" Mas não existe nenhuma estátua. Só existe um dedo apontando para o céu, em cima de um pedestal — e ele é Buda. Às pessoas que perguntam, o sacerdote diz: "Este é Buda". Não sei se o sacerdote

entende o que esse dedo apontado para a lua significa. O que é um Buda? Apenas um dedo apontado para a lua!

Os discípulos pediram a Jesus que dissesse com o que o Reino dos Céus se assemelhava: "Diga-nos, conte-nos por meio de uma parábola, de uma estória, para que nós, crianças, possamos entender. Nós não sabemos, não temos qualquer experiência. Diga algo que possa nos dar um vislumbre".

Jesus lhes disse: "É como a semente de mostarda — a menor entre todas as sementes — mas quando cai em terra fértil dá origem a uma grande árvore que se torna abrigo para todos os pássaros do Céu".

Jesus usou a semente de mostarda como símbolo muitas vezes e por várias razões: Primeira, a semente de mostarda é a menor que existe. Deus é invisível, menor do que o menor, então como é possível indicá-Lo? No limite da visão está a semente de mostarda, o menor objeto visível do mundo. Além dela você não é capaz de perceber, porque além está o invisível. A semente de mostarda é o limite — você pode vê-la, mas ela é muito pequena. Se for além, entrará no mundo do sutil, que é menor do que o menor. A semente de mostarda existe no limite.

Entretanto, a semente de mostarda não é apenas a menor coisa visível, tem também uma qualidade misteriosa: quando cresce, transforma-se na maior das árvores. Assim, ela é um paradoxo: é a menor semente e produz a maior árvore. Deus é o invisível e o universo o mais visível; o universo é a árvore, Deus é a semente; Deus é o não-manifesto, o Universo é o manifesto.

Se você quebrar uma semente, não encontrará uma árvore. Você poderá até dissecá-la, mas não encontrará uma árvore escondida em seu interior. Então, poderá dizer que não existe nenhuma árvore dentro dela e que o povo é tolo ao dizer que ela, esconde uma grande árvore.

Isto é o que os analistas vivem fazendo. Se alguém lhes diz que uma flor é bela, eles levam a flor para o laboratório e tentam

encontrar a sua beleza. Colocam produtos químicos na flor, analisam-na, dissecam-na, dividem-na em vários fragmentos e colocam cada parte em uma garrafa rotulada — mas não haverá nem mesmo uma única garrafa onde a beleza possa ser encontrada. Então, eles saem do laboratório e dizem: "Você deve ter tido alguma ilusão de ótica, acho que estava sonhando — não encontramos nenhuma beleza nela. Dissecamos a flor, nada deixou de ser examinado, e não encontramos nenhuma beleza".

Existem coisas que são conhecidas apenas em sua totalidade. Você não pode dissecá-las porque o todo é maior que as partes. Este é o problema — o problema básico para aqueles que estão em busca da verdade. A verdade é maior do que suas partes reunidas. Não é apenas a soma das partes, é maior do que todas as partes reunidas.

Uma melodia não é apenas a soma das notas, dos sons que a compõem, não, é algo maior. Quando as notas se encontram, surge a harmonia; a harmonia que não existia nas notas isoladas, manifesta-se. Eu estou falando com você: você poderá dissecar minhas palavras, poderá encontrar todas elas num dicionário, mas não poderá me encontrar no dicionário. Depois, poderá dizer: "As palavras estão todas aqui. Então, para que me preocupar?".

Certa vez, Mark Twain foi ouvir o sermão de um amigo seu que era padre. O amigo havia insistido por muitos e muitos dias. Ele era um grande orador, altamente apreciado, seus discursos eram muito poéticos. Quando ele ia falar, a igreja ficava repleta. Mas Mark Twain nunca ia ouvi-lo. O amigo insistiu muitas vezes até que Mark Twain resolveu: "Está bem. Irei neste fim-de-semana". Então, para o sermão de domingo, o padre preparou o que tinha de melhor, organizou em sua mente o que sabia de mais belo, porque Mark Twain iria ouvi-lo. No domingo, Mark Twain foi e sentou-se na primeira fila. O padre entregou-se à melhor palestra já proferida por ele até então. Trouxe toda a sua energia para o sermão que, na realidade, era mesmo belo: era uma sinfonia, uma poesia.

Mas, pouco a pouco, o padre começou a ficar apreensivo, porque Mark Twain estava se comportando como se estivesse morto. Nem um só vislumbre de apreciação passava por sua face. As pessoas aplaudiam, totalmente arrebatadas, mas Mark Twain continuava imóvel, sem dar qualquer indicação de estar impressionado por isto ou aquilo, nem negativa, nem positivamente. Permanecia indiferente. — e a indiferença é mais mortal do que qualquer negativa. Porque se você é contra algo, pelo menos está reagindo, está dando algum significado à coisa. Mas se permanece indiferente é como se estivesse dizendo: "Que coisa inútil, nem vale a pena ficar contra!".

Quando o sermão terminou, Mark Twain foi embora no carro do amigo. O padre não conseguia perguntar nada e permaneceu silencioso. Mas quando Mark Twain estava saltando do carro, o padre resolveu perguntar: "Você não tem nada a dizer sobre a minha palestra?".

Mark Twain replicou: "Ela não tem nada de novo. Tenho um livro em minha casa de onde você simplesmente copiou tudo. É uma palestra aborrecida e você não pode me fazer de tolo. Pode enganar aqueles ingênuos lá da igreja, mas eu sou um homem letrado, eu estudo. A propósito, justamente ontem à noite eu estava lendo esse livro".

O padre não podia acreditar: "O que você está dizendo? Não copieie de lugar nenhum. É impossível!".

Mark Twain falou: "Todas as palavras que você disse estão lá. Amanhã eu lhe enviarei o livro".

No dia seguinte ele mandou para o padre o exemplar de um grande dicionário com um bilhete: "Você encontrará todas as palavras aqui".

Assim é a mente de um analista. Consegue matar totalmente a poesia. Acaba dizendo que a poesia é apenas um conjunto de palavras. Não consegue sentir o que existe entre as palavras, nas entrelinhas — e a poesia existe justamente aí. A beleza está aí. O

êxtase, Deus, tudo o que é significativo está entre as palavras, nas entrelinhas.

A semente de mostarda é a menor e contém o maior. É impossível ver Deus porque Ele é o menor — a semente de mostarda — mas você pode ver o universo. E se o universo existe, a semente também está presente. Como a árvore pode existir sem a semente? Se ela não pode ser vista, isto não interessa. Como pode o universo existir sem uma causa final, sem uma fonte? O Ganges existe — poderia ele existir sem uma fonte? Este vasto universo — você pensa que ele poderia existir sem uma fonte?

Este universo não é apenas vasto, possui também tal harmonia, tal sinfonia universal, tal sistema universal! Não é um caos — há disciplina nele, tudo está no lugar certo. E aqueles que realmente sabem das coisas dizem que este é o melhor mundo possível, que nada pode ser melhor que ele.

Deve haver uma semente, mas a semente é muito pequena, menor que a semente de mostarda, usada como um símbolo apenas para indicar.

Aqueles homens que estavam questionando Jesus eram pescadores, camponeses e jardineiros. Eles podiam entender a parábola da semente de mostarda.

Se você dissecá-la, não a compreenderá. Se dissecar a religião, não a penetrará: ou você a vê diretamente ou não a vê. E só existe um meio de poder vê-la: confiar! É impossível ver a árvore na semente, mas você pode semeá-la na terra — isto é o que faz um homem de fé. Ele diz: "Está certo, é apenas uma semente, mas certamente se transformará numa árvore, eu a plantarei no campo. Encontrarei o solo adequado e a protegerei. Estarei esperando e rezando; amarei, terei esperança e sonharei..."

O que mais pode ser feito? Você pode semear e esperar, sonhar, ter esperança e rezar, O que mais se pode fazer? Então, de repente, numa manhã, você acorda e a semente transformou-se em

algo novo, num broto surgindo da terra. Agora, não é mais uma semente, é uma planta que está florescendo.

O que acontece quando a semente se torna árvore? Isto também faz parte da parábola. A semente tem de morrer — só assim pode se transformar numa árvore. Deus morreu dentro deste universo, não pôde permanecer à parte. Dissolveu-se nele. É por isso que você não pode encontrar Deus. Pode ir ao Himalaia, a Meca, a Kashi ou a qualquer outro lugar, mas não O encontrará em lugar algum, porque Ele está aqui, em todo lugar! — exatamente como a semente está em toda a árvore. É impossível encontrar a semente porque ela morreu na árvore, transformou-se na árvore. Deus morreu no universo, na existência e transformou-se no cosmos.

Ele não é algo que exista separadamente. Não é como um carpinteiro que faz um objeto e permanece à parte. É como a semente: dá origem à árvore e desaparece nela. Deus só pode ser encontrado quando a árvore desaparece.

Os hindus têm dito que Deus pode ser encontrado no começo ou no fim da criação. No começo, quando o mundo ainda não existia, a semente estava lá, mas você não estava porque é parte da árvore, é uma folha da árvore.

Ou no fim, quando Ele estará no *pralaya*, quando o mundo todo tiver se dissolvido, quando a árvore tiver se tornado velha e morrido — isso acontece com todas as árvores: quando ficam velhas, novas sementes surgem, milhões de sementes.

No *pralaya*, você encontrará milhões de deuses — mas então não estará lá; este é o problema.

Existe apenas um jeito de encontrar Deus: é encontrá-Lo aqui e agora, na própria folha. Se você procurar por uma imagem particular, por Krishna ou Ram, então não O encontrará. Eles também são folhas — é claro que folhas mais belas, mais vivas, mais verdes porque realizaram Deus em si, compreenderam que Ele está em todo lugar.

Quando Jesus disse: "O Reino de Deus é como a semente de mostarda", estava dizendo milhões de coisas. Esta é a beleza da parábola: com quase nada, quanta coisa pode ser dita!

Quando a semente morre, surge o universo, a árvore, o Reino de Deus. Se você estiver procurando este reino em algum outro lugar, estará procurando em vão. Se quiser encontrar o Reino de Deus, terá de ser como a semente e morrer. Então, de repente, a árvore surgirá. Você não mais existirá, apenas Deus, você nunca encontrará Deus. Se você estiver presente, Deus não estará. Quando você desaparecer, Deus surgirá. Na realidade, o encontro não acontece.

Quando VOCÊ não existe, Deus está presente — o vazio em suas mãos. Quando você não é mais ninguém, Deus está presente. Novamente um paradoxo: a semente contém a árvore, mas a semente também pode matar a árvore. Se a semente ficar com medo da morte, então o próprio invólucro tornar-se-á uma prisão; a própria casca que estava protegendo a árvore antes dela encontrar o solo certo se tornará uma prisão — então a árvore morrerá na semente.

Vocês são como sementes que se tornaram prisões. Buda é uma semente, Jesus é uma semente, cuja casca não é mais uma prisão; é uma semente, uma casca que morreu, dando origem a uma árvore.

"Ele lhes disse: É como a semente da mostarda — a menor entre todas as sementes, mas que quando cai em terra fértil deu origem a uma grande árvore que se torna abrigo para todos os pássaros do Céu."

"... mas quando cai em terra fértil..." A terra certa é necessária. Apenas a morte da semente não é suficiente, porque ela pode morrer numa pedra e então nenhuma árvore nascerá; haverá apenas a morte. É preciso encontrar o solo certo, a terra certa — este é o sentido de ser discípulo. Ser discípulo implica em preparo, em aprendizado para tornar-se terra fértil. A semente existe, mas a terra

certa, a terra fértil tem de ser encontrada. A árvore já está em seu interior; a única coisa que o Mestre pode lhe dar é a terra certa. Ele pode cultivá-lo, pode jogar fora as ervas daninhas, pode tornar o solo rico para recebê-la. Pode enriquecer o solo com fertilizantes — ele é um jardineiro.

Você já contém tudo, mas precisa de um jardineiro; do contrário, jogará as sementes em qualquer lugar. Elas poderão cair no asfalto e morrer, poderão cair na calçada e as pessoas pisarão sobre elas e as matarão. É necessário alguém para protegê-lo quando você estiver morrendo. Observe o que acontece quando uma criança vai nascer: ela precisa de uma parteira. A parteira é necessária porque o momento é delicado. E o momento em que a Verdade nasce é o maior, o momento em que Deus nasce em você é o maior — o maior de todos os momentos. O Mestre é apenas a parteira.

Sem um Mestre muitas coisas podem acontecer: pode haver um aborto e a criança morrer. O Mestre é necessário para protegê-lo porque o novo broto é muito delicado, indefeso — algo pode lhe acontecer. É muito perigoso. Mas se você confiar — a confiança é necessária; caso contrário, você poderá ficar tenso e a semente nunca morrerá — mas se confiar, a semente morrerá. A confiança é necessária porque a semente não pode conhecer a árvore. A semente quer ter certeza de que ao morrer tornar-se-á uma árvore. Mas o que se pode fazer para que a semente tenha certeza? Este é o absurdo da fé. A fé é absurda.

Você quer ter certeza de que poderá tornar-se um sannyasin, que poderá renunciar a tudo, que estará pronto para morrer. Mas quem lhe garante que quando a semente morrer a árvore surgirá? Quem pode lhe dar essa garantia? Como essa garantia pode ser dada? E mesmo que seja dada, quem irá cobrar essa garantia quando a semente não mais estiver aqui? Quem poderá provar para a semente que quando ela morrer a árvore surgirá? Nenhuma garantia é possível.

É por isso que a fé é absurda: ter fé significa crer naquilo que não pode ter crédito; não existe nenhum jeito de acreditar e ainda assim você crê. A semente morre com uma profunda confiança e a árvore nasce. Mas uma "terra fértil" é necessária, o solo certo é necessário. Todo o aprendizado do discípulo é justamente no sentido de tornar-se uma terra cultivada.

"... dá origem a uma grande árvore que se torna abrigo para todos os pássaros do Céu."

E quando sua árvore tiver crescido realmente, quando ela se tornar uma "árvore-Buda", virão milhões de pássaros em busca de abrigo. Sob Jesus, muitos "pássaros do Céu" tomaram abrigo; sob Buda, muitos "pássaros do Céu" se abrigaram. Para aqueles que estão em busca do mais profundo, essa árvore — "a árvore-Buda", a "árvore-Jesus" torna-se abrigo e nela eles podem sentir o palpitar do Desconhecido. Nelas, eles podem confiar, podem chegar à compreensão do Desconhecido, podem dar o salto.

"O Reino dos Céus é como a semente de mostarda..." Você é o Reino dos Céus, você é como a semente de mostarda. Prepare-se para morrer, prepare-se para a sua morte!

É claro que haverá pânico, medo, apreensão. O salto está destinado a ser difícil. Muitas vezes, você poderá voltar atrás, chegará até a borda do abismo e fugirá com medo. A semente só pode conhecer o abismo, não pode conhecer a árvore. Não existe nenhum meio da semente presenciar a árvore brotando, não há nenhuma possibilidade. A semente tem de morrer e confiar no Desconhecido — então isso acontecerá.

Se você estiver pronto para morrer, isso acontecerá. Vá e plante uma semente na terra: quando a árvore tiver brotado, cave a terra outra vez e veja onde está a semente; ela não estará lá, ela terá desaparecido. Vá e cave em Buda, em Jesus — você não encontrará o homem, a semente. É por isso que Jesus é o filho de Deus, não mais do carpinteiro José. A semente veio de José e Maria, mas agora

a semente desapareceu, a casca desapareceu — a árvore que brotou não veio do visível, surgiu o invisível.

Olhe para Jesus: a semente não está mais presente, apenas Deus. Esteja pronto para morrer e então, poderá renascer. Abandone a mente, o corpo, o ego, a identidade — e, de repente, verá que algo novo está nascendo em você, que está se tornando um útero, que está ficando prenhe. E estar espiritualmente prenhe é chegar no pico da criação, onde você cria a si mesmo. Nada é comparável a isto. Você pode criar uma bela pintura ou uma grande escultura, mas nada pode ser comparado à criação de si mesmo, à "autocriação".

"... mas quando cai em terra fértil..." Esteja pronto para morrer! Antes de dar o salto, torne-se uma "terra fértil", torne-se um discípulo, um aprendiz, torne-se humilde, torne-se um não-ser. Logo, você realmente não será, mas apronte-se para isto, comporte-se como se já não o fosse.

Então... "ela dá origem a uma grande árvore que se torna abrigo para todos os pássaros do Céu."

É sempre assim: você está aqui, perto de mim, minha semente está morta — é por isso que você está aqui. Não é por sua causa que você está aqui, é por mim. Mas dizer "por mim" não é correto, porque nenhum "mim" existe mais; a semente desapareceu e agora só a árvore existe. E se você tiver algum vislumbre da sua própria possibilidade através desta árvore, o trabalho estará feito.

SEGUNDO DISCURSO

22 de agosto de 1974 Poona, Índia.

*"O Reino dos Céus é como a semente da mostarda...".
Você é a semente, você é a possibilidade desse Reino.
Esteja pronto para morrer. Esta é a única
possibilidade de se renascer.*

Jesus disse:

*Os homens provavelmente pensam que eu vim para
lançar a paz sobre o mundo;
eles não sabem que eu vim para lançar divisões
sobre a terra — o fogo, a espada, a guerra.
Desde que existam cinco numa casa, três estarão
contra dois e dois contra três;
o pai contra o filho
e o filho contra o pai,
e ambos permanecerão solitários.*

Jesus disse:

*Eu lhes darei o que os olhos não viram,
o que os ouvidos não ouviram,
o que as mãos não tocaram
e o que não surgiu no coração do homem.*

Jesus é bastante paradoxal, e assim mesmo, repleto de significado. Para se chegar ao cerne do que ele diz, muito deve ser compreendido.

Em primeiro lugar: a paz só é possível se as pessoas estão quase mortas. Neste caso, não existe guerra, não existem conflitos, mas também não existe vida. É como o silêncio de um cemitério. Essa Paz não tem nenhum valor. Até mesmo a guerra é melhor do que ela porque pelo menos na guerra você está alerta, vivo.

Entretanto, existe um outro tipo de paz — de uma dimensão completamente diversa — que acontece quando se está vivo, alerta, mas centrado em si mesmo: quando o auto-conhecimento acontece, quando você se torna Iluminado, quando a chama está acesa e a escuridão não mais existe. Há, nesta paz, mais silêncio, mais vida; contudo, este silêncio pertence à vida, não à morte. Este silêncio não é como o dos cemitérios.

Este é o paradoxo a ser entendido: a guerra é má, o ódio também: eles são o mal sobre a terra, devem desaparecer. A doença é má, a saúde é boa; a doença deve desaparecer. Mas não se esqueça de que um homem morto nunca adoece; um corpo morto pode deteriorar-se, mas não ficar doente. Se você não entender isso, todos os seus esforços servem apenas para criar um mundo morto. Sem doenças, sem guerras e ódios — mas também sem vida.

Jesus não gostaria desse tipo de paz. Esse tipo de paz é inútil — um mundo com guerra é melhor.

Muitas pessoas têm se empenhado em conseguir a paz e suas atitudes acabam sendo negativas. Elas pensam que se a guerra acabar tudo ficará bem. Não é tão fácil assim. Essa concepção não é apenas a do homem comum — mesmo grandes filósofos, como Bertrand Russel, pensam que se a guerra acabar tudo ficará bem. Mas não é assim.

O problema não é a guerra, o problema é o homem. A guerra não é externa, é interna. Se você não lutar dentro, lutará fora. Ao

passo que, se conseguir guerrear consigo mesmo e sair vitorioso, a guerra externa cessará. Este é o único caminho.

Na Índia, chamamos Mahavir de "O Conquistador", "O Grande Conquistador", o "jaina". A palavra "Jaina" significa conquistador. Contudo, Mahavir nunca lutou contra ninguém. O que ele conquistou, então? Ele nunca acreditou na guerra, na violência, na luta. Por que o chamamos de Mahavir, "O Grande Conquistador"? Este não é o seu nome original; seu nome era Vardhaman. O que lhe aconteceu? Que fenômeno ocorreu? Esse homem conquistou a si mesmo. Quando você conquista a si mesmo, sua luta contra os outros cessa imediatamente, porque a luta contra os outros é apenas um truque para esquivar-se da guerra interior.

Se você não está bem consigo mesmo, existem apenas dois caminhos: suportar sua inquietação ou projetá-la sobre os outros. Quando uma pessoa está internamente tensa, está pronta para lutar. Qualquer desculpa serve — o motivo é irrelevante. Ela pula sobre o primeiro que aparece: o empregado, a esposa, o filho.

Como as pessoas se livram dos seus conflitos e inquietações interiores? Responsabilizando os outros. Assim, elas passam por uma catarse: tornam-se irritadas, atiram sua raiva e violência nos outros e isso lhes proporciona um alívio, um descanso. Temporariamente, é claro, porque no interior nada mudou. O interior continuou velho e novamente acumulará. No dia seguinte, voltará a acumular a mesma coisa — raiva, ódio — e você terá de projetá-lo.

A luta contra os outros existe porque você continua acumulando lixo dentro de si e necessita jogá-lo fora. Um homem que conquistou a si mesmo, que se tornou um auto-conquistador, não tem conflitos internos, sua guerra cessou. Dentro de si, existe apenas um — não dois. Tal homem nunca mais irá projetar, nunca mais lutará contra alguém.

A mente usa o truque da projeção para esquivar-se do conflito interno porque esse conflito é muito doloroso — por muitas razões. A razão básica é que todas as pessoas têm uma imagem muito boa de si mesmas. E isso é tão forte que sem essa imagem elas quase não conseguem sobreviver.

Os psiquiatras dizem que as ilusões são necessárias para se viver. Se você pensar que é tão ruim, tão demoníaco, tão mau; se essa imagem que é a verdadeira porque você é realmente assim — permanecer, você será simplesmente incapaz de viver. Perderá toda a autoconfiança, ficará tão repleto de autocondenação que será incapaz de amar, não será capaz nem mesmo de se movimentar ou de olhar para qualquer outro ser humano. Sentir-se-á tão inferior, tão demoníaco, que morrerá. Esse sentimento tornar-se-á um suicídio. Mas isso é uma verdade — então, o que fazer?

O jeito é mudar essa verdade; é tornar-se um homem de Deus; não um homem do Diabo — é tornar-se Divino! Entretanto, isto é difícil, árduo. É uma dura e longa caminhada. Muito tem de ser feito. Só então o Diabo poderá tornar-se Divino. Ele pode tornar-se Divino! Talvez você não saiba que a raiz da palavra Diabo é a mesma da palavra Divino. Ambas vêm da raiz "deva", do Sânscrito. O Diabo pode tornar-se Divino porque o Divino tornou-se Diabo. A possibilidade existe; são dois pólos da mesma energia. A energia que se tornou amarga, azeda, pode tornar-se doce. É necessária uma transformação interior, uma alquimia interna — mas isto é demorado e árduo.

A mente sempre procura um atalho onde a oposição seja menor. Então ela diz: "Por que preocupar-se em se tornar um homem bom? Basta acreditar que se é bom." Isto é fácil porque nada tem de ser feito. Basta pensar que se é bom, criar uma imagem de que se é bonito, celestial, de que ninguém é como você. E esta ilusão de bondade lhe dá energia para viver.

Se as ilusões podem lhe dar tanta energia, você já imaginou o que acontecerá quando a Verdade surgir? A ilusão de que você é

bom Ihe dá vida para mover-se, energia para sustentar-se, Ihe dá confiança. Com a ilusão, você pode tornar-se quase centrado. Esse centro que acontece na ilusão, entretanto, é o ego.

Quando você está realmente centrado, esse centro é o Eu. Mas isso só acontece quando a Verdade já foi realizada: quando suas energias internas já foram transformadas; quando o mais baixo transformou-se no mais alto, o terreno transformou-se no celestial; quando o Diabo tornou-se Divino; quando você estiver radiante com a glória que é sua; quando a semente tiver brotado, quando a semente de mostarda tiver se transformado numa grande árvore.

Mas este é um longo processo, é preciso ter coragem para esperar, é preciso não se deixar tentar pelo atalho. E, na vida, não existem atalhos — eles só existem nas ilusões. A vida é árdua porque só por meio de árduos esforços o crescimento acontece — ele nunca vem facilmente.

Você não pode consegui-lo de um modo barato; nada que é barato pode auxiliá-lo a crescer. O sofrimento auxilia — o próprio esforço, a própria luta, o longo caminho Ihe dão a clareza, o crescimento, a experiência, a maturidade. Como uma pessoa pode adquirir a maturidade através de atalhos? Existe uma possibilidade — atualmente estão fazendo experiências com animais e, mais cedo ou mais tarde, trabalharão com seres humanos — existe uma possibilidade: você pode ser injetado com hormônios. Uma criança de dez anos pode receber injeções de hormônio e transformar-se num jovem de vinte anos.

Contudo, você acha que ele atingirá a mesma maturidade que teria conseguido se tivesse passado por dez anos de vida? A luta, o surgimento do sexo, a necessidade de controle, de amor; de ser livre e ao mesmo tempo controlado, de ser livre e simultaneamente centrado; de conviver com os outros, de sofrer por amor, de aprender — tudo isso não estará presente. Esse homem que aparentar vinte anos, na realidade terá apenas dez. Por meio de hormônios, é possível desenvolver apenas o corpo.

Estão fazendo isso com animais, com frutas, com árvores. Uma árvore pode ser injetada e, ao invés de florescer em três anos, de um modo natural, florescerá em apenas um. Mas suas flores estarão carentes de alguma coisa. Será difícil perceber porque você não é uma flor; mas algo estará faltando nelas. Elas terão sido forçadas, não terão passado por todas as estações. As frutas surgirão logo, mas não estarão amadurecidas; alguma coisa estará faltando nelas, serão artificiais.

A natureza não tem pressa. Observe: a mente está sempre com pressa enquanto a natureza nunca está — a natureza espera sempre, ela é eterna. Não tem necessidade de pressa; ela é contínua, é eterna. Para a mente, o tempo é curto. Então, ela diz: "Tempo é dinheiro". A vida nunca diz isso. A vida diz: "Experiência", não tempo. A vida espera, ela pode esperar; a mente não pode — a morte está se aproximando. Para a vida, não existe nenhuma morte. A morte só existe para a mente.

A mente tenta sempre encontrar um atalho. E a maneira mais fácil de encontrá-lo é criar uma ilusão: pensar que é aquilo que quer ser — então, a pessoa torna-se neurótica. Foi isso o que aconteceu com a maioria das pessoas que estão nos hospícios. Pensam que são Napoleão, Alexandre ou qualquer outro. Acreditam nisso e comportam-se como se o fossem.

Ouvi contar a respeito de um homem que passou por um tratamento analítico, que foi psicanalisado porque pensava ser Napoleão. Após três ou quatro anos de tratamento, o psiquiatra achou que ele já estava curado e lhe disse:

"Você já está bom. Pode ir para casa".

"Casa?" admirou-se o homem, "diga: para o meu palácio!"

Ele ainda era Napoleão.

Se você já se tornou Napoleão, será muito difícil receber um tratamento porque, mesmo que fique curado, sentirá que perdeu algo.

Um General encontrou um Capitão que estava sempre bêbado e o abordou. O Capitão era um homem bom — os bêbados geralmente são bons; são pessoas bonitas que resolvem tomar Um atalho. O General, então, lhe disse:

"Você é um bom homem e eu o aprecio. Todos aqui o amam. Mas você está se perdendo. Olhe, se conseguir permanecer sóbrio, logo será um coronel".

O homem riu e disse:

— "Isso não me interessa. Se eu conseguir ficar sóbrio, poderei ser um coronel. Mas o que me importa? Enquanto estou bêbado já sou General! Para que ficar sóbrio?"

Existe muita coisa envolvida na ilusão. Como esse homem pode abandonar sua ilusão? Ele já se tornou General com tanta facilidade!

A mente encontra atalhos. As ilusões são atalhos. "*Maya*". O que existe de mais fácil e mais barato para se adquirir. A realidade não, ela é dura, árdua: é preciso sofrer e passar pelo fogo. Quanto mais você passa pelo fogo, mais amadurecido fica; quanto mais amadurece, mais valor adquire. Sua divindade não pode ser comprada num mercado, não pode ser pechinchada. Você tem de pagar por ela toda a sua vida. Apenas quando você arrisca toda sua vida, ela acontece.

Você luta contra os outros porque essa é uma maneira fácil. Você fica pensando que é bom, que o outro é que é mau e a luta fica no exterior. Mas se olhar para si mesmo, a luta tornar-se-á interior: verá que é mau, que é difícil encontrar uma pessoa mais demoníaca que você. Se conseguir olhar para dentro verá que é absolutamente

mau e que algo tem de ser feito. Uma luta interior, uma guerra interior será então iniciada.

Pelo conflito interno — não se esqueça de que ele é uma técnica, uma das melhores técnicas já utilizadas através dos séculos — se o conflito interno acontece, você se torna integrado. Se o conflito interno existe, surge além das partes conflitantes um novo centro de sabedoria. Se o conflito existe, suas energias são envolvidas, todo o seu ser torna-se agitado: o caos é criado e desse caos nasce um novo ser.

Todo nascimento necessita de caos: todo o universo surge do caos. Antes do seu nascimento, o caos realmente será necessário — esta é a guerra de Jesus. Ele disse: "Eu não vim para trazer a paz". Isto não quer dizer que ele não tenha vindo para fazer a paz surgir. Mas não essa paz barata que você gostaria de receber. Agora, tente entender estas palavras:

"Jesus disse: Os homens provavelmente pensam que eu vim para lançar a paz sobre o mundo; eles não sabem que eu vim para lançar divisões sobre a terra — o fogo, a espada, a guerra".

Quando você vem a um Mestre como Jesus, vem em busca de paz, sem saber que está vindo ao encontro da pessoa errada. Porque tal como você está não pode obter a paz. E se alguma pessoa lhe der a paz, isto será a sua morte. Se você tornar-se pacífico no estado em que se encontra agora, o que isso significará? Significará que seus esforços terminaram antes de obter algo. Do jeito que você está, se alguém o silenciar, o que isso significará? Significará que você está conformado com sua situação, mesmo sem ter alcançado o Ser.

Deste modo é que se pode distinguir um falso mestre de um Mestre verdadeiro. O falso mestre é uma consolação, ele lhe dá a paz no estado em que você se encontra, nunca se preocupa em mudá-lo — é um tranqüilizante. É exatamente como as pílulas para dormir: você o procura e ele o consola. Mas se você vem a um

Mestre verdadeiro, o critério é este: toda e qualquer paz que você já tiver conseguido, será destruída; toda a "tranquilidade" que você já tiver alcançado, será atirada aos cães.

Um Mestre verdadeiro criará mais tumulto, mais conflito. Não o consolará porque não é seu inimigo. Todo consolo é venenoso. Ele o auxiliará a crescer. O crescimento é difícil, será preciso passar por inúmeras dificuldades. Muitas vezes você tentará escapar desse homem, mas não conseguirá porque ele irá persegui-lo.

A consolação não é o objetivo. O Mestre não pode lhe dar uma falsa paz. Ele lhe dá o crescimento e, a partir desse crescimento, um dia você floresce. Este florescimento é a verdadeira paz, o verdadeiro silêncio. A consolação é falsa.

As pessoas me procuram e, da maneira como elas chegam, vejo os problemas que trazem: querem ser consoladas. Alguém se aproxima e diz: "Estou em dificuldade, minha mente não tem paz, estou muito tenso. Dê-me algo, abençoe-me para que eu me torne pacífico." Mas o que significa isso? Se esse homem for pacificado, o que acontecerá? Ele nunca mudará. Não, esse não é o caminho.

Se um Mestre verdadeiro o consolar, isso será apenas uma isca. Ele o fisgará com essa isca e depois, pouco a pouco, começará a criar o caos. Você tem de passar pelo caos porque no estado em que se encontra está absolutamente errado. Nesse estado, se alguém o consolar, será seu inimigo. Com essa pessoa você estará perdendo tempo, vida, energia e, no final, o consolo de nada servirá.

Quando a morte chega, ele se evapora.

Havia um velho homem cujo filho morreu. Ele me procurou e disse:

"Console-me!"

"Não posso fazer isso, é pecado".

"Eu vim para isso", disse ele.

"Você pode ter vindo para isso, mas eu não posso fazê-lo."

"Mas eu fui àquele Shankaracharya e ele me consolou. Ele disse para eu não me preocupar porque meu filho renasceu no Astral Superior".

Eu também conheci o filho desse homem e o que ele estava dizendo era impossível porque seu filho era um político — e todos os políticos vão para o Inferno, nunca para o Céu. Além disso, o filho não era apenas um político, era um político muito bem sucedido, era um Ministro de Estado. Com toda a esperteza, com toda a ambição de um político, como ele poderia ter ido para o Céu?

O pai também era um político. E, na realidade, não estava perturbado pela morte do filho. Seu maior problema era que sua ambição havia morrido porque era através do filho que ele conseguia cada vez mais e mais. O homem já estava velho. Havia trabalhado durante toda a vida, mas não fora muito esperto. Ele era um pouco tolo, meio ingênuo. Trabalhara muito, sacrificara toda a sua vida, sem nunca conseguir um cargo. Isso o ferira profundamente, criara uma chaga. Então ele começou a tentar através do filho. O filho conseguiu atingir o alvo. Mas agora, estava morto e, com ele, toda a sua ambição também morrera.

Quando eu disse a ele que essa era a razão do seu sofrimento, que seu sofrimento não era pelo filho, ele ficou muito perturbado e disse:

"Eu vim em busca de consolo e você me perturba ainda mais. Pode ser que seja verdade, tudo o que você está dizendo parece ser verdade. Pode ser que a ambição seja a causa do meu sofrimento, poder ser que não seja por meu filho que eu estou chorando. Mas não diga coisas tão duras para mim, estou sofrendo muito. Meu filho está morto e você fica me dizendo coisas tão pesadas. Eu procurei aquele Mahatma, procurei o Shankaracharya, procurei um guru e todos eles me consolaram. Disseram que era para eu não me preocupar, que a alma é eterna, que ninguém morre e que meu filho não era uma alma qualquer, que ele alcançou o Astral superior".

Essas palavras não passam de consolo e se esse velho homem continuar dando ouvidos a elas estará perdendo uma grande oportunidade. Estará perdendo a oportunidade de encarar a ambição que é o seu problema. Ele poderia compreender que todas as ambições são inúteis, sem valor, porque a pessoa trabalha tanto, sem parar, e no final a morte acaba levando tudo. Ele poderia ter penetrado nisso, mas preferiu não voltar a me procurar. Ele costumava vir sempre, mas desde esse dia nunca mais me procurou. Foi buscar outros que o consolassem.

Você está aqui para ser consolado? Então está no lugar errado. É isto que Jesus disse:

Jesus disse: "Os homens provavelmente pensam que eu vim para lançar a paz sobre o mundo; eles não sabem que eu vim para lançar divisões sobre a terra — o fogo, a espada, a guerra."

Sempre que um homem como Jesus surge, o mundo imediatamente se divide entre os que estão a favor e os que estão contra ele. Não pode haver ninguém indiferente a Jesus. Sempre que alguém como Jesus está presente, o mundo imediatamente se divide. Alguns são a favor, outros contra, mas ninguém fica indiferente. É impossível ficar indiferente a Jesus. Se você o ouve, se o vê, imediatamente fica dividido: ou o ama ou o odeia; ou o aceita ou o rejeita; ou o segue ou começa a trabalhar contra ele.

Por que isso acontece? Porque um homem como Jesus é um fenômeno raro, ele não é deste mundo. Ele traz algo do Além. Os que temem o Além, imediatamente tornam-se inimigos — é a maneira que usam para se proteger. Mas aqueles que têm um anseio, uma semente oculta em algum lugar, para aqueles que têm buscado constantemente e desejado com veemência encontrar o Além, esse homem torna-se carismático, torna-se uma força

magnética. E eles entregam-se ao seu amor porque é por Ele que estão esperando, há muitas vidas.

Imediatamente o mundo se divide: ou se está a favor ou se está contra Cristo. Não existe outra alternativa, não é possível ficar indiferente. Não se pode dizer: "Eu não estou preocupado", isto é impossível. Porque uma pessoa que pode permanecer no meio, sem amar nem odiar, está além da própria mente. Você não pode ficar no meio. Você pende para um lado: torna-se "direitista" ou "esquerdista"; fica de um lado ou de outro. Um grande tumulto é criado.

Isso não se refere apenas aos indivíduos, mas também à sociedade. Tudo o que existe sobre a terra entra em conflito, uma grande guerra é iniciada. Desde a vinda de Jesus, nunca mais houve paz no mundo. Jesus criou uma religião. Introduziu neste mundo algo que criou tal divisão, tal conflito em todas as mentes que se tornou o foco de toda a História. É por isso que se diz "Antes de Cristo" e "Depois de Cristo". Ele tornou-se o ponto de referência.

A História divide-se, o tempo divide-se com Jesus. Ele situa-se no limite. Antes dele, é como se o tempo tivesse uma outra qualidade. Depois dele, o tempo tornou-se diferente. Com Jesus, teve início a História. Suas atitudes, sua maneira de atingir a mente humana é muito diferente da de Buda ou de Lao-Tsé. O objetivo final é o mesmo, o derradeiro florescimento é único, mas a abordagem é absolutamente diferente. Ele é único.

O que Jesus disse? Disse que pelo conflito o crescimento é alcançado; que pela luta a concentração acontece; que através da guerra a paz floresce. Mas não o tome literalmente — tudo o que ele diz é uma parábola. Os cristãos o tomam literalmente e perdem o ponto básico. Então empunham a espada e matam milhões de pessoas desnecessariamente porque não é isso que Jesus quis dizer. Então a Igreja, a Igreja de Jesus, torna-se bélica, torna-se uma cruzada.

Os cristãos lutaram contra os maometanos, contra os hindus, contra os budistas — lutaram em todas as partes. Mas perderam o ponto básico. Jesus estava falando de outra coisa. Não estava falando das espadas deste mundo; ele trouxe a espada de um mundo diferente. O que é essa espada? É um símbolo. Você tem que ser cortado em dois porque duas coisas encontram-se em você: este mundo — a terra — e o Céu; ambos encontram-se em você. Uma de suas partes pertence à lama; a outra pertence ao Divino. Você é o ponto de encontro e Jesus trouxe uma espada para cortá-lo em dois. Assim, o que é da terra cai na terra e o que é do Divino dissolve-se no Divino.

Você não pode fazer nenhuma distinção entre o que pertence e o que não pertence à terra. Quando está com fome, pensa que é você quem está com fome? Jesus disse: "Não, pegue minha espada e corte-a!". A fome pertence ao corpo, é uma necessidade fisiológica. A consciência não sente fome; mas ela torna-se ciente do que acontece com o corpo porque o corpo não tem consciência.

Você já deve ter ouvido esta velha estória "*Panchtantra*". Certa vez, uma grande floresta incendiou-se acidentalmente. Dentro dela, havia dois homens: um cego e outro aleijado. O aleijado não podia andar nem correr, mas podia ver. O cego podia andar e correr, mas não podia ver. Então, ambos fizeram um pacto: o cego carregaria o aleijado sobre seus ombros e o aleijado indicaria o caminho. Assim, eles tornaram-se um só. Saíram da floresta e salvaram suas vidas.

Não se trata apenas de uma estória — é o que acontece em você. Uma de suas partes sente fome, mas não sabe disso porque não tem olhos para ver. Seu corpo sente fome, sente desejo sexual, sente sede, necessita de conforto: todas as necessidades pertencem ao corpo. Sua consciência apenas vê. Seu Eu é apenas um espectador. Mas ambos fizeram um trato porque sem o corpo a consciência não pode caminhar, não pode se movimentar, não pode

fazer nada; e sem a consciência o corpo não pode compreender o que necessita, não sabe se está com fome ou com sede.

A "espada" de Jesus significa que esse compromisso tem de ser realizado conscientemente. Assim, uma distinção deve ser feita: o que pertence à terra, pertence à terra. Cumpra isso, mas não se torne obcecado. Se você sente fome, o corpo precisa de alimento: conheça isso bem, satisfaça a fome, mas não se torne obcecado. Existem pessoas que se tornam obceçadas que comem sem parar até que um dia sentem-se frustradas com a comida e começam a jejuar, jejuar... ambas são obsessões. Comer demais é tão prejudicial quanto jejuar demais.

O equilíbrio é necessário, mas quem pode dá-lo a você? É preciso tornar-se dois, é preciso tornar-se totalmente ciente de que: "Isso pertence à terra, mas eu não pertenço." Essa é a espada de Jesus.

Ele disse: "Eu vim para lançar divisões sobre a terra: o fogo, a espada, a guerra."

Por que o fogo? O fogo é um símbolo cabalístico muito antigo. É também um velho símbolo hindu. Os hindus sempre falaram sobre o fogo eterno. Chamam-no de *tap* porque ele é quente. Ao ato de inflamar esse fogo para que ele incendeie o interior dão o nome de *yagna*.

Existem técnicas para aumentar esse fogo interno. Atualmente ele está quase extinto, coberto pelas cinzas. É preciso que ele seja atiçado, descoberto, reaceso; mais combustível é necessário, mais combustível deve ser dado. Quando o fogo interno se incendeia ao máximo, de repente, você é transformado. Nenhuma transformação acontece sem o fogo. A água é aquecida e num determinado grau, a cem graus, ela evapora-se, torna-se vapor; toda a sua qualidade muda.

Você já observou que quando a água se transforma em vapor todas as suas qualidades mudam? Enquanto ela é água, corre no sentido descendente — essa é a sua natureza, correr de cima para baixo. Ela não pode correr de baixo para cima, é impossível. Mas quando sua temperatura atinge cem graus, evapora, toda sua natureza muda: o vapor flui no sentido ascendente, nunca descendente. Toda a dimensão muda e isso acontece por causa do calor. Se você entra num laboratório químico, o que encontrará? Se alguém tirar o fogo de lá, nada poderá acontecer, porque todas as transformações, todas as mudanças, todas as mutações acontecem pelo fogo. E o que é você se não fogo? O que faz enquanto está vivo? Ao respirar, o que você respira? Oxigênio.

O oxigênio não é nada mais que combustível para o fogo. Ao correr, você necessita de mais fogo, por isso respira mais profundamente. Quando repousa, menos fogo é necessário; então você respira com menos intensidade porque menos oxigênio é necessário — o oxigênio é combustível para o fogo. O fogo não pode existir sem oxigênio, porque é o oxigênio que inflama. Você é o fogo — a cada momento o fogo é criado em você através dos alimentos, do ar, da água. Se ele aumenta muito, é preciso acalmá-lo. Quando os animais sentem desejo sexual, dizemos que estão quentes. Isto é significativo, porque o desejo sexual é um tipo de calor. Quando você está com mais calor do que pode absorver, sente necessidade de acalmá-lo e o sexo é uma válvula de escape.

Observe que nos países quentes, o povo é mais sensual que nos países frios. Os primeiros livros de sexologia apareceram nos países quentes: Kamasutra de Vatsayana e o Kokashastra de Koka Pandit. Os primeiros freudianos eram orientais e apareceram três mil anos antes de Freud. No Ocidente, o sexo começou a ter importância há pouco tempo. Nos lugares frios, o corpo não tem fogo suficiente para criar muita sexualidade. Há apenas três ou quatro séculos, o “sex” tornou-se mais importante no Ocidente porque os países continuam frios, mas já existe o aquecimento

central. Assim, as pessoas já não são tão frias; seus corpos já não precisam continuar lutando contra o frio. Por causa do calor é que no Oriente a população continua aumentando e é muito difícil controlar seu crescimento. No Ocidente, a explosão populacional não acontece com tanta intensidade.

Ouvi contar que quando os primeiros astronautas russos desceram na Lua ficaram muito felizes. Mas levaram um susto ao ver três chineses andando por lá. Olharam para eles e perguntaram:

— Como vocês conseguiram chegar aqui antes de nós! Vocês não têm meios, não tem tecnologia, não têm ciência suficiente! Como vocês conseguiram? É um milagre! Como vocês chegaram aqui?

Os chineses responderam:

— "Não foi um milagre! Só uma coisa muito simples — matemática: subimos uns nos ombros dos outros e chegamos aqui!".

Os chineses podem conseguir isso. Os indianos também. Para eles não há problema. Basta decidirem, que chegam a qualquer lugar!

O sexo é um fenômeno do calor, um fenômeno do fogo. Sempre que o fogo está ardendo, a pessoa se sente mais sensual; quando o fogo está baixo, ela se sente menos sensual. Porque tudo o que lhe acontece, seja uma transformação sexual, seja uma transformação espiritual, sempre depende do fogo.

Jesus foi treinado numa comunidade essênica — numa secretíssima sociedade esotérica. Como os hindus, os cabalistas, os judeus e os sufis, ele também conheceu inúmeros métodos para criar o fogo interno. Assim, esse fogo não é exatamente o mesmo que você conhece. É o fogo mais interno a partir do qual a vida existe.

Se o fogo é elevado a um certo nível, a transformação acontece. Mas só é possível elevá-lo a um determinado grau se ele não for liberado. É por isso que todas as religiões que usam o fogo

são contra o sexo. Se você o liberar pelo sexo, não será possível mantê-lo nesse grau porque ele terá uma válvula de escape.

Portanto, todas as válvulas devem ser completamente fechadas para que o fogo não tenha por onde sair e alcance os cem graus, para que alcance o grau onde, de repente, a transformação acontece: a alma e o corpo separam-se — a espada age! E você fica sabendo o que é a terra e o que é o céu em si mesmo. Fica sabendo o que veio dos seus pais e o que veio do Invisível.

"... o fogo, a espada, a guerra..." Um profundo conflito interno. Você não pode ser letárgico, não pode relaxar, a menos que o relaxamento aconteça — o que é totalmente diferente. É preciso lutar e criar o conflito, a fricção. Fricção é a palavra certa para a guerra interior. Gurdjieff trabalhou através da fricção, criando-a em seu corpo. Você pode não saber agora, mas observe e um dia terá consciência de que seu corpo possui inúmeras camadas de energia. Quando a fricção não é feita, a pessoa utiliza apenas as camadas superficiais. Ao surgirem os conflitos, a camada superficial esgota-se e a segunda camada entra em funcionamento.

Tente fazer o seguinte: se você costuma ir para a cama numa determinada hora da noite, um pouco antes dessa hora notará que está se sentindo sonolento — não vá dormir. Os sufis usaram esse método — a vigília — e Jesus também o usou: no deserto, durante quarenta dias e quarenta noites, ele não dormiu; ficou sozinho nas montanhas sem dormir um só momento. O que acontece? Se você não for dormir à hora de costume, por alguns minutos sentir-se-á extremamente letárgico, cada vez mais adormecido. Mas, se resistir e lutar, uma fricção será criada, você tornar-se-á dois: o que quer dormir e o que não quer. As duas partes entrarão em conflito. Se você conseguir controlar-se e não se render, de repente, notará que o sono desapareceu e que está tão bem como nunca esteve ao despertar pela manhã. De repente, o sono terá desaparecido. Você sentir-se-á bem disposto e, mesmo que resolva dormir um pouco,

será difícil. O que aconteceu? Só existiam duas possibilidades, e através da fricção, entre as duas possibilidades, uma energia foi criada.

A energia é sempre criada através da fricção. Toda a ciência depende de se criar uma fricção a partir da qual a energia será criada. Todos os dínamos são apenas técnicas de fricção para criar uma luta, uma guerra entre duas coisas.

Uma guerra é criada quando seu corpo quer dormir e você não quer. A fricção acontece e muita energia é gerada.

Na fricção, você não pode se render, porque se isso acontecer seu corpo terá vencido a batalha contra a consciência, o que será muito ruim para você. Por isso, só inicie uma fricção se a mente estiver determinada a não se render. Caso contrário, será melhor nem tentar. Os métodos de fricção são perigosos: ao iniciá-lo, é preciso vencer, porque senão você perderá a confiança em si mesmo.

Sua consciência se enfraquecerá e seu corpo terá mais força sobre você. E se você for derrotado muitas vezes, cada vez será menor a possibilidade de vencer.

Ao usar qualquer método de fricção, faça dele um ponto de vitória. A batalha não pode ser perdida, você precisa vencê-la. Uma vez vencida, uma diferente camada de energia será encontrada. Então, você verá que a energia que existia na outra parte será absorvida pela consciência que se tornará mais forte até que, num certo momento, toda a energia do organismo terá sido absorvida pelo Eu.

Gurdjieff usou a fricção ao máximo e de maneiras inacreditavelmente perigosas. Quando já estava bem idoso, a poucos anos de sua morte, provocou um sério acidente de automóvel. Ele fez com que isso acontecesse — na realidade não foi um acidente. Não existem acidentes na vida de pessoas como Gurdjieff. Para quem é consciente, os acidentes não são possíveis.

Mas a pessoa pode permitir que aconteça, ou até provocar um — foi o que aconteceu com Gurdjieff.

Ele era um bom motorista e em toda sua vida nunca lhe acontecera um acidente. Era também um motorista audacioso; todas as pessoas que andavam de carro com ele ficavam nervosas a todo momento. Ele era absolutamente louco. Não acreditava em regras de trânsito ou em qualquer outra regra. Andava por todos os lados, sempre na velocidade máxima; e qualquer coisa era possível a qualquer momento — mas nunca lhe acontecera nada.

Numa manhã, ao sair de seu Ashram, em Fontainebleau, em direção a Paris, alguém lhe perguntou:

"Quando você volta?"

"Se tudo acontecer como estou pensando", respondeu ele, "pelo fim da tarde. Caso contrário, é difícil dizer."

Ao anoitecer, quando regressava, o acidente aconteceu. E foi tão sério que os médicos disseram que ninguém poderia ter sobrevivido. Era impossível! O carro partiu-se em pedaços.

Mas Gurdjieff foi encontrado. Tinha sessenta fraturas por todo o corpo — estava quase morto. Entretanto, encontraram-no perfeitamente consciente, deitado sob uma árvore, a vários metros do carro. Ele havia andado até ali e se deitado perfeitamente consciente. Ele pediu que não lhe aplicassem nenhuma anestesia — queria permanecer consciente. Esta foi a maior fricção que ele fez com seu corpo: o corpo chegou à beira da morte. Ele criou a situação e quis permanecer alerta.

Ele permaneceu alerta e, nesse momento, alcançou a maior concentração que pode acontecer a um homem: tornou-se centrado em sua consciência — a camada terrena foi completamente separada, tornou-se apenas um veículo: Gurdjieff podia usar esse veículo, mas não estava identificado com ele.

É isso que Jesus quis dizer quando falou:

"Eu trouxe o fogo, a espada, a guerra — embora os homens provavelmente pensem que eu tenha vindo para lançar a paz sobre a terra..."

"Desde que existam cinco numa casa: três estarão contra dois e dois estarão contra três; o pai contra o filho e o filho contra o pai; e eles permanecerão solitários."

"Desde que existam cinco numa casa..."

Isto é uma parábola: no seu corpo, existem "cinco numa casa" — os cinco sentidos, os cinco *indriyas*. Na realidade, internamente você possui cinco corpos porque cada sentido tem seu próprio centro. Cada sentido o manipula na sua própria direção. O olho diz: "Veja quanta beleza!" A mão diz: "Toque, é tão agradável!" O olho não está interessado em tocar; a mão não está interessada em olhar para uma pessoa bonita, para um corpo bonito ou para uma bela árvore.

Todos os cinco sentidos existem como cinco centros independentes e a mente é a coordenadora; é quem coordena os cinco. Ao olhar para mim e me ouvir, você está ouvindo pelos ouvidos e vendo pelos olhos. Os olhos nunca ouvem e os ouvidos nunca olham. Então, como você pode concluir que está vendo e ouvindo a mesma pessoa? A mente é a coordenadora, é como um computador: combina o que é captado pelos ouvidos e pelos olhos e lhe dá a conclusão.

Gurdjieff usou o método das fricções, assim como Jesus — e os que conhecem os segredos mais íntimos da vida de Jesus dizem que ele não foi crucificado, mas que fez com que o crucificassem, da mesma maneira que Gurdjieff fez acontecer o acidente de carro. Ele dirigiu sua crucificação — ele mesmo montou o drama.

Os crucificadores pensaram que o estavam matando, mas um homem como Jesus não pode ser forçado a morrer. Ele poderia ter escapado com facilidade porque todos sabiam que ele ia ser preso. Poderia ter saído da capital ou do país, não havia nenhum

problema, mas ele foi para a capital. Diz-se que ele planejou tudo e que Judas não era seu inimigo mas sim o amigo que o auxiliou a ir para a prisão. Tudo o que aconteceu foi dirigido e controlado por Jesus.

O que aconteceu na cruz foi a última guerra interior, a última grande fricção: enquanto estava morrendo, mas não perdendo a confiança no Divino; enquanto a terra estava voltando para a terra; enquanto a divisão estava sendo absoluta, total — ele permaneceu totalmente não-identificado. Ele permitiu tudo.

Gurdjieff também costumava dizer que a crucificação de Jesus foi um drama e que o autor desse drama, na realidade, não foi Pôncio Pilatos, nem os sacerdotes judeus, mas o próprio Jesus. Ele o dirigiu tão bem que até hoje ninguém sabe exatamente o que e como aconteceu.

Você não é capaz de se imaginar planejando sua própria crucificação, mas isto é que é religião: planejar a própria crucificação. Chegar à cruz é atingir o clímax da fricção — onde está a morte.

Jesus disse: "Desde que existam cinco numa casa: três estarão contra dois e dois contra três..."

A fricção deve ser criada. Os sentidos têm de lutar e a luta deve ser consciente. Os sentidos lutam constantemente, mas não de um modo consciente. Você dorme enquanto a luta continua. Os olhos estão em constante luta contra os ouvidos e os ouvidos contra os olhos porque são competidores.

Você já observou que a capacidade auditiva dos cegos é muito maior que a das pessoas que enxergam? É por isso que os cegos tornam-se bons músicos e cantores. Por que isso acontece? Eles possuem uma capacidade maior para o som, para o ritmo; uma sensibilidade maior nos ouvidos. Por que? Porque os olhos não estão competindo; a energia que deveria estar sendo usada para

enxergar é utilizada para ouvir — os olhos não estão competindo mais.

Seus olhos consomem oitenta por cento da sua energia, deixando apenas vinte por cento para os outros quatro sentidos que estão famintos, que estão em constante luta. Os olhos tornaram-se os mais fortes, a força ditatorial. Você vive através dos olhos e alguns sentidos chegam a morrer completamente. Algumas pessoas não conseguem sentir odores, este sentido está totalmente morto; mas elas nem se preocupam — não têm consciência de que não possuem olfato. Os olhos derrotaram o nariz porque eles estão tão perto um do outro que os olhos o exploraram totalmente. As crianças possuem olfato, mas aos poucos, começam a perdê-lo porque os olhos necessitam cada vez de mais energia. Eles transformaram-se no centro do seu ser e isso não é bom.

Os métodos de fricção põem os sentidos uns contra os outros. Existem escolas e métodos onde os pesquisadores eliminam um sentido em favor dos outros; criam uma luta. Em muitos desses métodos, o pesquisador permanece com os olhos fechados durante vários meses. A energia começa a movimentar-se e você pode senti-la. Se ficar com os olhos completamente fechados durante três meses, sentirá a energia dos olhos movendo-se continuamente em direção ao nariz, aos ouvidos — poderá voltar a sentir odores, seu olfato voltará. Se você fechar os ouvidos por três meses e só enxergar, sem ouvir absolutamente nada, sentirá um constante fluxo de energia em movimento.

Se puder observar a luta dos sentidos, então você se separará deles porque será apenas um expectador. Já não será mais os olhos, nem os ouvidos, nem as mãos, nem o corpo — será apenas um expectador. A luta continuará dentro do seu corpo, mas você será só um expectador. Este é o significado, o significado mais alto da parábola. Mas ela é verdadeira também num outro sentido.

"Desde que existam cinco em uma casa: três estarão contra dois e dois contra três; o pai contra o filho e o filho contra o pai; e eles permanecerão solitários".

Num outro sentido, isso também é verdadeiro. Numa família de cinco pessoas, três estarão contra dois e dois contra três. Para a família, o religioso dá início a uma fricção, é um perigo. A família pode tolerar qualquer coisa, exceto a religião porque quando alguém se torna religioso não se identifica mais com o corpo.

A família relaciona-se através do corpo: seu pai é seu pai por causa do seu corpo. Se você pensar que é seu corpo, então estará relacionado com seu pai. Mas se descobrir que não é o corpo, quem será seu pai? Como relacionar-se com ele? Sua mãe deu nascimento ao seu corpo, não a você. Ao identificar-se com o corpo, você pensa que ela deu a luz a você. Mas quando não está mais identificado com o corpo, quando esta identificação desaparece, quem é sua mãe? Ela não deu a luz a você, mas sim a esse seu corpo que um dia morrerá. Portanto, ela não lhe deu a vida. Pelo contrário, deu-lhe mais uma morte. Seu pai não lhe deu a vida, deu-lhe mais uma morte. Seu pai não lhe deu a vida, deu-lhe mais uma possibilidade de morrer. Ao não se identificar com o seu corpo, você se separa da família, torna-se desarraigado.

A família é capaz de tolerar o fato de você procurar uma prostituta. Está bem, não há nada de errado; pelo contrário, porque neste caso você está se identificando ainda mais com o corpo. Se você se torna um alcoólatra, um bêbado, está bom porque também está se identificando mais e mais com o corpo. Nada disso está errado. Mas se você medita, se você é um sannyasin, isto não é bom. Isto é difícil porque então você fica desarraigado da família. Ela já não tem poder algum sobre você; você já não faz parte dela porque já não faz parte deste mundo.

Assim, Jesus diz: "O pai estará contra o filho e o filho contra o pai. Eu vim para romper, para dividir, para criar conflito e fricção".

Isto é verdade. Muitas pessoas veneram a Buda. Mas pergunte ao pai dele — ele está contra Buda. Pergunte aos parentes de Buda — eles estão contra ele — porque esse homem saiu fora do controle da família, da sociedade.

A família é a unidade básica da sociedade. Ao sair da sociedade, é preciso sair da família também. Mas isso não quer dizer que você tenha de odiá-los — não é esse o ponto. A separação acontece de qualquer maneira, mais cedo ou mais tarde: quando você começa a encontrar a si mesmo, todo o seu passado tem de ser abandonado; o caos começa a existir. Então, o que fazer? A família o puxará para trás, tentará trazê-lo de volta, fará qualquer coisa para conseguir isso. O que fazer então?

Existem dois caminhos: um, é o velho meio de escapar: abandonar a família sem lhes dar nenhuma oportunidade. Mas eu acho que este não é o mais aplicável. O outro, é estar com eles, mas como um ator: é não dar demonstrações de que você está caminhando para além deles. Caminhe! Deixe que a sua jornada interior aconteça. Mas, exteriormente, preencha todas as formalidades: toque os pés de seu pai e de sua mãe e seja um bom ator.

O velho caminho não pode ser usado por muitas pessoas. É por isso que a terra não pode se tornar religiosa — quantas pessoas poderiam sair da sociedade? E mesmo que saíssem, a sociedade teria de cuidar delas. Quando Buda esteve aqui, ou Mahavir, ou Jesus, milhares de pessoas deixaram suas famílias. Mas apenas alguns milhares — outros milhões de pessoas ficaram para trás e tiveram de cuidar deles. Se esse for o único meio, o mundo não poderá tornar-se religioso. Mas existe um modo mais bonito e esse modo é tornar-se um bom ator.

Um sannyasin precisa ser um bom ator. Ser um bom ator significa para mim não estar mais relacionado, mas continuar preenchendo as formalidades. Estar interiormente desarraigado, mas não dar nenhum sinal disso. E qual é a utilidade de se dar esse sinal; se você o der, eles começarão a tentar mudá-lo. Não lhes dê nenhuma chance; deixe que isto seja uma jornada interior. Exteriormente, seja completamente formal. Assim, eles ficarão felizes porque vivem apenas de formalidades, vivem do lado de fora, não precisam de sua devoção interna, não precisam do seu amor interior — para eles, a representação é suficiente.

São estes os dois caminhos: um é o de Buda e Jesus; o outro é o de Janak e o meu. Esteja você onde estiver, não crie nenhuma representação externa de que está mudando e tornando-se um religioso porque isto poderá criar problemas e você pode não estar suficientemente forte para enfrentá-los. Crie o conflito dentro de si, mas não o crie fora. O conflito interno é mais do que suficiente; ele lhe trará o crescimento e a maturidade necessários.

"... o pai contra o filho e o filho contra o pai. E ambos permanecerão solitários".

Esta palavra "solitário" deve ser muito bem entendida. Quando alguém se torna religioso, torna-se um solitário. A sociedade já não existe; ele está só. E aceitar a solidão é a grande transformação que pode lhe acontecer porque a mente tem medo de estar só, a mente precisa de outras pessoas para se agarrar, para se prender.

Sozinho, você sente um temor, um medo começa a tomar conta do seu ser; estando só, imediatamente você corre para a sociedade — ao clube, à conferência, à seita, à igreja: para qualquer lugar onde encontre a multidão, onde possa sentir que não está só, onde possa se perder na multidão. É por isso que a multidão se torna tão importante: ir à corrida de cavalos, ir ao cinema — a

qualquer lugar onde haja multidão para que você não se sinta solitário, para que você possa relaxar.

Entretanto, um homem religioso é um solitário porque está tentando alcançar o pico mais alto. Ele não se perde nas outras pessoas. Tem de recordar-se, tornar-se mais cuidadoso, tornar-se mais consciente e alerta — e tem de aceitar a verdade. E a verdade é esta: todos são sós e não existe nenhuma possibilidade de qualquer relacionamento. Sua consciência é um pico solitário e esta é a beleza; não há nada a temer. Imagine o Everest no meio de uma multidão de Everests — toda a sua beleza estaria perdida. O Everest é belo e desafiador porque é único, porque é um pico solitário. Um homem religioso é como o Everest: um pico solitário, único, que vive e desfruta disso.

Isto não significa que ele não se movimente na sociedade. Não significa que ele não ame. Pelo contrário, só então ele pode amar, só então ele pode movimentar-se na sociedade porque só então ele é. Você não é — então, como pode amar? O religioso pode amar porque seu amor não é como uma droga que entorpece. Ele não se perde. Pode distribuir, pode dar-se completamente e mesmo assim permanecer íntegro. Ele pode dar-se e ainda assim não estar perdido porque sua consciência permanece no pico mais interno. E aí, nesse santuário, ele permanece só; ninguém entra, ninguém pode entrar aí.

No mais profundo centro do seu ser, você é só — existe a pureza da solidão, — a beleza da solidão...

Mas você sente medo. Por ter vivido na sociedade — por ter nascido nela, por ter sido trazido para ela — esqueceu-se completamente de que também pode ser só. Assim, mover-se por alguns dias dentro da solidão, simplesmente sentir sua solidão, é belo. Depois vá ao mercado, mas leve sua solidão com você. Não se perca. Permaneça consciente e alerta.

Movimente-se na sociedade, caminhe no meio da multidão. Mas esteja só. Se quiser, poderá estar só no meio de uma grande

multidão. Mas se quiser, poderá também estar no meio de uma grande multidão mesmo estando só. Poderá ir para o Himalaia, ficar lá sentado, e pensar no mercado — você estará no meio da multidão.

Certa vez, Junnaid veio sozinho procurar por seu Mestre que se encontrava sentado no templo. Ao entrar no templo, o Mestre lhe disse:

"Junnaid, venha só! Não traga a multidão com você"

Junnaid é claro, olhou para trás porque achou que devia ter mais alguém junto com ele. Mas não havia ninguém. O Mestre riu e disse:

"Não olhe para trás, olhe para dentro".

Junnaid fechou os olhos e viu que o Mestre estava certo. Ele havia deixado sua esposa, mas sua mente estava presa nela; havia deixado seus filhos, mas a imagem deles ainda estava presente; e os amigos que tinham vindo despedir-se dele ainda permaneciam em sua mente. O Mestre lhe disse:

"Saia e volte só. Como é que eu posso conversar com toda essa multidão?"

Junnaid teve de esperar fora do templo durante um ano para estar livre "dessa multidão". Depois de um ano, o Mestre o chamou:

"Agora você está pronto, Junnaid. Entre. Agora você está só e o diálogo é possível".

Você pode carregar a multidão: mas pode também estar na multidão e mesmo assim estar só. Tente isto: na próxima vez que estiver no meio de uma grande multidão, numa grande loja ou supermercado, sinta-se só — você é só; por isso não haverá problema, você conseguirá sentir-se assim. E se você conseguir, tornar-se-á um solitário. Jesus disse que veio para torná-lo solitário, para que fique só.

"Eu lhes darei o que os olhos não viram, o que os ouvidos não ouviram, o que as mãos não tocaram e o que não surgiu no coração do homem".

Seus olhos podem ver tudo o que está fora, mas não o que está dentro, não há como. Seus ouvidos podem ouvir o que está fora, mas não o que está dentro, é impossível. Eles são externos. Todos os sentidos são externos. Não existe nenhum que seja interno. Por isso, quando todos os sentidos param de funcionar, de repente, você está voltado para o interior. Não existe nenhum sentido que esteja voltado para o interior.

Jesus disse: "Eu lhes darei o que os olhos não viram — mas antes, torne-se um solitário". E é isso que significa ser sannyasin: um solitário. Antes, torne-se um sannyasin, compreenda que é só — seja conforme essa solidão. Não tenha medo. Em vez disso, desfrute-a, veja o quanto é belo o silêncio, a pureza e a inocência. Aí não existe mácula porque ninguém penetrou nesse santuário. Ele é eternamente puro, é virgem, ninguém esteve aí.

Sua virgindade está oculta em seu ser. Torne-se um sannyasin, um solitário. Jesus disse: "Eu lhes darei o que os olhos não viram...". Quando você se torna solitário, um só, de repente, compreende o que nenhum olho pode ver, o que nenhum ouvido pode ouvir e o que nenhuma mão pode tocar. Quem pode tocar o Eu? Você pode tocar o corpo, mas não o Eu. A mão não pode entrar na sua consciência — não existe como.

A última frase é a mais bela já proferida por uma pessoa nesta terra:

"... e o que não surgiu no coração do homem."

Porque a alma está além até mesmo do coração. É claro que o coração é algo profundo. Mas em relação à alma, ele é exterior, está

na superfície, também é exterior, não é interior. As mãos estão no exterior, os olhos estão no exterior, o coração também está no exterior, na periferia. O centro mais interior do ser não é nem mesmo o coração. A fome surge no seu corpo, o amor surge no seu coração — mas não a prece. A prece é ainda mais profunda, mais profunda que o coração.

A fome é uma necessidade física; o amor é uma necessidade do coração; Deus é uma necessidade do Além, não é nem mesmo do coração. A mente deve ser transcendida e o coração também. É preciso transcender toda a periferia para que apenas o centro permaneça.

E o que não surgiu no coração do homem? Deus não surgiu no coração do homem. A ciência surge na mente, assim como a filosofia. No coração, a arte, a poesia — mas não a religião. A religião surge de uma camada mais profunda, da mais profunda, além da qual não há nenhuma meta; surge do seu próprio centro que não é nem mesmo o coração.

"Eu lhes darei... o que não surgiu no coração do homem".

Mas o que está além, muito além. O que você não pode tocar, nem ver, nem ouvir e nem mesmo sentir. Aqui, Jesus transcende até os místicos do coração.

Existem três tipos de místicos: primeiro, os místicos da mente que falam em termos de teologia, de filosofia, que possuem provas para Deus. Mas não existe absolutamente nenhuma prova ou tudo é uma prova. Não existe nenhuma necessidade de se provar e você não é absolutamente capaz disso porque todas as provas podem ser refutadas, podem ser provadas ao contrário. Depois, existem os místicos do coração: falam do amor, do Bem-Amado, do Divino, de Krishna; falam por música ou por poesia — são românticos. A busca desses homens é mais profunda do que a daqueles que procuram através da mente, mas ainda não chegaram ao centro.

Jesus disse: "Eu lhes darei algo que não surgiu nem mesmo no coração, algo que nenhuma teologia consegue alcançar e nenhuma poesia chega a vislumbrar. Algo que nem a lógica, nem o amor podem tocar — eu lhes darei o que não surgiu no coração do homem".

Esta é a mais profunda, é a mais recôndita possibilidade — e Jesus a abre. Mas os cristãos a perderam. Começaram a inventar teorias em torno disso, fizeram disso um passatempo mental — não apenas um passatempo do coração, mas mental. Os cristãos produziram grandes teólogos. Veja Tomás de Aquino e sua Suma Teológica: centenas de volumes sobre teologia. Mas eles perderam porque Jesus não está na mente. E por causa desses teólogos intelectuais, os místicos que confiavam no coração, que estavam um pouco mais além, foram banidos da Igreja. Eckhart e Francisco foram banidos. Foram considerados tolos, ou quase loucos, ou mesmo hereges — porque falaram do coração, falaram do amor.

Mas tanto os teólogos como os místicos do coração perderam Jesus — porque ele não pode ser compreendido nem pela mente nem pelo coração — Jesus não pode ser compreendido por coisa alguma. Ele simplesmente fala através de todos os sentidos, através de tudo o que é externo e chega ao âmago onde apenas você está, onde apenas seu ser pulsa, onde apenas a Existência está presente. Você pode alcançar esse ponto e, se alcançar, todos os mistérios lhe serão revelados, todas as portas lhe serão abertas. Mas, mesmo estando diante da porta, você não pode entrar. Se você se orientar pela mente permanecerá diante da porta teorizando ou então poderá também permanecer diante dela fazendo poesias — falando em rimas e cantando.

Ouvir contar que Mulla Nasrudin foi ao psiquiatra e disse:

"Eu estou muito confuso, faça alguma coisa. Minha vida está impossível! Tenho tido um sonho que se repete todas as noites. Sonho que estou diante de uma porta tentando empurrá-la o tempo

todo. Existe algo escrito na porta, um sinal, e eu continuo empurrando. Todas as noites eu acordo transpirando e a porta nunca se abre".

O psiquiatra começou a anotar tudo o que ele dizia. Depois de ouvir durante meia hora, perguntou:

"Agora diga-me, Nasrudin, o que está escrito nessa porta, que sinal é esse?"

Nasrudin respondeu:

"Está escrito: Puxe!"

Se na porta está escrito "Puxe", não continue empurrando. Caso contrário, terá um sonho repetitivo, empurrará eternamente! Não existe nenhum problema. Simplesmente veja o que está escrito na porta. E Jesus disse que mente e coração não estão escritos na porta, mas sim algo que está além de ambos.

Assim, faça uma coisa: vá além. Não seja vítima da lógica do intelecto; nem se torne vítima das emoções, dos sentimentalismos. A mente está no corpo e o coração também — esteja além dos dois. O que está além? Apenas a existência, simplesmente você.

Ser está além de qualquer atributo. Esse simples "ser" é *dhyāna*, é meditação — e é isto que está escrito na porta. Quando você simplesmente é, de repente, a porta se abre.

Quando nenhuma emoção, nenhum pensamento, nenhuma nuvem estiver ao seu redor, quando nenhuma fumaça estiver ao redor da chama — apenas a chama — você já entrou!

"... e o que não surgiu no coração do homem"... Eu lhe darei.

TERCEIRO DISCURSO

23 de agosto de 1974 Poona, Índia.

Jesus disse:

*Tomei minha posição no meio do mundo.
Tornei-me homem e apareci diante deles.
Encontrei-os todos bêbados E nenhum estava com sede.
Minha Alma afligiu-se pelos filhos dos homens
porque seus corações estão cegos e não podem ver
que vazios vieram ao mundo
e vazios procuram sair dele novamente.
Mas agora eles estão bêbados. Quando tiverem se
livrado de seus vinhos então se arrependerão.*

Jesus disse:

*Se a carne veio à existência por causa do espírito,
é uma maravilha;
mas se o espírito veio à existência por causa do corpo,
é a maravilha das maravilhas.
E eu me maravilho de como essa grande riqueza fez
seu lar em tão grande pobreza.*

Jesus, Buda ou qualquer outra pessoa desperta encontrará todos vocês embriagados. A embriaguez pode ser de muitos tipos, mas está sempre presente. Você não está alerta, não está acordado, apenas pensa que está — seu sono continua do nascimento até a morte.

Gurdjieff costumava contar uma pequena estória: era uma vez um homem que possuía milhares de ovelhas e tinha sempre problemas, porque elas podiam se extraviar e serem vítimas de animais selvagens. Então ele consultou um sábio. Este lhe sugeriu que tivesse cães de guarda. Assim, o homem adquiriu centenas de cães para tomar conta das ovelhas. Eles não permitiam que as ovelhas se extraviassem e quando alguma tentava fugir eles a matavam.

Aos poucos, os cães foram se acostumando a matar e começaram a assassinar as ovelhas — tornaram-se perigosos. Então, outra vez o homem procurou pelo sábio e lhe disse: "Eles se tornaram perigosos, os protetores tornaram-se assassinos."

Isso sempre acontece — basta ver os políticos: eles são os protetores, os cães de guarda, mas, uma vez no poder, começam a matar.

O sábio disse: "Então só existe um jeito; irei até lá." Ele foi, hipnotizou todas as ovelhas e lhes disse: "Vocês estão acordadas, alertas, completamente livres. Não são propriedade de ninguém." As ovelhas permaneceram nesse estado hipnótico e nunca mais fugiram. Elas não podiam escapar porque não estavam em nenhuma prisão e acreditavam serem donas, senhoras de si mesmas. Quando uma delas era morta pelo dono, as outras pensavam: "Esse é o destino dela, não o meu. Ninguém pode me matar. Eu tenho um ser imortal, sou totalmente livre, não preciso fugir." Deste modo não houve mais necessidade de cães de guarda e o dono pôde se tranquilizar porque as ovelhas estavam hipnotizadas.

Elas viviam semi-adormecidas, e esse é o estado em que você se encontra — no qual Jesus o encontrou, no qual eu o encontro. Mas ninguém o hipnotizou — isto é uma auto-hipnose: você é tanto o sábio que hipnotizou as ovelhas, como a ovelha que foi hipnotizada — você se auto-hipnotizou.

Existe um método de auto-hipnose: se você tiver continuamente um único pensamento, será hipnotizado por ele; se olhar continuamente para uma só coisa, será hipnotizado por ela. Se insistir continuamente numa só coisa, será hipnotizado por ela.

Certa vez um poeta francês foi aos Estados Unidos. Estava passeando por Nova Iorque e o guia o levou ao Empire State Building, o poeta parecia atônito. Olhou muitas vezes para o edifício e disse: "Isso me lembra sexo."

O guia ficou intrigado. Já tinha visto as mais diferentes reações, mas essa era totalmente nova. Jamais alguém havia comentado, olhando para o Empire State Building, que ele lembrava sexo. Então, perguntou ao poeta: "Se você não se ofende, por favor, diga-me por que ele lhe lembra sexo?"

O francês respondeu: "Todo ele!" (me lembra sexo).

Se você pensar em sexo continuamente, tornar-se-á hipnotizado — então tudo será sexual para você. Mesmo que vá a um templo ele lhe lembrará sexo. A questão não é aonde você vai, porque sua mente estará sempre presente e ela cria um mundo à sua volta. Uma pessoa está hipnotizada pelo sexo, outra pela riqueza, outra pelo poder — mas todas estão hipnotizadas. E ninguém o hipnotizou; você é que fez isso por si mesmo; é trabalho seu.

Você tem feito isso há tanto tempo, que se esqueceu completamente de que é o sábio e a ovelha. Uma vez que um homem descobre: "Eu sou o sábio e a ovelha", então as coisas começam a mudar, porque a primeira centelha de transformação

aconteceu. Agora você não poderá nunca mais ser o mesmo de antes, porque a hipnose começou a se quebrar. Aconteceu uma ruptura — algo da consciência o penetrou.

Você pode ter diferentes objetos de hipnose — descubra qual é o principal objeto da sua hipnose, o que mais o atrai, aquele que se tornou o ponto focal do seu ser. Olhe, então para ele e veja como você foi hipnotizado por ele.

A técnica da hipnose é a repetição: olhar ou pensar continuamente em alguma coisa. Se você for a um hipnotizador, ele dirá: "Você está adormecendo, adormecendo, adormecendo..." E continuará repetindo a mesma coisa em voz monótona. Logo você estará dormindo profundamente. Ele não fará mais que repetir continuamente a mesma coisa. Ouvindo a mesma coisa repetida e repetida, você adormecerá. Você terá hipnotizado a si mesmo.

Lembre-se disso, porque é isso que você faz continuamente, a sociedade também. Todo o mecanismo de propaganda consiste na repetição. Os políticos repetem sempre determinadas coisas. Ficam repetindo e nem se preocupam se os outros estão ou não escutando. Escutar não é o que importa, porque apenas com a repetição, aos poucos você se convencerá, será persuadido. Não pela lógica, nunca racionalmente — eles nunca argumentam com você — mas apenas pela repetição você será hipnotizado.

Hitler repetiu continuamente: "Os judeus são a razão da miséria e do declínio da Alemanha. Se eles forem destruídos, não haverá mais problemas. Vocês são os senhores do mundo, são a raça especial; vieram ao mundo para dominar — são a Raça Superior." No começo, nem seus amigos acreditavam nisso. Assim como ele também não acreditava, porque era uma mentira evidente.

Mas, depois de investir tanto, aos poucos, o povo começou a acreditar — estava hipnotizado. E quando outras pessoas ficaram hipnotizadas, Hitler também ficou hipnotizado pelo pensamento de que deveria haver alguma verdade no que dizia: "Quando milhões de pessoas acreditam numa mesma coisa deve haver alguma

verdade nela". Então seus amigos começaram a acreditar e isso tornou-se uma hipnose recíproca; toda a Alemanha entrou nela.

E uma das raças mais inteligentes comportou-se de um modo tão idiota. Por quê? O que aconteceu à mente alemã? Apenas repetição, propaganda. Hitler escreveu em sua autobiografia, "*Mein Kampf*", que existe um processo simples de transformar uma mentira em verdade — é só repeti-la continuamente — e ele sabia disso por experiência própria. Ao repetir continuamente uma determinada coisa, como por exemplo fumar, fumar diariamente, isso se toma uma hipnose. Então, mesmo sabendo que é uma coisa inútil, fútil, tola, perigosa à saúde, nada pode ser feito, porque já se tornou uma auto-hipnose.

A mulher de Mulla Nasrudin estava lendo um artigo contra fumo. Os especialistas haviam chegado a uma conclusão de que o câncer, a tuberculose e outras doenças podem ser provocadas pelo fumo. Nasrudin ouviu e disse:

"Pare com essa insensatez! É tudo besteira, e eu lhe digo: pretendo continuar fumando até morrer!"

A mulher, desanimada, disse:

"Está bem, faça como quiser. Mas o que o faz pensar que se morrer vai parar de fumar?"

Na realidade, quando você está sob hipnose, ela não cessa nunca. A morte não faz muita diferença: na próxima encarnação recomeçará novamente da mesma forma, porque a vida seguinte começa de onde a última parou; é uma continuidade. Quando uma criança nasce, não é realmente criança, é muito, muito mais velha; é muito antiga. Ela traz consigo todos os seus *karmas* anteriores, todos os *Samskaras* e condicionamentos. Começa como um homem velho — já tem suas hipnoses. É isso que os Hindus chamam de *samskaras*, *karmas*.

Que são *karmas*? Qual é o significado profundo da teoria do *karma*? *Karma* é um método de auto-hipnose. Se você repetir uma ação continuamente, tornar-se-á hipnotizado por ela. Então o *karma*, a ação, será o senhor e você apenas um escravo.

O que você ganhou através do sexo? Ganhou alguma coisa? Ou ele é apenas uma repetição? Você o tem repetido há tanto tempo, que se parar agora sentirá que você está perdendo alguma coisa. E, se continuar, sentirá que nada ganhou. Se nada se ganha pela continuação, nada se perde com a paralisação. Então, por que você sente que se parar estará perdendo algo? É apenas o velho hábito, um *Samskaras*, um condicionamento, um *karma*. Você o tem repetido tantas vezes, que se tornou um hipnotizado por ele. Agora tem de repeti-lo, tornou-se uma obsessão, é compulsivo.

Observe uma pessoa que come sem parar: ela sabe que isso é mau, sofre com isso, está continuamente doente; mas, mesmo assim, senta para comer e não consegue fazer nada, é compulsivo. Por que é uma compulsão? Porque ela fez isso por tanto tempo, que se tornou hipnotizada. Está embriagada.

Uma noite, Mulla Nasrudin chegou em casa muito tarde, devia ser três horas da madrugada. Bateu na porta. Sua mulher estava zangada, mas Mulla disse:

"Espere! Antes me dê um minuto para explicar, depois você começa. Eu estava com um amigo muito doente".

Sua mulher disse:

"Essa é boa — mas diga-me o nome desse seu amigo".

Mulla Nasrudin pensou, e então disse triunfante:

"Ele estava tão doente que nem pôde me dizer o nome!"

A mente, se está embriagada, pode encontrar desculpas, mas todas são falsas como essa: "Meu amigo estava tão doente, que não pôde me dizer seu nome". Você encontrará desculpas para o sexo, para o cigarro, para a sua cobiça de poder, mas todas elas são falsas.

A realidade é que você não está pronto para reconhecer que essas coisas se tornaram compulsivas, que está obcecado, hipnotizado.

Foi isso que Jesus encontrou: todo mundo embriagado e profundamente adormecido. Você não pode perceber isso, porque você mesmo está adormecido. A menos que acorde, não pode se tornar consciente do que está acontecendo a sua volta. O mundo todo se move em sonambulismo. É por isso que existe tanta miséria, tanta violência, tanta guerra. São desnecessárias, mas tem de ser assim, porque as pessoas estão adormecidas, embriagadas: não podem ser responsáveis por nada. Se alguém perguntar a Jesus o que deve fazer para mudar esse estado de coisas, ele dirá: "Você não pode fazer nada, a menos que se torne consciente". O que você pode fazer? O que pode fazer um homem — que dorme profundamente — para mudar seus sonhos?

As pessoas traziam o mesmo tipo de perguntas a Gurdjieff — e Gurdjieff é o maior representante de Jesus nesta época, não o Papa do Vaticano. Ele é o mais representativo, porque acreditava e utilizava os mesmos métodos de fricção que Jesus empregou. Criou muitos tipos de cruces para as pessoas se crucificarem e serem transformadas. Gurdjieff costumava dizer também que você não pode fazer nada a menos que SEJA. Se você não está acordado, não está presente, se apenas crê que está. Essa crença não o ajuda em nada.

Agora veja essas palavras. São todas muito altas, superiores, muito significativas e podem tornar-se uma luz no seu caminho. Lembre-se delas!

"Jesus disse: Tomei minha posição no meio do mundo; tornei-me Homem e apareci diante deles. Encontrei-os todos bêbados; e nenhum estava com sede".

Jesus nunca renunciou ao mundo, permaneceu no meio de todos nós. Ele não era um escapista: andou pelos mercados, conviveu no meio da multidão. Conversou com prostitutas, trabalhadores, lavradores e pescadores. Ele não abandonou o mundo, ficou aqui, no meio de vocês. Conheceu o mundo melhor que qualquer pessoa que fugiu dele.

Não é de surpreender que a mensagem de Cristo tenha se tornado tão poderosa. A mensagem de Mahavir nunca se tornou tão poderosa, mas Jesus converteu quase metade do Mundo. Por que? Porque ele permaneceu no mundo, entendeu o mundo — seus caminhos, o povo, a mente. Ele andou com homens, percebeu como agiam — adormecidos, embriagados — e começou a buscar meios para despertá-los.

Na última noite, quando Jesus foi preso, — ou se deixou prender — quando o último ato do drama estava sendo encenado, um discípulo estava com ele. Jesus lhe disse: "Esta é minha última noite; entrarei em profunda oração. Tenho de orar e você deve ficar vigiando. Não durma! Eu voltarei para ver — lembre-se, esta é minha última noite!"

Jesus saiu e voltou depois de meia hora. O discípulo dormia profundamente. Ele o despertou e disse: "Você está dormindo e eu lhe disse para vigiar, porque esta é minha última noite. Esteja alerta porque eu não voltarei aqui outra vez! Depois poderá dormir para sempre, se quiser. Mas enquanto eu estiver aqui, ao menos na minha última noite, esteja alerta!" O discípulo disse: "Desculpe-me! Senti tanto sono que não resisti. Mas agora tentarei ficar acordado."

Jesus entrou novamente em oração. Meia hora depois estava de volta e o discípulo dormia profundamente. Novamente o despertou e disse: "O que faz você? A manhã já está próxima e eu serei preso!" O discípulo respondeu: Desculpe-me, perdoe-me, a carne é tão forte e a minha vontade tão fraca, o corpo pesava tanto, que eu pensei: "O que há de errado em dormir um pouco?" Quando você voltasse eu já estaria acordado novamente."

Por três vezes Jesus voltou e o discípulo dormia. Essa é a situação de todos os discípulos. Muitas vezes eu tenho vindo a vocês e os encontro a todos adormecidos. Sempre que venho eu os encontro profundamente adormecidos. O sono tornou-se a segunda natureza. O que significa essa sonolência? Significa que você não têm consciência de quem é — então todas as suas ações são irresponsáveis. Você está louco e tudo o que faz, faz como um bêbado.

Mulla Nasrudin foi apanhado beijando uma mulher, uma estranha, no meio da rua. Foi preso e levado a julgamento. Quando saiu da corte, disse a um amigo: "Não foi nada fácil: primeiro, o juiz me multou em cinquenta rúpias pelo beijo — e depois que olhou para a mulher, multou-me em mais cinquenta por estar bêbado! Isto porque a mulher quase não era uma mulher — era tão feia que ninguém poderia beijá-la, a menos que estivesse bêbado!"

Vocês têm beijado as coisas mais feias possíveis. E isso só acontece, porque está bêbado e adormecido. Alguma vez já pensou nas coisas que o atraem? Como são feias! Você pode encontrar algo pior que o poder? Pode achar um homem pior que Hitler, Napoleão ou Alexandre? Mas você também ambiciona o poder; bem no fundo, gostaria de ser um deles: ter sucesso no mundo, ser poderoso na terra. Mas existe alguém mais feio que eles?

O poder é a coisa mais feia que existe, mas é o que todos ambicionam: dominar. Existe algo pior que a riqueza? Ela tem que ser feia, não pode ser bela, porque depende da exploração. Nela existe sangue, existe morte, porque só depois de muitos serem privados de suas vidas é que a sua conta bancária pode crescer. Não se pode encontrar nada mais feio que a riqueza, mas, no fundo, todas as pessoas a estão buscando.

Quando chegar o Dia do Juízo Final, primeiro você será multado em cinquenta rúpias e quando Deus olhar as coisas que

você tem beijado, será multado em mais cinqüenta. Verá que tem vivido embriagado, se não isso não seria possível.

Jesus disse: "Tomei minha posição no meio do mundo, tornei-me Homem e apareci diante deles."

Ele não era um espírito. Muitos mestres continuam nos visitando freqüentemente, em espírito. Buda ainda bate à sua porta, mas em espírito. Entretanto, se você não consegue ver uma pessoa que está encarnada, como poderá reconhecer Buda?

Neste século, quando Helena P. Blavatsky descobriu — ou redescobriu — a existência de Mestres em espírito que continuam trabalhando e auxiliando as pessoas que estão em busca de religião, ninguém acreditou nela. Achavam que estava enlouquecendo e diziam: "Queremos provas — onde estão esses mestres?" Um dos maiores sucessos da Teosofia foi a redescoberta dos Mestres porque nenhuma pessoa que se Ilumina deixa o mundo; não existe para onde ir. Esta é a única existência que há. Então ela permanece, mas sem corpo, o seu Ser continua agindo, auxiliando, porque essa é a sua natureza.

É como a luz: existe e está sempre iluminando tudo o que se encontra ao seu redor: Mesmo que um caminho esteja abandonado e ninguém passe por ele, a luz continua iluminando, porque esta é a sua natureza. Se alguém vier por esse caminho, ela estará presente e o guiará; não que ela tenha que fazer isso — é apenas sua natureza. Sempre que um ser se ilumina, torna-se um guia. Mas você não pode reconhecer um guia em espírito se não consegue reconhecer um guia encarnado.

Jesus diz: "Tornei-me Homem e apareci diante deles — eu estava encarnado, eles podiam me ver, podiam me ouvir, podiam me sentir, mas não o fizeram. Não o fizeram porque estavam todos bêbados. Na realidade, eles não estavam presentes, não tinham consciência. Bati em suas portas, mas não os encontrei em casa".

Se Jesus chegar e bater na sua porta, você estará presente para recebê-lo? Estará em qualquer outro lugar, pois nunca está em casa. Pode ser encontrado em qualquer lugar do mundo, menos na sua casa. Onde é a sua casa? Dentro de você, onde está o centro da consciência, aí é a sua casa. Mas você só está em casa quando entra em profunda meditação, aí pode reconhecer Jesus imediatamente — o fato de ele estar encarnado ou desencarnado, não faz diferença. Se estiver em casa, reconhecerá a batida. Mas, se não estiver, o que se poderá fazer? Jesus baterá e você não estará lá para recebê-lo. Esse é o significado da palavra "embriagado": não estar em casa.

Na realidade, sempre que você quer se esquecer de si mesmo, toma álcool ou drogas. A bebida significa esquecimento e a religião em seu todo consiste na recordação. É por isso que todas as religiões investem contra a bebida. Não que ela tenha em si alguma coisa errada; se você não estiver trilhando o caminho religioso, não há nada de errado nela. Mas se você está neste caminho, então não pode existir nada mais errado, porque este caminho consiste na recordação de si mesmo — e a bebida é o esquecimento.

Mas por que você quer se esquecer de si mesmo? Por que anda tão aborrecido consigo mesmo? Por que você não pode estar alerta e tranquilo? Qual é o problema? O problema é este: sempre que você está alerta, só, sente-se vazio; sente-se como se não fosse ninguém. Sente um nada dentro de si e esse nada se torna um abismo. Você se assusta e começa a fugir dele.

Bem no fundo, você é um abismo, e é por isso que continua fugindo. Buda chamou esse abismo de "não-eu", *Anatta*. Não há ninguém dentro. Quando você olha, vê uma vasta extensão, mas não há ninguém — apenas um céu interior, um abismo infinito, sem fim, sem começo. No momento em que o vê fica atordoado, começa a correr, foge imediatamente. Mas para onde poderá fugir? Onde quer que você vá, esse vazio o acompanhará, porque ele é você. É o seu *Tao*, a sua natureza. Você tem de encará-lo.

Meditar nada mais é que encontrar-se com o seu vazio interior: reconhecendo-o, não escapando, vivendo através dele, não escapando, sendo através dele, não escapando. Então, de repente, o vazio torna-se a plenitude da vida. Quando você não foge, ele é a coisa mais bela, a mais pura, porque só o vazio pode ser puro. Se algo existe dentro dele, é por que ele foi maculado; se existe qualquer coisa nele, então a morte entrou; se algo existe lá, então a limitação entrou. Se há alguma coisa nele, então Deus não pode estar. Deus significa o grande abismo, o supremo abismo. O abismo está presente, mas você nunca é treinado para olhar para dentro dele.

É exatamente como ir às montanhas e olhar para o vale: você fica atordoado. Então não quer olhar, porque um medo o invade — você pode cair. Mas nenhuma montanha é tão alta e nenhum vale é tão profundo quanto o vale que existe no seu interior. Sempre que você olhar para dentro, sente uma tontura, uma náusea — e imediatamente foge, fecha os olhos e começa a correr. Você tem corrido por milhões de vidas, mas não chegou a lugar nenhum, porque não pode.

É preciso encontrar-se com o vazio interior. Quando você mergulha nele, repentinamente o vazio muda sua natureza — torna-se o Todo. Então não é mais vazio, não é mais negativo; é a coisa mais positiva da existência. A aceitação é a porta.

É por isso que o álcool atrai a tantas pessoas — o LSD, a maconha, as drogas. E existem muitos tipos de drogas: físicas, químicas, mentais. A riqueza, o poder, a política — tudo são drogas.

Observe um político: está drogado, embriagado pelo poder; não caminha sobre a terra. Observe um homem rico: você pensa que ele caminha sobre a terra? Não, seus pés nunca tocam a terra, ele está muito acima, ele é rico. Só os homens pobres caminham sobre a terra, só os mendigos; os ricos voam pelo céu. Quando você se enamora, de repente, sente-se no céu; de repente deixa de ter os pés na terra — um romance começou. Toda a qualidade do seu ser se

modifica, porque agora você está embriagado. O sexo é o álcool mais forte que a natureza lhe deu.

Jesus disse: "Eu os encontrei todos bêbados; e nenhum estava com sede".

Isso deve ser entendido, é um ponto muito delicado: quando você está embriagado por este mundo, não pode ter sede de outro. Quando se embriaga com álcool ordinário, com vinho ordinário, não pode ter sede do Vinho Divino — é impossível!

Quando um homem não está embriagado por este mundo, a sede surge. E essa sede não pode ser satisfeita por nada que pertença a este mundo; só o Desconhecido pode satisfazê-la, só o Invisível pode satisfazê-la.

Então Jesus diz uma coisa muito contraditória: "Eu os encontrei todos bêbados e nenhum estava com sede". Ninguém sentia sede, por que eles pensavam que já tinham encontrado a chave, o Tesouro, o Reino. Então não havia mais o que procurar.

Deus é uma embriaguez de outro tipo. Kabir disse: "Aisi tacilagi — eu caí em tal embriaguez que agora nada pode perturbá-la; ela é eterna". Pergunte a Omar Khayyam, ele conhece, ele fala do Vinho do outro mundo. E Fitzgerald equivocou-se totalmente, porque Omar não está falando do vinho que você consegue aqui; está falando do Vinho Divino, que é o símbolo Sufi para deus. Quando Você se embriaga com Deus, então já não há mais sede.

Mas este mundo e seus vinhos podem lhe dar apenas um descanso temporário, intervalos temporários de esquecimento. E a diferença é diametral: quando uma pessoa se embriaga com o vinho de Deus, fica totalmente alerta, consciente, completamente desperta; quando alguém se embriaga com este mundo e seus vinhos, fica hipnotizado, dormindo, movimenta-se sonolentemente, vive num sono — toda sua vida é um longo sonho.

"Eu os encontrei todos bêbados; e nenhum estava com sede. E minha alma afligiu-se pelos filhos dos homens, porque seus corações estão cegos e não podem ver que vazios vieram ao mundo e vazios procuram sair dele novamente".

"E minha alma afligiu-se..." — Você não pode entender o sofrimento que acontece a um Jesus ou a um Buda quando olham para você, embriagado por este mundo e sem nenhuma sede pelo Divino, pela Verdade; vivendo em mentiras e acreditando nelas como se fossem verdades — perdendo-se por nada, perdendo tudo por nada. Então acontece que as menores coisas podem transformar-se em barreiras.

Certo homem estava muito doente. A doença era tão grave que ele sentia continuamente os olhos estourando e os ouvidos tinindo — o tempo todo. Aos poucos ele foi enlouquecendo, porque isso acontecia vinte e quatro horas por dia. Ele não podia dormir, não podia trabalhar; então foi consultar os médicos.

Um médico lhe disse: "Remova o apêndice" — e o apêndice foi removido, mas nada aconteceu. Outro sugeriu: "Extraia todos os dentes", e todos os dentes foram extraídos. Nada aconteceu; o homem simplesmente ficou mais velho. Então alguém sugeriu que suas amídalas fossem removidas (há milhões de pessoas que querem sugerir coisas e, se você lhes der ouvidos, acabarão matando-o). Suas amídalas foram removidas e tudo continuou como antes. Então ele consultou o médico mais famoso, o mais conhecido.

O doutor deu o seguinte diagnóstico: "Não se pode fazer nada, porque a causa não pode ser encontrada. Você viverá no máximo mais seis meses. Preciso ser franco com você, porque tudo o que podia ser feito já se fez. Não há mais nada a fazer."

O homem saiu do consultório e pensou: "Se eu só tenho seis meses de vida, então por que não vivê-los bem?" Ele era um

miserável, nunca tinha vivido; então comprou o carro mais caro e mais moderno, a casa mais bonita, encomendou trinta ternos e mandou fazer camisas novas sob medida.

Foi ao alfaiate tirar suas medidas e este lhe disse: "Trinta e seis de punho e dezesseis de colarinho".

O homem disse: "Não, quinze, eu sempre usei quinze".

O alfaiate mediu outra vez e disse: "Dezesseis!" O homem disse: "Mas eu sempre usei quinze." O alfaiate disse: "Está bem, seja como você quiser, mas eu lhe digo: você ficará com os olhos estourando e os ouvidos tinindo". — essa era a razão de toda a sua doença!

Você não está perdendo o Divino por grandes causas. Não! Apenas um colarinho quinze — e os olhos não podem ver, porque estão estourando; os ouvidos não podem ouvir, porque estão tinindo. A causa da doença do homem é simples, ele se viciou em coisas pequenas.

As coisas deste mundo são muito pequenas. Mesmo que você tenha um reino o que é isso? Uma coisa muito pequena. Onde estão os reinos que existiram na História? Onde está a Babilônia? Onde está a Assíria? Onde está o reino dos faraós? Todos desapareceram, são apenas ruínas — e esses reinos eram grandes. Mas o que foi que eles conseguiram? O que Gengis Khan conseguiu? O que Alexandre conseguiu? Todos esses reinos são apenas coisas triviais.

E você não sabe o que está perdendo — está perdendo o Reino de Deus. Mesmo que você obtenha sucesso, o que conseguirá através dele? Observe as pessoas de sucesso: o que elas alcançaram? Elas também estão em busca da paz mental — mais do que você. Também temem a morte, assim como você.

Se observar todos os momentos de uma pessoa bem sucedida, descobrirá que esses "deuses" também têm pés de barro. A morte os pegará. E todo o sucesso ruirá, toda a fama irá desaparecer. Todas as coisas parecerão um pesadelo: tanto esforço,

tanta miséria, tanta privação — e tudo perdido. No final, a morte chega e tudo desaparece como bolha de sabão. E por causa dessa bolha o eterno é perdido.

"E minha alma afligiu-se pelos filhos dos homens, porque seus corações estão cegos e eles não vêem que vazios vieram ao mundo e vazios procuram sair dele novamente".

Vazios vocês vieram, mas não exatamente vazios: cheios de desejos. Vazios sairão, mas não exatamente vazios: novamente cheios de desejos. Mas desejos são sonhos; e você permanece vazio. Os desejos nada têm de substancial em si. Você nasce vazio, move-se pelo mundo e acumula coisas apenas por achar que essas coisas irão preenchê-lo. Mas permanece vazio. A morte arranca tudo e novamente você vai para o túmulo — vazio.

Em que ponto chega toda essa vida? Qual o seu significado e qual sua conclusão? O que você adquire através dela? É essa aflição de Jesus ou de Buda ao olhar para os homens. Eles estão cegos, e por que estão cegos? Onde está essa cegueira? Não que eles não sejam espertos — são muito espertos, mais do que precisam, mais do que podem, mais do que é bom para eles. São excessivamente espertos, ladinos. Pensam que são sábios. Não que eles não possam ver, eles podem, mas só enxergam as coisas que pertencem a este mundo. Seus corações estão cegos, seus corações não podem ver.

Você pode ver com seu coração? Já viu alguma coisa com seu coração? Muitas vezes, você pensou: "O sol está nascendo e a manhã é linda". E acha que isso vem do coração. Não! Porque sua mente ainda está tagarelando: "O sol é belo, a manhã é bela" — você está simplesmente repetindo as idéias dos outros. Você já sentiu realmente que a manhã é linda — esta manhã, o fenômeno que está acontecendo aqui? Ou está simplesmente repetindo palavras?

Você se aproxima de uma flor. Aproxima-se realmente? A flor tocou seu coração? Ela atingiu o mais profundo do seu ser? Ou

você apenas olhou para ela e disse: "Ela é bonita, é bela!" Estas são palavras quase mortas porque não vêm do coração. As palavras nunca vêm do coração. Os sentimentos sim, mas não as palavras. As palavras vêm da mente, os sentimentos vêm do coração. Mas aí você está cego. Por que está cego no coração? Porque ele o conduz a caminhos perigosos.

Assim, ninguém se permite viver com o coração. Seus pais têm tomado cuidado para que você viva com a mente, não com o coração, porque o coração pode fazer você fracassar neste mundo. Ele faz isso; e, a menos que você fracasse neste mundo, nunca sentirá sede de outro mundo.

A mente conduz ao sucesso terreno. Ela é ladina, calculista, e manipuladora — e o conduz ao sucesso. Por isso, todas as escolas, todos os colégios e universidades lhe ensinam como ser mais "intelectual". As pessoas "intelectuais" conseguem obter medalhas de ouro. Elas são bem sucedidas e podem ter as chaves para entrar neste mundo.

Mas um homem de coração é um fracassado porque não pode explorar. Ele é tão amoroso que não pode explorar. É tão amoroso que não pode ser mesquinho, não pode acumular nada. É tão amoroso que anda distribuindo tudo; tudo o que ele obtém, dá, ao invés de arrancar das pessoas.

Ele é um fracasso. E é tão verdadeiro que não pode enganá-lo. É sincero, honesto, autêntico; é um estranho neste mundo, onde só as pessoas ladinas podem ser bem sucedidas. É por isso que os pais tomam cuidado para que o coração da criança torne-se cego, completamente fechado, antes que ela comece a se mover pelo mundo.

Você não pode orar, não pode amar. Ou pode? Você pode orar? Você pode — vá a uma igreja no domingo: as pessoas estarão rezando, mas tudo será falso, porque mesmo suas orações, vêm de suas mentes. Elas as aprenderam, não vêm do coração. Seus corações estão vazios, mortos, não sentem coisa alguma. As pessoas

"amam", casam-se e delas nascem as crianças — não nascem do amor. Tudo é calculado, aritmético. Você tem medo de amar, porque ninguém sabe até onde o amor poderá conduzi-lo. Ninguém sabe quais são os caminhos do coração; eles são misteriosos. Pela mente, você está no caminho seguro, na auto-estrada; pelo coração, move-se dentro da selva. Não existem estradas, nenhuma sinalização; é preciso encontrar o caminho por si mesmo.

Com o coração, você é individual, solitário; com a mente, é apenas parte da sociedade. A mente tem sido treinada pela sociedade, é parte dela. Com o coração você se torna um solitário, um marginal. Por isso, todas as sociedades procuram matar o coração.

Jesus diz:

"... porque seus corações estão cegos e não podem ver que vazios vieram ao mundo e vazios procuram sair dele novamente."

Só o coração pode ver o quanto você está vazio! O que ganhou? Que maturidade, que crescimento atingiu? A que êxtase chegou? — nenhuma bênção ainda. Todo o seu passado tem sido uma coisa apodrecida. E você tentará no futuro repetir o passado. O que mais pode fazer? É essa aflição de Jesus ou de Buda: sentir-se miserável por você.

"Mas agora eles estão bêbados. Quando tiverem se livrado de seus vinhos se arrependerão."

Isso diz respeito a VOCÊ. Não pense "neles" — "eles" significa Você: quando sair de sua embriaguez, se arrependerá.

Essa palavra arrependimento tornou-se muito significativa. Todo o cristianismo depende do arrependimento; nenhuma outra religião dependeu tanto do arrependimento. O arrependimento é

belo quando vem do coração, quando compreende que: "Sim, Jesus está certo, nós estamos desperdiçando nossas vidas".

Esse desperdício é o pecado — não o que Adão cometeu — esse desperdício da sua vida, das possibilidades, do potencial, da oportunidade de crescer, de tornar-se semelhante a Deus ou tornar-se deus. Você perde seu tempo com coisas frívolas, colecionando porcarias inúteis.

Quando você se tornar consciente, se arrependerá. E se esse arrependimento vier do coração, ele o purificará. Nada purifica como o arrependimento. Ele é um dos mais belos bens do cristianismo.

No hinduísmo não existe nenhum mistério sobre o arrependimento. Eles não acharam essa chave. Ela pertence unicamente ao cristianismo. Quando você se arrepende totalmente, de todo o coração, lamenta e chora. Quando todo o seu ser sente e se arrepende por estar perdendo esta oportunidade dada por Deus, quando você percebe que não tem sido grato, que tem se comportado mal, que tem desrespeitado seu próprio ser... você sente o pecado. Este é o pecado! — matar ou roubar, isso não é nada. Esses são pecados menores oriundos desse pecado original: estar embriagado. Quando você se arrepende totalmente, abre seus olhos e seu coração se enche de arrependimento. Então, um grito, um choro surge de todo o seu ser. Não há necessidade de palavras, não há necessidade de dizer a Deus: "Eu me arrependo, perdoe-me." Não há necessidade de nada, todo o seu ser torna-se um arrependimento. De repente você está redimido de todo o passado.

Essa é uma das chaves mais secretas que Jesus entregou ao mundo. Os Jainas dizem que é preciso muito trabalho para se redimir, que este é um longo processo: tudo o que você fez no passado tem de ser desfeito. Se cometeu um erro no passado, tem de desfazê-lo. Isso é matemático: se você cometeu um pecado, tem de fazer algo para equilibrá-lo. E os hindus dizem que você cometeu tantos pecados, que é tão ignorante, praticou tantas ações por

ignorância e o passado é tão vasto que não é fácil livrar-se dele. É necessário um árduo trabalho para que o passado seja limpo.

Mas Jesus nos deu uma bela chave. Ele disse: Arrependa-se e todo o passado será limpo! Parece algo inacreditável. Como isso pode acontecer? Essa é a diferença entre os hindus, budistas, jainas e os cristãos. Os hindus, os budistas e os jainas não acreditam que isso possa acontecer apenas pelo arrependimento porque não sabem o que ele representa. Jesus descobriu a chave do arrependimento, uma das mais antigas chaves.

Mas compreenda o que é o arrependimento. Dizer apenas palavras não significa nada; arrepender-se apenas com a metade do coração também não significa nada. Quando todo o seu ser se arrepende, quando todo o seu ser pulsa e você sente em cada poro, em cada fibra, que errou — e errou porque estava embriagado — então se arrepende e nesse momento a transformação acontece. O passado desaparece e a projeção do futuro pelo passado também desaparece; você é arremessado para o aqui e agora, é arremessado para o seu próprio Ser.

E pela primeira vez sente o nada interior. Ele não é negativamente vazio, é exatamente como um templo muito vasto, como o espaço... Você é perdoado. Jesus diz que você é perdoado no momento em que se arrepende.

O Mestre de Jesus foi João Batista. Todo o ensinamento de João Batista foi: "Arrependa-se! Porque o dia do Juízo está próximo!" Isto foi tudo o que ele ensinou. João Batista era um homem muito sábio, um grande revolucionário, e andou de um canto a outro do país apenas com esta mensagem: "Arrependam-se porque o Juízo Final está muito próximo!"

É por isso que os cristãos abandonam completamente a teoria da reencarnação. Não que Jesus não tivesse consciência da reencarnação — ele sabia, sabia muito bem que existe um ciclo contínuo de renascimentos. Mas abandonou completamente essa idéia para pregar o arrependimento na sua totalidade.

Se existem muitas vidas, seu arrependimento não pode ser total. Você pode esperar, pode adiar. Pode pensar: "Se eu perder nesta vida, não tem importância, ganharei na próxima". E isso é o que os hindus têm feito. São as pessoas mais preguiçosas do mundo por causa dessa teoria. E a teoria está certa, esse é o problema; então eles podem sempre adiar, não estão com pressa. Por que ser tão apressado?

É por isso que os hindus nunca estão preocupados com o tempo. Nunca inventaram relógios e, se fosse por eles, o relógio não existiria. Para a mente hindu, o relógio é realmente um elemento estrangeiro; na casa de um hindu, relógio não tem sentido. O relógio é uma invenção cristã por causa do tempo que corre rápido para fora de suas mãos. A morte desta vida será a última, você não pode adiar. Essa idéia foi criada apenas para evitar o adiamento.

Todo o ensinamento de Jesus e João Batista, o Mestre de Jesus, aquele que o iniciou nos mistérios, baseava-se em: "Arrependa-se! Porque não há mais tempo; não adie nada para mais tarde, porque se não você não se realizará." Isto tornou tudo mais intenso.

Se, de repente, eu disser: "Este é o último dia, amanhã o mundo irá desaparecer, a bomba H será lançada. Arrependa-se!" — todo o seu ser ficará focado, centrado, você estará presente aqui e agora. E surgirá um grito, um choro, um grito primal do seu ser. Não será expresso por palavras — será mais existencial que isso — será do coração. Não apenas seus olhos chorarão, mas seu coração estará repleto de lágrimas, todo o seu ser estará repleto de lágrimas porque você errou.

Se houver esse arrependimento, essa intensidade de tornar-se alerta, todo o passado será lavado. Não há necessidade de desfazê-lo — porque ele nunca foi uma realidade. Foi um sonho, não há porque desfazê-lo — basta acordar. Com o despertar, todos os sonhos e pesadelos desaparecem. Na realidade eles não existem; são apenas pensamentos.

Não tenha preguiça — você tem adiado por muitas vidas. E pode continuar adiando por muito tempo: o adiamento é uma grande atração para a mente. A mente sempre diz: "Amanhã" — sempre. O amanhã é o esconderijo. O amanhã é o esconderijo para todos os pecados. A virtude surge no momento presente.

Ouvi contar que existia uma escola, uma escola de missionários cristãos, com alguns alunos não-cristãos, aos quais também era ensinada a Bíblia; suas parábolas, suas estórias — e eles tinham de aprender. Um dia, o diretor da escola perguntou a um garoto:

"Quem foi o primeiro homem e quem foi a primeira mulher?"

A criança respondeu:

"Adão e Eva".

O diretor ficou satisfeito e continuou:

"A que nacionalidade eles pertenciam?"

O garoto respondeu:

"Eram indianos, é claro".

O diretor ficou um pouco perturbado, mas continuou perguntando:

"Por que você pensa que eles tinham essa nacionalidade? Por que você pensa que eles eram indianos?"

O menino respondeu:

"É fácil! Eles não tinham nada para se abrigar, não usavam roupas, não tinham nada para comer, a não ser uma maçã para ser dividida entre os dois — e mesmo assim achavam que estavam no Paraíso! Só podiam ser indianos!"

Os indianos estão satisfeitos com qualquer coisa. Não estão preocupados em fazer nada porque pensam: "A vida é tão longa, para que se preocupar? Por que ter pressa? Não há porque correr."

O cristianismo criou intensidade por causa da idéia de que só existe uma vida. E lembre-se bem: no que diz respeito à teoria, os

cristãos estão errados e os hindus estão certos. Mas a teoria não é problema para Jesus. O problema é a mente humana e suas transformações — e, às vezes, a verdade pode ser venenosa; às vezes, a verdade pode fazer de você um ser preguiçoso.

Eu lhe darei um outro exemplo que deve auxiliar: Gurdjieff costumava dizer que você não tem alma eterna. Você pode alcançá-la, mas não a tem. E se não a alcançar, simplesmente morrerá, nada sobreviverá. Gurdjieff disse que apenas uma pessoa em milhões atinge a alma, que continua se movendo. O corpo é deixado e a alma continua sem ele. Mas isso não acontece a todos.

A alma não lhe é dada, tem de ser atingida; é uma cristalização. Quando ela é realizada, então um Mahavir, um Buda, um Jesus, torna-se eterno. Não você! — Gurdjieff costumava dizer que você é um vegetal! Será comido, será dissolvido; não tem nenhum centro; então, como poderá sobreviver?

Estava novamente usando a tática de Jesus. Ele não estava certo, porque você tem alma, uma alma eterna. Mas essa teoria é perigosa, porque quando você ouve dizer que tem uma alma eterna, que é *Brahma* (a Suprema Realidade), você vai dormir. Isso se torna uma coisa hipnótica: se você já é eterno, por que se preocupar? Qual a necessidade de *sadhana*? Qual é a necessidade de meditar? "Aham Brahmasmi — Eu já sou Deus". Deste modo, você vai dormir, porque não precisa fazer mais nada.

As teorias podem matar, mesmo as verdadeiras teorias podem matar. Gurdjieff não estava certo, mas dizia isso por compaixão. Você é tão mentiroso que só as mentiras podem ajudá-lo. Só as mentiras podem fazê-lo sair de suas mentiras, exatamente como quando um espinho entra em sua pele e você necessita de outro espinho para removê-lo.

Jesus sabia disso, sabia tudo sobre a reencarnação — ninguém sabia tanto como ele. Mas ele simplesmente abandonou a idéia porque esteve na Índia. Ele viu a mente indiana, viu como a

mente havia se tornado um adiamento por causa da teoria da reencarnação e abandonou essa teoria.

Gurdjieff também esteve na Índia e no Tibet e observou toda a insensatez originada pela crença de que você já tem dentro de si tudo o que necessita, de que você já é Divino: não tem necessidade de fazer nada. Por causa dessa crença, os mendigos pensam que são imperadores — para que se preocupar? Gurdjieff começou a ensinar na mesma linha de Jesus; a tônica era a mesma. Dizia que nenhuma pessoa nasce com a alma: "Você pode criá-la, você pode perdê-la, portanto nada é certo — trabalhe!"

Só quando você tiver se esforçado muito é que um centro nascerá e esse centro viverá — "Mas não como você é porque assim é apenas um vegetal". E ao dizer que você é apenas um vegetal, Gurdjieff criou um outro mito. Disse: "Vocês são vegetais para a lua, alimento para a lua." Ele brincou, mas sua brincadeira é bonita e muito significativa.

Disse que tudo no mundo serve de alimento para outra coisa: este animal come aquele outro, o outro come outra coisa qualquer. Se tudo serve de alimento para outra coisa qualquer, como o homem poderia ser diferente? O homem deve servir de alimento para alguma coisa, e Gurdjieff disse: "O homem é alimento para a lua. Quando ela tem muita fome, acontecem as guerras. Quando a lua sente muita fome acontecem as guerras porque ela necessita de muita gente." Ele estava brincando. Mas os discípulos são sempre cegos e levaram essa piada a sério. Os discípulos de Gurdjieff continuam dizendo que essa é uma das grandes verdades que ele descobriu. Se ele voltasse, iria achar isso muito divertido.

Ele estava brincando, mas quando Gurdjieff faz uma brincadeira ela tem grande significado. E a insistência, a ênfase, era que vocês são vegetais — no estado em que estão. O que pode lhes acontecer é serem comidos pela lua. Você pode encontrar algo mais estúpido que a lua? É difícil! Quando os astronautas alcançaram pensaram que iriam realizar todos os sonhos e toda a poesia do

mundo porque o homem sempre pensou em alcançar a lua. Mas quando chegaram lá, não havia nada. A lua não é nada — e você serve de alimento para nada. A lua é apenas um planeta morto. E você serve de alimento para um planeta morto porque você está morto!

Lembre-se disso: Jesus sabe muito bem que existe a encarnação, a reencarnação, o renascimento. A vida é uma longa continuidade, essa morte não será a derradeira. Mas se isso é dito, você relaxa. E todo o método de Jesus depende da fricção: você não tem permissão para relaxar, tem que lutar, criar fricção, só então poderá tornar-se cristalizado.

"Mas agora eles estão bêbados. Quando tiverem se livrado de seus vinhos, então eles se arrependarão."

Jesus disse? "Se a carne veio à existência por causa do espírito, é uma maravilha; mas se o espírito veio à existência por causa do corpo, é a maravilha das maravilhas."

Eu acho que Karl Marx não sabia disso. Gostaria de saber o que ele teria pensado se conhecesse essas palavras de Jesus: "Se a carne veio à existência por causa do espírito..." como dizem todas as religiões — Deus criou o mundo. Isso significa: a carne veio ao espírito; a matéria veio da mente; a consciência é a fonte, o mundo é apenas um subproduto. Então Jesus diz: "... é uma maravilha!" — é um mistério.

"Mas se o espírito veio à existência por causa do corpo..." como dizem os ateus, os materialistas, Karl Marx, Charvak e outros... Marx diz que a consciência é um subproduto da matéria. É isso que dizem todos os ateus; o mundo não é criação do espírito; o espírito é apenas um "sub-fenômeno", um epifenômeno da matéria; surgiu da matéria, é apenas um subproduto... então Jesus diz: "Se o espírito veio à existência por causa do corpo, é a maravilha das

maravilhas." A primeira coisa que ele diz é apenas uma maravilha: Deus criou o mundo. Mas a segunda, é a maravilha das maravilhas — o mundo criou Deus.

Crer na primeira é difícil; crer na segunda é quase impossível.

É possível que o inferior nasça do superior, assim como um homem pode pintar um quadro. Podemos dizer que o quadro veio do pintor, é maravilhoso, um belo quadro. Mas se alguém diz que o pintor veio do quadro, é a maravilha das maravilhas. Como pode o espírito surgir da matéria se ela ainda não existe? Como a flor pode nascer se já não estiver na semente? Mas Jesus diz: de qualquer maneira, é uma maravilha.

A terceira afirmação é mais importante ainda:

"Fico maravilhado de como essa grande riqueza fez seu lar em tão grande pobreza."

Você é pobre, um mendigo, sempre pedindo por mais, porque está sempre desejando e uma mente desejosa é uma mente mendiga. Pode ser até de um imperador, não faz diferença — torna-se mendiga. Mesmo sendo de um imperador, continua implorando.

Farid, um místico maometano, vivia numa pequena aldeia perto de Delhi. O imperador, Akbar, era um discípulo de Farid. Akbar costumava procurá-lo e Farid era um pobre faquir. A cidade ficou sabendo que Akbar costumava visitar Farid; então os aldeões reuniram-se e disseram a Farid: "Quando Akbar vier visitá-lo, peça-lhe alguma coisa para nós. Precisamos de uma escola, de um hospital. E bastará você pedir que nossas necessidades serão satisfeitas porque o próprio imperador vem a você."

A aldeia era pobre, sem instrução, não tinha hospital. Então Farid disse: "Está bem, mas não sou muito eficiente em fazer

pedidos, porque não peço nada há muito tempo. Mas, se vocês desejam, posso tentar." Foi o que fez.

Pela manhã, ele foi ao palácio. Todos sabiam que Akbar era seu discípulo; assim, sua entrada foi permitida imediatamente. Akbar estava no seu altar, um pequeno altar feito por ele mesmo, onde costumava rezar. Ele estava rezando e Farid ficou parado atrás dele até que terminasse, para poder fazer o pedido.

Akbar não percebeu que Farid estava em pé atrás dele. Fez uma oração e, no final, disse: "Deus Supremo, faça meu império ainda maior, dê-me mais riquezas."

Farid ouviu e deu meia-volta. Quando Akbar terminou e olhou para trás, Farid estava descendo as escadas. Ele chamou: "Por que você veio? E por que está indo embora?"

Farid disse: "Vim me encontrar com um imperador, mas encontrei aqui um mendigo. Então é inútil! Se você está pedindo a Deus, por que eu não posso pedir diretamente a Ele? Para que um intermediário? Akbar, eu pensei que você fosse um imperador, mas estava enganado."

Akbar relatou a estória na sua autobiografia e acrescentou: "Naquele momento, eu entendi: qualquer coisa que se consiga obter, não faz diferença, porque a mente continua pedindo mais e mais."

Jesus diz que esta é a maior de todas as maravilhas: "... como essa grande riqueza" — o Ser Divino, a Divindade de Deus — "fez seu lar em tão grande pobreza".

Pessoas bêbadas, adormecidas, pobres, que pedem continuamente durante toda sua vida; pedem por coisas feias, lutam por coisas feias, obcecadas por males e doenças — e Deus fez nelas seu templo, fez nelas sua morada: fez sua morada em você! Jesus diz que esse é o maior — impossível, incompreensível — mistério. A maravilha de todas as maravilhas! Nada transcende a isso.

Essa é a aflição de um Buda, de um Jesus: olhar para vocês — imperadores, possuidores do Reino de Deus, mendigando, pedindo coisas inúteis, perdendo seu tempo, sua vida, sua energia, sua oportunidade.

Arrependam-se! Vejam o que estão fazendo. E tudo parecerá tão tolo que você não será capaz de acreditar que está fazendo essas coisas. Tudo parecerá sem sentido!

Veja o que está fazendo com sua vida, veja o que está fazendo com você mesmo. Apenas uma ruína e a ruína cresce a cada dia. No final, você será apenas uma ruína. Estará totalmente arruinado. Entretanto, no seu coração pedinte, na sua mente mendicante, habita o Rei, o Supremo. Esta é a maravilha!

E Jesus sente muito, por isso está triste, não pode rir. Não que o riso seja difícil para ele — não pode rir por sua causa. Está tão triste, sente tanto por você que continua inventando métodos, inventando chaves para destrancá-lo, para fazer de você o que já é, para fazê-lo realizar quem você é.

Siga através destas palavras e lembre-se da palavra-chave: arrependimento. Se você chegar a compreender que o arrependimento é a chave, ele limpará todo o seu passado. De repente você estará puro e virgem novamente.

E quando você estiver puro, Deus estará presente. Porque Deus é a pureza, é a sua virgindade.

QUARTO DISCURSO

24 de agosto de 1974, Poona, Índia.

Jesus disse:

Não pensem desde o amanhecer até o pôr-do-sol e desde o pôr-do-sol até o amanhecer sobre o que usarão.

Os discípulos perguntaram: Quando serás revelado a nós e quando nós te veremos?

Jesus disse:

Quando tirarem suas vestes sem sentir vergonha e, pegando suas roupas, colocarem-nas sob seus pés e pisarem sobre elas como as criancinhas — então, contemplará o Filho daquele que Vive e não temerão.

Os homens não vivem como são, mas como gostariam de ser: não com a face original, mas com máscaras. Aí reside todo o problema. Ao nascer, sua face é natural — ninguém a perturbou ainda, ninguém a modificou. Mas, cedo ou tarde, a sociedade começa a manipulá-la, começa a esconder a original, a

natural, aquela com a qual você nasceu, e lhe dá diversas outras: uma para cada ocasião porque uma só não é suficiente.

Para cada situação, você precisa de uma face; então, muitas máscaras são necessárias. Desde o amanhecer até o pôr-do-sol e desde o pôr-do-sol até o amanhecer milhares de faces são usadas. Ao aproximar-se de um homem poderoso, você usa uma máscara; a cada momento, uma mudança ocorre em sua face.

É preciso que a pessoa esteja bem alerta para observar isso porque essa mudança torna-se tão mecânica que é difícil percebê-la; a máscara muda por si mesma. Se um empregado entra em sua sala, você nem olha para ele. Age como se ele não fosse um ser humano, como se ele não existisse, como se ninguém tivesse entrado. Mas se é o seu chefe quem entra imediatamente você pula da cadeira com um sorriso na face, recebendo-o, dando as boas vindas, como se o próprio Deus tivesse chegado.

Observe sua face: a mudança ocorre continuamente. Olhe-se no espelho e pense nas muitas faces que pode ter. Imagine sua mulher se aproximando e olhe-se no espelho. Imagine um encontro com sua namorada e olhe-se no espelho. Olhe para a face que tem quando está ansioso ou quando está com raiva. Faça a expressão que tem ao se sentir sensual; imagine sua expressão quando está insatisfeito, frustrado e observe-se no espelho. Não encontrará apenas um homem — verá uma multidão. E algumas vezes será até difícil reconhecer todas essas faces como sendo suas.

Um espelho pode ser uma grande benção. Você pode meditar com ele: mudar suas faces e olhá-las. Isto lhe dará um vislumbre de como sua vida tomou-se falsa. E nenhuma dessas faces é você.

Esta tem sido uma das meditações mais profundas do Zen: encontrar a face original, a que você tinha antes de vir para este mundo — e a que terá quando deixar este mundo. Porque você não poderá carregar todas essas faces consigo. Elas são truques, técnicas para iludir, técnicas de autodefesa, são armaduras. Essas faces têm

de ser abandonadas. Só assim você poderá ver Jesus porque quando você vê sua face original está vendo a de Jesus.

Jesus nada mais é que sua face original. Buda é simplesmente sua face original. Buda não está fora de você, nem Jesus. Quando você abandona toda a falsidade e fica nu — sem qualquer manipulação, sem qualquer mudança, apenas você no original então é Jesus; Jesus em toda sua absoluta glória é revelado. Mas não é o filho de José que é revelado. É você que se torna Jesus. E só o semelhante pode conhecer o semelhante. Lembre-se sempre desta lei: você só poderá reconhecer Jesus quando for semelhante a ele. Do contrário, como irá reconhecê-lo? Só ao sentir seu próprio ser interior é que poderá reconhecer o ser interior de outra pessoa.

A luz pode reconhecer a luz; não pode reconhecer a escuridão. E como a escuridão poderá reconhecer a luz? Quando você é falso, não pode reconhecer um homem real; e Jesus é o mais real dos homens. Não é um mentiroso, é autêntico. Se você estiver mentindo em sua vida, continuamente — com palavras, com gestos — como poderá reconhecer Jesus? É impossível. Só na sua total nudez é que reconhecerá o Jesus interior. Apenas então o exterior será reconhecido. O interior tem de ser reconhecido primeiro porque o reconhecimento vem da fonte mais interna do ser. Não há outro meio.

Um dos mais antigos ditos judeus resume-se no seguinte: você só começa a procurar por Deus quando já o encontrou. Parece paradoxal, mas é absolutamente verdadeiro, porque como você começará a procurá-lo se ainda não o descobriu se ainda não o notou, se ainda não o encontrou em si mesmo, se ainda não o realizou dentro de si? Só quando você o descobre é que a procura começa, mas então a procura já não é mais necessária. A procura começa e termina no mesmo ponto. O primeiro passo é o último passo.

Entre você e o Divino, apenas um passo existe. Não existem dois. Assim, não há nenhum caminho. Apenas um passo: o

abandono de todas as falsidades que tomaram posse de você; o abandono de todas as máscaras emprestadas.

Mas, porque temos máscaras? Qual a necessidade delas e por que o medo de abandoná-las? Todos os mecanismos têm de ser entendidos; só assim as palavras de Jesus ficarão claras para você.

Primeiro: você nunca amou a si mesmo — se amasse elas não seriam necessárias. Você odeia a si mesmo; é por isso que esconde sua face. Você odeia tanto a si mesmo que não quer nem ver sua face. E se você mesmo odeia como poderá revelá-la aos outros? O que lhe aconteceu para odiar tanto a si mesmo?

Todo o condicionamento da sociedade depende da criação da auto-aversão, da autocondenação, da culpa. As religiões, os padres, as sociedades — todos os tipos de exploração — têm existido a partir dessa semente básica que é o ódio a si mesmo.

Por que você iria confessar-se ao padre se não odiasse a si mesmo? Qual seria a necessidade? Quando você odeia, sente-se culpado, sente que alguma transformação é necessária, pensa que necessita de auxílio, que alguém é necessário para mudá-lo, para torná-lo amável, para fazê-lo digno de ser amado. Seus pais estão sempre lhe dizendo: "Você está errado, isto é errado, aquilo também! Não faça isso, não faça aquilo!"

Certa vez, uma criança foi à praia com sua mãe. Ela queria brincar com a areia, mas sua mãe lhe disse: "Nada disso! A areia é úmida e você estragará toda a sua roupa." Então, a criança quis ir para perto da água. "Não! De jeito nenhum!" disse a mãe, "lá é muito escorregadio e você poderá cair". A criancinha quis então brincar de correr e saltar, e a sua mãe disse: "Não faça isso! Poderá se perder na multidão!" A criança sentou-se, olhou ao redor, viu um sorveteiro e pediu à mãe: "Posso tomar um sorvete?" "Claro que não! Você sabe muito bem que pode ficar resfriado!" Já irritada, a mãe virou-se para uma pessoa que estava a seu lado e disse: "Você já viu criança mais neurótica?"

A criança não é neurótica. A mãe sim é que é neurótica. Brincar na areia não é neurose; ir para perto da água não é neurose; correr e pular não é neurose. Mas a mente neurótica sempre diz: "Não!" Uma mente neurótica nunca diz: "Sim!" porque não pode permitir a liberdade nem para si mesma, quanto mais para as outras pessoas. E quase todas as mães e pais são como essa mãe. Lembre-se disso quando você se tornar um pai ou uma mãe — eles são todos assim. A liberdade é exterminada e a criança, pouco a pouco, é forçada a sentir-se neurótica, errada. Para qualquer coisa proposta sempre receberá um "Não!"

Ouvi contar sobre um menino que foi à escola pela primeira vez. Ao voltar, sua mãe lhe perguntou: "O que você aprendeu lá?" A criança disse: "Aprendi que meu nome não é "Não!" Sempre pensei que meu nome fosse "Não!" — Você sempre disse: "Não faça isso! Não vá lá! Não seja assim! Então eu pensei que o meu nome fosse "Não! Lá na escola é que eu fiquei sabendo que o meu nome não é esse".

Se você é neurótico — e toda a sociedade é neurótica — há uma corrente de neurose que passa de uma geração para outra. Tem sido sempre assim. Até hoje nenhuma sociedade foi capaz de criar uma geração não-neurótica. Apenas alguns indivíduos têm sido capazes de sair da prisão, mas isso raramente acontece porque a prisão é grande e seus alicerces muito fortes! Todo o velho estabelecimento é mantido por um passado tão vasto que quando a criança nasce é quase impossível imaginá-la saudável, não-neurótica.

É quase impossível porque todas as pessoas ao redor são loucas e forçam a criança a ser como elas. Elas matam sua liberdade e lhe incutem o sentimento de que está errada, de que sempre está errada. Isto acaba criando uma condenação, uma autocondenação — e você começa a odiar a si mesmo. E lembre-se: se você odiar a si

mesmo, não conseguirá amar ninguém. Impossível! Como pode alguém amar outra pessoa se odeia a si mesmo? Se o veneno estiver na fonte, envenenará todos os relacionamentos. Com ele, você nunca será capaz de amar alguém.

O segundo ponto que se segue a esse, como uma consequência lógica, é: se você odeia a si mesmo, como os outros poderão amá-lo? Se você não consegue amar a si mesmo, quem irá conseguir? No íntimo, você sabe que ninguém irá amá-lo; e mesmo que alguém tente, você não acreditará. Irá sempre suspeitar de que está sendo enganado. Como pode alguém amá-lo, se você mesmo não se ama? Assim, mesmo que alguém o ame, você nunca acreditará, estará sempre cético, cheio de dúvidas. Como não consegue acreditar, encontrará meios para provar que o outro não o ama. E quando o conseguir ficará à vontade, sentirá que tudo está certo.

Esse rancor é a base de todas as máscaras. Por causa dele é que você começa a se esconder.

As roupas não existem por causa do clima; este motivo é justamente o menor. Elas existem para esconder o corpo, para esconder a sexualidade, para esconder o animal que existe em você. Entretanto, o animal é a vida exceto a cabeça — tudo o que você tem de vida é semelhante ao animal; então, tudo tem de ser escondido, menos a cabeça. Apenas a cabeça pensante não é igual à do animal, ela é permitida. A sociedade ficaria muito feliz se todo o seu corpo pudesse ser cortado fora e apenas a cabeça permanecesse.

Existem pessoas tentando fazer isso e seus experimentos têm tido êxito. É possível deixar o corpo de lado e a mente continuar funcionando. O cérebro pode continuar funcionando apenas por meio de auxílios mecânicos: um coração mecânico continua batendo, um sistema sanguíneo artificial continua movimentando o sangue, fazendo-o circular no cérebro — e o cérebro vive sem o corpo. Os cientistas estão fazendo vários experimentos, mas estão confusos a respeito do que o cérebro pensa; não existe nenhum

corpo para contar — o cérebro pode estar tendo sonhos, pensamentos, criando sistemas.

Os cientistas alcançaram esse êxito há poucos anos atrás. Mas a sociedade sempre o conseguiu, se bem que de um modo diferente: ela tira o corpo da sua consciência, deixando apenas a cabeça. Se de repente, você encontrar, seu corpo sem a cabeça, será capaz de reconhecer que esse corpo é seu? Estou certo; que não. Você nunca o viu; nem mesmo no banheiro. Você nunca viu seu corpo. As roupas o têm transformado muito. Elas não estão apenas no corpo; estão na mente também.

Dois pequenos estudantes estavam passando por um grande muro e ficaram curiosos para saber o que estava acontecendo do outro lado. Encontraram uma pequena brecha, mas estava difícil alcançá-la; ela era muito alta. Então, um menino subiu nos ombros do outro, olhou o buraco e disse: "Fantástico! Tem um monte de gente lá jogando; e eles estão completamente nus. Acho que é um clube de nudismo".

O outro menino ficou excitadíssimo e pediu: "Conte-me mais — são homens ou mulheres?"

O que estava olhando respondeu: "Não dá para saber. Eles estão sem roupas".

Um homem é reconhecido como homem por causa das suas roupas; uma mulher é reconhecida como mulher por causa das suas roupas. O menino estava certo. Ele disse: "Como posso saber quem eles são? Estão sem roupas". As roupas identificam. É por isso que um rei não permite que ninguém use roupas iguais as dele — não! Se as pessoas comuns começarem a usar roupas iguais as dele, como ele será reconhecido? Isso não pode ser permitido porque ele tem de ser algo especial.

As roupas identificam. E tornam-se tão importantes que mesmo em sonhos você nunca se vê nu, sempre se vê com roupas.

Isto é algo de muito profundo. Mesmo em sonhos, você nunca se vê nu, nunca vê a sociedade nua. Não! As roupas foram para o próprio inconsciente visto que o sonho é um fenômeno inconsciente. Ao menos nos sonhos, deveria ser natural. Mas até neles você não é natural; as máscaras, as fachadas continuam.

Toda essa falsidade, toda essa pseudo-personalidade existe porque, no fundo, você odeia a si mesmo. Você quer se esconder; ninguém pode conhecer seu "eu" real porque, se conhecer, como será capaz de tolerá-lo? Como o amará, como o apreciará? Por isso você se transforma em ator. Esta é a base do ensinamento de Jesus.

"Jesus disse: Não pensem desde o amanhecer até o pôr-do-sol e desde o pôr-do-sol até o amanhecer sobre o que usarão".

Não pense em máscaras, roupas, falsidades. Permaneça tal como é, aceite a si mesmo tal como é. Isto é difícil, muito difícil, porque quando você pensa em si mesmo, tal como é, de repente, sente um certo desconforto.

De onde vem esse desconforto? Vem desses professores que têm lhe ensinado, desses professores que são o grande veneno da vida. Na realidade, eles não são professores; são inimigos. Eles têm lhe ensinado: "Isso é animalesco, aquilo é animalesco — e você é um homem". O que eles estão dizendo? Estão dizendo: "Negue tudo que é animal em você!" E eu lhe digo que o homem não é um anti-animal; o homem é o animal supremo. Não anti — é o mais alto, é o próprio pico. Quando você nega o animal, está negando sua própria fonte de vida. E então está sendo falso.

Se você negar a sua animalidade ao fazer amor com uma mulher, o que acontecerá? É por isso que as pessoas tornaram-se quase incapazes de amar. Talvez você fique surpreso ao saber que, no Oriente, noventa e nove por cento das mulheres nunca tiveram orgasmo. O mesmo acontecia no Ocidente, mas agora está havendo uma mudança. Noventa e nove por cento das mulheres nunca

conheceram qualquer êxtase sexual porque nunca tiveram permissão. Os homens têm permissão para serem um pouco semelhantes aos animais, mas as mulheres nunca. Durante as relações, têm de ficar imóveis, mortas, quase como um cadáver. A elas não é permitido demonstrar qualquer emoção, qualquer alegria — porque somente uma prostituta se alegra com o sexo. A uma prostituta é permitido alegrar-se com o sexo, mas a uma esposa não.

Se uma esposa goza com o sexo, sente-se extasiada, o marido fica ofendido e pensa logo que a esposa não é muito correta porque deveria comportar-se como uma deusa e não como um animal. Mas, comportando-se como uma deusa sem ser uma deusa, ela acaba ficando falsa. A mulher fica deitada, morta como um cadáver, sem nenhuma emoção.

Você já observou a palavra "emoção"? Vem da mesma raiz de "moção", movimento. Quando você está emocionado, todo seu corpo se movimenta, vibra, palpita, fica vivo — selvagem. Não, a uma mulher não é permitido ser selvagem, viva. Ela tem de permanecer como um cadáver, morta; então, é uma boa mulher, transcendeu a animalidade. Mas, se você negar o sexo e dizer que é animal, então terá de escondê-lo.

Na América, há apenas três ou quatro anos, uma fábrica de brinquedos enfrentou uma grande dificuldade; foi chamada à Corte Suprema. O problema foi o seguinte: eles criaram alguns bonecos com pênis e vagina — bonecos reais.

Se uma menina tem um rosto, deve ter uma vagina; se um menino tem um rosto, deve ter um pênis. Mas, brinquedos com órgãos sexuais! — eles tiveram dificuldades. Tiveram de cancelar toda a produção. Eles haviam feito uma coisa bonita, mas a Corte não podia permitir, a sociedade não podia permitir.

Por que seus brinquedos não têm órgãos sexuais se têm tudo o mais? Você quer que as crianças não se conscientizem desse fato? Então, você está criando uma falsidade. E por que as pessoas

ficaram contra esses bonecos de um modo tão louco? Brinquedos são brinquedos! Mas os padres, os missionários, as pessoas conhecidas como "benfeitoras" ficaram loucas; levaram o homem à Corte. E ele tinha feito uma coisa bela, histórica. As crianças devem conhecer o corpo todo porque o corpo todo é belo. Por que escondê-lo? Porque cortá-lo? Um medo, um medo profundo da animalidade. Mas você é um animal, isto é um fato: você pode transcendê-lo, mas não destruí-lo. Destruir significa criar o falso. Quando você destrói um fato, cria uma face falsa; sua máscara é algo falso, sua divindade é apenas uma máscara.

Quando você transcende, então sua divindade é autêntica. Mas transcender significa aceitar, passar pelo fato com consciência, sem se perder nele; passar por ele e seguir além. E negar significa nunca penetrar no fato, nunca passar por ele, isto é, passar apenas por cima. Na vida, nada pode ser passado por cima. Se você passar por cima de alguma coisa, permanecerá sempre imaturo, juvenil, nunca crescerá. A vida tem de ser vivida — apenas assim ela o faz crescer. Só desse modo é que chega o momento no qual você transcende o sexo. Mas esse momento vem pelo conhecimento, vem pela experiência, pela profundidade da consciência e do amor — não pela negação, não pela repressão.

Jesus disse: "Não pensem desde o amanhecer até o pôr-do-sol e desde o pôr-do-sol até o amanhecer sobre o que usarão". Não vista nada. Eu não estou dizendo para você andar nu pela cidade; mas não vista nada: seja apenas você mesmo! Seja o que for que a vida lhe tenha feito, aceite, alegre-se, dê as boas-vindas! Celebre! Agradeça ao Divino tudo o que Ele lhe tem dado, seja o que for. Não rejeite porque quando você rejeita algo está rejeitando a Deus porque Ele é o Criador, Ele o criou assim.

Certamente Ele sabe mais do que você. Quando você rejeita algo em si mesmo, está rejeitando o Criador, está criticando o universo, a própria natureza. Isso é tolice, estupidez, mas as pessoas

que agem assim tornam-se muito respeitáveis. Jesus disse para você não pensar no que usará, para mover-se espontaneamente na vida. Seja receptivo, não coloque qualquer falsidade entre você e o fluxo da vida.

Viva cada momento sem pensar, porque o pensamento é a mais profunda máscara. Quando você vai se encontrar com uma mulher, começa a ensaiar na sua cabeça o que irá dizer: "Eu te amo" ou "Não existe ninguém como você". Quando você precisa ensaiar, não está amando. Quando ama, não há necessidade, porque o amor fala por si mesmo, o amor flui por si mesmo; tudo acontece a partir da sua própria harmonia. As flores surgem, mas através da sua própria harmonia — nenhum ensaio é necessário.

Certa vez, Mark Twain foi questionado por um amigo. Ele estava vindo de uma palestra onde havia feito uma bela conferência. O amigo lhe perguntou: "Que tal? Você gostou da sua palestra?" Mark Twain falou: "De qual palestra? Da que eu preparei, da que discurssei ou da que eu gostaria de ter feito? —sobre qual delas você está perguntando?" Toda a sua vida é assim: você prepara determinada coisa, faz outra e gostaria de ter feito uma outra completamente diferente.

Por que isso acontece? Por que tantas divisões? Porque você não é espontâneo. Uma pessoa espontânea necessita apenas de uma coisa — estar alerta, consciente — nada mais. Deste modo, ela responde a partir da sua consciência. Você precisa se preparar porque está inconsciente; porque não está consciente. Mas Jesus Disse: "Não pensem sobre o que usarão".

"Os discípulos perguntaram: Quando serás revelado a nós e quando nós te veremos?"

Jesus disse: "Quando tirarem suas vestes sem sentir vergonha e, pegando suas roupas, colocarem-nas sob seus pés, pisarem sobre

elas como criancinhas — então, contemplarão o Filho daquele que Vive e não temerão".

Tente entender cada uma dessas palavras. Os discípulos perguntaram: "Quando serás revelado a nós...? Jesus estava lá, revelado em toda sua glória. Ele estava presente, diante deles. E eles estavam perguntando ao próprio Jesus: "Quando serás revelado a nós...?" Eles estavam falando como se Jesus estivesse escondendo a si mesmo.

Uma vez, alguém perguntou a mesma coisa a Buda. Ele estava passando por uma floresta. As folhas secas caíam pelo caminho. Não havia mais ninguém por perto porque alguns discípulos haviam ido na frente e outros vinham atrás, seguindo-os; no momento, apenas *Ananda* estava perto de Buda. Ele disse: "Eu sempre quis lhe fazer uma pergunta: Você já revelou tudo o que é? Ou está escondendo alguma coisa de nós?"

Buda responde: "Minha mão é aberta — um Buda nunca tem as mãos fechadas. Olhe para esta floresta, olhe como ela se revela; nada está escondido. Sou exatamente como esta floresta; um Buda não tem a mão fechada". Então, ele pegou algumas folhas secas em suas mãos e disse: "Agora, minhas mãos estão fechadas, você pode ver as folhas. As pessoas avarentas sobre seus conhecimentos, aquelas que não gostam de compartilhar — são como as mãos fechadas".

Depois, Buda abriu suas mãos, as folhas caíram e ele disse: "Mas a mão de Buda não é fechada, é aberta. Já revelei tudo. Se você sente que algo ainda está escondido, isto acontece por sua causa, não por mim".

Jesus estava lá, presente. E os discípulos perguntando: "Quando serás revelado a nós...?" Ele estava revelado!... "e quando nós te veremos?" Eles falavam como se Jesus estivesse se escondendo. Não, Jesus não está escondido; muito pelo contrário, os discípulos é que não estão abertos, estão fechados; os olhos dos

discípulos é que não estão abertos. Eles é que estão escondidos, não Jesus.

A verdade não está escondida — você é que está fechado. A verdade é revelada a todo momento, a cada momento. A verdade não pode estar escondida, por sua própria natureza. Apenas as mentiras tentam se esconder; a verdade não. Apenas as mentiras são dissimuladas. A verdade é sempre mão aberta; nunca se fecha. Entretanto, você está fechado.

O problema é seu. Jesus disse: "Quando tirarem suas vestes sem sentir vergonha..." Porque você pode tirar suas roupas e continuar sentindo vergonha; então, essa nudez não é real, essa nudez não é inocente. A vergonha é astuta.

No Cristianismo, a vergonha é o pecado original. Você já ouviu o que aconteceu com Adão e Eva? Você sabe em que momento o pecado aconteceu? Tem havido uma contínua pesquisa para descobrir qual foi exatamente o momento em que o pecado aconteceu. Adão e Eva foram proibidos de comer o fruto da Árvore da Sabedoria. Mas eles foram tentados. Isto é natural: se algo é proibido, a tentação vem — é assim que a mente se comporta. A mente tem também outro truque: ela o tenta, mas sempre coloca a responsabilidade nos outros. Se algo é proibido, a mente se interessa; isto torna-se um convite. A mente quer saber, ela se intromete, investiga.

Adão e Eva foram tentados por si mesmos, não havia mais ninguém lá. Mas a estória conta que foi o Diabo, o Satanás que os tentou. Este é um truque da mente: joga sempre a responsabilidade nos outros. E esse "Diabo" nada mais é do que um bode expiatório, esse "Diabo" é apenas um truque da mente para descartar-se de todas as responsabilidades. Você é tentado, mas o "Diabo" é o tentador; assim, você não é o responsável. Ele o persuadiu, o seduziu; ele é o pecador, não você. Mas a tentação veio da proibição, isso foi um truque da mente. A estória é belíssima:

Deus lhes disse: "Não comam o fruto desta árvore!" Se eles tivessem confiado, teriam evitado a árvore. Mas eles não confiaram. Disseram: "Por que? Por que Deus nos proíbe esta que é justamente a Árvore da Sabedoria?" A mente deve ter dito a eles: "Se vocês comerem, tornar-se-ão deuses porque serão conhecedores. Deus proibiu porque é ciumento. Proibiu porque não quer que vocês se tornem deuses. Se comerem, serão sábios e nada será escondido de vocês". Mas a estória conta que foi o Diabo que os tentou: "Comam. Ele proibiu porque tem; ciúmes e medo". Esta situação aconteceu para Adão e Eva provarem se confiavam ou não — nada mais.

Entretanto, a mente persuadiu-os — a mente é o "Diabo". O Diabo veio em forma de serpente, o mais antigo símbolo da sagacidade — a mente é a serpente, é o que há de mais astuto. Adão e Eva responsabilizaram o Diabo, jogaram toda a responsabilidade no Diabo — e Adão também jogou a responsabilidade em Eva. O homem sempre disse que a mulher é a tentação; por isso, está sempre condenando-a. Em todas as escrituras do mundo, a mulher é a tentação: ela o induz à tentação, ela o seduz, ela é a causa de todos os problemas. Assim, o que você chama de santidade vai condenando as mulheres.

Este é o caminho da mente: Eva diz que foi o Diabo; Adão diz que foi Eva; e se você algum dia encontrar o Diabo e lhe perguntar, ele dirá: "Foi Deus. Para começar, por que Ele proibiu? Isto é que criou toda a confusão." Caso contrário, eles nunca teriam ido à Árvore da Sabedoria — o Jardim do Éden era muito grande; havia milhões de árvores; eles nunca a teriam encontrado. "Proibido!" Eles sabiam que esta era a árvore e, então, todo o jardim tornou-se desinteressante, focalizaram toda a atenção nessa árvore — "a culpa foi de Deus!"

Mas a estória é bela e tem milhões de dimensões; pode ser interpretada de muitas e muitas maneiras — essa é a beleza da parábola. Adão e Eva pegaram o fruto da Árvore, comeram-no e imediatamente ficaram envergonhados de sua nudez. Em que ponto

o pecado original aconteceu? Na desobediência a Deus? Se você perguntar ao Papa no Vaticano, ele dirá: "No momento em que desobedeceram a Deus" porque os padres gostariam que você sempre os obedecesse, que não desobedecesse nunca.

Se você perguntar aos filósofos, aos teólogos, eles dirão: "No momento em que comeram o fruto da sabedoria". Porque, neste momento, você começou a pensar e os problemas surgiram. A vida sem pensamentos é inocente; as crianças são inocentes porque não podem pensar: as árvores têm uma aparência tão bela porque não podem pensar. Ao homem, tudo parece tão feio porque sua mente está sempre carregada e tensa pelas preocupações, pensamentos, sonhos e devaneios: ele está sempre sobrecarregado -- e perde toda a graça, Assim, se você perguntar aos filósofos existencialistas eles dirão que foi por causa da Árvore da Sabedoria.

Agora, se você perguntar aos psicólogos, cuja abordagem é mais profunda, eles dirão: "Por causa da vergonha". Porque quando você sente vergonha, começa a odiar a si mesmo. Quando você sente vergonha, rejeita a si mesmo — mas isso vem pelo conhecimento. Crianças não podem sentir vergonha. Andam nuas facilmente, não há problema. Pouco a pouco, você as força a sentir vergonha: "Não fique nu!" Quanto mais elas conhecem, mais escondem a si mesmas.

Jesus disse: "Quando tirarem suas vestes sem sentir vergonha..." Mas o que Adão e Eva fizeram? Puseram sobre seus órgãos sexuais folhas de parreira — a primeira roupa inventada — e o mundo começou. Como você poderá entrar novamente no Jardim do Éden? Jogando todas as suas folhas de parreira. Isto é o que Jesus disse; este é o modo de voltar ao paraíso. Este é o caminho de volta: "Quando tirarem suas vestes sem sentir vergonha..." Porque você pode tirar suas roupas e permanecer envergonhado; neste caso, as roupas ainda estarão presentes, no íntimo você estará se escondendo, não estará aberto. Nudez não é estar despido, você pode estar despido e mesmo assim não estar nu.

A nudez é uma dimensão mais profunda: significa nenhuma vergonha, nenhum sentimento de vergonha; significa aceitar seu corpo em toda a sua totalidade, tal como é. Sem nenhuma condenação na mente, sem nenhuma divisão no corpo — uma simples aceitação; isto é nudez. Mahavir não ficava despido, não era membro de nenhum clube de nudismo; ele ficava nu; ele era nu como uma criança. Num clube de nudismo, você não está nu. Ao se despir, está fazendo um cálculo, isto é, uma manipulação da sua mente. Você está revoltado, rebelou-se contra a sociedade — joga fora as roupas porque a sociedade acredita nelas. Mas esta é apenas uma reação; então, você não é inocente, não é inocente como uma criança.

Jesus disse: "... e, pegando suas roupas, colocarem-nas sob seus pés e pisarem sobre elas como as criancinhas — então, contemplarão o Filho daquele que Vive e não temerão".

Em primeiro lugar: você deve aceitar sua nudez diante de Deus, tal como ela é: exatamente como uma criancinha diante de seu pai e de sua mãe, sem nenhuma vergonha. Você não deve ficar envergonhado diante do Divino — só assim você será real. Se a vergonha estiver presente, então as máscaras serão usadas; elas estão fadadas a serem usadas.

Em segundo lugar: se o sentimento de vergonha desaparecer, você não temerá. Eles estão justapostos: se você sentir vergonha, terá medo; se não sentir vergonha, não terá medo de modo algum. O medo desaparece junto com a vergonha. E quando o medo e a vergonha desaparecerem, seus olhos são abertos — e então você vê o Filho de Deus, ou "o Filho daquele que Vive"; então, Jesus Ihe é revelado; e você pode conhecer um Buda.

As pessoas vêm a mim e perguntam: "Como podemos reconhecer se um Mestre é Iluminado ou não?" Você não pode

reconhecer um Mestre Iluminado tal como está. É justamente como um homem cego perguntando como pode reconhecer se a luz está apagada ou acesa. Como um homem cego pode reconhecer isso? O reconhecimento necessita de olhos e os olhos de um homem cego estão fechados. Você não pode reconhecer se um homem cego chegou à Realização ou não, se é Iluminado ou não, se realmente é Cristo ou não — você não pode reconhecer. Se as pessoas pudessem reconhecer, como Jesus poderia ter sido crucificado?

Eles o trataram muito mal, eles fizeram com que ele parecesse um tolo. No dia em que ele estava carregando a cruz para o Calvário, havia soldados, uma massa de gente ao seu redor jogando pedras e coisas sujas, deleitando-se: "Este é o Rei de Israel"; este é o "Filho de Deus"; "o filho do carpinteiro ficou louco!" Fazendo piadas, colocaram a coroa de espinhos em sua cabeça e disseram: "Olhem! Aqui está o Rei de Israel, o "Filho de Deus!"

E então, quando ele foi crucificado, a piada final: foi colocado entre dois ladrões. Foi crucificado como um criminoso, com dois ladrões. E não apenas a multidão fez piadas, os ladrões também. Um deles disse: "Já que vamos ser crucificados juntos, não se esqueça de nós em seu "Reino de Deus". Nós estamos sendo crucificados com você; assim, não se esqueça de nós. Afinal, você é "O Filho!" Ah! e quando chegar ao Reino de Deus, faça alguns preparativos para nós também. Você pode fazer isso — você pode fazer qualquer coisa!" Eles também estavam fazendo piada. Fizeram com que Jesus parecesse um tolo.

Por que nós deixamos de reconhecer Jesus? Por termos os olhos fechados. E os olhos estão fechados por causa das vestes — não apenas por causa das roupas, mas pelos diversos tipos de vestes: roupas, vergonha, medo, ódio de si mesmo, autocondenação, culpa — camadas e mais camadas de vestes.

Jesus disse: "Quando tirarem suas vestes sem sentir vergonha e, pegando suas roupas, colocarem-nas sob seus pés e pisarem sobre elas como as criancinhas..."

Quando uma criancinha é forçada a usar roupas pela primeira vez, rebela-se. Não quer porque isso confina sua liberdade e a torna falsa. Sua resistência é natural, mas você a força, você a convence. "Você tem de colocar essas roupas para sair porque na sociedade elas são necessárias — se não, não poderá vir conosco". E como ela quer ir, acaba vestindo as roupas.

Mas ao voltar, ela tira as roupas; não apenas tira, pisa sobre elas. Elas são as inimigas, elas a tornam falsa. A criança não é ela mesma com tais roupas. Quando as tira, fica livre novamente. Celebra sua nudez jogando as roupas e pisando sobre elas. Se vocês fizerem como as crianças: "... então contemplarão o Filho daquele que Vive e não temerão".

Na nudez da criança, não há nenhum medo, porque o medo é algo acrescentado a você — o medo é criado através da vergonha. Muitas religiões têm criado a culpa; por isso, você se sente culpado, envergonhado e torna-se medroso. Então, uma neurose nasce e você se dirige para as mesmas pessoas que criaram a culpa e o medo, dirige-se para as mesmas pessoas buscando transcendê-los! Elas não podem auxiliá-lo porque foram elas mesmas que criaram o medo. Elas dirão: "Reze, seja temente a Deus". Elas não podem orientá-lo para além do medo. Jesus pode orientá-lo para além do medo, mas então tudo isso tem de ser demolido desde a própria base. Esta é a base: não aceite a si mesmo e sempre terá medo.

Aceite a si mesmo e não haverá nenhum medo. Não pense em termos de "devo" ou "não devo", de "tenho de" ou "não tenho de" e nunca mais terá medo. Seja real e confie na realidade; não lute contra a realidade. Se o sexo existe, ele existe: aceite-o; se a raiva ocorre, ocorre: aceite-a. Não tente criar o oposto: "Estou com raiva; isso não é bom; não devo ter raiva; tenho de perdoar. Sou sensual,

isso não deve acontecer, tenho de ser casto". Não crie o pólo oposto, porque, se criar, estará tentando criar máscaras. A raiva permanecerá; seu perdão será apenas uma máscara. O sexo estará lá, mergulhando mais e mais no inconsciente; e em sua face haverá uma máscara, *brahmacharya*. Mas isto não o auxiliará.

Ouvi dizer que um cientista estava trabalhando para descobrir o segredo dos diamantes. Ele trabalhou arduamente e todos os elementos lhe foram revelados, com exceção de um único fator. Se ele viesse a descobri-lo, tomar-se-ia o homem mais rico do mundo. Ele trabalhou muito, mas não conseguiu encontrá-lo. Então, alguém lhe sugeriu: "Você está perdendo seu tempo, sua vida, inutilmente. Ouvi dizer que existe uma mulher no Tibet muito sábia que conhece todas as respostas. Basta você ir até ela, e o seu problema estará resolvido. Para que continuar perdendo tempo aqui?"

O homem viajou para o Tibet, mas demorou muitos anos para encontrá-la. Foi difícil achar a sábia mulher: ele teve de passar por muitas privações e várias vezes sua vida esteve por um fio. Mas ele conseguiu chegar lá. Era de manhã. Ele bateu na porta e a sábia mulher abriu. Era uma mulher tão bonita, tão maravilhosa como ela nunca vira. E não era apenas bela; todo seu ser era convidativo — em seus olhos uma luz dizia: "Venha até aqui". Ela lhe disse: "Muito bem, você conseguiu chegar. Meu marido saiu e esta é a regra: você pode fazer apenas uma pergunta. Lembre-se eu responderei apenas a uma pergunta". Sem pensar, o cientista perguntou: "A que horas seu marido volta?"

Esta era a única pergunta que havia em sua cabeça. Em algum lugar, bem no fundo do seu inconsciente, o sexo deve ter sido o problema, o problema real. Trabalhar com diamantes, encontrar o segredo dos diamantes deve ter sido apenas uma distração. Intimamente, inconscientemente, ele estivera pensando: "Quando eu me tornar o homem mais rico do mundo, todas as

mulheres — as mais belas mulheres — serão minhas". Em algum ponto, seu pensamento era este, embora ele não tivesse consciência disso.

Você pode ir trabalhando na superfície sem estar alerta sobre o inconsciente; mas no momento certo ele virá, explodirá. Fugir é inútil. Apenas a transformação pode auxiliar. E para que haja transformação é preciso uma profunda aceitação de si mesmo, tal como é. Sem nenhum julgamento, sem nenhuma avaliação: "Isto é bom, aquilo é ruim!" Não seja um juiz! Simplesmente confie em sua natureza e flua com ela. Não tente nadar contra a corrente — isto é o que significa nudez.

Entregue-se à vida com uma profunda confiança, seja qual for o lugar onde ela o dirija. Não crie seu próprio objetivo; se criar sua própria meta, tornar-se-á falso. A vida não tem metas. Se você tiver um alvo, estará contra a vida. A vida não se movimenta como um negócio; é como a poesia. A vida não se movimenta a partir da mente; mas do coração — é um romance. A confiança é necessária; a dúvida não auxilia em nada. A vida não é científica; é irracional. A vida não acredita nos lógicos, em Aristóteles; crê no amor, nos poetas, nos místicos. A vida não é um enigma para ser resolvido; é um mistério para ser vivido. A vida não é um quebra-cabeça, não é um problema. Só você está fechado; o segredo está aberto. Ele é revelado em todos os lugares: em cada árvore, em cada raio de sol — só você está fechado.

Por que você está fechado? Se você não aceita a vida que está em seu interior, como poderá aceitar o que está fora? Aceite! Comece a partir do seu próprio centro. Aceite a si mesmo tal como é e começará a aceitar as coisas assim como são. Com a aceitação, a transformação virá: você nunca mais será o mesmo.

A transformação acontece por si mesma, vem da sua própria harmonia, mas só quando você deixa acontecer. É isto que Jesus diz: fique nu, só assim você poderá deixar acontecer. Abandone tudo o que a sociedade lhe deu — isto é o que significa "vestimenta". A

sociedade não lhe deu a vida, deu-lhe apenas "vestimentas". A sociedade não lhe deu o Ser, deu-lhe apenas o ego. Abandone as vestes e o ego desaparecerá. Pense em si mesmo caminhando nu pelas ruas.

Um homem chamado Ebrahim foi ao seu Mestre — Ebrahim era um Rei. Quando sua busca começou, ele foi a um Mestre que lhe perguntou: "Você está preparado para aceitar qualquer coisa?" Ebrahim respondeu: "Eu vim para isto — diga e eu farei". O Mestre olhou-o e disse: "Está bem. Tire suas roupas!". Os discípulos ficaram pouco à vontade porque Ebrahim era um grande rei e isso, além de ser demais, era desnecessário. Isso nunca havia sido ordenado a nenhum deles. Por que, então, uma coisa tão dura para o rei? Um discípulo chegou a sussurrar no ouvido do Mestre: "Isso é demais, não seja tão duro — você nunca nos pediu isso!"

Mas o Mestre disse ao rei: "Segure os sapatos nas mãos e ande pelas ruas, batendo com os sapatos na sua cabeça! Ande assim por toda a cidade!"

Essa cidade era a sua capital, mas Ebrahim foi. Nu, ele andou por toda a capital batendo com seus próprios sapatos na cabeça. Conta-se que quando voltou estava Iluminado.

O que aconteceu? Ele abandonou suas vestes. Ele era um homem de grande potencialidade. Só por isso é que o Mestre lhe pediu tanto. O Mestre exige apenas o que lhe é possível. Quanto mais potencialidade você tiver, mais lhe será exigido. Se você for pobre, ele não exigirá muito. Ebrahim era um homem de muita potencialidade — tornou-se um grande Mestre por seu próprio direito. O que aconteceu? Ele fez o que Jesus disse a seus discípulos: abandonou as vestes, abandonou o ego — tudo o que a sociedade lhe deu.

Muitas vezes, o ego é abandonado por si mesmo por que ele é um fardo; mas você volta a colocá-lo na cabeça e o carrega. Muitas vezes, você chega ao fracasso; muitas vezes, você não obtém

sucesso. Muitas vezes, o ego cai por si mesmo. Mas, humilhado, frustrado, derrotado, fracassado, você volta a carregar o fardo com alguma esperança.

Certa vez, o leão foi ao tigre e perguntou: "Quem é o chefe desta floresta?"

O tigre respondeu: "É claro que é você, Mestre. Você é o único, é o rei!"

Depois, o leão foi ao urso, agarrou-o e perguntou: "Quem é o Mestre aqui? Quem é o chefe?"

O urso respondeu: "É claro que é você. Não precisa nem perguntar. Você é o rei de todos os animais. Você é o chefe!"

Então, o leão foi ao elefante e fez a mesma pergunta: "Quem é o chefe aqui?"

O elefante agarrou o leão e jogou-o nas rochas, a cinquenta metros dali. O leão, todo machucado, sangrando, fraco, humilhado, levantou-se e disse: "Se você não sabia a resposta, não precisava se comportar assim!"

Isto é o que você tem feito. Você não abandona o ego, você também diz: "Se você não sabia a resposta, não precisava se comportar assim! Por que ficar tão bravo? Podia responder simplesmente: Não sei!"

Se você puder reconhecer no fracasso que tudo o que essa sociedade tem lhe dado são apenas quedas, esse fracasso poderá tornar-se o começo do maior sucesso possível na vida. É por isso que apenas no fracasso o homem se torna religioso — isto é, se puder reconhecer o fracasso. É muito difícil tornar-se religioso quando se obtém sucesso. Se as vestes estão lhe dando tanto, para que se preocupar em ficar nu? Então, as vestimentas são um bom investimento. Mas no fracasso, de repente, você se torna alerta para a nudez que existe. Nada pode escondê-la; você pode apenas se iludir.

Use seus fracassos! E quando você for jogado contra as rochas e estiver humilhado, sangrando, não repita a estupidez do leão. Reconheça que não existe nenhum sucesso no mundo. Não pode haver, porque tudo é tão falso, tão cheio de máscaras e sendo assim como você poderá triunfar? Mesmo os seus Napoleões, os seus Secundars, os seus Alexandres e os seus Gêngis Khans, foram todos eles um fracasso.

Um Jesus triunfa porque se sustenta em sua originalidade, em sua natureza. Tente entender isso, não apenas através do intelecto, mas pelo abandono gradual de suas vestes: fique nu e será puro. Quando isso acontecer, você terá jogado fora a maçã que Adão e Eva comeram e a porta do Paraíso estará novamente aberta.

Os cristãos dizem que com Adão e Eva a humanidade foi expulsa do Paraíso. Com Jesus, as portas estão novamente abertas — você pode entrar. Mas isso não acontecerá apenas sendo você cristão. Só acontecerá quando você reconhecer Jesus, e esse reconhecimento só virá quando você reconhecer Jesus em si mesmo — nada menos que isso.

QUINTO DISCURSO

25 de agosto de 1974 Poona, Índia.

Jesus lhes disse:

Se jejuarem, gerarão pecado em si mesmos;

se rezarem, serão condenados;

se derem esmolas, prejudicarão seus espíritos.

E, quando andarem por algum país estranho e percorrerem suas regiões, ao serem recebidos, comam o que colocarem à sua frente e sanem os que estiverem doentes.

Pois o que entrar pela boca não os profanará.

Mas o que sair da boca, isto os maculará.

Isto é uma afirmação estranha, mas muito significativa também. Parece estranha porque o homem não é verdadeiro, vive em falsidade. Assim, qualquer coisa que faça está destinada a ser falsa.

Se você fizer uma prece, a fará por razões erradas; se você jejuar, jejuará por razões erradas — porque você está errado. Assim, a questão não é o que está certo fazer; a questão é como estar certo em seu ser. Se o seu ser estiver certo, então tudo o que você fizer estará automaticamente certo; mas se o seu ser não estiver certo, não

estiver centrado, autêntico, qualquer coisa que você fizer estará errada.

No final, o certo não depende do que você faz, mas do que você é. Se um ladrão fizer uma prece, esta prece estará errada, pois como é possível uma prece nascer de um coração que tem estado enganando a todo o mundo — roubando, mentindo, prejudicando? Como é possível a prece vir do coração de um ladrão? É impossível. A prece pode modificá-lo, mas de onde virá a prece? Virá de você. Se você estiver doente, sua prece será doentia.

Mulla Nasrudin certa vez solicitou um emprego. No requerimento que preencheu mencionou muitas qualificações. Ele declarou: "Obtive o primeiro lugar em minha universidade, e me ofereceram a vice presidência de um banco nacional. Recusei porque não estou interessado em dinheiro. Sou um homem honesto, um homem leal. Não sou ganancioso e não me preocupo com salários; ficarei satisfeito com qualquer coisa. Adoro trabalhar — sessenta e cinco horas por semana.

Quando o superintendente que entrevistava Nasrudin olhou para o seu requerimento, ficou surpreso e perguntou:

"Você não tem nenhuma fraqueza?"

Nasrudin disse:

"Apenas uma. Sou mentiroso!"

Mas essa semente abrange todas as outras. Não é preciso ter nenhuma outra fraqueza; uma apenas é o suficiente. Não existem muitas fraquezas em você, apenas uma — e é dessa que todas as outras se originam. E você tem de lembrar-se da sua fraqueza porque ela o segue como uma sombra por todos os lugares onde você vai; faça você o que fizer, ela o aniquilará.

Assim, o ponto básico em religião não é o que fazer, é o que ser. O "Ser" diz respeito ao seu íntimo; e "fazer" diz respeito às suas

atividades na superfície; o "fazer" relaciona-se com os outros, com o mundo exterior; o "ser" é você tal como é interiormente.

Você pode estar sem o fazer, mas não sem o ser. O fazer é secundário, dispensável. Um homem pode ficar inativo, pode ficar sem fazer nada; mas não pode estar sem o ser — assim, o ser é a essência. Jesus, Krishna, Buda, todos falam sobre o ser; e os templos, as mesquitas, as igrejas, as organizações, as seitas, aqueles que são chamados de gurus, os professores, os sacerdotes, todos falam sobre o fazer. Se você perguntar a Jesus, ele falará sobre o ser, em como transformá-lo. Se você perguntar ao Papa no Vaticano, ele falará sobre o fazer, sobre a moralidade. A moralidade está interessada no fazer; a religião refere-se ao ser.

Essas distinções têm de permanecer as mais claras possíveis porque tudo o mais depende disso. Quando uma pessoa como Jesus nasce, nós não a compreendemos. E a não-compreensão acontece porque nós não alcançamos essa distinção: ele fala sobre o ser e, ao ouvirmos, interpretamos como se ele tivesse falando sobre o fazer.

Se você compreender isso, então estas palavras serão claras, e muito úteis. Elas poderão tornar-se uma luz em seu caminho. Do contrário, serão estranhas, contraditórias e parecerão anti-religiosas. Quando Jesus as pronunciou devem ter parecido anti-religiosas aos sacerdotes; é por isso que o crucificaram. Eles pensaram que ele iria destruir a religião.

Veja estas palavras — aparentemente são anti-religiosas:

"Jesus lhes disse: Se vocês jejuarem, gerarão pecado em si mesmos..."

E nós sempre ouvimos falar que a religião prega o jejum. Tem sido dito, muitas vezes, que pelo jejum você é purificado. Toda a religião dos Jainas depende do jejum. Se eles ouvirem estas palavras de Jesus, dirão: "Esse homem é perigoso; os judeus fizeram bem em crucificá-lo!"

Os judeus também ficaram perturbados: tais palavras eram rebeldes e toda a moralidade poderia ser perdida. Se você disser ao povo: "Se vocês jejuarem, gerarão pecado em si mesmos", o jejum tornar-se-á um pecado! Você alguma vez, já ouviu dizer que orando será condenado? Então, o que é religião? Nós pensamos que religião é ir à igreja e rezar a Deus, e Jesus diz: "se rezarem serão condenados; e se derem esmolas prejudicarão seus espíritos".

Que estranhas palavras, mas muito significativas. Jesus quer dizer que como você está não pode fazer nada certo. A ênfase não está em jejuar ou não jejuar; a ênfase não está em dar esmolas ou não; a ênfase não está em orar ou não — a ênfase está em: qualquer coisa que você fizer, do jeito em que se encontra agora, estará errada.

Você pode rezar? Você pode ir ao templo porque isso é fácil, mas não pode rezar. A prece exige uma qualidade diferente — e essa qualidade você não a possui; assim você está apenas enganando a si mesmo. Vá e veja as pessoas que estão rezando nos templos, estão simplesmente enganando a si mesmas, não têm essa qualidade que é a devoção! Como você pode rezar? E se você tivesse como qualidade a devoção, que necessidade teria de ir ao templo ou à igreja?

Onde quer que você estivesse, a oração estaria presente: você se movimentaria, caminharia — e isso seria prece! Você comeria, amaria — e isso seria prece! Você olharia, respiraria — e isso seria prece! Porque a devoção estaria sempre presente, seria exatamente como respirar. Então, você nunca deixaria de estar em prece, nem por um só momento. Mas, então, não haveria necessidade de ir ao templo ou à igreja. As igrejas e templos existem para aqueles que querem enganar a si mesmos, para aqueles que não têm nenhuma qualidade de prece e assim mesmo preferem acreditar que estão orando.

Um homem, um pecador, estava morrendo. Ele nunca tinha ido ao templo, nunca tinha orado, nunca tinha ouvido o que os

sacerdotes dizem, mas no momento da morte ficou com medo. Pediu, suplicou, para que um padre viesse. Quando o padre chegou, havia uma multidão. Muitas pessoas estavam lá porque o pecador era um homem importante, muito bem sucedido; ele era um político, tinha poder, dinheiro. Assim, muitas pessoas tinham se reunido.

O pecador pediu ao padre para chegar perto, porque queria dizer algo em segredo. O padre chegou perto e o pecador sussurrou-lhe: "Eu sei que sou um pecador e sei muito bem que nunca fui à igreja, que não sou um membro da igreja. Não sou um homem religioso absolutamente, nunca rezei. Sei muito bem que o mundo não irá me perdoar. Mas ajude-me, dê-me um pouco de confiança, diga-me que Deus irá me perdoar! O mundo não me perdoará, eu sei, e quanto a isso nada pode ser feito — mas diga-me que Deus irá me perdoar!"

"Bem", disse o padre, "talvez Ele o perdoe porque não chegou a conhecê-lo do modo como nós o conhecemos. Talvez Ele o faça porque não o conhece tão bem como nós".

Mas, se você não pode enganar ao mundo, poderá enganar a Deus? Se você não pode enganar as mentes comuns poderá enganar a Divina Mente? Isso é apenas uma consolação, algo confortável: "Talvez". Mas esse "talvez" está absolutamente errado; não se apegue a esse "talvez"! Enganar a Divina Mente? Isso é apenas uma consolação, algo confortável.

A prece é uma qualidade que pertence à essência e não à personalidade. A personalidade diz respeito ao que você faz, ao seu relacionamento com os outros. A essência é o que lhe foi dado — não tem nada a ver com o que você faz; é um presente de Deus. A prece pertence à essência: é uma qualidade; não é nada que possa ser feito.

O que é jejuar? Como você pode jejuar? E por que as pessoas jejuam? As palavras de Jesus são muito profundas; mais profundas

do que qualquer pregação de Mahavir sobre o jejum. Jesus está se referindo a uma verdade psicológica muito profunda, e esta verdade é que a mente move-se para os extremos: uma pessoa obcecada por comida pode jejuar facilmente. Parece estranho, paradoxal, que um glutão possa jejuar facilmente. Mas apenas esse tipo de pessoa pode jejuar facilmente. Alguém que sempre foi equilibrado em sua dieta achará quase impossível jejuar — por que? Para responder a isto teremos de entrar na fisiologia e na psicologia do jejum.

Primeiro, na fisiologia, que é a camada mais externa. Se você comer demais, obterá uma reserva muito grande, coletará muita gordura. Então, poderá jejuar muito facilmente porque a gordura nada mais é do que um reservatório, uma reserva. As mulheres podem jejuar mais facilmente do que os homens e você sabe disso. Se você observar as pessoas que estão jejuando, particularmente entre os Jainas, descobrirá que para cada homem existem cinco mulheres jejuando: esta é a média. O marido não pode jejuar, mas a esposa pode. Por quê? Porque o corpo feminino acumula mais gordura. Quando você tem mais gordura é mais fácil. No jejum você tem de comer sua própria gordura. É por isso que perde um ou dois quilos por dia. Para onde vai esse peso? Você come a si mesmo; é um tipo de alimentação.

Assim, não há muita dificuldade para as mulheres, elas podem jejuar facilmente, acumulam mais gordura do que os homens. É por isso que seus corpos são mais redondos. As pessoas gordas podem jejuar com muito mais facilidade, podem fazer dietas; elas estão sempre à procura de dietas. Um homem comum, saudável, acumula gordura suficiente para jejuar por três meses sem morrer; noventa dias — tal é a reserva que pode ser acumulada. Mas se você é magro — quer dizer, se você tem comido uma quantidade equilibrada, apenas o suficiente para a atividade física do dia a dia, se não acumulou muita gordura — você não poderá

jejuar... Por isso que o culto do jejum existe sempre entre as pessoas ricas, nunca entre as pobres.

Observe: quando um homem pobre celebra um dia religioso, celebra com um banquete; quando se trata de um homem rico, ele celebra com jejum. Os Jainas são as pessoas mais ricas da Índia; daí o seu jejum. Mas um maometano, um maometano pobre ou um hindu pobre, faz um banquete ao chegar o dia religioso porque durante o ano inteiro esteve com fome; então, como poderá celebrar esse dia fazendo jejum? Ele já jejuou durante o ano inteiro e o dia religioso deve ser diferente dos dias comuns. Assim, esta é a diferença: ele vestirá roupas novas, terá um bom banquete, alegrar-se-á, e agradecerá a Deus. Esta é a religião do homem pobre.

Agora, na América, o jejum, o culto do jejum se desenvolverá rapidamente. Já está se desenvolvendo porque a América tornou-se tão rica e o povo tem comido tanto que agora, de algum modo, o jejum tem de chegar lá. Na América, todos os cultos de jejum têm crescido rapidamente — podem ter diferentes nomes, mas, fisiologicamente, seus corpos têm mais gordura que a necessária, então jejuar é fácil.

Em segundo lugar, psicologicamente, você pode estar obcecado por comida. A comida tem sido sua obsessão: você deve estar comendo demais, comendo, comendo, e pensando sobre comer mais e mais. Esse tipo de mente, um dia, ficará farta de comer e pensar em comida. Se você pensar demais sobre algo, ficará farto disso. Quando você obtém muito de alguma coisa, acaba ficando enjoado. Então, o oposto torna-se atraente: você tem comido demais; agora, precisa jejuar. Pelo jejum, você será capaz de comer novamente com gosto, seu apetite voltará — esse é o único jeito.

A mente tem como lei básica movimentar-se de um oposto a outro com extrema facilidade, sem nunca permanecer no meio. O equilíbrio é o ponto mais difícil para a mente; os extremos são sempre fáceis. Se você come demais, poderá jejuar facilmente porque este é o outro extremo — mas não poderá permanecer no

meio. Não poderá ter uma alimentação correta, uma dieta correta. Não! Ou este lado ou aquele — a mente sempre tende para os extremos. É exatamente como o pêndulo de um relógio: vai para a direita, depois para a esquerda e novamente para a direita; mas, se parar no meio, o relógio parará, então não haverá nenhuma possibilidade de o relógio se mover.

Se a sua mente parar no meio, os pensamentos pararão, o relógio parará. Mas se for para o extremo, cedo ou tarde o oposto tornar-se-á novamente significativo, e você será atraído para ele.

Jesus compreendeu isso muito bem. E ele disse:

"Se vocês jejuarem, gerarão pecado em si mesmos..."

O que é pecado? Na terminologia de Jesus é o extremo, é caminhar para o extremo. Para permanecer exatamente no centro é preciso estar além do pecado. Por que? Por que é pecado caminhar para o Extremo? Caminhar para o extremo é pecado porque, no extremo, você escolhe uma metade e nega a outra metade. Quando diz: "Não comerei nada", escolheu a outra metade, escolheu algo. No meio, não há nenhuma escolha: você alimenta o corpo, não está obcecado nem por este nem por aquele caminho; não está obcecado de modo algum, não é neurótico. O corpo é satisfeito em suas necessidades, mas você não é sobrecarregado por elas.

Esse equilíbrio está além do pecado. Assim, quando você tem um desequilíbrio, é um pecador. A idéia de Jesus é que uma pessoa muito apegada a este mundo é pecadora. E se ela se move para o outro extremo, renuncia ao mundo, torna-se contra o mundo, permanecerá em pecado. Uma pessoa que aceita o mundo, sem escolher este ou aquele caminho, transcende-o.

Aceitação é transcendência. Quando você escolhe, isto significa que você entrou, que o seu ego entrou, que você está lutando.

Quando você vai para um extremo, tem de lutar continuamente porque no extremo não se pode nunca estar à vontade — apenas no meio é possível estar tranqüilo. No extremo, você está sempre tenso, preocupado; a ansiedade está presente. Apenas no meio, quando você está equilibrado, não existe nenhuma ansiedade, nenhuma angustia; você está em casa. Nada o preocupa porque não existe tensão. A tensão indica o extremo. Você tentou muitos extremos, eis porque está tão tenso.

Ou você anda atrás de mulheres e então o sexo continuamente se agita em sua mente ou virou-se contra elas e então o sexo também se agita em sua mente. Se você estiver existindo pelo sexo, ele será a única presença na sua mente. Se você estiver contra ele, se for um inimigo, então novamente o sexo estará na sua mente — porque dos amigos, você se lembra, mas dos inimigos você se lembra ainda mais. Algumas vezes, os amigos podem ser esquecidos, mas os inimigos nunca; eles estão sempre presentes. Como você pode esquecer seu inimigo? Assim, as pessoas que se movimentam no mundo do sexo ficam fartas do sexo. Vá aos mosteiros e Olhe como estão as pessoas que se moveram para o outro extremo — estão continuamente com o sexo, toda a sua mente tornou-se sexual.

Se você comer demais, tornar-se-á obcecado pela comida, como se toda a vida existisse apenas para comer; então continuamente a comida estará na mente. Se jejuar, a comida também estará sempre na sua mente. Se algo ficar sempre na mente, tornar-se-á um fardo. A mulher não é o problema, o homem não é o problema — ter sexo na mente o tempo todo é o problema. A comida não é um problema: você come e está acabado; mas a comida na mente o tempo todo é que é o problema.

E se houver sempre muitas coisas em sua mente ela fica dissipando energia; torna-se insensível, entediada e tão carregada que a vida parece completamente sem sentido.

Quando a mente está descarregada, leve, fresca, a inteligência sobrevém você olha para o mundo com novos olhos, com uma consciência nova, leve. Então toda a existência é bela — que beleza é Deus! Então toda a existência é vida — que vitalidade é Deus! Então toda a existência é extasiante. Cada momento, cada segundo é repleto de alegria — essa felicidade, esse êxtase é Deus.

Deus não é uma pessoa que o espera em algum lugar; Deus é uma revelação neste mundo. Quando a mente está silenciosa, clara, leve, jovem, fresca virgem — como uma mente virgem, Deus está em todo lugar. Mas sua mente está morta e você a fez assim por um processo específico. Esse processo é o movimento de um extremo a outro, de um pólo a outro, sem nunca permanecer no centro.

Ouvi contar que um bêbado estava caminhando por uma rua extensa, muito ampla. E perguntou a um homem: "Onde está o outro lado da rua?" A noite estava descendo, a luz desaparecendo, ele completamente bêbado e a rua era muito larga. Ele não podia ver bem e por isso perguntou: "Onde está o outro lado?" O homem sentiu pena e levou-o para o outro lado.

Quando o bêbado chegou do outro lado, perguntou a um outro homem: "Onde está o outro lado?" O homem tentou levá-lo para o outro lado. Mas o bêbado parou e disse: "Espere! Que tipo de gente existe por aqui? Eu estava lá e perguntei: Onde está o outro lado? Eles me trouxeram até aqui e agora eu pergunto: Onde está o outro lado? Você diz que é lá! E quer me levar outra vez para aquele lado. Que tipo de gente existe por aqui? Onde está o outro lado?"

Onde você está não faz nenhuma diferença: o extremo oposto transforma-se no outro lado e torna-se atraente porque a distância cria a atração. Você não pode imaginar a atração que um homem que está tentando ser casto sente pelo sexo. Você não pode imaginar a atração que um homem em jejum sente pela comida. Você não pode imaginar porque isso é uma experiência: estar continuamente

com uma coisa na mente — comida, sexo. E isso pode continuar até a morte. Mesmo quando você estiver morrendo, se algum extremo existir, você estará obcecado.

Como estar tranquilo e relaxado? Não vá para o extremo; este é o significado das palavras de Jesus: não se afaste para o extremo! Jesus sabe muito bem que você está viciado em comida — não vá jejuar, isso não o auxiliará: "Se vocês jejuarem, gerarão pecado em si mesmos; se rezarem, serão condenados..."

O que é rezar? Comumente pensamos que rezar é pedir alguma coisa, exigir, reclamar; você tem desejos e Deus pode auxiliá-lo a satisfazê-los. Você vai à porta de Deus e pede algo; você vai como um mendigo. Para você rezar é mendigar. Mas rezar não pode ser mendigar; a prece só pode ser um agradecimento, uma gratidão. E isto é totalmente diferente. Quando você vai mendigar, sua prece não é um fim, é justamente um meio. A prece em si não tem significado porque você está rezando para obter algo — esse algo é que é significativo, não a prece. E, muitas vezes, você pede e seus desejos não são atendidos. Então, você abandona a prece e diz: "Inútil!". Para você, ela é um meio.

A prece não pode nunca ser um meio, assim como o amor também não pode. O amor é um fim: você não ama para obter algo mais, o amor em si mesmo tem um valor intrínseco — você simplesmente ama! Ele é uma bênção! Não há nada além. Não existe nenhum resultado a ser obtido através dele. Ele não é um meio para se atingir algum fim; ele é o fim! E rezar é amar — você simplesmente reza e alegra-se com isso; não pede, não mendiga.

A prece em si mesma, intrinsecamente, é tão bela, você se sente tão extasiado e feliz, que simplesmente agradece ao Divino por Ele ter lhe permitido ser, respirar, olhar — que cores! Por ter lhe permitido ouvir, estar consciente. Isso não foi adquirido, é um presente. Você vai ao templo com um profundo agradecimento, apenas para agradecer: "Seja o que for que Você tenha me dado, é muito. Eu nunca mereci!" Você merece alguma coisa? Você

consegue encontrar algum merecimento em si mesmo? Se você não estivesse aqui, poderia dizer que alguma injustiça foi feita a você? Não! Tudo o que você tem obtido é simplesmente um presente vindo do amor Divino. Você não o merece.

Deus transborda em Seu amor. Quando você entende isso, uma qualidade nasce em você: a qualidade do agradecimento. Então, vai a Ele simplesmente e Lhe agradece, sente apenas gratidão. Gratidão é prece; e é tão belo sentir-se grato! Nada pode ser comparado a isso! A prece é o ápice da felicidade, não pode tornar-se um meio para qualquer outro fim.

Jesus diz: "... e se você rezar será condenado..." porque sua prece estará errada. Jesus sabe que quando você vai ao templo, vai para mendigar, para pedir algo. Isto é um meio, e quando você faz da prece um meio, está pecando.

O que é amar? Pelo amor, você pode entender o que acontece na prece. Você ama alguém — realmente? Você ama ou algo mais existe aí? Uma mútua gratificação? Quando você ama uma pessoa, você realmente ama a pessoa? Você dá seu coração? Ou você apenas explora o próximo em nome do amor?

Você utiliza o outro em nome do amor. Isso pode ser sexual, pode ser de algum uso, e você utiliza o outro. E se o outro disser: "Não, não me utilize!" seu amor continuará presente ou desaparecerá? Você dirá: "Qual é a utilidade disso?" Se o outro o aprecia, se uma bela mulher o aprecia, seu ego é satisfeito. Uma bela mulher o admira e você sente, pela primeira vez, que é um homem. Mas se ela não o aprecia, não o admira, o amor desaparece. Se um belo homem, um homem importante, a admira, diz que você é uma bela mulher, a aprecia continuamente, você se sente gratificada porque o ego é satisfeito!

Trata-se de uma mútua exploração. E você chama isso de amor. E quando se transforma num inferno, nada existe de estranho; isso tem de transformar-se num inferno porque amor é apenas o nome sob o qual algo mais está escondido. O amor nunca

cria inferno, o amor é uma qualidade inerente ao celestial. Quando você ama, é feliz e a sua felicidade mostra que você está amando.

Olhe para os amantes: eles não parecem estar felizes — apenas no começo, quando estão planejando sem saber, quando estão inconscientemente jogando a rede para um apanhar o outro. Mas a poesia, o romance e toda a insensatez existe apenas para um apanhar o outro. Tão logo o peixe é fígado, eles ficam infelizes, sentem-se como se estivessem numa prisão. O ego de cada um torna-se um cativo. Cada qual tenta dominar e possuir o outro.

Esse amor torna-se condenação. Se o seu amor está errado, sua prece não pode estar certa porque prece significa amar o Todo — e se você tem sido um fracasso no amor com um ser humano comum, como poderá ser bem sucedido no seu amor ao Divino?

O amor é apenas um passo para a prece. Você tem de aprender. Se puder amar um ser humano, conhecerá o segredo. A chave do Divino é a mesma; é claro que milhões de vezes ampliada e multiplicada. A dimensão é maior, mas a chave é a mesma. O amor é um fim em si mesmo e nele não existe nenhum ego. Quando você está sem ego, o amor existe. Então você simplesmente dá sem pedir, sem qualquer retorno. Você simplesmente dá porque é tão belo dar; você compartilha, porque compartilhar é tão maravilhoso — então não há nenhuma barganha. Quando não há nenhuma barganha, nenhum ego, o amor flui — então você não é frio, você se dissolve. Essa fusão tem de ser aprendida para que você possa rezar.

Jesus diz a seus discípulos: "... se vocês rezarem", e a ênfase está no vocês, "vocês serão condenados". Ele conhece muito bem seus discípulos "... e se vocês derem esmolas, prejudicarão seus espíritos".

Você já observou o que acontece em seu íntimo quando dá algo a um mendigo? Isso surge por compaixão ou vem do seu ego?

Se você estiver só na rua e um mendigo vier, você dirá: "Vá embora!" porque não há ninguém vendo o que você está fazendo ao mendigo, seu ego não é ferido de modo algum. Mas o mendigo também conhece psicologia: ele nunca pede quando você está sozinho na rua e não há ninguém por perto; ele passa de lado — esse não é o momento certo. Mas se você está andando com alguns amigos, ele se agarra a você.

No mercado, quando muitas pessoas estão olhando, ele se agarra a você porque sabe que se você disser: "Não!" as pessoas pensarão: "Que desapiadado, que cruel!" Portanto, você dará esmola para salvar o seu ego. Você não estará dando ao mendigo, isso não acontecerá por compaixão. E lembre-se bem que, quando você der, o mendigo irá contar aos outros mendigos que o enganou, que você é um tolo. Ele rirá porque também sabe o motivo pelo qual você deu; sabe que não foi por compaixão.

A compaixão dá por diferentes razões: você sente a miséria do outro, e a sente tão profundamente, que se torna parte dela. E não sente apenas a miséria, sente a responsabilidade também porque se um homem está miserável, de algum modo você é responsável — porque o todo é responsável pelas partes: "Estou auxiliando uma sociedade, um tipo de governo, uma estrutura que cria a exploração. Sou parte disso e esse mendigo é uma vítima." Você não sente apenas compaixão, sente responsabilidade; você tem de fazer algo. Quando você dá algo a um mendigo, quer que ele lhe agradeça. Mas quando o doar vem pela compaixão, você é que se sente agradecido porque sabe que o que deu não é nada.

A sociedade continua e você tem investido muito nessa sociedade que cria mendigos. Você sabe que é parte desse sistema no qual as pessoas pobres existem porque o rico não pode existir sem o pobre. E você bem sabe que também tem a ambição de tornar-se rico. Você sente toda a culpa, sente o pecado — então, dar é totalmente diferente. Mas, se você sente que fez algo de grande ao

dar dois centavos a um mendigo, Jesus diz: "... você está prejudicando o seu espírito..." porque não sabe o que faz.

Dê por amor, dê por compaixão. E você não estará dando esmola a um mendigo, isso não será esmola, você estará simplesmente compartilhando com um amigo. Quando o mendigo torna-se um amigo é totalmente diferente: você não está acima dele, o ego não é satisfeito. Pelo contrário, você sente: "Eu não posso fazer nada — dar apenas essa pequena quantidade de dinheiro não será de muito auxílio."

Certa vez, aconteceu o seguinte: um Mestre Zen vivia em uma cabana numa colina distante, a muitas milhas da cidade. Numa noite de lua cheia, um ladrão entrou. O Mestre ficou preocupado porque não tinha nada que pudesse ser roubado, exceto uma manta, que ele estava usando. Então, o que fazer? Ele ficou tão preocupado, que quando o ladrão entrou ele colocou a manta ao lado da porta e escondeu-se.

O ladrão olhou ao redor, mas no escuro, não pôde ver a manta — não havia nada. Desanimado, frustrado, ele estava indo embora. Então, o Mestre gritou: "Espere! Pegue essa manta! Eu sinto muito porque você veio de tão longe, a noite está fria e não há nada nesta casa. Da próxima vez que você vier, por favor me avise. Eu arranjaré alguma coisa. Sou um homem pobre, mas tomarei algumas providências. Assim, você poderá roubar. Mas tenha pena de mim, caso contrário eu me sentirei muito constrangido: leve esta manta — e não diga não!" O ladrão não podia acreditar no que estava acontecendo. Ficou apreensivo; esse homem parecia estranho, ninguém havia se comportado desse modo antes. Ele simplesmente pegou a manta e foi embora correndo.

Nessa noite, o Mestre escreveu um poema. Sentado em sua janela — a noite estava fria, havia lua cheia no céu — ele escreveu um poema que dizia: "Oh bela lua! Gostaria tanto de te oferecer a

esse ladrão!" E as lágrimas correram de seus olhos: ele estava soluçando, chorando e sentindo: "Pobre homem, veio de tão longe!"

Pouco tempo depois o ladrão foi preso. Havia outros crimes contra ele e a manta foi encontrada. Essa manta era muito famosa — todo o mundo sabia que pertencia ao Mestre Zen. Então, o Mestre Zen teve de ir à Corte. O magistrado lhe disse: "Diga simplesmente que esta manta lhe pertence; isto é o suficiente. Esse homem roubou esta manta de sua cabana — diga apenas sim, apenas isto".

O Mestre disse: "Mas ele não a roubou, ele não é um ladrão! Eu o conheço bem. Uma vez ele me visitou, é claro, mas não roubou nada — essa manta fui eu que lhe dei de presente. E eu me senti culpado por não ter mais nada para dar. A manta é velha, quase sem valor; e esse homem é tão bom que a aceitou. Não apenas isto, em seu coração havia agradecimento".

Jesus diz: "... e se derem esmolas prejudicarão seus espíritos" — porque você dá por razões erradas. Se você praticar uma boa ação por motivos errados, falhará, falhará completamente.

"E quando andarem por um país estranho e percorrerem suas regiões, ao serem recebidos, comam o que colocarem à sua frente e sanem os que estiverem doentes".

Duas coisas são ditas aqui por Jesus a seus discípulos. Primeira: "Seja o que for que lhe derem, receba, não imponha qualquer condição".

O budismo expandiu-se muito — quase metade do mundo tornou-se budista; mas os monges Jainas não puderam sair da Índia. Assim, os Jainas permaneceram confinados neste país; não são mais do que trinta lakhs (três milhões). Mahavir e Buda eram do mesmo calibre, então por que os Jainas não puderam enviar sua mensagem para fora? Por causa do monge Jaina; ele não sai, impõe condições: um tipo especial de comida preparada de um modo especial, e servida a ele de uma maneira especial. Como pode ele sair do país?

Mesmo na Índia, ele pode mover-se apenas pelas cidades onde os Jainas vivem porque não aceita comida de ninguém mais. Por causa desse hábito, Mahavir tornou-se inútil para o mundo; o mundo foi incapaz de aproveitar um grande homem.

Jesus diz a seus discípulos: "... andem por qualquer terra e percorram suas regiões. Ao serem recebidos, comam o que colocarem à sua frente — não imponham nenhuma condição, não digam que comerão apenas um determinado tipo de comida".

Seu caminhar pelo mundo deve ser incondicional. Se você impuser condições tornar-se-á um fardo. Eis porque os discípulos de Jesus nunca foram um fardo: comiam qualquer coisa que lhes fosse dada; usavam qualquer roupa que pudessem obter, viviam em todos os tipos de clima, com todo o tipo de gente, misturados com todo mundo. Eis porque o cristianismo pôde se expandir como fogo: por causa do comportamento dos discípulos — incondicional.

Em segundo lugar, Jesus diz o seguinte: "... sanem os que estiverem doentes".

Ele não diz: "Ensine-os o que é a Verdade." Não! Isso é inútil! Ele não diz: "Force-os a acreditarem em minha mensagem". Isso é inútil! Simplesmente curem os doentes! Porque se uma pessoa está doente, como pode vir a compreender a verdade? Como pode entendê-la? Se a sua alma está doente, como pode receber minha mensagem? Curem os doentes! Façam-nos ficar sãos, isso é tudo. Quando estiverem sãos e saudáveis serão capazes de entender a verdade, serão capazes de entender Jesus.

"Seja um servo, um médico — apenas auxilie as pessoas a serem curadas". Psicologicamente, todo mundo está doente. As pessoas podem não estar doentes fisiologicamente, mas todo mundo está doente no que diz respeito à mente e uma profunda cura é necessária. Jesus diz: "Seja um médico: vá e cure as mentes".

Tente entender qual é o problema da mente: quando dividida, está doente; quando não-dividida, está saudável. Quando existem muitas coisas contraditórias na mente, ela fica doente, fica

como uma multidão, como uma louca multidão. Mas, quando existe apenas uma coisa na mente, ela fica saudável — porque através da unidade uma cristalização acontece. A menos que na mente exista apenas uma coisa, ela permanece doente.

Há certos momentos em que sua mente também atinge a unidade. Alguns momentos acontecem, algumas vezes, acidentalmente. Certa manhã, você levanta cedo; tudo está fresco e o sol está surgindo; tudo é tão belo que você se torna centrado. Esquece que tem de ir ao mercado, esquece que tem de ir ao escritório, esquece que é hindu, maometano ou cristão, esquece que é pai, mãe ou filho — esquece este mundo. O sol é tão belo e a manhã tão fresca que você penetra nela e torna-se um só. Por um singular momento, você é um só, sua mente é total e saudável; você sente uma benção surgindo por todo o seu ser. Isto pode acontecer acidentalmente, mas você também pode fazer com que aconteça conscientemente.

Quando a mente é uma só, uma qualidade mais alta expressa a si mesma e a inferior cai imediatamente por si mesma. É exatamente como numa escola: quando o diretor está presente, os professores trabalham bem, os alunos aprendem e há ordem. Quando o diretor sai, os professores são a autoridade mais alta e não existe tanta ordem porque os professores estão em liberdade. Uma energia mais baixa começa a funcionar — eles vão fumar, tomar chá e começam a tagarelar. Ainda assim, se os professores estiverem presentes, os estudantes estarão quietos. Mas quando o professor sai, a classe vira um caos; é uma multidão, uma louca multidão. O professor entra na classe — e de repente, tudo muda. Uma força mais alta entrou, o caos desapareceu.

O caos demonstra simplesmente que uma força mais alta está ausente. Quando não existe nenhum caos, quando há harmonia, isto demonstra que uma força mais alta está presente. Sua mente está em caos — um ponto mais alto é necessário, uma cristalização mais alta é necessária. Você é exatamente como um aluno, uma classe,

uma classe louca onde o professor não está. Quando você se concentra, imediatamente se faz sentir uma função mais alta.

Assim, Jesus diz: "Sane!" A palavra "sane" vem da mesma raiz da palavra "são"; o mesmo acontece com a palavra "santo". Sane uma pessoa e ela tornar-se-á sã; quando uma pessoa é sã torna-se santa. Este é o processo completo. A mente está doente porque não tem nenhum centro. Você já obteve um centro na mente? Você pode dizer: "Este centro sou eu?" Ele muda a cada momento: pela manhã, você está com raiva e sente que é a raiva; à tarde, fica amoroso e pensa: "Eu sou amor"; à noite, está frustrado e pensa: "Eu sou frustração". Há algum centro em você? Ou você é apenas uma multidão em movimento?

Do jeito que você está, não existe nenhum centro, não há nenhum centro ainda — e um homem sem um centro é um doente. Um homem saudável é um homem com um centro. Jesus disse: "Auxilie as pessoas a alcançarem o centro"; assim, seja qual for o caos ao redor haverá um centro por dentro, você permanecerá centrado vinte e quatro horas por dia; algo permanecerá contínuo — esse contínuo tornar-se-á seu Ser.

Observe: existem três camadas na existência. Uma camada é objetiva, é o mundo objetivo; seus sentidos transmitem tudo o que está a sua volta — seus olhos vêem, seus ouvidos ouvem, suas mãos tocam. O mundo objetivo é a primeira camada da existência e, se você estiver envolvido por ela, permanecerá satisfeito com a mais superficial. Há uma segunda camada em seu interior, a camada da mente: pensamentos, emoções, amor, raiva, sentimentos — esta é a segunda camada. A primeira camada é comum — se eu tiver uma pedra em minha mão você será capaz de vê-la — ela é um objeto comum a todos. Mas ninguém pode ver o que está dentro da mente.

Quando você olha para mim, vê apenas o meu corpo; nunca me vê. Quando eu olho para você, vejo apenas o seu corpo, não você. Uma outra pessoa pode ver o seu comportamento: como você age, o que faz, como reage. Pode ver a raiva em sua face, o rubor, a

crueidade, a violência em seus olhos, mas não pode ver a raiva dentro da sua mente. Pode ver um gesto amoroso demonstrado pelo seu corpo, mas não pode ver o amor. E você pode estar apenas fazendo um gesto, talvez não haja nenhum amor. Você pode enganar os outros por meio de ações, e é isso o que você tem feito.

Seu corpo pode ser conhecido pelos outros, mas a sua mente não. O mundo objetivo é comum a todos; é o mundo da ciência. A ciência diz que essa é a única realidade por que: "Nós não podemos saber sobre os pensamentos — se eles existem ou não, ninguém sabe. Você diz que eles existem, mas eles não são aparentes, objetivos; nós não podemos experimentá-los, não podemos vê-los. Você os transmite, mas pode estar nos enganando ou sendo enganado — quem sabe?" Seus pensamentos não são coisas, mas você bem sabe que existem. Sabe que não existem apenas coisas, mas pensamentos também. Entretanto, os pensamentos são privados, não são comuns.

A camada externa, a primeira camada, a camada da superfície cria a ciência. A segunda camada, a dos pensamentos e sentimentos, cria a filosofia, a poesia. Mas isso é tudo? Matéria e mente? Se isso fosse tudo, você não poderia nunca ficar centrado porque a mente é sempre um fluxo. Não tem nenhum centro: ontem, você teve determinados pensamentos, hoje têm outros; amanhã terá outros — é como um rio, não tem nenhum centro em si.

Na mente, não se pode encontrar qualquer centro: os pensamentos mudam, os sentimentos mudam; há um fluxo. Desse modo, você permanece sempre doente, confuso, não pode nunca estar são. Mas há também uma outra camada na existência, a mais profunda. A primeira é o mundo objetivo, o mundo da ciência; a segunda é o mundo dos pensamentos — a filosofia, a poesia, os sentimentos, os pensamentos. E há uma terceira camada que é o mundo da religião, do testemunho — daquele que observa os pensamentos, daquele que observa os objetos.

Esse observador é único; não existem dois. Se você está olhando para uma casa com os olhos abertos ou fechados, o observador é o mesmo. Se você está olhando para a raiva ou para o amor, o observador é o mesmo. Se está triste ou alegre, se a vida transformou-se em poesia ou em pesadelo, isso não faz nenhuma diferença — aquele que olha permanece o mesmo, a testemunha permanece a mesma. A testemunha é o único centro, essa testemunha é o mundo da religião.

Quando Jesus diz: "Vá e sane as pessoas", está dizendo: "Vá e auxilie-as a alcançar seus centros, faça com que sejam testemunhas. Assim, não estarão envolvidos pelo mundo, nem pelos pensamentos, estarão enraizadas no ser". E, uma vez que você esteja enraizado em seu ser, tudo muda, a qualidade muda — você pode rezar.

Mas então, você não fará a prece por razões erradas; a prece será um agradecimento. Não rezará como um mendigo, mas como um imperador que tem muito de tudo. Você dará esmolas, mas não por egoísmo, dará por compaixão, porque é tão belo dar, isso o torna tão feliz. Você jejuará, mas esse jejum não será uma obsessão por comida, será totalmente diferente.

Como o jejum de Mahavir, será totalmente diferente. Haverá momentos em que você esquecerá o corpo de tal modo que não notará que existe fome; você se desligará de tal modo do corpo que não será capaz de informá-lo que está com fome. A palavra jejum, em sânscrito, é muito bela; essa palavra é *upawas*. Ela não carrega absolutamente nenhum sentido de comida ou não comida, não tem nada de jejum em si, essa palavra significa simplesmente: "viver mais próximo de si mesmo"; *upawas* significa "viver mais próximo de si mesmo", "estar mais perto de si mesmo". Um momento chega em que você está tão centrado que o corpo é completamente esquecido, é como se não existisse. Então não há fome, e o jejum acontece — ele é um acontecimento, não um fazer.

É possível permanecer nesse centro por muitos dias. Isso acontecia com Rama-Krishna: ele entrava em êxtase por seis ou sete dias e permanecia como se estivesse morto. Seu corpo não se movia, continuava na mesma posição; se ele estivesse em pé continuaria em pé. Os discípulos tinham de deitá-lo e alimentá-lo à força com um pouco de água e leite — mas era como se ele não estivesse lá. Isto é um jejum: porque você não está mais no corpo.

Estando no corpo, você não está mais no corpo. Isso não pode ser feito. Como você pode fazer isso? Todo o fazer é pelo corpo; é preciso usar o corpo para fazer algo. Esse jejum não pode ser feito porque esse jejum significa estar sem o corpo. Mas pode acontecer — aconteceu a Mahavir, a Jesus, a Maomé. Pode acontecer a você também.

Jesus disse: "Andem entre o povo, comam o que colocarem à sua frente e sanem os que estiverem doentes. Pois o que entrar pela boca não os profanará, mas o que sair da boca, isto os maculará".

Este provérbio é muito significativo. Não se preocupe se a comida não é pura, se um *Sudra* (intocável) o tocou ou se uma mulher menstruada passou por perto e o maculou com sua sombra. A questão não é o que entra, é o que você traz à luz — porque o que você traz, isto mostra sua qualidade; como você transforma o que recebe, este é o ponto.

Um lótus nasce no lodo, o lodo é transformado e transforma-se em lótus. O lótus nunca diz: "Não comerei desse lodo, ele é sujo!" Não, não é bem isso. Se você é um lótus, nada é sujo. Se você tem a capacidade do lótus, tem o poder de transformar, a alquimia, então, você pode permanecer no lodo e um lótus nascerá. Mas, se você não tiver a qualidade do lótus, mesmo que viva no ouro, apenas o lodo sairá de você. O que entra não importa. O que importa é estar centrado no ser. Se você estiver, tudo o que entrar será mudado,

será transformado; receberá a qualidade do seu ser e tornar-se-á público.

Certa vez, Buda foi envenenado por um alimento estragado, mas isso foi um acidente. Um homem pobre ficou muitos dias à espera de Buda para convidá-lo para ir à sua casa. Então, um dia ele veio, cedo, às quatro horas da manhã, e parou perto da árvore onde Buda estava dormindo para ser o primeiro a convidá-lo — e ele foi o primeiro. Buda abriu os olhos e o homem disse: "Aceite o meu convite! Tenho esperado por muitos e muitos dias. Sou um homem pobre e não tenho muito para lhe oferecer, mas há muito tempo sonho com a sua visita". Buda disse: "Eu irei".

Exatamente nesse momento, o Rei da cidade vizinha com suas carruagens, seus ministros e um longo séquito, aproximou-se de Buda. "Venha! Eu o convido para o meu palácio!"

Buda disse: "Não posso! Meus discípulos irão ao seu palácio, mas eu já aceitei um convite — e este homem chegou primeiro. No momento em que abri meus olhos, ele foi o primeiro a me convidar; assim, irei com ele."

O rei tentou persuadi-lo de que isso não seria bom: "Esse homem, o que ele pode lhe dar para comer? Seus filhos estão famintos, ele não tem nenhuma comida!"

Buda disse: "Essa não é a questão. Ele me convidou e eu irei". E Buda foi.

O que esse homem tinha feito? Em Bihar e em outras partes pobres da Índia, as pessoas apanham muitas coisas na estação das chuvas; tudo o que germina, elas colhem. Um tipo de vegetal, o *kukarmutta* (cogumelo), com formato de guarda-chuva, brota nesta época e eles o colhem, colocam-no para secar e guardam para o ano todo. Esse é o único vegetal que comem — mas algumas vezes fica envenenado.

Assim, esse homem apanhou *kukarmutta* para Buda. Ele o secou e o preparou, mas quando Buda começou a comer sentiu que

estava muito amargo, que estava envenenado. Esse era o único vegetal que o homem possuía e se Buda dissesse: "Está amargo, não posso comê-lo", o homem ficaria magoado porque não tinha mais nada para oferecer. Assim, Buda continuou comendo sem dizer que o vegetal estava amargo e envenenado. O homem ficou muito feliz. Buda foi embora e o veneno começou a funcionar. O médico foi chamado e disse: "É um caso muito grave. O veneno entrou na circulação sanguínea e é impossível fazer algo — Buda morrerá!"

A primeira coisa que Buda fez foi reunir seus discípulos e dizer-lhes: "Esse homem não é comum, é um homem excepcional. Minha mãe foi a primeira a me alimentar e ele foi o último — ele é exatamente como minha mãe. Assim, honrem-no porque isso é algo raro!"

"Um Buda acontece em milhares de anos e apenas duas pessoas têm essa rara oportunidade: a primeira é a mãe; ela auxiliou Buda a entrar no mundo; e a última é esse homem; ele me auxiliou a entrar no outro mundo. Por isso, ide e anunciai ao povo que esse homem deve ser venerado — ele é grande!"

Os discípulos ficaram muito perturbados, porque tinham pensado em matar o homem. Quando todo mundo se foi, *Ananda* disse a Buda: "Respeitar esse homem é demais para nós. Ele é um assassino, ele o matou! Não diga tais coisas. Por que você as diz?"

Buda respondeu: "Eu o conheço, você poderia matá-lo — foi por isso que eu disse: vá e renda-lhe homenagem. Essa é uma rara oportunidade; acontece apenas algumas vezes no mundo: dar a Buda o último alimento".

Buda recebeu veneno e devolveu amor. Isso é alquimia: ele sentiu compaixão por aquele homem que quase o matou. Ainda quando é veneno o que se dá a um Buda, apenas o amor pode surgir.

Jesus disse: "Pois o que entrar pela boca não os profanará". Até mesmo o veneno não pode maculá-lo, "mas o que sair da boca,

isto é que os maculará". Assim, observe como você transforma as coisas: se alguém o insulta, se alguém o alimenta com um insulto, isto não o desonra. Mas, o que sai de você? Como você transforma o insulto? O que surge: amor ou ódio?

Assim, Jesus diz: "Observe o que surge de você; não se preocupe com o que encontra." Isso tem de ser observado por você também; do contrário, toda a sua abordagem estará errada. Se você pensar continuamente no que entra, nunca desenvolverá essa capacidade de ser que pode transformar as coisas. E tudo continuará superficial: a comida pura, esse ou aquele tipo de comida. Ninguém poderá tocá-lo, você será um *Brahmin*, uma alma pura. Desse modo, tudo será absurdo! O essencial não é o que entra; o essencial é lembrar-se de que você tem de transformar o que entra.

Certa manhã, *Shankaracharya* estava em Benares e foi tomar o seu banho ritual no Ganges, pensando — de acordo com a velha tradição brâmane — que o Ganges poderia torná-lo puro. Ao voltar do banho, um *Sudra* o tocou. Ele ficou com muita raiva e disse:

"O que você fez? Agora terei de tomar outro banho. Você me profanou!"

E o *Sudra* respondeu:

"Então seu Ganges é inútil — se o Ganges o purifica, e o meu toque o torna contaminado — nesse caso eu sou maior do que seu Ganges!"

E o *Sudra* continuou:

"Que tipo de sábio você é? Porque tenho ouvido você dizer que a unidade existe em todos. Assim, permita-me fazer-lhe uma pergunta: o toque do meu corpo pode maculá-lo? Se assim é, isso significa que o meu corpo pode tocar sua alma. Mas você diz que o corpo é ilusão, que é apenas um sonho, como pode um sonho tocar a Realidade? Como pode um sonho macular a Realidade? Como o que não é pode macular o que é? Se você diz que não foi o meu corpo e sim minha alma que o maculou porque só uma alma pode

tocar outra alma, então eu não sou Brahma, eu não sou essa unidade da qual você fala? Diga-me, quem o maculou?"

Conta-se que *Shankara* inclinou-se e disse:

"Até agora, eu estava apenas pensando sobre a unidade, isto era apenas uma filosofia. Agora, você me indicou o caminho certo, agora ninguém pode me macular. Agora eu entendo: a unidade existe, apenas a unidade existe e o mesmo que está em mim está em você".

Então *Shankara* tentou por todos os meios descobrir quem era esse homem. Ele não pôde descobrir; nunca descobriu quem era esse homem. Deve ter sido o próprio Deus, deve ter sido a própria Fonte... e *Shankara* transformou-se.

O que entra em você, não pode maculá-lo, porque seja o que for que entre, entra no corpo. Nada pode entrar em VOCÊ; sua pureza é absoluta. Mas tudo o que sair de você carrega sua qualidade, a fragrância do seu ser — isso demonstra algo. Se o ódio sai de você, isso demonstra que o seu interior está doente; se o ódio vem de você, isso demonstra que você não está são por dentro; se o amor, a compaixão e a luz surgem de você, isso demonstra que a totalidade foi alcançada.

Espero que você compreenda estas estranhas palavras. A falta de compreensão é fácil, e com pessoas como Jesus o equívoco é sempre possível; a compreensão é quase impossível — porque ele fala verdades e as verdades são sempre paradoxais — porque você não está pronto para ouvir, não está centrado.

Você compreende pela mente e a mente embaralha, confunde, interpreta — então esta asserção torna-se perigosa. Devo lhes dizer que estas palavras não estão registradas na versão autorizada da Bíblia. Elas têm sido deixadas de lado — porque o que elas dizem é perigoso! Elas estão registradas, mas não na versão autorizada, não na Bíblia que os cristãos acreditam. Enquanto Jesus

falava, muitas pessoas tomavam nota e este registro sobreviveu. Ele foi encontrado há apenas vinte anos em uma escavação no Egito.

Todos esses dizeres que estamos explanando pertencem a esse registro. Eles não fazem parte da versão autorizada porque a versão autorizada não pode estar certa — é impossível. Quando você organiza uma religião, o espírito morre; ao ser organizada, a religião morre. Há interesses investidos. Como pode o Papa do Vaticano dizer: "Se você jejuar, fará mal a si mesmo"? Assim, ninguém jejuará. "E se orar, será condenado?" Ninguém orará. "E se derem esmolas farão mal a seus espíritos?" Ninguém dará donativos. E como essa grande organização, a Igreja, poderá existir?

Os cristãos têm a maior organização do mundo: os padres católicos são em número de doze lakhs (um milhão e duzentos mil); há milhares de igrejas em todo o mundo. A organização mais rica que existe é o Cristianismo Católico; nem mesmo os governos federais são tão ricos porque todo governo é falido. Mas o Papa do Vaticano é o homem mais rico, com a maior organização em todo o mundo, o único estado internacional — não visível, muito invisível, mas com milhões de pessoas trabalhando sob suas ordens.

Como isso pode acontecer? Tudo isso acontece pelas doações, e se os cristãos souberem que Jesus disse: "Se derem donativos, prejudicarão seus espíritos"...? E essas igrejas feitas para orar, se as pessoas vierem a saber que Jesus disse: "Não reze, caso contrário estará cometendo pecado", quem irá lá rezar? Se ninguém orar, se não houver nenhum jejum, nenhum ritual, nenhuma doação, como os padres existirão? Jesus tira o próprio fundamento de toda organização religiosa. Sem ela, Jesus pode estar presente, mas o cristianismo não.

Esses dizeres não estão na versão autorizada, eles tiveram de ser deixados de lado. Talvez você não os compreenda, mas, se puder sentir o que eu estou dizendo, você compreenderá. Ele não é contra a prece, ele não é contra o jejum, ele não é contra dar e compartilhar — é contra as máscaras.

O real deve vir do ser. Primeiro, você deve mudar e ser transformado; então, tudo o que fizer será bom.

Certa vez, alguém perguntou a Santo Agostinho:

"O que devo fazer? Não sou um homem instruído; por isso, responda-me com poucas e curtas palavras".

Agostinho disse:

"Nesse caso, há apenas uma coisa a ser dita: AME! E tudo o que fizer estará certo".

Quando você ama, tudo está certo, é claro; mas se você não ama, então tudo está errado.

Amar significa não ter ego! Amar significa ser centrado! Amar significa permanecer feliz! Amar significa ser grato! Este é o significado de viver pelo ser, não pelos atos. Porque os atos estão na superfície, o ser está no íntimo.

Deixe as coisas virem do seu ser. Não manipule e não controle suas ações, transforme seu ser. O real não é o que você faz, o real é aquilo que você é.

SEXTO DISCURSO

26 de agosto de 1974 Poona, Índia.

Jesus disse:

O reino é semelhante a um pastor que tinha cem ovelhas.

Uma delas perdeu-se, a maior de todas.

Ele deixou as noventa e nove e saiu em busca da extraviada até encontrá-la.

Então, mesmo estando cansado, ele lhe disse:

eu te amo ainda mais que a todas as noventa e nove.

Um dos mais enigmáticos problemas tem sido: o que acontecerá aos pecadores, àqueles que se extraviaram? Qual a relação entre o Divino e o pecador? O pecador será castigado? Irá para o inferno? Todos os padres têm dito, têm insistido em que o pecador será atirado ao inferno, que terá de ser punido. Mas pode Deus punir alguém? Não tem compaixão suficiente? E se Deus não pode perdoar, então quem será capaz de fazê-lo?

Muitas respostas têm sido dadas, mas a de Jesus é a mais bela. Antes de abordarmos as palavras de Jesus, muitas coisas devem ser entendidas; elas lhe darão uma base.

Sempre que punimos uma pessoa, sejam quais forem as racionalizações, nossas razões são diferentes. Lembre-se da diferença que existe entre razão e racionalização. Você pode ser um pai ou uma mãe, e seu filho ter feito algo que você não aprova. Não interessa que ele tenha feito algo certo ou errado porque quem sabe o que é certo e o que é errado? Mas você desaprova e tudo o que você desaprova torna-se errado. Pode ser que seja, pode ser que não seja, este não é o ponto — tudo o que você aprova está certo. Então tudo depende da sua aprovação ou da sua desaprovação.

Quando uma criança se extravia, quando faz algo errado, a seu ver, você a pune. A principal razão é que ela desobedeceu, não que fez algo errado; a principal razão é que seu ego se sente ferido. A criança teve um conflito com você e afirmou-se a si mesma. Ela disse não a você, ao pai, à autoridade, ao poderoso, então você a pune. A razão é que seu ego está ferido e a punição é uma espécie de vingança. Mas a racionalização é diferente: você diz que ela errou e tem de agir direito — se você não a punir, como ela irá se endireitar? Assim, ela deve ser punida quando está no caminho errado e recompensada quando o obedece. É assim que ela é condicionada para uma vida certa. Isso é racionalização; é assim que você se justifica em sua mente, mas esta não é a razão inconsciente básica.

A razão inconsciente é totalmente diferente: é colocar a criança em seu devido lugar, é lembrá-la de que você é o chefe e não ela, que você é quem decide o que é errado e o que é certo, que você é quem deve dar a ela a direção; que ela não é livre, que você a possui, que você é seu proprietário — e se ela lhe desobedecer, sofrerá.

Se você perguntar aos psicólogos, eles dirão que em todo comportamento esta distinção entre razão e racionalização tem de ser muito bem entendida. A racionalização é um esquema muito astuto — esconde a verdadeira razão e lhe dá algo falso, mas aparentemente correto. E isso não acontece apenas entre um pai e

seu filho, uma mãe e seu filho, acontece entre a sociedade e seus filhos que se extraviam. É por isso que existem as leis e as prisões — são uma vingança, uma vingança da sociedade.

A sociedade não pode tolerar alguém que se rebela porque esta pessoa pode destruir toda uma estrutura. A pessoa pode estar certa. Atenas não podia tolerar Sócrates; não porque ele estivesse errado — estava absolutamente certo — não podia tolerá-lo porque se isso acontecesse toda a estrutura social ruiria, seria atirada aos cães e a sociedade não poderia mais sobreviver. Então Sócrates teve de ser sacrificado à sociedade.

Jesus foi crucificado, não porque tivesse dito algo errado — nunca existiram palavras mais verdadeiras nesta terra — mas foi crucificado pela sociedade porque a maneira pela qual ele as dizia, a maneira como se comportava, era um perigo para a estrutura social.

A sociedade não pode tolerar isso, ela pune. Mas também racionaliza: diz que é só para corrigi-lo; pune-o para o seu próprio bem. Mas nunca ninguém se preocupa se esse bem chegou a ser realizado ou não. Nós punimos os criminosos há milhares de anos, mas ninguém se preocupa em saber se esses criminosos se transformaram por causa da nossa punição ou não. Os criminosos continuam aumentando, crescem as prisões e cresce o número de prisioneiros; quanto mais leis, mais criminosos; quanto mais tribunais, mais punições. O resultado é totalmente absurdo — a criminalidade aumenta.

Qual é o problema? O criminoso também pode racionalizar, pensar que ele não foi punido por ter errado — mas sim por ter sido apanhado. Ele também faz suas racionalizações: "da próxima vez serei mais esperto e mais inteligente. Desta vez, fui apanhado porque não estava alerta, não porque agi errado. A sociedade foi mais inteligente que eu, mas da próxima vez..." — ele querará provar a si mesmo que é mais esperto, mais inteligente, mais astuto e que não será apanhado. Um prisioneiro, um criminoso que é punido, sempre pensa que foi punido não pelo que cometeu, mas

porque foi apanhado. Esta é a única coisa que ele aprende com a punição.

Sempre que um prisioneiro sai da prisão, ele sai aperfeiçoado: viveu com pessoas experientes dentro da prisão, pessoas com uma habilidade maior, que sabem mais, que já foram presas antes, que já foram punidas muitas vezes e já sofreram muito; que já foram enganadas de muitas maneiras e que estão muito avançadas no caminho do crime. Vivendo com essas pessoas, servindo-lhes, tornando-se seu discípulo, ele aprende pela experiência como não ser apanhado outra vez. Então, torna-se um criminoso muito mais experiente.

Ninguém parou por causa das punições, mas a sociedade continua pensando que para o criminoso desaparecer, é preciso que ele seja punido. Ambos estão errados: a sociedade tem alguma outra razão e se vingará; e o criminoso também entende — porque os egos se entendem entre si com muita facilidade, por mais inconscientes que sejam — o criminoso também pensa: "Está bem, eu me vingarei quando chegar minha vez". Desse modo. Existe um conflito entre o ego do criminoso e o ego da sociedade.

Com Deus acontece a mesma coisa? Ele é semelhante à justiça, ao magistrado, ao pai ou ao patrão? Deus é tão cruel quanto a sociedade? Deus é tão baixo e egoísta quanto nós? Ele se vingará se você desobedecer? Ele o punirá? Então Ele não é mais Divino, é apenas um homem comum como nós.

Este é um dos mais profundos problemas: como Deus se comportará com o pecador que se extravie? Será gentil? Existem outros pontos envolvidos. Se Ele for justo, não poderá ter compaixão porque justiça e compaixão não podem existir juntas. Compaixão significa perdão incondicional, mas isso não é justo.

É possível que um santo reze constantemente e durante toda a sua vida, não faça nada de errado; tenha sempre medo de sair dos limites, viva no seu próprio confinamento, crie uma prisão para si mesmo; nunca faça nada errado, permaneça virtuoso durante toda a

vida; nunca se permita qualquer prazer dos sentidos, seja muito austero. Também é possível que um outro homem viva satisfazendo-se, faça tudo o que lhe vier à cabeça, vá onde seus sentidos o levarem, goze de tudo o que o mundo lhe der; faça todo o tipo de coisa, cometa todo o tipo de pecado — e que ambos alcancem o Divino, e que ambos alcancem o mundo de Deus.

O que acontece? Se o santo não é recompensado e o pecador não é punido, isso é injusto. O santo irá pensar: "Eu tive uma vida correta, mas nada de especial me foi concedido por isto. Se o pecador recebe a mesma recompensa, então qual é a vantagem de ser santo?" Todo o esforço se torna inútil. Deus pode ter compaixão, mas não é justo.

Se Ele fosse justo, então a aritmética estaria clara em nossa mente: o pecador seria punido e o santo recompensado. Mas então, Deus não teria compaixão — um homem justo tem de ser cruel; caso contrário a justiça não pode ser feita. Um homem justo tem de usar a cabeça, não o coração.

Um magistrado não deve ter coração, senão sua justiça vacila. Não deve ter nenhuma bondade, porque a bondade torna-se uma barreira para que a justiça seja feita. Um homem justo tem de tornar-se um computador, só cabeça: leis, recompensas, punições — nada de coração deve penetrar nele, nenhum sentimento deve ser permitido. Tem de permanecer um expectador, insensível, como se nele não existisse coração. Mas então surge um problema difícil, porque há séculos temos dito que Jesus é justo e compassivo, bondoso, amável, e ainda assim, justo. É uma contradição, um paradoxo — como resolver isto?

Jesus tem uma solução, a mais bela. Agora tente entender sua resposta. Será difícil porque ela irá de encontro a todos os seus preconceitos porque Jesus não crê em punições. Ninguém como Jesus pode acreditar em punições porque, no fundo, a punição é uma vingança. Um Buda, um Jesus, um Krishna não podem acreditar em punições. Muito pelo contrário, eles podem abandonar

a própria qualidade de justiça de Deus. Mas a compaixão não pode ser abandonada porque a justiça é um ideal humano; a compaixão é Divina. A justiça tem condições ligadas a ela: "Faça isto e alcançará aquilo. Não faça isto senão você não conseguirá aquilo".

A compaixão não tem condições.

Deus é compassivo. E para entender sua compaixão temos de começar pelo pecador.

"Jesus disse: o Reino é semelhante a um pastor que tinha cem ovelhas. Uma delas perdeu-se, a maior de todas. Ele deixou as noventa e nove e saiu em busca da extraviada até encontrá-la. Então, mesmo estando cansado, disse-lhe: eu te amo ainda mais que a todas as noventa e nove."

Absurdo! Ilógico! — mas verdadeiro. Tente entender: "O Reino de Deus é semelhante a um pastor que tinha cem ovelhas. Uma delas perdeu-se, a maior de todas."

É sempre assim — aquele que se extravia é sempre o melhor.

Se você é um pai e tem cinco filhos, você sabe que só o melhor deles tentará resistir e negar você, só o melhor se afirmará a si mesmo. Os medíocres sempre cederão, mas aquele que não é medíocre se rebelará porque a rebeldia é uma qualidade própria da sua mente. A inteligência é rebelde: quanto mais inteligente, mais rebelde. E aqueles que não são rebeldes, que sempre dizem sim, estão quase mortos; você pode gostar deles, mas eles não têm vida em si. Eles o seguem não porque o amam, seguem porque são fracos, são medrosos, não podem ficar sozinhos, não podem enfrentar nada — são débeis, impotentes.

Olhe ao seu redor — as pessoas que você acha boas, quase sempre são fracas. A bondade delas não vem da força, vem da fraqueza. Elas são boas porque não ousam ser más. Mas que tipo de bondade é essa que vem da fraqueza? A bondade tem de surgir de

uma força transbordante, só então é boa porque ela é viva, um fluxo de vida.

Assim, sempre que um pecador se torna santo, sua santidade tem sua própria glória. Mas sempre que um homem comum se torna santo por causa da sua fraqueza, sua santidade é pálida e morta, não existe vida nela. Você poderá tornar-se santo pela sua fraqueza, mas lembre-se de que estará perdendo. Só tornando-se santo pela sua força é que ganhará. Um homem que é bom porque não pode ser mau, não é realmente bom. No momento em que se tornar forte, será mau; dê-lhe o poder e imediatamente estará corrompido.

Isto aconteceu neste país: Ghandi tinha um grande séquito, mas parece que a bondade de seus seguidores vinha da fraqueza. Eram bons quando não estavam no poder, mas quando o tiveram, quando se tornaram os dirigentes deste país, o poder imediatamente os corrompeu.

O poder pode corromper um homem poderoso? Nunca! Porque ele já é poderoso. Se o poder pudesse corrompê-lo, já o teria feito! O poder só o corrompe quando você é fraco e sua bondade vem da fraqueza. Lorde Acton disse: "O poder corrompe e corrompe completamente!" Mas eu gostaria de fazer esta frase condicional porque ela não é incondicional, não é categórica, não pode ser. O poder corrompe quando a bondade vem da fraqueza; quando a bondade vem da força, nenhum poder pode corrompê-la. Como poderá corrompê-la se o poder já existir? Se você já o conhecer?

No entanto, é muito difícil saber de onde vem a sua bondade. Se você não é um ladrão porque tem medo de ser preso, no dia que tiver certeza de que ninguém poderá prendê-lo, tornar-se-á um ladrão — porque, então, quem irá impedi-lo? Antes, só o medo o impedia; você não assassinava seu inimigo porque sabia que seria preso. Mas se surgir uma ocasião em que você possa assassinar um

homem e não ser preso, não ser punido por isso, você o matará imediatamente. Então é só pela sua fraqueza que você é bom.

Mas como a bondade pode vir da fraqueza? A bondade precisa de uma energia transbordante. A bondade é uma luxúria, lembre-se. A santidade é uma luxúria — surge da fluência. Quando existe muita energia, tanta que você está inundado por ela, então você começa a distribuí-la. Então você não pode explorar porque não há necessidade. Pode dar de coração porque você tem tanta que está realmente sobrecarregado. Você prefere distribuir e renunciar, prefere atirar tudo e dar toda a sua vida como um presente.

Quando você tem alguma coisa, você gosta de dar — lembre-se desta lei: você se prende a alguma coisa só quando não a tem realmente; se você tiver poderá dar. Só quando você se sente feliz por dar alguma coisa é que você a tem. Se você ainda se prende a ela, isto significa que, no fundo, sente medo e não é o senhor dessa coisa. No fundo, você sabe que ela não lhe pertence e mais cedo ou mais tarde, será tirada de você. É por isso que não pode dar. Só quando uma pessoa dá seu amor é que mostra que tem amor; só quando uma pessoa dá toda a sua vida é que mostra que está viva. Não há outra maneira de se saber.

Muita bondade aparece a partir da fraqueza. É uma aparência, é uma falsa moeda semelhante a uma flor de papel ou de plástico. Sempre que uma árvore floresce é porque está com muita energia. As flores são luxúria — uma árvore só floresce quando pode se dar a esse luxo. Se não receber água na proporção certa, se não for fertilizada na proporção certa, se não estiver em solo rico, poderá ter folhas, mas não flores.

Existe uma hierarquia: o mais alto só pode existir quando existe energia para elevá-lo até ele. Se você não se alimentar bem, a inteligência desaparecerá porque ela é uma florescência. Num país pobre, a verdadeira pobreza não é a do corpo, é a da inteligência porque se o país é muito pobre, a inteligência não pode existir — ela é uma florescência. Só quando todas as necessidades do corpo são

satisfeitas, a energia do corpo pode mover-se para o alto; quando as necessidades do corpo não são satisfeitas, a energia move-se para satisfazer primeiro a essas necessidades. Porque a base, a raiz tem de ser protegida em primeiro lugar. Se não existe raiz, não pode haver nenhuma florescência; se o corpo não existe, como a inteligência poderá existir? E a compaixão é ainda mais alta que a inteligência, assim como a meditação.

Na Índia, Buda e Mahavir aconteceram quando o país era muito rico. Desde então os chamados santos têm existido, mas nenhum como Buda — é difícil, muito difícil! Porque tal florescimento só pode existir quando existe excesso de energia, energia que não precisa ser utilizada — só então ela pode começar a gozar de si mesma. E quando a energia começa a desfrutar de si mesma, ela começa a voltar para dentro, torna-se uma reversão. Então, passa a ser meditação. Um Buda nasce, o êxtase existe.

Se você não dá água à árvore, primeiro desaparecem as flores, depois as folhas, a seguir morrem os galhos; finalmente morrem as raízes — porque, tendo raiz, tudo pode voltar a brotar, é por isso que a árvore protege suas raízes. A raiz é o que existe de mais fundo, mas tem de ser protegida porque é a base. Quando surgem dias melhores, quando as chuvas caem e a água está presente, então a raiz pode brotar outra vez, as folhas voltam e novamente surgem as flores. Essa mesma hierarquia existe em você.

Seja bom a partir da sua energia, nunca pela sua fraqueza. Eu não estou dizendo para você ser mau! Mas, pela sua fraqueza, como você pode qualquer uma das duas coisas? A maldade precisa de energia, tanto quanto a bondade. Sem energia, você não pode ser mau, não pode ser demoníaco nem pode ser bom — porque os dois pontos são REAIS. Então o que você pode ser sem energia? Só pode ser uma máscara: não pode ser nada real, só uma fachada, uma fraude, uma sombra, não uma pessoa real — tudo o que você fizer, será nebuloso. É isto o que está lhe acontecendo. Você está criando

uma bondade falsa, uma santidade falsa. Pensa que é santo porque não cometeu nenhum pecado, não porque alcançou o Divino.

Alcançar o Divino é uma realização, uma realização positiva da energia. Quando isto acontece, você se torna bondoso, mas essa bondade não surge de nenhum esforço — flui espontaneamente. Você pode reprimir sua maldade, mas isso é negativo. Se você reprimir, o desejo permanecerá; e se o desejo de ser mau permanecer, você o estará cometendo; não importa que não esteja agindo. Essa é a diferença entre pecado e crime.

O crime tem de ser um ato. Você pode viver pensando em cometer um crime, mas nenhum tribunal pode puni-lo porque não tem autoridade sobre a mente, só sobre o corpo — o crime é um ato. Eu posso pensar constantemente em matar todo mundo, mas nenhum tribunal pode me punir por estar pensando nisso. Posso me satisfazer com isso, mas se não matei ninguém isso não se tornou um ato. A ação está sob o controle da lei, o pensamento não. Esta é a grande diferença entre pecado e crime.

O pecado não faz nenhuma distinção entre os seus atos e os seus pensamentos: quando você pensa, a semente está presente; se ela brotará em um ato ou não, não é o problema. Se ela tornar-se um ato, então passará a ser crime. Mas se você pensar, já estará cometendo pecado — para o Divino, você tornou-se um criminoso, você extraviou-se. Este é o ponto que deve ser entendido, um ponto muito difícil: aqueles que se extraviam são sempre muito mais poderosos do que aqueles que permanecem no caminho.

Os que se extraviam são sempre melhores. Vá a um hospício e observe: verá que as pessoas mais inteligentes ficaram loucas. Veja os últimos setenta anos deste século: foram as pessoas mais inteligentes que enlouqueceram, não as medíocres. Nietzsche, uma das maiores inteligências que já surgiu, ficou louco, tinha de ficar — ele tinha muita energia; tanta energia que não podia ficar confinado, tanta energia que se tornou transbordante; não podia permanecer um pequeno regato, ele não podia canalizá-la — era como um

oceano, selvagem. Nietzsche enlouqueceu. Nijinsky enlouqueceu. Observe o passado deste século e verá que os melhores, a nata enlouqueceu; os medíocres continuaram sãos.

Isto parece absurdo: os medíocres permanecem sãos e os gênios enlouquecem. Por que uma pessoa medíocre permanece sã? Porque não possui energia para extraviar-se. Uma criança torna-se problema quando tem energia transbordando, quando se torna irrequieta. Só uma criança exangue permanece pelos cantos — se você dizer a ela: "repita Ram, Ram, Ram", ela repetirá; se você der a ela um rosário, ela rezará. Mas se a criança estiver realmente viva, jogará longe o rosário e dirá: "Isto é uma droga! Vou brincar, subir nas árvores, fazer qualquer outra coisa!"

A vida é energia. Só uma mente exangue, anêmica, não fugirá, ela não pode porque é difícil prover-se de tanta energia, é difícil mover-se a tais extremos, a tais abismos. Mas os que se extraviam — se conseguem ser encontrados — tornam-se Budas. Se Nietzsche tivesse se entregado à meditação teria se tornado um Buda. Ele tinha energia para ficar louco, então tinha energia para ser um Iluminado — a energia é a mesma, só a direção é que muda. Um Buda em potencial ficará louco se não se tornar Buda — para onde irá sua energia? Se ela não puder ser criativa, será destrutiva. Vá a um hospício: lá encontrará os homens mais inteligentes; estão loucos porque não são medíocres; estão loucos porque podem ver mais além, podem ver com mais profundidade que você. E quando eles vêem com mais profundidade, as ilusões desaparecem.

A totalidade da vida é um quebra-cabeça. Se você conseguir ver mais profundamente, será difícil continuar sã, muito difícil. Uma pessoa permanece sã porque não pode ver: você só enxerga dois por cento da vida, noventa e oito por cento, dizem os psicólogos, está oculto, porque se você chegar a ver, haverá um fluxo tão grande que você não será capaz de suportar — enlouquecerá.

Atualmente, alguns psicólogos, aqueles que estudam profundamente a loucura, como R. D. Laing e outros, estão surpresos com certos fatos. Um desses fatos é o seguinte: as pessoas que enlouquecem são as melhores, as pessoas que cometem crimes são as mais rebeldes. Podem tornar-se grandes santos e não é surpresa que Valmiki tenha se tornado um santo.

Valmiki era um *dacoit*, um assassino, vivia de matar e saquear. Um instante aconteceu — e ele se Iluminou.

Um Iluminado estava passando e Valmiki, o assassino, um homem que vivia de roubar, assaltou-o. O Iluminado disse a Valmiki: "O que você quer?"

Valmiki disse: "Vou roubar tudo o que você tem."

O Iluminado disse: "Se você puder fazer isso, ficarei feliz porque tenho algo muito interno; roube-o e será bem-vindo!"

Valmiki não entendeu, mas disse: "Estou me referindo apenas a coisas Exteriores."

O Iluminado disse: "Mas elas não ajudarão muito. Por que você está fazendo isso?"

Valmiki respondeu: "Pela minha família, por causa dela — minha mãe, mulher e filhos — se eu não o fizer, eles morrerão de fome; e eu só sei fazer isto."

O Iluminado disse: "Amarre-me numa árvore de modo que eu não possa escapar e vá dizer à sua mãe, à sua esposa e às suas crianças que você está pecando por eles. Pergunte-lhes se estarão prontos para compartilhar do castigo. Quando você estiver diante de Deus, quando chegar ao Juízo Final, estarão prontos para compartilhar do castigo?"

Pela primeira vez, Valmiki começou a pensar. Disse: "Você deve estar certo, vou perguntar a eles."

Voltou para casa, perguntou a sua mulher e ela respondeu: "Por que eu deveria dividir o castigo com você? Não fiz nada. Se você erra a responsabilidade é sua."

Sua mãe lhe disse: "Por que deveria compartilhar? Sou sua mãe, é seu dever alimentar-me. Não sei como conseguir pão. A responsabilidade é sua."

Ninguém estava pronto para dividir o castigo — e Valmiki se converteu. Voltou, caiu aos pés do homem Iluminado e disse: "Dê-me agora o interno, não estou interessado no externo. Deixe que eu seja ladrão do interno porque entendi que estou só e qualquer coisa que fizer, a responsabilidade será minha, ninguém irá dividi-la comigo. Nasci só e morrerei só. Tudo o que fizer será minha individual, pessoal responsabilidade; ninguém irá compartilhá-la comigo. Agora tenho de olhar para dentro e descobrir quem sou eu. Acabou! Acabei com tudo aquilo que fazia!" Esse homem foi convertido em um segundo.

A mesma coisa aconteceu com Buda: havia um homem que estava quase louco, um assassino louco. Ele fez um juramento de matar mil pessoas, não menos que isso, porque a sociedade não o tinha tratado bem. Ele se vingaria matando mil pessoas. E de cada uma que matasse tiraria um dedo e faria um rosário em torno do pescoço — mil dedos. Por causa disto seu nome passou a ser Angulimala: o homem do rosário de dedos.

Ele matou novecentas e noventa e nove pessoas. Sempre que as pessoas desconfiavam que Angulimala estava por perto, não passavam por aquela região, o tráfego era interrompido. Então tornou-se difícil para ele encontrar um homem; e só mais um era preciso.

Buda aproximou-se da floresta. As pessoas vieram das vilas até ele e disseram: "Não vá! Angulimala, o assassino louco, está lá! Ele não pensa duas vezes, simplesmente mata; portanto, não vai querer saber se você é Buda. Não vá por esse caminho, existe outro.

Você pode ir pelo outro, não siga pela floresta". Buda disse: "Seu eu não for, quem irá? Ele está esperando por mais um; tenho de ir".

Angulimala quase cumpriu seu juramento. Era um homem de muita energia porque lutava contra toda a sociedade: apenas um homem — e havia matado quase mil pessoas. Os reis, os generais, os governadores, a lei e a polícia — todos o temiam, ninguém conseguia fazer nada. Mas Buda disse: "Ele é um homem e precisa de mim. Tenho de arriscar. Ou ele me mata ou eu o mato". Foi o que Buda fez. Eles se enfrentaram e arriscaram suas vidas. Buda entrou na floresta. Mesmo seus discípulos mais próximos, mesmo os que diziam que permaneceriam com ele até o fim, foram ficando para trás — porque isso era perigoso!

Quando Buda se aproximou do morro onde Angulimala estava sentado numa pedra, não havia ninguém atrás dele, estava só. Todos os discípulos tinham desaparecido. Angulimala olhou esse homem, inocente como uma criança; achou-o tão belo que até mesmo ele, um assassino, se compadeceu. Pensou: "Esse homem parece não ter consciência de que estou aqui; caso contrário não viria por este caminho". E o homem parecia tão inocente, tão belo que até Angulimala pensou: "Não é bom matar esse homem. Deixarei que ele siga, encontrarei outra pessoa".

Então, disse a Buda: "Volte! Pare aí mesmo e volte! Não dê mais nenhum passo! Eu sou Angulimala e tenho aqui novecentos e noventa e nove dedos; preciso apenas de mais um — mataria até minha mãe, se ela passasse por aqui, para cumprir meu juramento! Portanto, não se aproxime, sou perigoso! Não creio em religião, não me importo com quem você seja. Você pode ser um bom monge, talvez um santo, mas não me importa! Só importa o dedo e o seu é tão bom quanto o de qualquer outro! Não dê mais nenhum passo, senão eu o mato. PARE!"

Mas Buda continuou andando.

Angulimala pensou: "Ou esse homem é surdo ou é louco!"

Gritou outra vez: "Pare! Não se mova!"

Buda disse: "Parei há muito tempo, não estou me movendo, Angulimala, você é que está. Parei há muito tempo. Todo o movimento parou porque toda a motivação parou. Quando não existe motivação, como pode acontecer o movimento? Não existe nenhuma meta para mim, já atingi a minha, então para que eu vou me mover? É você quem está se movendo — e eu lhe digo: pare!" Angulimala estava sentado na pedra e começou a rir. Disse: "Você está mesmo louco! Estou sentado e você diz que estou me movendo; você está se movendo e diz que parou. Você é mesmo um tolo ou um louco — ou não sei que tipo de homem é você!"

Buda aproximou-se mais e disse: "Ouvi dizer que você precisa de mais um dedo. No que diz respeito a este corpo, minha meta foi alcançada, não preciso mais dele. Quando eu morrer as pessoas irão queimá-lo, não será útil para ninguém. Você pode usá-lo para cumprir seu juramento: corte meu dedo e corte minha cabeça. Vim disposto a aproveitar esta chance de meu corpo ser usado de alguma maneira; caso contrário, as pessoas irão queimá-lo!"

Angulimala disse: "O que você está dizendo? Pensei que eu fosse o único louco por aqui. Não tente ser esperto porque eu sou perigoso, posso matar você!"

Buda disse: "Antes de me matar, faça uma coisa, atenda ao desejo de um moribundo: corte um galho desta árvore". Angulimala bateu sua espada contra a árvore e um grande galho caiu dela. Buda disse: "Só mais uma coisa: junte-o outra vez à árvore".

Angulimala disse: "Agora sei perfeitamente que você está louco — posso cortar, mas não posso juntar".

Então Buda começou a rir e disse: "Se você pode destruir e não pode criar não deveria destruir porque isso pode ser feito por uma criança, não existe grandeza nisso. Esse galho pode ser cortado por uma criança, mas para juntá-lo é preciso um mestre. Se você nem mesmo pode juntar um galho à árvore, como pode cortar cabeças humanas? Você alguma vez já pensou nisso?"

Angulimala fechou os olhos e caiu aos pés de Buda, dizendo: "Leve-me por esse caminho!"

Dizem que nesse momento ele se tornou Iluminado.

No dia seguinte, ele era um *bhikkhu*, um mendigo, um mendigo de Buda, e mendigava pela cidade. Toda a cidade se fechou. As pessoas tinham tanto medo que diziam: "Mesmo que ele tenha se tornado um mendigo, não se pode acreditar nele. É um homem muito perigoso!" As pessoas não saíam às ruas. Quando Angulimala foi mendigar, não havia ninguém para lhe dar comida. Quem correria tal risco? As pessoas ficaram nas sacadas olhando para baixo. E então começaram a atirar pedras nele porque havia matado novecentos e noventa e nove homens do lugar. Quase todas as famílias tinham sido vitimadas e, por isso, começaram a apedrejá-lo.

Angulimala caiu na rua e o sangue escorreu de todo o seu corpo, ficou muito ferido. Buda aproximou-se com seus discípulos e disse: "Vejam! Angulimala, como você está se sentindo?"

Angulimala abriu os olhos e disse: "Estou grato a você. Eles podem matar meu corpo, mas não podem me tocar — e foi isso que eu fiz durante toda a minha vida sem nunca perceber".

Buda disse: "Angulimala se Iluminou, tornou-se um *Brahmin*, um conhecedor de Brahma (a Realidade Última)."

Pode acontecer de repente, se existir energia. Se não existir energia, será muito difícil. Toda a Yoga consiste na criação de energia, de mais energia. Toda a dinâmica tântrica consiste na criação de mais energia em você, a ponto de torná-lo um fenômeno transbordante. Então, você pode ser bom ou mau.

Jesus disse: "Uma delas extraviou-se, a maior de todas".

Só aqueles que são grandes, que são os melhores, se extraviam. Os pecadores são as pessoas mais belas do mundo —

numa vida errada, é claro! Podem tornar-se santos a qualquer momento. Os santos são belos, os pecadores são belos, mas as pessoas que estão no centro são feias. Porque a impotência é a feiúra extrema: quando você não tem qualquer energia, quando já é uma coisa morta, um cadáver, de algum modo você está sendo carregado por si mesmo ou por outras pessoas.

Por que os melhores, os grandes, se extraviam? Há um segredo que deve ser entendido: no processo de crescimento, primeiro você tem de alcançar o ego. Se você não conseguir obter um ego cristalizado, a entrega será Impossível. Parece paradoxal, mas é assim. Primeiro, você tem de obter um ego muito cristalizado e depois tem de abandoná-lo. Se você não o alcançar, não o obtiver, a entrega nunca poderá lhe acontecer. Como você poderá entregar algo que não conseguiu?

Um homem rico pode renunciar às suas riquezas, mas o que pode fazer um mendigo? Ele não tem bens para renunciar. Um grande intelectual pode livrar-se de seu intelecto, mas o que poderá fazer um medíocre? Como ele poderá se livrar de algo que não tem? Se você tem algum conhecimento pode renunciar a ele e tornar-se ignorante, humilde; mas se não o tiver, como renunciar?

Sócrates podia dizer: "Tudo o que sei é que nada sei". Essa é a segunda parte: ele era um sábio e percebeu que todo o conhecimento é inútil. Mas isso não pode ser alcançado por uma pessoa que não caminhou como Sócrates. O intelecto tem de ser treinado, o conhecimento tem de ser ganho, o ego tem de ser cristalizado; essa é a primeira parte da vida. Só quando você tem riquezas, pode renunciar a elas — a diferença é grande.

Veja um mendigo nas ruas e veja Buda mendigando: ambos são mendigos, mas a qualidade difere totalmente: Buda é um mendigo por sua própria escolha. Não é forçado a mendigar, é livre. Buda é um mendigo porque experimentou as riquezas e achou-as fúteis; Buda é um mendigo porque viveu através de seus desejos e achou-os fúteis, inúteis. Buda é um mendigo porque o reino deste

mundo fracassou. A mendicância de Buda tem uma riqueza em si — nenhum rei pode ser tão rico porque ainda está dando meia volta e Buda já completou o círculo. Um mendigo que nunca foi rico também está nas ruas: ele mendiga simplesmente porque não conhece o gosto da riqueza. Como ele pode renunciar a um desejo se ainda não o satisfez? Como pode dizer que os palácios são inúteis? Ele não os experimentou. Como pode dizer que as mulheres belas não têm nenhum valor? Ele nunca conheceu mulheres bonitas. Só a experiência pode lhe dar a chave da renúncia. Sem experimentar, você pode consolar a si mesmo. Muitas pessoas pobres, pobres em todos os sentidos, fazem isso.

Se você não tiver uma esposa bonita, você dirá: "E daí? O corpo é só o corpo, é mortal, é a morada da morte". Mas no fundo, bem no fundo, o desejo permanecerá, e ele só irá embora quando a experiência acontecer, quando você chegar a conhecê-lo, do contrário isto será uma consolação. Um homem pobre pode consolar-se achando que não há nada nos palácios, mas sabe que há; senão, porque todos estariam loucos por riquezas? Ele mesmo está louco e obcecado: nos seus sonhos, mora em palácios, torna-se Imperador. Mas, durante o dia, quando é um mendigo andando pelas ruas, diz: "Não me importo, não me preocupo, eu renunciei!" Essa consolação é inútil, é perigosa, é falsa.

A primeira parte da vida de uma pessoa corretamente amadurecida é alcançar o ego, a segunda parte — e então o círculo se completa — é renunciar a ele.

Uma criança só cresce quando resiste a seus pais, quando luta com eles; quando sai de perto deles, move-se contra eles; aí ela alcança seu ego individual. Se ela viver presa aos pais, se os seguir, nunca será um indivíduo por si mesma. Ela tem de se extraviar — é isso que a vida tem de ser. Tem de tornar-se independente, e é doloroso tornar-se independente. Existe luta; e você só pode lutar quando sente que é. Este é o círculo. Se você sentir que é, poderá lutar mais; se você lutar mais, será mais — sentirá: "Eu sou". A

criança atinge a maturidade quando se torna totalmente independente. E para alcançar essa independência ela tem de se extraviar.

O pecador pode estar procurando ser independente da sociedade, da mãe, do pai — mas está procurando a independência e o ego da maneira errada. O santo também está buscando a independência, mas da maneira certa. Os caminhos são diferentes, mas os errados são sempre fáceis. Tornar-se um santo é difícil porque, para isso, é preciso ser antes um pecador. Tente entender isto: para ser um pecador você não precisa ser um santo antes; mas para ser um santo, antes você tem de ser um pecador. Caso contrário, sua santidade será pobre; será fraca, pálida, não estará viva; será um regato de verão, não um rio transbordante.

"Uma delas extraviou-se, a maior de todas".

Como você sabe, a palavra "maior" no mundo das ovelhas, significa a "melhor". Porque a maior ovelha é a melhor: tem mais lã, mais carne. Tem mais valor para venda; se você a vender, ganhará mais. Quanto maior é a ovelha, melhor é; quanto menor, mais pobre. "A maior" significa a melhor — e a melhor se extraviou. Isto é simbólico.

"O pastor... deixou para trás as noventa e nove... " elas não tinham valor.

Por que Jesus escolheu o pastor e as ovelhas? Sua simbologia é muito significativa: toda a multidão de mentes medíocres é como ovelhas, vive em ajuntamentos. Observe as ovelhas andando numa estrada; elas caminham como se tivessem uma mente coletiva, não como seres independentes; apertam-se uma às outras, amontoam-se com medo de ficar sozinhas. Movem-se em rebanho.

Ouvi dizer que um professor perguntou a um garoto cujo pai era pastor: "Se existem dez ovelhas e uma pula a cerca do quintal, quantas permanecem do lado de dentro?"

O menino respondeu: "Nenhuma!" O professor disse: "O que você está dizendo? Dei a você um problema de aritmética para ser resolvido: Havia dez ovelhas, uma pulou a cerca; quantas sobraram?"

O menino respondeu: "Você pode conhecer aritmética, mas eu conheço as ovelhas — nenhuma!" Porque as ovelhas têm mente coletiva, movem-se em rebanho: se uma pular, todas pularão.

O pastor deixou as noventa e nove e saiu em busca daquela que se extraviou.

Jesus diz sempre que: Deus vai em busca do pecador, não em busca do medíocre, do meio-termo — porque... os medíocres não têm valor nenhum, não conseguiram nenhum valor. E, além do mais, eles estão sempre no caminho, não há necessidade de procurá-los, de buscá-los — eles não podem se extraviar. É por isso que o pastor deixou as outras noventa e nove na floresta, de noite, e saiu em busca daquela que se extraviou: Porque ela se tornou individual, atingiu o ego; as outras noventa e nove estavam sem ego, eram um rebanho.

Olhe para todo o seu ser: ainda é uma multidão? Ou você tornou-se um ego? Se você tornou-se um ego, então Deus o está buscando porque tem valor — você tem de ser procurado, tem de ser encontrado. Você já ganhou a metade do círculo; agora a outra metade é a entrega; agora a outra metade pode ser alcançada através de Deus. Só você pode conseguir a primeira metade; a outra é completada pelo Divino. Quando você tem um ego, em algum lugar, de alguma maneira, Deus está buscando-o porque você já fez a sua parte, tornou-se um indivíduo. Agora, se você perder a individualidade, tornar-se-á universal.

Esta é a diferença: antes da individualidade, você é apenas uma multidão, não universal; apenas uma multidão, a multidão local. Então você alcança a individualidade e extravai-se; torna-se independente, torna-se um ego — e ao perder esse ego torna-se o Oceano, torna-se o Todo. Neste momento, você não é. Por isso não pode se transformar no todo.

Neste momento, existe a multidão: você é apenas um número na multidão. No exército fazem isso muito bem, dão números aos soldados: um, dois, três, quatro — não nomes; porque na realidade você não tem nenhum nome, você tem de ganhá-lo. Você é apenas um número, um dígito: um, dois, três, quatro... — quando os soldados morrem, pode-se escrever no quadro que tais e tais números tombaram. São números, e números, podem ser substituídos. Quando o "número um" cai, pode ser substituído por qualquer outra pessoa que se tornará o "número um". No exército existem ovelhas e o exército é a sociedade perfeita; é como uma sociedade de formigas, uma multidão. Se você quiser conhecer a mente coletiva observe o exército: ele o disciplina tão completamente que você perde toda a independência. Uma ordem é uma ordem, você não tem de pensar sobre ela. Eles ordenam: "Direita volver!" e você vira! E isto se torna muito profundo.

Ouvi contar que a mulher de um coronel estava muito perturbada porque sempre que o coronel dormia do lado esquerdo roncava. Era muito difícil para ela porque não era um ronco comum — era um ronco de coronel. Era como um rugido e ela não conseguia dormir. Mas quando o coronel dormia do lado direito não roncava. Então ela foi ao psicanalista e consultou-o sobre isso. Ele disse: "É simples: sempre que ele roncar, vire-o para a direita."

Ela disse: "É difícil! Ele é pesado e além disso fica zangado. Se eu o sacudo e ele acorda, fica bravo; e acontece tantas vezes durante a noite que eu perderia toda a minha noite fazendo isso."

O psicanalista disse: "Não se preocupe — apenas sussurre no ouvido dele: 'Direita, volver!' e ele o fará." Deu certo! Uma ordem é uma ordem — ela está gravada fundo no inconsciente.

Uma sociedade existe como uma multidão. Você pode torná-la um exército imediatamente, sem nenhum problema. É por isso que Hitler pôde ser bem sucedido ao transformar todo o país num exército. O mesmo aconteceu com Mao Tsé Tung, ao transformar todo o seu país num campo de batalha. A sociedade vive num limite, você pode modificá-lo num único momento: um pouco de disciplina e ela pode ser transformada num exército. Não existe individualidade porque isso não é permitido, você não pode afirmar-se a si mesmo. É rebanho de ovelhas, mente de ovelhas.

Você tem alguma consciência de si mesmo? Ou simplesmente vive como parte da sociedade onde nasceu? Você é um hindu, um maometano, um cristão, um sikh, um jaina — mas você é um homem? Você não pode dizer que é um homem porque um homem não tem sociedade. Um Sócrates é um homem, um Jesus, um Nanak é um homem — mas você não! Você faz parte, mas um homem não faz parte de nada — firma-se em seus próprios pés.

É por isso que Jesus disse: a melhor extraviou-se. E quando a melhor se extravia: "O pastor... deixou as outras noventa e nove e saiu em busca da extraviada até encontrá-la."

Você continua orando a Deus, mas Ele não o está buscando, é por isso que você não O encontra. Antes, seja você mesmo; então, Ele estará buscando por você. Não há necessidade de procurar Deus como pode você fazer isso? Você não sabe o endereço, não sabe onde Ele mora. Você só conhece palavras sem significado e teorias que não irão ajudar.

Ouvi dizer que um padre chegou numa cidade estranha. Os táxis estavam em greve e ele tinha de chegar à igreja porque tinha de fazer um sermão naquela noite. Então, perguntou a um

garotinho onde ficava a igreja e este o levou até lá. Quando chegaram, o padre agradeceu ao menino e disse-lhe: "Estou muito grato por você ter me ajudado — não só por ter me mostrado onde fica a igreja, mas por ter me acompanhado até aqui. Se você estiver interessado em saber onde Deus está, venha assistir ao meu sermão desta noite. Falarei sobre o caminho para a morada do Divino."

O menino riu e disse: "Você não sabe nem o caminho da igreja, como é que pode saber o caminho do Divino? Não irei!"

Mas eu lhe digo, mesmo que você saiba o caminho da igreja, isso não faz diferença. Todos sabem o caminho da igreja, mas isso não faz diferença porque a igreja não é a Sua morada, nunca foi! Você não pode procurá-Lo lá porque não o conhece. Ele pode procurá-lo porque o conhece — e esse é um dos ensinamentos básicos de Jesus: o homem não pode alcançar o Divino, mas o Divino pode alcançar o homem. E Ele sempre alcança quando você está pronto.

A questão não é procurá-lo, mas sim estar pronto e esperar. É a primeira providência é tornar-se individual, "extraviar-se". A primeira coisa é ser rebelde porque só assim você ganha o ego. A primeira coisa é estar além da multidão — é isso que significa extraviar-se, ir além dos limites formulados, delineados, definidos pela sociedade. Porque além existe a sabedoria, existe a vastidão de Deus.

A sociedade é como uma clareira numa floresta. Ela não é real, é criada pelo homem. Todas as suas leis, tudo o que ela chama de virtude e tudo que chama de pecado é apenas criação do homem. Você não conhece realmente o que é virtude. A origem latina da palavra virtude é muito bela: a palavra latina significa "poderoso", não quer dizer "bom"; quer dizer "viril", "poderoso". Ser poderoso, afirmar-se a si mesmo, firmar-se em si mesmo.

Não caia vítima da multidão! Comece a pensar, comece a ser você mesmo! E siga seu caminho solitário — não seja uma ovelha!

Noventa e nove ovelhas podem ser deixadas numa floresta — não há o que temer por elas, elas não se perdem porque estão amontoadas umas nas outras e podem ser encontradas a qualquer momento. O problema não são elas, mas aquela ovelha, a melhor, a que abandonou o rebanho. Sempre que uma ovelha abandona o rebanho, e não tem medo da floresta, dos animais selvagens, não tem medo de nada, isso significa que está sendo poderosa; a ovelha tornou-se corajosa — só então ela pode abandonar o rebanho. E a coragem é o primeiro passo para estar pronto.

O ego é o primeiro passo para a entrega. Parece absolutamente paradoxal. Você achará que sou louco porque pensa que é preciso ter humildade — eu digo que não! Primeiro, é necessário o ego, senão sua humildade será falsa. Primeiro é necessário o ego — afiado, afiado como uma espada. Ele lhe dá uma clareza de ser, uma distinção; então você pode abandoná-lo. Quando você o tem, pode abandoná-lo. Então a humildade acontece, mas é uma humildade completamente diferente: não é a humildade do mendigo, não é a humildade de um fraco — é a humildade do forte, do poderoso. Então você pode render-se, não antes.

"Ele deixou as noventa e nove e saiu em busca da extraviada até encontrá-la."

Lembre-se de que você não precisa procurar por Deus; Ele virá a você. Primeiro, torne-se valoroso e Ele o encontrará. Ele fará um caminho em direção a você. No momento que alguém, em algum lugar, torna-se cristalizado, toda a energia Divina move-se em direção a ele. Ele pode alcançá-lo através de um Iluminado, pode alcançá-lo através de um Mestre, de um Guru, pode alcançá-lo de milhões de formas. Mas como Ele o alcançará não é o ponto — isso é problema Dele, não seu. Primeiro, atinja o ego, esteja pronto, seja individual, e então o universal poderá lhe acontecer.

"Então, mesmo estando cansado, disse à ovelha: Eu te amo ainda mais que a todas as noventa e nove."

Deus prefere aquela que se rebelou. Os padres dirão: "Que absurdo! Deus prefere aqueles que se extraviam?" Os padres não podem acreditar nisso, mas é assim que acontece. Jesus é a ovelha perdida. Buda é a ovelha perdida. Mahavir é a ovelha perdida. A multidão continua movendo-se na sua mediocridade, enquanto Mahavir, Buda e Jesus estão extraviados — Deus vem em direção a eles.

Isto aconteceu sob a árvore Bodhi, onde Buda estava sentado, perfeitamente individual, com todas as correntes da sociedade, da cultura, da religião quebradas; todas as correntes quebradas, perfeitamente só. Então Deus veio de todos os lugares, de todas as direções, porque Deus está em todas as direções — e Buda tornou-se Deus. E ele negou que existe um Deus porque era uma maneira de se extraviar. Ele disse. "Não existe Deus, eu não creio em nenhum Deus". Disse que não existe nenhuma sociedade, nenhuma religião. Negou os Vedas, negou o sistema de castas — *Brahmins*, *Shudras*. Negou toda a estrutura de pensamento dos hindus. Ele disse: "Não sou um hindu e não acredito em nenhuma sociedade, não acredito em nenhuma teoria. A menos que eu conheça a verdade, continuo não acreditando em nada!"

Ele continuou negando até que chegou um momento em que ficou só, sem nenhum laço, todos absolutamente rompidos. Ele tornou-se uma ilha, absolutamente só. Sob essa árvore Bodhi, há vinte e cinco séculos atrás, Deus veio de todos os lugares para esse homem, para essa ovelha que tinha se extraviado. E "... mesmo estando cansado, disse à ovelha: Eu te amo ainda mais que a todas as noventa e nove". Isto também foi dito a Jesus, só pode ter sido, é uma lei básica. Deus procura o homem, não o homem a Deus — o homem deve apenas estar pronto.

E como pode estar pronto? Tornando-se individual. Seja um revolucionário! Vá além da sociedade, seja corajoso, quebre as correntes, todos os relacionamentos. Esteja só e viva como se fosse o centro do mundo! Então, Deus lançar-se-á em sua direção e nesse lançamento seu ego será perdido, a ilha desaparecerá no Oceano — de repente, você já não estará.

Em primeiro lugar, a sociedade tem de ser abandonada, essa é a mecânica interior: porque o seu ego só pode existir com a sociedade. Se você continuar negando a sociedade, chegará um momento em que o ego estará só porque a sociedade foi abandonada. Mas então, sem a sociedade, o ego não poderá existir, porque a sociedade reforça o ego. Se você continuar negando, aos poucos a base será abandonada. Quando não existe o 'outro', o 'eu' não pode existir. No estágio final, o 'eu' desaparece porque o 'outro' foi abandonado. O 'outro' tem de ser abandonado para o 'eu' desaparecer. Mas para abandonar o 'outro', antes, o 'eu' tem de se tornar mais definido, mais cristalizado, centrado, belo, poderoso. Então ele é consumido — esta é a chegada do Divino.

Jesus foi crucificado por causa dessas palavras. Ele estava fazendo as pessoas se rebelarem, estava ensinando-as a se extraviarem. Ele dizia que Deus ama aquele que se extravia — o pecador, o rebelde, o egoísta. Os judeus não puderam tolerar isso, era demais. Este homem deve ser silenciado. "Este homem tem de parar — está indo longe demais, está destruindo toda a sociedade!" Ele estava criando uma situação que os sacerdotes não poderiam aceitar.

Ele estava contra a multidão — e a multidão é tudo que está ao seu redor — e ela entrou em pânico. Eles pensaram: "Este homem é um inimigo, está destruindo a própria base. Sem a multidão, como poderemos sobreviver?"... Por estar ensinando às noventa e nove ovelhas a se rebelarem, elas se amontoaram ainda mais. E se você ensina isso, elas se vingam, elas o matam, dizem: "Chega, já chega!"

Nós vivemos numa multidão, somos parte dela. Sós não podemos existir. Não sabemos ser só, sempre existimos com os outros. O outro é necessário, é uma necessidade. Sem o outro, quem seremos? Nossa identidade se perderá.

Este é o problema: as noventa e nove ovelhas criam todas as religiões e a verdadeira Religião só acontece à ovelha que se extravia.

Seja corajoso! Mova-se para além da clareira, vá para a selva! A vida está lá e só lá você crescerá. Poderá haver sofrimento, porque não há crescimento sem dor. Pode haver uma cruz, porque não existe maturidade sem crucificação. A sociedade se vingará — aceite isto! Está fadado a ser assim. Quando a ovelha voltar, as noventa e nove dirão: "esta é a pecadora! Esta ovelha se extraviou, não faz parte de nós, não nos pertence!"

E essas noventa e nove ovelhas serão totalmente incapazes de entender porque o pastor está carregando aquela nos ombros — porque era a ovelha perdida e foi encontrada.

Jesus diz que o pastor voltará para a sua casa, chamará seus amigos e festejará porque uma ovelha se perdeu e foi encontrada. Jesus diz que sempre que um pecador entra no Céu, há regozijo porque a ovelha que se perdeu foi encontrada.

SÉTIMO DISCURSO

27 de agosto de 1974 Poona, Índia.

Jesus disse:

O Reino do Pai assemelha-se a um homem que possuía uma rica mercadoria e encontrou uma pérola.

O homem era prudente. Vendeu a mercadoria e adquiriu a pérola para si mesmo.

Procure também pelo tesouro que não desaparece que permanece firme onde nenhuma traça alcança e nenhum verme pode destruir.

Se você olhar para fora, o mundo dos muitos existirá; se olhar para dentro, verá o mundo da Unidade. Se você caminhar externamente, poderá conseguir algo notável, mas não alcançará a Unidade. E essa Unidade é o próprio centro — se você não a conseguir, não conseguirá nada. Você poderá atingir algo grande, mas isso não contará muito no final porque, a menos que a pessoa alcance a si mesma, não alcançou nada.

Se você for um estranho para si mesmo, nem mesmo o mundo inteiro poderá satisfazê-lo. Se você não entrar em seu próprio ser, as riquezas o tornarão cada vez mais pobre. Isto

acontece: quanto mais riquezas você tem, mais pobre se sente porque então pode fazer uma comparação entre a riqueza exterior e a interior e nessa comparação a interior parecerá cada vez mais pobre. Daí o paradoxo do homem rico: quanto mais obtém riquezas, mais pobre se sente; quanto mais tem, mais vazio se sente — porque o vazio interno não pode ser preenchido por coisas externas. O que é externo não pode entrar no ser.

O vazio interno pode ser preenchido apenas quando você alcança a si mesmo, quando atinge o seu ser. Distinga claramente: o mundo externo é o mundo dos muitos, mas a Unidade está ausente — e essa Unidade é a meta. A Unidade está dentro de você; assim, se você procurar fora não a encontrará. Nada irá auxiliá-lo; tudo o que fizer será um fracasso.

A mente continuará dizendo: "Alcance isso! Então você estará satisfeito." Quando você alcança isso, a mente lhe dirá novamente: "consiga algo mais! Então você ficará satisfeito." A mente dirá: "Se você não está obtendo êxito, isto significa que não se esforçou o suficiente. Se você não chegou, é porque não está correndo o suficiente". E se você ouvir a lógica da mente — que parece lógica, mas não é — continuará correndo cada vez mais e no fim não encontrará nada, a não ser a morte.

Os muitos formam o reino da morte, a Unidade é o reino da não-morte. Aquele que busca tem de estar à procura da sua subjetividade, não dos objetos externos; tem de voltar-se para dentro. Uma conversão é necessária, um retorno, uma volta total é necessária para que os olhos focados para o exterior comecem a olhar para dentro. Mas como isto acontece?

A menos que você se sinta totalmente frustrado com o mundo, isto não pode acontecer; se um lampejo de esperança acontecer, você continuará movendo-se. O fracasso é importante, com o fracasso dos muitos uma nova jornada se inicia. Quanto mais cedo você fracassar no mundo exterior, melhor; quanto mais cedo

você se tornar totalmente frustrado, melhor — porque o fracasso exterior torna-se o primeiro passo para o interior.

Antes de entrarmos neste sutra de Jesus, muitos outros pontos devem ser compreendidos: quem é o homem sábio? Aquele que está pronto para perder tudo pela Unidade. Quem é o tolo? Aquele que perdeu a si mesmo e adquiriu coisas ordinárias; aquele que vendeu o que tinha de mais precioso e encheu sua casa de objetos inúteis.

Certa vez, aconteceu o seguinte. Um amigo de Mulla Nasrudin enriqueceu, ficou rico, muito rico. E quando alguém enriquece, quer voltar para seus velhos amigos, para seus velhos vizinhos, para sua velha cidade para mostrar o que conseguiu. Assim, o ricaço chegou da capital em sua pequena cidade. Justamente na estação encontrou Mulla Nasrudin e disse: "Nasrudin, você sabia? Eu consegui! Fiquei muito, muito rico, você nem pode imaginar! Tenho um palácio com quinhentos quartos, é um castelo!"

Mulla Nasrudin disse: "Conheço algumas pessoas que têm casas com quinhentos quartos."

O amigo disse: "Tenho dois campos de golfe, três piscinas e muitos e muitos acres de estufa!"

Nasrudin replicou: "Conheço um homem em outra cidade que tem dois campos de golfe e três piscinas."

O homem rico perguntou: "Dentro de casa?" Nasrudin disse: "Ouça, você pode ter ganhado muito dinheiro, mas eu também não estou mal: tenho asnos, cavalos, porcos, búfalos, vacas, galinhas."

O outro começou a rir e disse: "Nasrudin, um monte de gente tem asnos, cavalos, vacas, galinhas..."

Nasrudin interrompeu-o para perguntar: "Dentro de casa?"

Mas qualquer coisa que você obtenha, seja campos de golfe, piscinas, casas com quinhentos quartos, asnos, cavalos ou vacas —

seja o que for que você adquira exteriormente não o fará rico porque, na realidade, a casa permanece vazia, você permanece vazio. Nada entra na casa, estas coisas permanecem de fora porque pertencem ao exterior — não há nenhum jeito de colocá-las dentro. E a pobreza é interior. Se fosse exterior, não haveria nenhum problema.

Se o vazio existisse no exterior, na periferia, você poderia preenchê-lo com casas, carros, cavalos ou qualquer coisa assim. Mas o vazio é sentido no interior, é por dentro que se sente insignificante. O que cria insatisfação não é a ausência de uma casa grande, é a insignificância total que você sente interiormente: por que você existe? Por que toda essa confusão do ser na existência? Por que está vivo? Para onde a vida o está conduzindo?

Todos os dias você acorda de manhã para seguir — e não existe para onde ir! Todos os dias de manhã você se veste, mas sabe que ao chegar a noite não terá alcançado nada, não terá chegado a nenhuma meta. Novamente dormirá, e na manhã seguinte novamente a jornada será iniciada — que falta total de sentido há nisso tudo! Por dentro você continua sentindo-se vazio, não há nada. Com as coisas exteriores você pode enganar no máximo aos outros, mas não a si mesmo. Como você pode enganar a si mesmo?

Quanto mais coisas acumula, mais vida perde porque essas coisas são adquiridas a custo da vida. Você está menos vivo, a morte chegou mais perto, as coisas estão crescendo mais e mais, a pilha está se tornando cada vez maior, e por dentro você está minguando. Então o medo surge: "O que estou atingindo, onde estou chegando? O que tenho feito de toda a minha vida?"

E você não pode voltar atrás, o tempo perdido não volta mais, é impossível. Você não pode obtê-lo de volta, você não pode dizer: "Sinto muito, começarei outra vez"; isso não é possível. Então, ao envelhecer, você se torna mais e mais triste. Essa tristeza não se deve à idade física, essa tristeza existe porque você compreendeu o que fez a si mesmo: você fez uma casa, é claro; você obteve êxito, é

rico, atingiu prestígio aos olhos dos outros — mas e a seus próprios olhos?

Agora você sente a dor, o sofrimento de uma vida perdida, de um tempo perdido. O vazio é interior; você não pode preenchê-lo com algo que possa ser obtido no mundo — a menos que tenha conseguido a si mesmo. Daí a insistência de Jesus ao dizer: "É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha que um rico entrar no Reino dos Céus". Por que? O que está errado com o homem rico?

Não há nada de errado com o homem rico. A ênfase é que aquele que perdeu sua vida acumulando coisas do mundo — esse é o significado de homem rico — não pode entrar no Reino dos Céus porque lá só entram aqueles que atingiram o interior. Lá na porta do Céu ele não poderá enganar. Não poderá entrar porque estará muito gasto, roto, uma ruína. Não poderá dançar, não poderá cantar. Não poderá entrar com um certo significado que alcançou em sua vida. Estará desarraigado: ele ganhou muito, mas nunca possuiu a si mesmo — e essa é a pobreza. Quando você possui a si mesmo, é rico, realmente rico. Quando você não possui a si mesmo, pode ser o imperador, mas é pobre.

O segundo ponto a ser entendido é porque acumulamos coisas. Deve haver uma profunda razão porque a verdade é tão clara e mesmo assim continuamos. Ninguém ouve Buda ou Jesus e, mesmo quando os ouve, quando sente que os compreende, nunca os segue. Assim, Buda e Jesus são negligenciados e você continua em seu caminho. Algumas vezes, a dúvida surge, mas isso é tudo; novamente você se acomoda e segue seu próprio caminho. Deve haver algo muito enraizado que mesmo um Buda ou um Jesus não possa sacudir, não possa arrancar. O que é isso que está tão enraizado?

Nós existimos aos olhos dos outros: nossa identidade consiste na opinião dos outros: os olhos dos outros são o espelho, olhamos para a nossa face nos olhos dos outros. Este é o obstáculo, o

problema — porque os outros não podem ver o seu ser interno. O seu ser interno não pode ser refletido em nenhum espelho, seja ele qual for. Apenas o seu exterior pode ser refletido; os reflexos são apenas do exterior, do físico. Mesmo que você fique diante de um espelho, apenas a sua parte física poderá ser refletida. Nenhum olho poderá refletir a sua parte interior. Então, os olhos dos outros refletem sua riqueza, suas façanhas no mundo, suas roupas; eles não podem refleti-lo. E quando você vê que os outros pensam que é pobre — isso significa que não tem boas roupas, uma boa casa, um bom carro você começa a dirigir-se para essas coisas. Você acumula apenas para ver sua riqueza nos olhos dos outros.

Então os olhos dos outros começam a refletir que você está enriquecendo cada vez mais, que está ganhando poder e prestígio. Sua identidade consiste em reflexos, mas os outros só podem refletir os objetos — não podem refleti-lo. Por causa disso, a meditação é muito, muito necessária.

Meditar significa fechar os olhos; não olhar para o reflexo, mas sim para o seu próprio ser. Mas ao invés disso você passa o dia inteiro envolvido pelos outros. À noite, ao dormir, o mesmo acontece: ou você fica inconsciente, se o sono for profundo, ou fica novamente envolvido pelos outros nos sonhos. O problema é que você vive continuamente com os outros: nasce na sociedade e morre na sociedade — sua existência interior consiste no social. E sociedade significa olhos em toda a sua volta.

Seja o que for que esses olhos reflitam, eles o impressionam. Se todo o mundo disser que você é um homem bom, começará a sentir-se bom. Se todo o mundo pensar que você é um homem mau, começará a sentir-se mau. Se todo o mundo disser que está doente, começará a sentir que está doente. Sua identidade depende dos outros, é uma hipnose através dos outros. Entre na solidão — viva com outros, mas não esgote a si mesmo com os outros.

Fique com os olhos fechados pelo menos uma hora por dia. Fechar os olhos significa estar fechado para o social; quando

nenhuma sociedade existe, apenas você, então você pode encarar a si mesmo diretamente. Uma vez por ano vá por alguns dias para as montanhas, para o deserto, para onde não houver ninguém, exceto você, e veja a si mesmo como é. Do contrário, vivendo continuamente com os outros, você criará uma hipnose em si mesmo. Essa hipnose é a razão pela qual você continua influenciando os outros, impressionando os outros. O essencial não é viver ricamente, o essencial é dar impressão aos outros de que você é rico — mas estas são duas coisas completamente diferentes.

Os outros ficam impressionados com qualquer coisa que você possua, nunca ficam impressionadas com você. Se você encontrar Alexandre com roupas de mendigo, não o reconhecerá, mas se encontrar o mendigo que sempre esteve pedindo esmolas em sua rua sentado em um trono como Alexandre, cairá a seus pés e o reconhecerá.

Certa vez, um grande poeta Urdu Ghalib, foi convidado pelo imperador para jantar. Muitas outras pessoas foram convidadas, quase quinhentas. Ghalib era um homem pobre, é muito difícil um poeta ser rico — rico aos olhos dos outros.

Os amigos sugeriram: "Ghalib, é melhor você pedir roupas, sapatos e um bom guarda-chuva emprestados. O seu guarda-chuva está tão estragado, o seu casaco desbotado. E com essas roupas e esses sapatos com tantos buracos você não terá uma boa aparência!"

Mas Ghalib disse: "Se eu pedir alguma coisa emprestada, me sentirei desconfortável por dentro porque nunca pedi nada emprestado a ninguém — tenho sido independente, tenho vivido por meus próprios recursos. Quebrar um hábito de toda a minha vida apenas por um jantar não é bom."

Assim ele foi para a corte do Imperador com suas próprias roupas. Quando apresentou seu convite ao porteiro, o homem olhou para ele, riu e disse: "De onde você roubou isso? Vá embora daqui imediatamente. Senão você será preso!"

Ghalib não podia acreditar. Ele disse: "Eu fui convidado! Vá perguntar ao Imperador!"

O porteiro disse: Todos os mendigos pensam que foram convidados! Você não é o primeiro, muitos outros vieram bater na porta antes. Fuja daqui! Não fique aqui porque os guardas logo estarão chegando!"

Assim, Ghalib foi embora. Seus amigos sabiam que isso iria acontecer, por isso tinham arrumado um casaco, sapatos e um guarda-chuva para ele — coisas emprestadas. Então ele colocou os objetos emprestados e voltou. O porteiro inclinou-se e disse: "Entre".

Ghalib era um poeta muito conhecido e o Imperador amava sua poesia, então ele foi colocado justamente ao lado do Imperador. Quando o banquete começou, Ghalib fez uma coisa estranha e o Imperador pensou que ele estivesse louco — começou a alimentar o seu casaco dizendo: "Coma isto, meu casaco, afinal foi você que entrou e não eu."

O Imperador disse: "O que você está fazendo Ghalib? Ficou maluco?"

Ghalib disse: "Não — quando vim pela primeira vez não me deixaram entrar. Depois, este casaco veio e entrou — só estou aqui porque ele não podia vir sozinho — se não fosse ele, eu não poderia ter vindo!"

Mas isso está acontecendo com todo o mundo — não é você, mas o seu casaco que é reconhecido pelos outros; assim, você fica enfeitando-o, fica colocando adornos em si mesmo.

A meditação é necessária para que haja um rompimento entre você e os outros, entre você e os olhos dos outros, os espelhos dos outros. Esqueça-os! Por alguns minutos, olhe apenas para dentro — e sentirá uma dor, um sofrimento interno por estar vazio. Neste momento, a transformação terá início: você começará a olhar para a riqueza interior, para o tesouro que existe dentro de você, não para os tesouros que se dispersam ao seu redor.

Muitos são os tesouros externos; no interior existe apenas um. Muitas são as dimensões e direções externas; a meta interior é uma só, tem apenas uma direção.

"Jesus disse: o Reino do Pai assemelha-se a um homem que possuía uma rica mercadoria e encontrou uma pérola. O homem era prudente. Vendeu a mercadoria e adquiriu a pérola para si mesmo."

A estória é esta: um homem foi a um país muito distante para negociar. Conseguiu ganhar muito dinheiro, juntou bastante mercadoria, mas no ultimo momento encontrou uma pérola. E resolveu fazer uma troca: vendeu toda a mercadoria e comprou a pérola. Quando estava voltando, houve um acidente e o navio em que estava afundou. Mas como tinha apenas uma pérola ele pôde nadar até a praia e chegar em sua casa com o tesouro intacto.

A esta estória é que Jesus se refere: o homem adquiriu uma ao invés de muitas. Assim, mesmo quando o navio afundou, nada foi perdido. Quando a morte vem e o seu navio afunda, se você tiver uma pérola será capaz de carregá-la para a outra praia; mas se tiver muitas e muitas coisas, não será capaz de carregá-las. Uma pérola pode ser carregada, mas como carregar muita mercadoria?

Jesus disse: "O Reino do Pai assemelha-se a um homem que possuía uma rica mercadoria e encontrou uma pérola. O mercador era prudente." Ele era sábio. Vender uma só coisa para adquirir muitas é tolice. A sabedoria consiste em vender muitas para adquirir uma só. A pérola é o símbolo da Unidade do Interno.

"O mercador era prudente. Vendeu a mercadoria e adquiriu a pérola para si mesmo. Procurem também pelo tesouro que não desaparece, que permanece firme onde nenhuma traça alcança e nenhum verme pode destruir."

Seja como esse mercador, esse homem sábio, prudente. Qualquer coisa que você obtenha deste mundo lhe será arrancado. Você já observou o fato de que na realidade, não pode possuir nada neste mundo? Você simplesmente pensa que possui — mas tudo já estava aqui antes de você chegar, era propriedade de outra pessoa. Logo você não estará mais aqui, mas as coisas estarão e alguém mais as possuirá. Sua possessão é apenas um sonho: algumas vezes, está aqui, outras não está.

Isto aconteceu: havia um rei chamado Ebrahim. Uma noite, ele ouviu um barulho em seu telhado, alguém estava caminhando por lá. Então ele perguntou: "Quem está aí?"

O homem respondeu: "Não se incomode. Meu camelo se perdeu e estou procurando por ele." Seu camelo estava perdido no telhado do palácio!

Ebrahim riu e disse: "Seu louco! Desça daí! Camelos nunca se perderam no telhado dos palácios. Vá para casa!"

Mas daí ele não pôde dormir porque era um homem de contemplação. Ele pensou: "Talvez o homem não esteja louco, talvez tenha dito alguma coisa simbolicamente; talvez seja um grande místico, porque a voz era tão especial ao dizer: "Não se incomode", havia tanta consolação e silêncio nela. A voz era tão musical e harmônica que não poderia vir de um louco. E ao dizer "Meu camelo se perdeu e estou procurando por ele", a voz era tão penetrante, parecia estar querendo indicar alguma coisa... Esse homem tem de ser encontrado amanhã! Quero ver quem é — se é doido ou se é um louco de Deus; se estava no telhado apenas por loucura ou se foi enviado particularmente a mim, para me dar alguma mensagem."

O Rei não pôde dormir a noite toda. Pela manhã enviou seus cortesões para encontrar o homem que possuía aquele determinado tipo de voz. Mas toda a capital foi vasculhada e o homem não pôde

ser encontrado. Como é possível encontrar um homem apenas pelo seu timbre de voz? É difícil!

Então, justamente ao meio-dia, houve uma grande precipitação no portão do palácio. Um faquir, um mendigo havia aparecido e dito ao porteiro: "Deixe-me entrar. Quero ficar alguns dias neste sarai, nesta hospedaria."

O porteiro disse: "Isto aqui não é uma hospedaria, não é um sarai — é o palácio do Rei, sua própria residência!"

Mas o faquir disse: "Não! Sei muito bem que isto é uma hospedaria: os viajantes vêm, ficam por algum tempo e se vão. Ninguém reside aqui. Deixe-me entrar; falarei com o Rei. Ele parece ser um homem bem tolo."

Isto chegou aos ouvidos do Rei que o mandou entrar. O Rei estava furioso e disse: "O que você está dizendo?"

O homem disse: "Ouça! Eu vim aqui há algum tempo e outra pessoa estava sentada no trono. Ele era um homem tão tolo quanto você porque pensava que esta era a residência dele. Agora você está pensando a mesma coisa, está pensando que esta residência é sua!"

O rei disse: "Não seja estúpido! E não se comporte de um modo tão incivilizado — ele era meu pai e agora está morto."

O faquir disse: "E eu lhe digo que virei novamente e não o encontrarei aqui. Alguma pessoa estará em seu lugar. Será seu filho e me dirá: "Esta é a minha residência!" Que tipo de residência é esta? Onde as pessoas vêm e vão — eu chamo de hospedaria para viajantes."

A voz pôde ser reconhecida! O Rei disse: "Então você é o louco que estava procurando pelo camelo no telhado!"

O faquir disse: "Sim, eu sou o louco e você também o é: quando alguém está procurando a si mesmo na riqueza, está procurando por um camelo no telhado!"

O Rei desceu de seu trono e disse ao faquir: "Você pode ficar neste sarai, mas eu tenho de ir. Eu estava aqui porque pensava que

era uma residência, que era um lar. Se não é um lar, então preciso procurar por um, antes que seja muito tarde!"

Ebrahim tornou-se um místico por seu próprio direito. E quando tornou-se um homem conhecido, transformou-se num homem realizado, resolveu viver do lado de fora da capital — da sua própria capital. Uma vez que esta tinha sido sua propriedade, mas agora era apenas um sarai, ele ficava do lado de fora.

Quando alguém passava e perguntava: "Onde é o basti?" — 'Basti' significa 'cidade'; mas a palavra é muito bonita, significa 'onde o povo reside' — Ebrahim lhes mostrava o cemitério. Ele dizia: "Vá pela direita e encontrará o 'basti' onde as pessoas residem."

As pessoas iam. Quando voltavam, depois de algum tempo, estavam furiosas e diziam: "Que tipo de homem você é? Nós perguntamos sobre o basti, a cidade, o lugar onde as pessoas moram — e você nos mandou para o cemitério!"

Ebrahim ria e dizia: "Então nós usamos termos diferentes para designar as coisas — porque é no cemitério que a gente entra e mora para sempre. Ele é o verdadeiro basti, a residência permanente onde suas roupas nunca mudam porque você está lá para sempre e sempre. Neste caso, você não está perguntando pelo verdadeiro basti, está perguntando por esta cidade que é um cemitério, onde as pessoas estão enfileiradas apenas para morrer." Chegou a vez de alguém hoje, a de outra chegará amanhã, a de outra mais depois de amanhã — mas todos estão esperando apenas para morrer! E você chama isto de basti? Você chama isto de lugar onde as pessoas residem? Eu chamo isto de marghat, cemitério, onde as pessoas estão esperando simplesmente para morrer, onde nada existe, exceto a morte."

Se a vida existe, não é nada mais que uma espera pela morte; mas como a vida pode ser uma espera pela morte? Como a vida pode ser momentânea? Como a vida pode ser exatamente como um

sonho? Estar aí — depois ir embora, desaparecer. A vida deve ser algo eterno. Mas se você está procurando pelo Eterno, então seja como o mercador prudente: venda tudo o que tem! Venda tudo e adquira a Unidade, a pérola única do seu ser interior que não pode naufragar, que não pode ser roubada — porque essa pérola é VOCÊ.

Você pode possuir apenas a si mesmo, nada a não ser você pode ser realmente possuído. Você pode viver e sua vida ser uma ilusão — isso é outra coisa. Pode viver na ilusão que possui uma casa, uma esposa, um marido, filhos, mas isso é uma ilusão: mais cedo ou mais tarde o sonho acabará. Você pode possuir apenas a si mesmo porque isto nunca irá embora. O Ser é permanente, eterno. É infinitamente seu. Não pode lhe ser tomado.

Esta é a diferença entre a busca terrena e a religiosa: ser religioso significa procurar pelo Eterno, ser terreno, significa procurar pelo temporal.

O mundo existe no tempo e a religião no Eterno. Observe um fato claro: sempre que você fecha seus olhos e abandona os pensamentos, não existe tempo; sempre que você fecha seus olhos e os pensamentos não estão presentes, o tempo desaparece. Quando os pensamentos existem, então o tempo está presente; quando os objetos estão presentes, o tempo existe.

O tempo, o oceano do tempo, existe ao seu redor. Em seu Interior existe a eternidade, o infinito.

Eis porque todos os Realizados dizem que quando você transcende o tempo, quando vai além do tempo, então já encontrou a si mesmo, já chegou em casa.

Certa vez, aconteceu o seguinte: um homem trabalhava numa fábrica. Ele era muito pobre e costumava ir à fábrica montado no seu burro. Ele sempre voltava tarde para casa e sua mulher ficava brava. Um dia, ele disse à esposa: "Tente compreender meu problema: este burro está tão acostumado a ir embora quando soa a

sirene, que se eu chegar dois ou três minutos atrasado ele vai embora sozinho. E nessa hora é uma loucura. Todo mundo quer sair correndo da fábrica. Muitas vezes, quando consigo sair, já o perdi, o burro já se foi! Ele espera no máximo dois ou três minutos. Se até então eu tiver saltado sobre ele, tudo bem; do contrário ele parte sozinho e eu tenho de voltar a pé". Ele pensou que esta explicação tudo resolveria e perguntou à mulher: "Você entendeu a moral da história?"

A esposa respondeu: "Entendi muito bem! Até mesmo um burro sabe quando é hora de ir para casa!"

Até mesmo um burro sabe quando é hora de ir para casa — mas você ainda não se conscientizou onde é a sua casa e de que está na hora de voltar para casa. Você continua perambulando, continua batendo na porta da casa dos outros; você esqueceu completamente onde é a sua casa. Assim, se você está perturbado, isto não é estranho. Você continua viajando de um canto do mundo ao outro. Por que essa loucura de ficar viajando de uma cidade para a outra? O que você está procurando? Sempre que alguém tem recursos fica viajando. As pessoas trabalham e juntam dinheiro justamente para viajar pelo mundo — por que? O que você irá ganhar?

Ouvi contar que certa vez um pesquisador americano estava olhando dentro de um vulcão grego, exatamente para o centro do vulcão. Então, ele disse ao guia: "Céus! Isto parece o inferno!"

O guia disse: "Vocês americanos! Vão a todos os lugares! Se puderem, irão até o inferno!"

Mas por que essa intranquilidade existe? Porque o homem, no íntimo, é um nômade? Porque perdeu sua casa e está procurando-a. Sua direção pode estar errada, mas sua intranquilidade é indicativa. Onde quer que você esteja, esta não é sua casa — este é o problema. Assim, você continua procurando por

ela, é capaz de ir procurá-la até mesmo no inferno, mas não irá encontrá-la em lugar nenhum porque ela está dentro de você. E até mesmo um burro sabe quando está na hora de voltar para casa!

Está na hora, já está na hora, você já esperou o suficiente. Não procure pela casa, nas coisas, não procure nos outros, não procure no lado de fora — aí você encontrará os muitos, os múltiplos, o que os hindus chamam de *maya*.

Maya significa os muitos, o múltiplo; *maya* significa o contínuo. Você vai procurando, procurando e não há nenhum fim para isso. Esse é um mundo mágico — *maya* significa a magia dos muitos. O mágico permanece, você continua procurando, mas nunca obtém nada porque este é um mundo mágico: sempre que você chega perto, ele desaparece como um arco-íris. À distância, ele é belo, ele o fascina, você fica obcecado por ele; ele entra em seus sonhos, em seus desejos; você gostaria de ter o arco-íris em suas mãos. E então vai andando, mas o arco-íris continua recuando.

Sempre que você se aproxima, descobre que não há nada. O arco-íris é um sonho, uma realidade ilusória. Os hindus chamam esse mundo dos muitos de *maya* — o mundo mágico, como se tivesse sido criado por um mágico. Na realidade, não há nada, tudo existe através dos desejos e dos sonhos. Você o cria através dos seus desejos; você é um criador através dos seus desejos — você cria o mundo dos muitos.

Existe um carro, um belo carro. Mas se não houver nenhuma pessoa na terra, qual será o valor do carro? Quem o apreciará? Quem se interessará por ele? Os pássaros não olharão para ele, os animais não se interessarão por ele. Ninguém prestará atenção nele — ele estragará, vai virar lixo. Mas se houver um homem, ele terá valor. De onde vem o valor? Vem do seu desejo: se você o desejar, ele terá valor; se você não o desejar, o valor desaparecerá. O valor não está no objeto, está no seu desejo.

A velha lei da economia era: sempre que houver procura, a oferta aparece. Mas agora a lei mudou completamente: ofereça e a procura virá. Você pode pensar em qualquer pessoa sonhando com um carro no tempo de Buda? Não havia nenhum problema, pois a oferta não existia, então como alguém poderia desejar um carro? Agora, todo o negócio do mundo consiste em criar novas ofertas. Primeiro, os negociantes criam a oferta, depois, fazem a propaganda, criam o desejo; então, a procura começa — você corre porque pensa: "Agora encontrei o que estava esperando durante toda a minha vida. Agora que encontrei, tenho de conseguir isto, quando eu conseguir, terei conseguido tudo!"

Mas o comércio continua inventando novos objetos, fazendo propaganda e criando novos desejos. Cada ano, um novo carro é criado, novas casas, novos objetivos aparecem. Eles lhe conferem novos caminhos para mover-se no exterior constantemente — não lhe dão nenhum intervalo para pensar. Seu carro pode estar bom, mas eles dizem que um novo modelo chegou. Assim, se você andar com o modelo velho seu ego ficará ferido. O novo modelo pode não ser melhor — pode ser até pior — mas o novo tem de ser adquirido. Você o compra porque seus vizinhos compraram, porque todo mundo está falando a respeito.

Uma mulher foi ao médico e disse: "Opere-me de qualquer coisa!"

O doutor disse: "O que? Você ficou louca? Por que uma operação? Sua saúde está ótima!"

A mulher disse: "Mas isto é muito difícil — quando vou ao clube todas as mulheres ficam falando a respeito de suas operações: uma tirou o apêndice; outra as amígdalas e eu me sinto anormal — não tenho nada para contar! Opere-me de qualquer coisa. Assim, quando eu for ao clube poderei falar a respeito!"

A competição existe até nas doenças! Você tem de estar na frente de todo mundo; você tem de estar no topo, seja qual for a consequência.

Três companheiros de viagem estavam em um trem conversando. Um deles se vangloriava da própria mulher: "Tenho uma esposa incrível. Nós nos casamos há dez anos e até hoje ela vem todas as noites à estação para me esperar." O outro disse: "Posso entender isso porque estou casado há vinte anos e o mesmo acontece comigo — minha mulher ainda me espera todas as noites na estação".

"Isso não é nada!" disse o terceiro. "Minha esposa tem estado me esperando há trinta anos — e eu nem mesmo estou casado com ela! Mesmo assim ela vem me esperar. Nisso eu ganho de vocês!"

Mesmo que as pessoas estejam contando mentiras, você tem de ficar por cima, tem de ser o primeiro — seja o que for que as pessoas estejam fazendo. Se o estilo de roupa mudar, a nova moda pode parecer neurótica, mas você tem de segui-la. Ninguém está em casa porque todo o mundo está batendo na porta dos outros.

Lembre-se bem disto: ninguém é um objetivo para você; exceto seu próprio Ser. Você é a meta, e você tem de encontrar a si mesmo — nada mais vale a pena.

Isto é o que Jesus diz:

"O Reino do Pai assemelha-se ao homem que possuía uma rica mercadoria e encontrou uma pérola".

O mercador era prudente. Vendeu a mercadoria e adquiriu a pérola para si mesmo.

Procurem também pelo tesouro que não desaparece, que permanece firme onde nenhuma traça alcança e nenhum verme pode destruir.

Olhe para o imortal e permaneça alerta; não perca seu tempo com o que não permanece, não perca seu tempo com o que é mutável, com o que faz parte das mudanças do mundo.

O que você pode imaginar sobre o que permanecerá? Você chegou a qualquer fato em sua vida que lhe dê a sensação de permanência? O mundo visível está ao seu redor — mas nada nele é permanente. Até mesmo as montanhas não duram para sempre; elas também envelhecem e morrem; até os continentes desaparecem.

O Himalaia não existia no tempo dos Vedas porque o Rigveda original não fala sobre ele. E é impossível não falar sobre o Himalaia se ele está presente — impossível! Como você pode negligenciar o Himalaia? Os Vedas falam sobre outras coisas, mas nunca sobre ele. Por causa disso, Lokmanya Tilak chegou à conclusão que os Vedas foram criados há pelo menos setenta e cinco mil anos atrás. Isso parece significativo, pode ter sido assim; eles podem não ter sido escritos há tanto tempo, mas devem ter existido sob forma oral há milhares de anos. Eis porque o Himalaia não é mencionado neles.

Atualmente, os cientistas estão dizendo que o Himalaia é a última aquisição do mundo, a montanha mais jovem; ela é a mais alta, a mais jovem. Ela ainda está crescendo, ainda é jovem — torna-se mais alta a cada ano. Vindhya é a mais velha montanha sobre a terra — talvez seja por isso que sua curvatura assemelha-se a um homem velho morrendo. Os hindus têm uma bela história sobre Vindhya.

Um profeta, Agastya, foi para o sul; e era muito difícil cruzar a montanha Vindhya naqueles tempos porque não existia nenhum caminho. A beleza da estória está no momento em que o profeta chegou. Vindhya inclinou-se para tocar os pés dele e ele disse: "Voltarei logo; permaneça na mesma posição; assim poderei passar sobre você facilmente!" Assim Vindhya permaneceu inclinada

porque o profeta nunca mais voltou — ele morreu no sul. Mas a estória é bela: Vindhya — a parte mais velha da terra — está curvada como um homem velho!

As colinas também são jovens, velhas; morrem, nascem. Nada é permanente no mundo exterior. Olhe para as árvores, para os rios, para as montanhas: eles dão a impressão de permanência, mas olhe um pouco mais profundamente e a impressão desaparecerá.

Olhe para dentro e veja seus pensamentos — eles são o que há de mais temporário. Estão continuamente modificando-se, nem um único pensamento permanece; um momento atrás você estava com raiva e sua mente estava cheia de pensamentos raivosos; agora está sorrindo e aqueles pensamentos desapareceram completamente como se nunca tivessem existido. São justamente como as nuvens no céu que vem e vão; os pensamentos estão constantemente mudando de forma, exatamente como as nuvens — os pensamentos e as nuvens são exatamente iguais.

Medite sobre as nuvens e verá suas formas mudando constantemente. Se você não olhar, talvez não perceba; se olhar, verá suas formas mudando continuamente: nem por um simples momento a forma da nuvem é a mesma. O mesmo acontece em sua mente: a forma de um pensamento é exatamente como a da nuvem, está sempre mudando. Essa é a razão pela qual as pessoas não podem se concentrar porque para concentrar-se é preciso que a forma do pensamento seja constantemente a mesma. Este é o problema porque os pensamentos vão se movimentando e mudando. Seja o que for que você pense, isto está mudando: um pensamento modifica-se em outro, uma forma, em outra. O mundo dos pensamentos não é permanente.

Os montes mudam, as nuvens mudam, mas o céu permanece o mesmo — ele permanece. O mesmo acontece em seu interior: as coisas mudam do lado de fora e as nuvens, os pensamentos, mudam

do lado de dentro — mas o céu do Ser, o Ser testemunhante, permanece o mesmo. Esta é a pérola: o Ser Testemunhante. Ele não tem forma, portanto não pode mudar. Se houvesse forma, a mudança acabaria acontecendo. Quando a forma não existe, como a mudança pode ocorrer? O Ser não tem forma, *nirakar*.

Se você entrar nesta não-forma interior, no início ela parecerá vazia porque você não conhece a não-forma, você só conhece o vazio. Mas não tenha medo, não fique assustado, entre nela. Quando você se tornar familiarizado com ela, quando você se acalmar nela, então o vazio não será mais vazio: tornar-se-á a não-forma. Quando esta não-forma é encontrada, você achou a pérola. A unidade é a pérola, o resto apenas bijouterias. Elas podem parecer muito valiosas, mas não o são porque não podem durar.

A durabilidade, *nityata*, a eternidade é o critério da Verdade. Lembre-se bem disto: o que é Verdade? É o que permanece firme, o que dura infinitamente. O que é um sonho? O que começa e termina; o que não pode resistir para sempre. Assim, procure por aquela Pérola que ninguém pode tirar de você, nem mesmo a morte. Na morte, o corpo morrerá; na morte, os pensamentos desaparecerão — mas VOCÊ? — você continuará para sempre...

A morte acontece ao seu redor, mas nunca a você. Acontece na cercania, mas nunca no centro; só acontece na circunferência. Você nunca morreu, você não pode morrer. As montanhas desaparecem, as nuvens vêm e vão, mas o céu permanece o mesmo. E você é o céu. A natureza do Ser é justamente como o espaço: vazio, infinitamente vazio, sem forma. Tudo acontece dentro dele, mas nada acontece a ele. Este é o significado das palavras de Jesus.

"Você também deve procurar pelo tesouro que não desaparece, que permanece firme onde nenhuma traça alcança e nenhum verme pode destruir."

OITAVO DISCURSO

28 de agosto de 1974 Poona, Índia.

Jesus olhou para as crianças que estavam sendo amamentadas e disse a seus discípulos:

Estas crianças que estão sendo amamentadas são semelhantes àqueles que entram no Reino.

Os discípulos perguntaram a Jesus: Se nos tornarmos crianças, poderemos entrar no Reino?

Jesus lhes disse:

Quando da dualidade fizerem a unidade;

quando tornarem o interior como o exterior,

o exterior como o interior,

e o de cima como o de baixo; quando fizerem do

macho e da fêmea um só, de modo que o macho não seja mais macho e a fêmea não seja mais fêmea —

então entrarão no Reino.

Este é um dos mais profundos sutras de Jesus, básico para todo aquele que está na busca. E também um dos mais difíceis de ser alcançado porque se for realizado já não

existirá mais nada para ser alcançado. Primeiro, tente entender alguns pontos e então abordaremos esse sutra.

O homem, se vive pela mente, não pode nunca ser inocente — e só na inocência o Divino baixa, ou você ascende ao Divino. A inocência é a porta. A mente é ladina, calculista, esperta e por causa dessa esperteza você perde — perde o Reino de Deus. Você pode alcançar o reino deste mundo através da mente; quanto mais calculista, mais eficiente nestes caminhos do mundo.

Mas a porta para o Reino de Deus está exatamente no oposto. Lá, não é necessário nenhum cálculo, nenhuma esperteza. A mente é totalmente desnecessária porque é apenas um mecanismo para se calcular, um mecanismo para ser esperto. Se você não precisa de nenhuma esperteza, de nenhum calculismo, a mente é desnecessária. Então, o coração torna-se a fonte do ser, e o coração é inocente.

Por que você insiste em ser esperto? Por que a mente está sempre pensando em como enganar? Porque está é a única maneira de se obter sucesso neste mundo. Assim, os que querem ser bem sucedidos neste mundo fracassam no Reino de Deus. Se você estiver pronto para aceitar o seu fracasso neste mundo, estará pronto para entrar no outro mundo. No momento em que alguém está pronto para reconhecer que: "O sucesso neste mundo não é para mim, não existo para ele", imediatamente acontece uma reversão, um retorno. Então a consciência não se dirige para fora, começa a mover-se para dentro.

Jesus enfatiza muito a inocência. Por isso está sempre falando da beleza das crianças, da inocência das flores, dos lírios, dos pássaros. Mas esse tipo de inocência não ajuda, você já a perdeu. Não tente assemelhar-se a ele verbalmente, não tente entendê-lo literalmente, é apenas simbólico.

Você não pode ser uma criança novamente — como isso é possível? Uma vez que você experimenta o conhecimento não pode voltar atrás. Você pode transcendê-lo, mas não voltar atrás, não

existe nenhuma maneira de voltar atrás. Você pode seguir adiante, ir além, mas não pode regredir — não há como. Não pode ser novamente uma criança comum. Como? Como perder aquilo que conheceu? Mas é possível transcender, ir além.

Lembre-se disso, caso contrário poderá começar a imitar uma criança e isso será uma esperteza, será mais uma premeditação. Jesus diz: "Seja como uma criança" e você começa a exercitar-se para ser uma criança — mas uma criança nunca se exercita. Uma criança é simplesmente uma criança, nem mesmo sabe que é uma criança, não tem consciência da sua inocência. Sua inocência existe, mas ela não está auto-consciente disso. Mas quando você se exercita, a auto-consciência estará presente. Então, essa infância será uma coisa falsa. Você pode representar, mas não pode ser criança novamente — no sentido literal.

Um santo, um sábio, torna-se semelhante a uma criança num sentido totalmente diferente. Ele transcendeu, foi além da mente porque entendeu sua futilidade. Entendeu toda a falta de sentido que existe em ser um homem bem sucedido neste mundo — renunciou ao desejo de ser bem sucedido, ao desejo de impressionar aos outros; ao desejo de ser o maior, o mais importante; ao desejo de satisfazer o ego. Entendeu a absoluta futilidade disso tudo. A compreensão transcende. Havendo compreensão — imediatamente você é transformado numa dimensão diferente.

A infância está novamente presente — é chamada de segunda infância. Os hindus chamam este estágio de "renascimento", *dwij*. Você nasce outra vez, mas este é um nascimento diferente, não vem do pai e da mãe. Vem do próprio Eu, não de dois corpos se encontrando, não da dualidade. Vem através do seu próprio Eu.

Este é o significado do nascimento de Jesus — neste sentido é que ele nasceu de uma virgem. Mas as pessoas tomam tudo no sentido literal e não entendem. De uma virgem significa: de um só. O outro não está presente, então quem pode corromper? Quem

pode penetrar? A virgindade permanece absolutamente pura porque não existe o outro. Quando o outro está presente, a virgindade é perdida. Se o outro está presente na mente, a inocência é perdida. A consciência do outro, o desejo do outro faz com que a virgindade se perca. E este segundo nascimento pode ser virgem, mas o primeiro tem de acontecer através do sexo — não há outro jeito, não pode haver.

Jesus nasceu através do sexo como qualquer outra pessoa e está certo que seja assim. Jesus é exatamente como você — em semente, mas no reflorescimento é totalmente diferente porque um segundo nascimento aconteceu; um novo homem nasceu. O Jesus que nasceu de Maria não existe mais, deu a luz a si mesmo. Na antiga seita Essênia, diz-se que quando um homem é transformado, torna-se pai de si mesmo. Este é o significado: quando dizemos que Jesus não tem pai, isto significa que ele é o seu próprio pai. Parece absurdo, mas é assim.

O segundo nascimento é um nascimento virgem — e você é novamente inocente. Esta inocência é superior à de uma criança porque a criança terá de perder a sua. É um presente da natureza, não foi conseguida pela criança, então tem de ser tirada da criança. Quando a criança cresce perde sua inocência — e ela tem de crescer! Mas um sábio permanece inocente. Sua inocência não pode ser perdida porque é o clímax, é o auge do crescimento; não há um crescimento posterior. Se houver crescimento, então haverá mudança; mas se você atingiu uma meta além da qual não existe nada, somente então não haverá mudanças.

Uma criança tem de crescer diariamente: perder a inocência, tornar-se experiente; tem de conseguir conhecimento, tem de tornar-se esperta, calculista. Mas se ficar muito obcecada pelo mecanismo calculista, permanecerá no nascimento sexual, no nascimento dual. Então haverá sempre um contínuo conflito interior — porque será sempre dois.

Quando você nasce através de dois seres permanece sendo dois, porque ambos estão presentes: um homem não é apenas um homem, mas também mulher; o mesmo acontece com uma mulher — porque ambos nasceram de dois seres. Seu pai continua existindo em você, sua mãe também, porque ambos participaram, ambos se encontraram no seu corpo e suas correntes continuam fluindo — você é dois. E se você é dois, como pode estar tranquilo? Se você é dois existe um contínuo conflito. Se você é a junção de duas polaridades opostas, uma tensão contínua permanece. Essa tensão não pode ser perdida, mesmo que você fique continuamente tentando descobrir um meio de ser silencioso, de ser pacífico, de alcançar a tranquilidade. É impossível! Porque você é dois!

Para ser silencioso, é necessária a união, e para isso você tem de nascer novamente — foi isso que Jesus disse a Nicodemos. Nicodemos lhe perguntou: "O que tenho de fazer?"

Jesus disse: "Primeiro, terá de renascer. Só então alguma coisa poderá acontecer. Assim como está, nada pode ser feito".

E eu digo o mesmo a você: "Assim como você está, nada pode ser feito. A menos que renasça, a menos que se torne seu próprio pai, a menos que a dualidade desapareça e você se torne um só, nada pode ser feito".

Quando o homem e a mulher que existem dentro de você se encontram, transformam-se num círculo. Não lutam mais, desaparecem, anulam um ao outro, e resta a união. Esta união é a virgindade.

É este o significado do que Jesus diz: "Sejam como crianças". Não entendam isso literalmente. Mas por que "como crianças"? Porque quando a criança é concebida, durante as primeiras semanas não é nem macho nem fêmea. Perguntem aos biólogos e eles lhe dirão que ela não é nenhum dos dois.

Durante as primeiras semanas de vida a criança não é nem macho nem fêmea — é ambos ou nenhum, a divisão ainda não está nítida. É por isso que atualmente a ciência médica é capaz de trocar o sexo da criança. Uma série de injeções podem mudá-lo porque ambos os sexos estão presentes — o masculino e o feminino. O equilíbrio logo é perdido, predomina o masculino ou o feminino. O que predominar será o sexo da criança. Mas no início existe um equilíbrio, ambos estão presentes. Depois, depende dos hormônios.

Se injetarmos hormônios masculinos, a criança será homem; se injetarmos femininos, a criança será mulher. O sexo pode ser mudado porque é uma coisa externa, não pertence ao ser, pertence apenas à periferia, ao corpo; é algo hormonal, físico. O ser permanece totalmente à parte. Mas logo a distinção aparece: a criança começa a tornar-se homem ou mulher.

No início, a criança é uma unidade. Então ela nasce: fisicamente torna-se uma mulher ou um homem. Mas a divisão ainda não penetrou na consciência; na consciência ela ainda não é nenhum dos dois — não sabe ainda se é homem ou mulher. Mais alguns meses de vida e então a distinção entra na mente. Então ela tem um ponto de vista diferente — imediatamente se torna auto-consciente.

No início, o corpo era um só; depois, o corpo separou-se. Mas mesmo quando o corpo se separa, a criança é uma só. Depois, ela também se separa: o ser humano desaparece porque você está identificado com o ser homem ou mulher — isso continua durante toda sua vida. Isso significa que você nunca encontrou a fonte original; o círculo permanece incompleto. Mas o sábio alcança novamente a fonte, completa o círculo. E o que desaparece primeiro é a distinção da mente — exatamente o inverso!

Na criança, a diferença começa pelo corpo; depois, acontece na mente. No sábio, primeiro desaparece da consciência, depois do corpo; e antes que ele morra, torna-se um só. Esta é a segunda

infância: ele se torna inocente outra vez — mas esta inocência é muito mais rica.

A inocência da criança é pobre, porque não tem nenhuma experiência, a inocência da infância é a ausência de alguma coisa. Mas a inocência do sábio é a presença de alguma coisa, não a ausência. Ele conheceu todos os caminhos do mundo, movimentou-se, experimentou de tudo. Ele seguiu para o extremo oposto e tornou-se um pecador, chegou ao fundo, entregou-se, experimentou tudo que o mundo pode proporcionar, e agora abandonou tudo. Sua inocência é muito mais rica porque a experiência está presente. Você não pode destruí-la agora porque o sábio conheceu tudo o que pode ser conhecido — como destruí-la agora? Você não pode mais motivá-lo, toda a motivação desapareceu.

Se você alcançar este estágio — no início, você era uma criança; no final é outra vez uma criança — sua vida será um círculo completo, perfeito. Se você não atingir a fonte outra vez, sua vida será incompleta. E este é o sofrimento. É a isto que Buda dá o nome de "*dukka*", miséria. Se você está incompleto, existe miséria; se você está completo, está satisfeito.

Um sábio morre satisfeito — então não há mais nascimento, porque não há mais necessidade de voltar ao mundo da experiência. Você morre incompleto e por causa disso tem de nascer outra vez. Seu ser persiste, outra vez e outra vez, em se completar, e a menos que você esteja completo terá que continuar nascendo e morrendo. É isso que os hindus chamam de "roda da vida e da morte". Um sábio escapa da roda porque ele próprio tornou-se um círculo e já não tem mais necessidade da roda.

Mas o que acontece para a mente comum? A distinção permanece até o fim, o sexo continua até o fim. Mesmo que o corpo enfraqueça, a mente continua e o sexo é a dualidade básica. Então, a menos que o sexo desapareça, a união, o não-dual, *Brahma*, não acontece. Lembre-se, o não dual — o *adwaita*, *Brahma*, a unidade não é uma hipótese, não é uma teoria, não é uma doutrina. Não é uma

coisa filosófica que se possa argumentar a respeito, não é uma crença — é a transcendência do sexo. É um fenômeno biológico muito profundo, é alquímico, porque todo o seu corpo precisa de uma transformação.

Três velhos estavam sentados num banco de jardim, discutindo suas misérias — porque os velhos não têm mais nada para dizer. Um deles, que tinha setenta e três anos, disse: "Quase não ouço mais. As pessoas têm de gritar no meu ouvido e mesmo assim não escuto bem!"

O outro, de setenta e oito anos, disse: "Meus olhos estão enfraquecendo, quase não enxergo mais nada; e o que é pior: quase já não distingo uma loira de uma ruiva".

Então, perguntaram ao terceiro: "Mulla Nasrudin, qual é o seu problema?"

Nasrudin que tinha noventa e três, disse: "O meu problema é maior que o de vocês dois. Na noite passada aconteceu o seguinte: nós jantamos, tomamos um pouco de vinho, e então me deitei no sofá e adormeci. Depois de mais ou menos meia hora, eu me dei conta de que minha esposa tinha ido para cama. Então, eu entrei no quarto e disse a ela: "Chegue um pouco para lá, deixe-me deitar na cama e vamos nos divertir um pouco". Minha mulher respondeu: "O quê? Já fizemos isso há apenas vinte minutos!"

Então Nasrudin bateu na cabeça com muita tristeza e disse: "Senhores, meu problema é que a minha memória está dormindo!"

O sexo o acompanha até o final. E você pode não ter observado, pode não ter pensado nisso, mas se um homem não transcende a mente, a última coisa que terá na mente ao morrer será o sexo — porque é a primeira coisa quando ele nasce. Tem de ser a última. É natural.

Tente! Quando você for dormir à noite, observe o último pensamento — precisamente o último, depois do qual você

adormece. Lembre-se dele, e pela manhã você se surpreenderá: será o seu primeiro pensamento — se você conseguir observar. Ou então, faça de outra maneira: pela manhã, observe o seu primeiro pensamento e lembre-se dele. A noite será o último porque a vida é cíclica. O sexo é a primeira coisa na vida e será a última. Se você não o transcender, será apenas uma vítima, não o senhor de si mesmo.

Você sabe o que acontece sempre que uma pessoa é enforcada? Se um homem é enforcado, o sêmen é liberado imediatamente. Isso acontece em todas as prisões, sempre que uma pessoa é enforcada. É a última coisa que acontece: quando ele está morrendo o sêmen é liberado. O que significa isso? Por que acontece? A vida é um círculo, completa a si mesma; essa foi a primeira coisa através da qual ele entrou na vida; essa será a última coisa através da qual ele novamente entrará na outra vida.

Um sábio transcende o sexo — mas não o reprime. Lembre-se disso, porque repressão não é transcendência. Se você reprimir qualquer coisa, continuará nela, continuará dividido. Um sábio não reprime nada. Muito pelo contrário, a energia masculina e feminina tornam-se dentro dele uma unidade, então ele já não é homem nem mulher. Foi isso que Jesus disse: "Eunucos de Deus." É isso que os hindus querem dizer quando representam *Shiva* como *Ardhanarishwar* — meio homem, meio mulher — tornou-se a unidade. Os hindus dizem que *Shiva* é o deus mais perfeito, o maior — *Mahadeva*. Por que chamam-no de *Mahadeva*, o grandioso? Porque é metade-homem e metade-mulher e quando isso acontece a você conscientemente, os dois se transformam num círculo e ambos desaparecem. A dualidade desaparece, torna-se unidade.

Jesus está falando dessa Unidade — *Ardhanarishwar* — metade-homem, metade-mulher. Então você não é nenhum dos dois, e tem início uma criança, uma segunda infância — você é *dwij*, renascido. Um novo mundo de inocência é descoberto.

Agora entraremos no sutra.

"Jesus olhou para as crianças que estavam sendo amamentadas e disse a seus discípulos: estas crianças que estão sendo amamentadas são semelhantes àqueles que entram no Reino".

Os discípulos perguntaram a Jesus: "se nos tornarmos crianças, poderemos entrar no Reino?"

É dessa maneira que os discípulos sempre perdem: tomam as coisas literalmente, entendem demais as palavras — e a mensagem não está nas palavras. Eles se apegam demais aos símbolos, tornando-os muito concretos e, quando Jesus está falando, seus símbolos não são concretos, são líquidos. Eles estão demonstrando alguma coisa e não dizendo alguma coisa. Eles são como indicações, dedos apontando para a lua, sem dizer nada.

Uma vez que Jesus diz: "Estas crianças... são semelhantes àqueles que entram no Reino", imediatamente pensamos que se nos tomarmos semelhantes a essas crianças, então estaremos capacitados, então conseguiremos, então poderemos entrar no Reino de Deus.

Os discípulos perguntaram: "Se nos tornarmos crianças, poderemos entrar no Reino?"

Jesus disse: "Não! Ser apenas crianças não adianta".

Jesus lhes disse: "Quando da dualidade fizerem a unidade, quando tornarem o exterior como o interior, o interior como o exterior e o de cima como o de baixo; quando fizerem do macho e da fêmea um só, de modo que o macho não seja mais macho e a fêmea não seja mais fêmea — enfim entrarão no Reino".

É isto que significa ser criança novamente. Tente entender toda a frase:

"Quando da dualidade fizerem a unidade..."

Este é o problema básico. Você já observou que quando um raio de sol atravessa um prisma, imediatamente se torna sete? Todas as cores do arco-íris aparecem. É assim que acontece um arco-íris: na estação das chuvas, sempre que o ar está cheio de vapor ou de pequenas gotas de água, essas gotas suspensas no ar comportam-se como um prisma. Um raio de sol as penetra e imediatamente se divide em sete — é assim que surge o arco-íris. Na estação das chuvas, quando o sol sai de trás das nuvens, há um arco-íris. O raio de sol é branco, de um branco puro, mas através do prisma torna-se sete, a brancura desaparece e surgem sete cores.

Sua mente funciona como um prisma; o mundo é um só, a existência é um branco puro e através da sua mente é dividida em muitas. Todas as coisas vistas através da mente tornam-se múltiplas. Se você estiver alerta, verá sete aspectos em todos os conceitos mentais. A mente divide exatamente como um prisma — divide em sete. É por essa razão que dividimos a semana em sete dias. Por causa dessa atitude da mente, Mahavir dividiu toda a sua lógica em sete estágios. São chamados "os sete aspectos da lógica". Quando uma pessoa fazia uma pergunta a Mahavir, ele dava sete respostas.

A pessoa fazia uma pergunta — e imediatamente ele dava sete respostas. Era muito confuso porque se você faz uma pergunta e recebe sete respostas, fica muito mais confuso do que antes de perguntar. E por causa dessas respostas, Mahavir não pôde ser entendido: era impossível entendê-lo. Mas ele estava absolutamente certo porque estava dizendo: "Você pergunta através da mente, por isso tenho de responder através dela — a mente divide tudo em sete". E essas sete respostas contradiziam umas às outras; e tem de ser assim porque a Verdade só pode ser uma, a Verdade não pode ser sete.

Quando você diz sete coisas tem de se contradizer. Se você perguntasse a Mahavir se Deus existe, ele diria: "Sim, Deus existe", "Não, Deus não existe". Depois diria: "Sim e não, ambas as coisas —

Deus existe e não existe"; e depois: "Nem existe nem não existe..." E dessa maneira continuava até dar sete respostas.

A mente divide como um prisma. Sempre que você olha através da mente, tudo se torna sete. Se você olhar algo de um modo penetrante, esse algo tornar-se-á sete; se você não olhar de um modo penetrante então tornar-se-á apenas dois. Se você perguntar a um homem comum, ele dirá: "Só duas respostas são possíveis". Se você perguntar sobre Deus, ele dirá: "Deus existe ou não existe — só existem duas possibilidades". Mas ele está perdendo cinco possibilidades porque não está alerta. Caso contrário, são sete as possibilidades. Dois é o início do múltiplo e sete é o fim.

Jesus diz: "Quando da dualidade fizerem a unidade". Está falando com pessoas comuns enquanto Mahavir falava com grandes estudiosos e grandes lógicos. A diferença está na audiência de ambos: Jesus está falando aos mais pobres, aos mais comuns — à massa: Mahavir falava a uma minoria selecionada. Podia falar sobre o sete, enquanto Jesus falava sobre o dois — mas ambos queriam dizer a mesma coisa.

Jesus diz: "Quando da dualidade fizerem a unidade, quando o dois desaparecer e ficar um só vocês terão alcançado". Mahavir diz: "Quando do sete fizerem um, quando o sete desaparecer e ficar um só, vocês terão alcançado". A diferença está na audiência, ambos falam da mesma coisa.

Como pode a dualidade desaparecer? O que você deve fazer? Nada pode ser feito através da mente porque se ela estiver presente, a dualidade permanecerá. Como o arco-íris pode desaparecer? Como pode ele desaparecer? Você joga fora o prisma, e o arco-íris some; tire as gotas suspensas no ar e o arco íris desaparecerá. Não olhe através da mente e o mundo dos múltiplos desaparecerá; olhe através da mente e esse mundo estará presente.

Não olhe através da mente, coloque-a de lado e veja! As crianças olham o mundo sem a mente porque a mente leva tempo

para se desenvolver. O corpo vem primeiro, em seguida vem a mente — na realidade leva alguns anos para acontecer. Quando a criança nasce, no primeiro dia que olha para o mundo, ela é um só, ela não faz nenhuma distinção. Como poderia? Ela não pode dizer: "Isto é verde e aquilo é vermelho". Ela não conhece o verde nem o vermelho, ela simplesmente olha — o mundo é um só. Sendo assim ela não pode distinguir seu próprio corpo do corpo de sua mãe.

Jean Piaget trabalhou muito no desenvolvimento da mente da criança. Trabalhou nisso toda a sua vida e conseguiu revelar muitas verdades: uma criança não consegue fazer nenhuma distinção entre seu próprio corpo e as coisas que a rodeiam. É por isso que chupa seu dedo do pé, porque não faz distinção. Não consegue pensar que aquilo é seu próprio dedo e que é inútil mamar nele; ela agarra o dedo como agarraria qualquer coisa — não faz distinções. Ele defeca e come suas próprias fezes, não é bom nem mau. Nós podemos dizer: "Que porcaria!", mas para a criança não tem diferença; o que ela pode fazer?

Por causa disso, na Índia, por séculos, muitas pessoas têm tentado imitar as crianças. Comem no mesmo lugar que defecam, e os tolos as chamam de *Paramahansa*, aqueles que alcançaram. Elas simplesmente imitam as crianças, tentam não fazer qualquer distinção — mas fazem! Caso contrário, qual seria a necessidade de fazer isso? Elas fazem distinção, mas forçam-se a não fazer. Buda não faria isso, Jesus não faria isso, Krishna também não, mas essas pessoas a quem chamam de *Paramahansa* — você pode encontrá-las, estão num lugar ou noutro por todo o país — forçam a si mesmas a não fazerem distinções.

Mas fazendo distinções ou forçando-se a não fazê-las, a mente continua sendo o foco; a distinção continua presente, você está apenas reprimindo-a. Está se comportando de um modo infantil, mas não inocente.

"Quando da dualidade fizerem a unidade, quando dois tornarem-se um só" — exatamente como uma criança. Quando uma

criança nasce, abre os olhos, ela olha, mas não consegue pensar; o olhar vem primeiro, depois é que acontece o pensamento. Algumas vezes, leva tempo, anos, para que a criança estabeleça distinções.

Uma criança arranca um brinquedo das mãos da outra, e você diz: "Não faça isso! Esse brinquedo não é seu!" Você está fazendo uma distinção de propriedade porque acredita na propriedade individual. Você pensa: "Isto é meu, e aquilo não é". Para uma criança, não existe diferença — um brinquedo é só um brinquedo. Ela nunca pensa nele como não sendo seu. "Se minha mão pode tocar, agarrar o brinquedo, ele é meu!" "Meu" e "Seu" ainda não estão definidos. Uma criança não faz nenhuma distinção entre o sonho e a realidade. Assim, pela manhã, ela pode chorar e resmungar porque sonhou com um lindo brinquedo. "Onde ele está?" A criança o quer de volta imediatamente. Não consegue distinguir o sonho da realidade, não pode fazer distinções. Sua inocência existe porque ainda não é capaz de fazer distinções.

E a inocência de um sábio começa quando ele abandona as distinções. Não que ele não consiga ver que o verde é verde e o vermelho é vermelho; não que ele não veja a diferença entre um pão e uma pedra — mas ele abandonou a mente. Agora, vive através do olhar e não do pensamento. É por isso que os hindus chamam sua filosofia de *darshanas*. *Darshan* significa olhar, sem pensar; e filosofia não é uma tradução correta, porque filosofia significa pensar; é o oposto.

Darshan significa olhar e filosofar significa pensar — são opostos entre si, não podem ser combinados de maneira nenhuma. *Darshan* significa olhar como uma criança, abandonar todas as distinções.

"Quando da dualidade fizerem a unidade. Quando tornarem o interior como o exterior..."

Porque "interior" e "exterior" também são distinções. Eu mesmo tenho falado: deixe o exterior, abandone o que está fora! Mas você não entende nada. Ao abandonar o exterior, o interior é automaticamente abandonado. Quando o exterior não está mais presente, como pode existir o interior? São termos relativos; o interior só existe como oposto do exterior; quando não há mais exterior, não há mais interior. Primeiro, você abandona o exterior, e então o interior desaparece automaticamente, por si mesmo; não existe "dentro" nem "fora" — você torna-se um só. Se o interior e o exterior existem, você ainda é dois, ainda não é um, ainda está dividido.

É por isso que os monges Zen fizeram uma das afirmações mais estranhas: eles dizem que este mundo é Deus; dizem que a vida comum é religião; dizem que tudo está bem, como está. Nada precisa ser mudado porque só o conceito de mudança já cria a dualidade, a mudança do que é para aquilo que deve ser; A tem de ser mudado para B e a dualidade acontece. Dizem que todo este mundo é Divino; Deus não está em nenhum lugar porque este outro lugar cria a dualidade. Deus não é o criador nem você é a criatura — VOCÊ é Deus. Deus não é o criador — é a própria criação; Deus é a própria criatividade.

A mente está sempre tentando fazer distinções, é uma especialidade dela. Quanto mais distinções você consegue fazer, mais esperta é a sua mente. E a mente sempre diz que os místicos são meio tolos porque para eles as fronteiras não estão claras. É por isso que chamam a religião de misticismo, e o misticismo não significa uma coisa muito boa. Significam algo vago como neblina, algo nublado, algo que não é uma realidade clara, mas que é como um sonho.

Para os lógicos, os místicos são tolos porque não fazem distinções — e distinções é tudo o que você tem feito; você tem de saber o que é o que! E os lógicos pensam que quanto mais distinções se faz, mais se aproxima da realidade. É por isso que a ciência —

que segue a lógica, que é apenas lógica aplicada e nada mais — chegou até o átomo; fazendo distinções pouco a pouco as coisas foram sendo separadas até chegar ao átomo.

Sem separar nada, unindo, abandonando as fronteiras, não delineando os limites, a religião alcançou o Supremo, a Unidade. A ciência alcançou o átomo que significa o múltiplo, o infinitamente múltiplo; a religião alcançou a Unidade o infinitamente UNO. As abordagens: a ciência utiliza a mente e a mente cria fronteiras, distinções nítidas; a religião não utiliza a mente e por isso todas as fronteiras desaparecem; tudo se torna um só, há um encontro. As árvores encontram-se com o céu, o céu derrama-se na árvore, a terra encontra-se com o céu, o céu toca a terra.

Se você olhar a vida profundamente, verá que estes místicos estão certos. Todas as fronteiras são criadas pelo homem, não existem na realidade. Elas são úteis, práticas, mas não reais; servem para algumas coisas, mas para outras também atrapalham.

Tente encontrar distinções. Durante a última semana você se sentiu infeliz — você consegue apontar exatamente o momento em que se tornou infeliz? Consegue traçar uma linha? Pode dizer: "Exatamente naquele dia, às nove e meia da manhã, eu me tornei infeliz?" Não, você não consegue determinar uma linha! Se você procurar, de repente descobrirá que tudo é vago, que é impossível dizer quando se tornou infeliz. Depois, você ficará feliz — observe o momento em que se tornará novamente feliz. Você pode não ter percebido o momento em que ficou infeliz porque não estava atento, mas agora você está se sentindo infeliz — e logo se sentirá feliz porque a mente não consegue permanecer no mesmo estado eternamente. Você não pode ajudá-la. Mesmo que queira permanecer infeliz permanentemente, não conseguirá. Observe em que exato momento você se tornará feliz novamente. Você se sentirá feliz, mas outra vez perderá o momento porque será muito vago.

O que isso significa? Que felicidade e infelicidade não são dois estados. É por isso mesmo que você não consegue fazer uma

distinção: eles se mesclam um no outro, misturam-se, suas fronteiras dissolvem-se entre si. Na realidade, as fronteiras não existem — são como uma onda, são como o vale e a colina: o vale segue a colina, a onda vem e o vazio segue a onda. Onde começa a colina, e onde termina o vale? Em lugar nenhum! Eles são UM SÓ.

"Este é o vale e esta é a colina". Você pode encontrar um vale sem colina? Ou uma colina sem vale? Pode sentir-se feliz sem se sentir infeliz? Se está tentando isso, está tentando o impossível. Você pode ter a felicidade sem ter a infelicidade? É difícil, porque esta felicidade e infelicidade são mais poéticas. A saúde e a doença são mais fisiológicas. Observe! Exatamente quando você adoeceu? Onde o limite pode ser traçado? E quando se tornou saudável? Ninguém pode traçar nenhuma linha de demarcação; a doença transforma-se em saúde e a saúde em doença; o amor transforma-se em ódio e o ódio em amor; a raiva transforma-se em compaixão e a compaixão em raiva — pode ser difícil aceitar isto, mas os místicos estão certos.

Você era uma criança — quando se tornou adolescente? Quando a adolescência teve início em você? Você é jovem e um dia será velho. Observe e marque no calendário: "Neste dia eu me tornei velho". Se você não pode distinguir esse dia, como pode fazer a distinção entre quando está vivo e quando está morto? Mesmo os cientistas têm muitos problemas sobre quando declarar que um homem está morto. Tudo o que se conhece até agora tem sido apenas utilitário, não verdadeiro.

Quando declarar que um homem está morto? Quando não está respirando? Mas existem muitos iogues que demonstraram em laboratórios científicos que podem permanecer sem respirar até por dez minutos. Então o critério de morte não pode ser este: um homem está morto sempre que não respira mais. Ele pode não ser capaz de voltar a respirar, mas este critério não serve porque pessoas demonstraram que podem permanecer sem respirar por dez minutos. Este homem pode ser um iogue. Ele pode não querer

voltar, você não tem o direito de declará-lo morto. Mesmo assim, temos que declarar a morte porque é preciso desfazer-se do defunto.

Quando um homem está realmente morto? Quando seu coração para de bater? Ou quando seu cérebro para de funcionar? Atualmente, nos laboratórios, existem cérebros sem corpos — e em funcionamento. Quem sabe o que estarão pensando? Quem sabe se estarão sonhando? Podem até nem estar cientes de que perderam o corpo. Os cientistas que têm observado esses cérebros sem corpo dizem que eles têm o mesmo ritmo: dormem, acordam; dormem, despertam, mostram sinais de que estão sonhando, mostram sinais de que não estão sonhando, dão sinais de que estão pensando: algumas vezes com raiva, agitados e tensos, outras vezes relaxados. Dentro deles, o que estarão pensando? Eles podem não estar cientes de que o corpo não existe mais, mas você pode dizer que essas mentes estão mortas? Estão funcionando bem. Em que parte se aplica o critério? Em que momento?

Na segunda Guerra Mundial fizeram experiências na Rússia, e pelo menos seis pessoas ainda continuaram vivas depois de terem sido declaradas mortas por causa de uma parada súbita do coração. Foram declaradas mortas, mas o sangue foi bombado e elas voltaram a viver, as seis continuaram vivas. O que aconteceu? Elas foram recobradas.

Existe realmente um limite onde termina a vida e começa a morte? Não! É um fenômeno ondular. A vida segue a morte assim como uma onda é seguida por um vazio. Não estão separadas, são uma só — o ritmo da UNIDADE. Os místicos dizem que para propósitos utilitários está bem que se divida, mas a realidade é indivisível. O que se pode fazer para ficar conhecendo esta realidade indivisível? Basta colocar de lado o mecanismo divisor — isso é que é meditação. Colocar a mente de lado e olhar!

OLHAR sem a mente! ESTAR CONSCIENTE sem a mente! VER! Não permitir que os pensamentos se estabeleçam como uma tela entre você e o universo. Quando as nuvens, os pensamentos,

não estão presentes, e o sol brilha em todo o seu esplendor, o mundo é um só.

"Quando da dualidade fizerem a unidade, quando tornarem o interior como o exterior, o exterior como o interior, e o de cima como o de baixo; quando fizerem do macho e da fêmea um só, de modo que o macho não seja mais o macho e a fêmea não seja mais fêmea — então entrarão no Reino".

A maior e mais profunda distinção existente é entre o masculino e o feminino. Você já observou que nunca esquece se alguém é homem ou mulher? Você pode esquecer o nome, esquecer a religião, pode esquecer completamente seu rosto, mas nunca esquece se a pessoa é homem ou mulher. Parece impossível esquecer-se disso. Isso demonstra o profundo impacto que essa divisão provoca na memória.

Alguém que você encontrou há vinte anos; você não consegue lembrar-se de nada — o rosto sumiu, o nome desapareceu — mas se a pessoa é homem ou mulher, isso permanece, isso fica gravado. Isso causa um impacto profundo em você, como se a primeira coisa que você procurasse numa pessoa fosse ver se é homem ou mulher. A primeira coisa que você observa é a última que permanece. Você pode não observar isso conscientemente, mas sempre que encontra uma pessoa, a primeira coisa que nota é se ela é homem ou mulher. Se é mulher, você se comporta de uma forma, se é homem, comporta-se de outra. Se é mulher, então o homem que existe dentro de você é atraído para conhecê-la ou não. Você pode não ter consciência disso, mas seu comportamento torna-se mais delicado.

As pessoas que possuem lojas sabem muito bem disso porque todos os vendedores foram substituídos por vendedoras. E tem de ser assim: se os compradores são homens, é melhor ter vendedoras porque então o comprador não pode dizer não com

tanta facilidade que diria a um vendedor. Quando uma mulher calça um sapato em você, toca seus pés — uma mulher bonita — de repente o sapato não tem importância, torna-se secundário. Pode estar apertando seus pés, mas você diz: "Lindo! Está muito bom!" e o compra. Você está comprando a mulher, não os sapatos.

É o que acontece em todos os anúncios — racionais ou irracionais, relacionados ou não-relacionados, consistentes ou inconsistentes, não faz a menor diferença se eles estão anunciando um carro, um sapato ou qualquer outra coisa — é preciso colocar uma mulher nua perto do que se quer vender. Porque não é o carro que é comprado, mas sim a mulher dentro dele. O sexo é que é comprado e vendido, o resto é superficial.

No fundo, você está em busca de sexo — em todos os lugares! Jesus diz que você não será inocente se essa busca permanecer. Com ela, você permanece dividido: se você é um homem, procura por uma mulher; se é uma mulher, procura por um homem. Então a procura está sempre se referindo ao outro, não pode se tornar interior, você não consegue mover-se para dentro, não pode ser meditativo. A mulher o perturbará, ela o perseguirá. Se você resistir, lutar, fechar os olhos, ela tornar-se-á cada vez mais bela, você ficará cada vez mais tentado.

O que fazer? Como transcender essa dualidade? Muitos métodos têm sido utilizados. A maioria deles são apenas fraudes. As pessoas dizem: "Pense que toda mulher é sua mãe", mas isso não vai fazer nenhuma diferença; é uma fraude. "Pense que toda mulher é sua irmã" — também não faz diferença porque ela continua sendo mulher. Se ela é mãe ou irmã, não faz diferença, continua mulher e você continua homem. Uma profunda busca permanece e essa busca é tão biológica que está por trás da sua consciência, é um "sub-fluxo".

Observe! Você está sentado numa sala e uma mulher entra. Observe-se e veja o que acontece. De repente, você é outra pessoa! Se ela é bonita então você se transforma mais ainda. O que

acontece? Imediatamente você já não está mais presente, só existe o homem, você já não está mais, só os hormônios sexuais. Eles entram em funcionamento, colocam você de lado, sua consciência é perdida, você fica quase inconsciente, comporta-se como se estivesse bêbado.

Até agora, nós não fomos capazes de descobrir uma embriaguez maior do que o sexo, uma droga mais forte que o sexo: ele muda tudo imediatamente. Se você toma LSD, as coisas ficam coloridas — o sexo é um LSD interno. Sempre que você se sente sensual, tudo se torna colorido, tudo tem uma aparência diferente, um brilho diferente, você fica mais vivo; não anda, corre; não diz nada, canta. Sua vida torna-se uma dança, você vive numa dimensão diferente.

Sempre que o sexo não está presente, de repente você está de volta ao mundo monótono, ao mundo das coisas: opaco, sem nenhum brilho. Você não consegue cantar, não consegue correr, tudo se torna entediante. Se novamente um homem ou uma mulher entra na sua vida, tudo muda de cor, tudo é romance, poesia. O que está acontecendo? Se isso continuar acontecendo, você permanecerá na dualidade — na mais profunda delas. A dualidade não lhe permitirá ver o real. O real é um estado de graça, não é feliz nem infeliz.

A realidade está além da felicidade e da infelicidade. Não é tensa nem relaxada; não é escura nem clara; está além. Quando toda a dualidade cessa, você está em estado de graça. Os hindus chamam esse estado de *ananda* — que significa "além de dois". Você não pode dizer que um sábio é feliz. Ele não é feliz por que a felicidade tem de ser seguida pela infelicidade. Você não pode dizer que ele é infeliz. Um sábio está em estado de graça, transpôs a dualidade. Agora já não existem vales nem colinas; ele caminha no plano, num único nível. Não existem altos e baixos porque eles só existem na dualidade.

Jesus diz: "Quando não há nada em cima nem embaixo, nada superior nem inferior, quando não existem dois, então você não pode escolher; você simplesmente existe."

E essa existência existe num só plano: as ondas não existem, o oceano fica absolutamente silencioso, sem nenhuma onda, nem mesmo ondulações porque nada sobe nem desce. O oceano torna-se uma superfície espelhada, sem nenhuma ondulação. Toda a agitação cessa.

Toda a agitação existe através da dualidade e o sexo é a base de todas as dualidades. Você consegue abandonar todas as outras coisas com facilidade, mas o ponto básico a ser abandonado é o sexo. E isso é muito difícil, porque ele está em cada célula do seu corpo, em cada célula do seu ser — você é um ser sexual, nasceu como um ser sexual. É por isso que Jesus diz: "A menos que você renasça, nada poderá auxiliá-lo". Como você está, permanecerá tenso, como você está, continuará miserável.

"Quando fizerem do macho e da fêmea um só, de modo que o macho não seja mais macho e a fêmea não seja mais fêmea — então poderão entrar no Reino".

Então, o que deve ser feito? Um círculo tem de ser feito no interior. Jesus não disse exatamente como fazê-lo porque tais segredos não podem ser dados abertamente; só podem ser dados a discípulos. Jesus deve tê-los dado a seus discípulos porque dizer simplesmente: "Torne-se um!" não resolve nada, ninguém consegue tornar-se um só. Dizer simplesmente que o macho deve ser fêmea e a fêmea deve ser macho, não auxilia ninguém a tornar-se um porque essa é a meta. Mas, qual é o método?

Jesus deve ter mantido esse método em segredo. Deve tê-lo dado aos discípulos como uma chave secreta porque esses segredos que podem torná-lo um só, são também muito perigosos. Se você

não compreendê-los, se aplicá-los de maneira errada, enlouquecerá. Este é o problema, este é o medo.

Normalmente, como você está, é um ser dividido: sua energia masculina busca no exterior a energia feminina; sua energia feminina busca fora a energia masculina — assim é o ser humano normal. Mas para tornar-se unido, tudo tem de ser transformado: sua energia masculina deve procurar a energia feminina no interior. O homem interior tentando encontrar a mulher interior é algo muito perigoso porque a natureza não proveu esta necessidade.

A natureza lhe deu a necessidade de encontrar a mulher, de encontrar o homem e isso é natural. Mas fazer com que isso ocorra dentro de você sozinho não é natural. A chave deve ser usada muito, muito delicadamente. Só pode ser usada sob os cuidados de um Mestre que já trilhou o caminho. É por isso que os mais altos segredos da religião não podem ser revelados nas escrituras, só podem ser revelados através da iniciação.

Eu lhes darei algumas informações de como isso pode ser feito. Mas lembre-se bem; se você quiser fazer isso, tenha cuidado para não se afastar de jeito nenhum do que eu disser; não se desvie, senão tudo dará errado. Neste caso, será melhor ser normal porque muitos religiosos já enlouqueceram. Isto aconteceu pelo seguinte: você tem a chave, mas não sabe como usá-la, pode usá-la de maneira errada e a fechadura se danificar, então será muito difícil consertar a fechadura.

Estes métodos só podem ser aplicados com um Mestre que possa estar sempre observando o que está lhe acontecendo. Eu estou lhes dando algumas informações porque estou aqui e se você quiser trabalhar, poderá fazê-lo.

Primeira coisa: sempre que tiver uma relação sexual com um homem ou com uma mulher, este é o momento certo para olhar para a sua mulher interior ou para o seu homem interior. Sempre que você tiver relações sexuais com uma mulher, faça-o com os olhos fechados, faça disso uma meditação. A mulher externa pode

auxiliar a mulher interna a acordar. Quando você tem relações sexuais suas energias interiores, tanto a masculina quanto a feminina, atingem um ápice. E quando o orgasmo acontece, não é entre você e a mulher exterior é sempre entre você e a mulher interior.

Se você estiver alerta, terá consciência de que um encontro de energias está acontecendo no interior. E sempre que este encontro acontece, o orgasmo é no corpo inteiro, não é apenas local, não fica confinado ao centro sexual. Quando fica confinado ao centro sexual, é apenas masturbação, nada mais. O orgasmo exprime-se no corpo inteiro: cada fibra pulsa com uma nova vida, com uma nova energia porque muita energia é ativada pelo encontro. O encontro está acontecendo dentro, mas se você estiver preocupado em observar o exterior, perderá.

O homem externo ou a mulher externa são apenas uma representação do interior. Quando você se apaixona por um homem ou mulher, isso só acontece porque esse homem ou essa mulher, de alguma forma, corresponde ao interior. É por isso que você não consegue encontrar nenhuma razão pela qual está apaixonado pela pessoa, porque isto não é absolutamente algo racional.

Você carrega uma mulher dentro de si. Sempre que uma mulher se ajusta com essa mulher interior, de repente, você se apaixona. Esse amor não é manipulado por você, não é sua mente que se apaixona, isto é algo profundamente inconsciente. Nesta mulher você tem um vislumbre. De repente, você sente que é a pessoa certa.

O que faz com que essa pessoa seja certa? Porque ela não o será para todos: haverá pessoas que a odiarão, que sentirão repulsa; haverá pessoas que não a olharão uma segunda vez, que não verão nada de especial nela. E haverá alguns que até rirão de você: "Como você se apaixonou por aquela mulher? Está louco?" Mas esse homem ou mulher, de alguma maneira, corresponde ao seu interior. É por isso que o amor é uma coisa irracional, sempre que acontece,

acontece — você não pode fazer nada a respeito; se não acontece, você também não pode fazer nada.

Quando você tem relações sexuais com uma pessoa, a energia interna chega a um ápice, chega ao auge. E, nesse auge, não fique olhando para fora porque então perderá algo muito belo que acontece, algo profundamente misterioso que acontece em seu interior: você torna-se um círculo. Seu macho e sua fêmea encontram-se, você torna-se *Ardhanarishwar*. Nesse momento, todo seu corpo vibra dos pés à cabeça. Cada nervo do seu corpo vibra com a vida porque esse círculo se estende por todo o corpo. Não é sexual, é mais que isso. Observe! Observe o ápice, o encontro das energias interiores. Depois, observe a maré baixando e o começo do abismo. Observe, as duas energias separando-se outra vez, aos poucos...

Se você fizer isso algumas vezes, imediatamente se conscientizará de que a mulher ou o homem externos não são necessários. Isso pode ser feito sem o exterior porque está acontecendo sem ele; o exterior é apenas o gatilho. Esse gatilho pode ser criado em seu interior. E uma vez que você descubra como, poderá fazê-lo internamente. Mas isso tem de ser experimentado, só então você conhecerá — eu não posso dizer como. Você tem de olhar, observar, e então saberá como as energias chegam, como o orgasmo acontece, como elas se separam e novamente surge a dualidade.

Por um único momento a Unidade acontece em você. É por isso que existe tanta atração pelo sexo; é por isso que tanto prazer é derivado do orgasmo — porque por um único momento você se torna um só, a dualidade desaparece. E no momento do orgasmo, não existe nenhuma mente. Se a mente estiver presente, o orgasmo não poderá acontecer. No momento do orgasmo, não existe um único pensamento, todo o prisma é completamente posto de lado. Você É, mas sem pensamentos. Você existe, mas sem a mente. Isso acontece por momentos tão rápidos que você pode perdê-lo

facilmente; você o tem perdido há muitas vidas. É um instante tão pequeno que se você estiver interessado no que está acontecendo fora, o perderá...

Assim, feche os olhos e observe o que está acontecendo dentro. Não tente fazer nada, apenas observe o que estiver acontecendo. Aos poucos começará a acontecer, assim como quando você entra numa sala depois de ter andado no sol. Você entra na sala e tudo está escuro, você não consegue ver nada porque seus olhos ainda não estão acostumados no quarto escuro. Espere! Sente-se e olhe em silêncio. Aos poucos, a escuridão começará a desaparecer e você tomará consciência das coisas, quando seus olhos estiverem acostumados ao ambiente.

Vir do exterior para o interior é um grande problema apenas porque seus olhos estão acostumados com o lado de fora. O lado de dentro parece escuro — e quando você consegue estar pronto, o momento já se foi. Então medite cada vez mais de olhos fechados e olhe para dentro para que você se harmonize com a escuridão interior. Não é escuro, só parece escuro porque você está acostumado com a luz de fora. Aos poucos, começará a sentir uma luz difusa, as coisas começarão a clarear e chegará um momento em que as coisas se tornam tão claras que ao abrir os olhos você descobrirá que o lado de fora é que é escuro.

Contam que Arvind disse "Quando eu vim a saber, pela primeira vez, o que é o interior, a luz de fora tornou-se uma escuridão". A luz que está fora torna-se como a morte porque agora algo mais alto, maior, algo vindo da fonte está acontecendo.

Observe como surge o círculo interior, como as duas energias transformam-se em uma. Nessa unidade, não existe mente nem pensamento. Olhe! E quando você descobrir o que está acontecendo, o exterior poderá ser abandonado — não haverá necessidade de abandoná-lo, mas ele poderá ser abandonado.

Uma mulher é bonita, um homem é bonito. O amor é bom, não tem nada de errado, é saudável e total. Não há necessidade de

abandoná-lo, mas pode ser abandonado e então você não depende mais dele. Pode permitir que o fenômeno aconteça em seu interior, e chega um momento em que esse círculo permanece para sempre. Com a ajuda do exterior, ele não pode permanecer porque o que está fora tem de ser separado, a separação é uma necessidade. Mas com o interior, não existe nenhuma necessidade de separação; quando o casamento interior acontece, não há nenhum divórcio, não existe essa possibilidade porque os dois estão sempre presentes, ambos estão presentes. Uma vez que eles se encontram não existe nenhuma questão sobre o divórcio. Com o exterior o divórcio acontece continuamente; num momento você está junto, noutro tem de se separar.

Quando esse círculo permanece constantemente em seu interior, este é o estado de *Ardhanarishwar* — e é isso que Jesus diz:

"Quando fizeram do macho e da fêmea um só, de modo que o macho não seja mais macho e a fêmea não seja mais fêmea — então entrarão no Reino".

Então, você entrou, tornou-se perfeito, não está dividido, tornou-se indivisível. Agora tem um Eu, tem a liberdade e a independência, nada está faltando, você está completo em si mesmo. A menos que esse círculo aconteça, você estará necessitando de alguma coisa, estará dependendo dos outros para satisfazer-se.

É por isso que o sexo parece uma escravidão — e é! É como uma dependência. E sempre que você se sente dependente fica ressentido. Daí a luta constante contra o amor: você fica ressentido, mas não pode abandonar o outro porque você se sente dependente.

E ninguém quer depender de ninguém porque toda dependência é uma limitação: o outro tenta dominar, tenta possuir — e, se você é dependente, tem de permitir ao outro uma certa dominação porque sente medo. É um mútuo acordo: "Eu

dependerei de você e você dependerá de mim. De algum modo poderemos possuir um ao outro, de algum modo poderemos dominar um ao outro".

Mas ninguém gosta de dominações e possessões. É por isso que o amor traz tanta miséria. Se você ama uma pessoa e se ressentir com ela, como pode ser feliz? Mesmo a pessoa mais bela torna-se feia.

Mulla Nasrudin estava sentado com um amigo. Sua mulher chegou e o amigo disse: "Suponho que esta seja a sua esposa mais bonita!" Mulla Nasrudin olhou tristemente e disse: "E a minha única esposa!"

Essa tristeza está sempre presente nos amantes porque nenhuma mulher pode satisfazer um homem. Mesmo que você tenha todas as mulheres do mundo não estará satisfeito porque o interior é maior do que "tudo". Todos os homens do mundo não conseguirão satisfazer uma mulher — não! Não é possível! Uma coisa ou outra estará sempre faltando porque nenhum homem é exatamente igual ao homem interior. E este é um problema de tempo também porque o encontro pode acontecer apenas por um único momento; depois, vem a separação.

A menos que você alcance a unidade interior, estará mudando de uma miséria para outra, de uma mulher para outra, de um homem para outro, de uma vida de misérias para outra vida de misérias. A mudança pode lhe dar uma esperança — mas ela é inútil, todo o envolvimento é inútil.

Quando este círculo acontece, você se torna um só novamente, inocente como uma criança; mais do que qualquer criança pode ser — você se torna um sábio.

Medita sobre essas palavras de Jesus e sobre o que eu disse, tente. Se você quiser tentar, deixe-me saber. Se você quiser trabalhar pelo círculo interior, deixe-me saber constantemente o que está

acontecendo. Porque se algo não estiver certo e as duas energias se encontrarem de um modo errado, você enlouquecerá.

Este é o medo de tornar-se um sábio: se você cair, cairá até o fundo, ficará louco. Se você subir, subirá ao mais alto, tornar-se-á um sábio. É sempre assim quando alguém quer andar nas alturas, tem de ter coragem porque se cair, cairá no abismo. O abismo está sempre perto das alturas.

Assim, lembre-se de que é necessário um esforço muito equilibrado e muitas coisas mais. Se você quiser trabalhar nisso, conversarei com você, mas isso só pode ser feito pessoalmente. É por isso que Jesus fala sobre a meta, mas nunca fala sobre o método. O método deve ser dado pessoalmente, é uma iniciação.

NONO DISCURSO

29 de agosto de 1974 Poona, Índia.

Jesus disse:

O argueiro que existe no olho de teu irmão, tu o vês, Mas a trave que existe em teus olhos tu não a vês.

Quando arrancares a trave de teus olhos, então verás claramente e poderás retirar o argueiro do olho de teu irmão.

O auto-conhecimento é o que existe de mais difícil — não porque seja difícil, mas porque você tem medo de saber a respeito de si mesmo. Existe um medo profundo. Todos estão tentando escapar, escapar de si mesmo. Este medo deve ser entendido. E, se esse medo existir, qualquer coisa que você fizer não irá ajudar muito. Você pode pensar que quer se conhecer, mas se esse medo inconsciente existir, estará constantemente evitando o auto-conhecimento, estará sempre tentando esconder, enganar. Por um lado, tentará se conhecer; por outro lado, criará todos os tipos de obstáculos para não se conhecer.

Conscientemente você pode pensar: "Gostaria de me conhecer"; mas no inconsciente, que é maior, mais forte e mais

poderoso que o consciente, você evita o auto-conhecimento. Então o medo deve ser entendido. Por que você tem medo? Primeira coisa: se você realmente penetrar em si, a imagem que você criou para o mundo revelar-se-á falsa. Todo o seu passado não significará nada porque tem sido como um sonho. E você investiu tanto nele, viveu tanto por ele, que saber agora que ele foi um falso fenômeno irá feri-lo — toda sua vida terá sido um desperdício.

Se tudo o que você viveu foi uma pseudo-vida, em nada autêntica, se você nunca amou, mas apenas fingiu amar, como poderá encontrar a si mesmo? Porque então você virá a saber que tudo foi fingimento: você não fingiu apenas que amou, fingiu também que foi feliz enquanto amava. Você não enganou mais ninguém além de si mesmo. E agora, olhar para trás, olhar para dentro — o medo o agarra.

Você tem pensado que é único; todos pensam isso. Essa é a coisa mais comum neste mundo, pensar que se é extraordinário, especial, "o escolhido". Mas se você olhar para si, saberá que não há nada, não há nem um motivo para ser egoístico. Então onde se firmará o ego? Ele ruirá, cairá no pó.

O medo existe, por isso você não olha para si mesmo. Não olhando, você pode continuar criando sonhos sobre si mesmo, imagens sobre si mesmo. Criar imagens é fácil, barato, mas é muito difícil e penoso ser realmente alguma coisa. As pessoas sempre escolhem o mais barato — você tem escolhido o mais barato. Olhar para si mesmo é muito difícil.

Numa casa, o telefone tocou no meio da noite — era de madrugada. O homem levantou da cama, furioso, e gritou no aparelho: "O que você quer?"

O homem do outro lado disse: "Nada!"

O outro ficou ainda mais furioso e disse: "Então porque você me telefonou no meio da noite?"

O homem disse: "Porque a ligação é mais barata!"

Se o preço for mais barato, você pode até comprar nada. E é isso que você tem feito. Criar uma imagem de si mesmo como único é uma coisa barata, mas ser único é árduo, muito duro. Muitas e muitas vidas de combate, de luta, muitas vidas de esforço culminam em algo quando você se torna único. Mas acreditar que se é único é barato, você pode fazer isso agora mesmo, não tem necessidade nem de se mexer. Você tem acreditado em coisas baratas — é por isso que o medo existe.

Você não pode olhar para si mesmo. Tudo o que você tem pensado ser não será encontrado aí — e você sabe muito bem disso. Quem sabe disso melhor do que você mesmo? Se você pensar que é bonito, e essa beleza for apenas uma idéia então você não poderá olhar no espelho. E você sabe muito bem disso! Ao invés de se olhar no espelho, quebrará todos eles. Sempre que um homem ou uma mulher feia se olha no espelho, pensa que existe alguma coisa errada com o espelho — porque é penoso verificar que não se é nada.

Você é alguém a seus olhos. Todos os demais podem saber que você não é ninguém, mas você não. Até mesmo um louco pensa que todo o mundo é louco. Todos lhe dizem: "Você é louco!", mas ele não ouve porque isso é muito doloroso. Cria todos os tipos de argumentos, racionalizações para dizer:

"Não sou louco!"

Certa vez Mulla Nasrudin entrou correndo numa fazenda e perguntou ao fazendeiro: "Você viu uma mulher lunática passando por aqui?"

O fazendeiro disse: "Como ela é?"

Nasrudin descreveu-a: "Ela tem um metro e oitenta de altura, é muito gorda e pesa quarenta e cinco quilos."

O fazendeiro olhou um pouco confuso e disse: "Se ela tem um metro e oitenta de altura e é gorda, como pode pesar só quarenta e cinco quilos?"

Nasrudin riu e disse: "Não seja tolo — eu não lhe disse que ela é meio louca?"

É sempre o outro que está errado, que é louco. É assim que você protege o que chama de sanidade, esta é a sua proteção. E uma pessoa que não pode olhar para si mesma, basicamente, não pode olhar, não é porque tem medo apenas de olhar para si mesma — o ponto básico é que ela tem medo de olhar. Porque quando você olha para o outro, ele pode tornar-se o espelho; quando você olha para dentro do outro, o outro pode indicar algo sobre você. Você é refletido nos olhos dos outros, por isso não pode olhar para ele. Você cria uma ficção tanto sobre si mesmo como sobre o outro. Então, vive num mundo de sonho — é assim que todos têm vivido.

E você pergunta como ser feliz. Seu pesadelo é natural: de tudo o que você tem feito, só pode brotar um pesadelo. E você pergunta como ser tranquilo. Ninguém pode estar tranquilo com a ficção, apenas com o fato. Por mais duro que ele seja, deve ser aceito; só o fato pode torná-lo não tenso, só o fato pode conduzi-lo em direção à verdade. Se você nega a factualidade, não haverá nenhuma verdade para você, ficará girando em torno sem nunca atingir o centro.

Ouvi contar que certa vez aconteceu o seguinte: um médico foi ver uma paciente, uma mulher muito doente. Entrou no quarto e saiu depois de cinco minutos. Pediu ao marido que esperava do lado de fora: "Dê-me um saca-rolhas!" O marido ficou um tanto preocupado sem saber para que seria necessário o saca-rolhas. Depois de cinco minutos o médico voltou novamente, transpirando, e disse: "Agora, dê-me uma chave de fenda!" O marido preocupou-se ainda mais, mas continuou em silêncio — porque os médicos sabem o que fazem. Cinco minutos depois o médico pediu um martelo e um cinzel. Agora já era demais, o marido não podia mais suportar e disse: "O que há de errado com minha mulher?" O

médico respondeu: "Ainda não sei, não consegui abrir minha valise!"

E eu lhe digo que você ainda está lutando com sua valise! Não apenas isso — que você não seja capaz de abri-la — você não quer abri-la. Todos esses saca-rolhas, chaves de fenda, cinzéis e martelos que você carrega consigo são disfarces. Você não quer nem mesmo abrir sua valise porque uma vez aberta, o que você fará? Então o paciente — que é você — terá de ser diagnosticado, terá de olhar para si mesmo.

Por isso, todos se preocupam com suas valises — é este o seu negócio, a sua profissão, a sua preocupação. Você pode ser um poeta, um músico, um pintor, mas todas as suas preocupações são apenas formas de permanecer engajado com o exterior. É por isso que ninguém está pronto para ser só, nem por um único momento. Isso é muito temido porque, se você estiver só, poderá cruzar consigo mesmo. Quando estiver só, o que você fará? Quando estiver só, estará consigo mesmo — e a realidade poderá entrar em erupção.

Assim, todos procuram estar sempre ocupados, ocupam-se durante vinte e quatro horas por dia. Quando você está ocupado, parece um pouco feliz; quanto está desocupado, torna-se infeliz. Os psicólogos dizem que quando um homem fica sem ocupação por um período longo, acaba ficando doente. Mas por quê? Se você está são, por que adoce ao ficar sem ocupação por um longo período? Se você está são, um longo período de inatividade, um longo período sem fazer nada, torna-o mais são, faz você crescer. Mas por que você adoce ao ficar só durante um longo período? Isso acontece porque você está doente! Sua ocupação apenas esconde esse fato.

Olhe em volta — porque é difícil olhar para si mesmo — olhe em volta, olhe para as pessoas! Um homem, por exemplo, que está constantemente ocupado com dinheiro. O que ele está realmente

fazendo? Focalizando sua mente no dinheiro para poder esquecer de si mesmo. Ele fica pensando em dinheiro de manhã, de tarde e de noite. Mesmo na cama ele pensa no dinheiro, no banco, no saldo. O que ele está fazendo com o dinheiro? É por isso que quando consegue ter dinheiro se sente frustrado — o que fazer então? No momento em que consegue mais dinheiro que queria, começa a pensar em conseguir mais dinheiro — porque dinheiro não é o que ele procurava. Caso contrário, ao consegui-lo ficaria satisfeito. Mas nem um Rockefeller ou um Ford podem estar satisfeitos.

Quando você tem dinheiro, imediatamente quer ter mais porque a motivação básica não é o dinheiro, mas sim a ocupação com o dinheiro. Sempre que não há o que fazer você sente um desconforto, uma profunda inquietação surge em você. O que fazer? Se não houver nada para fazer, você irá reler o jornal — o mesmo que você já leu inteiro. Se não houver o que fazer, você fará qualquer coisa sem nenhuma importância, mas não ficará quieto. Vem daí a insistência de todos os Mestres em que, se você puder sentar-se durante algumas horas sem fazer nada, logo estará Iluminado.

Esse estado de desocupação da mente é meditação. Um estado ocupado de mente é o mundo, o cansar. Não importa que tipo de ocupação você tenha — se você se interessa por política, dinheiro, serviço social ou revolução, não faz nenhuma diferença — a sua sanidade é a mesma. Se você deixar Lênin sozinho, ele enlouquecerá: ele necessita da sociedade e da revolução; se não houver nada para fazer, será impossível para ele existir, sua sanidade estará perdida. Ele é são através dos outros. Você trabalha tanto que sua energia é gasta no trabalho, então você fica exausto e pode ir dormir.

Os velhos parecem excêntricos, quase loucos, e o motivo é que não têm nada para fazer. A velhice não é o motivo — a razão é que agora estão desocupados, não são necessários, estão aposentados. As pessoas aposentadas sempre se tornam um pouco

excêntricas. Algo de errado acontece com elas. Um homem está bem, é o presidente ou o primeiro ministro de um país, mas aposente esse homem e veja o que acontecerá: imediatamente começará a se deteriorar. Seu corpo, sua mente, ambos se deteriorarão e ele tornar-se-á um excêntrico, um louco, um maluco. Porque então não terá mais nada para fazer, ninguém olhará para ele, ninguém se interessará por ele. Não terá nada para fazer, nada para focalizar sua mente. O tumulto penetrará cada vez mais fundo — ele tornar-se-á confuso.

Os psicólogos dizem que as pessoas aposentadas morrem dez anos antes do que teriam morrido se continuassem ocupadas. O que acontece? Por que é tão difícil estar consigo mesmo? Você sempre pensa que as pessoas se sentem felizes com você — sua esposa, seu marido são felizes com você. Você nunca se sentiu feliz consigo mesmo, então como é possível qualquer outra pessoa se sentir feliz com você? Se você tem uma personalidade tão aborrecida a ponto de se aborrecer consigo mesmo, como é possível que os outros o tolerem? Eles o toleram por outras razões — não porque você seja uma pessoa amável, não! Eles o toleram porque você dá a eles uma ocupação. Um marido é ocupação suficiente para uma mulher e ela é ocupação suficiente para ele. É um engano mútuo: concordaram em enganar um ao outro, em um auxiliar o outro a permanecer ocupado.

Você não pode olhar para si mesmo, não pode chegar à auto-realização porque esta é uma meta muito distante. Você não pode voltar-se e ver a factualidade sobre si mesmo, a razão é esta: você tem uma falsa imagem, uma falsa identidade, uma falsa idéia de que é alguém muito importante, muito significativo — o mundo todo irá parar se você morrer. O que acontecerá ao mundo se você não estiver mais aqui? Quando você não estava presente, o que acontecia? O mundo estava um pouco mais em paz, só isso. Quando você não estava aqui, havia um pouco menos de problemas no mundo, só isso — porque havia uma pessoa inquieta a menos, uma

pessoa a menos para criar inquietação nas outras pessoas. Mas, para sustentar o ego, todas as ficções são necessárias.

Napoleão tornou-se um prisioneiro no fim da vida. Foi preso numa pequena ilha, Santa Helena. Ele já não era nada — ninguém nunca é — e continuar na ficção era muito difícil. Ele era um Imperador, um dos maiores conquistadores: "O que vou fazer? Como posso aceitar o fato de que já não sou mais nada; apenas um prisioneiro, um prisioneiro comum?" Ele não encarou o fato; continuou na velha ficção. Não trocou suas roupas durante seis anos porque a prisão não lhe daria roupas de imperador para vestir. Suas roupas estavam completamente rasgadas, descoradas, imundas, mas ele não as tirava.

O médico da prisão lhe perguntou: "Por que você não tira esse casaco? Está imundo! Nós podemos lhe dar roupas melhores e mais limpas." Napoleão olhou para ele e disse: "Este é um casaco de Imperador — pode estar sujo, mas não posso trocá-lo por um casaco qualquer!" Ele andava como se ainda fosse um Imperador, falava como se fosse um Imperador, dava ordens — não havia ninguém para ouvi-las, mas ele continuava ordenando. Escrevia cartas e ordens, trazia consigo seu bloco de cartas. Em sua mente ainda era um Imperador.

O que aconteceu com esse pobre homem? Ao ficar desocupado, começou a ficar doente constantemente. O médico que o acompanhava tinha um diário onde escreveu: "Sinto que ele não está realmente doente; agora a doença é só uma ocupação. Às vezes, ele diz 'meu estômago'; outras vezes, diz 'minha cabeça'; outras, 'minhas pernas'," e o médico achava que não havia nada de errado, seu corpo estava absolutamente são. Mas agora ele não tinha mais nada para se ligar, agora o único outro era o corpo. Todos os outros haviam desaparecido.

Muitas pessoas têm a doença como ocupação: no mundo, cinquenta por cento das doenças existem como ocupações. Se você estiver ocupado, não precisará encarar a si mesmo. Caso contrário, o

que teria acontecido a Napoleão? Se ele tivesse encarado a si mesmo, teria visto que era um mendigo — e teria ganhado muito mais! Morreu como um Imperador. Antes da sua morte ordenou como deveriam ser feitas as cerimônias fúnebres, cada detalhe. Ninguém fez o que ele pediu porque ninguém estava interessado. Mas ele deu as ordens e deve ter morrido tranquilo pensando que teria um enterro de Imperador.

Com Napoleão, esse processo é claro porque ele foi um Imperador. Isso também foi uma ficção — mas apoiada pela sociedade. Nada mudou, Napoleão continuou o mesmo, apenas o apoio desapareceu. Isto é difícil de entender: existem ficções nas quais a sociedade o apóia e existem outras em que ninguém o apóia. Esta é a diferença entre uma pessoa sã e uma doente: a pessoa sã é aquela cuja ficção é apoiada pela sociedade. Ela manipulou a sociedade para corroborar com a sua ficção. Um homem doente, insano, é aquele cuja ficção não é apoiada por ninguém; ele está só, você pode colocá-lo num hospício.

Mas ter um apoio não torna nada real — se é uma ficção, é uma ficção. Se você olhar para si mesmo, imediatamente sentirá que não é ninguém, nada de importante. Mas então toda a terra, toda a base sob seus pés se desfaz, você está num abismo. É melhor não olhar para ele — é melhor continuar com seus sonhos. Podem ser sonhos, mas ajudam-no a viver de maneira sadia.

Não só você não consegue olhar para si mesmo como não consegue olhar para os outros também porque o outro também é representativo. Assim, você cria ficções também sobre os outros: através do ódio, cria a ficção de que o outro é um demônio; através do amor, cria a ficção de que o outro é um anjo, um deus. Você cria ficções também sobre os outros; não consegue olhar diretamente, não pode ver através deles, sua percepção não é imediata. Você vive um *maya*, numa ilusão criada por si mesmo. Então, tudo o que você vê é exagerado: se você odeia uma pessoa, ela imediatamente transforma-se no demônio; se você ama alguém, ela imediatamente

torna-se deus. Você exagera: se vê o mal, exagera e transforma-o no mal supremo; se vê o bem, transforma-o no bem supremo, em deus.

Mas é difícil manter essas ficções, você tem de mudá-las constantemente. Por que você exagera tanto em suas percepções? Por que você não vê claro o que está acontecendo? Porque você tem medo de ver claramente. Você quer as nuvens em volta para que tudo permaneça obscuro. Você não quer se conhecer. E todos os que se conheceram, insistem: "Conhece-te a ti mesmo!" Buda, Jesus, Sócrates continuam insistindo. Toda a religião é uma insistência para que você conheça a si mesmo.

E você insiste em não se conhecer. Às vezes, faz o jogo de conhecer a si mesmo. Tenho cruzado com muitas pessoas que fazem esse jogo e não querem saber. Este é um jogo: elas querem criar uma nova ficção, uma nova ficção religiosa e vêm a mim para que eu possa apoiá-las. Dizem: "Compreendi isto, compreendi aquilo", e olham para mim mendigando com o olhar.

Se eu digo: "Sim, você experimentou isso", elas se sentem apoiadas, vão embora felizes. Se eu digo: "Não", ficam infelizes, nunca mais voltam. Simplesmente desaparecem porque precisam encontrar outra pessoa, outra autoridade qualquer. Mas por que você está em busca de uma autoridade? Por que precisa de uma testemunha? Se você compreendeu algo, está realizado — não há necessidade de nenhuma autoridade porque a experiência em si é auto-evidente.

Se você realiza sua alma, não necessita do reconhecimento de ninguém, de nenhum certificado. Mesmo que o mundo todo diga que você não realizou, não faz diferença; não há necessidade de votos, você sabe que isso aconteceu. Se um cego começa a enxergar, não precisa de ninguém como testemunha para dizer que agora ele pode ver — ele vê, isso é suficiente. Mas se o cego sonha que está vendo, então precisa de uma autoridade para autenticar essa verdade.

As pessoas jogam, até mesmo jogos espirituais. Mas a menos que você pare de jogar e torne-se sóbrio sobre o fato de que as ficções devem ser abandonadas, e que a verdade nua tem de ser encarada como é, nada é possível — porque isto é uma porta. Se ninguém o apóia, você mesmo se apóia. Então, pára de falar com as pessoas porque elas não podem entendê-lo.

Um homem veio aqui há alguns meses atrás e me disse: "Você me entende, ninguém mais pode me entender; tenho recebido mensagens Divinas todas as noites". Ele tinha consigo um grande arquivo delas — absolutamente sem sentido! Mas pensava que estava recebendo mensagens de Deus. Pensava que esse era o novo Alcorão, que desde Maomé ninguém havia recebido tais mensagens e que o Alcorão estava fora de moda. Se os maometanos escutassem isto, matariam o homem porque acreditam numa outra ficção que esse homem estava tentando destruir. E esse homem que recebia mensagens de Deus ficava nervoso e todo trêmulo ao me olhar para ver o que eu diria porque todos que ele encontrara haviam rido e pensado: "Você está ficando louco!" Ele disse: "Sei que você é um homem Realizado". Agora, ele tentava me subornar. E implorava sem parar: "Diga apenas: Sim está certo".

Mas eu disse: "Seu Deus está lhe dando mensagens, não há necessidade de vir a mim, Deus é suficiente."

Ele tornou-se um pouco confuso, duvidoso, e disse: "Mas quem sabe? Pode ser apenas um truque da minha mente". Isso ele conhecia bem. Sempre que você usa truques, no fundo sabe disso, não precisa de ninguém para lhe mostrar — mas você quer esconder esse fato.

Eu lhe disse: "Isto é loucura!" Então ele nunca mais voltou — agora, não sou mais um homem Realizado! Ele procurava uma coisa mútua: se eu tivesse dito: "Sim, você está recebendo mensagens", ele teria saído daqui dizendo: "Este homem tornou-se Realizado!"

Se eu aceito a sua ficção, você pode ajudar a minha, este é um jogo mútuo feito constantemente. E esse jogo satisfaz tanto que você não quer interrompê-lo. Mas um profundo descontentamento também o persegue como uma sombra. Isto está fadado a acontecer porque tudo é ficção.

Um mendigo que pensa ser um imperador, sabe que é um mendigo. Este é o problema: ele pensa que é um imperador, finge que é um imperador, e no fundo sabe que é um mendigo. Ele se sente bastante satisfeito com o seu reinado, mas um profundo descontentamento o segue como uma sombra: "Sou apenas um mendigo". Este é o seu problema: você pensa algo sobre si mesmo e sabe que não é verdade.

Você nunca amou, apenas fingiu; nunca foi honesto, apenas fingiu; nunca foi verdadeiro, apenas fingiu — toda a sua vida tem sido uma longa série de fingimentos. E agora, depois de ter perdido tanta vida nisso, reconhecer que tudo tem sido só ficção é demais para você. Você pensa: "De algum jeito vou até o fim com isso". Mas se você não acabar com isso, mesmo que o leve às últimas conseqüências, nada lhe será dado. Terá simplesmente um desgaste; isso é um simples desgaste; e, no final, toda a frustração explodirá.

É por isso que a morte é tão difícil. Ela não tem em si nada de perigoso; é um dos fenômenos mais lindos deste mundo — você simplesmente dorme! E tudo dorme: uma semente brota e uma árvore surge; então, novamente, vêm as sementes, caem no chão e vão dormir; depois novamente brotarão. Depois de cada atividade, um repouso é necessário. A vida é uma atividade; a morte é um repouso. Ela tem de acontecer para que uma nova vida possa surgir. Não há nada de errado com a morte, nada de perigoso.

Mas porque todas as pessoas temem tanto a morte? Porque nesse momento desaparecem todas as ficções; no momento da morte você vê que toda a sua vida foi um desperdício. Por que as pessoas dizem que no momento da morte a pessoa chega a ver toda a sua vida? Isso acontece, é verdade: na hora da morte a pessoa tem

de encarar toda a sua vida porque então o futuro não mais existe e ela não pode mais criar ficções.

Para as ficções, é preciso que haja futuro porque elas existem na esperança, estão no amanhã. A morte traz de volta o fato de que agora não há mais amanhã; os amanhãs terminaram; agora, não há nenhum futuro. Onde você pode sonhar? Onde pode projetar suas ficções? Não há para onde ir! De repente você está fixo. E durante toda a sua vida você tem criado ficções no futuro. Agora, você está engasgado. Durante toda a sua vida você esteve criando ficções no futuro. Agora, está entalado, não tem mais nenhum futuro — para onde olhará? Você tem de olhar para o passado; e no momento da morte a sociedade desaparece; você tem de olhar para si mesmo, nada mais lhe é deixado. Então, você sente a dor, a angustia de toda uma vida perdida.

Se isso puder lhe acontecer antes da morte, você se tornará um homem religioso. O religioso é aquele que realizou, antes da morte, aquilo que todos realizam na morte. O religioso é aquele que olhou enquanto ainda estava vivo — olhou dentro do passado, enxergou através de todo o jogo, compreendeu a ficção de toda a sua vida — olhou dentro de si mesmo.

Se você olhar para dentro de si, a mudança será certa, absolutamente certa porque uma vez que a ficção é compreendida como ficção, você começa a desaparecer. Para ser retida, a ficção tem de ser fixada como um fato; mesmo uma mentira tem de ser pensada como verdade para ser carregada. No momento que você compreende que é uma mentira e ela começa a desaparecer — já está fora de seu alcance, você não pode agarrá-la. Para que o sonho continue, é preciso que se acredite que não é um sonho, que é realidade. No momento que você se torna consciente de que é um sonho, o sonho já está desaparecendo.

Mas todo o seu esforço consiste em não saber disso, em evitar isso; é por isso que você nunca está tranquilo quando fica só. Mesmo que vá ao Himalaia, levará seu rádio de pilha, carregará

todo mundo; mesmo que você vá ao Himalaia, sua mulher, seus amigos, seus filhos irão com você. Você sai num feriado, mas na realidade nunca sai — carrega toda a atmosfera da cidade para a praia, para as montanhas e outra vez fica rodeado por tudo que é absurdo.

Certa vez, um marinheiro náufrago alcançou uma ilha deserta. Teve de viver durante cinco anos na ilha porque nenhum navio passou por lá. Construiu uma pequena cabana para viver, mas constantemente estava pensando no mundo. Tudo estava tão em paz, como nunca havia estado. Ele nunca conhecera, nem mesmo imaginara que tal paz fosse possível. A ilha estava completamente deserta, não havia ninguém — este era o único problema. Fora isso, tudo era perfeito: o regato era belo, as árvores cheias de frutos: ele podia comer, podia repousar; não havia nenhuma preocupação, ninguém com quem se preocupar, ninguém para criar problemas. E ele sempre pensara em estar algum dia num lugar como esse — e, de repente, lá estava ele! Mas era insuportável... O silêncio é insuportável, a pessoa tem de ser capaz de suportá-lo — ele pode matá-lo.

Era difícil para esse homem, mas ele era um arquiteto e por isso pode começar a construir pequenas coisas, pequenos modelos, apenas para permanecer ocupado. Fez uma pequena rua e deu um nome a ela; não fez apenas uma igreja, fez duas — uma perto de sua casa, outro no outro extremo da cidade; fez pequenas lojas onde se podia fazer compras. Criou uma cidade completa.

Depois de cinco anos, quando chegou um navio e ancorou na baía, ele ficou muito feliz. Veio um homem num pequeno barco até a praia. Ele correu para a praia muito excitado porque agora poderia voltar ao mundo novamente. Mas ficou um pouco confuso: o homem tirou do bote um grande pacote de jornais. Então, ele perguntou: "Para que esses jornais? Por que você os trouxe aqui?"

O homem, que era capitão do navio, respondeu: "Primeiro, dê uma olhada neles e veja o que está acontecendo no mundo — depois, diga se ainda quer voltar".

O homem atirou os jornais no mar e disse: "Que absurdo! Mas antes de entrar no bote, gostaria de lhe mostrar a minha cidade!"

Ele mostrou a cidade ao capitão, mas este não entendeu quando viu a segunda igreja. Disse: "Compreendo que você tenha feito uma igreja para as suas preces, mas por que esta outra?"

Ele respondeu: "Esta é a igreja onde eu vou, aquele é a que eu não vou".

Você precisa de duas igrejas, no mínimo, duas religiões porque a mente é uma dualidade: "Esta é a igreja para a qual eu digo sim e aquela é a igreja para a qual eu digo não. Esta é a igreja errada, pessoas erradas a frequentam, aquelas que não se relacionam comigo". Ele estava só, mas criou o mundo todo. E estava ansioso para voltar para o mundo, não estava preparado para olhar os jornais. E fez bem porque se lesse os jornais não gostaria de ser resgatado.

Olhe para os seus jornais! O que está acontecendo no mundo? Vale a pena viver nele? Você lê, mas não vê; sua leitura não é uma visão, é um entorpecimento. Você não entende o que está acontecendo no mundo, o que o homem tem feito ao homem, o que o homem está constantemente fazendo ao homem: tanta violência, tanta tolice, tanto envenenamento de tudo o que é belo, verdadeiro e bom; todos os tipos de veneno. Você gostaria de viver num lugar assim? Se você enxergar, então será muito difícil decidir viver nele. É por isso que é melhor não ver, apenas se movimentar como se estivesse hipnotizado.

A fim de não olhar para si mesmo, outra técnica tem sido usada, a que Jesus fala neste sutra, e essa técnica é: veja no outro

tudo o que está errado para que possa concluir que você é bom. Existem duas maneiras de ser bom: uma delas, é sendo bom — está é difícil; a outra maneira é ser relativamente bom: provar que o outro está errado. Você não precisa ser bom, apenas provar que o outro é mau. Isto lhe dá a sensação de que é bom.

É por isso que vivemos provando que o outro é o ladrão, o outro é o assassino, o outro é o demônio. Quando você prova que todos estão errados, de repente você tem a sensação de que é bom. Este é um fenômeno relativo: não há necessidade de mudar a si mesmo, basta provar que o outro está errado. E isto é muito fácil — não há nada mais fácil que isto. Você pode ampliar a maldade do outro; você faz isso e ninguém pode impedi-lo. E diante dessa ampliação da maldade, você fica parecendo simplesmente inocente. É por isso que quando alguém diz a respeito do outro: "Ele é um homem mau!" você nunca argumenta contra, você sempre aceita, você diz: "Eu sempre soube disso." Mas se alguém diz algo de bom sobre alguém, você argumenta que precisa de provas.

Você já observou o fato de que milhões de pessoas disseram: "Nós acreditamos em Deus, só quando nos derem provas", mas ninguém ainda escreveu um livro requerendo provas para o Diabo — ninguém! Ninguém pede provas para o Diabo, ninguém diz: "Eu só acredito no Diabo quando me provarem". Não, você já sabe que o Diabo está em toda a volta. Só Deus está perdido. Não está presente.

Por que o bem precisa de provas e o mal não precisa? Observe a tendência e chegará a um belo fenômeno, a um dos mistérios da mente humana: que, no fundo, todos procuram ser bons. Mas é difícil, então o que fazer? Prove que o outro é mau: "Você é pior do que eu — e até que sou um pouco bom!"

"Jesus diz: o argueiro que existe no olho de teu irmão, tu o vês, mas a trave que existe em teus olhos, tu não a vês. Quando arrancares a trave de teus olhos, então verás claramente e poderás retirar o argueiro do olho de teu irmão".

Você vive olhando para os outros como se fossem obscuros. Isto lhe dá um sentimento ilusório de que você é luz, mas não lhe dá a luz. E se você tentar tornar os outros iluminados por pensar que eles estão na escuridão, isso tornará as coisas piores — isto é adicionar insulto à injúria. Porque, em primeiro lugar, a escuridão é projetada por você; e, em segundo lugar, você não tem luz nem para si mesmo quanto mais para iluminar os outros.

As pessoas que tentam transformar a sociedade são causadoras de danos; as pessoas que tentam mudar as outras são sempre perigosas. Assassina de um modo muito sutil; o assassinato que cometem é tão sutil que você nem consegue captar. Elas não matam diretamente, elas aleijam, podam — e 'para o seu próprio bem', e você não pode fazer nada contra. As pessoas que você chama de santas estão apenas tentando destruir a escuridão que não está em você, ou que pode não estar em você e que elas imaginam que esteja. Elas enxergam um inferno em você, porque está é a única maneira de elas se sentirem celestiais.

Mulla Nasrudin morreu. Bateu na porta do céu. São Pedro abriu, olhou para Nasrudin e disse: "Mas eu não estou esperando ninguém hoje. Na minha lista de reservas não há nenhum nome, ninguém deve chegar hoje. Então como?... Você me surpreende, como chegou aqui? Diga seu nome bem alto, solete para que eu possa confirmar".

Então Nasrudin soleteu bem alto:

"M-U-L-L-A N-A-S-R-UD-I-N".

São Pedro foi olhar a lista, mas não havia ninguém previsto para esse dia.

Voltou e disse: "Você não estava sendo esperado aqui hoje, e nem dentro de dez anos. Diga-me quem é o seu médico?"

Os médicos podem matá-lo antes da hora; os benfeitores podem matá-lo antes da hora; esses benfeitores são sempre

perigosos. Mas todos vocês são benfeitores de uma maneira ou de outra. Todos querem mudar o outro porque pensam que o outro está errado; todos querem mudar o mundo. E esta é a diferença entre uma mente política e uma mente religiosa.

Uma mente política sempre quer mudar o mundo porque não consegue pensar que ela está errada — o mundo todo é que está errado. Se ela está errada, é porque o mundo todo, toda a situação está errada. Tem de estar — caso contrário, ela seria um santo. Uma pessoa religiosa olha precisamente a partir do outro extremo. Pensa: "Estou errado, é por isso que o mundo está errado, porque eu contribuo para que o mal exista nele. Através de mim, o mundo está errado. A menos que eu mude, não poderá haver nenhuma mudança".

O político começa pelo mundo, mas nunca atinge nenhum objetivo porque o mundo é muito grande — e o problema não é o mundo. Então, ele cria mais problemas: através de sua medicina, muitas doenças surgem onde ainda não existiam; através de seus esforços, mais miséria é criada. Um homem religioso muda a si mesmo. Muda apenas a si mesmo porque esta é a única coisa possível.

Você só pode mudar a si mesmo e, no momento em que você muda, o mundo começa a mudar porque você é uma parte vital dele. Quando você se torna Iluminado — mudado, totalmente mudado — torna-se mais vital, tem em si a suprema energia. Um Buda simplesmente se senta sob sua Árvore Bodhi e todo o mundo é transformado.

Um Jesus é crucificado, mas torna-se um marco: a história é dividida a partir desse dia: ela nunca mais será a mesma. Assim, é bom catalogar e dividir os anos em nome de Jesus: 'Antes de Cristo, depois de Cristo'. É bom porque antes de Cristo existiu um certo tipo de humanidade; depois de Cristo uma humanidade diferente entrou no ser. O fenômeno é tão vital que sempre que existe um Cristo, sempre que uma consciência se eleva tão alto quanto a de

Jesus, todas as outras consciências são simultaneamente afetadas. Elas também ascendem, também têm um vislumbre — e não podem ser novamente as mesmas; o velho nível não pode ser obtido.

Um homem religioso simplesmente transforma a si mesmo, mas a transformação não é possível apenas quando você se vê; a transformação é possível apenas quando você abandona a ficção. Quando você compreende o seu estado de 'não ser', quando verifica que não é nada, quando vê que sua vida não é autêntica, imediatamente as ficções começam a ser abandonadas.

O conhecimento é uma revolução — não o conhecimento adquirido através da mente, mas aquele que você vem a possuir quando encontra a si mesmo. O auto-conhecimento é uma força transformadora, nada mais precisa ser feito. Isto deve ser entendido; as pessoas pensam: "Primeiro conheceremos e depois mudaremos". Não! No momento que você conhece, a mudança ocorre. O conhecimento em si é uma transformação. Não acontece primeiro você saber e depois fazer alguma coisa para mudar. O conhecimento não é um método, não é um meio — o conhecimento em si é a meta.

Mas quando eu uso a palavra 'conhecimento', quero dizer auto-conhecimento. Todos os outros conhecimentos são um método: primeiro, você tem de conhecer a técnica e depois tem de fazer algo. Mas com o auto-conhecimento a qualidade é absolutamente diferente: você conhece e o próprio conhecimento o modifica.

Abandone as ficções! Crie coragem para se conhecer. Abandone o medo e não tente escapar de si mesmo!

E Jesus disse: "Quando tu arrancares a trave de teus olhos, então verás claramente". Só quando as ficções forem abandonadas! Elas têm sido a trave de seus olhos. Você não consegue ver claramente, não consegue ver nada claramente, tudo está enevoado. Quando a trave for retirada de seus olhos, verá claramente. A

clareza deve ser a meta — apenas a clareza dos olhos, para que você possa ver diretamente e penetrar no fato sem criar projeções em torno dele. Mas isto é muito difícil, porque você se tornou muito automatizado com as ficções, muito mecanizado.

Você olha para uma flor e imediatamente sua mente começa a falar: "Uma bela flor, como nunca vi antes". Alguma poesia surge, mas tomada como empréstimo, é claro. A flor é perdida, a clareza não está presente. As palavras a maculam — você não consegue ver uma flor sem lhe dar um nome? É necessário denominá-la? O nome que você der à flor auxiliará alguma coisa? Ela será mais bela se você tiver um conhecimento botânico sobre ela? Esta é a diferença entre um botânico e um poeta: um botânico conhece sobre a flor, o poeta conhece a flor. O botânico é simplesmente um ignorante — sabe muito, mas apenas sobre, apenas na periferia — o poeta vê.

Em Sânscrito existe uma só palavra para *rishi* e *kavi*, para o vidente e o poeta. Não existem duas palavras porque segundo eles sempre que um poeta realmente existe, ele é um vidente; sempre que um vidente existe, ele é um poeta. Quando a clareza existe, a vida se torna uma poesia. Mas para isso você tem de olhar para a flor sem denominá-la — ela é uma rosa ou outra flor qualquer?

Por que as palavras são necessárias? Por que você diz: "Isto é belo"? Você não consegue ver a beleza sem falar nada? É necessário dizer que ela é bela? O que você quer dizer repetindo isso? Quer dizer que a flor não é suficiente — é preciso sugerir que ela é bela para conseguir criar a beleza em torno dela. Você não vê a flor; ela é apenas um desenho no qual você tem de projetar a beleza.

Olhe para a flor e não diga nada. Será difícil, a mente se sentirá inquieta porque já se habituou. Ela vive tagarelando constantemente. Olhe para a flor e faça disso uma meditação! Olhe para a árvore e não a verbalize, não diga nada! Não há necessidade, a árvore existe — para que dizer qualquer coisa?

Ouvi contar que Lao-Tsé, um dos maiores místicos chineses, costumava fazer uma caminhada pela manhã, diariamente. Seu vizinho costumava acompanhá-lo, mas como sabia que Lao-Tsé era um homem silencioso seguiu-o durante anos nessa caminhada sem nunca dizer nada. Um dia, havia uma visita na casa do vizinho, um hóspede, e ele quis ir também. O vizinho disse: "Não fale nada porque Lao-Tsé gosta de viver diretamente. Não diga nada!"

Eles saíram. A manhã estava bela, silenciosa, os pássaros cantavam e só por hábito o hóspede exclamou: "Que beleza!" Só isso, não era muito; em uma hora de caminhada, não é muito: "Que beleza!" Mas Lao-Tsé olhou-o como se ele tivesse cometido um pecado.

Quando chegaram em casa, ao entrar na porta, Lao-Tsé disse ao vizinho: "Não venha nunca mais! E nunca mais traga qualquer pessoa — esse homem é muito tagarela." E ele só disse: "Que beleza!" — muito tagarela. E Lao-Tsé continuou: "A manhã era bela, era silenciosa. Esse homem perturbou tudo".

"Que beleza!" Caiu como uma pedra numa água silenciosa. "Que beleza!" Caiu como uma pedra na água calma e provocou uma série de ondas.

Medite próximo a uma árvore, medite com as estrelas, com o rio, com o oceano; medite no mercado com as pessoas andando de todos os lados — não diga nada! Não julgue! Não use palavras! Apenas olhe! Se você puder clarear sua percepção, se você puder captar a clareza de olhar, tudo será alcançado. E uma vez que essa clareza seja alcançada você será capaz de ver a si mesmo.

O auto-conhecimento acontece a uma mente clara, não à mente repleta de conhecimento, não à mente cheia de julgamentos de bem e mal; não à mente cheia de beleza, feiúra, mas à mente silenciosa. O auto-conhecimento acontece à mente calada. Está sempre presente, mas você precisa ter uma mente clara para percebê-lo, para refleti-lo; você precisa ter uma mente espelhada para que o reflexo seja possível. Uma vez que aconteça, então você

poderá auxiliar o próximo, nunca antes. Assim, não aconselhe ninguém! Todos os seus conselhos são perigosos porque você não sabe o que está fazendo.

Não tente mudar ninguém, nem mesmo seu irmão, nem mesmo seu filho. Ninguém tem necessidade das suas mudanças porque você é perigoso. Você pode aleijar, matar, mutilar, mas não pode auxiliar uma transformação. A menos que você esteja transformado, não se meta na vida alheia. Quando você estiver repleto de luz poderá auxiliar. Na realidade, nesse caso não haverá necessidade de nenhum esforço para auxiliar. Nesse caso, o auxílio flui de você como a luz flui de uma lâmpada, como a fragrância flui de uma flor, como a lua brilha na noite — sem nenhum esforço. A lua flui naturalmente.

Alguém pediu a Basho, um Mestre Zen: "Diga algo sobre as suas palestras. Você vive falando e sempre fala contra as palavras. Você vive falando e quando fala, é sempre contra as palavras. Diga algo a respeito disso!"

O que Basho disse? Ele disse: "Os outros falam — eu desabrocho!"

Quando não há esforço, o florescimento acontece. É exatamente como uma flor desabrochando, sem nenhum esforço. Um Basho fala, um Buda fala — nenhum esforço, apenas acontece! Quando Buda está falando é um fenômeno natural. Quando você está falando, este não é um fenômeno natural, outras coisas estão envolvidas: você quer impressionar os outros, quer modificá-los; quer controlá-los, manipulá-los, quer dominá-los; quer dar a impressão de que é um homem de conhecimento — quer alimentar seu ego. Muitas outras coisas estão envolvidas. Você não está florescendo. Ao falar está fazendo um grande jogo político; existe uma estratégia, uma tática.

Mas quando Basho fala, ele floresce. Se houver alguém presente, será beneficiado — mas beneficiar o outro não é o objetivo, o benefício pode acontecer, mas não existe qualquer esforço. A flor não desabrocha para você. Se você passar pelo caminho, a fragrância o atingirá, você poderá desfrutá-la, poderá sentir o êxtase, poderá ser grato — mas a flor nunca desabrocha para você, ela simplesmente desabrocha.

Um Buda floresce, um Jesus floresce e o mundo todo é beneficiado. Mas você vive querendo beneficiar os outros e ninguém é beneficiado; pelo contrário, só danos são causados. O mundo seria melhor se houvesse menos pessoas nocivas querendo mudá-lo e transformá-lo. Todas as revoluções só conseguiram causar mais danos, e todas as reformas viraram grandes confusões.

D. H. Lawrence certa vez sugeriu que, por cem anos, deveríamos parar com todas as revoluções, com todas as universidades, com todas as reformas, com tudo o que se fala delas e viver esses anos como primitivos. A sugestão é bela. Assim, a humanidade poderia tornar-se viva novamente, a energia poderia surgir e as pessoas poderiam atingir a clareza.

As palavras tornaram-se obscuras, muito pesadas, você carrega consigo tanto conhecimento que está impossibilitado de voar no céu. Está tão pesado que não tem nenhuma leveza, suas asas não estão livres. Você prendeu-se a coisas que o aprisionam, que o limitam por pensar que elas são muito valiosas. São coisas sem valor e não apenas isso, mas também perigosas para você: palavras, escrituras, conhecimentos, teorias, 'ismos' — tudo isso o destrói. A clareza não pode ser alcançada através disso. Ponha de lado todas as escrituras, todos os julgamentos.

Olhe para a vida como uma criança que não sabe o que está olhando, que está apenas olhando — e essa visão lhe dará uma nova percepção. E é dessa nova percepção que Jesus está falando. Repetirei as palavras:

"O argueiro que existe no olho de teu irmão, tu o vês, mas a trave que existe nos teus olhos, tu não a vês. Quando arrancares a trave de teus olhos, então veras claramente e poderás arrancar o argueiro do olho de teu irmão".

Só isso pode auxiliar. Quando você se tornar uma luz para si mesmo, tornar-se-á uma luz para os outros. Haverá um florescimento e todos serão beneficiados — sabendo ou não sabendo, todos serão beneficiados. Você será uma benção.

DÉCIMO DISCURSO

30 de agosto de 1974 Poona, Índia.

Jesus disse:

É impossível para um homem montar em dois cavalos, e esticar dois arcos;

e é impossível para um servo servir a dois senhores; senão, ele honrará um deles e ofenderá a outro.

Todas as pessoas estão montadas em dois cavalos e esticando dois arcos — não só dois, mas muitos. É assim que se cria a angústia; é por isso que você está continuamente ansioso. A ansiedade demonstra que, de alguma maneira, você está montado em dois cavalos. Como, então, pode estar à vontade? Impossível! Porque os dois cavalos movimentam-se em direções diferentes e você não pode ir a lugar nenhum.

Com um cavalo, o movimento é possível, você então pode alcançar algum lugar. Com dois, o movimento é impossível. Eles negarão um ao outro e você não chegará a lugar nenhum. E esta é a ansiedade — não conseguir chegar a lugar nenhum. No íntimo, esta é a angústia: a vida está escorregando por suas mãos, o tempo ficando cada vez menor, a morte se aproximando e você sem chegar a lugar algum. É como se você tivesse se tornado uma poça

estagnada, secando cada vez mais até morrer. Não há meta, não há nenhuma satisfação. Mas porque isto está acontecendo? Porque você está tentando fazer o impossível.

Procure entender a mente como ela funciona em você, então será capaz de entender o que Jesus disse. Você quer ser tão livre quanto só um mendigo pode ser — ele não tem cargas, não tem nada para proteger, você não pode roubá-lo. Ele não tem medo. Você não pode arrancar nada dele porque ele não tem nada: sem nada, ele está à vontade; sem nada que seja seu, nada lhe pode ser roubado. Ninguém é seu inimigo porque ele não é um competidor, não está competindo com ninguém.

Você quer ser tão livre quanto um mendigo, mas também quer estar tão seguro quanto um homem rico, tão ileso quanto um imperador. O rico está protegido, está seguro, sente-se mais enraizado. Aparentemente, ele tomou todas as providências, não está vulnerável: tem proteções contra a morte, você não pode assassiná-lo facilmente, ele tem uma armadura. Você gostaria de ser tão livre como um mendigo e seguro como um imperador — mas então você está montado em dois cavalos e é impossível chegar a qualquer lugar!

Você ama uma pessoa, mas quer que ela se comporte como um objeto, quer que ela esteja completamente em suas mãos. Mas você não pode amar um objeto, porque os objetos estão mortos e não tem reação. Assim, se o outro é realmente uma pessoa, não pode ser possuído; é como o mercúrio: quanto mais você tenta prendê-lo, mais ele escapa — porque ser uma pessoa significa ser livre. Se ele é uma pessoa, você não pode possuí-lo; se você conseguir possuí-lo, é porque ele ainda não é uma pessoa e você não será capaz de amá-lo. É apenas uma coisa morta. Quem consegue amar algo morto?

Você está montado em dois cavalos. Quer uma pessoa como uma coisa, o que é impossível! Uma pessoa tem de ser livre e viva, só assim você pode amá-la. Mas então sentirá dificuldade, então

começará a possuir e a matar a pessoa; você é um veneno. Se ela lhe permitir esse veneno, mais cedo ou mais tarde será apenas uma coisa. Por isso as esposas tornam-se peças decorativas numa casa e os maridos os guardas — e o amor desaparece. Isso está acontecendo em todas as direções.

A dúvida existe em você porque tem seus benefícios: ela lhe dá um poder maior para calcular, ela lhe dá maior proteção, ninguém consegue enganá-lo com facilidade. Então você duvida — mas aí a dúvida cria ansiedade porque no fundo você fica inquieto. A dúvida é como uma doença. A menos que você confie não pode estar à vontade porque duvidar significa vacilar e a vacilação não dá tranquilidade. A dúvida significa "O que fazer? Isto ou aquilo?" Duvidar significa "ser ou não ser?" — e é impossível decidir.

Nem mesmo num único ponto a decisão é possível através da dúvida. No máximo, você consegue decidir com a parte da mente que se torna majoritária. Mas a minoria continua presente e não é uma pequena minoria. Por você escolher contra a minoria é que essa minoria está sempre buscando uma situação na qual possa provar que você escolheu errado. A minoria está presente para criar uma rebelião — é um tumulto constante em seu interior.

Com a dúvida existe o desconforto. Ela é uma doença, é justamente como uma doença — uma doença mental. Por isso é que um homem que duvida torna-se cada vez mais doente. Mas você não consegue enganá-lo facilmente porque ele é muito esperto; é muito hábil nos caminhos do mundo. Você não consegue enganá-lo, mas ele está doente. Então existe um benefício: ele não pode ser enganado. Mas há também uma grande perda. O benefício tem um preço muito alto: permanece vacilante, inquieto, não consegue decidir. Mesmo que ele decida, a decisão é apenas a maior porção decidindo contra a menor. Ela está dividido, existe um conflito constante.

Você também quer confiar. Você também quer ter fé porque a fé lhe dá saúde, acaba com as indecisões, faz com que você fique

completamente certo. A certeza lhe dá felicidade: a dúvida não existe, você fica equilibrado, total, sem divisões — e totalidade é saúde. A confiança lhe dá saúde, mas então você se torna vulnerável, qualquer um pode enganá-lo. Quando você confia, está em perigo porque existem pessoas em toda a sua volta que gostariam de explorá-lo, e que só podem fazer isso se você confiar. Quando você duvida, não podem explorá-lo.

Então você está montado em dois cavalos: dúvida e fé — mas está fazendo o impossível. Permanecerá em constante ansiedade e angústia, irá deteriorar-se. Nesse conflito entre os dois cavalos, você morrerá. Um dia ou outro um acidente acontecerá — e causará sua morte; você estará acabado antes de chegar a qualquer lugar; estará acabado antes que as flores cheguem; estará acabado antes que venha a saber o que é a vida, o que significa ser. O ser terá desaparecido.

"Jesus disse: é impossível para um homem montar em dois cavalos..."

Mas todos os homens estão tentando fazer o impossível; por isso é que todos estão com problemas. E eu lhe digo: isto acontece em todas as direções. Então não existem apenas dois cavalos, existem milhões de cavalos de uma vez. E a cada momento você está caindo numa contradição. Por que isso acontece? O mecanismo deve ser entendido, só então poderá ser abandonado. Por que acontece? A causa é a maneira como todas as crianças são trazidas ao mundo. A causa é o modo como todas as crianças entram neste mundo de loucos onde as contradições são criadas, onde você aprende coisas contraditórias.

Por exemplo, você tem aprendido: "Ame toda a humanidade, seja irmão de cada um e de todos, ame seus vizinhos como a si mesmos". E simultaneamente você tem sido educado, condicionado, levado a competir com todos. Quando você compete, o outro é o

inimigo, não o amigo. Tem de ser vencido, conquistado; na realidade, tem de ser destruído. Se você é um competidor, então toda a sociedade torna-se um inimigo: ninguém é um vizinho, ninguém é irmão. E você não consegue amar — tem de odiar, tem de ter ciúmes, tem de sentir raiva. Precisa estar constantemente pronto para lutar e vencer; é um duro combate — se você tiver compaixão perderá. Então seja forte, violento e agressivo. Antes que o outro ataque, ataque-o. Antes que seja tarde demais, ataque e vença; caso contrário estará perdido porque milhões estão competindo pela mesma coisa, você não é o único. E como pode uma mente em competição estar amando seu próximo? É impossível! Mas os dois ensinamentos lhe são dados. Você deve ter aprendido que a honestidade é a melhor política, e também que negócios são negócios! Ambas as coisas, os dois cavalos lhe são dados de uma só vez. E uma criança inconsciente dos caminhos do mundo não pode ver nem sentir as contradições.

Para sentir a contradição é necessário que haja uma inteligência bem amadurecida. Um Jesus, um Buda pode sentir a contradição. Uma criança é inconsciente dos caminhos do mundo e os professores — o pai, a mãe, a família — são pessoas que ela ama. Ela os ama! Como pode pensar que estão criando contradições dentro dela? Não pode nem mesmo imaginar; porque essas pessoas são suas benfeitoras: são carinhosas com ela, a estão criando. São a fonte de energia, de vida, de tudo. Então como podem essas pessoas criar contradições? A mãe ama, o pai ama, mas o problema é que eles também foram criados no mesmo erro e não sabem o que fazer, exceto repetir para seus filhos tudo o que aprenderam de seus pais. Simplesmente transferem um mal; de uma geração para outra, o mal vai sendo transferido. Você pode chamá-lo de 'tesouro', de 'tradição', mas é um mal. É um mal porque através dele ninguém se torna são.

A sociedade continua cada vez mais neurótica. E uma criança é tão simples, tão inocente, que pode ser condicionada em caminhos

contraditórios. No momento que ela compreende a contradição já é muito tarde. E acontece que quase toda a sua vida é perdida sem se conscientizar que está montada em dois cavalos. Pense sobre essas contradições e tente encontrá-las em sua vida. Você encontrará milhões — você é uma confusão, uma desordem, um caos!

Quando as pessoas me procuram e pedem por silêncio, eu as olho e sinto muito porque isso é quase impossível — o silêncio só pode existir quando desaparecem as contradições. É preciso um árduo esforço, uma inteligência penetrante, compreensão, maturidade para alcançá-lo. Você não tem nada disso e pensa que só por repetir um mantra se tornará silencioso. Se isto fosse tão fácil, todo o mundo poderia tornar-se silencioso. Você pensa que só por repetir "Ram, Ram", se tornará silencioso? Esse mantra será apenas um cavalo, só isso — mais confusão virá através dele. Se mais um cavalo vier mais confuso você se torna.

Observe os chamados homens religiosos: eles estão mais confusos do que os leigos porque adicionaram novos cavalos. O homem que vive no mercado, no mundo do comércio, está menos confuso porque pode ter muitos cavalos, mas, pelo menos, todos eles pertencem a este mundo; pelo menos, têm uma coisa em comum — todos pertencem a este mundo. Mas o religioso tem muito mais cavalos: os que pertencem a este mundo e alguns cavalos novos que ele acrescentou, os quais não pertencem a este mundo. Ele criou uma fenda maior: o outro mundo, Deus, o Reino de Deus e continua movendo-se neste mundo. Tornou-se mais confuso, mais conflitos surgiram no seu ser. Ele está despedaçado, seus fragmentos caem, toda a sua unidade se foi — isso é o que a neurose é.

O modo como você foi criado está errado, mas nada pode ser feito agora porque você já é adulto, não pode voltar atrás. Você tem de entender o que acontece e abandonar tudo através da compreensão. Se você abandonar porque eu estou dizendo, estará apenas acrescentando mais cavalos. Se abandonar através da

compreensão — porque compreendeu tudo e por isso abandonou — então nenhum cavalo será acrescentado. Pelo contrário, os velhos cavalos serão devolvidos à sua liberdade, poderão mover-se e alcançar suas metas, e você poderá mover-se e alcançar a sua própria meta.

Porque não é só você que está em dificuldade, seus cavalos também o estão por sua causa; eles não podem chegar a lugar nenhum. Tenha pena de si mesmo e de seus cavalos — de ambos! Mas isso só pode ser feito pela compreensão — pela sua compreensão, não pelos meus ensinamentos ou pelos de Jesus ou de Buda. Eles podem indicar o caminho, mas se você o seguir sem compreender nunca alcançará o objetivo.

Agora, tente compreender:

"Jesus disse: impossível para um homem montar em dois cavalos e esticar dois arcos; e é impossível para um servo, servir a dois senhores; senão honrará um deles e ofenderá a outro".

Por que é impossível? O que é uma impossibilidade? Uma impossibilidade não é algo que seja muito difícil, não! Por mais difícil que algo possa ser não é impossível, você pode conseguir. Por impossibilidade eu me refiro a algo que não pode ser conseguido, faça você o que fizer; não há jeito, nenhuma possibilidade de realização.

Quando Jesus diz impossível quer dizer impossível, não muito difícil — e você está tentando fazer o impossível. O que acontecerá? O impossível não será feito. E você será destruído através disso. Não pode ser feito! Mas o que acontecerá a você que tem se esforçado para fazer o impossível? Ficará despedaçado! Quando alguém fica tentando fazer o impossível, está destruindo sua própria vida. É o que acontecerá, é o que tem acontecido.

Observe as pessoas que duvidam. Você já viu um homem em dúvida, sem fé? Ao observá-lo, você verá que ele não consegue

viver, é impossível. Vá a um hospício: lá você encontrará pessoas que estão em dúvida sobre tudo. Não podem nem se movimentar porque duvidam de uma simples ação.

Conheci um homem tão cheio de dúvidas que não conseguia nem ir comprar comida — o mercado era a poucos passos de sua casa. Ele voltava várias vezes para olhar se a porta estava trancada. E quando éramos crianças, costumávamos brincar com aquele pobre homem. Quando ele acabava de sair, nós lhe perguntávamos: "Você trancou a porta?" Ele ficava bravo, mas voltava para verificar. Ele vivia só, não tinha mais ninguém — e tão medroso! Ele ia tomar banho no rio e alguém perguntava: "Você trancou a porta?" Ficava muito bravo, mas deixava o banho pela metade e corria até a casa para verificar. Era um perfeito cético. Quando a dúvida vai longe demais você vai para o hospício porque então duvida de tudo. Esse tipo de homem está completamente fragmentado.

Se em vez disso você escolher a fé, tornar-se-á completamente cego. Qualquer pessoa poderá levá-lo a qualquer lugar, você não terá inteligência própria, não terá consciência de si mesmo. Em volta de pessoas como Hitler você encontrará esse tipo de gente — eles acreditaram e através dessa crença se perderam.

Por causa disso você está tentando o impossível, fazer um acordo: não chegar a um extremo porque nele a neurose virá; não chegar ao outro extremo porque lá a cegueira acontecerá. Então o que fazer? A razão lhe diz: "Faça um acordo com ambos, meio a meio — um pouco de dúvida, um pouco de fé". Mas é deste modo que você está montado em dois cavalos. Não é possível viver sem a dúvida e sem a fé?

É possível! Na verdade, esta é a única maneira de crescer: viver sem a dúvida e sem a fé: viver simplesmente, espontaneamente, com consciência. Esta é a verdadeira fé — não

confiar em ninguém, confiar na vida, aonde quer que ela o leve, sem dúvida, sem fé; movendo-se simplesmente, inocentemente.

Um homem que duvida não pode viver inocentemente. Antes de fazer algo, pensará. E algumas vezes pensará tanto, que quando resolver a oportunidade já estará perdida. É por isso que os pensadores nunca fazem muito. Não conseguem agir, tornam-se simplesmente cerebrais porque antes de agir precisam resolver, têm de chegar a uma conclusão; e nunca conseguem chegar a nenhuma, então como agirão? Assim, sentem que é melhor esperar e não agir. Mas a vida não espera por você. Agora, no outro extremo está o homem que tem fé, o crente, o cego. Qualquer pessoa, qualquer político, qualquer louco, qualquer Papa, qualquer padre pode conduzi-lo a qualquer lugar. Mas eles próprios estão cegos, e quando um cego guia outro cego está sujeito a acontecer qualquer catástrofe. O que fazer? A razão diz: "Faça um acordo".

Um cientista, B.F. Skinner, fez uma experiência importante. Um rato branco era o objeto do experimento: o rato ficou preso durante dois ou três dias de modo que estava faminto; na realidade tão faminto que estava pronto para saltar e devorar qualquer coisa disponível. Ele foi colocado numa plataforma, em baixo da qual havia duas caixas semelhantes da mesma cor e do mesmo tamanho, ambas contendo alimento. O rato branco podia saltar tanto na Caixa da esquerda quanto na da direita.

O rato saltou imediatamente, não pensou nem mesmo por um segundo. Mas ao pular sobre a caixa da direita, levou um choque elétrico. Havia um alçapão e ele caiu em outra caixa, através desse alçapão, sem conseguir alimento. Então ele pulou na caixa da esquerda: não havia choque nem armadilha e ele pôde alcançar o alimento. Assim, ele aprendeu o truque: começou a pular só na caixa da esquerda.

Após dois ou três dias, Skinner fez uma mudança: trocou as caixas de lugar: O rato saltou na caixa da esquerda, levou o choque

e não conseguiu se alimentar. Ficou confuso sobre o que fazer e o que não fazer. A partir daí, antes de pular, ele tremia e hesitava. Assim é um filósofo — um rato branco tremendo, em dúvida sobre o que fazer: esquerda ou direita, como escolher? Como saber? Mas o rato acostumou-se. Então Skinner fez outra mudança. O rato tornou-se tão confuso que apesar da fome ficava esperando, trêmulo, olhando de uma caixa para outra sem saber como decidir. Afinal, ele decidiu fazer o mesmo que você: pular entre as duas caixas — mas lá não havia alimento e isso não resolveu nada. Depois de algumas semanas de experiência o rato branco ficou louco, neurótico.

É isso que está lhe acontecendo: você tornou-se confuso — o que fazer? E a única coisa que vem à mente é que se é difícil escolher isto, difícil escolher aquilo, então é melhor fazer um acordo: pular no meio. Mas aí não existe alimento. É claro que não tem nenhum choque elétrico, mas também não tem comida.

A vida é perdida quando se salta no meio. Se fosse possível para o rato montar nas duas caixas, ele teria montado. Estas são as duas possibilidades que se abrem para o raciocínio: montar nos dois cavalos ou saltar no meio. Uma inteligência, uma inteligência aguda e penetrante é necessária para compreender o problema — não há outra solução. Eu não lhe darei nenhuma solução, nem Jesus a deu a ninguém; a solução está simplesmente na compreensão do problema. Você o compreende e ele desaparece.

Não é possível viver sem fé e sem dúvida. Não fazer nenhum acordo? Porque esse acordo acaba tornando-se um veneno: as duas coisas são contrárias que toda sua vida torna-se uma contradição e, se a contradição existe, a divisão, a fragmentação está presente; o resultado final é a esquizofrenia. Se você escolher uma e negar a outra, então lhe serão negados os benefícios que podem vir da outra. A dúvida lhe dá proteção contra a exploração, a fé lhe dá a certeza — abandone uma delas e seus benefícios também

desaparecerão. Se você escolher as duas, estará montando em dois cavalos. Se você fizer um acordo, criará uma divisão em seu interior — será dois, tornar-se-á uma multidão. Então, o que fazer?

Basta compreender o problema e descer dos dois cavalos — não faça nenhum acordo. Deste modo, um tipo totalmente diferente de ser acontecerá, haverá uma qualidade totalmente diferente de consciência. Mas por que você não faz isso? Porque essa qualidade necessita que você esteja alerta, necessita que esteja consciente. Então você não precisa duvidar de ninguém, simplesmente estar completamente aberta. Esse estado o protege da exploração.

Se um homem completamente alerta olha para você, é impossível enganá-lo, o olhar dele é suficiente para desarmá-lo. Se a exploração acontece, não é pela sua sagacidade em enganá-lo, mas sim porque ele é gentil e permite que você o faça. Você não pode perturbar um homem alerta. É impossível porque você é transparente para ele; ele está tão consciente que você se torna transparente. Se ele permite que você o trapaceie é por compaixão. Você não pode enganá-lo.

Mas essa consciência parece ser difícil. É por isso que você escolhe o impossível. Mas o impossível é impossível — você apenas imagina que pode acontecer; mas nunca aconteceu, nem nunca acontecerá. Você escolheu o impossível porque parece mais fácil. O acordo sempre parece mais fácil — sempre que está em dificuldades você faz acordos. Mas o acordo nunca ajuda ninguém porque significa que dois contrários existem, os quais estão sempre em tensão e o dividem. E um homem dividido não pode nunca ser feliz.

É isso que Jesus quis dizer, mas os cristãos não entenderam. Os cristãos afastaram-se completamente de Jesus porque a mente vive interpretando. Como eles interpretariam? Pensaram que Jesus tivesse dito: "Escolha um cavalo! Ou este mundo ou o outro — escolha um! Não monte em dois cavalos porque é impossível e isso lhe trará dificuldades. Escolha apenas um cavalo!" É isso que conseguiram concluir e interpretar.

Ouvi dizer que aconteceu o seguinte: uma noite, a mulher de Mulla Nasrudin estava sentindo muita fome e saiu em busca de um lanche. Mas não pôde encontrar nada — só biscoitos para cães. Então ela resolveu experimentá-los; eram gostosos e ela os comeu. E gostou tanto que de manhã pediu a Nasrudin para comprar uma provisão. Nasrudin foi ao mercado e pediu uma grande quantidade. O vendedor lhe perguntou: "Para que tanto biscoito? Seu cachorro é pequeno, não precisa de uma provisão tão grande".

Nasrudin respondeu: "Não é para ele, é para minha mulher!"

O homem disse: "Devo lembrá-lo de que esses biscoitos são exclusivamente para cães, se ela os comer morrerá — são venenosos".

Depois de seis meses a mulher morreu.

Um dia Nasrudin admitiu ao vendedor: "Minha mulher morreu".

O homem disse: "Eu lhe avisei que aqueles biscoitos iriam matá-la".

Nasrudin retrucou: "Não foram os biscoitos! — Correr latindo atrás dos carros é que a matou, não os biscoitos!"

A mente prende-se às suas próprias conclusões porque quando uma conclusão é perdida, sua confiança também o é. Então seja qual for a situação, você se prende às suas conclusões. Isso dá uma base para o seu ego e a sua mente levantarem-se.

Um dia, Mulla Nasrudin estava passeando com uma vara muito comprida que lhe servia de cajado. Um amigo sugeriu: "Nasrudin, por que você não corta um pedaço da ponta dessa vara?"

Ele respondeu: "Não adianta — o cabo é que é comprido".

A sua racionalização pode ser suicida. E é! Você pensa que é um raciocínio, mas não é, é só uma ilusão — você ilude a si mesmo. Mas você não quer perder a base, quer estar confiante; e toda a

confiança que vem através da mente é falsa porque a mente não pode lhe dar confiança. Só pode lhe dar coisas falsas, só pode supri-lo de coisas falsas. Não é possível chegar a coisas reais através dela: ela tem apenas reflexos. A mente tem apenas pensamentos, reflexos, não possui nada de substancial. Mas ela pode viver construindo racionalizações e você sente-se bem com elas.

Os cristãos perderam toda a essência. Pensam que Jesus está dizendo: "Escolha!" Jesus nunca diz: "Escolha!" O significado é: não escolha nada. Porque se você escolhe, a mente é reforçada, não destruída; a mente que escolhe se torna mais forte através da escolha. Não, não é uma questão de escolha! E através da escolha você não pode nunca ser total porque tem de negar algo.

Quando você escolhe a fé, nega a dúvida. Para onde vai essa dúvida? Não é nada exterior que possa ser jogado fora, está profundamente enraizada em você. Para onde vai? Você pode simplesmente fechar seus olhos, isso é tudo; pode simplesmente reprimi-la no inconsciente, isso é tudo. Mas ela continua existindo como um verme que vai devorando sua consciência. Ela fica aí e um dia ou outro vem à tona. O que você pode fazer? Como abandoná-la? Quando você escolhe a dúvida, para onde vai a fé? Ela faz parte de você?! Assim, um acordo acontece: você se torna um amálgama de muitas coisas reunidas de qualquer maneira; não uma síntese, mas um acordo.

Jesus diz exatamente o contrário. Diz: "Não escolha!"

"É impossível para um homem montar em dois cavalos e esticar dois arcos: é impossível para um servo, servir a dois senhores; senão honrará um deles e ofenderá a outro".

Observe a última frase: ... "senão, honrará um deles e ofenderá a outro." Se você escolher um, ofenderá a outro — e a parte ofendida vingar-se-á, tornar-se-á rebelde.

Isto acontece — a ciência depende da dúvida, depende totalmente da dúvida, nenhuma confiança lhe é permitida. Você já viu, já observou os cientistas? Fora de seus laboratórios são cheios de fé, você não é capaz de encontrar pessoas mais confiantes que eles. Podem ser enganados facilmente porque o lado da dúvida funciona dentro do laboratório e o da fé funciona fora. São simples no que se refere ao mundo exterior, mas nos laboratórios são espertos, sagazes.

Você pode enganar um cientista com muita facilidade. Mas não é tão fácil enganar aos homens chamados de religiosos. Nos templos eles estão em profunda confiança; fora do templo, são muito espertos. Observe as pessoas chamadas de religiosas: fora do templo você não consegue enganá-las, mas dentro do templo você pode enganá-las, explorá-las porque dentro de um templo elas são muito simples. Usam o lado da confiança no templo e o da dúvida no mundo. São bons negociantes, acumulam bens — exploram o mundo todo.

Um cientista não pode ser nunca um bom negociante, não pode ser um bom político. Não é possível porque o lado da dúvida está confinado ao laboratório. Fora, funciona o lado da fé. Um cientista em casa é completamente diferente de um cientista no seu trabalho de pesquisa científica. Você já deve ter ouvido muitas histórias sobre a distração dos cientistas. Elas acontecem, acontecem mesmo, não são histórias. Por usarem toda a atenção no laboratório, fora dele tornam-se desatentos — após usarem uma parte, deixam-na de lado. Assim, têm uma vida dupla — no laboratório são muito inteligentes, fora deles são distraídos.

Eis uma história sobre Albert Einstein: ele estava visitando um amigo e depois do jantar, conversavam sobre amenidades. Não havia muito para dizer porque Einstein não era homem de muita conversa — então o amigo começou a se sentir aborrecido. E foi ficando cada vez mais tarde, até que chegou onze horas da noite. O

amigo já estava querendo que Einstein fosse embora. Mas não era polido dizer isso a um homem tão importante, então continuou esperando. De vez em quando fazia algumas insinuações: "Já está ficando tarde, acho que já são mais de onze e meia". Mas Einstein apenas olhava e bocejava sonolentemente. Já era meia-noite e o amigo disse: "Acho que você está com sono, está bocejando tanto". Era a indireta final.

Einstein disse: "Sim, estou com muito sono, mas estou esperando que você vá embora para poder ir dormir".

O homem disse: "O que você está dizendo? Você está em minha casa!"

Einstein levantou-se e disse: "Desculpe-me, eu estava pensando: quando esse homem irá embora para que eu possa dormir?"

No laboratório, esse homem é perfeito no que diz respeito à atenção, à presença. Mas essa parte só é usada lá; fora do laboratório é um homem totalmente diferente, o oposto.

É por isso que acontece de você encontrar uma contradição na vida dos homens chamados religiosos, é natural. Veja-os orando no templo, veja suas faces! Parecem tão inocentes, seus olhos estão plenos de profunda emoção, as lágrimas fluem. Você não consegue imaginar como o mesmo homem, fora do templo, irá olhar as coisas, fará suas compras, se comportará. A parte emocional, a parte da confiança, acaba no templo, na mesquita, na igreja; ao sair, ele está livre dessa parte. Começa a duvidar como qualquer cientista, torna-se o mais cético possível. É assim que vivemos uma vida dupla, este é o acordo. Jesus não está dizendo: "Escolha uma coisa contra a outra". Se você escolher uma contra a outra, a parte não escolhida do seu ser se ofenderá e se vingará. E isso torna tudo muito difícil, faz a vida quase impossível de ser vivida. Quanto mais você tenta viver com uma parte, mais a outra perturba todos os seus planos, todos os seus esquemas, rebela-se cada vez mais. Então o que fazer?

O caminho, o que deve ser feito, é não escolher. É preciso compreender toda a contradição do seu ser. Não escolher, mas tornar-se sem escolha; não abandonar um contra o outro — porque é impossível abandonar um dos aspectos de uma coisa.

Você tem uma moeda; ela tem duas faces. É impossível abandonar uma delas. Você pode não gostar de um dos lados, mas tem de carregar a ambos; se quiser carregar um, terá de carregar o outro e assim a moeda inteira estará com você. A única coisa que você pode fazer é escolher o lado de que não gosta e colocar o outro virado para cima. E assim que o consciente e o inconsciente são criados.

O consciente é esse lado, o cavalo de que você gosta; e o inconsciente é o outro, o cavalo de que você não gosta. O consciente é aquele que você escolheu. O inconsciente é o outro contra a qual você escolheu. São as duas igrejas — a que você vai e a que você não vai. Num homem como Buda, o consciente e o inconsciente desaparecem porque não há o que escolher. Todas as moedas foram abandonadas. E só a moeda inteira pode ser abandonada; a metade é impossível.

A dúvida e a fé são os dois lados de uma mesma moeda, assim como o calor e o frio parecem ser contrários entre si, mas ambos se pertencem. São polaridades de um todo, assim como a eletricidade positiva e negativa, assim como um homem e uma mulher. Parecem opostos, mas são polaridades de um fenômeno. Você não pode abandonar o pólo negativo sem abandonar o positivo, não pode reter um e abandonar o outro. Se você o fizer, seu ser estará dividido: o abandonado, o reprimido, o negado tornar-se-á inconsciente. E então haverá uma constante disputa entre o consciente e o inconsciente.

Mas você ainda está montado em dois cavalos. A única possibilidade é abandonar tudo — e este é o segredo: não abandone — porque o abandono também pode tornar-se uma escolha. Este é o ponto mais sutil e complexo: você pode abandonar, escolher o

abandono contra o não-abandono — mas então novamente existirão dois cavalos. Não, isso deve ser feito pela compreensão. O objetivo não é abandonar, mas sim compreender.

Compreender toda a loucura: o que você tem feito a si mesmo, o que permitiu que lhe acontecesse, que espécie de contradições tem acumulado — veja — através de tudo isso. Não esteja a favor nem contra, não condene nem julgue — apenas olhe através de tudo que você é. Não esconda, não ofenda, não julgue: "Isso é bom e aquilo é mau", não avalie. Não seja um juiz, mas apenas um observador imparcial, um espectador. Simplesmente veja tudo o que você é, seja o que for; seja qual for a confusão em que você estiver, apenas veja como você é.

De repente, a compreensão surge e o abandono acontece. É como se você estivesse tentando entrar pela parede e, de repente, percebesse isso. Você continua esforçando-se? Não, simplesmente pare de bater na parede! Esse movimento é simples, não é a favor nem contra — você simplesmente compreende que isso é absolutamente inútil, impossível. É isso que Jesus diz: olhe simplesmente, veja que é impossível e mova-se. A mente não precisa escolher, você não precisa fazer qualquer esforço.

Quando a compreensão existe, o esforço não é necessário. E sempre que algo acontece sem esforço é belo porque é total. Quando há esforço é que você está lutando contra alguma coisa. Mas, porque você luta? Porque aquilo pelo qual você está lutando ainda tem algum significado pra você. O inimigo também tem significado, tanto quanto o amigo — o significado oposto, mas tem. Você já reparou que sempre que um inimigo morre, algo morre imediatamente dentro de você? Você não sofre apenas pela morte de seus amigos, mas também pela morte de seus inimigos — você não consegue permanecer o mesmo.

Isto aconteceu na Índia: Mohammed Ali Jinnah e Mahatma Gandhi lutaram continuamente um contra o outro. Então, Gandhi foi assassinado.

Conta-se que Jinnah disse: "Sinto-me muito triste. Algo em mim morreu". Agora contra quem Jinnah poderá lutar? Contra quem poderá aceitar o desafio?

O ego enfraquece se o inimigo não existe. Você é constituído de seus amigos e de seus inimigos — é uma contradição. Só é total aquele que não tem amigos nem inimigos, que não tem escolha, que não se inclina nem por uma coisa nem por outra; aquele que simplesmente se move, de momento a momento, com uma consciência sem escolha e aceita tudo o que a vida lhe dá. Aquele que flutua ao invés de nadar; aquele que não luta. Se você puder entender isso, então será capaz de compreender Jesus:

"É impossível para um homem montar em dois cavalos e esticar dois arcos, e é impossível para um servo servir a dois senhores; sendo, honrará um deles e ofenderá a outro".

O significado comum é: "escolha um mestre, não dois". Mas pela escolha você nunca será total; então, a questão não é escolher um mestre contra o outro porque assim você ainda continuará sendo escravo, não poderá ser livre. Só a não-escolha pode lhe dar a liberdade. Assim, não escolha; simplesmente abandone todo o esforço — ele é abandonado por si mesmo quando você compreende. Quando isto acontece, você é o mestre.

Na Índia, chamamos os sannyasins de '*swami*'. Swami significa mestre de si mesmo, aquele que abandonou a escolha, aquele que já não aceita nenhum mestre. E esta não é uma compreensão egoísta, é um profundo conhecimento de que ao escolher entre os opostos, você é uma vítima; ao escolher entre os opostos, você permanece dividido nesses opostos. Um sannyasin

não é nem a favor nem contra este mundo, um sannyasin simplesmente caminha sem amigos nem inimigos.

Existe uma bela história Zen: numa manhã, um sannyasin estava parado no topo de uma colina. Estava só. Estava tão só e imóvel quanto a colina. Três homens estavam dando um passeio matinal e passaram por ele. Olharam aquele homem e tiveram opiniões diferentes sobre o que ele estava fazendo. Um homem disse: "Conheço aquele monge. Às vezes, ele perde sua vaca e fica lá no topo da montanha, procurando por ela".

O segundo disse: "Mas, embora ele esteja parado ali, não está procurando nada. Não se move, seus olhos parecem quase fixos. Não é essa a maneira de alguém procurar alguma coisa. Acho que ele deve ter vindo dar um passeio com um amigo e o amigo ficou para trás — ele está esperando que o amigo chegue".

O terceiro disse: "Não parece ser essa a razão porque sempre que alguém está esperando, olha para trás de vez em quando para ver se o amigo vem vindo ou não. Ele não está esperando, não tem a postura de alguém que espera. Acho que está em prece ou em meditação".

Estavam tão divididos e tão excitados com as explicações, que acharam melhor ir perguntar ao próprio monge. Era difícil subir ao topo, mas eles foram. Quando chegaram, o primeiro homem perguntou: "Você está procurando por sua vaca? Porque sei que às vezes ela se perde e você tem de procurá-la".

O monge abriu os olhos e disse: "Não possuo nada: assim nada posso perder. Não estou procurando por uma vaca, nem por coisa alguma."

Depois, fechou os olhos.

O segundo homem disse: "Então, acho que estou certo — você está esperando por um amigo que ficou para trás."

O monge abriu os olhos e disse: "Não tenho amigos nem inimigos; então como posso esperar por alguém? Estou só — não

deixei ninguém para trás porque não existe ninguém. Estou só, totalmente só."

O terceiro disse: "Então, acho que estou certo porque não há outra possibilidade: acho que você está rezando, meditando".

O monge riu e disse: "Você é o mais tolo porque não conheço ninguém para quem eu possa rezar e não tenho nenhuma meta para alcançar; assim, como posso meditar?"

E os três perguntaram ao mesmo tempo: "Então, o que você está fazendo?"

O homem disse: "Estou apenas parado aqui. Não estou fazendo absolutamente nada".

Mas isso é que é meditação, isso é que é sannyas: apenas ser!

Ter liberdade — liberdade dos amigos e dos inimigos; liberdade das possessões, e não-possessões; liberdade deste e daquele mundo; liberdade da matéria e da mente — liberdade de todas as escolhas e divisões. O impossível é abandonado e você torna-se natural, torna-se o Tao, flutua.

Quando o esforço impossível se vai, a ansiedade desaparece, você não tem mais angústias. E quando você não tem mais angústias surge o estado de graça. O estado de graça não é algo que precise ser alcançado. Você só tem de criar a capacidade. Quando você não está em angústia, ele acontece. Você cria a capacidade, abre a porta e os raios de sol entram e clareiam você. Como você está — oprimido pela angústia, dividido, montado em dois cavalos, tentando esticar dois arcos ao mesmo tempo — está doente, está esquizofrênico, está à deriva! Ou, no máximo, está fazendo um acordo e vivendo normalmente neurótico.

Um ser normal, de alguma forma, leva avante seu trabalho, a neurose não o atrapalha, só isso; é um cidadão ajustado, apenas isso. Mas isso não tem qualquer valor! Mesmo que você seja um cidadão ajustado, um bom cidadão, um ser humano normal,

nenhum êxtase lhe acontecerá. Você permanecerá triste e seja o que for que alcance neste mundo lhe trará mais tristezas. Observe as pessoas que são bem sucedidas, que estão adiante de você, que alcançaram o topo, e verá que são mais tristes que as outras que não obtiveram sucesso — porque perderam a esperança.

Numa manhã, Mulla Nasrudin caminhava em direção ao mercado, muito triste. Um amigo lhe perguntou: "O que aconteceu?"

Nasrudin, disse: "Nem me pergunte! Estou tão triste e deprimido que tenho até vontade de chorar!"

Mas o amigo insistiu: "Mas o que houve? Nunca o vi tão triste! Você já esteve em muitos tipos de dificuldades, mas nunca o vi tão triste e deprimido. O que aconteceu? Qual é o problema?"

Mulla Nasrudin respondeu: "Há duas semanas atrás, um dos meus tios morreu e deixou um monte de dinheiro para mim."

O amigo disse: "Nasrudin, você enlouqueceu? Você devia estar feliz por isso!"

Nasrudin respondeu: "Sim, eu sei — mas na semana passada, meu outro tio morreu e deixou o dobro desse dinheiro para mim".

O amigo falou: "Então você está completamente fora de si — você devia dançar, comemorar, celebrar! Você não tem motivo para tristezas! Você é o homem mais feliz desta cidade!"

Nasrudin disse: "Isso eu sei — mas não tenho mais tios! Isso me deixa triste!"

É isso que acontece quando um homem consegue sucesso: quando não tem mais tios; de repente, desaparecem todas as esperanças. Um homem fracassado ainda espera, pode esperar; ainda existem tios, a possibilidade existe. Quanto mais sucesso, mais ansiedade, porque o sucesso traz a neurose à tona, ele revela a sua esquizofrenia. É por isso que na América há mais esquizofrenia

e mais loucura do que em qualquer outro lugar. A América conseguiu sucesso de muitas maneiras.

Num país pobre, não há muita loucura. O povo ainda tem esperanças. E quando se pode ter esperanças, nada vem à tona — você continua correndo e tentando. Quando a meta é atingida, você tem de parar e olhar para si mesmo, ver a confusão que conseguiu criar no seu ser; que caos! De repente, você enlouquece. Você sempre esteve louco, mas isso só é revelado quando você alcança o sucesso porque então não há mais nada para sonhar, não há nada para encontrar. Como você está, a felicidade não é possível. O estado de graça é impossível. Você só pode esperar por ele e tolerar a dor, o sofrimento que criou para si mesmo.

Mas o estado de graça é possível! Aconteceu a Jesus, a Buda; pode acontecer a você — mas então você tem de abandonar o impossível. Pense no natural, no possível, no fácil. Não pense no impossível, no difícil, no desafiador. O ego gosta sempre de fazer o impossível, mas é um fracasso, tem de ser. O ego tem de desafiar o impossível para que você possa sentir que é algo. Contra o objetivo impossível você se torna um grande lutador.

A religião é simples, fácil, natural — não está montada num cavalo, absolutamente! É apenas um passeio pela manhã, sem se dirigir a lugar nenhum. Apenas o caminhar é a meta; sem fazer nada em particular, apenas desfrutando da brisa da manhã, do sol, dos pássaros — apenas deleitando a si mesmo!

DÉCIMO PRIMEIRO DISCURSO

31 de agosto de 1974 Poona, Índia.

Jesus disse:

Uma cidade construída no alto de uma montanha e fortificada não pode ruir nem jamais ser escondida.

Jesus disse:

Aquilo que ouvires tanto com um ouvido quanto com o outro proclama aos quatro ventos. Porque ninguém acende uma lâmpada e a coloca sob um arbusto, nem a põe num lugar escondido; coloca-a num pedestal para que todos os que entrarem e saírem possam ver a sua luz.

Jesus disse:

Quando um cego guia outro cego, ambos caem no abismo.

Todo o problema humano consiste em escolher entre o momentâneo e o eterno. Quando você escolhe o momentâneo, está construindo sua casa na areia — ela cairá. Quando escolhe o eterno, então algo que dura para todo o sempre é alcançado.

E nada menos pode satisfazê-lo; apenas o eterno. O momentâneo não pode. Muito pelo contrário, ele o faz cada vez mais faminto e mais sedento. É como alguém que joga manteiga no fogo para apagá-lo — a manteiga torna-se alimento para o fogo e ele aumenta. O momentâneo é como a manteiga no fogo dos desejos da sua mente; ele o aumenta, é um alimento. Só o eterno pode aplacar a sede, não há outra possibilidade.

Mas quando eu digo: "Só quando você escolhe o eterno está construindo sua casa no alto de uma montanha, em algo firme como rocha, que perdurará e não tornará seu esforço em vão", o que eu quero dizer com "quando você escolhe o eterno?" porque o eterno não pode ser escolhido. Se você escolher, estará sempre escolhendo o momentâneo, porque a escolha é do momentâneo. Então o que quero dizer com "escolher o eterno?" Quero dizer: se você puder entender que o momentâneo é inútil, que logo você estará com sede outra vez, que essa água não irá aplacar a sua sede, então o momentâneo desaparecerá. Tornar-se-á inútil se você simplesmente entender que ele não tem nenhum sentido. Simplesmente evaporará e o eterno será escolhido — você nunca o escolhe.

Quando o momentâneo se vai, o eterno entra na sua vida. Mas o momentâneo tem de tornar-se absolutamente infrutífero, sem sentido algum; com o momentâneo, seu fracasso tem de ser total. "Bem aventurados os que fracassam nesse mundo" — essa bem-aventurança tem de ser unida às outras bem-aventuranças de Jesus.

Seja um fracasso neste mundo! Você está tentando fazer exatamente o contrário: ser bem sucedido. Se você obtiver sucesso, esse será o fracasso verdadeiro porque então permanecerá com o momentâneo — mas ninguém nunca é bem sucedido. Somos afortunados porque nunca ninguém é bem sucedido. Você pode, no máximo, continuar adiando o fracasso; só isso. Pode adiar-lo para a próxima encarnação, pode adiar-lo por milhões de vidas. Mas nunca ninguém é bem sucedido neste mundo porque como pode alguém ser bem sucedido com o momentâneo? Com o que é passageiro?

Como pode construir sua casa sobre ele? Como você pode construir uma casa, um abrigo, sobre algo que está passando, desaparecendo da existência a cada momento? Na hora em que a casa estiver pronta, o momento terá passado. É por isso que você está sempre se sentindo, frustrado — mas novamente começa a fazer a mesma coisa.

Parece que você não percebe, parece que não está alerta para o que faz — parece que não aprendeu nada com a vida.

Tem permanecido ignorante sobre a vida, não adquiriu nenhuma experiência. Você pode ter muito conhecimento, pode saber como se constrói uma casa — pode ser um engenheiro, um arquiteto — mas não aprendeu através da experiência que a casa não pode ser construída no momentâneo. E este é o primeiro ensinamento de Jesus:

"Uma cidade construída no alto de uma montanha e fortificada não pode ruir nem jamais ser escondida".

Em primeiro lugar: "uma cidade construída no alto de uma montanha..."

Você sempre constrói nos vales! Estas palavras são simbólicas: 'vale' significa noite escura; 'alto da montanha' significa mais consciência, mais percepção; quanto mais consciência você tem, mais alto chega. Quando se torna completamente consciente, está acima do Everest. É por isso que os hindus dizem que *Shiva* vive no *Gaurishankar*, o pico mais alto. *Shiva* é a mais alta consciência; não é uma pessoa, *Shiva* significa consciência perfeita. A consciência perfeita habita no *Gaurishankar*.

Quando você está inconsciente, cai no fundo do vale escuro — sua noite é um vale, seu sono é um vale. Quando está consciente, começa a mover-se em direção às alturas. Quando está completamente inconsciente, está no ponto mais baixo da existência. Aí, no degrau mais baixo da escada, estão as pedras porque as

pedras são perfeitamente inconscientes, Elas não estão mortas — estão vivas, crescem, são jovens, envelhecem e morrem. Passam por todas as fases que você passa, mas não tem consciência — o degrau mais baixo da escada. Às vezes quando você dorme profundamente, é como uma pedra. Qual é a diferença entre você e a pedra? Quando não tem um único raio de consciência, qual é a diferença entre você e a terra? Você retrocedeu.

No sono, você segue em direção ao vale. "Pecador" é aquele que vive constantemente dormindo; 'santo' é aquele que não dorme mesmo durante o sono. Krishna disse a Arjuna: "Quando todos dormem, o iogue ainda está acordado. Quando todos repousam, o iogue ainda está alerta". A totalidade do iogue nunca adormece. Um ponto de observação permanece sempre presente; observa seu próprio sono. No sono, você afunda; na consciência ascende. Quando nada está dormindo em você, quando toda sua consciência tornou-se uma luz, quando nem um único fragmento está inconsciente, quando o seu ser está pleno de luz — é isto que significa Buda, Cristo: consciência total — este é o pico mais alto. Daí o sentido simbólico de "Uma cidade construída no alto da montanha..."

Você está construindo sua cidade, sua casa, num vale; e o sono comum não lhe é suficiente. Você procura drogas para dormir ainda mais, procura métodos de hipnose para tornar-se mais adormecido, mais inconsciente — porque a consciência é dolorosa, é angustiante. Por que é angustiante? Buda e Jesus dizem que é a maior felicidade possível! Mas para você, porque ela é tão dolorosa? Por que você quer esquecer tudo?

É dolorosa quando apenas um por cento do seu ser torna-se consciente e noventa e nove por cento, permanece inconsciente: então, este um por cento sofre por ver tanta confusão a sua volta. Vendo os outros noventa e nove por cento de loucura, esse um por cento sofre e procura o álcool, as drogas, o LSD, a maconha, ou qualquer outra coisa — sexo, música, mantras — para criar uma

auto-hipnose. Então esse um por cento também regride e torna-se parte do todo. Então você já não se preocupa porque já não resta ninguém para saber, não há ninguém alerta e consciente — não há mais problema.

É a isso que dão o nome de lógica da avestruz. Sempre que uma avestruz descobre que um inimigo se aproxima, esconde sua cabeça na areia. Por um momento ela não pode vê-lo, e é essa a sua lógica: "Quando eu não posso ver o inimigo, como ele pode existir?" A avestruz parece um perfeito ateu porque é isso que os ateus vivem dizendo: "Se não podemos ver Deus, como Ele pode existir? As coisas só existem quando nós as vemos". Como se a existência dependesse da sua visão: quando você não a vê, ela desaparece.

A avestruz esconde a cabeça, fecha os olhos e imediatamente não tem mais medo porque o inimigo não pode ser visto. Mas o inimigo não acredita na sua lógica. Pelo contrário, você é um brinquedo em suas mãos quando fecha os olhos; está pedindo para ser uma vítima. Você poderia fugir, mas não o fez porque pensou que o inimigo não estivesse lá. Sentiu uma felicidade momentânea porque o inimigo não estava presente — não que ele não estivesse, você é que sentiu que ele não estava. É assim que você sente uma felicidade momentânea quando se torna inconsciente através de drogas — os problemas não existem, todos os inimigos desaparecem, não há ansiedade — porque para haver ansiedade, você tem de estar alerta, desperto.

Quando cem por cento do seu ser torna-se consciente, então existe felicidade porque o conflito desaparece — Buda está certo. Você também está certo porque a sua experiência lhe diz que quanto mais você se torna consciente, mais sente problemas a sua volta, de modo que se sente melhor permanecendo numa longa sonolência, numa vida inteira de sono. É por isso que construímos nossas cidades nos vales, não no alto das montanhas.

Mas existe uma outra razão:

"Uma cidade construída no alto de uma montanha, e fortificada, não pode ruir nem jamais ser escondida..."

Nós construímos nossas cidades de uma tal maneira, numa existência tão inconsistente, tão momentânea, tão temporária que, no momento em que estão prontas, já se tornaram ruínas. Por que? Porque só podemos ver o momentâneo, não temos uma visão total. Só conseguimos ver o que está perto, apenas o imediato. Só o momento que está próximo — você vê um momento: então ele passa; depois vê outro momento que também passa. Você vê os momentos passando e não consegue ter uma visão d'ó geral.

Para a visão total, uma consciência perfeita é necessária. Numa visão total você pode ver o todo da vida, não apenas o todo da vida, mas o todo do mundo. É isso que os Jainas indicam quando dizem que, ao se iluminar, Mahavir pôde ver o passado, o presente e o futuro — a totalidade do tempo. O que isso significa? Significa que a existência como um todo tornou-se clara e quando a totalidade é clara, só então se pode fazer uma cidade fortificada. Caso contrário, como se pode fazer uma cidade?

Você não sabe o que acontecerá no momento seguinte. O que quer que faça pode ser desfeito no momento seguinte. E tudo o que você faz depende do momentâneo, não do todo. O todo pode rejeitar seu fazer: ele pode tornar-se absolutamente insignificante no todo.

Certa vez, aconteceu o seguinte: um mestre chinês tinha um discípulo americano. Quando o discípulo ia voltar para o seu país, o mestre lhe deu um presente, uma pequena caixa de madeira, e lhe disse: "Existe uma condição que deve ser sempre seguida. Mesmo que você dê a caixa a qualquer outra pessoa, essa condição deve ser obedecida. Eu a estou obedecendo e ela não é uma coisa nova; é muito antiga e por muitas gerações tem sido cumprida. Você promete que a cumprirá?"

O discípulo disse: "Eu a cumprirei". A caixa era tão bela, tão valiosa, tão antiga, que ele disse: "Seja qual for a condição, eu a cumprirei!"

O Mestre disse: "A condição é simples: você tem de manter essa caixa em sua casa voltada para o leste. Isso foi sempre assim, respeite a tradição".

O discípulo disse: "Isso é simples, e eu o farei."

Mas quando ele colocou a caixa voltada para o leste, percebeu que era muito difícil porque toda a decoração da sala tornou-se absurda. A caixa voltada para o leste não se ajustava. Então ele teve de mudar todos os móveis — para que se harmonizassem com a caixa. Mas então sua casa toda tornou-se absurda e ele teve de mudar a casa toda. Aí o jardim tornou-se absurdo: o discípulo ficou exausto. Escreveu ao mestre: "Essa caixa é perigosa! Vou ter de mudar o mundo todo — se eu mudar meu jardim também, a próxima coisa terá de ser a vizinhança..." E ele era um homem sensível; foi por isso que se sentiu assim.

Se você construir sua vida sobre o momentâneo, estará em constante dificuldade com o todo porque ela nunca estará ajustada. Nunca será harmoniosa, uma coisa ou outra estará sempre errada. O todo tem de ser visto antes que a sua cidade seja construída, antes que você fixe sua morada. O todo tem de ser consultado e considerado. Com a visão do todo você pode criar sua vida e modelá-la. Você deve viver com a visão do todo. Só assim, ela será harmoniosa, melodiosa, caso contrário você será sempre um tanto estranho, excêntrico, um tanto excêntrico.

Todos os homens são excêntricos. Essa é uma bela palavra. 'Excêntrico' significa fora do centro; de algum modo, ausente do centro, não exatamente como é para ser. Por que todo o homem é excêntrico, fora do centro, fora de foco, em descompasso com a vida? Porque todos estão tentando fazer a vida de acordo com o momento e o momento não é o todo. O momento é um pequeno

fragmento, apenas um fragmento insignificante da eternidade. Como você pode estar ajustado à eternidade se dirige sua vida de acordo com o momento? É isso que Jesus diz: "Dirija sua vida, crie sua vida de acordo com o todo, com o eterno, não com o momentâneo".

"Uma cidade construída no alto de uma montanha e fortificada não pode ruir nem ser escondida".

Sua cidade está sempre caindo, sempre em ruínas. Elas estão assim! Você não precisa perguntar a Jesus, basta olhar sua vida — é uma ruína! — antes de ter terminado a construção ela já está arruinada. Você é uma cidade arruinada. Por que isso está acontecendo? Por causa do momentâneo. Tenha uma visão do eterno, do atemporal.

Como acontece essa visão? Quanto mais alta a sua consciência, maior a visão. Quanto mais baixa a consciência, menor a visão. Ande por uma rua, pare sob uma árvore e olhe: você terá uma visão, conseguirá ver a próxima esquina; depois haverá uma curva e a visão será interrompida. Suba na árvore e olhe de cima — então terá uma visão maior. Ande num avião — terá a visão de um pássaro, poderá ver toda a cidade. Ao voar mais alto a visão será maior; ao voar mais baixo, a visão será menor. Existem degraus na escada da consciência. Ao chegar no pico da sua consciência, olhe: a eternidade será revelada.

Você já observou uma coisa? Você está parado sob uma árvore e olha para o leste — não vê nada. Alguém está sentado no topo da árvore e lhe diz: "Posso ver um carro de bois aproximando-se".

Você diz: "Não há nenhum carro de bois! Não estou vendo nada! Como pode haver?" O carro de bois está no futuro para você, mas para o homem que está no alto da árvore está no presente. Não pense que o presente é o mesmo para todos. O seu presente está

confinado a você e pode não ser presente para mim; meu presente está confinado a mim e pode não ser presente para você. Depende da escala de consciência.

Para Buda tudo é presente porque não há futuro — sua visão é completa. Para Jesus tudo é presente, não há passado porque ele pode ver; não há futuro porque ele também pode ver. Do ponto mais alto da consciência o todo é visível; então, nada é passado, nada é futuro, tudo está aqui e agora! O futuro existe por causa da sua visão limitada, não porque seja uma necessidade do mundo, na existência. Ele simplesmente demonstra que você tem uma visão estreita. O que sai do seu campo de visão torna-se passado. O que ainda não entrou torna-se futuro. Mas as coisas, elas mesmas, estão na eternidade.

O tempo foi inventado por você porque você vive no vale. Por isso, todas as tradições do mundo têm enfatizado que quando você entra em *samadhi*, em êxtase, em meditação profunda, o tempo desaparece. O que elas querem dizer? Que a divisão de presente, passado e futuro desaparece: a existência é, não há divisões, não há tempo. Construa sua cidade no atemporal, não construa no momentâneo. Senão ela será sempre uma ruína porque o presente está correndo e tornando-se passado. Por que eu digo que ela já está em ruínas antes que você a tenha construído? Porque no momento que você a constrói, esse momento já é passado, já se foi, já não está em suas mãos! A terra sob seus pés está em constante movimento.

"Uma cidade construída e fortificada no alto de uma montanha..."

Porque ele usa a palavra 'fortificada'? Como você está agora, no vale, está sempre com medo, inseguro, sempre em perigo. O vale está repleto de fantasmas, sombras, inimigos, perigos em toda a volta.

Ouvi contar de uma mosca que estava passando, por um supermercado. Os inseticidas estavam expostos numa das prateleiras. Ela leu um anúncio, em grandes letras vermelhas, onde estava escrito: "Novo spray — morte instantânea para as moscas." Ela leu e continuou seu vôo, resmungando consigo mesma: "Existe ódio demais neste mundo."

Você vive no mundo do vale, onde tudo é garantido para matar — imediatamente. Você vive no vale da morte — onde nada mais é garantido, exceto a morte.

Você já observou que na vida tudo é incerto, exceto a morte? Deveria ser diferente, mas a única certeza que você tem é uma morte garantida, só isso. Isso é o máximo que pode ser dito no vale, que você morrerá — esse máximo é certo. Tudo o mais é incerto e acidental — pode acontecer, pode não acontecer. Que espécie de vida é essa, onde só a morte é garantida? Mas é assim mesmo, porque na escuridão só pode existir morte; na inconsciência só pode existir morte. A inconsciência é o caminho em direção à morte.

Sempre que você ficar inconsciente, quer morrer. Uma profunda necessidade de morrer surge em você; caso contrário começaria a se mover em direção às alturas. Freud, na última fase de sua vida, deparou com um fato dos mais profundos; chamou-o de '*thanatos*' o desejo de morrer. Durante toda a sua vida ele esteve pensando sobre 'libido' — uma teoria que diz que o homem existe como um desejo de viver; mas quanto mais ele penetrou no desejo de viver, mais incerto tornou-se. Quanto mais ele começou a entender o desejo de viver, mais verificou que, no fundo, existe um desejo de morrer.

Isso foi muito difícil para Freud, porque ele era um pensador linear, unidimensional, aristotélico, um lógico. Era contraditório que atrás da libido — o desejo de viver, a vontade de viver — existisse uma vontade de morrer, *thanatos*. Ele ficou muitíssimo perturbado. Mas é isso que Buda, assim como Jesus, tem dito sempre: do jeito

que você está, é tão inútil, toda a sua vida é tão fútil, tão cheia de frustrações, que você preferiria morrer.

Quando você toma algo para ficar inconsciente, o desejo de morrer está presente — porque a inconsciência é uma morte temporária. Você não pode viver sem dormir nem mesmo por alguns dias porque o sono é uma espécie de morte temporária. E você precisa dela, necessita dela profundamente. Se não puder morrer todos os dias por oito horas, não será capaz de viver no dia seguinte porque toda a sua vida é uma tamanha confusão que se não é uma felicidade; pelo contrário, não parece ser a felicidade. Quando você se perde num movimento político, quando se torna nazista ou quando se perde na multidão, sente-se bem porque isso é uma morte — você não existe mais, só a multidão existe.

É por isso que os ditadores são bem sucedidos — por causa do seu desejo de morrer. Mesmo no século XX os ditadores são bem sucedidos, porque eles lhe dão uma chance de morrer facilmente. É por isso que as guerras existem e continuarão sempre existindo. Porque você não mudou. O homem não se transformou. As guerras existirão porque elas são um profundo desejo de morte. Você quer matar ou ser morto. A vida é um peso tão grande que o suicídio parece ser a única solução. Se você não cometeu o suicídio até agora, não pense que é um verdadeiro amante da vida. Não! Você está simplesmente com medo. Você não é um amante da vida porque um amante da vida está sempre se movendo em direção às alturas — quanto mais alto o pico, maior a vida. Eis porque Jesus pode prometer: "Venha a mim, e eu lhe darei vida em abundância".

Jesus diz: "Eu sou a vida, a grande vida. Venha a mim!" Mas ir a Jesus é muito difícil porque você tem muitos investimentos no vale, nos caminhos escuros da vida. E você tem tanto medo de viver. Faz qualquer negócio para não estar muito vivo, existe com um mínimo de vida. Você existe como um autômato, transformado tudo numa coisa mecânica para que não tenha necessidade de se preocupar — para não precisar viver.

As guerras continuarão, a violência continuará e os homens continuarão matando uns aos outros. Todo o esforço tem sido criar um esquema que possa se tornar um suicídio global; agora, ele já foi criado: descobrimos a bomba H. Por que os cientistas estão trabalhando constantemente, devotando toda a sua vida para criar coisas destrutivas? Porque esse é o desejo mais profundo do homem: morrer, de qualquer maneira, morrer. Isto não é muito consciente; se o fosse, você começaria a transformar-se. Muitas vezes, você afirma: "Teria sido melhor se eu não tivesse nascido!"

Conta-se que um filósofo grego, Philo, disse uma vez: "A primeira bênção é não ter nascido; a segunda é morrer o mais cedo possível". E ele diz que essas são as únicas bênçãos. A primeira, não ter nascido — mas ninguém tem essa sorte porque todos já nasceram. Então só a segunda é possível — morrer o mais cedo possível. O próprio Philo viveu até os noventa e sete anos. Alguém lhe perguntou: "Mas porque você não cometeu o suicídio?" E ele respondeu: "Eu apenas tolerarei viver para dar essa mensagem aos outros — morrer é a única solução."

O suicídio é algo profundamente enraizado. Logo que você sente qualquer coisa indo mal, quer cometer suicídio, destruir a si mesmo. Um homem religioso é aquele que descobriu que um profundo desejo de morte se esconde dentro de si. Por que tal desejo? Você tem de trazer mais luz para dentro de si para que possa se conscientizar do canto onde a morte está oculta, comendo-o continuamente. Você não morre em um dia, de repente — você morre lentamente durante setenta anos.

A morte não é um fenômeno que acontece no final; começa no nascimento. Então, cada respiração, cada momento, nada mais é do que morrer continuamente. O ciclo completa-se em setenta anos, porque é um processo muito lento.

Mas você tem morrido e, no fundo, está esperando que tudo acabe — quanto mais cedo melhor. Você não cometeu o suicídio porque é medroso demais, apavorado: o que poderá acontecer? Assim, você tolera a vida, não a desfruta como um presente de Deus. Está simplesmente tolerando, simplesmente carregando a vida de algum modo, esperando pelo momento em que possa saltar do trem.

Aconteceu certa vez que Thomas Edson foi convidado para um jantar onde se reuniam alguns amigos. Ele era um homem de poucas palavras e ficava sempre perturbado quando havia muita gente por perto. Ele era um trabalhador solitário em seu laboratório, era um pesquisador, um homem contemplativo; a presença dos outros era sempre uma perturbação para ele. E no jantar havia muitas pessoas, todas ocupadas em comer, tagarelar que Edison pensou: "Esse é o momento de escapar!" Então ele começou a procurar uma porta pela qual pudesse escapar — nesse momento foi apanhado. O anfitrião agarrou-o e perguntou: "Sr. Edson, no que o senhor está trabalhando atualmente?" Ele respondeu: "Na fuga!"

Mas todos estão trabalhando na fuga. Esteja alerta para isso!

Por que você não consegue desfrutar da vida — que é um presente? Você não teve de ganhá-la; é por isso que eu digo que é uma graça. Ela lhe foi dada pela existência — você pode chamá-la de Deus — ela é simplesmente um presente, um puro presente. Você não fez nada para consegui-la, para ganhá-la. Por que não consegue ser grato e desfrutá-la? Você deveria estar dançando de alegria, mas qual é o problema? Porque para desfrutar da felicidade é necessário uma consciência maior. Para sofrer uma angústia não há necessidade de estar alerta. Para sofrer uma angústia é necessário maior escuridão, menos consciência — é necessário a noite, não o dia. Mas para desfrutar da felicidade, é necessário mais consciência.

Assim, se você encontrar um santo triste, saiba que ele não é santo. Porque a consciência dá felicidade plena, dá um profundo sorriso a todo o seu ser. A consciência lhe dá algo que o transforma em criança: você pode correr atrás de uma borboleta, pode saborear uma comida simples, pode desfrutar das coisas simples da vida, a ponto de tudo se tornar um presente. Tudo se torna uma graça de Deus e você pode ser grato a cada momento — mesmo pelo ar que respira. Pode desfrutar até da sua própria respiração. Uma simples respiração! E o prazer é tão grande! Se encontrar um santo triste, saiba que algo está errado; ele ainda vive no vale, ainda não se moveu para o pico. Caso contrário ele estaria radiante, teria beleza, teria o prazer de uma criança: despreocupado, sem medo — estaria fortificado pela sua consciência.

Por que a consciência o fortalece? Porque quanto mais consciente você se torna, mais sabe que não pode morrer, que não há morte. A morte só existe no vale escuro. E se você está fortalecido contra a morte, está fortalecido. Quanto mais consciente você é, mais sabe que é eterno, Divino. Agora, neste momento, você não sabe quem é. Este é o vale da ignorância e aqui só a morte acontece, nada mais. E você vive tremendo de medo. Se olhar para dentro encontrará apenas medo e nada mais porque a morte existe a sua volta, nada mais. De modo que isso é natural; com a morte a sua volta, o seu medo é contrapeso natural.

Quando você se move para as alturas, o amor e a eternidade estão ao seu redor. Não há medo — não pode haver porque você não pode ser destruído. Você é indestrutível. Não há nenhuma possibilidade de morte. Você é imortal. É dessa fortificação que Jesus fala:

"Uma cidade construída no alto de uma montanha e fortificada...", mas lembre-se de que a grande altitude é a fortificação, "... não pode ruir nem jamais ser escondida".

Isso é bastante paradoxal. No vale, você cai constantemente; no topo, nunca. É paradoxal porque vemos as pessoas caindo do alto. Por que alguém cairia do vale, se a superfície é plana? As pessoas caem do alto — isso é um mito! No mundo interior ninguém cai das alturas. Uma vez que as alturas interiores são atingidas nunca se cai delas. Nada pode ser tirado de você se o tiver alcançado em seu interior. Mas do lado de fora seu mito é verdadeiro.

As pessoas caem sempre que estão nos pontos mais altos. Mas esses pontos pertencem ao vale; não são alturas verdadeiras. Se você tem fama, pode estar certo de que mais cedo ou mais tarde será difamado. Se está num trono, mais cedo ou mais tarde será destronado. Tudo o que alcançar neste mundo lhe será tomado. Mas, no mundo interior, tudo o que você alcança, é para sempre, é eterno, não pode ser perdido. A sabedoria não pode regredir — uma vez atingida, torna-se parte de você. Não é algo que você possua — torna-se seu próprio ser e você não pode desconhecê-la.

Uma vez que você percebeu que é imortal, como pode deixar de sabê-lo? Não há como desaprender — você aprendeu. E só o que não pode ser desaprendido é um verdadeiro saber. O que pode ser desaprendido é apenas memória, não conhecimento; o que você pode esquecer é apenas memória.

O saber é o que não pode ser esquecido de jeito nenhum, o que tornou-se o seu ser, parte de você, sua própria existência. Você não precisa lembrar-se, você só precisa se lembrar das coisas que não são parte de você.

"Fortificada, uma cidade construída no alto de uma montanha não pode ruir nem jamais ser escondida".

Você não pode escondê-la. Uma cidade construída no alto será conhecida — por toda a eternidade; não há como escondê-la. Como você pode esconder um Buda? É impossível! Como você

pode esconder um Jesus? É impossível! O fenômeno é tão imenso, sua existência tão penetrante, o impacto dura para sempre!

Você pode crucificar Jesus, mas não pode negligenciá-lo. Aqueles que o crucificaram ainda sofrem por isso. Apenas um único homem, o filho de um carpinteiro qualquer foi morto — nada importante. Os judeus devem ter agido daquela maneira porque ninguém se importava. Se você mata o filho de um carpinteiro, e mata de acordo com a lei, não há problema. Mas os judeus estão sofrendo há dois mil anos, por causa dessa crucificação, geração após geração. Eles têm sido constantemente crucificados por causa de um único homem. Parece bastante ilógico e os judeus continuam dizendo: "Nós não fizemos nada!" Eles estão certos num ponto porque aqueles que o crucificaram morreram há muito tempo.

Mas uma pessoa como Jesus move-se no atemporal. No que diz respeito a Jesus, a crucificação continuará para sempre e sempre. Não é passado por que alguém como Jesus nunca é passado — o fato é presente, está acontecendo agora — ele é crucificado. Os judeus podem pensar: "Fizemos isso no passado, mas aqueles que o fizeram já não estão mais aqui. Nós nunca o fizemos — podemos pertencer àqueles que o fizeram, mas nós nunca o fizemos." Mas a crucificação de Jesus agora já é um fato eterno.

Agora ela não pode ser colocada no passado, e continuará sendo uma ferida viva. Essa ferida vai permanecer lá; no coração. E os judeus sofreram, e parece que sofreram demais, pois por causa de um único homem, milhões de judeus têm sido mortos nestes vinte séculos. Só por um único homem, milhões de judeus? Isso parece injusto.

Mas você não conhece este homem; é por isso que parece injusto. Este homem tem mais valor que milhões de homens. No dia em que crucificaram este filho de carpinteiro brincaram com um fogo muito alto. Tentaram esconder o fato, mas não há como esconder. Eles tentaram, não há entre os judeus nenhum registro de que Jesus tenha sido crucificado. Entre os cristãos sim, mas os

judeus nem ao menos registraram o fato de que Jesus foi crucificado. Mas você não pode escondê-lo e os judeus começaram a desaparecer; sofreram porque tentaram fechar os olhos diante do sol. E essa miséria toda existe porque foram eles que deram a luz a Jesus.

Jesus era um judeu e continuou judeu até o último momento — nunca foi um cristão. E os judeus tinham esperado por esse homem milhares de anos. Seus profetas do passado lhes disseram: "Um homem virá que irá conduzi-los. Logo estará aqui o homem que será a vossa salvação". Por milhares de anos, os profetas proclamaram isso aos quatro ventos e os judeus esperaram e esperaram. Eles oraram e esperaram — e essa é a ironia: quando o homem chegou, eles o recusaram! Quando o homem chegou e bateu à porta, eles disseram: "Não! Você não é o prometido." Por que?

É fácil para a mente esperar porque ela pode ficar esperando, desejando, sonhando. Mas quando Deus bate à porta — lembre-se — você também recusará — mesmo que você tenha estado orando. O que acontece quando Deus bate à porta? Por que você o recusa? Porque só pode existir uma casa. Quando Deus bate à porta, você tem de desaparecer — este é o problema.

Esperando, você existe, seu ego existe. Os judeus sentiam-se orgulhosos em saber que o homem prometido nasceria de sua raça. Eram os escolhidos de Deus e o filho Dele iria nascer numa família judia — o ego sentiu-se muito bem com isso. Mas quando esse homem escolhido veio e bateu na porta dizendo: "Vim cumprir a promessa", eles disseram: "Não, você não é o escolhido! E se você tentar dizer que é, nós o mataremos!" Qual era o problema?

O problema é humano. O problema é que se Jesus existe, e então você tem de desaparecer, tem de dissolver-se nele — e tem de entregar-se. Era bom para o ego pensar: "O homem prometido virá a nós, a raça escolhida em todo o mundo", mas foi muito difícil aceitar o homem quando ele veio.

Eles mataram Jesus, mas nem mesmo registraram o fato. Quiseram esquecer tudo aquilo para que pudessem esperar novamente — e ainda esperam. Até hoje ainda estão esperando pelo homem prometido. E eu lhes digo: se ele vier novamente — ele não virá porque já deve ter aprendido com a experiência — se ele vier outra vez, eles o crucificarão novamente. E os judeus sofreram muito só porque tentaram ignorar a cidade construída no alto da montanha.

Tentaram esconder uma cidade construída no alto da montanha, tentaram esconder o sol. Tentaram esconder a verdade. Crucificaram a Verdade. Mas a verdade não pode ser crucificada, não se pode matá-la, ela é eterna, imortal. E eles ainda não perceberam porque têm sofrido tanto. A culpa! No íntimo eles ainda se sentem culpados — a culpa os segue como uma sombra. E essa culpa existe por terem recusado o homem prometido quando ele chegou. No fundo, os judeus sabem que cometeram o maior pecado possível: negar Deus quando Ele bate à sua porta.

Ele não vai preencher as suas expectativas — sempre que ele vier será um estranho. Porque se ele preencher as suas expectativas, de maneira nenhuma será Deus. Deus é sempre um estranho, é sempre o desconhecido, batendo à porta do conhecido. Não pode vir na forma do conhecido, não é possível — Ele permanece sempre desconhecido, misterioso. Você gostaria que Ele viesse de acordo com uma fórmula. Não! Ele não segue nenhuma forma, Ele não está morto — só coisas mortas seguem fórmulas. A vida vive como um mistério.

"Jesus disse: Uma cidade construída e fortificada no alto de uma montanha, não pode ruir, nem jamais ser escondida."

Jesus disse: "O que ouvires tanto com um ouvido, quanto com o outro, proclama aos quatro ventos. Porque ninguém acende uma lâmpada e a coloca sob um arbusto, nem a põe num lugar

oculto; coloca-a num pedestal para que todos que entrarem e saírem possam ver sua luz."

Jesus disse a seus discípulos "Tudo o que ouvistes, ide e apregoai dos topos das casas para que outros possam ouvir... porque nenhuma pessoa acende uma lâmpada e a esconde sob um arbusto, nem a coloca num lugar escondido..."

Jesus disse "'Ide e apregoai a boa nova! Ide e apregoai que o desconhecido penetrou no conhecido, que o mistério penetrou no mundo rotineiro! Ide e apregoai aos quatro ventos para que o povo possa ouvir; para que o povo venha, conheça e seja beneficiado — não se calem sobre isso!"

Existe um profundo problema nisso. É muito difícil — deve ter sido muito difícil para os discípulos de Jesus; sempre é — contar aos outros que o filho de Deus chegou. Muito difícil! Porque as pessoas riem, dizem que você está louco. Não acreditam que Jesus é Cristo — pensam que você enlouqueceu. Se você disser: "Jesus é Deus", pensarão que ficou completamente louco: "Você precisa de uma psicanálise, consulte algum médico, tome algum remédio, repouse e relaxe! Você pensa assim porque algo está errado em você!"

É muito difícil dizer às pessoas que alguém se tornou realizado. Por que? Porque sempre que alguém se realiza, isso se torna uma profunda ferida dentro de você, torna-se um profundo ferimento — você poderia ter feito o mesmo, mas não conseguiu. Surge uma comparação — seu ego sente-se ferido: "Jesus é o filho de Deus? Por que não eu? Podia ter sido de outra maneira. Como Jesus tornar-se filho de Deus. É mais fácil porque o não é sempre a coisa mais fácil do mundo, nada precisa ser feito. Você diz não e acabou-se! Se você diz sim, tudo começa, nada está acabado. Não é sempre o fim; e sim é sempre o começo.

Se você diz: "Sim, Jesus é o filho de Deus", então tem de se transformar. Então não poderá permanecer com este sim, tem de se

mexer, fazer alguma coisa. Se você diz não, então seja você quem for, esteja onde estiver — no vale, na escuridão, na morte — está à vontade. Jesus cria uma intranquilidade em você, Buda anda entre vocês, cria uma inquietação e nós nos vingamos — porque se um homem pôde alcançar tais alturas, como é que você não conseguiu? É melhor dizer que não existem tais alturas, ninguém nunca as alcançou. Então você está à vontade, na sua escuridão, então pode estar confortável.

Pessoas como Jesus ou Buda o arrancam do vale, o acordam do sono e dizem: "Ande — isso não é lugar para se ficar!"

Estas são as palavras de Jesus: "este mundo é apenas uma ponte. Ande! Isto não é lugar para se fazer um lar. Atravesse-a, não pare nela. Ninguém faz uma casa numa ponte." Este mundo é só uma ponte e você fez uma casa nele. Você não gosta de saber que ele é uma ponte porque então o que acontecerá a todos os seus esforços, a todo o seu trabalho, a todo o investimento, e a toda a sua vida devotada na construção dessa casa? E neste momento chega um errante e diz: "O que você está fazendo? Isto é uma ponte!" Então é melhor não olhar para baixo, não olhar para o rio.

Por que o mundo é uma ponte? Jesus, ou as pessoas como Jesus, nunca usam uma palavra sem um significado profundo. É uma ponte porque está no rio e o rio é momentâneo. O tempo é apenas um rio momentâneo — está sempre fluindo e fluindo. Heráclito disse: "Você não pode pisar no mesmo rio duas vezes." Porque ao pisar pela segunda vez, o rio já passou, agora é uma outra água que está fluindo, aquela já passou.

O rio lhe dá a impressão de ser sempre o mesmo, mas não tem nada de fixo, Um rio significa mudança — está fluindo, fluindo, fluindo continuamente. Por que Jesus chama esse mundo de ponte? porque você o fez sobre o temporário: o tempo, o rio do tempo, tudo está se movendo. Saia dessa ponte! Esse não é lugar para se fazer uma casa.

Mas se chega alguém e diz isso a você que está construindo uma casa que já está quase pronta... e lembre-se, está sempre quase pronta, nunca pronta! Não pode estar, não é da sua natureza. Quando a casa já está quase pronta e você está indo descansar de todo o esforço e tensão dispendidos em sua construção, se um homem vem e diz: "Sua casa está sobre o rio", em vez de acreditar nele e olhar para baixo, você dirá: "Vá embora, não seja tolo!" Se o homem insistir como Jesus vem insistindo e continuar martelando, você acaba se irritando. É por isso que ele foi crucificado — era problema demais.

Sócrates foi envenenado porque toda Atenas foi incomodada por sua causa. Ele o agarrava em qualquer lugar e lhe fazia perguntas incômodas — destruindo suas confortáveis mentiras. Ele tornou-se muito incômodo! No vale, um Buda é sempre um incômodo. Sócrates criou muita angústia e ansiedade. O povo não podia dormir, não podia trabalhar direito porque ele criou a dúvida. Disse: "O que você está fazendo? Isto é um rio, esta é uma ponte — você está construindo sua casa aqui? Busque o Eterno, a Verdade!" Sócrates tornou-se um incômodo tão grande que o envenenaram.

No vale isto está sempre acontecendo. Se um homem que enxerga chega a uma cidade de cegos, os cegos o matarão — ou, se forem gentis, operarão seus olhos. Mas farão algo porque simplesmente indo até lá, esse homem os fez cegos. Eles pensaram que não eram cegos — nunca souberam que eram cegos — nunca souberam disso — e este homem vem e diz: "Vocês são cegos. Vocês são loucos!" Ele os alerta de coisas sobre as quais não queriam estar alertas. Essas coisas criam ansiedade.

Jesus disse a seus discípulos: "ide a apregoai aos quatro ventos". Por que aos quatro ventos? Porque as pessoas estão quase surdas e não ouvem, não querem ouvir. Mesmo quando escutam, não estão ouvindo, estão em algum lugar. Mesmo quando concordam estão simplesmente aborrecidas. Elas conseguem tolerar, mas nunca desfrutam da verdade. Para você a verdade é

sempre desconfortável. E tem de ser assim porque você vive num vale de mentiras.

Toda a sua vida é uma grande mentira: você tem mentido aos outros, a si mesmo e faz mentiras de tudo o que o cerca. Agora, alguém chega e fala a verdade. Alguém vem a um homem que se acredita ser sadio, mesmo tendo toda a espécie de doenças e lhe diz: "Que coisa mais sem sentido você está falando — você está doente." O homem doente pensará: "Esse homem é um mau agouro — ele está me fazendo doente. Eu estava absolutamente bem." Para alertá-lo, fazê-lo consciente da verdade, destrói seus castelos, seus castelos de sonhos, construídos com cartas de baralho.

Jesus disse: "Ide e tudo quanto me ouvirem dizer, apregoai aos quatro ventos, porque ninguém acende uma lâmpada e a coloca sob um arbusto..."

No se intimidem e não tenham medo! A luz existe; não a escondam: "... nem a ponham num lugar escondido, mas num pedestal para que todas as pessoas que entrarem e saírem possam ver a sua luz."

Isto foi sempre um problema: Buda, Mahavir, Lao-Tsé, Jesus, Maomé, Zaratustra, sempre tiveram de insistir continuamente com seus discípulos para que fossem e apregoassem aos outros porque a oportunidade não seria para sempre. Jesus não estaria fisicamente aqui para sempre. E se você não pode reconhecê-lo quando ele está no corpo, como poderá quando não estiver mais? Se sua presença física não é uma revelação para você, como poderá ser quando desaparecer no universal?

Raramente alguém se ilumina, raramente as trevas de uma pessoa desaparecem. É um fenômeno muito raro e que não dura para sempre. Por isso Jesus estava sempre com pressa. Ele bem o sabia. Jesus teve o mais limitado espaço de tempo sobre a terra. Morreu aos trinta e três anos. E começou a pregar quando estava

com trinta. Apenas três anos — ele estava com muita pressa. Sabia que sua crucificação iria acontecer; assim, ele dizia: "Ide e fazei alertas tantas pessoas quantas forem possível. Agora a porta está aberta; elas podem entrar no Divino."

Mas os discípulos continuavam vacilando. Só começaram a pregar quando Jesus morreu; só quando ele desapareceu eles se deram conta do que havia acontecido em suas vidas.

Isto sempre acontece. Quando Jesus está aqui, você se acostuma à sua luz; quando desaparece — há escuridão, e então você sente quanta luz perdeu, e começa a pregar aos quatro ventos. Quando Jesus estava aqui, algo era possível, mas agora nada mais é possível.

Você está nessa situação há séculos — isto é o que a igreja está fazendo, pregando a todo mundo que Jesus é a luz. Mas agora isto não pode ser de grande ajuda porque a porta desapareceu, Jesus tornou-se invisível. Ele pode ajudar, mas se você não pode ver a luz quando visível, como poderá vê-la quando Jesus tornar-se invisível? Se não puder entrar pela porta quando ela está aberta bem à sua frente, como poderá quando ela estiver absolutamente invisível? É difícil!

Mas os discípulos, por si próprios, tornam-se alertas quando a luz desaparece, e começam a chorar e a se lamentar; então eles sabem. Porque só através do contraste você vem a saber: você só descobre que estava vivo quando está morrendo, quando chega o momento da morte. Só então você acorda para o que foi a vida e para o modo como a perdeu. Dizem que só quando as pessoas morrem vêm a saber que estavam vivas. Antes disso, elas ignoram.

"Jesus disse: Quando um cego guia outro cego, ambos caem no abismo." Não se intimidem. Ide e dizei aos outros que existe um homem que tem olhos — de outra maneira as pessoas se extraviarão, porque elas têm necessidade de serem guiadas. Se você não encontrar um Buda ou um Jesus, ainda assim seguirá alguém

porque há uma grande necessidade de seguir. É uma grande necessidade porque você não sabe para onde ir. E se alguém lhe diz: "Eu sei!" O que fazer?

Jesus não está aqui todos os dias, Buda não nasce todos os dias. Mas a necessidade existe e se você não pode comer o alimento certo, comerá o errado porque a fome está presente todos os dias. É muito fácil encontrar um homem cego porque você também é cego e entende a sua linguagem. É fácil seguir um homem cego porque ambos pertencem ao mesmo mundo de trevas, ao mesmo vale. É muito fácil convencer-se de que um homem cego é um mestre do que convencer-se de que um Mestre é Mestre mesmo, porque este usa uma linguagem diferente, fala sobre um mundo diferente; é tão estranho que você não consegue entendê-lo.

É sempre fácil seguir o Mestre errado porque você também é errado, há algo de semelhante entre vocês. Mas: "Quando um homem cego guia outro cego, ambos caem no abismo."

Isto aconteceu: Mulla Nasrudin morreu e seus dois discípulos cometeram suicídio — porque, sem um mestre, o que eles poderiam fazer? Mulla guiando e seus dois discípulos seguindo, todos os três bateram à porta do outro mundo, um belo portão. Nasrudin disse: "Olhem! Isto é o que eu havia prometido — e eu sempre cumpro o que prometo. Nós chegamos ao Paraíso!" E eles entraram.

O guia os levou a um lindo palácio e lhes disse: "De agora em diante viverão aqui por toda a eternidade e tudo o que precisarem é só me dizer que eu posso satisfazê-los imediatamente."

Mulla disse: "Vejam! Isto é o que eu prometi e está cumprido!"

Durante sete dias viveram em extrema felicidade porque tudo o que necessitavam imediatamente era satisfeito. O que quer que fosse. Todos os seus desejos de milhões de vidas foram satisfeitos em sete dias porque não havia esforço a ser feito, nem tempo a ser perdido. Mas no sétimo dia ficaram muito frustrados

porque quando você consegue algo tão facilmente não pode gozá-lo. Quando consegue algo tão de imediato, sem um intervalo entre o desejo e a satisfação, você se torna saturado — por isso os homens ricos são tão saturados. Um homem pobre pode ter uma pequena dança em sua vida, mas um homem rico não. Veja os reis: eles estão mortos, enfastiados com tudo, porque tudo lhes é acessível.

A fácil conquista é um grande problema! Maior que a pobreza, maior que a penúria.

No sétimo dia eles estavam fartos porque haviam gozado as mais belas mulheres, o vinho mais caro, a melhor comida, as mais valiosas roupas — eles viviam como reis. Mas então, o que fazer? No sétimo dia, Mulla perguntou ao guia: "Nos gostaríamos de dar uma olhada lá para baixo, no mundo. Gostaríamos de abrir a janela e olhar para a Terra." O guia lhes perguntou: "Por que?" Mulla disse: "Apenas para recuperarmos nosso interesse; nos ajudará a reaver nossos desejos." O guia abriu uma porta, eles olharam para baixo, para as pessoas na terra e nos viram lutando toda a nossa vida sem muito alcançar — e assim eles reativaram sua fome através do contraste.

Eles gozaram por mais sete dias e novamente ficaram fartos. Agora o mesmo remédio não seria de grande ajuda; apenas olhar para o mundo não ajudaria, eles haviam se tornado imunes. Então Mulla disse: "Agora, eu tenho outro pedido ridículo: nós gostaríamos que você abrisse a porta do inferno, assim olharíamos para ele e poderíamos recuperar nosso gosto. Mas nós estamos com medo, porque o que faremos depois disso?" O guia começou a rir e lhe disse: "Onde vocês pensam que estão?" Eles estavam no inferno.

Se todos os seus desejos são satisfeitos, você estará num inferno porque não conhece a felicidade da ausência do desejo; conhece apenas a luta. Por isso os poetas dizem que o prazer está na espera e não no encontro; o prazer está no desejo, não na satisfação. E eles estão certos sobre você! Sempre que todas as coisas são

satisfeitas, o que você faz? Simplesmente fica sabendo que está no inferno.

Isso acontece quando você segue um homem cego: mesmo que alcance o paraíso, ele se tornará um inferno porque a cegueira nunca alcança o paraíso. Na realidade, o paraíso não é um lugar a ser alcançado: é um estado de consciência, não um lugar geográfico — é algo em você. O inferno e o paraíso existem em você. Ao seguir um homem cego, como poderá ser guiado em direção às alturas? Ele o guiará em direção ao vale. E a necessidade de ser guiado existe — esteja alerta para essa necessidade.

Você quer ser conduzido porque então a responsabilidade cairá sobre o outro. É melhor ter um líder cego do que nenhum — este é o seu estado mental. Por isso Jesus disse: "Ide e dizei às pessoas do topo de suas casas que o Mestre está aqui."

Jesus apareceu. É uma chance rara e existem muitas possibilidades de você perder esta oportunidade. Corra e agarre-se neste homem porque são poucos os momentos em que a porta do paraíso se abre! Ela é aberta quando um homem torna-se iluminado. Então, ele é a porta: você pode olhar através dele e chegar à compreensão de toda a verdade.

Um Mestre não é um homem que ensina. O Mestre é alguém que acorda. Não é alguém que tem algumas informações para lhe dar, é um homem que lhe proporciona vislumbres do seu próprio ser. Mas isto torna-se um problema. Se Jesus permanecesse silencioso, ninguém o crucificaria. Mas ele tinha pressa e começou a viajar pelo país e falar às pessoas. O problema foi criado porque ninguém o entendia. E é assim que acontece porque entre duas diferentes dimensões a comunicação é impossível. Ele falava do Reino de Deus e as pessoas pensavam que ele estava falando sobre o reino deste mundo.

Ele disse: "Eu sou o Rei" e as pessoas pensaram que ele fosse destronar algum rei da Terra. Disse também: "Todos aqueles que são humildes herdarão a terra." Ele falava sobre algo além, mas

todos pensavam que ele estava fazendo promessas aos seus próprios discípulos: "Vocês herdarão a Terra". Os políticos ficaram com medo porque "reino", "rei", "herdar a terra", todos esses termos são políticos. Os sacerdotes também amedrontaram-se porque tudo o que ele dizia estava além da lei.

O amor está sempre além da lei e não pode seguir qualquer lei porque é algo superior, é mais alto. Quando você ama, tudo está bem, porque o amor não pode fazer nada de errado. Não há regulamentos e regras para ele — regulamentos e regras existem quando você não pode amar, é incapaz de amar. Por causa disso existem tantas regras. Assim, você não pode fazer mal aos outros e está prevenido do mal que eles possam lhe fazer. Mas quando você ama, por que prejudicaria o outro? As regras desaparecem!

Jesus falava sobre a Lei Máxima, o amor. Então os sacerdotes tinham medo. Os juízes, os magistrados, o sistema legal, todos ficaram temerosos de que ele criasse um caos, uma anarquia. E o crucificaram porque ele tornou-se um criador de problemas.

Isso não precisa acontecer — aconteceu no passado, não há necessidade de acontecer agora. Porque depois de milhares de anos, vivenciando Budas, Mahavirs, Zarathustras, Jesus, Maomé, nós temos de nos tornar mais alertas!

Mas não! Este ainda é o caso — como se o homem nunca aprendesse. Sua estupidez parece ser suprema, total; ele continua racionalizando sua estupidez. Fortifica sua estupidez, sua ignorância e quem quer que venha livrá-lo delas parece ser o inimigo. Amigos parecem ser inimigos; inimigos parecem ser amigos. Aqueles que podem guiá-lo parecem querer desviá-lo; e os cegos são seus líderes.

Antes de tudo, entenda sua necessidade de ser guiado. Ela é bela porque revela uma busca. Mas não se apresse em seguir qualquer um. Como você decidirá? Qual é o critério? Para quem busca, este é um dos pontos mais contundentes: como decidir quem é Jesus e quem é cego? A certeza parece ser impossível, mas

vislumbres dessa certeza são possíveis. Você não pode estar absolutamente certo desde o começo porque a natureza das coisas é tal que, como pode um cego decidir que o outro tem olhos? A única decisão, a única certeza possível é quando começa a ver. Então será capaz de decidir — mas quando isso acontecer, não haverá necessidade. Quando você se torna um Buda não precisa reconhecer um Buda: quando se é como Jesus não há necessidade de reconhecer Jesus ou segui-lo. Isto é um paradoxo.

Você é cego e tem de escolher — como decidir? Pelas palavras? Assim será enganado porque os estudiosos, os eruditos, os sacerdotes são mais espertos com palavras. Ninguém pode vencê-los porque estão nesse tipo de negócio há muito tempo. Jesus parecerá pobre em suas palavras — o supremo sacerdote judeu poderia derrotá-lo facilmente. Não seria um grande problema. Kabir ou Buda podem ser derrotados facilmente através de argumentos, da lógica. Mas você não pode julgar pelas palavras, pois será enganado; não use esse critério.

Um Jesus pode ser julgado somente pelo seu ser. Fique perto dele — não tente ouvir o que ele está dizendo; tente escutar o que ele é. Esta é a chave: fique simplesmente perto dele. Os hindus chamam isso de *satsang*, estar perto da verdade. Apenas perto — não ouça o que ele diz, não se engane intelectualmente — ouça o que ele é, o ser vibra, floresce, tem uma fragrância. Se você puder ficar silencioso perto de Jesus, começará a ouvir o seu silêncio. E este silêncio o fará feliz, satisfeito, fluente de amor e compaixão — este é o critério. Se fizer isto com um homem erudito ou com um homem de conhecimento, você simplesmente se encherá de miséria — porque ele é tão miserável quanto você. Se ouvir o seu ser, suas vibrações, suas pulsações de vida verá que é tão miserável quanto você — talvez até mais. Foi por isso que ele se tornou um homem de palavras: para esconder sua miséria. É por isso que ele fala de teorias, filosofias e sistemas; é por isso que ele argumenta — porque não sabe.

Um homem que sabe, na verdade, não argumenta; ele simplesmente declara, simplesmente diz... Olhe para estes dizeres de Jesus — ele não está argumentando nem dando qualquer razão; está simplesmente constatando: "Uma cidade construída no alto de uma montanha e fortificada não pode ruir nem jamais ser escondida". Nenhum argumento; apenas uma simples constatação de fatos. "O que ouvires tanto com um ouvido quanto com o outro proclama aos quatro ventos porque ninguém acende uma lâmpada e coloca sob um arbusto, nem a põe em lugar escondido; coloca-a num pedestal para que todos que entrem e saiam possam ver a luz". Nenhum argumento! Não tenta provar nada, simplesmente constata um fato.

"Jesus disse: Quando um cego guia outro cego, ambos caem no abismo". Simplesmente a constatação do fato! Estas palavras podem ser usadas com mais beleza por um homem de conhecimento. Mas então você será enganado.

Sempre que estiver à procura de um Mestre, ouça o seu ser. Aprenda a arte de ouvir o seu ser. Fique perto dele, sinta-o — através do coração. De repente você sentirá que está mudando. Porque ele é uma força magnética. Subitamente sentirá que alguma coisa está se transformando profundamente dentro de você. Já não é mais o mesmo; seu espaço está repleto de uma luz desconhecida — como se por um momento seu peso fosse jogado fora; como se através dele você ganhasse asas, você pudesse voar. E isto é uma experiência. Somente esta experiência lhe dá a pessoa certa, o homem com olhos que pode guiá-lo.

Para onde ele o guiará? Ele o guiará para você mesmo. Um homem de conhecimento sempre o conduzirá a algum outro lugar, a algum paraíso, a algum céu, a um objetivo no futuro. Mas um homem de ser, como Jesus, Buda, não o guiará a lugar algum, apenas a Você mesmo — porque Você é a meta. Você é o alvo, o objetivo.

Ouçã através do coração, *satsang*, este é o critério. De outro modo, os cegos continuarão a guiá-lo por muitas vidas e tanto o líder cego quanto você continuarão a cair no abismo.

Uma última coisa sobre o abismo: Sempre que Jesus diz: "Eles caem no abismo", este abismo é o útero. Sempre que um cego guia, ambos caem dentro do útero novamente — este é o abismo. Eles nascerão novamente na mesma vida miserável; a mesma angústia começará com novas formas. Nada substancial terá mudado; a estória permanecerá a mesma: tudo igual, apenas com novas formas exteriores. Você cairá novamente no inferno, na miséria — o útero é o abismo.

Quando um homem de ser Ihe conduz, você nunca cai num abismo. Você nasce em uma outra dimensão; não vale a pena nascer novamente neste mundo. Você desaparece daqui e aparece em um lugar além. Este lugar além é Deus, este lugar além é o Nirvana.

DÉCIMO SEGUNDO DISCURSO

01 de setembro de 1974. Poona, Índia.

Jesus disse a seus discípulos:

Comparem-me e digam-me a quem me assemelho.

Simão Pedro lhe disse:

Vós vos assemeis a um anjo virtuoso.

Mateus lhe disse:

Vós vos assemeis a um sábio de compreensão.

Tomás lhe disse: Mestre, minha boca não será capaz de dizer com quem vos assemeis.

Jesus disse:

*Eu não sou seu mestre,
porque vocês estão embriagados,
estão embriagados com a primavera borbulhante
que já ultrapassei.*

E ele pegou-o, afastou-se com ele e lhe disse três palavras.

Quando Tomás retornou aos companheiros, estes lhe perguntaram: O que Jesus lhe disse?

Tomé respondeu:

Se eu lhes disser uma das palavras que ele me disse, vocês pegarão pedras e as jogarão contra mim; e o fogo sairá das pedras e os consumirá.

Sempre há um homem como Jesus ou Buda, você tenta fugir dele de todos os modos possíveis, porque ele é simplesmente como uma morte para você. É claro, você racionalizará sua fuga, você descobrirá razões inteligentes de por que você está fugindo. Você criará argumentos em sua mente: "Esse homem não é um cristo, esse homem ainda não é iluminado". Você descobrirá algo errado no homem, de modo que possa se sentir à vontade. Você evitará esse homem. É perigoso defrontar-se com ele, porque ele pode viver, ele pode ver através de você: você se torna transparente para ele. Você não pode se esconder dele, você não pode esconder a falsidade que é você — diante dele, você é simplesmente como um livro aberto.

E durante toda a sua vida você viveu se escondendo. O tempo todo você esteve tentando viver uma vida falsa, inautêntica: você andou vivendo mentiras, e ele verá através de você. Diante dele, você se tornará uma folha tremulante; diante dele, você será reduzido à sua verdade; diante dele, você não pode conseguir uma imagem falsa — ele será uma catástrofe. Assim, somente aqueles que são muito valentes podem se aproximar de Jesus. É necessária a maior coragem para se aproximar de um homem como Jesus. Isso significa que você está pronto para dar o salto no abismo, você está pronto para se perder.

Para andar com Jesus na insegurança do desconhecido, sem mapas, no oceano onde a outra margem não está visível, é necessário tremenda coragem. E este é o problema: muito poucos seguirão Jesus. Aqueles que fogem, o perderão, e perderão o próprio significado de suas vidas, porque, lá no fundo, quando você tenta fugir de Jesus, você está tentando fugir de sua própria verdade. Ele não é nada mais do que seu futuro — você é uma semente, ele é a árvore; ele floresceu, ele é seu futuro, é sua possibilidade. Fugindo dele, você está fugindo de sua própria possibilidade suprema.

Mas os que se aproximam, não é certo que irão defrontar-se

com Jesus só por se aproximarem. Aqueles que fugiram, fugiram — acabou-se! Mas aqueles que se aproximam, vivem perto, mas mesmo vivendo perto podem evitar Jesus, porque podem estar perto por razões erradas. Assim, de milhares, poucos o escolherão. E dos poucos que o escolhem, nem todos estarão com ele pelas razões certas. E os que estão com ele pelas razões erradas também o perderão.

Você pode estar com um iluminado por razões erradas. Olhe para as razões pelas quais você busca: por que você vai a um mestre? Quais são suas verdadeiras razões? Você está buscando a verdade? Raramente um homem está buscando a verdade. Você pode estar buscando a felicidade, mas não a verdade. A felicidade acontece quando a verdade é alcançada. Mas se você está buscando felicidade, você não pode alcançar a verdade, porque a felicidade é um subproduto: você não pode alcançá-la diretamente, não há meios — ela vem via verdade. Se você alcançar a verdade, a felicidade virá: ela é uma sombra, ela vem com a verdade. Mas se você busca a felicidade, então, a felicidade não é possível e a verdade é perdida.

De mil buscadores, noventa e nove por cento estão atrás da felicidade. Eles sofreram — a vida foi uma miséria, muito sofrimento: estão buscando o antídoto, estão buscando o oposto. Estar com um Jesus, ou com um Buda, em busca da felicidade é perdê-lo novamente, porque seus olhos estão fechados. A felicidade jamais pode ser o objetivo: ela é alcançada, ela vem automaticamente, você não precisa se preocupar com ela. Ela é sempre um subproduto: você simplesmente cuida da árvore e as flores surgem. Você não precisa ir diretamente às flores — se você fizer isso, você perderá. Se você ficar atrás das flores, você perderá; mas se você cuidar da árvore as flores virão no seu tempo. Você não precisa se preocupar, não precisa nem mesmo pensar sobre elas.

Na sua vida comum também, isso é conhecido, mas você nunca faz disso uma experiência profunda. Sempre que você está

feliz... você tem estado feliz em alguns momentos; é difícil encontrar um homem que não tenha sido feliz ao menos por alguns momentos — porque se você nunca foi feliz, nem por alguns momentos, se você jamais provou da felicidade, então, você não pode buscar por ela. Por que você buscaria por felicidade? Sem a ter provado, como você poderia fazer dela um objetivo? Você já a saboreou. Ela foi momentânea, um vislumbre — e, então, novamente, a escuridão; um vislumbre — e, então, novamente, a angústia. A manhã vem apenas por um momento e, então, a meia-noite novamente. Você já a saboreou, mas você não entrou nela. Como isso acontece? Tente penetrar nisso.

Sempre que você se sente feliz, você não estava procurando por isso. Esta é a primeira coisa básica sobre a felicidade: ela acontece quando você está procurando por alguma outra coisa. Por exemplo: você já ouviu a história de Arquimedes. Ele estava em busca de uma verdade científica. Ele trabalhou, experimentou, pensou, ponderou sobre aquilo tudo muitos dias e noites. Ele se esqueceu de si mesmo. Certo dia então, de repente, quando estava tomando banho deitado em sua banheira, aconteceu, veio à tona — ele descobriu. Ele estava nu, mas se esqueceu de que estava nu. Quando você fica feliz, você se esquece de si — se você não pode se esquecer de si mesmo, você não fica feliz. A felicidade acontece somente quando você não existe.

O problema estava resolvido, toda a tensão relaxou. Arquimedes correu para a rua gritando: "Eureka! Eureka! Eu descobri, eu descobri!". As pessoas pensaram que ele tinha ficado louco. Elas sempre tinham suspeitado daquele homem, daquele Arquimedes. E agora as suspeitas estavam confirmadas. "Pensar demais é ruim!" — elas sempre tiveram essa opinião, e aquele homem vivia pensando demais. Agora ele tinha ficado louco e estava gritando "Eureka!" pela rua afora — "Descobri!"

O que aconteceu? Como ele ficou extasiado naquele momento! E não se tratava da suprema verdade, era apenas um

problema comum. Agora ele é comum — uma vez descoberta, as verdades científicas tornam-se comuns, ordinárias. Mas ele descobriu! Nesse momento de descoberta toda a tensão relaxou e ele ficou tão feliz, tão extático, que se esqueceu de si mesmo. Sempre que você fica feliz, a primeira coisa básica é se lembrar de que você estava procurando uma outra coisa, não a felicidade. Se você buscar a felicidade diretamente, você a perderá para todo o sempre. Ela é um subproduto: você fica envolvido na busca de alguma coisa e, então, essa alguma outra coisa é descoberta. A descoberta o torna tão preenchido, todo o esforço relaxa, toda a tensão acaba: você fica à vontade, em paz, tranquilo, e você se sente cheio de felicidade. A felicidade é um subproduto.

A segunda coisa a ser lembrada: se você a persegue, como você pode se perder? Aquele que a persegue jamais pode se perder: o ego permanece, você permanece um ponto de referência. Sempre que a felicidade acontece, você não está presente. Lembre-se dos momentos de felicidade: você não estava presente. Ela pode ter acontecido em profundo amor, pode ter acontecido numa descoberta, ou pode ter acontecido simplesmente quando você estava jogando cartas, mas você estava tão perdido... de repente a onda! Qualquer coisa pode dispará-la, mas uma busca direta é perigosa, porque você a perderá.

Se você vai a um mestre em busca de felicidade, você está perto dele por razões erradas. E, então, você permanece escondido na sua razão errada. Você permanece fisicamente perto, mas espiritualmente há muita distância. Seus olhos estão cegos, você não será capaz de conhecer aquele homem — Jesus ou Buda. É impossível, porque seus olhos estão obliterados com objetivos errados.

Ou você pode nem mesmo estar em busca da felicidade, há objetivos ainda menores. Você pode estar próximo de um mestre para alcançar poder, pode estar perto dele para alcançar algum *siddh* (poder pessoal), pode estar perto dele para alcançar um estado

mais egoístico. Então, você o perderá completamente. Há objetivos ainda menores. E, quanto mais baixo o objetivo, maior a possibilidade de haver perda, porque, então, você estará mais cego ainda. Você pode estar perto dele por razões muito comuns, como buscar saúde. Você está doente e Jesus irá curá-lo; ou você é pobre e Jesus lhe dará dinheiro — suas bênçãos se tornarão dinheiro para você. Ou você não tem filhos e ele pode lhe dar filhos.

Quanto mais baixo o objetivo, mais você perderá, porque quanto mais baixo o objetivo, mais você está no vale profundo — e Jesus existe no topo da montanha. A distância vai se tornando cada vez maior e maior. Muitos escaparam, mas entre aqueles que ficaram perto, nem todos chegaram perto tampouco — somente os que vieram pela razão correta. E essa razão correta é a verdade. Mas por que você jamais busca por ela?

A verdade parece ser muito crua, a verdade parece ser muito seca, parece não haver nenhuma urgência em se buscar por ela. A felicidade parece ser de grande valia e, se eu insisto nisso, "Busque a verdade e a felicidade será o subproduto", você pode até concordar em buscar a verdade, porque o subproduto, a felicidade, estará adiante. Mas você ainda está buscando a felicidade. Se você passa a saber que, para buscar felicidade, tem de se buscar a verdade, você pode até começar a buscar a verdade — mas você não estará buscando a verdade: sua mente permanece focada na felicidade. Essa focalização está errada.

Só quando você é um buscador da verdade, você se aproxima de Jesus, de Buda, de Zarathustra; caso contrário você nunca chega perto. Por qualquer outra razão, você pode estar perto fisicamente; espiritualmente, você estará muito, muito, muito distante — haverá vastos espaços.

Agora olhe para essas palavras de Jesus:

Jesus disse a seus discípulos: "Comparem-me e digam-me a quem me assemelho".

Por que Jesus fez essa pergunta? Ele não tem ciência de quem ele é? É para saber, através dos discípulos, quem ele é? Por que ele quer saber quem ele é através dos discípulos? Porque, seja o que for que digam, mostrará por que eles estão perto de Jesus. Você cria a imagem do seu mestre de acordo com o seu desejo. Se você está perto de Jesus porque você está doente, Jesus será o curandeiro. Você vê através do seu desejo, você projeta seu desejo. Se você está ali em busca de poder, então, Jesus é o onipotente, o mais poderoso, porque somente quando ele é o mais poderoso, ele pode lhe dar isso. Se você está buscando imortalidade, se você está buscando um estado de não-morte, se você tem medo da morte, então, a imagem de Jesus refletirá sua busca.

Por que será que Jesus pediu a seus discípulos: "Digam-me quem sou eu"? Ele perguntou apenas para saber o que eles estavam projetando. Se você projeta alguma coisa, você perderá, porque, para se conhecer Jesus ou Buda, são necessários olhos que não projetam. Você não deve projetar nada, você deve simplesmente olhar para o fato. Jesus é um fato, o fato mais vital possível no mundo. Olhe para ele diretamente, imediatamente. Não coloque seus desejos no meio. Não faça de Jesus uma tela — caso contrário, você verá, mas verá seus próprios desejos refletidos.

Jesus disse a seus discípulos: "Comparem-me e digam-me a quem me assemelho".

Simão Pedro disse a ele:

"Vós vos assemeis a um anjo virtuoso".

Esse homem deve ter sido um moralista, um puritano. Esse homem deve ter se sentido culpado por sua imoralidade, porque o que quer que você diga sobre os outros nunca mostra nada sobre os outros, simplesmente mostra algo sobre você. O que quer que você

julgue não é um julgamento sobre os outros, é um julgamento sobre você.

Jesus diz sempre repetidamente: "Não julgueis!" — porque todos os seus julgamentos vão ser errados, você estará presente. Um ladrão é um pecador para você. Por quê? Porque você está muito apegado à sua propriedade privada. Isso não mostra nada sobre o ladrão, simplesmente mostra sua possessividade.

Ouvi contar que certo inglês morreu e chegou ao inferno. O Diabo perguntou-lhe:

— Que tipo de inferno você prefere?... Porque temos todas as espécies de inferno aqui: o inglês, o alemão, o chinês, o russo, o indiano...

O inglês disse:

— Claro que o indiano!

O Diabo ficou espantado. Ele perguntou:

— Você parece ser inglês; então, por que escolhe o indiano?

Ele respondeu:

— Eu sou inglês, mas estive na Índia e sei bem que no inferno indiano o aquecimento não funciona!

Sua mente acumula experiência. Seja o que for que você diga sobre o inferno ou o céu ou sobre outras pessoas, é a fala da sua experiência: é você refletido em cada palavra que afirma. Esse Simão Pedro disse: "Vós vos assemelhais a um anjo virtuoso".

Ele está dizendo duas coisas; primeiramente, 'virtuoso' — ele deve ter tido muito medo do erro, deve ter tido medo do pecado, deve ter tido medo de ser imoral. O oposto, ele projeta sobre Jesus — é por isso que ele está com Jesus.

Lembre-se de uma coisa: os opostos se atraem. Se você é um homem, você é atraído por uma mulher — e esse é o problema! Porque ela é o oposto — eis por que ela é atraente. Mas viver com uma mulher será difícil, porque ela é o oposto. É assim que surge a

miséria do casamento: ele começa com a atração pelo oposto, mas, quando você tem de viver com o oposto, então, há problemas — porque, de todos os modos, ela é o oposto. A lógica que ela tem, é totalmente diferente da sua. Um homem jamais chega a compreender uma mulher. É impossível compreendê-la, porque um homem pensa como homem e uma mulher pensa como mulher — os dois têm dimensões diferentes. Uma mulher é mais intuitiva, não é lógica: ela pula para as conclusões. E quase sempre ela está certa! Isso traz problemas. Ela não pode convencê-lo; ela não pode convencê-lo seja o que for que diga, porque ela não tem nenhuma lógica sobre aquilo. Mas ela tem insight, olha imediatamente.

Certa vez, Mulla Nasruddin foi apanhado pela lei. Ele olhou para o júri: os doze jurados eram mulheres. Então, ele disse ao juiz:

— Eu confesso! Porque eu não posso enganar uma única mulher em casa. Imagine as doze neste júri! Impossível! Eu cometi esse pecado. Pode me dar punição.

Todo marido sabe que é difícil enganar uma mulher. Seja qual for o plano, tudo sai errado na hora em que você chega em casa. A esposa simplesmente o pega, bate exatamente na ferida. Ela própria não tem ciência de como funciona: seu funcionamento é diferente.

Uma mulher jamais pode compreender um homem. Esta também é a razão da atração de um pelo outro, porque somente os mistérios atraem. Mas viver com alguém que você não pode compreender fatalmente criará problemas, então, haverá brigas. Assim, onde quer que haja amor, acontecem brigas continuamente — a cada momento, uma briga.

Os opostos se atraem: se você é uma pessoa avarenta, você será atraído por um homem que renunciou. Você irá a um santo que tenha renunciado a tudo, se você for uma pessoa avarenta. E será muito difícil, porque isso cria muitos problemas.

Vejam os *jainas* na Índia: eles são os mais ricos — e riqueza não vem sem avareza, você tem de ser avarento — mas eles adoram santos que renunciaram a tudo. Eles não permitirão que seus santos usem sequer roupas. Não, isso também não é permitido. O autêntico santo *digambar jaina* deve permanecer nu, sem nenhuma posse, nem mesmo roupas. Ele possui somente seu corpo, isso é tudo. Ele tem de comer com as mãos; não pode se alimentar duas vezes, uma vez é suficiente. Ele dorme no chão — e é por isso que ele é chamado de *digambar*. O céu é sua única casa, seu único teto. Mas por que esse fenômeno? Por que isso acontece?

Maomé falava sobre paz: a palavra 'islã' significa "paz". Mas olhe para os muçulmanos: eles têm sido as pessoas mais violentas sobre a terra. Por que elas foram atraídas para Maomé e para a religião da paz? Os opostos se atraem. O oposto é sempre atraente, porque esse é o padrão básico do sexo, e esse padrão básico do sexo o segue em todo lugar, seja o que for que você faça.

Esse Simão Pedro disse a Jesus: "Vós vos assemelhais a um anjo virtuoso". Esse homem deve ter se sentido culpado por sua imoralidade — correta ou erradamente, mas ele se sentiu culpado. Ele foi atraído para Jesus, porque Jesus se assemelhava a um anjo: puro, inocente, jamais tinha cometido um pecado. Eis por que os cristãos continuam insistindo em que ele nasceu de uma mãe virgem, o que é um absurdo! Por que eles insistem em que ele nasceu de uma mãe virgem? Porque o sexo parece imoral. E se você nasce da imoralidade, como você pode se tornar moral? Impossível! Se a própria fonte está envenenada, então, como você será moral? Você pode tentar, mas jamais pode ser perfeito. A imoralidade deve ser cortada na própria fonte. Desse modo, a insistência deles em que Jesus nasceu de uma mãe virgem.

Ninguém nasce de uma mãe virgem — isso está absolutamente errado, não pode acontecer! Mas eles insistem, eles dependem disso. Se finalmente ficar provado que Jesus teve um pai, então, os cristãos o abandonarão, fugirão imediatamente: "Esse

homem é exatamente como nós! Nós somos imorais, nascemos do pecado. E, se ele também nasceu do pecado, então, qual é a diferença?".

Vós vos assemelhais a um anjo virtuoso.

Os anjos são símbolos da absoluta perfeição, de pureza, de inocência. Isso mostra algo sobre Simão Pedro. E Simão Pedro tornou-se a pedra fundamental de toda a igreja cristã, ele tornou-se a base. Desse modo, a igreja cristã está continuamente envolvida com o que é moral e com o que é imoral. A igreja como um todo se tornou uma moralidade, não uma religião. Esse Simão Pedro é a raiz causal: ele criou a culpa, porque quando quer que haja demasiado interesse no que é errado e no que é certo, você se torna culpado — porque a vida não sabe nada disso.

A vida é absolutamente amoral. Ela não é nem moral nem imoral, ela é amoral. Ela não sabe nada do que é errado e do que é certo. Ela anda em ambas as direções, ela é os dois lados juntos. Um rio na enchente — de que você o chamará? De moral ou de imoral? Milhares de aldeãos são afogados, milhares de pessoas morrem, milhares ficam sem casa. De que você chamará esse rio na enchente? De mau? Não, você não usa essa palavra, porque você sabe que o rio não sabe o que é bom, o que é mau. E Deus existe no rio tanto quanto em você. Uma árvore cai onde um santo está meditando e ele morre. De que você chamará essa árvore — de pecadora, de assassina? Essa árvore terá de ser apresentada à justiça? Não, você simplesmente diz: "Isto é uma árvore. Nossa moralidade — pecado ou não-pecado — não se aplica a esta árvore".

A moralidade é criação do homem, Deus parece ser amoral. Toda a existência é amoral. Amoral quer dizer nenhum dos dois — ou os dois. Mas se você for até Jesus com uma atitude moralista, você o perderá. São Pedro, esse Simão Pedro, perdeu Jesus

completamente. Ele estava em busca de um homem moral: ele estava em busca de um santo, não em busca de um sábio.

E esta é a diferença entre um santo e um sábio: um sábio é tão amoral quanto a vida, ele tornou-se um com a vida, ele não pensa em termos de opostos; um santo escolheu o certo, negou o errado — ele é meio vivo, ele não assumiu a vida por inteiro. Um santo não é realmente religioso, porque um homem religioso aceitará a vida como ela é. Ele não negará, porque, seja o que for que você negue, é uma negação de Deus. Se você nega, você estará tentando provar que é melhor do que Deus. Olhe: Deus criou o sexo — caso contrário, quem o teria criado? — e você o nega. Então, você pode tornar-se um santo, mas sua santidade será apenas moral, não poderá ser religiosa.

Os hindus compreendem isso muito bem. Se você voltar aos dias dos *Vedas*, os *rishis* (poetas da consciência) viviam umas vidas muito comuns: eles tinham esposa, filhos; eles eram domésticos, não tinham renunciado a nada. A renúncia vem com os Jainas e os budistas. Os *rishis* sempre viveram de um modo comum, porque eles sabiam, eles sabiam que a vida tem de ser aceita em sua totalidade: nada tem de ser negado, tudo tem de ser aceito. Isso é o que 'teísmo' realmente quer dizer, o que *astik* quer dizer. Aquele que diz "sim" ao todo da vida — ele não é uma pessoa negativa. Esse São Pedro pode se tornar um bom padre, pode se tornar um santo, mas não pode se tornar um sábio. Ele tem suas próprias concepções, eis por que ele foi até Jesus.

Quando você está cheio de conceitos morais, o que você faz? Você se condena, porque há coisas que não são dissolvidas apenas por se dizer que são erradas; elas permanecem. Esse homem ficará atraído pelas mulheres; elas são belas, e o desejo existe — trata-se de um presente de Deus. Ele está no fundo de cada um de seus poros, cada uma de suas células do corpo. Os cientistas dizem que há sete milhões de células no corpo, e cada célula é um ser sexual. Todo o seu corpo é um fenômeno sexual! Seja o for que você faça — você

pode fechar seus olhos, você pode fugir para os Himalaias, mas a beleza sempre o atrairá.

Uma flor parece tão bela — você já observou? Isso também é sexual. Um pássaro cantando na manhã, próximo da casinha de um santo ou de um eremitério parece tão belo! Mas você já observou que esse canto do pássaro é um convite sexual? Ele está chamando a parceira, procurando a parceira, a amante. O que é uma flor? Uma flor é um fenômeno sexual, uma flor é simplesmente um truque — porque a árvore não pode se mover, suas células sexuais têm de ser carregadas por abelhas, borboletas e similares até outra árvore. Lembre-se: há árvores fêmeas e árvores machos, e elas não podem andar, porque estão enraizadas na terra. A flor é um truque para atrair as abelhas, as borboletas e outros insetos: eles pousarão sobre a flor e, com as abelhas, a semente sexual irá adiante; então, elas irão até a planta feminina e aquela semente cairá lá.

Onde quer que haja beleza, há sexo. O todo da vida é um fenômeno sexual. O que se pode fazer? Você pode rejeitar o sexo — isso está em suas mãos — mas, se você o rejeita, você sente culpa, porque lá no fundo o que foi reprimido permanece. Você continuamente sente culpa: algo está errado. Você não pode ser feliz com a culpa, lembre-se disso, você não pode dançar com a culpa. A culpa o paralisará: aonde quer que você vá, você não pode rir, não pode mover-se em êxtase, porque você sempre terá medo do que está reprimido.

Se você dançar, cantar, se você se sentir cheio de felicidade, o que acontecerá com o que está reprimido? Pode vir à tona; assim, você tem de, constantemente, ficar de olho. Você se torna um vigia, não um mestre da sua vida, não alguém que desfruta a vida: você se torna apenas um vigia. E a coisa toda fica feia, porque há conflito, conflito contínuo — Sua energia é dissipada numa luta interna. E esse tipo de homem, que reprimiu seu próprio ser de algum modo, sempre olhará para os outros com olhos condenatórios — está fadado a ser assim.

É muito difícil viver com um moralista, porque seus olhos o estão condenando continuamente: você está errado porque tomou chá. Você está tomando chá? Então, você será jogado no inferno — você não pode beber chá. Realmente, qualquer coisa que possa lhe dar prazer... No ashram de Gandhi, você não tinha permissão de saborear o alimento — *aswad*, sensaboria, era o princípio a ser seguido; você podia comer, mas não devia saborear.

Por quê? Por que ser contra o sabor? Porque o sabor traz prazer, e os santos são contra o prazer. Você não pode encontrar um santo rindo, ou mesmo sorrindo — impossível. Ele tem um ar triste, sempre condenando a si mesmo e aos outros. Toda sua vida é doente, ele não pode ser feliz.

Esse Simão Pedro é simbólico. Ele disse: "Vós vos assemelhais a um anjo virtuoso". Ele está dizendo: "Eu vim até você porque você é puro: nascido de uma mãe virgem, que jamais se casou, que jamais desfrutou a vida, que nunca viveu. Você é puro; assim, eu o vejo como um anjo".

Mateus lhe disse: "Vós vos assemelhais a um sábio de compreensão".

Esse Mateus não está em busca de moralidade, esse Mateus está em busca de conhecimento — mais científico. E Jesus parece ser um homem de compreensão. Ele pensa que pode conseguir, deste homem, algumas chaves sobre os mistérios da vida: "Esse homem tem algumas chaves. Ele sabe, posso conseguir informações dele". Mateus está em busca de conhecimento.

Mas quando você for a Jesus ou a um homem como Jesus, não vá em busca de conhecimento. Jesus parece um sábio, porque, seja o que for que ele diga, atinge diretamente; seja o que for que diga soa verdadeiro. O que quer que diga é muito significativo, mas você está prestando muita atenção às suas palavras, e não a seu ser. Esse Mateus é um pândita, um erudito: ele está em busca de

princípios, teorias, sistemas, filosofias. Se você vier a Jesus com tal mente, você o perderá, porque Jesus não é um homem de conhecimento — ele é um homem do ser. E qual é a diferença?

O conhecimento é superficial, tomado emprestado, morto. Este homem está vivo, absolutamente vivo! Este homem não tem nada tomado emprestado de ninguém — ele realizou a si mesmo. Ele pode compartilhar seu ser com você, e você é um tolo se leva apenas as palavras dele. Essas palavras podem ser levadas de livros, não há nenhuma necessidade de se ir até Jesus. Uma biblioteca seria melhor: há mais conhecimento — acumulado durante séculos — em uma biblioteca.

Você vem a este homem onde seu ser pode saciar sua sede e você simplesmente leva palavras! Você vem a um imperador e ele está dizendo "peça, e eu lhe darei", e você pede somente pedaços de pão e vai embora feliz! Todo o império estava a seus pés, bastava pedir — e você leva palavras, aprende teorias, torna-se um teólogo! Esse Mateus é a raiz dos teólogos cristãos.

E, assim, toda a igreja ficou emaranhada em duas coisas — eis por que esses dois são mencionados. Pedro tornou-se a base da moralidade da igreja — anti-sexualidade — e ainda continua sendo a base; e Mateus tornou-se a base da teologia, e continua sendo a base. O cristianismo está envolvido com essas duas coisas, não com o Cristo, absolutamente: com moralidade — o que é errado e o que é certo — e com a teologia, as teorias sobre Deus. Teologia significa teorias sobre Deus — e não pode haver nenhuma teoria sobre Deus!

Deus não é uma teoria, não é uma hipótese que tem de ser provada ou refutada: não é algo sobre o qual se possa argumentar. E quando Jesus estava presente, você poderia ter encontrado Deus. Deus estava presente, ele tinha penetrado aquele homem — mas a busca por conhecimento é uma barreira. Você não deve buscar conhecimento em Jesus, você deve buscar pelo ser. Mas juntar conhecimento é fácil, porque você não precisa se transformar. Você simplesmente ouve as palavras e as reúne: nenhuma transformação

é requerida da sua parte. Mas se você busca pelo ser, então, você tem de ficar silencioso; então, você tem de estar em profunda meditação; então, você tem de se tornar puro silêncio, uma presença. Somente então, Jesus pode jorrar seu ser em você.

Esse Mateus lhe disse: "Vós vos assemelhais a um sábio de compreensão".

Jesus não é um sábio. Ele é a própria sabedoria, mas não um sábio — porque você pode ser sábio sem tornar-se iluminado. Há sábios assim: Confúcio era um sábio, mas não iluminado. Manu era um sábio, mas não iluminado. Buda era iluminado, Lao Tzu era iluminado: a sabedoria deles vem de uma fonte totalmente diferente. Eles alcançaram o próprio centro da vida — eles conheceram. O conhecimento deles não é via intelecto, o conhecimento deles é via ser. Eis por que eu chamo Jesus de um homem do ser, não de um homem de conhecimento.

Sabedoria, você pode reunir via experiência — qualquer idoso se torna sábio. Até um tolo se torna sábio, porque dizem que, se você persistir na sua tolice, você se tornará sábio. O tempo pode lhe dar sabedoria; vivendo a vida, cometendo erros, desviando-se, retornando... Muitas experiências reunidas, e você se torna sábio.

Jesus não é sábio nesse sentido: não era idoso, tinha apenas trinta anos, era um homem muito jovem. Na verdade ele não tinha muita experiência de vida — não era um sábio nesse sentido. Mas ele conheceu algo, algo que é a própria base da vida. Ele não se moveu pelos ramos da árvore da vida, ele chegou à raiz. Isso é uma coisa totalmente diferente — e Mateus perderá isso. Ele reunirá anotações: o que quer que Jesus diga, ele irá coletar. Ele criará um evangelho disso, desenvolverá teorias.

Esses dois homens o perderam completamente.

Tomé, o terceiro, que é quem está reportando essas palavras de Jesus, é o discípulo mais próximo. Mas essas palavras não estão

incluídas na Bíblia, porque Jesus e seus discípulos mais próximos têm de ser excluídos — são perigosos.

Tomé lhe disse: "Mestre, minha boca não será capaz de dizer com quem vos assemelhaiis".

"É impossível dizer. Você são tantas coisas, você é tanto — é tão transbordante, tão multidimensional. Minha boca não será capaz de dizer. Sou incapaz de dizer qualquer coisa, as palavras não são suficientes. Você não pode ser comparado a ninguém, você é incomparável. E seja o que for que eu diga estará errado, porque não será suficiente. As palavras são muito limitadas, e você é vasto!".

Assim, Tomé diz: "Mestre, minha boca não será capaz de dizer com quem vos assemelhaiis. Não, impossível! Não direi nada, porque isso não pode ser dito. Não podeis ser aprisionado nas palavras, sois inexpressável!".

Tomé chega perto, mas mesmo o mais perto está muito distante, há uma lacuna.

Existe uma história similar com Bodhidharma. Ele viveu na China durante nove anos. Ele ensinou as pessoas, muitos meditaram, muitos chegaram cada vez mais e mais perto e, quando ele estava indo embora, ele pediu a seus quatro discípulos que dissessem algo sobre o *dharma*, que dissessem algo sobre a verdade. Os três primeiros são exatamente como esses três: Simão Pedro, um homem da moralidade — o mais superficial; depois Mateus, um homem em busca de conhecimento — um pouco mais profundo do que Simão, mais ainda assim muito distante; depois Tomé, que disse "eu não posso dizer nada".

Mas Bodhidharma foi mais afortunado do que Jesus, porque havia um quarto, que realmente permaneceu em silêncio. Ele nem mesmo disse isto: "Eu não posso dizer". Porque, quando você diz "eu não posso dizer", você já disse algo; isso deve ser compreendido.

O quarto permaneceu absolutamente silencioso. Ele simplesmente olhou nos olhos de Bodhidharma, curvou-se a seus pés, e Bodhidharma disse: "Um tem meus ossos, um outro tem minha carne, um outro tem meu sangue — e você é minha medula". Esse quarto não chegaria a dizer nem o tanto que Tomé disse. Ele chegou mais perto, ele tornou-se a medula.

Jesus não foi tão afortunado assim. Há razões: o clima não era bom, a situação era absolutamente diferente. A China tinha conhecido Lao Tzu, mas os judeus jamais conheceram um homem como Lao Tzu. Lao Tzu criou o próprio solo no qual a semente de Buda brotou tão belamente. Quando Bodhidharma foi para a Índia, o solo já estava pronto. Ele tinha sido arado por Lao Tzu, Chuang Tzu — fenômeno raro! E, então, a semente de Buda foi trazida por Bodhidharma. Ela desabrochou belamente, floresceu belamente. Jesus não foi tão afortunado, o solo não estava pronto. Tinha havido profetas na cultura judaica, mas não sábios como Lao Tzu e Chuang Tzu. Tinha havido santos; assim, Simão Pedro estava disponível. Tinha havido moralistas, porque Moisés havia colocado a moralidade na própria base da cultura judaica: os Dez Mandamentos — eles são a base.

Houve homens como Simão Pedro, porque nada existe sem causa, nada existe sem uma longa tradição. Um Simão Pedro não é apenas um acidente, uma longa história é necessária atrás dele. Moisés é a causa mais profunda, a raiz de onde Simão Pedro veio: os Dez Mandamentos, a atitude moral em relação ao mundo, em relação à vida. Mas não houve nenhum homem como Lao Tzu que dissesse: "Todas as distinções são falsas: no momento em que se diz 'isto é bom e isto é mau', você dividiu a vida e a matou". — ele era um homem que era a favor do todo, não a favor da divisão. Bodhidharma foi afortunado, e essa é a razão de ele ter quatro discípulos, não três.

Na cultura judaica, no máximo Tomé era possível. Olhe para o fenômeno de Tomé, o que ele está dizendo — e este é um dos

problemas básicos. Há pessoas que dizem "nada pode ser dito sobre Deus", mas eles já estão dizendo algo. Mesmo que você diga "nada pode ser dito sobre Deus", você já disse algo. Se você estiver correto, então, você cometeu um erro. Se você estiver correto — nada pode ser dito — então, isso não deveria ter sido dito tampouco; você deveria ter permanecido completamente silencioso. Você criou um dilema: de um lado, você diz que nada pode ser dito, mas, se esse tanto pode ser dito, então, por que não um pouco mais? Qual é o problema? Se esse tanto pode ser afirmado, então, por que não mais? Se uma afirmação é possível, então, mais afirmação torna-se possível.

Eis por que Buda permaneceu absolutamente silencioso. Ele não disse nem mesmo "nada pode ser dito sobre Deus". Ele não disse nem esse tanto. Você perguntava sobre Deus e ele falava de outra coisa. Você perguntava sobre Deus e ele não ouvia — como se você não tivesse perguntado sobre Deus. Ele simplesmente abandonava o assunto, falava de outra coisa. Ele não diria nem esse tanto, que nada pode ser dito, porque isso é absurdo. Então, por que você está dizendo isso? Até através da negação nós indicamos algo. Não somente uma afirmação positiva é uma afirmação; a afirmação negativa também é uma afirmação.

Você diz: "Deus não tem nenhuma forma". O que você quer dizer? Você o conheceu? E você o conheceu tão totalmente, que possa dizer "ele não tem nenhuma forma"? Se você o conheceu totalmente, então, ele tem forma. Por exemplo, você diz que este oceano não pode ser medido: ele é muito profundo, não pode ser medido. Então, há somente duas possibilidades: ou você o mede, porque somente então você pode dizer que ele é tão profundo que não pode ser medido; ou, se você não o mediu, como pode dizer que ele é tão profundo que não pode ser medido? Até mesmo a profundidade é mensurável — tem de ser, ela não pode ser imensurável: por mais profunda que seja, ela pode ser medida.

Quando você diz "Deus não tem nenhuma forma", você foi até suas fronteiras e viu que não há nenhuma forma? Porque, se você chegou às suas fronteiras, ele tem forma. E se você não chegou até suas fronteiras, então, não diga que ele é sem forma, porque ele pode ter forma. Quando você chega até as fronteiras, somente então você pode saber. Assim, os que realmente toparam com Deus — é um encontro por acaso — aqueles que caíram dentro dele, não dirão nada, nem mesmo isto, porque isto é contraditório.

Um dos lógicos mais penetrantes deste século, Wittgenstein, escreveu uma bela frase. No seu livro *Tractatus Lógico Philosophicus*, ele tem muitas afirmações belas. Esta é a melhor; ele diz: "Nada deve ser dito sobre algo que não pode ser dito. Se nada pode ser dito sobre uma coisa, deve-se permanecer silencioso".

Tomé chega mais perto, mas permanece distante. Ele ainda tentou dizer, tentou expressar o inexpressável.

Tomé disse a Jesus: "Mestre, minha boca não será capaz de dizer com quem vos assemelhais".

Jesus disse: "Eu não sou seu mestre "...

"... porque ninguém me compreende; assim, como eu posso ser seu mestre?"

Se você compreende, só então você pode ser um discípulo. Se você compreende, só então você pode entrar no templo. Se você compreende, só então você pode entrar no ser do mestre.

Jesus disse: "Eu não sou seu mestre "...

Para todos os três ele está dizendo: EU NÃO SOU SEU MESTRE. Tomé chegou mais perto, mas ainda assim perdeu. Ele é o melhor, mas ainda não perfeito — apenas aproximadamente o melhor. Ele chegou mais perto, mas ainda há uma barreira: ele ainda acredita nas palavras, pois tenta expressar o que não pode ser expresso.

Eu não sou seu mestre...

... porque vocês estão embriagados, estão embriagados com a primavera borbulhante que já ultrapassei.

Aqui ele está afirmando uma profunda verdade. Ele está dizendo: "Vocês três estão falando a partir da mente — a primavera borbulhante que já ultrapassei — de onde eu fui além: ultrapassei. Vocês ainda estão falando a partir da mente: um está falando através da mente moralista, um outro está falando através da mente teológica, o terceiro está falando através da mente mística — mas ainda assim, tudo faz parte da mente. E se vocês falam a partir da mente, eu não sou seu mestre... porque toda a ênfase é esta: abandone a mente!".

É nisto que um mestre sempre insiste: Abandone a mente! E você usa um truque: você começa a falar sobre o mestre a partir da mesma mente que ele está insistindo para você abandonar. Eis por que eu digo que Bodhidharma foi mais afortunado: ele teve um discípulo que permaneceu silencioso, não respondeu.

Tem havido mestres mais afortunados. Um deles foi Rinzai. Ele perguntou a mesma coisa — porque, na verdade, é a mesma história que se repete sempre: Buda e seus discípulos, Jesus e seus discípulos, Bodhidharma e seus discípulos, Rinzai e seus discípulos — a história é a mesma. Ela não pode ser diferente, porque o relacionamento é o mesmo, o fenômeno é o mesmo. Rinzai foi até mais afortunado. O que aconteceu? Quando ele perguntou a seu discípulo principal, "diga algo sobre a verdade", o que o discípulo fez, você sabe? Você nem pode conceber. Ele deu uma bofetada no mestre! E o mestre riu e disse: "Certo, você agiu bem, porque, como alguém pode responder a uma pergunta quando a própria pergunta é errada?".

E este é o mestre mais afortunado! Como você pode responder uma pergunta quando a própria pergunta está errada? O discípulo está dizendo: "Não seja tolo, não faça joguinhos comigo,

não tente me colocar num quebra-cabeça. Não me jogue num absurdo ilógico, porque, se eu responder, estará errado e, se não responder, também será errado — porque um mestre está perguntando. Se eu responder, será errado, porque a natureza da verdade é de tal ordem, que não pode ser expressa; se eu não respondo, será indelicado — um mestre está perguntando; eu tenho de responder". Foi isso o que ele disse quando esbofeteou o mestre. Rinzai riu e disse: "Certo! Quando um discípulo pode esbofetear o mestre, ele mesmo se tornou um mestre por direito próprio. Agora vá e ensine aos outros".

Jesus disse: Eu não sou seu mestre, porque vocês estão embriagados, estão embriagados com a primavera borbulhante que já ultrapassei.

Vocês ainda são todos bêbados, bêbados com a mesma loucura da mente! A mente é a fonte de toda loucura — pode haver graus, mas todos que têm mente são mais ou menos loucos. A mente é equivalente à loucura. Você pode não ser muito louco, pode ser apenas mornamente louco; então, você não fica fervendo, evaporando — ninguém fica pensando em mandá-lo para o hospício. Você está apenas mornamente louco, um louco viável: você pode trabalhar, pode andar por aí e manter sua loucura internamente. Um homem vai além da loucura somente quando vai além da mente. Eis por que Jesus diz que vocês estão bêbados: ... estão embriagados com a primavera borbulhante que já ultrapassei. Vocês três estão falando da mente. Vocês não olharam para mim, porque, quando se olha, a mente não está presente.

Não venha com a mente até um mestre. É estupidez, porque, se você vem com uma mente a um mestre, você não vai se aproximar dele. Você não alcançará o *satsang*, você não estará na sua presença; você ficará preenchido com a sua mente, ficará bêbado com a sua mente. Enquanto ele estiver presente, você ficará pensando, tagarelando. Por dentro, a mente continuará dando

voltas e voltas e criará um muro, e será impossível para Jesus penetrá-lo.

E ele pegou Tomé... — porque ele era o mais próximo, o melhor —... afastou-se com ele e lhe disse três palavras.

Então, quando Tomé retornou aos companheiros, estes lhe perguntaram: "O que Jesus lhe disse?".

Jesus teve de trabalhar com o segundo melhor; o melhor não estava disponível. Tomé foi escolhido. Ele o pegou e lhe disse três palavras.

Quando Tomé retornou aos companheiros, estes lhe perguntaram: "O que Jesus lhe disse?".

Eles ainda estão interessados no que Jesus disse, não no que Jesus é. Eles ainda estão interessados em conhecimento, nas palavras, não interessados no ser.

Tomé respondeu:

Se eu lhes disser uma das palavras que ele me disse, vocês pegarão pedras e as jogarão contra mim; e o fogo sairá das pedras e os consumirá.

Isso é muito misterioso. Aquelas três palavras não foram registradas, e Tomé nunca disse aos outros discípulos quais eram aquelas três palavras. Mas ele deu indicações — porque, quando você não está preparado, somente indicações podem ser dadas; quando você não está preparado, somente índices podem ser dados. Se você é realmente um pesquisador, através dos índices você chegará ao segredo. O segredo final não pode ser dado, você tem de estar preparado para ele, Quanto mais preparado você está, mais ele se revela. Ele dá índices; assim, tente compreender os índices.

Se eu lhes disser uma das palavras que ele me disse, vocês pegarão pedras e as jogarão contra mim; e o fogo sairá das pedras e os consumirá.

Uma coisa ele diz: "Se eu disser mesmo uma única palavra" — Jesus disse três, mas... "Se eu Ihes disser mesmo uma única palavra, vocês imediatamente começarão a me jogar pedras". O que ele quer dizer?

O homem vive em mentiras — todo homem, porque as mentiras são muito convenientes, confortáveis. A verdade é dura, inconveniente, nada confortável. Mentir é como ir para baixo — vai-se facilmente, com pés dançantes. A verdade é ir para o alto, para cima — é difícil, árduo, você transpira, não é confortável. Mentiras são convenientes, confortáveis, porque você pode criá-las, pode inventá-las. Você pode inventar sua própria mentira para ajustá-la a você, mas você não pode inventar a verdade. Este é o problema, a fricção.

Você pode inventar mentiras: você vai ao alfaiate e ele faz a roupa para você; você pode criar mentiras para você, assim como roupas, mentiras que se ajustam a você. Mas a verdade não vai se ajustar a você, você não pode inventá-la: você terá de se ajustar à verdade — você é que terá de sofrer o corte. A verdade não pode ser cortada, como uma roupa. Para se ajustar à verdade, você terá de mudar. As mentiras são belas, porque você não precisa mudar — você simplesmente muda a mentira e ela se ajusta a você. Ela é muito confortável, ela se agarra a você, nunca o obriga a mudar, você pode permanecer estático, estagnado.

A mentira está sempre com você, nunca contra você. E a verdade — a verdade não se importa: se você quer ser verdadeiro, você tem de mudar a si mesmo. A verdade não pode ser inventada, ela tem de ser descoberta — ela já é existente. Eis por que o homem vive em mentiras, porque você pode inventar suas próprias mentiras.

Cada país tem suas próprias mentiras, cada raça tem suas próprias mentiras, cada religião, igreja, templo, *gurudwara*, tem suas próprias mentiras, E elas são muito confortáveis, elas se agarram a você — elas o protegem da verdade. Eis por que, sempre que a

verdade é afirmada, você começa a jogar pedras no homem que a afirma: porque se ele é verdadeiro, toda a sua vida é falsa. Isso é muito difícil de aceitar — você investiu muito na mentira, você viveu por ela. Seus sonhos são tudo que você conseguiu, suas mentiras são tudo o que você conseguiu e aí vem alguém e joga uma verdade...!?

Assim, há somente duas possibilidades: ou você está pronto para desmoronar completamente, ou você jogará pedras neste homem, porque atirando pedras neste homem, você não permitirá que a verdade dele despedace suas mentiras — você poderá se mover novamente em meio a suas mentiras.

Os psicólogos já chegaram à compreensão de que o homem não pode viver sem mentiras. E no que tange a noventa e nove por cento das pessoas, eles estão certos; sobra um por cento: eles são excepcionais. Freud, Jung, Adler, todos os três grandes descobridores da mente do homem, estão absolutamente em concordância em uma coisa: que, como o homem está, ele não pode viver sem mentiras. Ele precisa das mentiras: elas são uma necessidade básica, como o alimento. Até mesmo mais básica. Você pode viver sem alimento durante três meses, você não pode viver sem mentiras nem mesmo por três segundos — é como a respiração.

Olhe para o tipo de mentira em que você vive! E sempre que alguém apóia sua mentira e a faz parecer uma verdade, você se curva a essa pessoa. Você tem medo da morte; assim, você acredita na imortalidade da alma. Isso é uma mentira para você — você não sabe nada, nem mesmo o ABC sobre a alma; você não sabe se a alma existe ou não, mas você acredita na sua imortalidade. E quando alguém argumenta e prova que a alma é imortal, você se curva para essa pessoa, você presta seus respeitos e diz: "Aqui está um homem que sabe!". O que ele fez? Ele simplesmente apoiou sua mentira; agora ele deu ainda mais vida à sua mentira. Você permanece o mesmo: você não sabe o que é a alma, você nunca se incomodou em

saber disso. Mas a mentira o ajuda a viver. Então, você não tem medo da morte, porque não há morte — a alma é imortal!

Desse modo, um fenômeno muito estranho aconteceu: este país, a Índia, é o mais covarde sobre a terra. Caso contrário, como foi possível se fazer de tão vasto país um escravo durante centenas de anos?... E para raças pequenas como a inglesa — nem mesmo equivalente a uma província! Quinhentos milhões de pessoas sendo escravizadas por trinta milhões de pessoas, parece ilógico. Mas quem quer que tivesse vindo... — hunos, mongóis, turcos, os ingleses — quem quer que viesse, a Índia sempre esteve pronta a ser uma escrava. Por que tanta covardia? E essas pessoas são os "conhecedores de si mesmo", e elas dizem que tem a raiz do conhecimento e sabem que a alma é imortal!

Se a alma é imortal, como você pode ser um covarde? Se a alma é imortal, então, ninguém pode ser mais valente do que você, porque nada vai morrer! Mesmo quando alguém o está assassinando, você não terá medo, porque nada vai morrer. Mas a coisa não é essa — a coisa é exatamente o contrário: a alma é imortal e, contudo, os indianos são os maiores covardes. Na verdade, como eles são covardes, eles escondem sua covardia na filosofia da imortalidade da alma. Essa imortalidade não é conhecimento deles. Buda pode ter conhecido, Yagnavalkya pode ter conhecido, mas isso não é um conhecimento que possa ser transferido.

O autoconhecimento permanece individual. Nenhum país o possui, ele não pode ser uma herança, ele não é uma tradição. Um homem conhece e, quando ele morre, esse conhecimento desaparece do mundo. Ele tem de ser descoberto sempre novamente, e novamente — você não pode torná-lo uma posse.

Esse país é acovardado, mas eles têm uma bela teoria. Eles têm tanto medo da morte, que você nem pode imaginar. Até para conquistar o Everest, os estrangeiros tiveram de vir. Os indianos não se incomodariam, porque todos diriam: "Que tolice você está fazendo? E o que você vai conseguir lá? Por que se colocar em

perigo?". Os indianos estão sempre com medo do perigo. Onde quer que haja perigo, lá eles não irão. E essas pessoas pensam que sabem que a alma é imortal. Não, isso é uma mentira! Não que isso não seja verdade... — para você é uma mentira, e você protege sua covardia com isso.

Olhe! A Índia é um fenômeno... — olhe ao redor. Você não poderá encontrar gente tão avarenta, gente tão miserável, em nenhum outro lugar do mundo. E eles chamam o mundo todo de materialista — um belo truque da mente. Eles são espiritualistas e o mundo todo é materialista. Sempre que olham para um ocidental, lá no fundo eles dizem: "Materialista!". E você não pode encontrar um homem mais materialista do que o indiano. Ele vive por dinheiro, é avarento pelas posses; para ele, é impossível dar qualquer coisa, ele se esqueceu de como dar, ele se apega a tudo. Mas ele chama o mundo todo de materialista. "e nós somos espiritualistas" — uma mentira, uma patente mentira, mas repetida tantas vezes que parece verdade. É falso.

Todo mundo inventa sua mentira particular também. Essas são mentiras públicas; então, você inventa suas mentiras particulares, e vive nelas. Elas o ajudam de certo modo: você pode ser um covarde, mas você pensa em si mesmo como corajoso, e você tenta agir como corajoso. Isso ajuda um pouco, porque realmente, se você é um covarde e se sente um covarde, você irá parar de se mover na vida. Você dirá "sou um covarde"; ficará paralisado.

Assim, os psicólogos dizem que sem mentiras o homem não pode viver — mesmo um covarde se move na vida. E isto acontece quase sempre: seja o que for que você seja, você criará a mentira oposta, e você irá desempenhar o papel de forma exagerada, para fazer os outros acreditarem e para fazer você mesmo acreditar. Você irá desempenhar o papel de forma exagerada — um covarde irá exagerar: ele se tornará um valentão, mas ele é um covarde, caso contrário, não haveria o desempenho exagerado. Ele pode se mover no perigo, mesmo quando não há nenhuma necessidade, só para

mostrar aos outros e para se convencer de que "não sou um covarde". Mas lá no fundo ele tem medo de sua covardia: medroso, ele projeta o oposto.

Um homem sem avareza não renuncia, porque ele não tem necessidade de superatuar. Um homem que não tem medo, não terá uma suposta bravura, porque ele não precisa superatuar. Um homem que chegou a compreender o seu ser, não ficará nem num extremo nem no outro. Ele será equilibrado, sua vida será um equilíbrio.

O que você acha? Um Buda está andando e surge uma cobra. O que ele fará? Ele simplesmente salta fora do caminho! De que você o chamará, de covarde ou de valente? Ele é apenas um homem sensível, um homem de compreensão. Você preferiria um homem que permanecesse ali, sem se incomodar com o que a cobra fosse fazer — a cobra pode picá-lo, mas ele permanece ali. Você chamará esse homem de valente. Mas ele é tolo, não valente. E lá no fundo ele deve ser um covarde: para esconder sua covardia, ele permanece ali.

Mas, se você vir Buda saltando para fora do caminho da cobra, você sentirá: "Que tipo de homem eu estive seguindo? Ele é um covarde!" Ele não é um covarde. Quando a cobra aparece, a pessoa tem de sair do caminho. Isso é simples inteligência. É como se alguém estivesse buzinando e você ficasse parado no meio da rua e pensasse que você é um valente. Você é simplesmente estúpido! E ficando ali parado, a quem você está convencendo? A si mesmo... lá no fundo: "Eu sou valente".

Um homem de compreensão jamais se move para o oposto; ele se move com compreensão. Seja qual for a situação que surja, seja qual for a situação, ele responde com a sua consciência: ele não é nem valente, nem covarde. Você é covarde ou valente, mas o oposto está escondido por trás: mesmo um homem covarde pode tornar-se valente em certas situações; mesmo um valente mostra-se covarde em certas outras situações.

Olhe para este problema: o mais valente, quando chega em casa, torna-se um covarde — mesmo um Napoleão diante de Josefina é um covarde. Por que acontece de um marido que é um grande lutador no mundo, na competição, no mercado, simplesmente se tornar um covarde diante de sua pobre esposa? O que acontece? E não pense que isso é sobre os outros, que você não é esse homem — todo marido é um submisso! Isso parece uma afirmação exagerada. Não é, porque por pura necessidade todo marido tem de ser submisso: o dia todo ele é valente; assim, em casa, ele quer relaxar da valentia. E, se ele não relaxar pelo menos em casa, então, onde ele encontrará o relaxamento? Assim, no momento em que ele entra em casa, ele põe de lado sua armadura.

Ele é valente no mundo do mercado, lutando continuamente — competição, inimigos. Há uma guerra, uma guerra contínua no mundo: o dia todo ele luta. Quando ele chega em casa, ele está cansado de lutar, cansado da valentia — não se pode ser valente durante vinte e quatro horas por dia. Lembre-se: ninguém pode ser valente durante as vinte e quatro horas do dia. Você pode somente ficar alerta durante as vinte e quatro horas do dia. Fora disso, tudo se move para o oposto.

Você chega em casa, você está cansado, você quer descansar. Agora você não pode lutar — esteve lutando o dia todo! E o que a sua esposa esteve fazendo o dia todo? Ela não tem nenhuma competição, não tem nenhuma guerra acontecendo em torno dela; está apenas em casa, protegida, o dia todo descansando. De certo modo, não aconteceu nada durante o dia onde ela pudesse mostrar sua valentia. Assim, ela está cansada de ser uma covarde, simplesmente uma esposa. Você chega em casa — ela está pronta. Ela vai saltar em você.

Certa vez aconteceu...

Havia um domador de leão, um homem muito valente. Mas ele estava sempre com medo de sua frágil esposa. E sempre que ele

chegava tarde, havia problemas. Certa noite com amigos, ele se esqueceu completamente, bebeu muito e, então, por volta de meia-noite, lembrou-se de que tinha uma esposa e um lar. E voltar para casa, àquela hora, iria ser muito difícil. Mas onde se esconder? Não encontrou nenhum lugar — porque era uma cidade pequena e se ele fosse para qualquer hotel sua esposa iria lá e o pegaria. Não tendo encontrado nenhum lugar aberto, foi para a jaula dos leões, no zoológico onde ele era o domador. Ele tinha a chave. Ele abriu a porta: seis enormes leões ferozes na jaula! Ele dormiu, usando as costas de um leão como travesseiro.

A esposa procurou-o por toda a cidade. De manhã cedo, não o encontrando em lugar nenhum, ela, foi ao local onde ele trabalhava como domador de leões. Ele estava dormindo, dormindo profundamente, roncando. Ela cutucou o homem com sua sombrinha e disse:

— Seu covarde! Saia daí, e vou lhe mostrar!

Isto está fadado a acontecer: se você escolhe um extremo, o outro o segue. Você pode ser valente em algum lugar, mas você será covarde em algum outro lugar. Tem de ser assim, porque a covardia será um relaxamento. Assim, eis por que eu digo: por pura necessidade um marido tem de ser submisso. Há somente um jeito de um marido não ser submisso: se ele funciona como uma esposa em casa, e a esposa sai para o trabalho. Então, ele não é submisso, porque, então, ele não é mais um marido — ele é realmente uma esposa, e a esposa é o marido.

Todo extremo esconde o outro em si e você terá de mostrá-lo em algum lugar: caso contrário, ele se tornará demasiadamente pesado, será impossível viver sob ele. Somente a inteligência, a consciência, aquilo que os budistas chamam de *prajnyan* — um estado meditativo que é de equilíbrio — é sempre relaxado. Um estado de consciência é como um gato: mesmo dormindo, ele está alerta. Basta um pequeno som ao redor, e ele salta sobre os pés,

rejuvenescido, alerta, desperto. A mente de alguém que permanece no meio, equilibrada, mesmo que ele esteja adormecido, ela permanece alerta. Não há relaxamento, porque o relaxamento não é necessário — ele nunca esteve tenso, ele nunca foi um valente nem um covarde. Ele compreendeu os dois lados e foi além.

O homem vive em mentiras. Ele tem de viver, porque ele está tentando não aceitar a totalidade do seu ser; somente uma parte é aceita. Então, o que fazer com a outra parte? Ele tem de criar alguma mentira para escondê-la.

Tomé respondeu: Se eu lhes disser uma das palavras que ele me disse, vocês pegarão pedras e jogarão contra mim; e o fogo sairá das pedras e os consumirá.

A verdade é saudada assim. Não é fácil afirmar a verdade: aqueles que a ouvem, se tornam seus inimigos, começarão a jogar pedras. Eles realmente não estão contra você, eles estão apenas se protegendo, protegendo suas mentiras... vocês pegarão pedras e as jogarão contra mim...

E então ele diz uma coisa muito bela: ...e o fogo sairá das pedras e os consumirá. Vocês jogarão pedras em mim, vocês jogarão pedras na verdade — mas das pedras sairá um fogo e os queimará.

Vocês não podem queimar a verdade, vocês não podem crucificar a verdade. Vocês crucificaram Jesus. Eis por que eu disse, ontem, que quando Jesus foi crucificado pelos judeus, ele não foi crucificado — eles se crucificaram. E o fogo está queimando desde então, e eles evitam e eles fogem do fogo — mas ele os segue. Você pode jogar pedras, mas a verdade jamais é ferida.

No momento em que você atira as pedras na verdade, isso quer dizer que você será ferido, finalmente será queimado; um fogo sairá de suas pedras. E essa é toda a história dos judeus: durante vinte séculos, continuamente, eles vêm sendo queimados. E eu não estou dizendo que os que os tem torturado estejam certos. Não! Eu

não sou um apoiador de Hitler, ou de outros que andaram queimando e destruindo judeus. Não! Eu não estou apoiando Hitler, ou os outros que têm queimado e destruído os judeus. Não, eles não estão agindo certo. Os judeus carregam as próprias feridas dentro de si — eles criam seus "hítleres". Isso pode parecer muito, muito difícil de se compreender.

Um homem culpado fica rodando, procurando alguém que o puna. Quando não há ninguém para puni-lo, ele sente que fica mais difícil viver. Quando alguém o pune, ele fica à vontade. Já reparou nas crianças? Você não as pune, elas mesmas se punem: elas batem em si mesmas — isso as relaxa. Uma criança faz algo errado e fica olhando para ver se o pai, ou a mãe, ou alguém tomou conhecimento; ela fica em busca disso. Caso tenham tomado conhecimento, eles podem bater na criança; e a criança fica bem, porque agora ela foi punida. Acabou! A conta está fechada: ela errou e foi punida. Mas se ninguém fica sabendo, então ela fica em dificuldade: alguma coisa fica incompleta. Ela vai para um canto e bate em si mesma. Então fica bem.

É isso o que está acontecendo com as pessoas austeras: elas fizeram algo errado — quer seja errado ou não, não é a questão, elas acham que fizeram algo errado — então, ficam se punindo. Você pensa que elas estão entrando em profunda *tapascharya*, austeridade, que são grandes santos. Elas são simplesmente gente culpada punindo a si mesma. Elas podem jejuar, podem bater no próprio peito, podem até se queimar vivas, mas são simplesmente crianças culpadas, imaturas, punindo a si mesmas: fizeram algo errado e querem criar equilíbrio. Querem dizer a Deus: "já me puni o bastante, agora não preciso que você me puna". É isso que os judeus têm feito. Esta é uma das mais profundas complexidades da mente humana.

Os judeus estão sempre em busca de seus Adolfs Hítleres, alguém que os possa matar — então, eles ficam bem. Quando ninguém se importa com eles, então, eles ficam mal; a culpa os

segue. Quando você joga pedras na verdade, isso está fadado a acontecer, e mesmo após vinte séculos de sofrimento os judeus não confessam que agiram errado. Não! Jesus ainda não é aceito, eles ainda se comportam como se Jesus jamais tivesse existido: Jesus ainda não faz parte deles. E eu lhes digo; a menos que eles recuperem Jesus, continuarão em dificuldades. E as dificuldades não são criadas por outros, eles mesmos as buscam. São um povo culpado, e a culpa é muito grande.

Crucificar um Buda, crucificar um Jesus, crucificar um Krishna... você pode conceber algo mais culposo? Jesus que deveria ser seguido e adorado, Jesus que deveria ser seguido e vivido — e vocês fizeram exatamente o oposto. Jesus que deveria ter se tornado sua vida, sua própria vida, a batida de seu coração — vocês fizeram exatamente o oposto: vocês o mataram. Ao invés de torná-lo a sua vida, vocês destruíram sua vida. Essa ferida seguirá os judeus. É difícil livrar-se dela — a menos que eles recuperem Jesus.

Os hindus são melhores. Eis por que são menos perseguidos pela culpa: eles nunca mataram Buda. Buda foi mais perigoso do que Jesus: ele erradicou todo o hinduísmo — desde suas próprias raízes. Jesus disse: "Eu não vim para destruir a tradição, mas para cumpri-la". Buda não! Ele disse diretamente: "Eu vim para erradicar toda a tradição. Os Vedas são uma bobagem!". Mas os hindus jamais o mataram. Eis por que os hindus podem viver sem culpa. Não apenas não o mataram — eles são muito espertos e prudentes — como chegaram até a torná-lo um avatar. Eles o aceitaram — apenas um pouco extraviado, mas nada demais para se incomodar. Eles o aceitaram dentro da tradição. Eles dizem: "Ele é nosso décimo avatar". E eles criaram uma história em torno dele — eis por que eu digo que eles são muito espertos e prudentes.

Nenhuma outra raça é tão esperta: tem de ser, porque os hindus são mais velhos, mais sábios. A experiência os ensinou muito: que se você crucifica Buda, você jamais fica livre dele, porque ele o seguirá, o perseguirá; assim, não crucifique — apenas

negligencie. Mas mesmo que você apenas o negligencie, algo em você sempre, repetidamente, olhará para trás. O homem estará presente; assim, é melhor aceitá-lo — e eles o aceitaram de um modo muito desdenhoso. Isso é prudência.

Eles criaram uma história: Deus criou o inferno e o céu, mas durante milhões de anos ninguém chegou ao inferno, porque ninguém pecava. Todos eram religiosos, corretos; todos iam para o céu. Então, o Diabo foi até Deus e disse: "Por quê? Para que você criou o inferno? Isso é inútil! Ninguém vem, e eu estou cansado de esperar e esperar. Assim, faça algo — ou feche-o!".

Deus disse: "Espere, vou enviar um homem — Gautama, O Buda — ao mundo. Ele vai confundir as pessoas. E, quando as pessoas ficam confusas, elas se extraviam. Então, começarão a entrar no inferno!". E, desde então, o inferno está lotado. Mas os hindus aceitaram Buda como um avatar enviado por Deus — e eles o rejeitaram de um modo muito sutil. Eles nunca sentiram culpa.

Os judeus permanecem culpados: a ferida os segue e eles ainda não recuperaram Jesus. Eles deveriam recuperá-lo. Ele era um judeu — nasceu um judeu, viveu como um judeu, morreu um judeu — ele jamais foi um cristão; eles podem recuperá-lo. E nenhum outro judeu chegou no mesmo calibre. Muitos grandes judeus nasceram, mesmo neste século. Os maiores deste século foram judeus — os judeus são pessoas de enorme potencial: Freud é um judeu, Marx é um judeu. Einstein é um judeu — todos os três grandes que criaram todo este século — mas nada para comparar com Jesus! Eles rejeitaram o maior dos judeus. Uma vez que o recuperem, ficarão bem, suas feridas serão curadas. Ficarão saudáveis e inteiros e, então, não haverá mais nenhuma necessidade de Adolfs Hitleres.

Eles criam seus Hítleres, quando eu digo isso a vocês, lembrem-se também: sempre que você se sente culpado, você cria o punidor. Você busca pela punição, porque a punição o livrará da

culpa, então, você pode descansar. Não se sinta culpado, caso contrário, você buscará punição.

Desfrute a vida em sua totalidade, caso contrário, você se sentirá culpado. Aceite a vida como ela é, e seja agradecido por ela, como ela é; tenha uma profunda gratidão — é isso o que torna um homem religioso. E, uma vez que você aceite o todo, você se torna inteiro. Todas as divisões desaparecem, um profundo silêncio ascende em você... você é preenchido pelo desconhecido, porque, quando você está inteiro, o desconhecido bate à sua porta.

DÉCIMO TERCEIRO DISCURSO

02 de setembro de 1974. Poona, Índia.

Jesus disse:

Se aqueles que os conduzem lhes disserem:

"Vejam, o reino está no céu",

então, os pássaros do céu os precederão.

Se eles lhes disserem: "Ele está no mar",

então, os peixes os precederão.

Mas o reino está dentro de você

e está fora de você.

Se conhecerem a si mesmos, então,

serão conhecidos e saberão que são os filhos do pai eterno.

Mas, se não conhecem a si mesmos, então,

Estão na pobreza e são a própria pobreza.

O reino de Deus tem sido sempre pregado como se estivesse em algum outro lugar: no tempo, no espaço, mas sempre em algum outro lugar — não aqui e agora. Por que isso acontece? Por que o reino de Deus não está aqui e agora? Por que no futuro, ou em algum outro lugar?

É devido à mente humana. A mente humana desaparece no presente. Ela vive no futuro, na esperança, na promessa do futuro; ela se move através do desejo. O desejo precisa do tempo, o desejo não pode existir se não houver o tempo. Se de repente você chega a um momento em que percebe que o tempo desapareceu, que agora não há nenhum tempo, nenhum amanhã, o que acontece ao seu desejo? Ele não pode se mover, ele desaparece junto com o tempo.

Basicamente, o tempo não é um fenômeno físico, é um fenômeno psicológico. O tempo não existe fora de você — é o próprio funcionamento da sua mente que cria o tempo. Um Jesus vive sem o tempo; você vive no tempo. Desse modo, todos os budas — Jesus é um Buda, uma pessoa iluminada — sempre enfatizam: "Seja sem desejos! Então, de repente, as portas do céu se abrem para você". Mas, para ser sem desejo, você tem de ser aqui e agora, pois então não há nenhuma ponte para se mover para o futuro, para se mover para qualquer lugar. Não há nenhuma ponte. O desejo é a ponte.

A mente precisa do tempo, a mente não pode existir sem o tempo. Quanto mais tempo você tem, mais terreno a mente tem para jogar, para brincar. Então, ela pode criar muitos, muitos desejos e sonhos, e pode viver nesses desejos e sonhos. Os sacerdotes sempre falam como se o céu estivesse no futuro, porque somente o futuro pode ser compreendido pela mente. E só por causa desse futuro você pode ser explorado — e também se sentir à vontade.

Ouvi contar que em uma igreja o ministro estava louvando o reino de Deus e disse: "Há ruas de ouro e campos de esmeraldas!". E ele louvou o mais que podia e, então, perguntou, fez o convite:

— Quem gostaria de ir para lá?

Todas as mãos se ergueram, exceto a de um velho. O ministro não podia acreditar naquilo. Por que aquele velho não havia erguido a mão? Ele deveria ser o primeiro, porque estava beirando a

morte. Então, ele condenou e pintou uma imagem do inferno, com todas as suas feiúras; tortura, dor, sofrimento, fogo... Novamente ele desafiou:

— Agora, quem gostaria de ir para o reino de Deus, para o céu?

Todas as mãos se ergueram, mas aquele velho ainda estava sentado sem erguer a mão. O ministro ficou espantado. Ele perguntou ao velho;

— O senhor não me ouviu? Está surdo? O senhor não gostaria de ir para o reino de Deus, para o céu?

O homem disse:

— Eventualmente, sim. Mas do jeito que o senhor está falando, parece que quer levar uma porção de gente agora. Eventualmente, sim, mas agora, não!

Se Ihe disserem "o reino de Deus está aqui e agora", você não estará pronto. Há muitos desejos a serem satisfeitos, antes de você ir embora; muitas, muitas coisas têm de ser feitas antes de você pensar em entrar no reino de Deus.

Você ainda está sonhando e não está pronto para ser acordado, você precisa de tempo. O sacerdote o puxa para si, mas não Buda, não Jesus, porque Jesus fala em termos de não-tempo: ele se torna um amigo incômodo. Viver com Jesus é viver em constante desconforto. Ele não Ihe permite a conveniência do sonho, não Ihe dá tempo, futuro: ele diz que não há amanhã.

O amanhã ajuda de outra forma: assim como você é agora, você não se aceita, você sabe que você não é digno. Você sabe que, como você é, nem você mesmo pode se aceitar. Como Deus vai aceitá-lo? Não, é impossível! Você não pode conceber isso. Você já se condenou tanto, você é tão culpado, que... como Deus o aceitará? É impossível. Neste momento exato, se o reino se abrir, se a porta o convidar, você não será capaz de ter tamanha coragem para entrar. Você precisará de um pouco de tempo para se transformar,

precisará de um pouco de tempo para ser bom, precisará de um pouco de tempo para se santificar. Você precisará de um pouco de tempo para fazer muitas coisas, de forma que seu ser se torne aceitável, de modo que até mesmo Deus possa amá-lo. Há muitos desejos... eles precisam de tempo. E muitos "deveres" estão esperando — eles precisam de tempo.

Toda a moralidade do mundo — as formas diferem, mas a base essencial é a mesma — o condena. Você é errado, algo tem de ser feito; você tem de ser corrigido, tem de ser polido, você tem de ser tornado digno. Então, se alguém lhe diz "a porta está aberta agora", você se sente desconfortável. Então, você não pode entrar. Mas se lhe disserem "está no futuro", então há tempo suficiente. Você fica à vontade, você pode manejar a coisa, pode dar um polimento em si mesmo. Você pode criar uma imagem, um ideal, e você seguirá esse ideal; então, um dia ou outro, você se tornará um santo. E este é o truque da mente: se você puder adiar, a mente permanecerá a mesma; para permanecer a mesma, a mente precisa adiar. Para não mudar, os ideais são necessários; para não dar o salto, o tempo é necessário, de modo que você possa adiar.

O adiamento é a base da sua continuidade como você é. Se esta casa se incendiar, você não adiará, você simplesmente sairá dela. Você nem ao menos perguntará: "Onde é a porta? Onde é a escada? Para onde eu vou?". Você não irá procurar um professor, um guia — você simplesmente pulará fora. A porta vai estar em algum lugar! De onde você estiver, daí começa a jornada para a saída. E você não dirá: "Será que sou digno de ser salvo? Será que valho a pena?". Não, todas essas questões nem surgirão.

Filosofia é para momentos de luxo, quando você pode fazer perguntas e receber respostas e ir adiando. Mas quando há perigo, você põe de lado toda e qualquer filosofia. Você já observou que sempre que você está em perigo, você põe a mente de lado? Você não pensa absolutamente, não há tempo suficiente para pensar — a casa pega fogo, você salta! E quando você estiver lá fora, então, você

poderá sentar-se sob uma árvore e pensar novamente sobre o que aconteceu. Mas no momento em que o perigo está presente, quando a morte está presente, o tempo não existe mais. Você simplesmente age, não há intervalo para pensar: você tem de agir, somente a ação pode salvá-lo.

Tempo é adiamento, e você gostaria de adiar por milhões de razões. Uma delas é esta: muitas coisas ainda estão incompletas — você não degustou este mundo. Você tem estado neste mundo milhões de vezes, você o saboreou milhões de vezes, mas a fome ainda permanece, existe sede. Não por não ter havido tempo suficiente... pois durante todo o passado você esteve aqui — e todo o passado quer dizer eternidade, o sem início. Desde a eternidade você tem estado aqui, agindo em milhões de formas, satisfazendo milhões de desejos e, contudo, você ainda permanece faminto e sedento. Você acha que mais tempo é necessário? Você já teve mais do que suficiente! Não é necessário mais tempo, mas compreensão, consciência de que a própria natureza do desejo é permanecer não-preenchido.

Por mais tempo que seja dado, mesmo muitas eternidades, o desejo permanecerá não-preenchido. Ele surgirá sempre nova e novamente, e quanto mais você tenta preenchê-lo, mais ele surgirá: você está simplesmente alimentando o desejo quando pensa que o está preenchendo. Você entra no sexo, pensa que o está preenchendo — você está simplesmente alimentando o desejo. Amanhã ele voltará até mais ambicioso, até mais cheio de luxúria, com até mais expectativas. Você o alimenta novamente, amanhã ele baterá à sua porta novamente, mais loucamente, com mais esperança — e todo dia ele crescerá. E à medida que você o experimenta, você sente cada vez mais e mais fome. Você o está alimentando, o preenchimento não existe. E isso é a mesma coisa com todos os desejos. Olhe para os desejos comuns, os muito comuns: você come, a fome desaparece, mas ela desaparece somente para retornar novamente. A fome pode desaparecer para sempre

através do alimento? Há alguma possibilidade disso... só por se comer, a fome desaparecerá para sempre? Você tem sede, você bebe água — você acha que a sede vai desaparecer para sempre? Não, essa não é a natureza do desejo. E esses são desejos comuns que você pode compreender. Eles são repetitivos, e quanto mais você repete, mais você fica hipnotizado, porque repetição é hipnose: você fez aquilo ontem, você está fazendo hoje, você está esperando fazer isso amanhã; você está repetindo o desejo. E quanto mais você o repete, mais você entra nele.

Você tem desejado de muitas formas durante milhões de vidas. E você nasce naquele determinado jeito que você deseja. E você cumpre o desejo: um homem que quer ter sexo como um cão, nascerá como um cão; um homem que é ambicioso como um porco, nascerá como um porco, de modo que possa preencher seu desejo. Você já nasceu de vários modos possíveis, porque você tem existido pela eternidade — como uma árvore, como um pássaro, como um animal... É isso o que os hindus chamam de *yonís*. Eles dizem que você já nasceu através de milhões de úteros, seu desejo já tomou muitas formas, e você já tentou através de cada dimensão possível. Nada aconteceu até agora, nada jamais vai acontecer, porque a própria natureza do desejo é permanecer não-realizado. Se você compreender isso, então, o futuro não é necessário — então, você pode permanecer aqui e agora. E quando o futuro cai, o desejo cai.

Tente compreender de um outro ângulo: você já tentou de todos os modos se transformar — você não se lembra de suas vidas passadas, mas você sabe desta vida. Você já fez de tudo para se transformar. Você pelo menos se transformou um pouquinho? Só um pouquinho, eu digo... Você está pelo menos um pouquinho transformado? Ou você simplesmente permanece o velho — um pouco retocado aqui, um pouco retocado ali, um pouco modificado aqui ou ali — mas há realmente alguma mudança? Aconteceu alguma mutação com você? E se não aconteceu até agora, que razão existe para pensar que irá acontecer no futuro? E se você continuar

vivendo do mesmo modo que você viveu, adiando, então nunca irá acontecer, porque o adiamento é um truque da mente, para não deixar a transformação acontecer.

Esse é o truque mais profundo, e a pessoa tem de compreender isso. Por que você adia para amanhã? Porque você não quer fazê-lo agora, neste momento. Você aplica um jogo lógico: você diz: "Agora é difícil, mas amanhã será simples". Mas todo amanhã vem na forma de hoje e, quando o amanhã chegar novamente, ele será hoje e você dirá: "Agora é difícil, mas amanhã eu o farei!". Este é o jeito da mente ficar à vontade; e o amanhã nunca vem.

O adiamento não é o caminho da transformação. Até agora você esteve adiando — adiando sempre, repetidamente. A cada momento você adia — e é por isso que você permanece o mesmo. Se você compreende isso, a transformação acontece neste momento... porque ela não precisa de esforço: trata-se de um acordar. Não é uma questão de modificação, não é uma questão de se fazer algo com você mesmo. Assim como você é, você é perfeito; assim como você é, você é divino; assim como você é, não está faltando nada absolutamente — simplesmente acordar é necessário. Simplesmente saia de seu sonho e de seu sono, simplesmente abra seus olhos e veja o fato, e o fato transforma: de repente, você não é mais o passado.

Quando você abandona o futuro, o passado é abandonado imediatamente. Esta é uma das leis fundamentais da vida: se você abandona o futuro, o passado cai imediatamente, porque ele não pode permanecer dessa forma. É exatamente como fazer uma ponte sobre um rio. A ponte necessita de duas margens para existir. Se uma das margens desaparece, a outra margem sozinha não pode apoiar a ponte — a ponte cai, tudo desaparece. O passado e o futuro são as duas margens e, entre essas duas, você constrói a ponte do desejo. Você está sempre indo a algum lugar, sempre indo a algum

lugar. E se você não está conseguindo chegar, então, a mente diz: "Vá mais depressa!".

É por isso que toda a tendência moderna é a favor da velocidade. A mente diz: "Você não está conseguindo chegar, porque sua velocidade não é boa o bastante. A meta está bem ali, você pode ver que ela é acessível amanhã, ou depois de amanhã no máximo; a meta está ali mesmo, você pode vê-la no horizonte. A sua velocidade é que não é boa o bastante — ande mais rápido, corra! Crie novos mecanismos para aumentar a velocidade e você chegará".

Chegamos à lua, devido a essa lógica — e não alcançamos nenhum termo. A velocidade continua tornando-se cada vez mais e mais rápida: mais cedo ou mais tarde estaremos nos movendo à velocidade da luz; exatamente agora, estamos nos movendo à velocidade do som. Quanto mais velocidade, mais você ficará perdido, porque, então, será muito difícil voltar para casa. Exatamente agora, você não pode ir muito longe; mas quanto mais velocidade, mais difícil voltar para casa.

É por isso que o autoconhecimento tornou-se quase impossível nesta era, a era da velocidade. Buda realizou-se facilmente, Jesus realizou-se facilmente, porque eles viviam na era de nenhuma velocidade — eles simplesmente caminhavam. O carro de boi era a coisa mais rápida possível, e você pode andar mais rápido que um carro de boi. Eles caminhavam na terra, nós estamos voando nos céus, estamos penetrando o espaço e, quanto mais rápido nos movemos, mais difícil se torna voltar para casa.

Ouvi contar que certa vez aconteceu o seguinte: Dois mendigos encontraram uma motocicleta na rua. Alguém havia se esquecido de levar a chave consigo. A motocicleta tinha um *sidecar*, um assento lateral. Então, um mendigo pulou na motocicleta e o outro no *sidecar* e foram para outra cidade.

Depois de quinze minutos, o homem que estava pilotando olhou para o amigo. Este tinha o rosto completamente vermelho, como se ele tivesse enlouquecido, ou como se estivesse morrendo.

O homem perguntou: "Qual é o problema?".

O outro respondeu: "Vá mais devagar. Esta coisa não tem fundo e eu tenho que correr o tempo todo".

Esta coisa chamada desejo não tem fundo. Você está morrendo, porque você tem corrido o caminho todo, e cada vez mais e mais rápido, e essa coisa não tem nenhum fundo. O desejo não tem fundo, eis por que ele não pode ser satisfeito. Se você tentar encher um pote com água e ele não tiver fundo, quando você será capaz de enchê-lo? É impossível. Por que você não é capaz de encher esse pote sem fundo do desejo? Porque você jamais olhou para ver se ele tem fundo ou não — você simplesmente pulou dentro. E você está correndo com tanta velocidade, que não sobra nenhum intervalo para parar e dar uma olhada no que está acontecendo.

Todos os sacerdotes exploraram isso. Mas Jesus não é um sacerdote — você não pode encontrar um homem mais anti-sacerdote do que Jesus. Um homem realmente religioso jamais é um sacerdote. Ele não pode ser, porque o sacerdote vive explorando as suas fraquezas. Um verdadeiro homem religioso, um mestre, quer torná-lo mais forte. E um padre é simplesmente um homem esperto que sabe qual é a sua fraqueza. A fraqueza é olhar para o futuro, adiar: em algum lugar, eventualmente, você entrará no reino de Deus — mas não exatamente agora. Muitas outras coisas mais importantes têm de ser feitas, muitos desejos mais importantes têm de ser preenchidos. Deus é sempre o último item da sua lista, e a lista é infinita. Ele não vai ter nenhuma chance. Ele é o último item.

Agora, olhe para estas palavras de Jesus:

Se aqueles que os conduzem lhes disserem:

"Vejam, o reino está no céu", ...

Não aqui, mas em algum lugar lá nos céus, em algum lugar lá bem longe; o reino de Deus está em algum lugar distante, muito distante.

...então, os pássaros do céu os precederão.

Eles chegarão lá antes de você, então, você ficará para trás. Jesus está brincando, ele está dizendo: "Então não tenha esperança, porque os pássaros do céu chegarão antes de você!".

Se eles lhes disserem:

"Ele está no mar", então, os peixes os precederão.

... e eles chegarão antes de você, você perderá. Sobre quem Jesus está falando? Ele está falando sobre os sacerdotes. Os sacerdotes são os inimigos da religião, mas eles se tornaram os administradores. Eles administram em todo lugar e, então, eles não permitem que uma pessoa como Jesus entre em seus templos.

Há uma bela história no livro *Os Irmãos Karamazov* de Dostoiévski: Depois de mil e oitocentos anos, Jesus pensou: "Agora eu devo ir e visitar a terra novamente, porque depois de mil e oitocentos anos de cristianismo, agora a terra deve estar pronta para me receber. Agora eles não me rejeitarão como fizeram antes, porque, quando eu estive lá antes, não havia nem um único cristão, eu era um estranho. Agora, metade da terra é cristã; milhões de igrejas e de sacerdotes pregando continuamente a palavra de Jesus. Agora vou ser recebido, bem-recebido: todas as portas estarão abertas para mim. Agora é a hora. Não devia ter ido antes — aquela não era a hora certa".

Ele veio novamente, claro que num domingo de manhã, porque é difícil descobrir quem é ou não é um cristão se você chega em outro dia da semana. Fica impossível; todos são iguais! Somente

aos domingos, você pode distinguir quem é um cristão, porque religião é um assunto de domingo. Não está relacionada à vida, é apenas um ritual a ser realizado, é uma formalidade a ser cumprida — sem nenhum coração presente. E ele chegou na sua cidade, onde havia chegado mil e oitocentos anos antes: em Belém. Ele parou no meio da rua, um pouco apreensivo, porque as pessoas olhavam para ele e ninguém o reconhecia; e as pessoas saíam e entravam da igreja. Então algumas pessoas se juntaram ao seu redor e começaram a lhe dizer: "Você se parece com Jesus — você representa bem, você é um bom ator!".

Jesus disse: "Eu não sou um ator. Eu sou o verdadeiro Jesus".

Eles começaram a rir e disseram: "Se você é o verdadeiro Jesus, então, fuja antes do sacerdote sair; caso contrário, fatalmente você vai acabar se dando mal!" Então, os garotos endiabrados começaram a jogar pedras e as pessoas começaram a rir: "O verdadeiro Jesus chegou! O rei dos judeus! Esse é o homem que eles crucificaram — ele ressuscitou!". E eles riam e debochavam.

E Jesus ficou muito sentido... porque aquelas pessoas eram o seu povo. Já não eram judeus, eram cristãos; eles o seguiam, e nem eles puderam reconhecê-lo. Mas ele aguardou com esperança: "Pelo menos o sacerdote me reconhecerá. Essas aqui podem ser pessoas tolas, ignorantes, mas meu sacerdote sabe".

E então veio o sacerdote. As pessoas pararam de rir, só por respeito ao sacerdote. Abrindo caminho para ele, a multidão permitiu-lhe entrar na roda. Curvaram-se em profundo respeito. Jesus riu no seu coração: "Eles não se curvaram para mim, não me prestaram nenhum respeito, mas eles respeitam o sacerdote. Pelo menos é um bom sinal, porque ele é meu sacerdote. Eles me reconhecem nele, não diretamente, porque eles são cegos e não podem ver".

E então o sacerdote olhou para ele e disse: "Caia fora, rufião! O que você pensa que está fazendo?! Insultando nosso Deus?!".

Jesus perguntou: "Você não consegue me reconhecer?".

O sacerdote agarrou-o pelo colarinho e disse: "Eu o reconheço muito bem. Venha e me siga!". Levou-o para dentro da igreja e prendeu-o na cela. Jesus ficou muito espantado: "O que vai acontecer agora?! Será que meu próprio povo vai me crucificar novamente?".

E então, à noite, o padre veio com uma pequena vela nas mãos e abriu a porta. Trancou a porta por dentro, curvou-se, tocou os pés de Jesus e disse: "Eu o reconheci muito bem!" Mas não no meio da rua, não diante dos adoradores, porque você é um velho criador de casos. De algum modo, temos administrado tudo muito bem, mas você vai perturbar tudo de novo. Agora está tudo correndo bem, o cristianismo está estabelecido: convertemos metade da terra, mais cedo ou mais tarde, a outra metade será convertida. Espere lá, você não precisa vir aqui! Você não conseguiu converter um único homem quando esteve por aqui e nós estamos fazendo as coisas muito bem, organizamos tudo muito bem; você deve nos agradecer.

"E podemos reconhecê-lo desde que não haja ninguém, mas não podemos reconhecê-lo diante dos outros, porque você é anti-sacerdote, anti-igreja, você é anti-sistema. E se você insistir, então, teremos de crucificá-lo novamente. Podemos adorá-lo quando você não está presente, porque isso não perturba ninguém. Está tudo correndo bem, andando bem — olhe como organizamos tudo! Metade da terra convertida, milhões de igrejas e sacerdotes pregando sua palavra! Você deveria estar satisfeito. Assim, fuja imediatamente daqui, e não venha novamente! Nós somos os agentes aqui e, seja o que for que você queira fazer, você pode fazê-lo através de nós. Não podemos permitir que você ande entre as massas diretamente. Você é perigoso!".

Esse sacerdote está afirmando uma das verdades mais básicas: que o sacerdote não pode ser religioso. Ele pode ser um sacerdote de Buda, mas ele será contra Buda. Ele trabalha para Buda, ou assim parece; ele cita suas palavras, ou assim parece. Mas,

se Buda vier, ele ficará entre você e Buda e não permitirá que você chegue perto, porque um Buda, um Jesus, é sempre um rebelde, jamais é conformista. Ele pode criar uma revolução, não pode criar um sistema organizado.

Quando Jesus diz: "Se aqueles que os conduzem lhes disserem"... ele está indicando na direção dos sacerdotes. "Veja, o reino está no céu", então, os pássaros do céu os precederão. Se eles lhes disserem: "Ele está no mar", então, os peixes os precederão.

E os sacerdotes sempre dizem que ele está em algum outro lugar.

Já aconteceu na Índia... porque a Índia é a mais antiga terra dos sacerdotes. Em nenhum outro lugar tamanho sacerdócio entrou na existência como na Índia — eles tornaram-se uma casta, os *brahmins*, eles são os sacerdotes. Eles se segregam totalmente da sociedade, tornam tudo secreto. A língua deles não pode ser conhecida por todo mundo. Não era todo mundo que podia ser instruído como eles, porque, quando as pessoas são instruídas e podem ler as escrituras, torna-se difícil esconder a verdade delas. Somente o sacerdote tinha permissão de penetrar o santuário do conhecimento — ninguém mais.

Esses brahmins governam este país há milhares de anos. Antes eles diziam que Deus estava nos Himalaias, porque os Himalaias eram inacessíveis. Mas, pouco a pouco as pessoas acessaram os Himalaias e descobriram que Deus não estava lá. Então, os brahmins disseram: "Esses não são os Himalaias do qual estamos falando, esses são apenas uma cópia dos verdadeiros Himalaias que existem no céu. Esses daqui são apenas reflexos — você não encontrará Deus no reflexo. O verdadeiro Kailash — os verdadeiros Himalaias — está no outro mundo". Então, seus deuses foram para os planetas, para a lua, para o sol.

Quando o homem chegou à lua pela primeira vez, os hindus ficaram muito perturbados, os jainistas ficaram muito perturbados. O Ocidente não tem ideia de quão perturbados ficaram, porque o

Ocidente não sabe o quanto foi investido na lua. Na Índia, houve muita perturbação.

Há um sacerdote muito instruído, que andou tentando provar que a coisa toda, a viagem do homem à lua, era falsa. Por quê? Um fato tão simples — já acontecido! — por que ficar negando-o? Ele criou um grande instituto. Muitas pessoas doaram centenas de milhares de rúpias para o instituto provar que ninguém tinha chegado à lua, que toda essa história — que o homem havia chegado à lua — era puro mito. Por quê? Porque eles tinham muito investimento naquilo. Se o homem chegou à lua e Deus não está lá, então, eles teriam novamente que mudar sua residência para algum outro lugar. E esses cientistas vão chegar a todo lugar. Agora você não pode permitir que Deus permaneça em algum lugar por muito tempo — onde quer que você diga que Deus está, o homem vai chegar lá. O céu era inacessível, o mar era inacessível. Há religiões primitivas que dizem que Deus vive no mar, debaixo do mar, e há religiões que dizem que Deus vive no céu. Mas uma coisa é certa para o sacerdote: que Deus não viva aqui, porque, se ele viver aqui, então, fica muito difícil... então, qual é a necessidade de sacerdotes?

Um sacerdote é necessário como um corretor intermediário. Ele é um agente, um mediador. Se Deus existir aqui, então, você pode encontrá-lo diretamente — qual a necessidade do sacerdote? O sacerdote é necessário porque Deus está muito distante, sua voz não pode penetrá-lo diretamente. Ele dá sua mensagem aos sacerdotes e, então, o sacerdote interpreta-a para vocês. E através desta interpretação ele se torna poderoso: ele conhece as chaves, você é ignorante; ele o conduzirá, ele é o mestre, o guru — você tem de ser um seguidor.

A profissão mais astuciosa sobre a terra é essa de sacerdote. Por que a mais astuciosa? Porque ela explora um coração muito inocente. Um homem que está buscando Deus, um homem que está buscando pureza, um homem que está buscando a verdade — esse homem está sendo explorado. Se você explora um homem que está

buscando por dinheiro, não há muita diferença entre você e ele, porque ele também está à procura de dinheiro — não há muita diferença. Mas se você está explorando um homem que está buscando a verdade, isso é astúcia — a coisa mais astuciosa possível, a coisa mais maléfica possível. Os sacerdotes deveriam pensar e dizer e provar se eles realmente são representantes de Deus. Se eles são representantes de alguma coisa, são representantes do demônio. Mas eles assumiram o controle, são os administradores.

Jesus disse: "Se aqueles que os conduzem lhes disserem: 'Vejam, o reino está no céu'... não os escutem, caso contrário, você perderá o reino para todo o sempre".

Mas o reino está dentro de você ...

Não está em nenhum outro lugar, está exatamente onde você está neste momento.

e está fora de você.

ele está dentro de você e está fora de você. Ele está dentro de você como um centro, ele está fora de você como uma circunferência

O que Jesus está dizendo? O dentro mais o fora é o mundo todo, o dentro mais o fora é todo o universo — não sobra nada. Jesus está dizendo: "Deus é este universo, toda esta existência. Assim como ela é, ela é divina. Deus dissolveu-se na sua criação". Ele não é como um pintor que pinta e permanece separado. Ele é como um dançarino, que dança e torna-se um com a dança — você não pode separar o dançarino e a dança. Você pode separar um pintor da pintura, você pode separar a poesia do poeta, mas você não pode separar o dançarino da dança. Eis por que os hindus chamam Shiva de *Nataraj*, o maior dançarino: porque não há nenhuma separação, ele está na dança.

Se você puder compreender a dança, você poderá compreender o dançarino; se você não puder captar a dança, você não poderá captar o dançarino. Se você puder amar este mundo, você está amando Deus. Se você penetrar até mesmo uma flor, você o encontrará. Ele está escondido aqui — e ele não está escondido porque esteja tentando se esconder: ele está escondido porque você não está aberto. Caso contrário, ele é um segredo aberto. Ele está em todo lugar, em toda a sua volta, dentro e fora. O reino está dentro de você e está fora de você.

Se conhecerem a si mesmos, então,
serão conhecidos e saberão que são os filhos do pai eterno.
Mas, se não conhecem a si mesmos, então,
estão na pobreza e são a própria pobreza.

Ouçam: o reino está dentro de vocês! Então, todos os templos tornam-se inúteis, porque você é o templo. Você é a igreja. Então, o Vaticano torna-se inútil; então, Roma é apenas uma carga. Então, não há nenhuma necessidade de uma Meca e de uma Medina, nenhuma necessidade de um *Girnar* e de um *Kashi*. Você é o templo de Deus. Ele está dentro de você. Então, qual é a necessidade de um sacerdote, de um mediador? Então, toda a religião perde o significado. Ele existe em você, como você é. Ele sempre existiu em você, como você é. Alguém perguntou a Rinzai: "Eu gostaria de me tornar um Buda. O que fazer?". Rinzai disse: "Se você buscar, você perderá — porque você já é o Buda".

É absurdo: Buda buscando, Buda fazendo esforços para se tornar um Buda! Você não pode encontrar Deus, porque ele não está em algum outro lugar, ele está dentro de você. E para aí você nunca olha, porque todos os sacerdotes dizem: "Olhe: lá no céu, ele existe lá longe. A jornada é longa; é preciso um sacerdote para ajudá-lo".

Jesus elimina a base de todas as igrejas, de todos os templos, sacerdotes, mediadores. Ele diz; "Ele está dentro de você". Mas ele

também diz uma coisa muito rara e bela. Ele diz: "e está fora de você".

Há três tipos de religião: uma que diz que "Deus está fora" — hindus, muçulmanos: a insistência é de que Deus está fora. Então, há um outro tipo de religião que diz que "Deus está dentro" — jainas, budistas: eles dizem que você é Deus, mas nunca dizem que Deus está fora. Jesus diz: "Deus está dentro e fora". Esta é a grande síntese, a mais alta síntese possível. Ele não está escolhendo um extremo.

Um extremo é: Deus está fora. Eis por que os muçulmanos se oporão muito se você disser "eu sou Deus". Eles o matarão, porque esta é uma das afirmações mais terríveis — é *kufr*, blasfêmia. Assim, eles mataram Mansur, porque em seu êxtase ele dançava e dizia:

"*Ana'l haq, aham brahmasmi* — eu sou Deus!". Isso é blasfêmia; um muçulmano não pode tolerar isso, porque "Deus está fora". No máximo, você pode se aproximar cada vez mais e mais dele, mas você nunca se tornará ele. Como uma criatura pode tornar-se o criador? A criatura permanece uma criatura, e o criador permanece o criador! Assim, eles pensam que é desrespeitoso afirmar "eu sou Deus". Isso quer dizer que uma criatura, um escravo, uma coisa criada está afirmando: "Eu sou o criador" — é blasfêmia, é irreligioso.

Então, contra esse pólo há o jainismo. Eles dizem que Deus está dentro: sua alma é o supremo Deus e não há nenhum outro Deus. Eles foram para o outro extremo; assim, eles não adoram nenhum Deus; a adoração perdeu o significado para eles, eles não podem orar. A quem orar? E a prece é uma coisa tão bela, mas ficou sem significado.

Olhe para um muçulmano orando. Ele é belo. Ele pode orar, porque Deus está lá longe. Não há nada igual a um muçulmano orando. Se você quiser ver oração, veja um muçulmano orando: ele parece tão inocente, tão completamente entregue... mas ele é perigoso. Se você afirmar que você é Deus, ele o matará, aquele

mesmo homem que está orando. Os jainistas não podem orar, eles não podem adorar: a dimensão da oração e da adoração simplesmente desapareceu. Eles podem somente meditar. A meditação é permitida, porque Deus está dentro; você tem de simplesmente fechar seus olhos e meditar.

Jesus chega ao pico da síntese. Aqui ele afirma uma das maiores verdades: que Deus está dentro e fora. A oração é possível, a meditação também é possível: você pode cantar em êxtase em função daquilo que está fora, você pode ficar silencioso, em êxtase, em função daquilo que está dentro — ele está em todo lugar. Não há nenhuma necessidade de abandonar a oração, nenhuma necessidade de abandonar a meditação. Não existe nada semelhante à meditação na tradição muçulmana: não pode existir; somente a oração é possível. Não existe nada semelhante à oração no jainismo: somente a meditação existe. Ambos foram para os extremos.

Jesus permanece equilibrado. Ele diz: "Deus, o reino de Deus, está dentro de você e está fora de você".

Se vocês se conhecerem, então, serão conhecidos...

Esta é a síntese. Se vocês se conhecem, os jainistas dirão: vocês conheceram tudo. Acabou! Não há mais para onde ir. Os muçulmanos não podem dizer que vocês podem se conhecer: eles podem dizer que vocês podem conhecer Deus e serem preenchidos com sua graça. Não há nenhuma possibilidade de autoconhecimento, porque o autoconhecimento o tornará um deus. Somente Deus conhece a si mesmo, não uma criatura. Um homem pode conhecer Deus, eis tudo. Ele pode existir na glória de Deus, ele pode ser preenchido com sua graça, sua luz; ele pode se permitir ir e fluir com a divina força, mas nenhum autoconhecimento é possível. Os jainistas dizem que somente o autoconhecimento é possível: se você se conhece, você conheceu tudo que existe para ser conhecido, não sobra nada. Mas Jesus diz:

"Se conhecerem a si mesmos, então, serão conhecidos".

Isso é muito sutil. O que ele quer dizer quando diz "então vocês serão conhecidos"? Se você se conhecer, toda a existência o conhecerá; no seu conhecimento, toda a existência olhará para você. Não somente você estará olhando para a existência, toda a existência também responderá, porque Deus está dentro e fora.

Quando alguém vem a se conhecer, não se trata somente de autoconhecimento — toda a existência também o conhece. No seu autoconhecimento, você é conhecido. Deus olha para você a partir de cada flor, de cada folha, de cada pedra — você não sente estar sozinho no seu autoconhecimento. Na verdade, até você se conhecer, você está sozinho. Quando você se conhece, toda a existência o conhece. Seu autoconhecimento não é um ato solitário, não é um solo, é uma sinfonia. Quando você conhece, tudo o conhece; quando você se reconhece, tudo o reconhece — até esta árvore será diferente, até esta pedra será diferente, até um pássaro reagirá diferentemente. Por quê? Porque a mesma consciência una existe dentro e fora.

Quando você se conhece, toda a existência o reconhece, celebra. E deve ser assim mesmo, porque você é parte da existência. Toda a existência deve celebrar seu supremo conhecimento, porque uma parte tornou-se conhecedora, uma parte tornou-se um Buda, uma parte tornou-se um cristo: através dessa parte, toda a existência chegou a um pico, a um crescendo. Toda a existência ficará feliz, toda a existência florescerá e brotará de um modo diferente. Você será reconhecido, você será conhecido.

Você não estará sozinho no seu autoconhecimento — ele será uma celebração do todo. Essa é a coisa mais bela afirmada por Jesus: uma celebração da existência com seu autoconhecimento; o todo fica cheio de graça, porque uma parte floresceu, chegou à sua realização.

Se conhecerem a si mesmos, então, serão conhecidos.

Há uma tendência profunda para o fato de se "ser conhecido", mais profunda do que aquela para o autoconhecimento. Você quer ser conhecido, há um profundo desejo de que todos o conheçam. Isso pode estar indo de modo errado, você pode estar tentando conseguir a atenção das pessoas através de meios errados, mas lá no fundo o desejo tem uma semente, uma semente muito significativa. Isso mostra que você não ficará realizado a menos que toda a existência o reconheça, fique feliz com você.

Você tem uma necessidade de amar, e você tem uma necessidade de ser amado. Você tem uma necessidade de se conhecer, e você tem uma necessidade de ser conhecido. Uma resposta é necessária, caso contrário toda a existência permanece silenciosa como se nada tivesse acontecido. Um homem se torna um cristo e toda a existência permanece sem tomar ciência, desatenta, sem absolutamente se tocar, sem ficar de algum modo feliz, como se nada tivesse acontecido! Como pode ser assim? Toda a existência deve reconhecer, porque nós não somos estranhos para esta existência. Esta existência é uma família, esta existência existe como um fenômeno inter-relacionado. Uma pessoa é iluminada e sua luz enche todos os corações, quer o saibamos ou não; em todo lugar haverá regozijo, celebração. É por isso que Jesus diz: "Se conhecerem a si mesmos, então, serão conhecidos e saberão que são os filhos do pai eterno".

O que os cristãos têm dito? Exatamente o oposto. Eles dizem: "Jesus é o filho unigênito de Deus". Todo seu dogma gira em torno dessa coisa "o único", porque, se todos são filhos, então, qual é a especialidade de Jesus? Então, como ele pode ser especial? Então, por que ele deve ser venerado? Só para tornar Jesus especial, eles... e eles se esqueceram que estavam indo contra Jesus.

Jesus diz: ...e vocês saberão que são os filhos do pai eterno.

Duas coisas — uma: tudo o que existe no universo é filho do todo, tem de ser assim. Você nasceu nele, através dele. Toda a existência tem sido seu pai — ou seria melhor se pudéssemos dizer "tem sido sua mãe". Teria sido melhor usar a palavra 'mãe' ao invés da palavra 'pai', mas isso era difícil, porque os judeus ainda permanecem macho-chauvinistas. Era difícil dizer 'mãe'.

Há países, raças macho-chauvinistas: os alemães chamam seu país de "pátria pai" — o único país que é conhecido como "pátria pai"; todos os outros países a chamam de "pátria mãe". Esses alemães são perigosos... por que "pátria pai"? O homem e seu ego! Por que Deus deve ser o pai? Por que Deus não deve ser a mãe!? Por que deve ser "ele" e não "ela"? A mãe parece mais relevante, porque o pai não toma muita parte na criação do filho. No máximo, ele dispara a coisa, nada mais. E um pai é descartável.

Até mesmo uma injeção comum pode servir: o trabalho do pai pode ser feito por uma seringa. Ele é descartável. Toda a criação vem através da mãe: ela carrega o filho durante nove meses; o sangue dela, todo o seu ser, circula no filho.

Você existe no universo como se existisse num útero.

Há pessoas que usaram 'mãe' para Deus. Elas estão mais corretas, mas apenas mais corretas: ser absolutamente correto é impossível, porque, então, Deus deveria ser ambos, pai e mãe. Ele não pode ser macho, não pode ser fêmea, porque não há ninguém para disparar a coisa. Ele é ambos: *ardhanarishwar*, meio macho, meio fêmea; é ambos, ele e ela.

Mas depende. Quando Jesus estava aqui, seria muito difícil para ele, dizer "Deus, a mãe", porque ninguém teria compreendido. Sua audiência era de judeus, e eles acreditavam em um Deus pai muito feroz, muito vingativo — se você fosse contra ele, ele se vingava. Uma mãe jamais é vingativa, ela sempre perdoa, ela é sempre compreensiva. Uma mãe nunca insiste em ser obedecida; um pai insiste em ser obedecido. Os Dez Mandamentos não podem vir de uma mulher, podem somente vir de um pai. Mandamentos

— a própria palavra é feia, como se ele fosse um general e a existência fosse como um campo militar — mandamentos! Então, se você desobedece, a responsabilidade, o risco é seu.

Jesus usava a linguagem corrente, mas eu sei que ele teria preferido 'mãe'. Uma mãe é mais do que um pai: uma mãe existe no centro, um pai na periferia — mas Deus é ambos. Lembre-se disto: eu também uso a palavra 'ele' para designá-lo, mas lembre-se sempre de que, quando quer que eu use "ele", é só por conveniência. Ele é ambos, ele e ela.

E... vocês são os filhos do pai eterno.

Todo mundo é um filho. Não é assim que os lógicos, os sociólogos e os psicólogos pensarão — não se trata de antropomorfismo. Parece, aparenta ser, que ao pensar Deus como um pai ou uma mãe, e você como um filho, que você está projetando um relacionamento humano no cosmos, que você está fazendo de todo o cosmos um fenômeno familiar; você está pensando em termos humanos. Trata-se de uma condenação.

Os sociólogos, os psicólogos que dizem que isso é antropocentrismo — que o homem pensa em si como se fosse o centro, e projeta suas próprias impressões, sentimentos, em tudo — sempre que dizem que isso é antropocentrismo, eles estão dizendo que é errado. Mas eles não compreendem: parece antropocentrismo, tem de parecer, porque seja o que for que o homem diga fatalmente será humano. Mesmo uma verdade objetiva será colorida pela pessoa que a afirma. Mesmo a objetividade não pode ser sem a subjetividade: a subjetividade vai e a colore.

Até mesmo as verdades científicas não são objetivas: o homem que as descobriu entrou nelas. Não há nenhuma possibilidade de se chegar à verdade objetiva, porque o conhecedor sempre a colorirá. Todo conhecimento é pessoal. E sempre que o

homem diz algo, devido a ser dito pelo homem, será humano. E não há nenhuma necessidade de se desculpar por isso... é belo.

Quando Jesus diz que somos todos filhos de Deus, trata-se de um símbolo apenas, uma comparação. O que ele quer dizer? Ele quer dizer que, entre o criador e a criatura, o relacionamento não é mecânico, é orgânico. O relacionamento não é apenas como o de um mecânico criando uma máquina — ele não é um pai, porque permanece distante, fora, separado. Este é o significado: Deus não pode ser separado de você. Ele é como seu pai, ligado em você, andando através de você, trabalhando através de você, carregando você, amando-o, procurando por você, criando de todos os modos um mundo venturoso á sua volta, de modo que você possa alcançar a realização.

Quando Jesus diz "Deus é o pai", ele quer dizer todas essas coisas: que o universo cuida de você, ajuda-o. Não somente você está em busca de Deus, Deus também está em busca de você. O universo não é morto e separado, ele responde com um coração amoroso. Se você chora, ele chora com você. Se você ri, ele ri com você. Se você sofre, a existência sente o sofrimento. Se você está feliz, toda a existência está feliz com você. Entre você e a existência, há um profundo relacionamento. Esta é a ênfase: o relacionamento de um pai para com um filho.

Mesmo que o pai morra, ele espera viver através do filho: ele estará em algum lugar no filho, o filho se tornou simplesmente uma nova versão do pai. Este é o significado: o filho é apenas um renascimento do pai. Eis por que Jesus diz repetidamente: "Eu e meu pai somos um só". Ele quer dizer que o filho representa o pai — ele é o pai. Eles estão unidos: eles não são dois, eles são um só e o relacionamento é orgânico, e você não precisa se sentir sozinho.

Ora, o mundo todo sente uma solidão. Todos se sentem estrangeiros, e todos estão em dificuldades. E as pessoas vêm a mim e perguntam: "Como me relacionar?". O que aconteceu? Esta é uma pergunta muito nova. Ninguém jamais perguntaria isso — "Como

me relacionar?" — duzentos anos atrás. O relacionamento tornou-se algo muito difícil. É uma consequência lógica: se você não pode se relacionar com o todo, você não pode se relacionar com ninguém; se você pode se relacionar com o todo, então, você pode se relacionar com qualquer pessoa. Você não pode se relacionar com seu pai se você não pode se relacionar com o universo — impossível, porque essa é a fonte de tudo. Quando a religião desapareceu, o relacionamento desapareceu.

Num país que se tornou irreligioso, as pessoas sempre se sentirão em dificuldades de relacionamento. Você não pode se relacionar com sua esposa, com seu irmão, com sua irmã, com seu filho, com seu pai, com sua mãe — impossível! O relacionamento fica impossível, porque a base de todo relacionamento desapareceu. Você negou, você disse: "Deus não existe mais, Deus está morto". Então, todo o universo é alheio, e você sente a alienação, você se sente separado, não-relacionado; então, você não tem raízes nele, e você sente que o universo não está cuidando de você.

O universo do cientista e o universo do homem religioso como Jesus são totalmente diferentes. O universo para o cientista é apenas acidental: não há nenhum relacionamento entre você e o universo: ele não se incomoda, pouco se importa com você. Você é apenas acidental: se você não estivesse aqui, a existência não teria sentido sua ausência nem um pouco; se você está aqui, sua presença não é conhecida do universo. Se você desaparecer, o universo não vai derramar lágrimas por você.

O universo do cientista é morto. Sempre que você diz "Deus está morto", o universo está morto. E se você vive num universo morto, como você pode se relacionar? Então, você vive entre coisas. Tudo será acidental, simplesmente arbitrário. Você tem de fazer alguns arranjos, mas não há nenhuma unidade orgânica. Você existe sozinho e, então, você carrega toda a carga. É exatamente como uma criança pequena perdida: ela estava segurando a mão do pai, agora ela perdeu a mão e grita e chora — e não há ninguém para ouvir.

A situação de um homem é exatamente esta: a de uma pequena criança que estava segurando a mão de seu pai e que agora está perdida na floresta. Com a mão do pai na sua, ela andava como um imperador, sem medo. Não havia nenhum medo, porque o pai estava ali; a responsabilidade era dele, a criança não era responsável por nada. O que quer que fosse necessário seria feito, ela não tinha que se preocupar consigo mesma. Ela andava, olhava para as borboletas, para as flores, para o céu... Ela desfrutava tudo. A vida era abençoada. De repente, ela toma ciência de que a mão não está mais ali — ela perdeu-se do pai. Agora não há mais borboletas, flores. Tudo ficou petrificado, morto; tudo se tornou alheio, estrangeiro, inimigo. Agora, em cada sombra, debaixo de cada árvore há perigo à volta: ela tem medo de morrer. De cada canto, a qualquer momento, a morte saltará e a matará.

Apenas um momento atrás e tudo estava vivo, amistoso, havia uma comunicação entre a criança e o universo todo. Por que? Porque a mão do pai estava ali. Através do pai, o universo era amigável: era um relacionamento. O pai desapareceu, agora, o relacionamento desapareceu. Agora ela está gritando, agora ela está chorando, agora ela está em profunda ansiedade, angústia. Esta é a situação do homem moderno, porque vocês se tornaram incapazes de olhar para o universo como um pai ou uma mãe. Não espanta todos serem neuróticos! Essa criança ficará neurótica, essa criança ficará anormal. Essa criança carregará sempre uma ferida no peito, e essa ferida perturbará todo o seu relacionamento. Ela não pode se sentir em casa, em lugar nenhum que esteja.

Olhe para a sua mão. Se você não pode sentir a mão cósmica nela, então, você está em dificuldade. É isso o que Jesus diz: "Deus é o pai. Todo este universo cuida de você". Caso contrário, por que você estaria aqui? Por que Ihe seria permitido estar aqui? Todo este universo cuida de você. Ele o criou até este ponto de consciência, ele quer cuidar de você até o supremo pico, o pico final de iluminação — ele o ajuda de todos os modos. Mesmo que você se extravie, ele o

acompanhará. Sinta a mão na sua mão e, de repente, toda a perspectiva muda.

E Jesus diz: "Todo mundo é o filho" — não apenas Jesus sozinho. Mas o cristianismo não pode existir se todo mundo é o filho, porque, então, não há nada de único em Jesus.

Essa atitude é falsa. Todo mundo é o filho e, ainda assim, Jesus é único, porque ele reconheceu isso e você ainda está na busca.

A singularidade não está na natureza do ser, a singularidade existe na natureza do reconhecimento. Jesus conhece isto e você não. Os hindus sempre disseram que a diferença entre a pessoa iluminada e a pessoa que é ignorante não está no ser, mas somente no conhecer. É exatamente como se alguém estivesse dormindo e você estivesse acordado: o ser é o mesmo, mas o que está dormindo, sonha; e você não está sonhando. Sacuda-o, faça-o acordar e ele estará tão acordado quanto você — os sonhos desaparecerão. Apenas uma sacudida é necessária. Jesus está acordado e você está dormindo, essa é a distinção. Quanto a isso ele é único, mas não no ser. Ele mesmo diz:

vocês são os filhos do pai eterno.

E a segunda insistência é quanto "ao pai eterno", porque, comumente, um pai irá morrer. A parte física do pai morrerá, a parte biológica do pai morrerá, mas o todo cósmico esta sempre vivo, jamais morre — ele é eternidade.

Há algumas décadas, Nietzsche declarou: "Deus está morto!". Isso é impossível, porque o universo não pode morrer, e Deus não é uma pessoa. Se ele fosse uma pessoa, ele poderia morrer — pessoas têm de morrer. Deus não é uma forma — as formas têm de morrer; Deus não tem nenhum corpo — os corpos têm de morrer. Deus é tudo. Em Deus nascemos e morremos. Ganhamos forma e a forma desaparece, mas o todo permanece. O todo não pode morrer, o todo é a própria vida. Assim, você não está vivendo num universo

morto, mas num Deus vivo, que é um pai, uma mãe; o relacionamento é profundo e orgânico. Você não está largado, alguém permanece olhando por você.

Este sentimento lhe dá raízes, então, você não se sente um estranho; então, você não é um forasteiro, você está em casa. Este é o seu lar.

Mas, se não conhecem a si mesmos, então, estão na pobreza...

Esta é a única pobreza: a ignorância de si mesmo — não há nenhuma outra pobreza. Você pode não ter riquezas, pode não ter grandes palácios, pode não ter impérios, mas essas não são as verdadeiras riquezas. Somente uma coisa é verdadeiramente riqueza e essa coisa é o autoconhecimento, porque ele não pode ser destruído.

E Jesus diz: "Mas, se não conhecem a si mesmos, então, estão na pobreza..." e não somente isso... "são a própria pobreza".

Você é pobre. Há somente uma única pobreza: quando você não conhece a si mesmo. Por que isso é pobreza? Porque vocês são imperadores, são filhos de um Deus eterno! A maior coisa que pode acontecer, aconteceu a você, e você está inconsciente disso e continua mendigando.

Todos os desejos são mendicância. Dizem que se os desejos fossem cavalos, os mendigos seriam os cavaleiros. Mas todos os desejos são cavalos e todos os mendigos são cavaleiros — vocês são todos cavaleiros. Olhe para os seus cavalos: eles são os seus desejos, mendicâncias, reclamações, pedidos... e vocês têm tudo dentro de si mesmos, mas nunca olham para dentro! Uma vez que você olhe, as riquezas serão reveladas eternas, em abundância; você não pode exauri-las. E uma vez que você olhe para dentro, toda a existência reconhece seu império, toda a existência reconhece quem você é:

você é o filho do todo. Então, toda mendicância desaparece, você se torna rico pela primeira vez.

"Mas, se não conhecem a si mesmos, então, estão na pobreza e são a própria pobreza " .

Ouvi contar uma história: Certa vez aconteceu de um grande imperador estar muito aborrecido com o filho e seu jeito, seu estilo de vida. Era o único filho, mas aborrecia tanto o pai, que foi expulso do reino. Como era o filho de um grande imperador, ele não sabia nada, não tinha nenhuma habilidade — os imperadores não são peritos em nada. Ele não sabia fazer nada. Não tinha aprendido: tudo tinha sempre sido feito para ele. Nunca soube que a pessoa tem de fazer coisas por conta própria. Mas ele era um amante da música. Essa era a única coisa que ele podia fazer: ele tinha aprendido música como um hobby. Ele tocava o sitar. Essa era a única coisa que ele sabia.

Então, ele começou a mendigar. Ele tocava o sitar e mendigava. Se os imperadores perdem seu império, eles não podem fazer nada além de mendigar. Isso é algo belo: mostra que lá no fundo os imperadores são mendigos. É só por causa do império que você não pode ver a condição de mendigo deles. Se o império é cortado, eles são mendigos, eles não podem fazer nada além. Durante dez anos, continuamente, ele viveu mendigando. Ele se esqueceu completamente de que era o filho de um grande imperador. Dez anos é um longo tempo para se lembrar. E, quando você está mendigando todos os dias de manhã à noite, como você pode se lembrar de que você é o filho de um grande imperador?

Ele virou um mendigo e se esqueceu completamente. Até a memória se foi. E essas memórias são ruins, são como pesadelos. Você quer se esquecer delas, porque através delas muito sofrimento vem à mente. Vem a comparação: "Eu sou o filho de um grande imperador e estou mendigando...?!". Então, a mendicância se torna

muito dolorosa. Assim, ele simplesmente largou a ideia. Simplesmente se esqueceu. Ficou identificado com a mendicância.

Depois de dez anos, o pai começou a pensar no filho. O filho não era bem certo, seus meios eram diferentes, mas era seu único filho. E agora o pai estava ficando velho e qualquer dia morreria. E o filho era seu herdeiro. Ele tinha de ser trazido de volta. Assim, seu vizir foi procurá-lo.

O vizir chegou. Mesmo que o filho estivesse completamente esquecido de que era o filho de um imperador, mesmo que estivesse completamente identificado com a condição de mendigo, ainda assim, algo permaneceu — algo que não fazia parte de sua memória, que era parte do seu ser. O jeito como ele andava, até o jeito de mendigar, era exatamente como o de um imperador.

Ele pedia, mas como se estivesse lhe fazendo um favor: o jeito de ele pedir era como se ele o estivesse favorecendo por pedir. O jeito de andar era soberano; suas roupas eram rotas, mas, ainda assim, eram as mesmas roupas que ele usava como um príncipe. Ele estava sujo, lambuzado, mas podia se ver que ele tinha um belo rosto escondido sob a sujeira. E seus olhos: mesmo que fosse um mendigo, seus olhos ainda pertenciam àquele mesmo ego, o mesmo orgulho. Mentalmente, conscientemente, ele tinha se esquecido, mas inconscientemente ele ainda era o rei, o herdeiro de um grande imperador.

O vizir o reconheceu. No momento em que ele o reconheceu, ele estava mendigando. Debaixo de uma árvore, as pessoas estavam jogando cartas, e ele estava mendigando ali. Era uma tarde de verão muito quente, e ele não tinha sapatos. Estava transpirando, e mendigando alguns tostões, dizendo: "Dê-me alguma coisa. Há dois dias estou com fome". O vizir o reconheceu e a carruagem, na qual ele vinha, parou. O vizir desceu, tocou os pés do filho do imperador, que olhou para ele e disse: "O que é que há?".

O vizir disse: "Seu pai, o imperador, chamou-o de volta. Ele o perdoou". Num instante, o mendigo desapareceu. Nada teve que ser

feito — num instante, o reconhecimento de que "Meu pai me chamou de volta, eu estou perdoado!", e o mendigo desapareceu. As roupas eram as mesmas, o homem ainda estava sujo, mas tudo mudara: havia glória, uma luz, uma aura em volta dele.

Ele deu ordens ao vizir. A mendicância desapareceu. Ele disse: "Vá ao mercado, compre sapatos e roupas para mim e arranje-me um bom banho". Ele entrou na carruagem e disse: "Leve-me ao melhor hotel da cidade!". E o vizir teve de seguir a carruagem a pé.

Essa é uma história sufi. Essa também é a sua situação: uma vez que você seja reconhecido pelo pai, por Deus, sua mendicância desaparece — de repente, num instante! Nada precisa ser feito, porque você sempre foi o mesmo. Apenas houve erro na identidade, somente na parte superficial da mente vocês se tornaram outra coisa. Lá no fundo, vocês permaneceram filhos de Deus.

Mas isso acontecerá somente se você se conhecer. Então, todo o universo o conhece, o reconhece.

E Jesus diz; Mas, se não conhecem a si mesmos, então, estão na pobreza e são a própria pobreza.

DÉCIMO QUARTO DISCURSO

03 de setembro de 1974. Poona, Índia.

Jesus disse:

Abençoado é o homem que sofreu; ele descobriu a Vida.

Jesus disse:

Olhe para o Eterno enquanto viver, para que não morra e fique procurando por ele sem ser capaz de encontrá-Lo.

Eles viram um samaritano levando uma ovelha, a caminho da Judéia.

Jesus perguntou a seus discípulos:

Por que aquele homem leva uma ovelha com ele?

Eles responderam:

Para que possa matá-la e comê-la.

Jesus lhes disse:

Enquanto a ovelha estiver viva, ele não a comerá.

Apenas quando a matar e ela tornar-se um cadáver.

Os discípulos disseram:

Do contrário, ele não será capaz de comê-la.

Jesus lhes disse:

E vocês busquem um lugar de repouso em si mesmos, para que não se tornem cadáveres e sejam comidos.

Jesus disse:

Dois descansarão numa cama: um morrerá e o outro viverá.

Desde os mais remotos dias, o homem vive perguntando repetidamente por que há sofrimento na vida. Se Deus é o pai, então, porque há tanto sofrimento? Se Deus é amor e se Deus é compaixão, então, por que a existência sofre? E não tem havido uma resposta satisfatória para isso. Mas se você compreender Jesus, você compreenderá a resposta. O homem sofre porque não há outro modo de amadurecer, de crescer. O homem sofre, porque somente através do sofrimento ele pode tornar-se mais consciente. E a consciência é a chave.

Observe sua própria vida: sempre que você está confortável, à vontade, feliz, a consciência é perdida. Então, você vive numa espécie de sono; então, você vive como que hipnotizado, como se estivesse sonambulando: você anda e faz coisas, mas como um sonâmbulo. Eis por que, sempre que não há nenhum sofrimento, a religião desaparece da sua vida. Então, você jamais vai a um templo, ele não tem nenhum significado para você; então, você não ora a Deus, porque... Para quê? Parece não haver nenhuma razão.

Sempre que há sofrimento, você vai ao templo, seus olhos se voltam para Deus, seu coração segue em direção à oração. Há algo escondido no sofrimento, que o torna mais consciente de quem você é, de por que você existe e para onde está indo. Num momento de sofrimento, sua consciência fica intensa.

Nada pode ser sem significado nesta vida. Ela é um cosmos, não é um caos.

Você pode não ser capaz de compreender — isso é uma outra coisa... — porque você conhece somente os fragmentos, você não conhece o todo. Sua experiência de vida é simplesmente como se você tivesse somente uma página solta de um romance: você a lê, mas não faz nenhum sentido, porque ela é apenas um pequeno fragmento. Você não conhece a história toda. Uma vez que você conheça toda a história, então, essa página se tornará compreensível, então, essa página se tornará coerente, significativa.

O que é o significado? É conhecer o fragmento em relação ao todo; significado é um relacionamento do fragmento com o todo. A fala de um louco falando na rua não é significativa. Por quê? Porque é impossível relacionar a fala dele com qualquer coisa; sua fala é apenas um fragmento. Ele não está falando com ninguém, não tem necessidade, não há ninguém lá com quem falar. Sua fala é fragmentária, não faz parte de um todo maior — e é por isso que é incoerente. As mesmas palavras podem ser usadas por um outro homem — exatamente as mesmas palavras — mas ele está falando com alguém, então, têm significado. Por quê? As palavras, os gestos são os mesmos, e um homem você chama de louco e o outro homem não é louco. Por quê? Porque há alguém para ouvir: o fragmento não é fragmentário, faz parte de um todo maior — é repleto de significado.

Corte um pedaço de uma tela de Picasso: ela não faz sentido; é só um fragmento e um fragmento é algo morto. Cole-o outra vez na tela e, de repente, o significado aparece. Torna-se coerente, porque, agora, faz parte de um todo. Somente quando você faz parte do todo, você é significativo. E, se o homem moderno sente constantemente que se tornou insignificante, isto acontece porque Deus tem sido negado — ou esquecido. Sem Deus, o homem não pode ter significado, porque Deus quer dizer o Todo; o homem é apenas um fragmento. Você é apenas um verso da poesia —

sozinho, é apenas um rabisco. No poema completo, seu significado aparece, porque está relacionado com o todo. Lembre-se sempre disso.

Lembro-me de um sonho de Bertrand Russell. Ele era um ateu, jamais acreditou em Deus, nunca foi capaz de ver algum significado mais amplo que pudesse compreender o Todo. Ele contou o seguinte sonho: uma noite, durante o sono, ouviu alguém que batia à porta. Foi abri-la e viu o velho Deus ali parado. Ele não pôde acreditar em seus olhos, porque nunca acreditara em Deus — até mesmo em sonhos, ele se lembrava disto: "Não acredito em Deus." Mas o Velho parecia ter sido esquecido por todos, abandonado por todos; suas roupas estavam rasgadas, a sujeira havia se juntado em seu rosto e em seu corpo; Ele parecia tão ultrapassado — quase como uma pintura desbotada, na qual não se consegue ver claramente o que está acontecendo — Russell sentiu muita pena Dele. Então, só para animá-lo, disse: "Entre!" Bateu em suas costas como um amigo e disse: "Anime-se!" Neste momento, Russell acordou e o sonho desapareceu!

Esse é o estado do homem moderno, da mente moderna: Deus está fora de moda. Ou você está contra Ele ou, no máximo, está com pena Dele. Por sentir pena, tenta fazer com que Ele fique alegre, mas não porque Ele seja significativo para você — é apenas uma pintura ultrapassada, desbotada, inútil, um lixo do passado. Ou Ele está morto, ou mortalmente doente em seu leito de morte. Mas se o Todo está morto, como o fragmento pode ter significado? Se o Todo está fora de moda, como a parte pode ser nova, fresca e jovem? Se a árvore está morta, como a folha pode achar que está viva? Se ela pensar isso, será simplesmente estúpida. Poderá levar um pouco mais de tempo para a folha morrer, mas se a árvore estiver morta, a folha terá de morrer — ela já está morrendo.

Se Deus está morto, então o homem não pode viver. E o homem está mortalmente doente, porque sem o Todo o fragmento não tem nenhum significado. Mas sempre que você está feliz — quando tem lampejos de felicidade e não a felicidade de fato — sempre que se sente confortável, à vontade, quando nada o perturba, então, você pensa que é o Todo. Isso é uma ilusão. Quando você está sofrendo, de repente, você percebe que não é o Todo. Quando você está sofrendo, você percebe que não está como deveria estar, que algo está errado — os sapatos apertam. Alguma coisa está errada... e alguma transformação é necessária. Daí o sentido do sofrimento.

O sofrimento lhe dá consciência: sofrer lhe dá uma sensação de que você precisa mudar, de que tem de se renovar, renascer. Assim como você está, você está sofrendo, por isso algo tem de ser feito.

Jesus disse:

Abençoado é o homem que sofreu; ele descobriu a Vida.

Parece absurdo e paradoxal! Ele diz: "Abençoado é o homem que sofreu"... Sempre chamamos de abençoado o homem que nunca sofreu. Mas você já viu algum homem que nunca sofreu? Se vir tal homem, você descobrirá que ele é absolutamente juvenil, infantil, sem nenhum crescimento, sem nenhuma profundidade, sem nenhuma consciência — ele será um idiota. E você jamais pode dizer que ele é abençoado.

Somente quem tem estado evitando a vida, pode permanecer sem o sofrimento. Eis por que, nas famílias muito, muito ricas, nascem somente idiotas, porque eles são demasiadamente protegidos. E quando se protege alguém demasiadamente, isso não é proteção contra a morte, é proteção contra a vida. Mas este é o problema: se você quer proteger alguém contra a morte, você tem de protegê-lo contra a vida, porque a vida conduz à morte.

Portanto, se você tem medo de morrer, não viva — isso é lógica simples! Não fique vivo, se você tem medo de morrer; elimine todas as dimensões onde exista vida. Então você pode simplesmente vegetar.

Jesus não pode chamar de abençoada uma vida vegetativa, ninguém pode dizer que uma vida vegetativa é abençoada. Essa é a maior infelicidade que pode acontecer a um homem, porque ele jamais crescerá em consciência e maturidade; e ele não terá níveis mais altos de consciência, porque esses níveis mais altos passam a existir somente quando os homens são desafiados. O sofrimento é um desafio; quando você sofre, você é desafiado, quando há um problema você é desafiado. Quando você encara o problema, somente então você realmente cresce. Quanto mais insegurança, mais crescimento; quanto mais segurança, menos crescimento. Se tudo está seguro à sua volta, você já está no seu túmulo, você já não está vivo. A vida existe na possibilidade de se extraviar. Mas a pessoa que se extravie pode retomar, a pessoa que fracassa pode vir a ter sucesso.

Napoleão foi derrotado. Ele escreveu em seu diário uma bela sentença — às vezes, os loucos também observam belamente. Ele disse: "Somente uma luta está perdida, somente uma batalha está perdida, não a guerra". Mas se você quer vencer a guerra, você terá de perder muitas batalhas. Se você tem medo de perder uma batalha, então, não há nenhuma possibilidade.

Sempre que você fracassa em algo, não se trata de um fracasso definitivo, você pode transcendê-lo. Da próxima vez, você não precisa fazer aquilo de novo, da próxima vez, você não precisa cometer o mesmo equívoco e o mesmo erro, da próxima vez não há nenhuma necessidade de entrar no sofrimento. Um homem que é sábio, sofre tanto quanto um homem que não é sábio, mas de um modo diferente de cada vez. Um sábio comete muitos enganos — mas ele nunca comete o mesmo erro duas vezes. Essa é a única diferença: a quantidade pode ser maior, mas a qualidade é

diferente. Um idiota pode não cometer muitos enganos, pode não cometer nenhum erro, absolutamente, porque ele nunca irá fazer nada. Você só comete enganos quando você faz alguma coisa.

Se você busca, se você procura, se você percorre o caminho, você pode se extraviar. Se você ficar simplesmente sentado em casa, como você poderá se extraviar? Se você não faz nada, você jamais cometerá um erro, você será um homem sem erros, mas você jamais se moverá; pouco a pouco, você simplesmente apodrecerá, vegetará e morrerá.

Nunca tenha medo de cometer erros. Apenas lembre-se de que não há nenhuma necessidade de se cometer o mesmo erro duas vezes. Por que você comete o mesmo erro duas vezes? Porque da primeira vez que aconteceu, você não aprendeu nada com ele. Eis porque você tem de cometer os mesmos erros sempre de novo e nova e novamente. E as pessoas vão cometendo os mesmos erros, repetindo-os por toda a vida; elas andam em círculo. Eis por que os hindus chamaram isso de *sansara*.

Sansara quer dizer "a roda": você simplesmente repete o mesmo erro de novo e nova e novamente. As situações podem ser diferentes, mas o erro permanece o mesmo, da mesma qualidade. O que isso mostra? Mostra que você não está alerta, caso contrário, por que cometer o mesmo erro novamente? Ninguém aprende sem erros. Sempre que você comete um erro, você tem de sofrer. Ninguém aprende sem sofrer. Os hindus disseram que você tem de nascer de novo e novamente, porque você ainda não cresceu.

Somente uma pessoa crescida vai além deste mundo. Os que não cresceram, tem de recair no abismo, têm de aprender. E todo aprendizado é de modo difícil, não há atalhos. Esse modo difícil é o sofrimento. Não se proteja contra o sofrimento: preferivelmente ao contrário, entre no sofrimento tão consciente quanto possível. Assuma o desafio, encare-o! Você crescerá através dele. Tente transcendê-lo, vá além dele. Não sinta medo — uma vez que você fica com medo, você já está morrendo. Eis por que Jesus diz:

"Abençoado é o homem que sofreu; ele descobriu a vida". E a pessoa que sofre, fica mais alerta, e o estado de alerta é a chave para o templo da vida. Quanto mais alerta você fica, mais consciente.

Qual é a diferença entre você e as árvores? As árvores são belas, mas não são mais elevadas do que vocês porque permanecem inconscientes. Uma pedra, uma rocha, está ainda abaixo do nível das árvores, mais inconsciente. Uma pedra também sofre, mas ela não está consciente. Uma árvore também sofre, mas não conscientemente — e se você também sofre sem consciência, então, qual é a diferença? Então, você é simplesmente uma árvore andando.

Lá no fundo, a coisa básica que o torna humano ainda não aconteceu. A consciência o torna humano. E esta é a beleza disso: sempre que você está consciente, o sofrimento desaparece. O sofrimento traz consciência, mas se você se mover cada vez mais e mais em consciência, o sofrimento desaparece. Essa lei deve ser compreendida.

Se sua cabeça está doendo, isso traz consciência, você fica ciente da sua cabeça — caso contrário, ninguém está ciente da própria cabeça. Você toma ciência do corpo somente quando algo está errado.

Em sânscrito, eles têm uma bela palavra para sofrimento. Eles o chamam de *vedant*. E *vedant* tem dois significados: um é sofrimento; o outro, conhecimento. *Vedant* vem da mesma raiz de *veda*. *Veda* significa "a fonte do conhecimento". Os que cunharam esta palavra, 'vedant', chegaram a conhecer o fato de que sofrimento é conhecimento. Desse modo, eles usaram a palavra-raíz para ambos.

Se você sofre, imediatamente você fica consciente. O estômago passa a existir somente com uma dor de estômago. Antes, ele podia estar ali, mas não estava em nossa consciência. Eis por que a ciência médica, principalmente a *Ayurveda*, define saúde como *Bodhilessness*, estado de ausência de corpo: se você não está com a

consciência do corpo, você está saudável; se você toma consciência do corpo, algo está errado, porque essa consciência existe somente quando algo vai errado. Se você é um motorista, um pequeno ruído no motor e você fica atento. Caso contrário, tudo estava com o barulho normal, tudo estava monótono, tudo estava bem. Um pequeno ruído diferente em algum lugar do motor, ou em outra parte do carro, e você fica consciente de que algo está indo mal. Somente quando algo vai mal, você toma consciência.

E se você fica realmente consciente, você não fica envolvido no erro: ao contrário, você cresce em sua consciência, cada vez mais. Então um segundo fenômeno acontece: em sua consciência, você vem a saber que a doença está presente, que o desconforto está presente, que o sofrimento está presente — mas isso não é você, isso está apenas à sua volta, na circunferência. No centro, há consciência, na circunferência há o sofrimento, como se o sofrimento pertencesse a uma outra pessoa: você não está identificado. Então, há uma dor de cabeça, mas ela não é dolorosa para você: ela é dolorosa para o corpo e você está simplesmente consciente. O corpo torna-se o objeto e você se torna o sujeito — há um afastamento.

Na consciência, todas as pontes são quebradas, o afastamento fica imediatamente presente. Você pode ver: o corpo sofre, mas a identificação está quebrada. O sofrimento traz consciência, a consciência quebra a identificação — e essa é a chave para a vida.

"Abençoado é o homem que sofreu; ele descobriu a vida".

Jesus na cruz é apenas um símbolo do sofrimento final, do absoluto sofrimento, do pico do sofrimento. Quando Jesus estava na cruz, no último momento ele vacilou um pouco. O sofrimento era demasiado. Não era um sofrimento comum, uma dor comum no corpo, era angústia — não somente física, mas profunda angústia psicológica. E a angústia era esta, que, de repente, ele começou a sentir: "Eu fui abandonado por Deus? Por que isso tinha de me

acontecer? Eu não fiz nada de errado. Por que devo ser crucificado? Por que esta dor? Por que esta crucificação? Por que esta angústia para mim?". E ele perguntou a Deus: "Por quê?". Ele questionou!"

Deve ter sido um momento de profunda angústia, quando todo o seu alicerce é mexido e até a sua fé é mexida. A dor era demasiada — a humilhação da coisa toda. As mesmas pessoas pelas quais ele tinha vivido, pelas quais ele tinha trabalhado, às quais ele tinha servido, as quais ele tinha curado — elas o estavam assassinando e por nenhuma razão, absolutamente. Ele perguntou a Deus: "Por quê? Por que isso está me acontecendo?". Então, de repente, ele percebeu porquê, porque ele ficou muito consciente: no momento da crucificação, ele chegou à perfeita consciência.

Eu sempre digo que, antes daquele momento, ele era Jesus, depois daquele momento, ele tornou-se Cristo. Naquele momento, aconteceu a total transformação. Até então, ele estava chegando cada vez mais e mais e mais próximo, chegando cada vez mais e mais e mais perto, mas o último salto aconteceu naquele momento: Jesus desapareceu e lá estava O Cristo — de repente, a transmutação.

O que aconteceu? Ele disse: "Por que este sofrimento para mim? Fui esquecido? Estou abandonado?". E imediatamente após essa angústia, ele disse: "Não! Seja feita a vossa vontade". Ele aceitou. O "por quê?" era uma rejeição, porque questionamento significa dúvida. Imediatamente ele compreendeu e disse: "Eu aceito, eu compreendo. Vossa vontade deve ser feita, não a minha, porque a minha vontade vai dar em erro". Então, ele relaxou, então, houve um let-go (entrega), a entrega final. No momento da morte, ele aceitou a morte também. Naquela aceitação, ele tornou-se vida eterna — a chave foi descoberta. Eis por que ele diz: "Abençoado é o homem que sofreu; ele descobriu a vida".

Sempre que você sofrer, da próxima vez, não reclame, não crie uma angústia daquilo. Ao contrário, observe, sinta-o, veja-o, olhe para aquilo de todos os ângulos possíveis. Faça daquilo uma

meditação e veja o que acontece: a energia que estava indo para a doença, a energia que estava criando sofrimento, é transformada, a qualidade muda. A mesma energia torna-se sua consciência, porque não há duas energias em você, a energia é uma só. Você a tem no sexo, você pode transformá-la e torná-la amor. Você pode transformá-la até mais alto e torná-la oração. Você pode transformá-la ainda mais alto e torná-la consciência-em-si — a energia é a mesma.

Quando você sofre, você está dissipando energia, a energia está vazando. Sempre que há sofrimento, sacuda-se. Feche seus olhos e olhe para o sofrimento. Seja ele qual for — mental, físico, existencial — seja o que for olhe para ele, faça disso uma meditação. Olhe para ele como se ele fosse um objeto.

Quando você olha para o seu sofrimento como um objeto, você está separado, você não mais está identificado com ele, a ponte foi quebrada. E, então, a energia que estava indo para o sofrimento, não irá, porque a ponte não mais existe. A ponte é a identificação. Você sente que você é corpo, então, a energia se move para dentro do corpo. Quando quer que você sinta qualquer identificação, sua energia se move aí.

Você pode não saber disso, mas você pode tentar um experimento simples: se você ama uma mulher. Sente-se ao lado dela e sinta-se identificado, como se você fosse a mulher, a amada; e deixe a mulher sentir que ela é você, o amado. Simplesmente espere e sinta-se identificado. De repente, vocês dois terão um choque de energia. Vocês dois sentirão que alguma energia se moveu de um para o outro. Os amantes sentem como se uma energia saltasse, assim como num choque elétrico, e alcançasse o outro. Sempre que você fica identificado com algo, há uma ponte, e a energia pode mover-se através dessa ponte.

Sempre que a mãe está alimentando seu filho, ela não está somente dando leite como sempre foi pensado. Agora os biólogos se depararam com um fato mais profundo, e eles dizem que ela está

dando energia — o leite é apenas a parte física. E eles fizeram muitos experimentos: uma criança é criada, recebe alimento — da maneira mais perfeita possível que a ciência médica tenha descoberto. Tudo é fornecido, mas a criança não é amada, não é acarinhada; a mãe não a toca. O leite é dado através de dispositivos mecânicos, são aplicadas injeções, vitaminas — tudo é perfeito. Mas a criança pára de crescer, começa a encolher, como se a vida comesse a sair dela. O que está acontecendo? Por quê? Tudo que a mãe estaria dando, está sendo dado!

Aconteceu na Alemanha, durante a guerra, muitos bebês órfãos pequenininhos foram colocados num hospital. Em poucas semanas quase todos morreram. Metade deles morreu — e todos os cuidados estavam sendo tomados; cientificamente, eles estavam absolutamente corretos, estavam fazendo tudo que era necessário. Mas por que aquelas crianças estavam morrendo? Então, um psicanalista observou que eles precisavam de algum carinho, alguém para abraçá-los, alguém para fazê-los sentirem-se significativos.

Comida não é alimento bastante. Jesus diz: "O homem não pode viver só de pão". Algum alimento interior, algum alimento invisível é necessário. Assim, o psicanalista fez uma regra para que, quem quer que entrasse no quarto — uma enfermeira, um médico, uma empregada — teria de dispor pelo menos de cinco minutos dentro do quarto para abraçar e brincar com as crianças. E, de repente, elas não estavam mais morrendo, começaram a crescer. E desde então, muitos experimentos têm sido feitos.

Quando uma mãe abraça um filho, a energia está fluindo. Essa energia é invisível — nós a chamamos de amor, calor. Algo está pulando da mãe para o filho, e não somente da mãe para o filho, do filho para a mãe também. Eis por que uma mulher nunca é tão bela como quando se torna mãe. Antes, está faltando algo, ela não está completa, o círculo está partido. Quando uma mulher se torna mãe, o círculo fica completo. Uma graça vem a ela, como que

de uma fonte desconhecida. Assim, não somente ela está alimentando o filho, o filho também está alimentando a mãe. Eles estão em felicidade um "dentro" do outro.

E não há nenhum outro relacionamento que seja tão próximo. Nem os amantes são tão próximos, porque o filho vem da mãe, do seu próprio sangue, da sua carne e de seus ossos: o filho é simplesmente uma extensão do seu ser. Nunca mais isso acontecerá, porque ninguém pode ser tão próximo. Um amante pode estar próximo do seu coração, mas o filho viveu dentro do coração. O coração da mãe batia e essa era a batida do coração do filho, ele não tinha nenhum outro coração; o sangue da mãe circulava nele, ele não tinha nenhuma independência, ele era simplesmente parte dela. Durante nove meses ele permaneceu como parte da mãe, organicamente junto, uno. A vida da mãe era sua vida, a morte da mãe teria sido a morte dele. Mesmo depois disso continua: uma transferência de energia, uma comunicação de energia existe.

Sempre que há sofrimento, fique alerta; então a ponte está partida, então, não há nenhuma transferência de energia para o sofrimento. E, pouco a pouco, o sofrimento desaparece, porque o sofrimento é seu filho. Você lhe deu nascimento, você é a causa. E, então, você o alimenta, você o rega. E então, ele cresce e você sofre mais ainda. Então, você reclama, você fica miserável, toda a sua atenção fica identificada com o sofrimento.

Ouvi contar: certa vez duas mulheres idosas se encontraram no mercado. Uma perguntou para a outra como ela estava se sentindo, pois ela sempre estava se sentindo doente. Há mulheres que sempre se sentem doentes. Alguma coisa está sempre errada. Não é doença, é algo mais profundo, uma neurose, porque elas não podem se sentir à vontade se não estiverem doentes; a doença se torna parte do ego. Ela perguntou: "Como você está se sentindo?". A mulher que estava sempre doente, ou falando sobre doença, começou: "Muito mal. Nunca estive tão mal. A artrite está tomando

conta, tenho uma terrível dor de cabeça e o estômago está horrível, e minhas pernas doem..." e por aí ela foi. A outra disse: "Então, vá ao médico!". A mulher respondeu: "Sim, eu irei quando me sentir um pouco melhor".

Mas isso está acontecendo: você irá ao médico quando se sentir um pouco melhor. Mas ninguém vai — quando a pessoa se sente um pouco melhor, não há necessidade. Vá ao médico quando você estiver sofrendo, reze quando estiver sofrendo, medite quando estiver sofrendo. Não diga "vou meditar quando me sentir um pouco melhor". Isso não vai ajudar — você não meditará e terá perdido um momento abençoado, um momento de sofrimento. Medite, fique alerta e consciente. Não perca essa oportunidade, ela é uma benção.

Use todo o seu sofrimento para a meditação e, logo, logo, você verá que o sofrimento desapareceu, porque a energia começa a se mover para dentro. Ela não fica se movendo na periferia, para o sofrimento, você não fica alimentando sofrimento. Parece ilógico, mas essa é toda a conclusão de todos os místicos do mundo: você alimenta seu sofrimento e gosta dele de um modo sutil, você não quer ficar bem — deve haver algum investimento nisso.

Os Budas, os Jesuses, os Zaratustras têm falado em vão. Você não os ouve. Eles dizem que há uma possibilidade de suprema bem-aventurança. Você escuta isso e diz: "Está bem, vou ver depois, quando me sentir melhor". Mas quando você está feliz, qual é a necessidade? Eis por que Buda continua insistindo: Toda a sua vida é sofrimento, *dukkha* — não espere! Não irá haver nenhuma felicidade na vida que você está vivendo. acorde, observe. É a própria angústia, o que você chama de "vida". As pessoas pensam que ele deve ter sido um pessimista. Ele não era, ele estava apenas enfatizando. E você ficou tão apegado ao seu sofrimento, que não o conhece.

Qual é o investimento? Desde o começo, desde a infância, alguma coisa quase sempre caminha de modo errado. E essa coisa é que, sempre que uma criança adocece, ela recebe mais atenção. Isso cria uma associação indevida: a mãe a ama mais, o pai cuida mais dela; toda a família a coloca no centro, ela se torna a pessoa mais importante. Ninguém se importa com uma criança de outra forma — se ela está bem e satisfeita, é como se ela não existisse. Quando ela adocece, ela fica ditatorial, ela dita seus termos. Uma vez que esse truque é aprendido — que sempre que você está doente você se torna de algum modo especial — então, todos têm de prestar atenção, porque, se não prestarem atenção, você pode fazê-los sentir-se culpados. E ninguém pode dizer nada a você, porque ninguém pode dizer que você é responsável pela sua doença.

Se a criança estiver fazendo algo errado, você pode dizer: "Você é responsável!". Mas se ela está doente, você não pode dizer nada, porque a doença não é vontade dela — o que ela pode fazer? Mas você não sabe dos fatos: noventa e nove por cento das doenças são auto-criadas, geradas por você mesmo para atrair atenção, afeto, importância. E uma criança aprende o truque muito facilmente, porque o problema básico para a criança é que ela é indefesa. O problema básico que ela sente continuamente é que ela não tem poder e todos são poderosos. Mas, quando está doente, ela fica poderosa e todos ficam sem poder. Ela passa a compreender isso.

Uma criança tem muita sensibilidade para saber das coisas. Ela começa a ver que nem o pai é nada, nem a mãe é nada — ninguém é nada diante dela quando ela está doente. Então, a doença se torna algo muito significativo, um investimento. Sempre que ela se sentir negligenciada na vida, sempre que ela sentir "estou indefesa", ela pega uma doença, ela a cria. E este é o problema, um profundo problema. Por que o que se pode fazer? Quando uma criança está doente, todos têm de prestar atenção.

Mas agora os psicólogos sugerem, sempre que uma criança estiver doente, cuide dela, mas não lhe dê muita atenção. Ela deve

ser cuidada com medicamentos, mas não psicologicamente. Não crie nenhuma associação na mente dela de que a doença vale a pena, caso contrário, por toda a sua vida, sempre que ela sentir que algo vai errado, ela ficará doente. Então, a mãe não pode dizer nada, então, ninguém pode reclamar com ela porque ela está doente. E todos têm pena dela e lhe dão afeto.

Noventa por cento do sofrimento existe porque vocês associaram algo, que parece bom, com o sofrimento. Abandone essa associação. Ninguém mais pode fazer isso por você. Abandone essa associação completamente, corte essa associação completamente. O sofrimento está simplesmente desperdiçando sua energia. Não fique envolvido nele, não pense que ele vale a pena. Há somente um único meio em que o sofrimento vale a pena, e esse meio é com consciência. Torne-se consciente.

Lembre-se de como abandonar essa associação; primeiro, nunca fale sobre seu sofrimento. Sofra, mas não fale sobre ele. Por que você fala sobre ele? Por que as pessoas continuam falando e incomodando os outros com o sofrimento delas? Quem está interessado? Para não ofender, só por isso, é que as pessoas têm de tolerar quando você começa a falar sobre doenças e angústia. Elas começam de algum modo a correr de você. Ninguém quer ouvir, porque todo mundo já tem sofrimento suficiente por si mesmo. Quem se importa sobre o seu sofrimento? Não fale sobre ele, porque falar cria associações.

Não reclame, porque, então, você está pedindo afeto, pena, compaixão, amor. Não peça, não venda seu sofrimento — recolha seu investimento. Sofra reservadamente, não torne a coisa pública. Então, o sofrimento se torna *tapascharya*, se torna austero. Mas olhe para seus santos: se eles fazem *tapascharya*, austeridade, rigor, eles tornam a coisa muito pública. E eu estou dizendo para tornar o sofrimento reservado, então, ele se torna *tapas*, austero. Eles o tornam público, eles anunciam que estão indo fazer um longo jejum — todos devem saber.

São crianças enlouquecendo, são pessoas infantis. Eles investiram mais do que você: dependem do próprio sofrimento, o prestígio deles depende do próprio sofrimento — por quanto tempo eles podem jejuar, por quanto tempo podem atrair a atenção de todo o país ou de todo o mundo... São pessoas muito ardilosas, ficam usando o sofrimento para explorar os outros. Mas isso é o que todos estão fazendo, apenas que eles estão fazendo isso ao máximo. Não faça isso, não tente ser um mártir, é inútil. Não seja um exibicionista.

Sofra reservadamente, sofra tão reservadamente que ninguém jamais fique sabendo do seu sofrimento. E então medite sobre ele: não o jogue para fora, acumule-o dentro e, depois, feche seus olhos e medite sobre ele. Então, a ponte será partida.

É isso o que Jesus quer dizer com: "Abençoado é o homem que sofreu" — esta é a técnica para o sofrimento: use o sofrimento como um método — "ele descobriu a vida".

O sofrimento pertence ao reino da morte, a consciência pertence ao reino da vida. Quebre a ponte e você saberá que algo em você, ao seu redor, vai morrer — aquilo pertence à morte; e algo em você, sua consciência, não vai morrer, ela é imortal, pertence à vida. Eis por que o sofrimento pode lhe dar a chave da vida.

Jesus disse:

"Olhe para o eterno enquanto viver, para que não morra e fique procurando por ele sem ser capaz de encontrá-lo".

Essas são técnicas; "Olhe para o eterno"... Em você, há algo que é eterno e algo que já está morto. Em você, dois mundos se encontram, o mundo da matéria e o mundo do espírito — você existe na fronteira. Em você, dois reinos se encontram, o reino da morte e o reino da vida — vocês existem entre os dois. Se você prestar muita atenção ao que pertence à morte, você sempre permanecerá com medo, sofrendo, amedrontado. Se você prestar

atenção ao seu centro, que pertence à vida, à vida eterna, à imortalidade, o medo desaparecerá.

Jesus diz: "Olhe para o eterno enquanto viver"... Não perca, porque, no momento da morte será muito, muito difícil olhar para o eterno.

Se durante toda a sua vida você ficou atento ao reino da morte — o reino das coisas, o reino da matéria e do mundo — se você esteve atento somente ao reino da morte, será difícil, quase impossível, olhar para o reino da vida quando você estiver morto ou quando estiver morrendo. Como você pode repentinamente voltar suas costas, como você pode repentinamente virar sua cabeça? Será impossível, você ficará paralisado. Toda a sua vida você esteve olhando para fora, seu pescoço ficará paralisado, você não poderá retornar. É preciso um contínuo movimento em direção ao mundo do imortal enquanto você vive.

"Olhe para o eterno enquanto viver"... sempre que tenha um momento de silêncio, feche seus olhos e olhe para dentro, de modo que seu pescoço permaneça flexível; caso contrário, no momento da morte você ficará paralisado. Você gostaria de ver a vida eterna, mas você não será capaz, porque você não pode voltar-se. "... para que não morra e fique procurando por ele sem ser capaz de encontrá-lo".

E ele está aí, dentro de você, mas você ficou fixado, ficou obcecado. A obsessão com o lado de fora tem de ser quebrada. Não há nenhuma necessidade de fugir para a floresta, isso não vai adiantar. Mas nas vinte e quatro horas do dia você tem momentos suficientes para olhar para dentro. Não os perca! Sempre que tiver tempo, simplesmente feche seus olhos, mesmo por um único momento, e olhe para dentro na direção do eterno. Ele está aí, basta um pouco de prática para ver e ficar sintonizado com a escuridão interior. É escuro só agora, porque você está sintonizado com a luz externa.

Quando você ficar sintonizado com a luz interna, você verá que ela é uma luz difusa, não é escuro: uma luz muito silenciosa, muito reconfortante, muito branda, mas não uma luz intensa — é uma penumbra. É exatamente como quando o sol ainda não surgiu e a noite quase já se foi. É a isso o que os hindus chamaram de *brahmamuhurta*.

Por que eles o chamam de Brahmamuhurta, o momento de Deus? Eles o chamam assim, devido a essa coisa interna: quando você está se voltando para dentro, a luz externa se foi e a escuridão ainda não foi embora, porque a pessoa tem de ficar sintonizada, somente então, ela irá embora. Há uma penumbra, *sandhyakal*, um momento em que não há nenhuma luz e nenhuma escuridão. A isso eles chamam Brahmamuhurta, o momento do divino. Torne-se sintonizado, olhe, espere, observe. Logo, logo, seus olhos ficarão acostumados e você será capaz de ver.

Não há nenhuma luz intensa, apenas uma luz difusa, porque ela não é gerada por um sol. Trata-se apenas de uma luz natural, não gerada por nada mais. É a sua própria luz, sua própria aura interior — ela existe. Quando quer que você encontre tempo, não o desperdice. E, então, você descobrirá momentos bastantes: ao ir dormir, olhe para dentro: o dia passou, o mundo da morte não existe mais, você vai se retirar — olhe para dentro. De manhã, no primeiro momento em que você ficar ciente de que o sono acabou, não há nenhuma necessidade de pular da cama e entrar no mundo. Espere um pouco, feche seus olhos, olhe para dentro: é silencioso. O descanso de uma noite inteira ajuda, você não está tão tenso, será mais fácil mover-se para dentro.

Eis por que todos os religiosos insistem na prece quando você vai dormir e na prece quando você volta do mundo do sono. Esses momentos são muito bons. À noite, você está cansado do mundo, você está farto do mundo, você está pronto para olhar para outra coisa. De manhã, você já descansou e o descanso ajuda, você pode olhar para o interior. É isso o que Jesus diz: "Olhe para o

eterno enquanto viver, para que não morra e fique procurando por ele sem ser capaz de encontrá-lo".

E ele estará presente, mas você será incapaz de vê-lo, simplesmente devido a uma prática errada durante toda a sua vida.

Eles viram um samaritano levando uma ovelha a caminho da judéia.

Ele perguntou a seus discípulos: "Por que esse homem leva a ovelha com ele?"

Eles responderam: "Para que possa matá-la e comê-la".

Ele lhes disse: "Enquanto ela estiver viva, ele não a comerá, mas somente quando a matar e ela tornar-se um cadáver".

Eles disseram: "De outro modo, ele não será capaz de comê-la".

Ele lhes disse: "E vocês, busquem um lugar para si mesmos em repouso, para que não se tornem cadáveres e sejam comidos".

Seu corpo vai se tornar alimento de vermes, de pássaros. Seu corpo é alimento, ele não é nada mais do que isso, não pode ser — seu corpo vem do alimento. Eis por que se você não comer, seu corpo começará a desaparecer. Se você continuar um jejum, cerca de novecentos gramas do seu corpo irão desaparecer a cada dia. Para onde seu corpo está indo? Todo dia você tem de enchê-lo com alimento. Então, quando você morrer, o que acontecerá com o seu corpo? O mundo o usará como alimento: os vermes da terra se alimentarão de você, ou os pássaros do céu o comerão. Isso lhe dá medo, você fica apreensivo porque "eu serei comido". Devido a isso, em todo o mundo, as pessoas têm criado meios para não serem comidas. Mas elas são tolas!

Os hindus queimam o corpo morto, simplesmente para evitar uma coisa: que você seja comido. Os muçulmanos colocam o corpo morto dentro de um ataúde e o colocam dentro de um túmulo, só

para protegê-lo. Os cristãos fazem o mesmo. Somente os zoroastristas não fazem isso: eles deixam o corpo virar alimento. Eles são os mais naturais quanto a isso, e os mais científicos também, porque não se deve destruir alimento. Você andou comendo pássaros, animais, frutas, durante toda a sua vida, e agora você acumulou noventa quilos de corpo e você o destrói, queima-o. Isso não é bom, você não é agradecido ao mundo. Você deve retornar ao mundo do alimento — o corpo é alimento!

E por que vocês pensam que queimar é melhor, jogar o corpo no fogo é melhor do que deixá-lo ser comido por um verme ou por um pássaro, ou por um animal? Por que...? Nesse caso, o fogo também estará queimando... no estômago do leão... e esse fogo dissolverá seu corpo. Mas esse é um fogo natural e, pelo menos, irá satisfazer alguma fome em algum lugar.

Somente os pársis têm permanecido naturais quanto a isso, mas até mesmo eles começaram a titubear agora, porque todos dizem: "Isso é errado — deixar seu pai, sua mãe! Que tipo de gente vocês são? Vocês são muito cruéis!". Mas atirar um cadáver no fogo não é cruel? Ou enterrá-lo lá no fundo da terra, não é cruel? Eles são mais ecológicos, estão completando o círculo. Os hindus, os muçulmanos e os cristãos são menos ecológicos, estão quebrando o círculo e isso não é bom.

Jesus diz: "Se vocês não se derem conta do ser interior, do ser eterno, do ser consciente, então, você será simplesmente comido, eis tudo". Toda a sua vida foi inútil: comendo durante toda a sua vida, trabalhando para comer e, depois, sendo comido... essa é toda a história. "Uma história contada por um idiota, cheio de fúria e algazarra, significando nada". A vida toda, uma luta para comer e ser comido depois. Qual é o significado disso?

Jesus diz; "Antes que você morra, antes de ser comido, perceba aquilo que não é alimento em você, que não é criado pelo alimento em você". Então, você terá de compreender uma coisa mais.

Todas as religiões têm tentado o jejum. Por quê? Porque, quando você jejua, a consciência cresce em intensidade, porque ela não é parte do alimento. Realmente, o alimento destrói a consciência e, quando você não come, você se torna mais consciente, porque o alimento dá uma espécie de sono, ele é um intoxicante. Assim, se você come demais, você imediatamente se sente sonolento. É alcoólico: sempre que você come, você tem de ir dormir. Se você jejuar, você descobrirá que será difícil dormir naquela noite. Você pensa que é devido à fome? Não, é porque, sem alimento, acontece mais consciência.

E se você fizer um longo jejum, depois do terceiro, quarto, quinto dia, a fome desaparecerá, porque o corpo insiste durante três, quatro, cinco dias — o corpo não tem uma memória muito longa. Ele insiste no velho hábito durante alguns dias e, depois, se você não o escuta, o corpo faz seus arranjos de um outro modo. O corpo tem um arranjo duplo — isso é necessário como medida de segurança. Todo dia você tem de comer para dar ao corpo sua cota diária. Se você não lhe der a cota durante cinco, sete dias, então, o corpo tem uma medida de emergência: a carne acumulada no corpo, a gordura acumulada; ela se acumula.

Toda pessoa saudável comumente acumula bastante gordura para pelo menos três meses — isso é um reservatório. Quando o corpo acha que você não vai mais lhe dar alimento, o corpo começa a comer do seu próprio reservatório. Quando o corpo começa a comer sua própria reserva, então, a consciência não está envolvida, absolutamente. Você não precisa sair e ganhar dinheiro e trabalhar e ficar cansado e, então, dar comida ao corpo.

E quando você lhe dá comida, para digeri-la, toda a sua energia é necessária. Eis por que, imediatamente após comer a comida, sua cabeça fica sonolenta: porque a energia que estava trabalhando como consciência, é requerida no estômago para trabalhar como uma força digestiva — ela move-se para ele imediatamente.

Assim, as pessoas que comem demais não podem meditar bem — impossível! Elas podem dormir bem, mas elas não podem ser conscientes-de-si, elas não podem ser muito conscientes. Elas são alimento e nada mais. E elas serão comidas: sua vida inteira é um círculo alimentar. Todas as religiões ficaram cientes de que, se você jejua, a consciência aumenta, porque a energia fica livre quando não há nada para digerir. Nada a ser levado para dentro e nada a ser posto para fora. Todo o trabalho pára. O trabalho na fábrica do corpo não está presente, a fábrica está fechada. Então, toda a energia que você conseguiu se torna consciência-em-si. Eis por que é difícil dormir quando você está num jejum.

E se você jejuou durante pelo menos vinte, trinta dias, quarenta dias, você terá um novo tipo de sono: seu corpo dormirá e você permanecerá alerta. Eis o que Krishna disse a Arjuna: "Quando todos dormem, um iogue permanece acordado". Eis o que Buda disse: "Mesmo enquanto estou dormindo, não estou dormindo — somente o corpo dorme". Eis por que, quando Mahavira dormia, ele nunca se mexia no sono — nem mesmo um único movimento. Ele nunca mudava de lado, porque ele permanecia alerta. E ele disse: "Mudar de lado não seria bom: algum inseto podia ter se alojado embaixo" — porque ele dormia no chão ou sob uma árvore — "e, se eu me mexer no escuro e mudar de lado, pode haver alguma violência — sem saber, mas ainda assim... E se eu posso evitar isso...". Assim, ele permanecia perfeitamente numa só posição a noite toda. Permanecia exatamente como estava quando tinha ido dormir, sem nem mover a mão sequer. Isso só pode ser feito se você estiver perfeitamente consciente no sono; caso contrário, você não saberá quando se mexeu.

Se você se torna consciente, então, você se torna consciente de uma dimensão diferente dentro de você. O visível pertence à morte, o invisível pertence ao imortal.

Jesus diz: "Busquem um lugar para si mesmos em repouso" — busquem um estado de silêncio, de repouso, de tranquilidade,

equilíbrio, onde vocês possam se tornar conscientes do eterno — "para que não se tornem cadáveres e sejam comidos".

"Jesus disse: 'Dois descansarão numa cama: um morrerá e o outro viverá.'"

Exatamente as mesmas palavras estão nos Upanishads. Eles dizem que existem dois pássaros numa árvore: um num galho mais baixo e outro pousado num galho mais alto. O pássaro do galho mais baixo pensa, preocupa-se, deseja, ordena, acumula, luta, compete. Ele permanece sempre angustiado, tenso, salta de um galho para o outro, sempre se movimentando, nunca repousa. O outro pássaro que está pousado num galho mais alto, está em repouso. Ele está tão silencioso que é como se não existisse. Não tem nenhum desejo, nenhum sonho. Não tem necessidades a satisfazer, como se tudo estivesse realizado, como se ele tivesse alcançado, como se ele não tivesse mais nenhum lugar para ir. Ele fica simplesmente sentado, alegrando-se consigo mesmo, e observa o pássaro que está no galho mais baixo.

Estas são as duas dimensões em você. Você é a árvore. O que está mais baixo está sempre perturbado. O galho mais baixo é seu corpo; as necessidades e desejos são corporais. No galho superior, no topo da árvore, pousa o outro pássaro que é a testemunha; que simplesmente olha para as tolices do pássaro que está embaixo, pulando, movendo-se em angústia, ansiedade, raiva e sexo — tudo acontece a ele. Esse pássaro do galho superior é apenas um observador; simplesmente olha aqui e ali como uma testemunha, é simplesmente um expectador. Você é a árvore.

Jesus diz a mesma coisa com um símbolo diferente:

"Dois descansarão numa cama..." Você é a cama. "Dois descansarão numa cama: um morrerá e o outro viverá." Você é a cama, dois estarão nela: um morrerá e o outro viverá.

Agora, a questão é a quem se deve dar atenção. Para qual direção você deve mover-se, para qual direção toda sua energia deve fluir? Qual deve ser sua meta?

Normalmente, aquele que vai morrer é a sua meta. É por isso que você está sempre ansioso, porque está construindo uma casa na areia. Ela vai cair — antes mesmo de ser construída, ela cairá e se transformará em ruínas. Você tem medo porque está escrevendo seu nome na água — antes de completá-lo, ele já terá ido embora. Sua ansiedade existe porque você está interessado no reino da morte e não tem olhado na direção da vida. E sobre a cama os dois estão dormindo — o outro é apenas uma testemunha.

Preste mais atenção a ele, vire-se cada vez mais para ele — é isto que significa conversão. Conversão não significa um hindu tornar-se cristão ou um cristão tornar-se hindu. Isto é tolice, uma simples mudança de rótulo. Isso não é mudança, porque o homem interno permanece o mesmo, no velho padrão. Conversão significa mudar a atenção do reino da morte para o reino da vida. Há um giro: você olha para o observador, torna-se um com ele, perde-se dentro dele, dentro da consciência e sabe que aquilo que vai morrer morrerá. Mas isto não o perturba, não é o problema — porque você sabe que não morrerá e que não há o que temer.

"Jesus disse: 'Dois descansarão numa cama: um morrerá e o outro viverá.'"

E isto cabe a você. Se você quiser continuar tendo problemas, nunca dê atenção ao ser interno: se você quiser permanecer sempre angustiado, então, permaneça na periferia, não olhe para dentro. Mas se você quiser repousar, se você quiser a paz eterna, se quiser que as portas do céu se abram para você, então olhe para dentro. É difícil — é difícil porque é muito sutil. Onde o visível e o invisível se encontram, onde a matéria e o espírito se encontram, é muito sutil. É possível ver a matéria, mas não o espírito; ele não pode ser visto.

É possível ver onde o visível termina, mas você não pode ver o invisível, ele não pode ser visto.

Então, o que deve ser feito? Permaneça na fronteira do visível e não olhe para ele; olhe na direção oposta. Gradualmente, o invisível começará a ser sentido. É uma sensação, não um entendimento: ele não pode ser visto, apenas sentido. É como a brisa: ela vem, você a sente, mas não pode vê-la. É como o céu: está lá, mas você não pode dizer 'onde', não pode localizá-lo, não pode tocá-lo. Ele está sempre presente, e você está nele, mas não pode tocá-lo.

Permaneça na fronteira do visível, olhando na direção oposta. Isso é o que significa meditação. Sempre que você puder encontrar um momento de paz, feche os olhos e deixe o corpo, os prazeres corporais e o mundo da morte para trás; deixe tudo: as lojas, o escritório, a esposa, os filhos. Na primeira vez, não sentirá nada por dentro.

Hume disse: "Muitas pessoas têm falado a respeito de ir para dentro e olhar lá. Mas sempre que olho não encontro nada — só pensamentos, desejos, sonhos, flutuando aqui e ali — um caos." Você também sentirá a mesma coisa. E se concluir que não vale a pena olhar outra e outra vez esse caos, então sairá perdendo.

No começo, você só verá o caos, porque seus olhos só podem ver isso — eles precisam ser sintonizados. Continue olhando para os sonhos flutuantes. Eles flutuam como as nuvens no céu, mas entre duas nuvens, algumas vezes você verá o azul do céu: entre dois sonhos, dois pensamentos, algumas vezes você verá o céu. Não tenha pressa. Eis por que dizem que se você tem pressa você perderá.

Existe um ditado zen que diz: "Corra vagorosamente." Isso está certo! Corra! Porque você está morrendo — nesse sentido, existe pressa. Mas por dentro, se tiver muita pressa, perderá, porque

chegará às conclusões cedo demais, antes que seus olhos tenham se sintonizado. Não conclua muito depressa.

Corra vagorosamente. Espere! Vá até lá e sente-se e espere. Aos poucos, o mundo novo do invisível tornar-se claro, chega até você. Ao se acostumar com ele, poderá ouvir a harmonia, a melodia; o silêncio dará início à sua própria música. Ela está sempre presente, mas é tão silenciosa que são necessários ouvidos muito treinados para ouvi-la. Não é como um ruído, é como o silêncio. O som interior é como o silêncio; a forma interior não tem forma. Não existe tempo nem espaço lá dentro. Mas tudo o que você conhece está no espaço ou no tempo. As coisas estão no espaço, os eventos estão no tempo e, atualmente os físicos dizem que essas duas coisas, na realidade, não são duas: o tempo é apenas a quarta dimensão do espaço.

Você só conhece tempo e espaço; o mundo das coisas e dos eventos. Você não conhece o mundo da testemunha interna. Ele está além de ambos, não está confinado a nenhum espaço ou tempo. A duração existe, mas sem tempo; o espaço existe, mas sem altura, largura ou volume — trata-se de um mundo totalmente diferente. Você terá de se tornar sintonizado com ele, portanto não fique impaciente — a impaciência é a maior barreira. Percebi que quando as pessoas começam a trabalhar em direção ao interior, a maior barreira é a impaciência. É necessária uma paciência infinita. Pode acontecer no momento seguinte, mas a paciência infinita é necessária.

Se você for impaciente, talvez não aconteça durante vidas, porque a própria impaciência não lhe permitirá o repouso, a tranquilidade da qual Jesus fala. Até mesmo o fato de você estar esperando será uma perturbação. Se você estiver pensando que alguma coisa irá acontecer, alguma coisa extraordinária, então nada acontecerá. Se você estiver esperando que a iluminação aconteça, você perderá. Não espere nada! Todas as expectativas pertencem ao mundo da morte, à dimensão do tempo e do espaço.

Nenhuma meta pertence ao interior. Não há outro meio para isso, a não ser esperar, com uma paciência infinita. Jesus disse: "Observe e tenha paciência." E um dia, de repente, estará iluminado. Um dia, quando a sintonia certa acontecer, quando você estiver pronto, de repente, estará iluminado. Toda a escuridão desaparecerá e você estará repleto de vida, de vida eterna, a qual nunca morrerá.

DÉCIMO QUINTO DISCURSO

04 de setembro de 1974. Poona, Índia.

Jesus disse:

*Eu sou a Luz que está acima de todos,
Eu sou o Todo, e o Todo veio de mim, e o Todo me
abarca.*

*Corte um pedaço de madeira e eu estou ali;
Erga a pedra e você me encontrará ali.*

Jesus foi treinado numa das mais antigas escolas secretas. Essa escola era chamada de Essênia. O ensinamento dos essênios é puro *Vedanta*. Eis por que os cristãos não têm nenhum registro do que aconteceu a Jesus antes de seu trigésimo ano de vida. Eles têm um pequeno registro da sua infância e dos trinta aos trinta e três anos, quando ele foi crucificado. Conhecem poucas coisas, mas um fenômeno como Jesus não é um acidente: é uma longa preparação, não pode acontecer de um momento para o outro.

Jesus foi continuamente preparado durante esses trinta anos. Primeiro, foi enviado ao Egito e, depois, veio para a Índia. No Egito, aprendeu uma das mais antigas tradições dos métodos secretos. Depois, na Índia, ficou conhecendo os ensinamentos de Buda, dos Vedas, dos Upanishads e passou por uma longa preparação. Esses

anos não são conhecidos, porque Jesus trabalhou nessas escolas como um discípulo desconhecido. E os cristãos abandonaram propositadamente esses registros, porque não gostariam da idéia do filho de Deus ter sido discípulo de qualquer outra pessoa. Eles não gostam da ideia de Jesus ter sido preparado, ensinado, treinado — isso lhes parece humilhante. Eles pensam que o filho de Deus veio absolutamente pronto. Se alguém já está totalmente pronto, não pode vir.

Neste mundo, sempre entramos imperfeitos. A perfeição simplesmente desaparece neste mundo. A perfeição não é daqui, não pode ser — é contra a própria lei. Quando alguém se torna perfeito, toda sua vida entra numa dimensão vertical. Isto deve ser compreendido: você progride num plano horizontal: de A para B, de B para C, de C para D, e assim por diante até Z; progride numa linha horizontal, do passado para o presente e do presente para o futuro. Esse é o caminho da alma imperfeita, exatamente como a água fluindo num rio, das montanhas para as planícies e das planícies para o mar — numa linha horizontal, sempre mantendo seu próprio plano.

A perfeição move-se em linhas verticais, não horizontais. De A, ela não vai para B; de A ela vai para A1, e desse ponto vai para mais alto ainda. Para aqueles que vivem na linha horizontal, a perfeição simplesmente desaparece. Ela não existe, porque eles só podem olhar para o passado ou para o futuro. Eles podem olhar para trás, mas o homem perfeito não está lá; podem olhar para a frente, mas ele não está lá; podem olhar aqui, mas ele não está — porque uma nova linha de progressão vertical começou. O homem perfeito sobe cada vez mais alto, cada vez mais para cima. Move-se na eternidade e não no tempo.

A eternidade é vertical; eis porque agora ela é eterna — não existe nenhum futuro para ela. Se você se move numa linha horizontal, o futuro existe; se você se move de A para B, o B está no futuro; e quando o B se tornar presente, o A já estará morto no

passado e o C estará no futuro. Você está sempre entre o passado e o futuro; seu momento presente é só uma fase passageira: o B está se transformando em C, o C em D, o D em E; tudo está se movendo para o passado. Seu presente é apenas uma linha cortada, um pequeno fragmento. No momento em que você se conscientiza dele, ele já se moveu para o passado. Uma alma perfeita move-se numa dimensão completamente diferente: de A para A1, para A2, para A3 — e isso é a eternidade. Agora ela mora no eterno. Eis porque ela desaparece deste mundo.

Para entrar neste mundo, você tem de ser imperfeito. Diz-se nas velhas escrituras que sempre que um homem se aproxima da perfeição — e isso aconteceu muitas vezes — deixa alguma coisa imperfeita para poder voltar.

Conta-se que Ramakrishna era viciado em comida, era obcecado. Pensava o dia inteiro em comida. Conversava com seus discípulos e, sempre que tinha uma chance, corria até a cozinha para perguntar à sua mulher: "O que você está preparando de novo aí? Que novidade está fazendo para hoje?" Muitas vezes até sua mulher se sentia embaraçada e dizia: "*Paramahansa Deva*, isto não fica bem para você." E ele ria.

Um dia, sua esposa insistiu, dizendo: "Até seus discípulos riem disso e falam: 'Que espécie de homem liberto é *Paramahansa*?". Ele era tão obcecado por comida que sempre que *Sharda*, sua mulher, lhe trazia a refeição, imediatamente dava uma olhada na thali para ver o que ela estava trazendo. Esquecia tudo sobre *Vedanta*, sobre *Brahma*.. e às vezes era muito embaraçoso, porque havia pessoas presentes e elas achavam um absurdo um homem liberto ser preso à comida.

Um dia, sua esposa insistiu: "Por que você faz isso? Deve haver alguma razão".

Ramakrishna disse: "No dia em que eu não o fizer, você poderá contar mais três dias para eu estar vivo aqui. Quando eu

parar, este será o sinal de que só estarei aqui por mais três dias."

Sua esposa riu, seus discípulos também riram e disseram: "Isso não explica nada!" Eles não conseguiram acompanhar o significado do que foi dito.

Mas aconteceu exatamente assim. Um dia, sua esposa chegou com a comida e ele estava repousando em sua cama. Ele virou-se de lado — geralmente pulava da cama para olhar. Sua esposa lembrou-se do que ele havia dito: que viveria apenas mais três dias quando se mostrasse indiferente à comida. Ela não conseguiu segurar a thali; a thali caiu e ela começou a chorar.

Ramakrishna disse: "Mas todos vocês queriam que isso acontecesse. Agora, não se preocupem. Estarei aqui por mais três dias." No terceiro dia, ele morreu. Antes de morrer, disse que estava preso à comida só para continuar ligado a alguma coisa imperfeita e poder estar com os discípulos, servindo-os.

Muitos Mestres fazem isso. No momento em que sentem que estão se tornando completamente perfeitos, eles se apegam a alguma imperfeição só para continuar aqui. Caso contrário, esta margem não é mais para eles. Se todas as amarras são rompidas, seus botes rumam para a outra margem, não podem permanecer aqui. Assim, eles mantêm alguma amarra, mantêm algum relacionamento, encontram alguma fraqueza em si mesmos e não permitem que ela desapareça. Desse modo, o círculo não é completado, uma lacuna permanece. Através dessa lacuna, eles continuam aqui.

É por isso que os hindus, os budistas e os jainistas, por terem conhecido muitos mestres, sabem que a perfeição não é deste mundo. No momento em que o círculo se completa, desaparece dos seus olhos. Você não pode ver, não está na sua linha de visão, está além — lá você não consegue penetrar.

Mas para dizer que Jesus já era perfeito quando nasceu, para enfatizar este fato, os cristãos abandonaram todos os registros. Mas

Jesus foi um buscador como você, foi uma semente de mostarda como você. Ele se tornou uma árvore, uma grande árvore, e milhares de pássaros do céu se abrigam nele — mas também foi uma semente de mostarda. Lembre-se que Mahavira, Buda e Krishna também nasceram imperfeitos, porque o nascimento pertence à imperfeição. Não há nascimento para o que é perfeito; quando alguém é perfeito, não existe transmigração.

Esse treinamento de Jesus — a ida para o Egito e para a Índia, o aprendizado nas sociedades secretas egípcias, depois nas escolas budistas e depois na escola Vedanta hindu — tornou-o um estranho para os judeus. Por que ele se tornou tão estranho para os judeus? Por que os judeus não puderam absorvê-lo? — eles ainda não o perdoaram! Qual foi a razão? Ele estava trazendo algo alheio, algo estrangeiro; ele introduziu um segredo que não pertencia à raça. Eis por que a crucificação aconteceu.

Os hindus toleraram Buda porque fosse o que fosse que ele estivesse dizendo não lhes era estranho. Ele podia contradizer o hinduismo, mas ele só podia contradizer o hinduismo superficial. Mesmo em sua contradição, ele prova que o hinduismo mais profundo está certo. Ele podia dizer que o sistema tomou um caminho errado, ele podia dizer que a organização tomou um caminho errado, ele podia dizer que todos os seguidores tomaram um caminho errado, mas ele não poderia dizer que os hindus estavam basicamente errados. O que quer que ele dissesse, os hindus podiam compreender, não era estrangeiro, não era alienígena. Tudo que Mahavira disse, os hindus simplesmente toleraram. Ele pode ter sido um revolucionário, mas ele permanece um hindu; ele pode ter sido um filho rebelde, mas ele pertence aos hindus — não havia muito com que se preocupar.

Mas Jesus não é somente revolucionário, ele também não pertence. Como aconteceu de ele deixar de pertencer aos judeus? Os cristãos não têm nenhuma resposta para isso. De onde ele trouxe esse ensinamento alienígena? Do Egito e da Índia.

A Índia foi a fonte de todas as religiões. A Índia foi a fonte básica até mesmo daquelas religiões que são contra o hinduísmo. Por que aconteceu de a Índia ser a fonte básica de todas as religiões?

A Índia é a civilização mais antiga, e toda a mente da Índia esteve sempre trabalhando e trabalhando e trabalhando na dimensão da religião. Aventurou-se sobre todos os segredos da religião — nenhum segredo ficou desconhecido. Na verdade, durante milhares de anos, vocês não foram capazes de ensinar à Índia nenhum segredo sobre religião, porque eles sabem tudo. Eles descobriram tudo. De certo modo, completaram toda a jornada. Assim, tudo que é belo na religião, onde quer que esteja, você pode estar certo de que, de algum modo, aquilo veio da fonte. Exatamente como a mente grega é a fonte da ciência — todo o desenvolvimento científico vem da mente grega, da mente lógica, da mente aristotélica — todo o misticismo vem da Índia. E somente dois tipos de mente existem no mundo: a grega e a indiana.

Se você for basicamente uma mente grega, será absolutamente impossível compreender a Índia, porque ela parecerá absurda. Seja o que for que digam, parecerá improvável; qualquer afirmação que façam, se mostrará sem significado.

Aristóteles será um absoluto estrangeiro na Índia, porque ele acredita em definições, demarcações precisas, distinções. E acredita na lei da contradição, que duas coisas contraditórias não podem estar juntas: "A" não pode ser "A" e "não-A" simultaneamente, isso é impossível; um homem não pode estar vivo e morto, simultaneamente — é impossível. Aparentemente, ele está certo.

Os hindus acreditam na contradição. Eles dizem que o homem está vivo e morto, os dois simultaneamente, porque a vida e a morte não são duas coisas, não se pode demarcá-las. A mente grega é matemática, a mente hindu é mística. Todo misticismo vem da Índia — assim como o sol surge no Oriente, todo misticismo surge no Oriente — e a Índia é o coração.

Para este sutra ser compreendido, você tem de ir para os Upanishads, as raízes estão lá. Você não pode descobrir nada no Velho Testamento ou em outro registro judaico, que possa ter dado origem a estas palavras de Jesus. Eis por que os judeus não podem acreditar no que Jesus está dizendo.

Jesus diz repetidamente: "Eu não vim para contradizer as velhas escrituras, mas para cumpri-las". Mas quais escrituras, que escrituras? Isso ele nunca diz. Se ele veio para cumprir o Velho Testamento, então, essa afirmação está errada, porque ele quase sempre contradiz o Velho Testamento. O Velho Testamento depende da vingança — o pai, o Deus, é muito vingativo. O medo é a base do Velho Testamento e de sua religião: você deve ser temente a Deus. E Jesus diz que "Deus é amor". Você não pode temer o amor e, se há amor, não pode haver nenhum medo. E, se você tem medo, como você pode amar? O medo é veneno para o amor, o medo é morte para o amor. Como você pode amar uma pessoa se você tem medo? O medo pode criar ódio, mas não pode criar o amor.

Assim, um homem religioso no Velho Testamento é temente a Deus; e, no Novo Testamento, um homem religioso é amante de Deus. E amor e medo são dimensões totalmente diferentes. Jesus disse: "Foi dito que se alguém ferir um de seus olhos, arranque-lhe os dois. Mas eu lhes digo: se alguém lhe bater numa face, dê-lhe a outra face também". Isso é absolutamente anti-judaico, não existe na tradição. Assim, quando Jesus diz "eu vim para cumprir as escrituras", a que escrituras ele se refere? Se ele estivesse na Índia e tivesse dito "eu vim cumprir as escrituras", nós teríamos compreendido, porque os Upanishads são as escrituras que ele veio cumprir; o *Dhammapada*, os discursos de Buda, são as escrituras que ele veio cumprir — elas dependem do amor, da compaixão.

Mas as escrituras judaicas absolutamente não estão interessadas na compaixão e no amor, estão interessadas no medo, na culpa. Eis porque seja o que for que Jesus tenha dito, os judeus compreenderam bem que "ele não veio para cumprir nossas

escrituras". Não se pode encontrar uma afirmação como esta no Velho Testamento:

Eu sou a Luz que está acima de todos, eu sou o Todo, e o Todo veio de mim e o Todo me abarca. Corte um pedaço de madeira e eu estou ali; erga a pedra e você me encontrará ali.

Pode-se encontrar milhares de ditos semelhantes nos Upanishads, no Gita, em Buda, mas você não pode encontrar um único paralelo no Velho Testamento. Assim, que escrituras ele veio cumprir? Ele veio cumprir alguma outra escritura, alguma outra tradição. Este sutra é absolutamente Vedanta; assim, tente compreender primeiramente o ponto de vista do Vedanta, depois, você será capaz de compreender este sutra.

Jesus nasceu como um judeu, viveu como um judeu, morreu como um judeu — mas isso é somente no que diz respeito ao corpo. De outra forma, Jesus é um puro hindu. E você não pode descobrir um hindu mais puro do que Jesus, porque a base da religião upanixádica é a sua base. Ele criou toda a estrutura sobre aquela base; assim, tente compreender o que é essa base.

Os judeus dizem: "Deus é o criador e este universo é o criado, e o criado jamais pode se tornar o criador. Como pode uma pintura tornar-se o pintor? Como pode um poema se tornar o poeta? Impossível! E se o poema tenta se tornar o poeta, o poema ficou louco; e se a pintura tenta provar e afirmar e clamar que 'eu sou o pintor', então, a pintura ficou louca. O homem é a criatura e Deus é o criador. E essa distância jamais pode desaparecer completamente, esse espaço permanecerá. Você pode chegar cada vez mais e mais perto, mas você jamais pode se tornar Deus". Essa é a base do pensamento judaico. E os muçulmanos aprenderam isso dos judeus. Os muçulmanos são mais judaicos do que Jesus; no que diz respeito ao pensamento, ao modo de pensar, Maomé está mais próximo de Moisés do que Jesus. Maomé não aprendeu muito dos hindus.

Mas o Vedanta diz: "Deus é a criação, não há nenhuma distinção entre Deus e a criação. Ele não criou o universo como um poeta cria um poema, o relacionamento é exatamente como o de um dançarino e a dança: eles permanecem um. Se o dançarino pára, a dança desaparece; e se a dança desaparece, a pessoa não mais é um dançarino. O universo não está separado, ele é uno. O universo não foi criado no tempo e concluído. Ele é criado a cada momento; está sendo criado a cada momento, porque ele é o próprio ser de Deus. Exatamente como você se move, canta, ama; assim, Deus cria — a cada momento ele está criando. E a criação jamais é separada, ela é seu movimento, sua dança". Eis por que os Upanishads dizem "aham brahmasmi". Os Upanishads podem dizer, os visionários que vieram a saber deste segredo, podem dizer: "Eu sou Deus". E ninguém pensa que isso seja blasfêmia — isso é uma verdade.

Os judeus jamais podem dizer "eu sou Deus" — isso é blasfêmia, nada pode ser pior do que essa afirmação. Você tentando ser Deus!? Uma criatura tentando ser Deus!? Um escravo tentando afirmar que ele é o senhor!? Isso é egoísmo! O que é pura religião no Vedanta é egoísmo para os judeus e os muçulmanos. O Vedanta diz que isso não é ego, porque esse sentimento de que "eu sou Deus" acontece somente quando o "eu" desapareceu completamente. Quando você não mais existe, quando a casa está vaga e o barco está vazio, então, de repente, você fica ciente de que você é o todo. Se você está ali, como você pode pensar que você é o todo? Se você está ali, então, você tem uma fronteira, uma personalidade — então, sua afirmação é falsa. Quando o "eu" desaparece, quando existe a ausência de ego, somente então, você pode sentir que você é o todo. A afirmação de Jesus vem dos Upanishads.

A primeira coisa a ser lembrada: a criação e o criador não são dois, são um.

A segunda coisa a ser lembrada: comumente, a matemática diz que a parte jamais é equivalente ao todo, a parte jamais pode ser o todo. Num mecanismo é assim: tire uma parte do seu carro — a

parte não pode ser o carro, é muito óbvio; você corta sua mão — sua mão não é você. Uma parte não pode ser o todo, isso é lógica comum. E se o mundo é uma coisa mecânica, então, isso é verdade.

Mas o Vedanta diz que a existência é orgânica, não mecânica. Com a unidade orgânica, um tipo diferente de matemática torna-se aplicável: a parte é o todo. Este é o maior absurdo! E eis por que eles podem dizer "eu sou Deus — porque eu sou uma parte, Deus é o todo". Mas como a parte pode ser o todo? Se há um relacionamento mecânico entre mim e a existência, então, isso não é possível. Mas, se há uma unidade orgânica, então, isso é possível. E há uma unidade orgânica.

Você existe não como uma unidade separada completa em si mesma. Não! Você existe não como uma ilha, você existe como uma onda do oceano, uma unidade orgânica, você e o oceano são um: o oceano continua se movendo e "ondeando" em você — você não pode existir sem o oceano. E se você compreende profundamente, o oceano também não pode existir sem você; vocês estão totalmente unidos. Pode-se dizer que o oceano existe em cada onda, e pode-se dizer que o oceano não é nada mais do que a totalidade de todas as ondas. Assim, uma onda não está separada: não se pode tirar uma onda para fora do oceano, não se pode levá-la para casa e mostrá-la aos filhos, dizendo: "Fui ao oceano e lhe trouxe uma onda". Você não pode levar a onda. Pode-se levar a água, mas ela não será uma onda — não estará viva.

Olhe para o oceano quando há ondas: elas estão vivas, porque o oceano é sua vida. Quando elas estão subindo centenas de metros, chegando aos céus, o oceano está chegando lá através delas. Você pode não ver o oceano, você pode apenas ver a onda, mas você não pode separar a onda do oceano — eles são organicamente um só.

O Vedanta diz que o criado é organicamente um com o criador, o mundo não pode existir sem Deus. Isso pode ser compreendido pelos judeus e muçulmanos também. Mas os hindus

dizem outra coisa também, a segunda parte. Eles dizem que Deus não pode existir sem o mundo. Isso é blasfêmia para os judeus. "O que você está dizendo — que Deus não pode existir sem o mundo!?" Sim — ele não pode existir, fica impossível para ele existir. Se ele é um criador, se a criatividade é a sua qualidade, como ele pode existir sem o universo? Quando não há nada criado, como ele pode ser um criador? O mundo depende dele, ele depende do mundo; trata-se de uma interdependência. O mundo não é independente dele, e nem ele é independente do mundo. Há um profundo relacionamento de amor: eles dependem um do outro, eles preenchem um ao outro, eles são um. O preenchimento é tão total que não se pode separá-los e dividi-los.

Assim, um visionário, aquele que veio a conhecer, pode declarar: "Aham brahmasmi, Ana'l haq — eu sou Deus". E quando ele diz isto, ele está simplesmente dizendo: "Eu e esta existência não somos dois". Ele está simplesmente dizendo: "Você me encontrará aonde quer que você vá, aonde quer que vá, você me encontrará. A forma pode ser diferente, mas eu estarei lá". É isso o que Jesus está dizendo: "Corte um pedaço de madeira e eu estou ali"... Como Jesus pode estar ali, se você cortar um pedaço de madeira? Você não pode achar a forma: você não encontrará o filho de Maria e José ali, você não encontrará esse jovem carpinteiro ali, se você cortar um pedaço de madeira. Então, o que você encontrará? O ser, você encontrará. E ele está dizendo: "Eu sou o ser. Minha forma mudará, mas não eu".

Corte um pedaço de madeira e eu estou ali; erga a pedra e você me encontrará ali.

Isso é puro Vedanta — uma unidade orgânica. Eis por que os hindus são os únicos no mundo que não se importam muito com templos, eles podem fazer seus templos em qualquer lugar. Basta-lhes pôr uma pedra sob uma árvore — qualquer pedra, nem sequer entalhada — e eles a pintarão de vermelho e Deus está ali e eles

podem adorar. Qualquer árvore basta, qualquer rio, qualquer montanha, qualquer coisa servirá, porque: "Corte um pedaço de madeira e eu estou ali; erga a pedra e você me encontrará ali". — assim, porque se incomodar?

Os hindus, eles mesmos, dispõem de seus deuses. Eles fazem um deus durante duas ou três semanas, adoram-no e, quando a adoração acaba, eles vão até o oceano e dão cabo do deus. Não se pode pensar em um muçulmano dando cabo de um deus, não se pode pensar em um judeu dando cabo de um deus. "O que está fazendo? Jogando um deus no oceano? Você é um herege? Ficou louco?" Somente os hindus podem fazer isso, porque eles dizem que o oceano também é Deus. E por que carregar um deus por tanto tempo? Quando a função terminou, disponha dele, porque ele é tudo, está em todo lugar. E podemos fazê-lo novamente, a qualquer momento — qualquer pedra servirá. O ser, não a forma de Jesus, você encontrará em todo lugar. E esse "ser" é o ponto a ser compreendido — esse "ser" é Deus,

Quando uma árvore floresce, ela é Deus florescendo, quando uma semente brota, ela é Deus brotando, quando um rio flui, ele é Deus fluindo. Deus não é uma pessoa. Se Deus é uma pessoa, então, há um problema. E os judeus têm a ideia de que Deus é uma pessoa. Deus é uma "não-pessoa": ele é puro ser, ele é a própria existência, ele existe em tudo, mas não se pode descobri-lo em um lugar determinado. Ele não tem nenhuma morada, não se pode trancá-lo; ele não tem nenhum endereço, não se pode escrever-lhe uma carta. De certo modo, ele não está em lugar nenhum, porque ele está em todo lugar. Não se pode apontá-lo; não se pode dizer "Deus está aqui", porque isso estaria errado. Somente algo que tem uma forma, que tem uma distinção de outras coisas, pode ser apontado. Como se pode apontar algo que não tem nenhuma forma, que está em tudo, espalhado por tudo?

Mas os judeus têm uma concepção de um Deus muito personalizado. E sempre que há personalidade, há ego. O Deus

judaico é muito egoístico. Você o desobedece e sofrerá pela eternidade no inferno. Isso é muito sério: Deus se torna uma força ditatorial e toda a existência se torna uma escravidão. Então, a liberdade não é para você: a liberdade é da natureza de Deus, não da sua — a escravidão será a sua disciplina.

Jesus está dizendo absolutamente o contrário, que Deus não é uma pessoa: Deus é energia, a própria força da vida, aquilo que Bergson chamou de *elã vital* — é a existência como tal. E onde quer que exista alguma coisa, Deus existe, porque nada mais pode existir. Essa foi a dificuldade. Por isso ele não pôde ser compreendido e teve de ser crucificado. Mesmo que ele apenas dissesse "eu sou o filho de Deus", já seria impossível para os judeus perdoá-lo, mas basicamente ele estava afirmando mais. A medida que seus discípulos foram ficando sintonizados com ele, ele foi até mais longe.

Neste sutra ele diz:

"Eu sou a luz que está acima de todos"...

Ele não está dizendo que ele é o filho, aqui ele está dizendo que ele é o pai: "Eu sou a luz que está acima de todos, eu sou o todo"... Aqui ele está dizendo: "Eu sou Deus, não o filho".

... "e o todo veio de mim e o todo me abarca. Corte um pedaço de madeira e eu estou ali; erga a pedra e você me encontrará ali".

Neste sutra ele afirma: "Eu sou Deus, não o filho de Deus". 'Filho' até pode ser perdoado, porque uma distinção permanece: o pai permanece a fonte, o filho é apenas um produto. Eles podem estar em profunda intimidade, mas um filho permanece um filho, um pai permanece um pai. A distinção pode ser mantida, e o filho tem de obedecer ao pai: existe um relacionamento. Não se trata do

relacionamento de um escravo com o seu senhor, mas de um filho com o seu pai — mais íntimo, mas ainda assim um relacionamento: eles permanecem dois.

Isso não está registrado na Bíblia — não poderia estar registrado. Ele deve ter afirmado isso somente para os seus discípulos, porque, então, aqueles que estavam em profunda intimidade com ele, estariam aptos a compreender. Isso não pode ser dito na praça. Lá ele está dizendo: "Eu sou o filho de Deus". Com seus discípulos ele diz: "Eu sou Deus, não o filho. Eu sou a fonte de tudo, eu sou o alfa e o ômega. Tudo vem de mim e tudo chega a mim".

Isso é puro Vedanta. Você não pode encontrar afirmações como estas em nenhum outro lugar, você terá de ir ao Gita e aos Upanishads. Isso é o que Krishna diz a Arjuna: "Eu sou o todo, a fonte de tudo. Tudo vem de mim e tudo se dissolve em mim. Largue seu ego e venha aos meus pés". Isso soa como se fosse Krishna falando.

Há uma tradição, uma bela tradição. Não sei o quanto ela pode ser provada, mas ela é bela, não precisa de nenhuma prova. Há uma tradição de que a palavra 'cristo' é apenas uma forma da palavra 'Krishna'. É possível: em Bengali, Krishna ainda é chamado de Kristo, porque 'Krishna' é sua completa realização, exatamente como 'Buda'. 'Buda' não é o nome, é a absoluta realização, quando a pessoa se torna iluminada.

A palavra 'Buda' quer dizer "aquele que acordou". O que 'krishna' significa? A palavra significa "aquele que se tornou o centro do mundo", aquele que atrai, que agora é o centro de toda a existência. 'Krishna' significa "o centro magnético", aquele que atrai, que agora é o centro de toda a existência. 'Cristo' tem o mesmo significado. Maria deu a seu filho o nome de Jesus. 'Cristo' foi adicionado a Jesus quando ele se tornou o centro do mundo. Nesta afirmação, ele está dizendo: "Eu sou o centro, o todo. Tudo vem de mim, tudo volta a mim. Você se distancia de mim, então você tem

de me alcançar". É possível que 'cristo' seja apenas uma forma de 'krishna'. Isso é significativo, porque a afirmação de Krishna no Gita e as afirmações de Jesus como estas, são exatamente as mesmas.

A terceira coisa a ser compreendida sobre o Vedanta é que o Vedanta aceita a pessoa como ela é, porque a rejeição significará a rejeição do próprio Deus. Rejeição significa que algo tem de ser feito: como você é, você é errado, algo tem de ser cortado, algo tem de ser eliminado. Como você é, você não é aceito, você não é bem-vindo. Você terá de mudar a si mesmo, somente então, você será bem-vindo.

O Vedanta diz que, como você é, você é bem-vindo. Não há nada para ser feito — o próprio conceito de se fazer alguma coisa tem sido a causa de sua miséria. O próprio conceito de fazer, que algo tem de ser feito, tem sido a causa de sua miséria, porque, seja o que for que você faça, o conduzirá para dentro do mundo. Eis por que os hindus dizem que é por causa do carma — 'carma' significa "fazer" — que você está no mundo. Carma não quer dizer fazer o mal, carma simplesmente significa fazer. Como você esteve prestando muita atenção ao fazer isto ou aquilo, você está no mundo.

Não preste muita atenção ao fazer; preste atenção ao ser. Não pense no que é para ser feito, simplesmente pense em quem você é. O Vedanta é amoral: ele não se importa com moralidade e imoralidade. Ele não tem Dez Mandamentos, não lhe dá quaisquer ordens, não fala em termos de "algo". Ele diz que como você é, você é bem-vindo — como você é, você é bom, belo, verdadeiro. O problema não é que os outros o rejeitem, o problema é que você se rejeita. E se você se rejeita, você está num círculo vicioso. Então, você tentará melhorar e nada pode ser melhorado, porque você é o próprio Deus. Então, você ficará na miséria, porque é impossível melhorar-se.

Como você é, você é divino. Como o divino pode melhorar-se? E se você tenta melhorar o divino, então, você se moverá de uma

vida para uma outra vida, melhorando, melhorando, e nunca nenhum melhoramento acontece, você permanece o mesmo. É como correr no mesmo lugar — mas você pensa que está correndo depressa, porque você está transpirando e respirando com esforço, e fazendo um grande esforço; você pensa que você está correndo depressa, chegando a algum lugar, e você está parado no mesmo lugar, correndo.

Toda a sua vida é uma corrida sem sair do lugar. Você não está indo a lugar algum, porque não há nenhum lugar para ir; você não está melhorando, porque é impossível melhorar. O Supremo que está dentro de você não pode ser melhorado — não há nenhum 'além' para ele, não há nenhum 'melhor' para ele. É isso o que o Vedanta diz. o Vedanta diz que você é Divino. Isso tem que ser percebido, não elaborado; você só precisa olhar para dentro e compreender quem você é. O problema não é que você seja mau, o problema é que você não olha para si mesmo; é um problema de conhecimento, não de fazer. O problema é de uma perspectiva correta a partir da qual você se veja.

É exatamente como se um diamante estivesse aprendendo a se tornar uma pedra mais valiosa, e o diamante tomasse a ideia e começasse a tentar se tornar uma pedra mais valiosa. Justamente essa ideia se tornaria a barreira. Todos os esforços que o diamante pudesse fazer iriam ser inúteis, porque ele já é a pedra mais preciosa. Quando o diamante vier a compreender a futilidade do seu esforço, ele abandonará todo o esforço e ficará ciente de quem ele é. Então, o problema será resolvido.

Ouvi contar:

Certa vez, um homem entrou apressado no consultório de um psiquiatra e disse:

— Doutor, agora o senhor tem de me ajudar. Foi além dos meus limites! Minha memória está falhando. Não posso nem me

lembrar do que aconteceu ontem. Não posso mesmo me lembrar do que eu disse hoje de manhã. Ajude-me, estou ficando louco!

O psiquiatra perguntou:

— Quando esse problema começou? Quando você ficou ciente desse problema?

O homem olhou espantado e disse:

— Que problema...!?

...porque ele já tinha se esquecido...

Este é o problema: você já se esqueceu de si. Esse é o problema.

Seja o que for que você faça, você criará carma, e o carma é um ciclo, uma roda: um carma conduz a um outro carma — A a B, B a C — você se move de uma parte da roda para uma outra parte da roda. Trata-se de uma roda que vai girando, girando. O carma nunca conduz a pessoa à liberação, porque você já é livre. Esta é a coisa mais difícil de compreender: que você já é livre.

As pessoas vêm a mim e eu tenho de lhes dizer para fazer isto e aquilo, porque elas não compreenderão que já são liberadas. Eu tenho de lhe dizer para fazer isto e aquilo, apenas com a finalidade de exauri-las, apenas para que um dia elas fiquem tão exaustas com o esforço, que venham a mim e digam: "Eu não quero fazer nada". Somente então, eu posso dizer que não há necessidade de fazer nada. Mas vocês precisavam de muito, quando chegaram, no começo. Vocês precisavam fazer muito. E se eu digo que não há necessidade de fazer nada, vocês irão para outra pessoa que possa dizer que há algo a fazer.

Não há nada a ser feito. Absolutamente, como você é, você já é divino. Isso é Vedanta. Isso não é moralidade, é pura religião. E eis por que não há tantos vedantistas no mundo — não pode haver. Eis por que o Vedanta não pode se tornar uma religião mundial como o cristianismo ou o islamismo — impossível! ...porque você tem uma profunda necessidade de fazer alguma coisa. E se alguém diz "não

há nada a ser feito, você já é Brahma, você já é divino", você não o ouvirá. Essa pessoa estará falando absurdos... porque você não se aceita, você se rejeita. Você tem de atingir um objetivo.

Por que isso aconteceu na mente do homem? Aconteceu devido à sua infância — e quase todos passam através da mesma experiência. Somente as coisas triviais diferem; em contrapartida, a infância tem um elemento básico e esse elemento cria todo o problema. O elemento é que nenhuma criança é aceita como ela é. Uma criança nasceu... você foi uma criança e, imediatamente, a sociedade, os pais, a mãe, o pai, os irmãos, as pessoas à sua volta — começam a mudá-lo, a fazê-lo mais belo, a fazê-lo mais moral, a fazê-lo melhor. Como você é, você está errado: algo tem de ser feito, somente então, você pode ser aceito.

E o filho, pouco a pouco, começará a sentir que ele não é aceito. Se ele faz uma coisa boa, então, ele é aceito; se ele faz uma coisa errada, então, ele é aleijado. Se ele segue, obedece, ele é aceito; se ele desobedece, ninguém o ama, ele é odiado, e todos ficam com raiva. Uma coisa ele aprende: que o fazer é a questão, não o ser. Faça a coisa certa e todos gostarão de você, faça a coisa errada e todos o rejeitarão e o odiarão, ficarão com raiva e contra você. Você não é o ponto. Faça algo certo e o mundo lhe dará boas-vindas; faça algo errado e todas as portas estarão fechadas. E, se até as portas do pai e da mãe estão fechadas... o que dizer sobre o mundo de estranhos? Se nem aqueles que a amam, não podem ver o ser da criança...

A criança aprende uma coisa, que, para existir neste mundo, esta é a coisa básica: você deve se comportar, você deve sempre fazer a coisa certa, nunca fazer a coisa errada. Isso cria uma profunda rejeição sobre si mesma, porque aquelas coisas erradas continuam surgindo — só por se dizer que uma coisa é errada, ela não desaparece, ela continua vindo. Então, a criança começa a se sentir culpada sobre si mesma, ela se rejeita. Ela diz: "Eu não sou boa. Eu sou uma criança má, um menino mau, uma menina má". E o

problema é que as coisas que chamamos de erradas, são naturais; assim, a criança não pode livrar-se delas, elas têm de persistir.

Todo menino, toda menina, começa a brincar com seus órgãos sexuais. É gostoso, dá uma sensação calmante, todo o corpo se sente alegre. E no momento em que a criança toca seus órgãos sexuais, todo mundo pára com aquilo imediatamente — todo mundo se sente embaraçado. O pai, a mãe irão deter a criança, eles podem até prender as mãos dela; assim, ela não pode tocar nos órgãos. Ora, a criança sente internamente um profundo enigma. O que fazer? Ela gosta de sentir aquilo que vem com o toque, ela gosta da sensação, sente que é bom, mas se ela aderir a essa sensação, então, todos a rejeitarão — ela é uma criança má e eles a punirão. E eles são poderosos; assim, o que fazer?

"E tal coisa errada está acontecendo a mim" — a criança pensa. "Talvez só eu esteja fazendo essa coisa errada, ninguém mais está fazendo isso". E ela não pode saber sobre os outros; assim, ela se sente culpada; "O mundo todo é bom, somente eu sou culpada". Este é um problema profundo.

A criança não sente vontade de comer, porque ela sabe mais sobre sua fome do que você. Mas você segue a rotina médica, porque o médico diz que depois de cada três horas a criança tem de ser alimentada. Está escrito nos livros, e você leu os livros e você é uma mãe iluminada; assim, depois de três horas, com o despertador, você tem de alimentá-la. Olhe para as crianças quando elas são forçadas a se alimentar: elas rejeitam a comida, elas não abrem a boca, o leite escorrerá — elas estão rejeitando aquilo tudo. Elas nem sequer engolirão, porque elas conhecem a própria fome. Elas não vivem através da rotina, de acordo com o relógio, elas não sabem o que a sua ciência médica diz. Elas não estão com fome, eis tudo — e você fica forçando o alimento. E quando elas estão com fome e chorando, você não lhe dará alimento, porque não está na hora certa. Quem tem de decidir, a criança ou você?

Se você decidir, então, você criará um sentimento de culpa na criança, porque ela pensará que algo está errado: "Quando eu devo sentir fome, eu não sinto fome. Quando eu não devo sentir fome, eu sinto". Santo Agostinho disse: "Deus, perdoe-me, porque o que quer que seja bom, eu nunca o faço, e o que quer que seja errado, eu sempre o faço".

Mas esta é a prece de toda criança. Você decide, então, a culpa é criada: a criança não tem vontade de ir ao toailete e você a obriga. O treinamento para o toailete é uma coisa extremamente criadora de culpa. Você nem pode imaginar o que está fazendo. Se a criança não está sentindo vontade de ir, como ela vai? Tente você mesmo — se não estiver sentindo vontade de ir, o que fazer? E quando a criança está sentindo vontade de ir, você a obriga, persuade, coage, suborna-a — você tenta todos os métodos que possa. Você está criando culpa: algo está errado, algo é mau.

A criança sente-se culpada e não pode fazer nada quanto a isso. Ela não sabe como fazer, porque o corpo não é voluntário, é um fenômeno involuntário. A criança não está com vontade de ir dormir, ela se sente totalmente acesa, e quer correr em volta da casa, ou ir até o quintal; e você diz: "Vá dormir!". O que você faz se você não está com sono e alguém diz "vá dormir"? Você pode fechar os olhos... Mas, quando o pai vai embora, a mãe vai embora, a criança é simplesmente deixada num abismo. O que fazer? Como seguir a ordem? Como ser um bom menino ou uma boa menina?

O pecado é criado e, pouco a pouco, a criança pequena está envenenada. Ela fica ciente de que: "Eu não sou boa. Tudo é errado — seja o que for que eu faça, está errado". Se ela brinca, ela está errada, porque está fazendo barulho, está perturbando. Se ela fica sentada, silenciosa, num canto, algo está errado: "Você está doentel?". Ela está sempre errada. Simplesmente porque é desamparada, nada além disso, e você é poderoso. Ela fica continuamente confusa, não pode descobrir o que fazer e o que não fazer. E, pouco a pouco, ela rejeita tudo que é mau e se força tudo

que se pensa bom. Ela se torna uma máscara e, lá no fundo, no inconsciente, todas as feridas são carregadas por toda a sua vida.

Eis por que se eu digo "Como você é, você é Deus", você não pode acreditar nisso. Você não é nem bom... Como você pode ser Deus? Deus significa o supremo bem. Você não é nem ordinariamente bom! Como você pode ser Deus!? Você não me dará ouvidos, você irá a algum professor que o condenará, que lhe dirá que você é culpado, que você é um grande pecador. Então, você ficará à vontade: ele está certo, porque isso é o que você também sente. Eis por que vocês adoram aqueles que os condenam, que olham para vocês como se vocês fossem vermes — feios, sujos. Se você vir um grande séquito ao redor de um santo, um suposto santo, você sempre encontrará esta razão: ele irá condenar todo mundo. Ele dirá: "Vocês são pecadores e, se não me ouvirem, serão jogados no inferno". Ele parece absolutamente certo, porque esse é o seu sentimento, ele concorda com você. Assim, sempre que ele o condena, você se sente bem.

Que absurdo! Que falta de sentido! E você se sente incomodado se alguém diz: "Você é bom e eu o aceito — seja você o que for, do jeito que você é. O divino escolheu esse seu modo de ser. Em você, o divino escolheu esse jeito de ser. E assim que o divino existe em você — eu aceito isso, não rejeito nenhuma parte. Aceito seu sexo, sua raiva, aceito seu ódio, seu ciúme. Eu o aceito na sua totalidade, porque através desta aceitação, quando você for total, a unidade acontecerá — e essa unidade, imediatamente, transcende todos os ciúmes, toda a raiva, todo o sexo, toda a ambição. Ninguém pode transformar a ambição — a pessoa tem de se tornar um, então, há a transformação".

Eis por que Jesus não pôde ser perdoado, porque os judeus são os maiores criadores de culpa. O mundo todo fez isso, mas não há comparação com os judeus. O mundo todo existe, segundo os judeus, porque Adão e Eva cometeram o pecado original. Vocês nasceram de Adão e Eva e do pecado deles, o homem nasce em

pecado — o pecado permanece como o conceito central. Como eles podem aceitar que você é Deus? Você pode se aproximar de Deus se você se arrepender, se você se transformar, se você ficar bom. Então, Deus, O Pai, o aceitará; caso contrário, como você está, você não pode ser aceito, você tem de ser jogado bem longe, longe de Deus.

E qual foi o pecado de Adão e Eva? A desobediência deles. Mas por que Deus seria tão obcecado com a obediência? Porque todo pai é assim, e seu Deus não é nada mais que um pai cósmico. Por que Deus seria tão obcecado com a obediência? Ele não podia levar um pouco na brincadeira? Ele não podia ser um pouco brincalhão com seus filhos, que estavam se divertindo? Ele não podia ser um pouco menos sério? E o que eles tinham feito!? Simplesmente comido uma maçã de uma árvore que Deus tinha proibido. Deus parece ser muito egoísta, porque o ego é sempre obcecado por obediência: "Siga-me, eu sou a lei. Se você desobedecer, você fere meu ego". Mas Deus não pode ter um ego, ele não pode insistir na obediência. Deve ser o sacerdote, não Deus, quem criou toda essa história.

E, então, você se sente culpado: você nasce em pecado, você já é um pecador quando nasce; desde o seu nascimento, você é um pecador. Tudo o que lhe resta é polir-se, podar-se aqui e ali para tornar-se aceitável.

O Vedanta diz que você não é um pecador — você pode ser ignorante, mas você não é um pecador. Isso é uma atitude totalmente diferente: Deus não é contra você — você pode ser contra Deus... e ele não está se vingando de você. Se você é ignorante, você está criando seus próprios problemas. Essa é uma atitude totalmente diferente: se você está na ignorância, você cria seus próprios problemas. Se você perguntar aos hindus, eles dirão que você tem problemas porque você comeu o fruto da árvore da ignorância, não do conhecimento. O homem pode ser ignorante — ele é, porque ele não está ciente de si mesmo, de quem ele é — e, então, todas as coisas dão erradas. Mas isso não é um pecado.

Religião significa ganhar mais luz, mais conhecimento, mais consciência — não mais moralidade, mais virtude. A virtude será um subproduto. Quando você estiver consciente, a virtude acontecerá, ela seguirá como uma sombra. Quando você não estiver consciente, o pecado se seguirá, porque a ignorância não pode fazer nada mais, pode apenas cometer erros.

O pecado é como um engano. É exatamente como alguém somando dois mais dois e achando cinco — mas isso não é um pecado. Se alguém pensa que dois mais dois fazem cinco, você acha que agora ele tem de ser jogado no inferno para a eternidade? Trata-se de um engano, um erro, mas não de um pecado. Ele tem de ser ensinado, tem de ser dado a ele uma perspectiva correta das coisas — ele pode não saber matemática, isso é tudo.

O Vedanta diz que você é simplesmente inconsciente, ignorante de si mesmo. Se você se tornar consciente-de-si, você se torna o próprio Deus. Não existe nenhum Deus exceto você; não existe outro, além de você. Mas esta não é uma afirmação egoísta, porque isto só pode acontecer quando o "eu", o centro, desapareceu e você se tornou o Todo.

Jesus disse: "Eu sou a luz que está acima de todos, eu sou o todo, e o todo veio de mim e o todo me abarca. Corte um pedaço de madeira e eu estou ali; erga a pedra e você me encontrará ali".

Esta é uma das afirmações mais poéticas. E eu gostaria de dizer a vocês que um homem como Jesus é mais um poeta do que um filósofo ou um teólogo ou um matemático. Ele é mais como um poeta e, se você perde sua poesia, você perde sua mensagem completamente. Se um poeta diz algo, você pode perdô-lo porque você diz "isso é só poesia". Mas, se um santo afirma algo, você toma a coisa muito seriamente, porque muito está em jogo.

Jesus é um poeta, um poeta do supremo. E todos aqueles que alcançaram o supremo são poetas. A linguagem da matemática é

muito estreita, não pode dizer muito. É muito exata, eis por que é muito estreita. A poesia é inexata, vaga, eis por que muito pode ser dito através dela. Mas com um poeta você tem de se lembrar disto: que ele está falando sobre os mistérios.

Os hindus jamais mataram uma pessoa iluminada. Por que isso nunca aconteceu? Porque eles pensam que, seja o que for que ela esteja dizendo, seja o que for que ela esteja afirmando, trata-se de uma forma poética de dizer uma coisa: você não precisa analisar aquilo, caso contrário, será estupidez. Por exemplo, se você vai a Jesus e diz: "Tudo bem que você diga que você é a luz que está acima de todos, se você diz que você é o todo, se você diz 'o todo veio de mim e o todo retorna a mim'. Então, mostre-nos, prove isso. Diga ao sol para se apagar, ou crie uma outra lua hoje à noite, então, nós acreditaremos" — então, você é estúpido, você não acompanhou, porque aquilo é uma afirmação poética, não é uma afirmação científica.

Devido a isso, os cristãos, continuamente, ficaram tentando provar que ele fez milagres: que ele criou pão das pedras, que reviveu um homem morto, que ele fez isto e aquilo, abriu os olhos de quem estava cego, tocou os leprosos e eles foram curados. Por que tanta insistência nos milagres...? Nós nunca prestamos nenhuma atenção a Buda como um realizador de milagres, ninguém nunca se importou se aquele homem podia fazer algum milagre ou não. Mas por que tanta insistência sobre Jesus? Se alguém provar que ele não fez os milagres, então, tudo ficará perdido — então, o cristianismo desaparecerá.

O cristianismo depende não de Jesus, mas dos milagres de Jesus. Se algum dia for provado que ele nunca ergueu um homem da morte, que ele nunca curou um cego, que ele nunca curou um leproso, então, o cristianismo, imediatamente, desaparecerá. Não haverá nenhuma igreja, nenhum papa, tudo sumirá — porque eles não dependem de Jesus diretamente, eles dependem dos milagres. Os milagres provam que ele é o filho de Deus.

Nenhum milagre pode provar nada. Os milagres realmente provam a ignorância daqueles que estão impressionados por milagres, nada mais. Tanto quanto eu saiba, Jesus nunca fez nada desse tipo. Ele não era tão estúpido para fazer milagres para convencer vocês. Milagres aconteceram ao redor dele, de muito maior significância do que vocês possam pensar. Sim, pessoas cegas começaram a ver, mas isso não tem nada a ver com os olhos físicos, tem a ver com uma profunda cegueira espiritual. Sim, gente morta foi revivida, mas isso não tem nada a ver com cadáveres, tem a ver com vocês que simplesmente pensam que estão vivos e não estão. Ele tornou viva, muita gente morta: tirou-as de suas existências cadavéricas e trouxe-as para a vida. E isso é um milagre muito maior, porque o outro milagre será feito pela ciência médica a qualquer dia agora. E o dia não está muito longe — já tem acontecido.

Na Rússia Soviética, na segunda guerra mundial, eles reviveram seis homens depois da morte. Eles tiveram sucesso — dois ou três deles ainda estão vivos. Isso será feito pela ciência médica a qualquer dia. Isso não é nada. E uma vez que a ciência médica seja capaz de fazer isso, o que será feito do seu Cristo realizador de milagres? Então, ele pode ter sido um médico muito bom, um cientista, mas não um iluminado.

Os olhos podem ser curados, eles serão curados. O corpo não é o ponto, o corpo não pode ser o interesse realmente, Jesus fez milagres, mas aqueles milagres eram espirituais, tinham a ver com seu ser interno. Você é cego porque você não pode se ver. Que tipo de olhos você tem? Uma pessoa que não pode ver a si mesma, que tipo de olhos ela tem?

Jesus os fez ver: vocês olharam para o mundo interior. Ele lhes deu olhos, é certo — mas não esses olhos que olham para o mundo. Isso tem de ser compreendido. Ele nunca fez nenhum pão a partir de nenhuma pedra, porque isso é tolice. Mas os seguidores procuram milagres, porque eles não podem ver a iluminação, eles

não podem ver o estado de cristo — um Krishna é invisível para eles. Eles podem ver uma pedra virando pão. Eles podem somente acreditar neste mundo e, se algo é feito à matéria, então, isso se torna uma prova para eles. Eis por que eles seguem os mágicos em vez de pessoas iluminadas. Eles seguem pessoas que podem fazer truques. E todos os truques são inúteis, não provam nada. Provam sua ignorância, e provam que o outro homem é um espertalhão explorando vocês.

Jesus não era um espertalhão. Não se pode encontrar homem mais inocente. Ele não era um espertalhão, ele não pode ter sido um milagreiro, ele não era um mágico e ele não estava interessado em explorar a inocência de vocês. E, pensem, se ele tivesse realmente feito essas coisas... transformado pedras em pão, transformado água em vinho...

Ouvi contar sobre uma mulher que estava carregando uísque numa mala e entrando num outro país. Na fronteira, ela foi parada; e perguntaram-lhe o que ela estava carregando. Ela disse:

— Água benta.

Mas o homem que checava suspeitou e disse:

— Gostaria de dar uma olhada, porque essas pessoas que carregam água benta são sempre suspeitas. Água é o bastante! Por que "benta"?

Então ele olhou e viu que era uísque. Ele disse:

— E então!?

E a mulher exclamou:

— Senhor! Veja, o milagre novamente!

Jesus transformou água em uísque? Ele ressuscitou gente morta? Lázaro saiu de seu túmulo? As pessoas receberam olhos? Pessoas que não podiam andar, andaram? Pessoas que não podiam ver, puderam ver novamente? Pessoas que não podiam ouvir, começaram a ouvir? Se esses milagres tivessem realmente

acontecido, então, os próprios judeus teriam acreditado que aquele homem era o homem de Deus, porque os judeus são tão materialistas quanto qualquer um. Se essas coisas tivessem realmente acontecido, então, os judeus teriam ficado loucos por aquele homem. Eles são mais materialistas do que qualquer outra raça... mas eles não lhe deram nenhuma atenção. É impossível não seguir um homem que esteja fazendo tais coisas, porque todo mundo está doente, e todo mundo tem medo da morte, e todo mundo tem problemas, e esse homem é a pessoa certa; mesmo que você morra, ele o ressuscitará, se você estiver doente, ele o curará, se você é pobre, pedras podem tornar-se notas... qualquer coisa é possível com esse homem.

Toda a raça judaica teria seguido aquele homem, mas eles não o seguiram, e ele foi crucificado.

Qual é a razão? A razão é que os milagres aconteceram mesmo, mas eles não eram coisas visíveis. Somente aqueles que estavam próximos puderam sentir aqueles milagres. Eles aconteceram sim: Lázaro estava morto — exatamente como você está morto. Se eu o torno vivo, isso será algo entre eu e você, ninguém mais ficará ciente disso. Isso não será anunciado no rádio e na TV. Ninguém mais ficará ciente disso, se eu o revivo no seu mundo interior, isso será assunto entre eu e você. E você não pode provar a ninguém, porque é invisível. Eis por que os milagres aconteceram, mas os discípulos de Jesus não os puderam provar. Eram fenômenos invisíveis. As pessoas podiam olhar para dentro, mas como você pode provar que olhou? Nenhuma fotografia pode ser tirada, ninguém mais pode ser uma testemunha disso.

Eles começaram a andar e dizer às pessoas; "Nós vimos milagres: aqueles que não viam, estão vendo; os que estavam mortos tornaram-se vivos!". Isso criou a confusão. E os judeus começaram a pedir: "Mostre-nos! E se esse homem é realmente o filho de Deus, e se ele pode fazer tais milagres, então, deixem-nos crucificá-lo e ver o que acontece. Se ele pode reviver os outros, ele

pode ressuscitar a ele mesmo — nós lhe daremos uma crucificação e ele não morrerá. Se ele sabe o segredo da imortalidade, se ele é um tamanho curandeiro, então, nós faremos feridas em seu corpo e veremos se sai sangue delas ou não".

É por causa dessa tolice dos discípulos — de eles terem começado a falar sobre milagres, que eram coisas internas — que Jesus tornou-se um ponto focal para todo o país. Ele parecia falso, ele não era o messias verdadeiro, autêntico. Então, as pessoas ficaram esperando que algum milagre acontecesse. Nada aconteceu. Ele morreu como os outros dois criminosos, exatamente como os outros dois, simplesmente o mesmo — um ser humano comum. Não aconteceu nada de Deus, nenhuma luz desceu do céu; nem a terra tremeu, nem houve um terremoto, nem Deus ficou com raiva e rugindo no céu. Nada! O filho foi crucificado, e Deus permaneceu absolutamente silencioso.

Eis por que os judeus não registraram nada de Jesus: aquele homem era um homem falso, porque ele não se pôde provar na crucificação. A crucificação foi o teste, ali tinha de ser provado se ele era um homem de Deus ou não. Mas aqueles que puderam ver, viram um grande milagre ali também. Os cristãos perderam isso. E os judeus perderam o primeiro milagre, porque eles estavam esperando algo externo acontecer. Isso nunca aconteceu e eles esqueceram aquele homem — era um impostor.

Os cristãos perderam a coisa interna que aconteceu na crucificação. Somente alguns poucos puderam ver aquilo. Aqueles que podiam ver a si mesmos, puderam ver o que aconteceu na crucificação: aquele homem aceitou — este foi o milagre. Aquele homem sofreu e aceitou, aquele homem sofreu e, ainda assim, permaneceu cheio de amor — este foi o milagre. Aqueles que o mataram, o assassinaram... ele pôde orar até por eles — esse foi o milagre, o maior milagre já acontecido na terra.

As últimas palavras de Jesus foram: "Deus, perdoe-os, porque eles não sabem o que estão fazendo. Não os puna, porque

eles são ignorantes". Este é o maior milagre, na crucificação: o corpo todo sofrendo e ele morrendo — e ainda assim, cheio de amor. A raiva teria sido absolutamente normal. Se ele tivesse gritado e amaldiçoado e dito "Deus, olhe para o que estão fazendo com o seu filho! Mate-os todos!" — isso teria sido comum, humano.

Aquilo foi divino. Na crucificação, ele provou que ele era o filho de Deus, porque a compaixão permaneceu pura. Vocês não puderam envenenar sua compaixão, não puderam destruir sua oração, não puderam destruir seu coração. O que quer que tenham feito, ele os aceitou. Ele não os rejeitou — nem naquele momento de sofrimento e miséria ele não os rejeitou. Ele disse: "Perdoe-os, porque eles não sabem o que estão fazendo".

Os milagres aconteceram, mas não eram milagres que os olhos pudessem ver, eram da espécie que somente o coração pode sentir. Ele não era um mágico. Se ele fosse um mágico e realmente tivesse tentado transformar pedra em pão e tentado curar os leprosos em corpos saudáveis, ele não teria valido muito, eu não me preocuparia com ele absolutamente. A coisa toda teria sido inútil então.

Mas tentem compreender: assim como há uma cegueira interna, há uma lepra interna. Vocês são tão feios, e vocês mesmo fizeram essa feiúra: tão cobertos de culpa, cheios de medo, ciumentos, ansiosos — essa é a lepra. Ela está comendo seu mundo interno como um verme: você é uma ferida por dentro. Ele curou, mas isso é uma coisa particular. Isso acontece entre um mestre e o discípulo: ninguém mais fica ciente disso. Até o discípulo só se torna ciente somente mais tarde. O mestre está ciente desde o começo de que a ferida está curada. Leva tempo para o discípulo ficar ciente de que a ferida está curada. Comumente, durante muitos, muitos dias, eles continuam com a velha ideia de que a ferida está ali — mas ninguém mais pode vê-la.

Jesus disse: "Eu sou o Todo." Você também é o Todo — Jesus está simplesmente dizendo aquilo que deveria ser conhecido por

todos, ser sentido por todos e por cada um. Você é o Todo, você é a fonte de Tudo, e o Todo está se movendo na sua direção. Jesus é só um representante do que você é. Ele não está dizendo nada sobre si mesmo, está dizendo algo sobre você. Você é a semente de mostarda, ele se tornou a árvore florescente — ele está afirmando algo sobre você. Ele está dizendo: "Eu sou o Todo". O que isso significa? Significa que você também pode se tornar o Todo. Você já é o Todo, mas você não tem consciência disso.

Sua miséria é que você não pode se lembrar de quem você é. É preciso lembrar-se de si, nada mais é para ser feito. Você tem de se tornar mais consciente, mais consciente. Você tem de elevar sua consciência ao pico, de onde você possa ver. Nesse momento, você se torna iluminado: nenhum canto permanece escuro, todo o seu ser se torna chamejante. Então, você compreenderá Jesus, então, você compreenderá Buda, então, você me compreenderá, porque todo o esforço é para torná-lo ciente de quem você é.

Lembre-se destas palavras. Deixe que elas vibrem dentro do seu coração nova e novamente, repetidas vezes, porque, através dessas palavras, sua semente passará por uma sacudida:

Jesus diz:

Eu sou a luz que está acima de todos,
eu sou o todo, e o todo veio de mim e o todo me abarca.
Corte um pedaço de madeira e eu estou ali;
erga a pedra e você me encontrará ali.

DÉCIMO SEXTO DISCURSO

05 de setembro de 1974. Poona, Índia.

Jesus disse:

Quem quer que esteja próximo de mim está próximo do fogo;

E quem quer que esteja longe de mim está longe do reino;

Jesus disse:

Venham a mim, pois leve é o meu jugo e meu domínio, suave.

Jesus disse:

Quem quer que beba da minha boca tornar-se-á como eu sou e eu me transformarei nele. E as coisas escondidas ser-lhe-ão reveladas.

O homem nasceu escravo, e permanece um escravo por toda sua vida: um escravo dos desejos, luxúria, um escravo do corpo, da mente — mas dá no mesmo, a escravidão continua... Desde o momento em que você nasce, até o momento que você morre, é uma longa luta contra a escravidão. E a religião consiste em se ser livre. Religião é liberdade, liberdade de toda servidão. Mas o homem continua brincando com ele mesmo, vai se enganando, porque assim é mais fácil.

Ser completamente livre é muito difícil. Será necessária uma cristalização dentro de você, será necessário um centro. E neste exato momento não há centro em você, você não é um ser cristalizado — você é apenas um caos. Você pode ser como uma assembléia, mas não como um indivíduo. Às vezes o desejo toma conta de você e, então, ele se torna o presidente da assembléia. Apenas alguns minutos depois o presidente se vai, ou é descartado; então um outro desejo toma conta de você. E você fica identificado com cada desejo; você diz: "Eu sou isto".

Quando o sexo assume a presidência, você vira o sexo; quando a raiva assume a presidência, você vira a raiva; quando o amor assume a presidência você vira o amor. E você nunca se lembra do fato de que não pode ser isto ou aquilo — sexo, raiva, amor. Não! Você não pode ser, mas você fica identificado com a cadeira da presidência, seja o que for que tenha o poder do momento, você se identifica com aquilo. E esse presidente vai mudando, porque depois que um desejo é preenchido temporariamente, ele é expelido da cadeira. Então, um outro que esteja nas cercanias — sedento, faminto, exigente — vira o presidente. E você fica identificado com cada desejo, com cada escravidão.

Esta identificação é a raiz causal de toda escravidão, e a menos que essa identificação desapareça, você nunca será livre. Liberdade significa o desaparecimento da identificação com o corpo, com a mente, com o coração, seja como for que você queira chamar. Esse é o fato básico a ser compreendido: que o homem escravo, nasce um escravo, nasce chorando e gritando pela satisfação de alguns desejos. A primeira coisa que uma criança faz ao nascer é chorar. E isso permanece pela vida toda — chorando por isto ou aquilo. A criança chora por leite; você pode estar chorando por um palácio, por um carro, por outra qualquer coisa, mas o choro continua. Ele pára somente quando você está morto.

Toda a sua vida é um longo choro — eis por que há tanto sofrimento. A religião lhe dá as chaves para torná-lo livre, mas se ser um escravo e sendo a vida de escravidão conveniente, confortável, você cria religiões simuladas, que não lhe dão nenhuma liberdade, que simplesmente lhe dão um novo tipo de escravidão. Cristianismo, hinduísmo, budismo ou islamismo, como são, organizados, estabelecidos, são novas espécies de aprisionamento.

Jesus é liberdade, Maomé é liberdade, Krishna é liberdade, Buda é liberdade, mas não o budismo, não o islamismo, não o cristianismo, não o hinduísmo — eles são simulações. Assim uma nova escravidão nasce: você é apenas escravo dos seus desejos, dos seus pensamentos, dos seus sentimentos, dos seus instintos, mas você se torna escravo de seus padres. Mais a escravidão acontece a partir de suas religiões simuladas, e nada muda em você.

Ouvi dizer que aconteceu certa vez, de Mulla Nasruddin estar encurralado pelos seus credores. Ele tinha tomado dinheiro emprestado de muitas pessoas, e não havia meios de fugir delas. Então, ele procurou o seu advogado. Este, como fazem os advogados, sugeriu:

"Faça uma coisa, Nasruddin, porque não há outro jeito: arrume um funeral simulado, com você dentro do caixão. Deixe toda cidade saber que você morreu e, depois, fuja desta cidade. Todos os seus credores saberão que você morreu, e não o amolarão mais".

A idéia pareceu-lhe funcional e o atraiu. Nasruddin arrumou um funeral simulado. Ele ficou dentro do caixão e a cidade toda se reuniu para lhe dizer adeus. O primeiro credor disse adeus com muita tristeza; depois veio o segundo, o terceiro, o quarto, o quinto... Mas o nono credor puxou um revólver, agarrou-o e disse:

"Nasruddin, eu sei que você está morto, mais ainda assim eu vou atirar em você, só para ter uma pequena satisfação".

Nasruddin pulou do caixão e disse:

"Peraí, pra você eu vou pagar, vou pagar!"

Você não pode brincar com a morte, não pode gracejar com a morte, não pode trapacear com a morte. Como você pode viver de um modo falso se nem morrer de um modo falso você pode? Se você não pode morrer de um modo falso, é quase impossível viver de um modo falso. Você cria mais miséria ao seu redor, nada será resolvido através disso; tudo se tornará cada vez mais enigmático.

Quanto mais você tenta resolver, mais insanidade é criada, porque, dentro do seu coração, você sabe que aquilo é falso. Você vai ao templo... Você já foi realmente ao templo? Aquilo é uma religião simulada, apenas para mostrar aos outros que você é religioso. Mas isso irá ajudar? Então esse templo também se torna uma escravidão — ritual é escravidão. Então o padre também o explora, porque ele conhece a sua fraqueza.

Com a religião, nós jogamos o jogo maior. E o jogo é que moldamos grilhões a partir da liberdade. Eis porque um homem como Jesus e Krishna é perigoso: ele não vai lhe dar uma vida simulada, ele lhe dará uma coisa real.

Eis o que Jesus diz:

Quem quer que esteja próximo de mim está próximo do fogo...

A que fogo ele se refere? O fogo no qual você não permanecerá. Você terá que desaparecer completamente. Essa multidão que você é não pode ter permissão de permanecer, porque essa tem sido a sua miséria e angústia. Essa multidão tem de desaparecer, desaparecer dentro de um centro cristalizador.

"Fogo" é um termo alquímico: tudo o que precisa ser cristalizado, terá de passar através do fogo. Se você quiser fazer algo do ouro, o ouro terá de passar através do fogo. Primeiro ele terá de se tornar líquido, então, será purificado — ficará ouro puro — e,

então você pode moldá-lo em qualquer coisa. Mas ele terá de passar através do fogo. E o mesmo irá acontecer a um discípulo: o mestre é um fogo, e você terá de ser tornar completamente líquido, de modo que tudo que esteja errado seja queimado, e tudo que esteja certo tenha se tornado líquido e uno. Então, você será cristalizado.

Primeiro, um mestre é um fogo e, depois, infinita tranquilidade acontece através dele. Mas o começo é causticante, e isso dá medo. É fácil aproximar-se de um padre — ele é tão falso quanto você. Não há nenhum perigo, você sabe bem disso. É fácil passar através de um ritual, você sabe que é simulação. Mas vir a Jesus é difícil: você está chegando perto de um fogo; quanto mais perto você chega, mais você se sentirá queimando. Quando um discípulo chega realmente perto — é isso o que um discípulo faz: junta coragem e chega cada vez mais perto, e permite que o fogo funcione — ele passa através de uma fornalha. Jesus é uma fornalha.

Mas quando o discípulo sai dela, o discípulo está totalmente diferente: a multidão se foi, agora ele é um metal diferente, totalmente diferente. O metal básico se tornou um metal mais elevado, o ferro virou ouro — aconteceu uma transformação. Quando digo que foi uma transformação, isso quer dizer descontinuidade com o passado. Se houver uma continuidade, não há nenhuma mutação, somente modificação. E é isso que vocês têm feito.

Você vai se modificando um pouco aqui e ali. É uma colcha de retalhos, mas uma colcha de retalhos nunca é uma revolução. E uma colcha de retalhos não vai ajudá-lo no final: uma colcha de retalhos é uma colcha de retalhos — você nunca é transformado. Num ponto você muda um pouco, mas a totalidade permanece a mesma. E a totalidade é tão poderosa, que o novo que você fez, não permanecerá novo por muito tempo. Mais cedo ou mais tarde, a totalidade absorverá aquilo, e aquilo ficará velho. Você vai se melhorando, mas nenhum melhoramento pode conduzir à religião.

A quem você está melhorando? Você é a doença. Você está melhorando a doença. Você pode poli-la, você pode pintá-la, você pode dar-lhe uma máscara — até a feiúra pode não parecer tão feia — mas a doença permanece.

Uma transformação é uma descontinuidade com o passado, não é uma colcha de retalhos: você se dissolve completamente e algo novo acontece. Eis por que Jesus diz: um novo nascimento, uma ressurreição. O velho se vai e o novo vem. E o novo não vem do velho, ele é totalmente novo — eis por que é um nascimento: não é o velho, contínuo, modificado. Não! O velho não existe mais, e algo aconteceu, que nunca esteve ali antes. Há uma fenda: o velho cai e o novo vem, e não há nenhum elo causal. Isso é muito difícil de se compreender, porque o treinamento científico da mente nos deu uma obsessão com a causalidade.

Nós pensamos que tudo é causado — assim, até um Buda é causado, um Jesus é causado, ele vem do passado. Não! Se você pensa que Buda vem do passado, você perdeu a coisa toda. O passado não existe mais, Buda é absolutamente novo — este homem nunca existiu antes: Gautama Sidarta existia, mas este homem Buda nunca existiu. O velho se foi para dentro do nada, e o novo surgiu do nada. O novo não nasce do velho, o novo surge no lugar do velho, porque o velho não existe mais e o lugar está vago, vazio. O novo vem do desconhecido. O velho desaparece do conhecido, e o novo, encontrando um lugar, um espaço vazio no coração, entra.

É exatamente como quando seu quarto está escuro: ele está fechado, todas as janelas e portas estão fechadas, está escuro como se fosse noite. E, então, você abre a janela ou a porta. De repente, a escuridão desaparece; agora está claro, o sol entrou. O que você dirá? Você dirá que o sol, esta luz, teve como causa a escuridão que estava lá? A escuridão transformou-se em luz? Não! A escuridão simplesmente desapareceu do quarto e a luz entrou. Essa luz não está de modo algum relacionada com a escuridão, ela não é causada pela escuridão, ela é totalmente nova. Ela estava esperando do lado

de fora do portão; a porta se abriu e ela entrou — precisava só de uma abertura.

Sempre que você medita, você cria uma abertura; quando você ora, você cria uma abertura. O velho, a escuridão, desaparecerá e a luz estará presente. E essa luz não tem relação com o passado, exatamente como a escuridão não tem relação com a luz. Elas são descontínuas, elas são dimensões diferentes, são existências diferentes. Tente compreender isso, porque este é o milagre sobre o qual a religião sempre esteve insistindo. A ciência não pode compreender isso, porque a ciência pensa em termos de modificação, mudança, continuidade. A religião pensa em termos de descontinuidade, transformação, mutação.

Você não vai se tornar um Jesus ou um Buda — você é a barreira. Você tem de ser queimado completamente, você tem de ser acabado completamente. Quando Jesus descer dentro de você, você não estará presente. Você sentirá como se seu passado fosse apenas um sonho que você sonhou. Aquilo nunca foi você: sua identidade é quebrada.

Desse modo, Jesus é como um fogo. Se você se aproximar de um Jesus, esteja preparado para morrer, porque Jesus não pode significar nada mais do que morte para você. E o renascimento é possível somente se você morrer. Se você tem medo de morrer, fuja de um homem como Jesus. Não vá para perto dele — ele é perigoso, ele é como um abismo: você se sentirá tonto e cairá dentro dele.

Jesus disse: Quem quer que esteja próximo a mim está próximo do fogo... próximo da morte, próximo de morrer; o velho desaparecendo, o metal básico se dissolvendo. E, imediatamente, ele diz uma outra coisa: Se você puder tolerar o calor, o fogo de um Jesus ou de um Buda ou de um Krishna, então, a segunda coisa se tornará possível a você, imediatamente. Quem quer que esteja próximo a mim está próximo do fogo, e quem quer que esteja longe de mim está longe do reino.

Se você pode passar através do fogo de Jesus, se o discípulo pode passar através do fogo do mestre, imediatamente, um novo mundo se abre para ele: o reino de Deus, o reino da imortalidade, a verdadeira vida sem morte.

Assim, Jesus diz: "Quem quer que esteja próximo a mim está próximo do fogo, e quem quer que esteja longe de mim está longe do reino". Se você foge de Jesus, você também está fugindo do supremo reino, que pode ser seu.

Esse é o problema: a atração e a repulsão com um mestre. Às vezes você sente que deve se aproximar, sempre que o reino o atrai — mas quando você chega perto, você sente o fogo, então, você tenta fugir.

Uma vez que você esteja perto de um homem iluminado, isso permanecerá um problema por toda a sua vida: chegar perto e, depois, como fugir. Sempre que você estiver longe, você pensará em como se aproximar novamente dele e do reino — pois sempre que você se distancia, o fogo desaparece — porque esse reino tem de ser alcançado, essa é a realização. Sem isso, você permanecerá não-realizado; sem isso, você permanecerá um útero estéril, sem dar nascimento a nada; sem isso, você permanecerá fútil, insignificante; sem isso, toda a sua vida será apenas um pesadelo, sem levar a nada — correndo depressa e sem chegar a lugar algum. Imediatamente, você começa a pensar em como florescer, em como desabrochar.

Isso somente pode acontecer perto de um mestre, aquele que já floresceu. Somente aí, suas sementes ficarão inquietas, desconfortáveis em suas células mortas. Elas começarão a lutar com essas células, irão romper essas células e sairão da terra para alcançar o sol. Mas isso somente pode acontecer se você estiver pronto para passar pelo fogo. Este é o problema para o discípulo: quando ele vem ao mestre, imediatamente, todo o seu corpo mental pensa em fugir. Ele encontra todas as espécies de racionalizações para fugir; por dentro, ele se indaga continuamente como fugir

deste homem — este homem parece ser perigoso. Quando ele foge, ele começa a sentir o desejo novamente.

A pessoa tem de decidir. A decisão é final, porque você não pode voltar. Uma vez que você fique realmente íntimo de Jesus, então, não há retorno. Um ponto de não-retorno chegou, porque mesmo quando você está passando pelo fogo, você pode ter vislumbres do reino. Então, o fogo não é fogo, então, você se sente feliz e abençoado. Então, você se sente agradecido a este homem, porque ele se tornou um fogo para você. E agora os vislumbres não estão distantes, o reino está próximo.

Uma vez que você tenha tido um vislumbre do reino, então, todo o fogo deixa de ser fogo. Ele se torna tão brando; você nunca viu nada na vida tão suave como ele. Mas se você foge para a margem, antes de pular dentro da fornalha, você estará em constantes dificuldades — e você tem estado nelas.

Você não é novo nesta terra, ninguém é novo: você é tão velho quanto esta terra, até mais velho do que esta terra, porque já esteve em outras terras antes também. Você é tão velho como este universo. Você sempre existiu, porque tudo o que está na existência permanece na existência — não há meio de sair. Você é uma parte integrante desta existência, você sempre esteve aqui. Você já esteve perto de muitos Budas, você já esteve perto de muitos Jesuses e de muitos Maomé. E esse sempre foi o problema.

Você foi atraído quando ouviu. Quando você estava muito, muito distante, eles se tornavam forças magnéticas. Então, você se aproximava, e quanto mais perto você chegava, mais amedrontado você ficava, porque o fogo estava ali. Então você decidia fugir — eis por que você ainda está vagando. Mas um dia, a pessoa tem de decidir passar pelo fogo, porque não há outro jeito.

Mas, então, você se consola com falsos mestres, que não são fogo: você vai ao sacerdote, você vai ao templo e à mesquita e à igreja; você faz rituais, toda sorte de coisas simuladas, só para fugir

de Jesus e de Krishna, porque com eles o real acontece — e o real acontece somente através do fogo.

Você tem de ser purificado, tem de ser realmente, completamente dissolvido; então, surge um espaço vazio. E nesse vazio, o raio da criação, o raio de Deus, entra e, então você está realizado. Então, não há mais nenhuma miséria, nenhuma *dukkha*, então, não há mais nenhuma angústia. Então, você permanece na bem-aventurança eterna, e o êxtase está presente. Não que ele aconteça através de alguma coisa: então, ele é sua natureza, seu próprio ser. Se o êxtase acontece através de alguma coisa, ele não é eterno, porque essa alguma coisa pode ser perdida; se ele é causado por alguma coisa externa, então, não pode permanecer para sempre, pode ser apenas momentâneo.

Êxtase e bem-aventurança podem ficar permanentemente com você, eternamente com você, intemporalmente com você, somente quando você os percebe como seu ser — então, ninguém pode tomá-los. Mas esse ser precisa de uma cristalização, precisa de uma purificação, precisa de uma transformação alquímica. O velho tem de ir para o novo chegar, o passado tem de morrer para o futuro nascer. E essa é a decisão que um discípulo tem de tomar.

Quem quer que esteja próximo a mim está próximo do fogo, e quem quer que esteja longe de mim está longe do reino.

Lembre-se de que onde quer que você sinta o fogo, decida-se — "este é o lugar para ir e saltar". Onde quer que você sinta somente consolos, fuja de lá — os sacerdotes podem estar ali, mas não um mestre. Eles sempre consolam as pessoas, eis por que eles o atraem.

Você vai a um sacerdote para ser consolado, porque sua vida é uma miséria muito grande. O sacerdote é terapêutico, ele é um consolador. Ele o ouve e lhe diz: "Não tenha medo. Basta rezar e Deus fará tudo". Ele lhe diz: "Não tenha medo, Deus é compassivo. Seus pecados serão perdoados". Se você tem medo da morte, ele diz:

"Não tenha medo, sua alma é eterna, não há morte para ela". Se você se sentir muito culpado, ele lhe dá meios e modos para se sentir livre da culpa. Ele diz: "Doe algum dinheiro ao templo, doe algum dinheiro à igreja. A doação é boa, porque é assim que você apaga seus pecados, através da doação. Faça algo de bom: faça um hospital, uma escola, vá e ajude as massas, o pobre, os oprimidos, o doente".

Esses são os caminhos para consolá-lo, mas não há nenhuma transformação nisso. Você pode deixar sua loja, seu escritório, e torna-se um trabalhador social; você pode ir até os primitivos e servi-los, mas você permanece o mesmo, o velho continua. Você pode não explorar, pode começar a servir, mas o velho está presente — trata-se de uma continuidade.

Você era avarento e você acumulou riqueza. Agora, você doa, mas você permanece o mesmo. Você pode estar farto da avareza, agora ela se tornou doação: antes você estava abocanhando dos outros, agora você está dando — mas você permanece o mesmo, o ser interior não passou por nenhuma transformação. As pessoas o apreciarão, a sociedade dirá "agora você mudou", mas isso não é mudança. Isso é apenas jogar fora a culpa, porque você se tornou culpado de tanta exploração.

A doação se torna um alívio, ela lhe dá uma sensação de que você é bom, mas isso é somente uma sensação. Devido a você ter sido mau, você está simplesmente tentando equilibrar as contas: mas você permanece o mesmo, a mesma mente ladina, pensando em termos matemáticos, equilibrando, calculando. Que mudança aconteceu em você? O dinheiro era importante antes, o dinheiro ainda é importante agora. Ele era importante, eis por que você o acumulou; ele é importante, eis por que você o doa.

Antes, você achava que estava fazendo um trabalho muito bom, de muito sucesso com ele, acumulando, porque ele era a coisa mais significativa — você era obcecado por dinheiro. Contudo, você ainda é obcecado por dinheiro: você está doando, e contudo você

pensa que você está servindo as pessoas dando-lhes dinheiro, mas o dinheiro permanece significativo. Isto mudou: de positiva, a avareza tornou-se negativa. Mas você não mudou, você permanece o mesmo. Você estava no sexo, você vivia uma vida de sexo. Então, você se torna um *brahamachari*, um celibatário; você ficou farto de mulheres e homens, terminou com tudo isso. Mas você realmente terminou? Na verdade, isso apenas tornou-se negativo. Lembre-se sempre de que, quando o positivo se torna negativo, isso lhe dá um falso sentimento de que você mudou. É como um homem de cabeça para baixo: o homem permanece o mesmo. Antes ele estava sobre os pés — isso era mais natural, o sexo é mais natural — e agora ele está de cabeça para baixo, está fazendo *shirshasan*. E ele pensa que mudou. Mas como só por ficar de cabeça para baixo você pode ter mudado? Você pode se tomar um celibatário, mas você permanece o mesmo, nada mudou.

Aconteceu:

Um dos amigos do Mulla Nasruddin, Abdullah, estava indo a um haj, à Meca para uma peregrinação religiosa. Ele era idoso e tinha acabado de se casar com uma jovem muito bela. É claro, ele estava indo a um haj, mas estava muito preocupado com sua esposa. Havia toda a possibilidade de ela não lhe ser fiel. O que fazer? Assim, ele comprou um cinto de castidade e trancou sua esposa. Mas onde guardar a chave? Levá-la com ele para o haj não parecia certo. Seria uma carga em sua consciência, pois ele não acreditava na esposa, não confiava nela. E constantemente a chave o faria lembrar-se da esposa e da possibilidade... Assim, ele pensou, e foi até Mulla Nasruddin, seu amigo.

Nasruddin era um homem idoso então, quase cem anos, e todos sabiam que ele tinha sumido das mulheres. E, quando a pessoa some, fica farto de mulheres, ela começa a falar de *brahmacharya*. Ele estava sempre falando sobre *brahmacharya*, e condenando as pessoas que ainda eram jovens. Ele diz: "Você está

perdendo sua vida! Isso é inútil, um desperdício de energia e nada mais, e não leva a lugar nenhum".

Seu amigo, esse Abdullah, foi até ele e disse: "Nasruddin, estou com um problema. Minha esposa é jovem e é difícil confiar nela; assim, comprei um cinto de castidade e tranquei minha esposa no cinto de castidade. Agora, onde guardar a chave? Você está sempre a favor do brahmacharya e você é o meu amigo mais confiável, meu melhor amigo; assim, guarde esta chave. Dentro de três meses eu estarei de volta".

Nasruddin disse: "Sinto-me muito agradecido de que você tenha pensado em mim neste momento de preocupação, e lhe asseguro que essa chave não poderia estar em melhores mãos. Sua esposa estará a salvo".

Abdullah saiu, com o coração aliviado. Não havia nenhum perigo: o homem tinha noventa e nove anos; depois, ele estava sempre a favor do brahmacharya e vinha pregando o celibato há quase vinte anos. Feliz de que as coisas tivessem dado certo, ele foi embora. Mas uma hora ou pouco mais tarde, ele ouviu um burro galopando depressa atrás dele, vindo em sua direção. Quando o burro chegou perto... Mulla Nasruddin estava montado nele, cansado da forte corrida, transpirando, e lhe disse: "Abdullah! Abdullah, você me deu a chave errada".

Isso fatalmente acontece à mente negativa, sempre acontece. Se você pode mudar do positivo para o negativo, você pode mudar do negativo para o positivo. São dois pólos da mesma mente. Você pode ficar surpreso, mas os brahmacharis, os celibatários, os monges, estão constantemente pensando em sexo, constantemente condenando, constantemente pensando em sexo.

Ambos podem ser abandonados, mas você não pode fazer o impossível, escolher um e negar o outro. Todo aquele que nega, afirma; todo aquele que suprime, alimenta.

Você pode jogar a coisa inteira fora, isso é possível, mas, então, você não é nem brahmacharya, nem licencioso, você simplesmente se desvia dos dois, não é nem um nem outro. Então, você não é nem macho nem fêmea. Eis o que Jesus quer dizer quando ele diz "eunucos de Deus": quando as duas polaridades foram jogadas fora. Caso contrário, você pode reter uma das polaridades: da avareza, você pode se mover para as doações, para a caridade, mas a miséria permanece a mesma. Tenho visto miseráveis, muitos tipos de miseráveis. Basicamente, são de dois tipos: o negativo e o positivo. O miserável positivo acumula dinheiro, a sociedade é contra ele; o miserável negativo doa, a sociedade é a favor dele — mas a miséria é a mesma.

Mulla Nasruddin morreu, e seis meses depois sua esposa morreu, E eles eram o casal mais miserável da cidade. A esposa chamou uma vizinha, e lhe disse: "Escuta aqui, Rehama, você tem de me enterrar no meu vestido de seda preta. Mas a fazenda é cara e o vestido é quase novo; então, faça uma coisa. Ninguém verá, porque eu estarei deitada de costas no caixão. Assim, corte a parte das costas do vestido e faça um vestido dela para você".

A mulher não podia acreditar naquilo. Primeiro, ela não podia acreditar que a esposa de Mulla Nasruddin tivesse ficado tão caridosa e depois não podia acreditar no absurdo que ela estava dizendo.

A esposa de Nasruddin disse: "Eu ficaria muito feliz de lhe dar um presente antes de partir, e este é o meu presente. E eu odeio destruir esta fazenda, ela é tão cara e tão linda e tão nova. Assim, corte as costas do vestido. Ninguém verá".

Mas a vizinha disse: "Aqui, podemos não ver, mas lá nas escadarias do céu, quando você e Mulla Nasruddin caminharem juntos e entrarem nas escadarias douradas, os anjos rirão".

A esposa de Nasruddin começou a rir. Ela disse: "Não se preocupe. Eles não olharão para mim, porque eu enterrei Nasruddin sem as calças!".

Um homem avarento permanece um homem avarento, um homem de raiva permanece um homem de raiva, um homem de sexo permanece um homem de sexo; simplesmente mover-se para o pólo oposto não faz nenhuma mudança, lembrem-se disso. Assim, você pode mover-se para a religião simulada facilmente, pois a religião simulada sempre enfatiza o pólo oposto. Se você tem raiva, então, a religião simulada diz: "Tenha compaixão, ame o próximo como a si mesmo. Seja amigável, não tenha raiva — e isso compensará!". Se você tem ambição, a religião simulada diz: "Tenha controle da sua ambição, porque isso será recompensado no outro mundo". O apelo é novamente baseado na ambição, porque isso será recompensado. Assim, doe, seja caridoso! Se você der uma rúpia aqui neste mundo, você conseguirá um milhão delas no outro. É isso o que a religião simulada está fazendo: ela simplesmente o ajuda a mover-se para o pólo oposto, é fácil.

A mente sempre gosta de mover-se para o pólo oposto, porque a mente sempre se farta de alguma coisa. E o oposto lhe dá gosto novamente, dá a possibilidade de se mover novamente. Um homem que está comendo demais, fica enfastiado. O sabor é perdido, o corpo não sente mais fome, ele não pode ter prazer com o alimento; assim, ele começa a pensar em jejuar. Não que ele esteja mudando — o jejum lhe dará o sabor de volta, o corpo sentirá fome novamente. O jejum é sempre bom para aqueles que são obcecados por comida. Jejeue por dois dias e a fome volta, então, você pode ser um glutão novamente.

Sempre que você faz amor com uma mulher ou com um homem, o corpo fica satisfeito — é claro, somente por vinte e quatro horas, mas o corpo fica satisfeito, você se sente saciado. Depois de fazer amor, todo homem, toda mulher, pensa em abandonar todo

esse absurdo — parece tão sem sentido! O pico se foi, agora chegou o vale e você pensa que está decidindo alguma coisa. Você está errado, você não está decidindo nada. Dentro de vinte e quatro horas, o corpo acumulará energia novamente e, dentro de vinte e quatro horas, o sabor voltará novamente e você quebrará o seu jejum. Vinte e quatro horas de jejum são necessárias para o sexo e, à medida que você fica mais velho, mais tempo será necessário para quebrar o jejum. Mas, quando a energia estiver plena novamente, você fica novamente sexual.

Olhe para essa polaridade. Religião simulada e religião verdadeira têm esta distinção significativa: a religião simulada ajuda-o a mover-se para o pólo oposto, o que não é uma transformação; a religião verdadeira simplesmente o ajuda a queimar ambas as polaridades completamente. Eis por que a religião verdadeira é fogo real. Diz Jesus: "Quem quer que esteja próximo a mim está próximo do fogo, e quem quer que esteja longe de mim está longe do reino".

E quando o desejo — o positivo e o negativo — desaparece, o reino está presente. O reino não está muito longe, está sempre aí, dentro de você. Apenas devido aos desejos, você não pode olhar para ele; obcecado com desejos, você não pode olhar para ele.

Quando seus olhos, deste jeito ou daquele, não estão cheios de desejos, quando você não está se movendo no sexo nem está contra o sexo, quando você não está obcecado com alimento nem obcecado com o jejum, quando você está simplesmente sem desejos, então, seus olhos não têm nenhuma fumaça, estão límpidos, podem ver, têm uma clareza. Nessa clareza o reino está presente. O reino sempre existiu dentro de você, mas seus olhos estão cheios, cobertos de desejos. E os desejos trazem frustrações, lágrimas: os desejos criam esperança, sonhos. Seus olhos ficam completamente cheios, eis por que não há nenhuma clareza.

Olhos vazios de desejos, sonhos, esperanças, frustração, simplesmente vazios — então, você tem o primeiro vislumbre.

Perto de um Jesus, perto de um homem iluminado, você tem de passar através de um fogo. Esse fogo queimará todos os desejos — negativos ou positivos, ambos; deste mundo e daquele, ambos. Esse fogo queimará todas as suas esperanças, porque, através da esperança, o desejo vive. Na verdade, ele queimará todo o seu futuro e passado, ele o deixará simplesmente aqui e agora; nenhum passado mais, nenhum futuro mais, nada mais por que procurar. De repente, a energia volta-se para dentro, há uma conversão, uma transformação. Nenhum lugar para onde olhar do lado de fora: o passado é inútil, morto; o futuro ainda não chegou. Para onde ir? Você tem de ir para dentro. A energia tem de se mover e, não encontrando nenhuma passagem para o lado de fora, toda a energia volta-se para dentro. O reino de Deus está ali.

Jesus disse:

Venham a mim, pois leve é meu jugo e meu domínio, suave.

Isto tem de ser compreendido muito, muito profundamente e sempre lembrado, porque isso vai ajudar a todos.

Quando quer que você vá a um homem como Jesus, o problema surge na mente: "Por que me render a este homem? Isso parece escravidão". E então, a coisa toda parece muito contraditória, porque Jesus vai dizendo "estou aqui para libertá-los, estou aqui para lhes dar total liberdade" e, depois, ele exige entrega. Parece contraditório: "Por que se render? Por que eu devo me render a outro homem?". E ele diz: "Vou lhe dar total libertação". Isso parece contraditório. "Então ele deveria me dar isso agora mesmo. Por que eu devo me render a alguém? Por que eu devo fazer dele um senhor? Por que o guru, o mestre, deve ser o senhor da minha alma e do meu ser? Por que eu devo me render?".

Jesus diz: Venham a mim, pois leve é meu jugo e meu domínio, suave.

Ele diz: "Sim, eu sei que é assim que você sentirá, que isso também é uma espécie de escravidão". A menos que Jesus o liberte, como você pode sentir que aquilo é realmente libertação? Você conheceu somente escravidão! Aonde quer que você tenha ido, você conheceu a escravidão.

Em nome do amor, você conheceu escravidão. E o amor prometeu que seria uma libertação, mas não foi. Olhe para qualquer esposa, qualquer marido — foi uma escravidão, e o jugo foi muito duro. Você andou no mundo em busca de liberdade, e em todo lugar você criou prisões, fizesse você o que fizesse. Em nome da liberdade, há toda sorte de escravidões: a nação é uma escravidão, a raça é uma escravidão, a religião é uma escravidão. O amor — o assim chamado amor — é uma escravidão. E todos estão sobrecarregados com tantas escravidões! Então, vem Jesus e ele também quer entrega?! É claro, sua mente diz: "Isto também vai ser uma escravidão".

Jesus não nega isso, porque, neste momento, neste estado de mente, você não pode compreender o que é libertação. Assim ele diz: "Venham a mim, pois leve é meu jugo e meu domínio, suave...". Isso é tudo o que ele promete a você. Ele não diz "eu lhes darei liberdade agora mesmo". Isso pode acontecer, mas exatamente agora ele só faz uma promessa. Ele diz: "... leve é meu jugo e meu domínio, suave".

Na vida, o jugo é árduo. E, na vida, por toda a volta, há senhores dominando e lhes dando ordens. E eles são perigosos, ferozes: são como leões pulando sobre vocês e matando-os. Jesus diz: "Neste momento, somente este tanto que pode ser compreendido por vocês, pode ser dito: leve é meu jugo e meu domínio, suave". E, quando você pensa "por que me render?", você não está escolhendo a liberdade. Você está simplesmente escolhendo a velha escravidão em nome da liberdade, porque sua própria mente é uma escravidão, seus desejos são escravidões. E você não pode ir além deles, sem alguma ajuda que venha de fora.

Você permaneceu na prisão por tanto tempo, que pensa que ela é seu lar. E a prisão é tão bem guardada, que você não pode sair, a menos que alguém que esteja do lado de fora da prisão o ajude, a menos que haja alguém que conseguiu sair da prisão e saiba o caminho para sair dela.

Um mestre significa somente isto: uma pessoa que estava na prisão, na mesma prisão em que você está, mas que de algum modo ela escapou; o mestre descobriu uma porta, descobriu um cadeado e uma chave, um método, e escapou — agora ele pode auxiliar. Se vocês estão todos dormindo, não podem sair do sono. Algo, do lado de fora, é necessário — até um alarme pode ajudar, mas, ainda assim, é algo do lado de fora. Mas você pode se enganar com um alarme, porque você pode sonhar que há um templo e que o sino do templo está tocando; você pode criar um sonho e continuar dormindo. Alguém — não um artifício mecânico, mas alguém que esteja vivo, um mestre — é necessário: alguém que não permitirá que seu sono crie sonhos, que continuará sacudindo-o.

Jesus diz: "No final, a liberdade acontecerá a vocês, mas, neste exato momento, eu só posso prometer esse tanto, que meu jugo não é pesado, é leve... e meu domínio é suave". E vocês escolheram domínios tão pesados ao seu redor.

Aconteceu:

Um homem muito manso entrou num escritório — magrinho, doentinho, muito humilde. Ele disse:

— Eu soube que vocês precisam de segurança noturno. O gerente olhou para ele mostrando dúvida e disse:

— É sim, nós precisamos de um segurança noturno, mas precisamos de uma pessoa que esteja continuamente atenta, principalmente à noite. Precisamos de uma pessoa que nunca acredita em ninguém, que seja cética, um cético nato, alguém que jamais confie no que o outro possa estar fazendo. Deve ser uma pessoa que esteja sempre procurando onde haja algum problema, e

que esteja sempre ouvindo o que está acontecendo ao redor; que seja quase um neurótico e que uma vez excitado torne-se um demônio encarnado!

Aquele homem manso e humilde levantou-se e disse:

— Então, vou mandar a minha mulher aqui.

É assim que um marido se sente quanto à própria mulher, e é assim que uma esposa se sente quanto ao marido — o domínio é realmente pesado. Mas é assim. Se você se tornar consciente, verá que cada desejo é pesado e o incita continuamente em direção a metas fúteis. Se você não for em direção a eles, há problemas; se você for, há frustração. Cada desejo é um mestre, e milhões são os desejos. Assim, você está numa enrascada, você é um escravo de milhões de mestres. É difícil, e cada desejo fica incitando a pessoa em direção a uma meta própria dele mesmo, sem se preocupar com você. E se você não seguir, haverá problemas: o desejo não vai deixá-lo tão facilmente, porque é uma questão de domínio. E, se você segui-lo, vai haver frustração, porque aquela meta pode ter sido a meta do desejo, mas ela jamais foi a sua meta. E você não sabe qual é a sua meta, porque você não sabe quem você é.

Entrega significa escolher um mestre como senhor, contra esses milhões de mestres dos desejos e dos instintos. O domínio é suave, é suave por muitas razões: basicamente, porque o mestre é um só. É sempre bom ter um mestre. Mesmo que você tenha dois mestres, você estará em confusão e, se os mestres são milhões, você viverá em constante confusão. Milhões de ordens serão recebidas, e você será empurrado em várias direções: você vira um caos. É assim que a loucura acontece, porque você não pode ver o que fazer. A quem seguir e a quem não seguir? Sua avareza diz; "Continue juntando dinheiro"; seu sexo diz: "Favoreça o sexo". Mas então há um problema, porque há um conflito.

Se você favorecer demais o sexo, você não poderá acumular dinheiro. Os miseráveis são sempre anti-sexuais. Eles têm de ser,

porque a mesma energia tem de ser convertida para acumulação de dinheiro. Os miseráveis não são amorosos, são muito anti-sexuais. E as pessoas que favorecem o sexo, jamais podem acumular dinheiro... difícil. Mesmo que seus antepassados tenham feito isso, elas irão jogar tudo fora, elas descobrirão meios de jogar fora.

Um desejo diz: "Acumule dinheiro, porque o dinheiro significa segurança. Quem vai ajudá-lo na velhice? Tenha equilíbrio bancário, isso é proteção!". E, então, o sexo diz: "Mas a vida está passando, porque pensar na velhice? Sua juventude está sendo desperdiçada! Vá e se entregue ao sexo antes que o momento passe e a energia esteja perdida. Use-a, desfrute!". O sexo diz: "Fique aqui e agora, neste momento, se entregue ao sexo!". E a avareza diz; "Não pense neste momento, pense na meta distante!". Há conflito, e não é só entre dois desejos — cada desejo está em conflito com outros. A raiva diz: "Mate agora, assassine este homem!" Mas o seu medo diz: "Não faça isso, porque, se você matar os outros, outros o matarão. Seja educado, sorria. Você é um bom homem, você não é um assassino, você não é um criminoso". Então o que fazer? Tantos mestres, e o escravo é um só.

É bom escolher um só mestre. Pelo menos, um milhão de vezes se dissolvem, somente Jesus tem de ser seguido, e você pode jogar toda a responsabilidade para ele. E ele diz: ...leve é meu jugo...

Por que "leve"? Porque mesmo que ele lhe peça para você se render, ele está lhe pedindo para se render apenas até que você se torne livre de seus outros mestres. Uma vez que você esteja livre dos seus desejos, ele jogará fora este jugo também. Esse é um arranjo provisório, simplesmente uma passagem. Uma vez que você tenha jogado todos os desejos fora, então, esta entrega não é necessária.

O próprio mestre lhe dirá; "Agora, abandone esta entrega também, porque você se tornou iluminado na sua própria luz, por direito próprio".

Jesus disse; Venham a mim, pois leve é meu jugo e meu domínio, suave.

Jesus disse:

Quem quer que beba da minha boca tornar-se-á como eu sou e eu mesmo me transformarei nele, e as coisas escondidas ser-lhe-ão reveladas.

A entrega é uma passagem para o discípulo se tomar um mestre ele mesmo. E se você se entrega totalmente, nesse próprio momento você se torna um com o mestre, porque, então, não há nenhum conflito. Então, não há nenhum ego, a "viagem de ego" terminou, você a abandonou. E, quando você não é mais, eis o que a entrega significa: quando você diz: "Eu não sou, você é, e conduza-me para onde quiser. Eu não vou decidir, você decide. Simplesmente seguirei como uma sombra, serei cego na minha confiança. Mesmo que você diga 'pule e morra!', eu pularei e morrerei. Nunca mais haverá 'não' de minha parte. Meu 'sim' é final e total e absoluto". Este "sim" absoluto é entrega.

O que isso quer dizer? Quer dizer que agora o ego não pode persistir em você, não há mais nenhum significado para ele e não há mais nenhum alimento para ele. Se isso puder ser feito, então, mesmo num único instante, quando você já não é mais, as portas estão abertas e Jesus entrou em você, a luz do Buda penetrou-o.

Por que você tem medo de se render? Porque as portas irão se abrir, você ficará vulnerável. Você tem medo do mundo externo: você viveu num quarto escuro, fechado, por tanto tempo, que você ficou sintonizado com ele, você se tornou um com a escuridão. Você tem medo da luz. Quando você abrir a porta pode ser que você não seja capaz de ver a luz de modo algum. Ela pode ofuscá-lo tanto que você pode fechar seus olhos.

O medo é de que, se você se render, então, você entrará num caminho desconhecido. E a mente sempre tem medo do

desconhecido. E o desconhecido é Deus, o desconhecido é Jesus! Ele é apenas um mensageiro do desconhecido, simplesmente um raio vindo do sol. O sol pode estar muito, muito longe, mas o raio bateu na sua porta. Rendição significa abrir a porta.

Quem quer que beba da minha boca...

Isso é muito simbólico e muito significativo. Os amantes bebem da boca um do outro. Eis o que é um beijo: um beijo profundo é beber o vinho do corpo, da boca um do outro. É uma das coisas mais intoxicantes, nenhuma bebida alcoólica pode competir com ele. Mas o mesmo fenômeno existe no nível espiritual também: um discípulo bebe da boca do mestre. Não é um fenômeno físico, existe no âmago mais profundo, onde o discípulo se encontra com o ser do mestre, onde eles se abraçam, onde eles se beijam. É isso o que Jesus quer dizer: "Quem quer que beba da minha boca tornar-se-á como eu sou e eu mesmo me transformarei nele, e as coisas escondidas ser-lhe-ão reveladas".

Jesus usou muito os termos simbólicos de comer e beber. Ele diz: "Comam-me, bebam-me, absorvam-me completamente em vocês". É este o significado de comer e beber: deixe-me entrar em você, digira-me tão completamente, de modo que eu possa me tornar parte do seu ser — e, então, não há mais nenhum discípulo e nenhum mestre, a distinção não existe mais. Então, não há nenhum senhor e nenhum escravo, então, o discípulo se tornou o mestre. Então, eu sou você, então, Jesus é você. Então, ele se tornou você, você se tornou ele; então, a distinção não existe mais. A distinção jamais existiu antes, da parte de Jesus, ela existia da sua parte.

Entrega significa que você também dissolveu essa distinção, você está pronto para encontrar. É exatamente como os amantes; até no amor físico comum, você tem de render seu ego — talvez por um momento, mas você tem de fazer isso; talvez por um momento, mas você tem de se tornar um com o amado, com a amada. Por um

momento, seus corpos não são dois, eles se tornaram um todo, um círculo. Por um momento, seus corpos se encontram e se misturam um no outro, fundem-se um no outro, não mais são duas existências separadas. Depois de um momento, eles serão existências separadas, porque os corpos não podem se encontrar eternamente, mas as almas podem se encontrar eternamente. Os corpos são sólidos, podem se aproximar cada vez mais e mais, mas não existe uma fusão real.

As almas não são físicas, não são sólidas. Elas são exatamente como a luz quando você acende uma vela no seu quarto: o quarto fica cheio de luz; você acende uma outra vela no quarto, o quarto se enche de mais luz. Você pode fazer alguma distinção entre onde termina a luz da primeira vela e começa a luz da segunda vela? Não, não há nenhuma distinção: as luzes se fundem e se misturam e se tornam uma só. O espiritual é exatamente como luz.

Quando o discípulo dá permissão de o mestre entrar, é exatamente como uma penetração sexual, num nível mais alto: o discípulo se tornou a parte feminina. Por isso a entrega: porque uma mulher está no seu pico quando ela se entrega, ela está em amor quando se entrega. Ela não é agressiva, é um pólo passivo. E um homem é agressivo. Ele tem de alcançar e penetrar, somente então o encontro é possível. O discípulo tem de se tornar exatamente como o feminino: passivo, permitindo, sem criar qualquer barreira, entregando-se. O mestre tem de ser como um fenômeno masculino. Eis por que você pode compreender o fenômeno de haver muito poucas mestras mulheres. É quase impossível, raramente acontece e, quando quer que tenha acontecido — um, dois três casos em toda a história da humanidade — aquelas mulheres não pareciam mulheres, absolutamente.

Aconteceu certa vez em Caxemira: havia uma mulher, seu nome era Laia. E, em Caxemira, eles têm um provérbio que diz que o caxemiri conhece somente dois nomes, Alá e Laia. Ela foi uma mulher rara, mas você nem pode conceber... ela não era uma

mulher, absolutamente. Ela viveu nua durante toda a sua vida. Uma mulher se esconde, uma mulher tem vergonha, uma mulher é passiva — ela era muito agressiva, ela era simplesmente uma mente masculina num corpo de mulher. Ela teve discípulos. Mas isso acontece raramente, muito raramente.

Mestras são raras, porque é impossível, mas as mulheres discípulas são em número quatro vezes maior do que o de homens discípulos, a média é de quatro por um. Mahavira tinha cinquenta mil monges; quarenta mil eram mulheres, freiras, e dez mil monges masculinos. E você não pode compará-los com as mulheres discípulas, impossível: um homem jamais pode se tornar tão entregue, porque toda a sua mente, seu tipo, é agressivo. A mente feminina pode se render facilmente, a entrega vem facilmente — é próprio do ser dela. Assim, você não pode encontrar melhores discípulos do que as mentes femininas e você não pode encontrar melhores mestres que as mentes masculinas. Mas isso tem de ser assim, porque em cada nível a polaridade permanece.

No nível físico, você encontra uma amante. A mulher se entrega, ela nunca toma a iniciativa. E, quando uma mulher toma a iniciativa, ela não é feminina, e nenhum homem a amará. Se uma mulher vem e propõe, você simplesmente cai fora. Ela espera — ela pode ficar pensando e sonhando, mas ela esperará. A proposta deve vir do homem; ele deve tomar a iniciativa, ele deve ser agressivo. E ela se comportará de tal modo, que pareça ser absolutamente inocente, sem saber do que você está falando — mas ela esteve planejando e planejando, e esperando e esperando pelo momento em que você viria e faria a proposta.

Mulla Nasruddin e sua esposa estavam sentados no banco de um parque, escondidos atrás de uma fileira de palmeiras. De repente, um jovem casal chegou do outro lado das palmeiras. O jovem imediatamente começou a falar de um modo muito romântico, de um modo muito poético. A esposa de Mulla

Nasruddin ficou inquieta, pouco à vontade. Ela disse, sussurrando nos ouvidos de Nasruddin: "Parece que aquele jovem não está ciente de que estamos aqui. Então, assobie para fazê-los cientes. E o jovem parece tão apaixonado que parece estar a ponto de fazer uma proposta".

Nasruddin disse: "Por que devo assobiar? Ninguém nunca me alertou, ninguém nunca assobiou quando eu estava fazendo uma proposta".

Uma mulher é uma espera, é um útero. O corpo dela, seu ser é uma paciência, uma passividade. E o mesmo acontece num nível mais alto de espiritualidade: lá também ela é uma espera. E um discípulo tem de se tornar como uma mulher. Ele tem de cair em profundo amor pelo mestre e, então, haverá um encontro, uma fusão de seres espirituais mais altos. E essa fusão é, novamente, como uma penetração sexual — mais existencial, absolutamente não-corpórea. E, desse encontro, o discípulo nasce novamente; ele se torna grávido a partir desse encontro, grávido de si mesmo. Agora, ele carrega seu próprio novo ser no seu ventre. Todo o aprendizado, o tempo em que ele ficou perto do mestre, é o tempo de levar a gravidez. Isso pode ser feito somente em profunda confiança; se você duvida, é impossível, porque, então, você se defenderá, você criará uma armadura ao seu redor, você tentará se proteger.

Jesus disse: Quem quer que beba da minha boca tornar-se-á como eu sou e eu mesmo me transformarei nele, e as coisas escondidas ser-lhe-ão reveladas.

Uma vez que a entrega aconteça completamente, o mestre se torna a porta para você. Então, um mundo diferente de luz, vida, bem-aventurança se abre — *sat chit anand*, chamam os hindus. A verdadeira existência, a verdadeira consciência, e a verdadeira bem-aventurança — *sat chit anand* se torna possível a você. O mestre se

torna a porta e, uma vez que você tenha alcançado isso, você está iluminado. Agora, você pode ajudar os outros a passar através do fogo. Agora você pode ajudar os outros a ter um vislumbre do absoluto, ou a alcançar o supremo e se dissolver nele.

Mas, antes de você poder se tornar um mestre, você tem de ser totalmente um discípulo. Antes de você poder ensinar, você tem de aprender e, antes de você ajudar, você tem de ser ajudado. Você tem de permitir a alguém ajudá-lo profundamente. E essa profunda ajuda é possível somente quando você não está presente, porque você é a perturbação, você é a barreira. Você continuamente cria barreiras para seu próprio crescimento, no medo do desconhecido. Você se agarra ao conhecido e, então, não pode haver nenhum encontro, porque o mestre é o desconhecido. Você permanece no mundo do conhecido, o passado, e o mestre é o desconhecido.

E um encontro de dois pontos é possível: o desconhecido encontrando o conhecido. O conhecido se dissolverá, o conhecido se queimará, o conhecido não mais será encontrado, exatamente como a escuridão se dissolve, desaparece quando o sol entra.

Seja uma escuridão diante de um mestre, — seja humilde, reconheça sua ignorância, esteja pronto para render-se e esperar — então, Jesus poderá transformá-lo, Buda poderá transformá-lo. Na Verdade, Jesus e Buda são apenas agentes catalisadores. Sua rendição é que o transforma, eles são apenas pretextos. Se você puder se render, mesmo sem um Buda ou um Jesus ao seu redor, se você puder se render para o cosmos, o mesmo acontecerá. Mas será difícil para você se render, porque não existirá nenhum objeto para o qual se render. Será mais difícil — Eis porque Buda e Jesus existem, mas eles são apenas pretextos.

Gostaria de lhes contar sobre um fenômeno muito estranho que algumas vezes acontece: mesmo quando a pessoa se rende a um falso mestre, algumas vezes torna-se iluminada — mesmo que o mestre não seja iluminado. Já aconteceu e pode acontecer novamente, porque o ponto básico é a rendição. A transformação

vem através da rendição, o mestre é apenas um objeto. Falso ou verdadeiro, não faz diferença.

Quando você se rende, a porta se abre. Assim, não se preocupe muito sobre para quem se render, pense simplesmente em render-se mais e mais. Eis porque mesmo diante de uma estátua de pedra ou diante de uma árvore isso pode acontecer. Aconteceu diante da Árvore Bodhi — é por isso que os budistas preservam essa árvore há tanto tempo, porque já aconteceu diante dessa árvore. Só o sentimento de que Buda se iluminou sob essa árvore já faz com que você se renda a ela.

A rendição é o ponto básico, tudo o mais é apenas um auxílio para que a rendição aconteça. Se você puder encontrar um mestre verdadeiro, tanto melhor, se você não puder não se preocupe muito. Renda-se a qualquer coisa que você goste, mas permita que a rendição seja total. Se a rendição for parcial, nem Jesus ou Buda poderá auxiliá-lo. Se a rendição for total, então, mesmo que eles não estejam presentes, qualquer homem comum pode também auxiliar você.

Isto deve ser sempre lembrado; do contrário, a mente continuará fazendo truques. Pensará: "Como eu posso ter certeza de que este mestre é verdadeiro? A menos que eu tenha certeza, como poderei me render?". E você não pode ter certeza antes de se render, não há nenhum meio de estar certo disso. Se você quiser ter certeza do sabor de uma comida, do sabor de um pudim, terá de comê-lo. Como poderá ter certeza do seu sabor sem comê-lo? Não tem jeito.

Você terá de comer Jesus, você terá de beber Jesus — eis a única maneira. Você será transformado, porque você acreditou, porque você confiou e se entregou e, então, muitas dimensões escondidas serão abertas a você. A vida que você vê não é tudo: ela é um minuto, uma parte atômica do todo. Os prazeres que você conheceu são apenas bobagens. Nem mesmo um único raio da bem-aventurança, que é seu direito de nascimento, existe neles.

Tudo o que você acumulou é lixo — se você vier a conhecer o verdadeiro tesouro que está escondido dentro de você. Toda a sua vida é uma mendicância, e o imperador espera bem dentro do seu coração — é isso o que Jesus chama de reino. Não seja um mendigo, vocês podem ser reis! Mas então a pessoa tem de ousar. Um mendigo não precisa ousar, mas para se tornar um rei a pessoa tem de ousar e passar através de transformações. A entrega é a porta.

Repetirei as palavras:

Quem quer que esteja próximo a mim está próximo do fogo, e quem quer que esteja longe de mim está longe do reino.

Jesus disse:

Venham a mim, pois leve é meu jugo e meu domínio, suave.

Jesus disse:

Quem quer que beba da minha boca tornar-se-á como eu sou e eu mesmo me transformarei nele, e as coisas escondidas ser-lhe-ão reveladas.

DÉCIMO SÉTIMO DISCURSO

06 de setembro de 1974. Poona, Índia.

Jesus disse:

Abençoados são o solitário e o eleito, pois você encontrará o Reino; e como você vem dele, para ele você deve voltar novamente.

Jesus disse:

Se eles lhe perguntarem de onde vocês se originam, digam-lhes: Viemos da Luz, onde a Luz se originou de si mesma.

Se lhe perguntarem qual é o sinal do Pai em vocês, digam-lhes: É um movimento e um repouso.

A ânsia mais profunda no homem é ser totalmente livre. Liberdade, *moksha*, é a meta. Jesus a chama de reino de Deus: ser como reis, apenas simbolicamente, de forma que não haja nenhum grilhão para a sua existência, nenhuma escravidão, nenhum limite — você existindo como infinitude, sem colidir com ninguém, como se estivesse sozinho.

Liberdade e solitude são dois aspectos da mesma coisa. Eis por que Mahavira chamou seu conceito de *moksha*, *kaivalya*. *Kaivalya* significa estar absolutamente só, como se ninguém mais

existisse. Quando você está absolutamente só, quem funcionará como um cativo para você? Quando nada mais existe, quem será o outro? Eis por que aqueles que estão em busca da liberdade, terão de descobrir seu próprio ser solitário: terão de descobrir caminhos, meios, métodos de alcançar sua solidão.

O homem nasce como parte do mundo, como um membro da sociedade, de uma família, como parte de outros. Ele é educado não como um ser solitário, é educado como um ser social. Todo o treinamento, toda a educação, toda cultura consistem em como fazer de uma criança uma parte integrante da sociedade, como fazê-la se ajustar aos outros. É isso o que os psicólogos chamam de ajustamento. E sempre que alguém é um solitário, parece mal-ajustado.

A sociedade existe como uma rede, um padrão de muitas pessoas, uma multidão.

No seio dela você pode ter um pouco de liberdade — a um preço muito alto. Se você segue a sociedade, se você se torna uma pessoa obediente, eles lhe arrendam um mundinho de liberdade. Se você se torna um escravo, a liberdade lhe é dada. Mas se trata de uma liberdade dada, ela pode ser tomada a qualquer momento. E isso é a um custo muito alto: é um ajustamento com os outros; assim, os limites estão fadados a estarem presentes.

Na sociedade, numa existência social, ninguém pode ser absolutamente livre. A própria existência do outro criará problemas. Sartre diz "o outro é o inferno", e ele está certo em larga medida, porque o outro cria tensões em você: você fica preocupado devido ao outro. Haverá sempre uma colisão, porque o outro está em busca de absoluta liberdade e você também está em busca de absoluta liberdade — todos estão em busca de absoluta liberdade — e a absoluta liberdade só pode existir para um.

Mesmo seus supostos reis não são absolutamente livres, não podem ser. Eles podem ter uma aparência de liberdade, mas isso é falso: eles têm de ser protegidos, eles dependem de outros — a

liberdade deles é apenas uma fachada. Mas, ainda assim, devido a essa ânsia de ser absolutamente livre, a pessoa quer se tornar um rei, um imperador. O imperador dá a falsa sensação de que é livre. A pessoa quer se tornar muito rica, porque a riqueza também dá uma falsa sensação de que você é livre. Como pode um homem pobre ser livre? Suas necessidades serão o limite, E ele não pode satisfazer suas necessidades. Aonde quer que vá, encontra uma parede que não pode atravessar.

Daí, o desejo por riquezas. Lá no fundo, é o desejo de ser absolutamente livre — e todos os desejos são criados por ele. Mas, se você seguir falsas direções, você poderá continuar indo em frente, mas você jamais alcançará a meta, porque desde o começo a direção estava errada — você perdeu o primeiro passo.

No hebreu antigo, a palavra 'pecado' é muito bela. Ela quer dizer aquele que perdeu a rota — não há senso de culpa nisso realmente. Pecado significa aquele que perdeu a rota, se extraviou; e religião significa voltar ao caminho correto de modo que você não perca a meta. A meta é a absoluta liberdade — religião é simplesmente um meio nessa direção. É por isso que você tem que compreender que a religião existe como uma força anti-social, porque, em sociedade, a liberdade absoluta não é possível.

A psicologia está a serviço da sociedade. O psiquiatra tenta de todo modo deixá-lo ajustado novamente à sociedade; ele está a serviço da sociedade. A política, é claro, está a serviço da sociedade. Ela lhe dá um pouco de liberdade, de modo que você possa ser um escravo. Essa liberdade é simplesmente um suborno — pode ser tomada de volta a qualquer momento. Se você pensa que você é realmente livre, logo, logo, você pode ser jogado numa prisão. A política, a psicologia, a cultura, a educação, todas estão a serviço da sociedade. Apenas a religião é basicamente rebelde. Mas a sociedade tem lhes enganado. Ela criou suas próprias religiões: Cristianismo, hinduísmo, budismo, islamismo — esses são truques sociais. Jesus é anti-social.

Olhe para Jesus: ele não era um homem muito respeitável, não podia ser. Ele andava com gente errada, elementos anti-sociais; era um vagabundo, um desviado — tinha de ser, porque ele não podia ouvir à sociedade, não podia se ajustar à sociedade.

Ele criou uma sociedade alternativa, um pequeno grupo de seguidores. Os *ashrams* existem como forças anti-sociais — mas não todos os ashrams, porque a sociedade sempre tenta lhes dar falsas moedas. Se houver uma centena de ashrams, então, talvez haja um — e esse também somente talvez — que seja um verdadeiro ashram. Esse um existirá como uma sociedade alternativa, contra essa sociedade, contra essa multidão, contra o que Jesus chamou de "eles" — uma multidão sem nome.

Têm existido escolas — por exemplo: os mosteiros Bihar de Buda — que tentam criar uma sociedade que não é, absolutamente, uma sociedade. Eles criam caminhos e meios para torná-lo verdadeiramente e totalmente livre — nenhum cativo sobre você, nenhuma disciplina de qualquer espécie, nenhum limite. Você tem permissão de ser o infinito e o todo.

Jesus é anti-social, mas o cristianismo não é anti-social, o budismo não é anti-social. A sociedade é muito esperta: ela imediatamente absorve — até mesmo fenômenos anti-sociais ela absorve no social. Ela cria uma fachada, ela lhe dá uma moeda falsa e, então, você fica feliz, exatamente como uma criança pequena que ganha um seio falso, de plástico. Elas ficam sugando aquele objeto e sentem que estão sendo nutridas. Aquilo as acalmará, é claro, e elas adormecerão.

Sempre que uma criança está inquieta, faz-se isso: um seio falso tem de ser dado. Ela suga, acreditando estar recebendo nutrição. Continua sugando e o sugar se torna um processo monótono; nada está entrando, há apenas a sucção. E aquilo vira um mantra. Então, ela dorme; entediada, sentindo-se sonolenta, ela cai no sono.

O budismo, o cristianismo e o hinduísmo e todos os outros 'ismos', que se tornaram religiões estabelecidas, são apenas seios falsos. Elas lhes dão consolo, elas lhes dão bom sono, elas lhes permitem uma existência calma nessa escravidão torturante que existe à volta: elas lhe dão uma sensação de que está tudo bem, que nada está errado. Elas são tranquilizantes, são drogas.

Não é somente o LSD que é uma droga, o cristianismo também é, é uma droga muito mais complexa e sutil, que lhe dá uma espécie de cegueira. Você não pode ver o que está acontecendo, você não pode sentir como você está perdendo sua vida, você não pode ver a doença que você acumulou através de muitas existências. Você está sentado num vulcão e elas continuam dizendo que está tudo bem: Deus está no céu e governa toda a Terra — está tudo bem. E os sacerdotes continuam lhe dizendo: "Você não precisa se perturbar, nós estamos aqui. Simplesmente deixe tudo em nossas mãos e nós tomaremos conta de você neste mundo e no outro também". E você deixou tudo para eles, eis por que você está na miséria.

A sociedade não pode lhe dar a liberdade. É impossível, porque a sociedade não pode prover um meio de tornar todos absolutamente livres. Então, o que fazer? Como ir além da sociedade? Eis a questão para um homem religioso. Mas parece impossível: aonde quer que você vá, a sociedade está ali; você pode ir de uma sociedade à outra, mas a sociedade estará ali. Vocês podem até ir para os Himalaias — então, vocês criarão uma sociedade lá. Você começará a falar com as árvores; porque é muito difícil ficar sozinho. Você começará a fazer, dos pássaros e animais, amigos e, mais cedo ou mais tarde, haverá uma família. Você esperará todos os dias pelo pássaro que vem de manhã e canta.

Nesse momento, você não compreende que se tornou dependente, que o outro já entrou. Se o pássaro não vem, você sentirá uma certa ansiedade. O que aconteceu ao pássaro? Por que ele não veio? A tensão entra, e isso não é de modo algum diferente

de quando você ficava preocupado com a esposa ou preocupado com os filhos. Isso não é de modo algum diferente, é o mesmo padrão: o outro. Mesmo que você vá para os Himalaias, você cria a sociedade.

Então, algo tem de ser compreendido: a sociedade não existe sem você, ela é algo dentro de você. E a menos que as raízes causais dentro de você desapareçam, aonde quer que você vá a sociedade entrará na existência de novo e de novo e novamente. Mesmo que você vá para uma comunidade hippie, a sociedade entrará, ela se tornará uma força social. Se você for para um ashram, a sociedade entrará. Não é que a sociedade esteja lhe seguindo, ela está em você. Você sempre cria sua sociedade ao seu redor — você é um criador. Existe algo em você como uma semente, que cria a sociedade. Isso mostra realmente que a menos que você seja transformado completamente, você jamais irá além da sociedade, você sempre criará a sua sociedade. E todas as sociedades são o mesmo; as formas podem diferir, mas o padrão básico é o mesmo.

Por que você não pode viver sem sociedade? Aí é que está o problema! Mesmo nos Himalaias você esperará por alguém: você pode estar sentado lá, debaixo de uma árvore e você esperará por alguém, um viajante, um caçador, alguém que passe por ali na estrada. E se chegar alguém, você sentirá um pouco de felicidade entrando em você. Sozinho, você fica triste e, se um caçador chegar, você conversará, perguntará: "O que está acontecendo no mundo? Você tem o último jornal?". Ou: "Me dê notícias! Estou faminto, sedento por elas". Por quê? As raízes têm de ser trazidas à luz, de modo que você possa compreender.

Uma coisa: você precisa ser necessário, você tem uma profunda necessidade de ser necessário. Se ninguém precisa de você, você se sente inútil, insignificante; se alguém precisa de você, você ganha significância, você se sente importante. Você vive dizendo: "Tenho de cuidar da esposa e dos filhos!" — como se você estivesse carregando um fardo. Você está errado! Você fala como se

fosse uma grande responsabilidade e como se você estivesse cumprindo um dever. Você está errado! Pense bem; se a esposa não existir e as crianças desaparecerem, o que você fará? De repente, você sentirá que sua vida ficou sem significado — porque eles precisavam de você. Os filhos pequenos, eles esperavam por você, eles lhe davam significância. Você era importante. Agora que ninguém precisa de você, você encolherá, porque, quando ninguém precisa de você, ninguém lhe presta atenção: quer você exista ou não, não faz nenhuma diferença.

Ouvi contar:

Um doente mental estava sendo psicanalisado, mas o psicanalista era muito excêntrico — como são quase todos. Depois de dois ou três anos de análise, o paciente disse a um amigo:

— Esse homem está com mais problemas do que eu, porque eu falo, falo, e ele nunca diz nada — nesses três anos, ele nunca disse nem um 'sim', nem um 'não'... ele simplesmente fica sentado lá. E agora estou preocupado: o que fazer? Continuo falando, falando, falando e ele ouvindo. E isso já dura três anos! O que fazer?

O amigo disse:

— Então, por que você não pára?

Mas o homem tampouco conseguia parar. E então, aconteceu um segundo problema; o psicanalista morreu. Novamente ele procurou o amigo:

— Agora, surgiu um outro problema. Primeiro era este: o homem nunca dizia nada, nem 'sim', nem 'não'. Eu nunca soube se ele me rejeitava ou me aceitava, ou se eu estava errado ou certo. Eu simplesmente falava, falava, falava e ele escutava. Agora, ele está morto; assim, um segundo problema surgiu. O que fazer agora?

O amigo disse:

— Se ele nunca falou com você, qual é a diferença? Continue falando!

Mas o homem replicou:

— Não! Mas ele ouvia!

A psicanálise toda e seu negócio dependem de ouvir. Não há muito, não há realmente nada demais na psicanálise, e a coisa toda em torno dela é quase que completa embromação. Mas por quê...? Um homem presta muita atenção em você — e não um homem comum. É um famoso psiquiatra, bem conhecido, que escreveu muitos livros. Muita gente conhecida se tratou com ele... assim, você se sente bem. Nenhuma outra pessoa o escuta, nem mesmo sua esposa. Ninguém lhe ouve, ninguém lhe dá atenção; você anda num mundo como uma não-entidade, um Zé ninguém — e você paga muito a um psiquiatra. É um luxo, somente gente muito rica pode pagar por isso.

Mas por que se faz isso? Simplesmente se deita num divã e se fala, e o psicanalista ouve. Mas ele ouve, ele presta atenção a você. É claro, você tem de pagar por isso, mas você se sente bem. Simplesmente porque o outro está prestando atenção, você se sente bem. Você anda de modo diferente fora do seu consultório, sua qualidade mudou: você tem uma dança nos pés, você assovia, você canta... Pode não ser para sempre — na próxima semana você terá de ir novamente ao consultório — mas, quando alguém o escuta, presta atenção em você, ele diz: "Você é alguém, você é digno de se ouvir" — e ele não parece entediado. Ele pode não dizer nada, mas, então, também é muito bom.

Você tem uma profunda necessidade de ser necessário, alguém deve precisar de você, caso contrário, você não tem nenhum chão sob os pés — a sociedade é sua necessidade. Mesmo que alguém lute com você, tudo bem — melhor do que ficar sozinho, porque, pelo menos, ele lhe dá atenção, o inimigo; você pode pensar sobre ele.

Sempre que você se apaixonar, olhe para essa necessidade. Olhe para os amantes, observe, porque será difícil se você mesmo estiver apaixonado. Então observar é difícil, porque você fica quase

louco, não está em seus sentidos. Mas observe os amantes: eles dizem um ao outro "eu te amo", mas lá no fundo, em seus corações, eles querem ser amados. Amar não é a coisa, ser amado é coisa verdadeira; e eles amam apenas para serem amados. A coisa básica não é amar, a coisa básica é ser amado.

Eis por que os amantes ficam reclamando um do outro: "Você não me ama o bastante". Nada é o bastante. Jamais algo será o bastante, porque a necessidade é infinita. Conseqüentemente a escravidão é infinita, não pode ser satisfeita. Seja o que for que o amante faça, você sempre sente que algo mais é possível; você ainda assim espera por mais, ainda assim pode imaginar mais. E, então, essa é a carência. E então você se sente frustrado. E todo amante, toda amada pensa: "Eu amo, mas o outro não está respondendo bem". — e outro pensa nos mesmos termos. O que é que há?

Ninguém ama. E a menos que você se torne um Jesus ou um Buda, você não pode amar, porque somente aquele cuja necessidade desapareceu pode amar.

No lindo livro de Kahlil Gibran. *Jesus O Filho do Homem*, ele criou uma história ficcional, mas bela — e às vezes, a ficção é mais factual do que os fatos. Maria Madalena olhou para fora de sua janela e viu Jesus sentado no jardim sob uma árvore. O homem era lindo. Ela já tinha conhecido muitos homens. Ela era uma prostituta famosa. Até os reis batiam à sua porta — ela era uma das mais adoráveis flores. Mas ela nunca tinha visto tal homem — porque uma pessoa como Jesus traz uma aura invisível ao redor de si, que lhe dá uma beleza de algum outro mundo. Ele não pertencia a este mundo. Havia uma luz ao seu redor, uma graça, o jeito como ele andava, o jeito como se sentava, como se ele fosse um imperador nas roupas de um mendigo.

Ele tinha uma aparência tão de outro mundo, que Madalena pediu aos seus empregados para convidá-lo, mas Jesus se recusou. Ele disse: "Estou bem, aqui. A árvore é bela e muito sombrosa".

Então, Madalena teve de ir ela mesma pedir, solicitar a Jesus que viesse. Ela nunca podia acreditar que alguém pudesse recusar a solicitação. Ela disse: "Venha até minha casa e seja meu hóspede".

Jesus disse: "Eu já entrei na sua casa, já sou um hóspede. Agora, não há mais necessidade".

Ela não pôde compreender. Ela disse: "Não! Venha, e não me recuse. Ninguém nunca me recusou. Será que você não pode fazer uma coisa tão pequena? Seja meu hóspede. Coma comigo hoje, fique comigo esta noite".

Jesus disse: "Eu já aceitei. E lembre-se: aqueles que dizem que a aceitam, eles nunca a aceitaram; e aqueles que dizem que a amam, nenhum deles jamais a amou. E eu lhe digo: eu a amo, e somente eu posso amar você". Mas ele não entrou na casa. Descansado, ele foi embora.

O que foi que ele disse? Ele disse: "Somente eu posso amá-la. Aqueles outros que dizem que a amam, não podem amar, porque o amor não é algo que se possa fazer — é uma qualidade do seu ser".

No estado em que vocês estão, vocês não podem amar; no estado em que vocês estão, o amor de vocês é falso. Vocês simplesmente mostram que amam, de modo que possam ser amados. E o outro também está fazendo o mesmo. Eis por que os amantes estão sempre em confusão: ambos estão se enganando, e ambos sentem que estão sendo enganados. Mas eles nunca olham para si mesmos e vêem que eles estão enganando. Você realmente já amou alguma mulher, algum homem? Você pode dizer com todo o seu coração que você amou? Não! Você nunca se preocupou com isso, você garante que ama. O problema é sempre o outro, você nunca olha para si mesmo.

Mulla Nasruddin fez noventa e nove anos de idade, e um repórter do jornal local foi entrevistá-lo, porque ele era o homem mais velho do vale. Depois da entrevista, o repórter disse: "Espero que eu possa vir no próximo ano também, quando você atingir os

cem, quando você tiver completado os cem anos de idade. Espero que eu possa vir". Mulla Nasruddin olhou para o homem, de olhos bem abertos e disse: "Por que não, jovem? Você me parece bastante saudável!".

Ninguém olha para si mesmo; os olhos olham para os outros, o ouvido ouve os outros, as mãos apontam os outros — ninguém aponta para si mesmo: ninguém ouve, ninguém olha. O amor acontece quando você alcançou uma alma cristalizada, um si-mesmo. Com o ego, nunca acontece; o ego quer ser amado, porque esse é o alimento que ele precisa. Você ama de modo que você se torne uma pessoa necessária. Você tem filhos, não porque você ame as crianças, mas apenas de modo a ser necessário, de modo que você possa ir por aí e dizer: "Olhe quantas responsabilidades estou cumprindo, quantos deveres estou carregando! Eu sou um pai, eu sou uma mãe..." Isso é só para glorificar o seu ego.

A menos que essa necessidade de ser necessário caia, você não pode ser um solitário. Vá para os Himalaias — você criará uma sociedade. E, se essa necessidade de ser necessário cair, onde quer que você esteja, vivendo no mercado, bem no centro da cidade, você estará sozinho.

Agora tente compreender as palavras de Jesus:

Jesus disse:

Abençoados são o solitário e o eleito, pois você encontrará o reino; e como você vem dele, para ele você deve voltar novamente.

Penetre uma a uma, cada palavra: Abençoado é o solitário... Quem é "o solitário"? Alguém cuja necessidade de ser necessário caiu; alguém que fique completamente contente consigo mesmo, assim como ele é; alguém que não precise de ninguém para dizer "você significa muito para mim". Sua significância está dentro dele mesmo. Agora, sua importância não vem dos outros... ele já não

precisa mendigar por isso, não mais clama por isso — sua importância vem do seu próprio ser. Ele não é um mendigo e pode viver consigo mesmo.

Você não pode viver consigo mesmo. Sempre que fica sozinho, você fica inquieto: imediatamente você sente um incômodo, um desconforto, uma profunda ansiedade. O que fazer? Aonde ir? Vá ao clube, vá à igreja ou ao teatro... mas vá a algum lugar, encontre o outro. Ou simplesmente vá às compras. Para as pessoas que são ricas, ir às compras é apenas um jogo, o único esporte: elas vão comprando... Se você for pobre, não precisa entrar na loja, simplesmente ande pela rua, olhando as vitrines. Mas vá!

Ser sozinho é muito difícil, muito incomum, extraordinário. Por que essa ânsia? Porque sempre que você está sozinho, toda a sua importância desaparece. Saia e compre alguma coisa da loja: pelo menos, o vendedor lhe dará importância... não a coisa em si, porque você sai comprando coisas inúteis. Você compra só por comprar. Mas o vendedor, ou o dono da loja, eles olham para você como se você fosse um rei. Eles se comportam como se dependessem de você — e você sabe perfeitamente bem que isso é apenas uma fachada. É assim que os lojistas exploram: o vendedor não está se importando com você, absolutamente; seu sorriso é apenas um sorriso pintado — ele sorri para todo mundo, não é nada particular para você. Mas você nunca olha para essas coisas. Ele sorri e cumprimenta e o recebe como um convidado bem-vindo. Você se sente bem, você é alguém, há gente que depende de você — este lojista estava esperando por você.

Você está, por todo lado, em busca de olhos que possam lhe dar uma certa importância. Sempre que uma mulher olha para você, ela lhe dá importância. Agora os psicanalistas descobriram que, quando você entra numa sala — numa sala de espera no aeroporto, ou numa estação, ou num hotel — se uma mulher olha duas vezes para você, ela está pronta para ser seduzida. Mas se uma mulher olha uma única vez, não a importune, esqueça-a. Eles filmaram e

estiveram observando, e isso é um fato, porque uma mulher olha duas vezes somente quando ela quer ser apreciada e olhada.

Um homem entra num restaurante: a mulher olha uma vez, mas se ele não vale a pena, ela não olhará outra vez. E mulheres caçadoras sabem disso muito bem, sabem disso há séculos; os psicólogos vieram a saber só agora. Eles observam os olhos. Se a mulher olha novamente, ela está interessada. Agora, muito é possível, ela deu a pista, ela está pronta para ir com você ou jogar o jogo do amor. Mas se ela não olhar para você novamente, então, a porta está fechada; melhor bater em uma outra porta, esta está fechada para você.

Sempre que uma mulher olha para você, você fica importante, muito importante; nesse momento, você é único. Eis por que o amor lhe dá tanta radiância: o amor lhe dá muita vida, vitalidade.

Mas isso é um problema, porque a mesma mulher, olhando para você todo dia, não vai adiantar muito. Eis por que os maridos ficam fartos de suas esposas, esposas ficam fartas de seus maridos — porque... como você pode ganhar a mesma importância dos mesmos olhos nova e novamente? Você fica acostumado com aquilo: ela é sua esposa, não há nada a conquistar. Daí a necessidade de se tornar um Byron, daí a necessidade de se tornar um Don Juan e ir de uma mulher para outra. Isso não é uma necessidade sexual, lembre-se disso. Não tem nada a ver com o sexo, absolutamente, porque o sexo se aprofunda mais com uma só mulher, em profunda intimidade. Não se trata de sexo, não se trata de amor, absolutamente não, porque o amor quer ficar só com um, cada vez mais e mais, de um modo cada vez mais e mais profundo. Isso não é nem amor nem sexo, é outra coisa: uma necessidade do ego. Se você pode conquistar uma nova mulher todo dia, você se sente muito, muito importante, você se sente um conquistador. Mas se você fica com uma mulher só, fixado ali, e ninguém olha para você, nenhuma outra mulher ou nenhum outro homem lhe dá

importância, você se sente acabado. Eis por que as esposas e os maridos parecem tão sem vida, sem langor. Você pode simplesmente olhar e dizer de longe se o casal que está chegando são marido e mulher ou não. Se eles não são, você sentirá uma diferença: eles estarão felizes, rindo, falando, alegres um com o outro. Se eles são maridos e esposas, então, estão apenas se tolerando.

O aniversário de vinte e cinco anos de casado de Mulla Nasruddin chegou, e ele estava saindo de casa naquele dia. Sua esposa se sentiu um pouco irritada, porque estava esperando que ele fizesse alguma coisa e ele simplesmente seguiu a sua rotina diária. Então, ela perguntou: "Nasruddin, você se esqueceu de que dia é hoje?". Nasruddin disse: "Eu sei".

Então ela disse: "Então, faça algo fora do costume!". Nasruddin pensou e disse: "Que tal dois minutos de silêncio?".

Quando quer que você sinta que a vida está parada, isso mostra que você pode ter pensado que aquilo era amor... Não era amor, era uma necessidade do ego — uma necessidade de conquistar, de se sentir necessário todo dia com um novo homem, uma nova mulher, com gente nova. Se você faz sucesso, então, você se sente feliz por um tempo, porque você não foi um homem comum. Essa é a luxúria dos políticos: serem necessários por todo o país. O que Hitler estava tentando fazer? Ser necessário por todo o mundo!

Mas essa necessidade não lhe pode permitir ser solitário; um político não pode se tornar religioso — eles se movem na direção oposta. Eis por que Jesus diz: "É muito difícil um homem rico entrar no reino de Deus. Um camelo pode passar pelo olho de uma agulha, mas não um homem rico entrar no reino de Deus". Por quê? Porque um homem que esteve acumulando riquezas está tentando ser

importante através da riqueza. Ele quer ser alguém, e seja quem for que queira ser alguém, a porta do reino está fechada para ele.

Somente "ninguéns" entram lá, somente aqueles que alcançaram o estado de "nada ser", somente aqueles cujos botes estão vazios; cujas necessidades do ego foram compreendidas como inúteis e neuróticas; aqueles que penetraram as necessidades do ego e descobriram-nas inúteis — não somente inúteis, mas nocivas também. As necessidades do ego podem lhe deixar louco, mas nunca podem preenchê-lo.

Quem é um solitário? Aquele cuja necessidade de ser necessário desapareceu, que não pede nenhuma significância vinda de você, dos seus olhos, das suas respostas. Não! Se você lhe der seu amor, ele lhe será grato, mas se você não dá, não há reclamação: se você não dá, ele fica tão bem quanto sempre. Se você for visitá-lo, ele ficará feliz, mas, se você não vai, ele fica feliz do mesmo jeito. Quando ele anda no meio das pessoas, ele desfruta, mas, se ele viver num eremitério, ele desfrutará também.

Você não pode fazer um solitário infeliz, porque ele aprendeu a viver com ele mesmo e ser feliz com ele mesmo. Sozinho, ele é suficiente. Eis por que as pessoas que estão num relacionamento, nunca gostam que o outro seja religioso: se o marido começa a se mover na direção da meditação, a esposa se sente perturbada. Por quê? Ela pode nem estar ciente do que está acontecendo, ou de por que ela se sente perturbada. Se a esposa começa a orar, começa a se mover na direção da religião e de Deus, o marido se sente perturbado. Por que?

Um medo inconsciente vem para o consciente. O medo é de que ela ou ele esteja tentando se tornar suficiente em si mesmo, ou em si mesma: este é o medo. Assim, se for dada uma escolha à esposa — "Você preferia que seu marido se tornasse um meditador ou um bêbado?" — ela preferiria que ele se tornasse um bêbado ao invés de um meditador. Dada a escolha: "Você prefere que sua

esposa se torne uma *saniáassin* ou que trilhe caminhos errados e se extravie?" — um marido escolheria a última opção.

Um *saniáassin* significa aquele que é suficiente em si mesmo, que não precisa de ninguém, que de modo algum é dependente. E isso dá medo: então, você se torna inútil. Toda a sua existência gira em torno da necessidade do outro, de que o outro precisava de você. Sem você ele não era nada, sem você a vida dele era inútil, um deserto — somente com você ele floresceu. Mas se você vem a saber que ele pode florescer estando solitário, então, haverá perturbação, porque seu ego ficará ferido.

Quem é um solitário? E Jesus diz: Abençoado é o solitário... as pessoas que podem viver consigo mesmas, tão facilmente como se o mundo todo estivesse com elas, que podem deleitar-se consigo mesmas exatamente como as crianças.

Crianças bem pequenas podem deleitar-se consigo mesmas. Freud tem um termo especial para elas: polimorfos. Uma criança pequena deleita-se consigo mesma, ela é auto-erótica, ela chupa o próprio dedo. Se ela precisa de outra pessoa, essa necessidade é apenas do corpo; você lhe dá leite, você a vira de lado, muda suas roupas — necessidades físicas. Ela não tem realmente nenhuma necessidade psicológica ainda. Ela não está preocupada com o que as pessoas estão pensando sobre ela, se acham que ela é bela ou não. Eis por que toda criança é bela — porque ela não se importa com a sua opinião.

Nenhuma criança nasce feia, e todas as crianças se tornam, pouco a pouco, feias. É muito difícil encontrar um homem idoso belo — raro. É muito difícil encontrar uma criança feia — raro. Todas as crianças são belas, todos os idosos são feios. O que é que há? Quando todas as crianças nascem belas, elas deveriam morrer belas! Mas a vida faz alguma coisa... Todas as crianças são auto-suficientes — essa é a sua beleza. Elas existem como luz em si mesmas. Todos os idosos são inúteis, eles perceberam que não são necessários. E quanto mais velhos se tornam, mais aumenta a

sensação de que não são necessários. As pessoas que precisavam deles, desapareceram: os filhos cresceram, foram embora com suas próprias famílias; a esposa morreu, ou o marido morreu. Agora, o mundo não precisa deles, ninguém vai a suas casas, ninguém lhes presta respeito. Mesmo quando saem para uma caminhada ninguém os reconhece. Eles podem ter sido grandes executivos, chefes nos seus escritórios, presidentes nos bancos, mas agora ninguém os reconhece, ninguém nem mesmo sente falta deles. Sem serem necessários, eles se sentem inúteis: ficam apenas esperando pela morte. E ninguém se importará... mesmo que eles morram, ninguém vai se importar. Até a morte vira uma coisa feia.

Se você pensar que, quando você morrer, milhões de pessoas chorarão por você, você se sentirá feliz: milhares e milhares de pessoas irão prestar suas homenagens quando você morrer.

Aconteceu certa vez:

Um homem nos Estados Unidos planejou isso — e ele é o único homem na história do mundo que fez isso. Ele quis saber como as pessoas reagiriam quando ele morresse. Assim, antes de sua morte, quando os médicos disseram que dentro de doze horas ele morreria, ele declarou sua morte. E ele era um homem que possuía muitas praças para divulgação, espaços para exposições, agências de publicidades. Assim, ele sabia como anunciar o fato. De manhã, seu agente declarou para toda a imprensa, para o rádio, a televisão, que ele estava morto. Então, foram escritos artigos e editoriais, chamadas telefônicas começaram a chegar. Houve muita comoção. E ele leu tudo que foi publicado e realmente desfrutou aquilo.

As pessoas são sempre boas quando você morre: imediatamente, você se torna um anjo, porque ninguém pensa que vale a pena dizer alguma coisa contra você quando você já morreu. Quando você está vivo, ninguém dirá nada para você. Lembre-se:

quando você estiver morto, eles ficarão felizes — pelo menos, você fez uma boa coisa: morreu!

Todo mundo estava prestando seus respeitos àquele homem, e isto e aquilo... e fotografias saíram nos jornais... ele desfrutou mesmo aquilo tudo. E, então, ele morreu, completamente tranquilo, com as coisas se passando tão bem.

Você não precisa dos outros apenas na vida, até na morte... Imagine sua morte: somente duas ou três pessoas, seus criados e um cachorro, acompanhando-o para o último adeus — ninguém mais; nenhum jornalista, nenhum fotógrafo, nada — nem seus amigos. E todos se sentindo muito felizes de que a carga se foi. Basta pensar nisso e você ficará doente. Até na morte a necessidade de ser necessário permanece. Que tipo de vida é esta? Só as opiniões dos outros são importantes, não você? Sua existência não significa nada?

Quando Jesus diz "abençoado é o solitário", ele quer dizer isto: um homem que se tornou absolutamente feliz consigo mesmo, um homem que pode ficar sozinho nesta terra e isso sem trazer nenhuma mudança de humor: o clima não muda. Se todo o mundo desaparece numa terceira guerra mundial — isso pode acontecer a qualquer dia — e você é deixado sozinho, o que você fará? Exceto cometer suicídio imediatamente, o que você fará? Mas um solitário pode sentar-se sob uma árvore e tornar-se um Buda mesmo sem o mundo. O solitário permanecerá feliz, e cantará e dançará e caminhará — seu humor não mudará. Você não pode mudar o humor de um solitário, você não pode mudar seu clima interior.

Jesus diz: "Abençoados são o solitário e o eleito"... E esses são os eleitos, porque aqueles que precisam de uma multidão, serão jogados repetidamente dentro da multidão — essa é a necessidade deles, essa é a demanda deles, esse é o desejo deles. Deus lhe dá tudo o que você pede, e seja o que for que você é agora, é simplesmente o cumprimento de seus desejos passados. Não culpe ninguém por isso — foi o que você andou pedindo. E lembre-se

disto, esta é uma das coisas mais perigosas do mundo: seja ele qual for, seu desejo será realizado.

Pense antes de desejar uma coisa. Há toda a possibilidade de que ela seja realizada — e, então, você sofrerá. Eis o que acontece a um homem rico: ele era pobre, então, ele desejou a riqueza, e desejou e desejou e, agora, realizou-se. Agora ele está infeliz, agora está chorando e se lamentando e diz: "Passei toda a minha vida acumulando coisas sem valor, e agora estou infeliz!". Mas foi tudo desejo dele. Se você deseja conhecimento, será satisfeito: sua cabeça se tornará uma enorme biblioteca, muitas escrituras. Mas, então, no fim, você irá chorar e se lamentar: "Somente palavras e palavras e palavras, e nada substancial. E eu desperdicei toda a minha vida".

Deseje com plena consciência, porque todo desejo está fadado a ser realizado numa hora ou noutra. Pode levar um pouco mais de tempo, porque você está sempre parado numa fila... muitos outros desejaram antes de você; assim, pode levar um pouco de tempo. Às vezes, seu desejo desta vida pode ser realizado em outra vida, mas os desejos sempre são realizados. Essa é uma das leis mais perigosas. Assim, antes de desejar, pense! Antes de pedir, pense! Lembre-se bem de que aquilo vai ser realizado algum dia — e, então, você sofrerá.

Um solitário se torna um eleito: ele é o escolhido, o escolhido de Deus. Por quê? Porque um solitário jamais deseja nada deste mundo. Ele não precisa desejar, ele aprendeu tudo o que era para aprender neste mundo; esta escola acabou, ele já passou por ela, transcendeu-a. Ele se tornou como um pico alto que permanece sozinho no céu — ele se tornou o eleito, o *Gourishankar*, o Everest. Um Buda, um Jesus são picos elevados, picos solitários. Essa é a beleza deles: eles existem sós.

O solitário é o eleito. O que o solitário escolheu? Ele escolheu somente seu próprio ser. E, quando você escolhe seu próprio ser, você escolheu o ser de todo o universo — porque seu ser e o ser universal não são duas coisas. Quando você escolhe a si mesmo,

você escolheu Deus e, quando você escolhe Deus, Deus escolheu você — você se tornou o eleito.

Abençoados são o solitário e o eleito, pois você encontrará o reino; e como você vem dele, para ele você deve voltar novamente.

Um solitário, um saniáassin — eis o que significa 'saniáassin': um ser solitário, um andarilho, absolutamente feliz em sua solitude. Se alguém anda ao seu lado, tudo bem, é bom. Se alguém o deixa, também está bem, é bom. Ele nunca espera por ninguém e nunca olha para trás. Sozinho, ele é completo. Esse estado de ser, essa inteireza, faz de você um círculo, e começo e fim se encontram, o alfa e o ômega se encontram. Um solitário não é como uma linha. Vocês são como uma linha — seu começo e seu fim nunca se encontrarão. Um solitário é como um círculo — seu começo e seu fim se encontram. Eis por que Jesus diz: ... como você vem dele, para ele você deve voltar novamente... você se tornará um com a fonte; você se tornou um círculo.

Há um outro dizer de Jesus: "Quando o começo e o fim se tornarem um, você se tornou Deus". Você já deve ter visto uma gravura — é um dos mais antigos selos das sociedades secretas do Egito — de uma cobra comendo seu próprio rabo. Eis o que significa o encontro do começo e do fim, eis o que significa renascimento, eis o que significa você tornar-se criança novamente: mover-se num círculo, de volta à fonte; alcançando o lugar de onde você veio.

Jesus disse:

Se eles lhe perguntarem...

"Eles" quer dizer a sociedade, a multidão, aqueles que não são os escolhidos, aqueles que estão constantemente necessitando ser necessários — "eles". *Se eles lhe dizem...* — e eles lhe dirão, porque

eles não deixam ninguém ser um solitário. Eles o perseguirão, eles tentarão pressioná-lo a voltar para o seio da sociedade. Eles quererão que você volte para a prisão — eles não podem acreditar como você escapou. E eles se sentirão desconfortáveis com você, se você se tornar um solitário... Por quê? Porque sua própria presença os faz duvidar da existência deles mesmos... eis o desconforto. Sempre que um Jesus anda entre vocês, vocês se sentem desconfortáveis, porque, se "este homem" está certo, então, você está errado — e "este homem" anda de tal modo que ele parece certo. Se "este homem" está certo, então... e quanto a você? O simples movimento de um Jesus na sociedade, e toda a sociedade vive um terremoto — porque "este homem" parece tão feliz, sem precisar de ninguém, sem se sentir necessário a alguém, tão solitário, tão sozinho e tão abençoado! E você é quase neurótico, quase louco!

Algo está errado com você, não com "este homem". Você tentará de todo modo provar que "este homem" está errado. Há livros escritos contra Jesus, nos quais fica provado que aquele homem era um caso psicológico, mental; há livros que provam que aquele homem era neurótico. Quem está escrevendo esses livros? "Eles" — eles estão escrevendo esses livros, porque precisam provar que "este homem" está errado, é neurótico, ficou louco — somente assim podem ficar à vontade.

Mas os dois não podem estar certos: se "este homem" está certo, então, você está errado.

Mas qual é a necessidade? Se "este homem" é neurótico, ele é neurótico — qual é a necessidade de provar isso? Por que se incomodar? Por que se incomodar com ele? É devido a ele lhe trazer uma dúvida sobre você mesmo. Eis por que não temos dado as boas-vindas para tais pessoas, nunca! Sempre os rejeitamos quando estão vivos. Nós os saudamos quando estão mortos, porque, então, podemos pintar seus rostos ao nosso modo.

Olhe para a face do Jesus cristão. Ela não é nem mesmo uma caricatura, nem mesmo é um Cartum — é absolutamente falsa. Os

cristãos dizem que Jesus nunca riu, e eu não posso ver Jesus de nenhuma outra forma que não seja rindo. Ele deve ter sido o riso em pessoa; quer você ouça a risada ou não, não interessa, mas ele deve ter sido como uma fonte borbulhante, gargalhante, fluindo por toda a volta. Mas os cristãos o pintaram tão triste quanto possível. Ele parece neurótico da forma que eles o pintaram; parece tão triste, que estar na companhia dele seria um peso. Vá a qualquer igreja cristã e olhe o retrato de Jesus. Você gostaria de estar com aquele homem, a noite toda numa sala? Você diria: "Está bem, basta esta manhã de domingo". Com aquele homem a noite toda!? A pessoa começaria a tremer e a ficar com medo. E ele é tão triste! Vocês já são tristes o bastante, porque acrescentar mais?

Os cristãos escolheram a cruz como símbolo e, assim, perderam o ponto central. Jesus falou sobre a cruz e foi crucificado, mas o que ele quis dizer foi totalmente diferente. Eles escolheram a cruz, porque ela mostra sofrimento, e nós estamos sofrendo tanto que não podemos acreditar num Cristo risonho. Podemos acreditar num Cristo sofrendo — isso é bem parecido conosco, exatamente como nós, até em mais sofrimento do que nós. Compreendemos o sofrimento. Compreendemos a linguagem da tristeza, do sofrimento e da morte. A vida, não compreendemos. Eis por que há um cristianismo. Mas ao redor de Krishna não pôde haver nenhuma religião.

Os hindus veneram Krishna, mas de má vontade — porque ele é tão contrário à existência de vocês! Tocando sua flauta, dançando com as moças, sempre feliz e rindo. Ele é tão contrário à existência de vocês, que vocês não o podem compreender. Como vocês podem compreender a dança? Vocês podem compreender a morte, vocês podem compreender a crucificação — vocês não podem compreender uma flauta e uma canção.

O cristianismo espalhou-se como um fogo por todo o mundo, e não há um único adorador de Krishna. Os que pensam que são, não são tampouco, eles também têm dificuldades com Krishna. Eles

têm de explicar Krishna de muitos modos. Eles não podem acreditar que aquele homem estivesse dançando com a esposa de todo mundo, ou que ele tivesse dezesseis mil namoradas. Impossível! Deve haver um outro significado. Assim, eles interpretam Krishna a seu modo: que essas dezesseis mil namoradas não eram realmente namoradas, eram o sistema nervoso do homem — dezesseis mil nervos. Mas eu lhes digo: aquele homem teve dezesseis mil namoradas; e aquele homem riu e cantou e dançou — ele era o próprio êxtase. E Jesus era o mesmo; eis por que eu digo que seu nome, 'Cristo', pode ter sido derivado de 'Krishna'.

Jesus era o mesmo, não era um homem triste. Mas vocês não podem compreender a linguagem do riso — não, ainda não. Seus corações ainda não estão prontos para um Deus que dança; o mundo ainda não é um lar para um Deus que dança. Krishna parece impossível; Jesus parece ser quase a conclusão da vida de vocês. A crucificação tornou-se o símbolo, a cruz tornou-se o símbolo, mas, para Jesus, a cruz significa algo absolutamente diferente, e eu gostaria de lhes dizer o que ela significa para Jesus.

A cruz tem duas linhas, linhas simples: uma linha horizontal à terra, uma outra linha vertical à terra. É isso que a cruz é — um cruzamento, um ponto cruzado. A linha horizontal é o tempo: passado, presente, futuro; A, B, C andando numa linha. Vocês vivem nessa linha. A linha vertical é a eternidade, o agora. Está sempre presente: Não há nenhum passado para ela, nenhum futuro para ela. Ela vai cada vez mais e mais alto; ela dirige-se para o mais alto, não para frente.

Tempo e eternidade encontram-se onde Jesus é crucificado; naquele momento, onde Jesus morre é o agora. Se você morre no agora, você é renascido, você é ressuscitado. Então, não há nenhuma morte para você, porque o tempo desaparece e você é eterno. A cruz é um símbolo do encontro do tempo e da eternidade. E esse ponto deve ser a sua morte. Não pode ser outra coisa, porque, quando você desaparece do mundo, do tempo, você se

torna parte da eternidade. E ambos se cruzam... Onde eles se cruzam? Aqui e agora, neste momento eles se cruzam...

Agora é o momento onde a cruz existe. Mas se você continuar se movendo horizontalmente, no futuro, então, você perderá. Se você começar a se mover a partir deste exato momento, verticalmente, você estará na cruz; você morrerá como você é, e você renascerá — um novo nascimento, absolutamente novo. E através desse nascimento, nenhuma morte existe, só vida eterna. Para Jesus, a cruz era um símbolo temporal: o tempo e a eternidade se cruzando. Mas para o cristianismo, ela se tornou um símbolo de uma morte triste, de sofrimento.

Se Jesus tivesse ficado na Índia e não tivesse ido para os judeus, e se nós tivéssemos retratado a cruz, ela seria a mesma, mas Jesus seria diferente. Ele seria exatamente como Krishna: extático, seu rosto sorridente, todo o seu ser sorrindo, porque este é o momento do êxtase: quando o tempo desaparece, você morre para o mundo do tempo e nasce para o mundo da eternidade. Nesse momento, você deve estar extático. Eis o que os hindus chamaram de *samadhi*.

Mas o cristianismo perdeu. Sempre acontece assim, porque Jesus vivo é um desconforto, é como um verme no coração, picando-os. Vocês querem permanecer à vontade. Quando ele está morto, então, vocês podem arrumar tudo de acordo com vocês; então, vocês podem pintar Jesus de acordo com vocês — então, ele não é nada mais que um representante de vocês. Se eles lhe perguntarem... e eles perguntarão!

...de onde vocês se originam, digam-lhes: "viemos da luz, onde a luz se originou de si mesma".

Nós viemos de Deus, somos filhos de Deus; viemos da fonte de toda a existência. E a fonte de toda a existência não tem outra fonte — ela se origina de si mesma, ela é autocriadora. O pai não

tem outro pai, o criador não tem outro criador para si — o criador é uma força autocriadora. "viemos da luz, onde a luz se originou de si mesma".

Se Ihe perguntarem qual é o sinal do Pai em vocês...

Eles perguntarão — certamente perguntarão: "Você ficou iluminado? Qual é o sinal? Você conheceu 'o Pai'? Então, qual é o sinal? Mostre-nos sinais!" — como não podem ver diretamente, eles sempre procuram sinais: eles não podem penetrá-lo diretamente. Até quando um Buda está presente, vocês pedem por sinais; até quando um Jesus está presente, vocês pedem por sinais: "Mostre-nos algum sinal, de modo que possamos compreender". E Jesus está presente. Não é ele um sinal suficiente? Não, isso você não pode compreender — ele transcende todos vocês.

As pessoas costumavam ir a Jesus e perguntavam: "Você é realmente o prometido? Você é o escolhido?". E eles viviam perguntando. Eles devem ter perguntado ainda mais aos discípulos, porque "eles" estão sempre contra os discípulos. Eles estão sempre contra o mestre, mas são mais ainda contra os discípulos, porque os discípulos andam mais entre eles. Os discípulos vivem com eles, têm de viver com eles. E eles farão perguntas embaraçosas. Eles perguntarão: "Qual é o sinal do Pai em você? Faça a água virar vinho e nós compreenderemos. Ou reviva este homem que está morto, ou faça algo contra a natureza!" — Então, eles compreenderão.

O que Jesus diz? Jesus não diz "façam milagres e dêem-lhes sinais". O que ele diz é uma das coisas mais belas já afirmada. Ele diz:

... digam-lhes: "É um movimento e um repouso".

Este é o sinal de Deus em nós: "um movimento e um repouso". Muito difícil de compreender. O que ele quer dizer? Ele está dizendo: "Nós estamos nos movendo e, contudo, em repouso. A contradição se dissolveu em nós. Agora, somos uma síntese de todas as contradições. Estamos falando e, contudo, não estamos falando e, contudo, há silêncio. Amamos e, contudo, não amamos, porque a necessidade de ser amado desapareceu. Estamos sós e, contudo, entre vocês, porque vocês não podem perturbar nossa solitude. Estamos na multidão, mas não somos da multidão, porque a multidão nunca nos penetra. Vivemos e nos movemos neste mundo, mas não pertencemos a este mundo podemos estar nele, mas este mundo não está dentro de nós".

É isto o que Jesus diz: "É um movimento e um repouso". — "Olhe para nós: nós nos movemos e, contudo, não há nenhuma tensão no movimento; andamos, mas, no centro de nosso ser, não há nenhum movimento, porque não há qualquer motivação para se chegar a algum lugar — nós já chegamos. Este é o sinal do Pai. Olhe para nós! Não há nenhum desejo e, contudo, continuamos trabalhando. Não há nenhuma motivação e, contudo, continuamos respirando e vivendo. Olhe para nós: as contradições se dissolveram. Andamos e, contudo, não andamos; vivemos e o tempo desapareceu para nós — entramos na eternidade". Mas esse é o sinal de um perfeito mestre. Se você quer ver um mestre perfeito, este é o sinal: movimento e repouso.

Será fácil para você se um mestre estiver se movimentando, servindo as pessoas, mudando a sociedade, criando um grande movimento para alguma utopia. É fácil para vocês compreenderem um Gandhi: movimento contínuo, atividade política, social, religiosa e devotada aos outros. Será fácil, muito fácil, ver que Gandhi é um mahatma, uma grande alma. Isso é muito fácil, porque só há movimento, e movimento devotado aos outros. É um serviço: não se mover para si mesmo, mover-se para os outros, viver para os outros. Ou vocês podem compreender facilmente um homem que se

afastou, que renunciou ao mundo e foi para um retiro nos Himalaias — não fala, permanece silencioso, não se mexe, não faz nada; nenhum serviço, nenhuma atividade social, nenhum ritual — ele simplesmente fica sentado em seu silêncio. Vocês também podem compreendê-lo: ele está em repouso.

Mas ambos escolheram uma polaridade. Elas podem ser pessoas muito boas — há pessoas boas — mas não são perfeitas. Não mostram o sinal do Pai, porque a perfeição é o sinal. Precisam ser como Jesus: movendo-se e, contudo, em silêncio.

Movimento e repouso, viver no mundo, sem renunciar a ele — e, contudo, totalmente renunciado. Onde as contradições se encontram, o supremo aparece. Se você escolhe um, você perdeu, você "pecou", você perdeu a rota. Não escolha! Eis por que Lao Tzu, Jesus e outros dizem: "Não escolha!". Escolha e você perde. Seja sem escolha — deixe o movimento estar presente e deixe o repouso estar presente, e deixe o movimento e o repouso repousarem juntos. Seja uma sinfonia, não uma nota só. Uma nota só é simples, não há muito problema.

Ouvi contar que Mulla Nasruddin tinha um violino e que ele tocava uma única nota nele continuamente. A família toda ficava perturbada, a vizinhança ficava perturbada. E eles diziam: "Que tipo de música é essa?! Se você está aprendendo, então, aprenda direito! Você fica fazendo uma nota só o tempo todo! Isso é tão entediante, que até mesmo ao meio-dia a vizinhança toda cai no sono!". A esposa de Nasruddin então disse: "Chega! Durante meses e anos estamos ouvindo isso! Nunca vimos um músico assim! O que você está fazendo?". Nasruddin disse: "Os outros estão tentando achar a nota deles, e eu descobri a minha. Eis por que eles mudam: eles ainda estão a caminho, tentando descobrir a nota. E eu já a descobri; assim agora, não há mais necessidade — já alcancei a meta".

Uma nota só é simples, não há nenhuma necessidade de aprender muito, não é complicado. Mas com uma nota só perde-se tudo aquilo que é belo, porque quanto maior a complexidade, mais elevada é a beleza que aparece. E Deus é o mais complexo: todo o mundo está nele, todo o universo se encontra nele. Então, qual é o sinal do Pai? Ele só pode ser uma síntese, ele só pode ser uma sinfonia, onde todas as notas se dissolvem em uma.

"...movimento e repouso" é simplesmente simbólico. "Digam-lhes: 'É um movimento e um repouso'".

Tente seguir isso, tente fazer isso em sua vida. Os extremos são fáceis de serem escolhidos: você pode se mover na atividade e ficar perdido nela, ou você pode renunciar à atividade e ficar perdido no repouso. Mas ambos serão escolhas — você ficará tão longe de Deus quanto possível, porque Deus não rejeitou nada, ele não renunciou a nada.

Ele está em tudo, ele é tudo. Se você também se torna tudo, sem renunciar, sem rejeitar, sem nenhuma escolha, uma consciência-em-si sem escolha, então, você tem o sinal do supremo, o sinal de Deus.

Tome cuidado com os extremos! Eles são caminhos perigosos de onde a pessoa cai. Deixe ambos os extremos se encontrarem, então, surge um novo fenômeno — mais sutil, mais delicado, mais complexo, mais belo.

DÉCIMO OITAVO DISCURSO

07 de setembro de 1974. Poona, Índia.

Simão Pedro lhes disse:

Deixe Maria sair do nosso meio, porque as mulheres não são dignas da vida.

Jesus disse:

Vejam, eu a conduzirei, de forma a torná-la masculina, pois ela também pode se tornar um espírito vivo semelhante a vocês, homens.

Pois toda mulher, que se torna masculina, entrará no reino.

E staremos navegando em águas turvas hoje. Mas muitas coisas têm de ser compreendidas... e não tenham preconceito de uma coisa ou de outra, porque o preconceito torna quase impossível a compreensão.

A primeira coisa: homem e mulher diferem basicamente — não apenas diferem, são opostos. Eis por que há tanta atração. A atração pode existir somente entre os opostos: o similar não pode ser muito atraente — o que quer que você seja, você está familiarizado com isso. Para um homem, a mulher é o desconhecido. Ela atrai, invoca, convida; nasce uma indagação, nasce uma curiosidade. Para a mulher, o homem é o desconhecido. Para o homem, Deus penetra neste mundo na forma de uma mulher, porque Deus é o desconhecido. Para a mulher, o homem

representa o divino, porque ele é o desconhecido para ela. Daí, o oposto ser tão significativo.

Assim, a primeira coisa a ser compreendida: eles são diferentes; não apenas diferentes, mas opostos — mas não são desiguais, são equivalentes. Existe a diferença, existe a oposição, existe uma polaridade, mas eles não são desiguais, são equivalentes. Dois opostos são sempre equivalentes, caso contrário, não poderiam ser opostos um ao outro.

A segunda coisa a ser compreendida: que o corpo feminino existe para um propósito totalmente diferente; biologicamente, psicologicamente, quimicamente, ele tem uma função a realizar diferente da do corpo masculino. E ele é tão diferente do corpo masculino, que, a menos que você penetre nas camadas profundas da biologia, você não será capaz de compreender a diferença. Eles existem como se em dois mundos à parte.

A mulher carrega um útero. A própria palavra 'mulher' vem de "homem com um útero". E o útero é muito importante — nada é mais importante do que o útero, porque uma vida inteira surge através dele. Todo o fenômeno do movimento da vida passa por ele, ele é a própria porta de entrada para este mundo. E, devido ao útero, a mulher tem de ser receptiva, não pode ser agressiva. O útero não pode ser agressivo, tem de receber, tem de ser uma abertura, tem de convidar o desconhecido. O útero tem de ser um anfitrião, o homem será o convidado.

Devido ao útero ser um fenômeno central no corpo feminino, toda a psicologia da mulher difere: ela é não-agressiva, não-perquiridora, não-questionadora, não-duvidadora, porque todas essas coisas dizem parte da agressão. Você duvida, você perquire, você sai na busca; ela espera, o homem vai buscá-la. Ela não tomará a iniciativa, ela simplesmente espera — e ela pode esperar infinitamente.

Essa espera tem de ser lembrada, porque isso fará uma diferença. Quando uma mulher entra no mundo da religião, ela tem

de seguir um caminho totalmente diferente do homem. O homem é agressivo, duvida, perquire, sai do caminho para buscar, tenta conquistar tudo. Ele tem de fazer assim, porque ele existe em torno de um sêmen agressivo. Todo seu corpo existe em torno de uma sexualidade que tem de procurar, penetrar.

Todas as armas que o homem criou até agora — até mesmo a bomba, a bomba H — são puras projeções do sexo masculino, projeções do pênis. A flecha, o revólver, ou a bomba, penetram, alcançam, cruzam a distância. Vão até a lua... Uma mulher simplesmente rirá e pensará que isso é tolice — "Para que ir lá?" Mas para o homem, vale a pena arriscar sua vida, porque aquilo é uma espécie de penetração — penetração nos mistérios da vida.

Quanto mais distante a meta, mais apelo tem. O homem alcançará o Everest, alcançará a lua, irá bem mais adiante; ele não poderá ser detido, não poderá ser impedido. Tudo que se torna conhecido, torna-se inútil — então, não mais interessa. Os mistérios mais profundos têm de ser penetrados, como se toda a natureza fosse a mulher — e o homem tem de penetrar e saber.

O homem criou a ciência; a mulher nunca pode ser científica, porque a agressão básica não existe nela. Elas podem ser sonhadoras, porque sonhar é uma espera, faz parte do útero, mas não podem ser científicas, não podem ser lógicas — a lógica também é agressão. As mulheres não podem ser céticas e desconfiadas; elas podem confiar, podem ser fervorosas, e isso é natural para elas, porque tudo faz parte do seu útero. E todo o corpo existe de modo que o útero possa sobreviver nele; todo o corpo é apenas um artifício natural para ajudar o útero. A natureza está interessada no útero, porque através do útero a vida entra na existência. Isso dá uma orientação totalmente diferente à mulher.

Para ela, a religião pode ser uma espécie de amor, não pode ser uma busca pela verdade. A própria frase, "busca da verdade", é de orientação masculina. Pode ser uma espera pelo seu amor, pelo ser amado; Deus pode ser um filho, um marido, mas Deus não pode

ser a verdade. Isso pareceria tão vazio, tão insípido, tão seco, morto: parece não haver vida na palavra verdade. Mas para o homem, a verdade é a palavra mais significativa. Ele diz; "A verdade é Deus e, se você conhecer a verdade, você conheceu tudo". E o caminho que o homem estará tomando é o do conquistador: a natureza tem de ser conquistada.

Devido a essas distinções, tem havido sempre um problema. Surgiu com Buda, porque todo o método de Buda é de orientação masculina. Tem de ser assim, porque arquitetar métodos é novamente uma agressão. A ciência é uma agressão, o ioga também é uma agressão, porque todo o esforço é o de como penetrar o mistério e dissolvê-lo, como vir a saber; todo o esforço é o de como desmistificar o universo. É isto o que significa conhecimento: ficamos sabendo, agora não há mais nenhum mistério.

A menos que o mistério se dissolva, o homem não pode descansar em paz. O universo deve ser conhecido, nenhum segredo tem permissão de permanecer um segredo. Assim, eles — homens — arquitetaram todos os métodos: Buda é um homem, Jesus é um homem, Zaratustra é um homem, Mahavira é um homem, Krishna é um homem. Nunca houve nenhuma mulher comparável a eles, que tenha arquitetado algum método. Tem havido mulheres que se tornaram iluminadas, mas mesmo assim não puderam arquitetar métodos, mesmo assim elas seguiram. Elas não podem, porque para arquitetar um método, uma metodologia, um caminho, é necessário uma mente agressiva.

As mulheres podem esperar, e podem esperar infinitamente. A paciência delas é infinita. Tem de ser assim, porque um filho tem de ser carregado durante nove meses. A cada dia, ele fica mais pesado e mais pesado e mais pesado, e cada vez mais e mais difícil. Você tem de ser paciente e esperar, e nada pode ser feito quanto a isso. Você tem de amar até mesmo a sua carga, e esperar e sonhar que o filho nascerá. E olhe para uma mulher, uma mulher que está para ser mãe: ela se torna mais bela, porque, quando ela espera, ela

floresce. Ela atinge um tipo diferente de graça, uma aura a envolve quando ela vai se tornar mãe, porque, então, ela está no seu auge: a função básica para a qual seu corpo foi arquitetado pela natureza está se cumprindo. Agora, ela está produzindo flores, logo, logo, ela irá florir.

E olhe para os sonhos dela: nenhuma mãe, ou uma mulher que está para ser mãe, pode pensar que vai nascer um menino ou uma menina comum — uma criança única está sempre nos seus sonhos. Alguns sonhos foram registrados; a mãe de Buda sonhou, a mãe de Mahavira sonhou e, na Índia, eles têm uma tradição de registrar os sonhos da mulher, sempre que nasce uma pessoa iluminada. Mas eu sempre suspeitei que é assim que toda mãe sonha. Você pode não registrar os sonhos dela — isso é uma outra coisa — porque eles não são necessários... mas toda mãe sonha que vai dar nascimento a um deus. Não é possível de outra forma. O sonho da mãe de Buda foi registrado, essa é a única diferença; o da mãe de vocês não foi registrado. Caso contrário, vocês viriam a saber que ela também estava sonhando com um Buda, um Jesus, com algo único... Porque não é uma questão de dar nascimento, ela vai ser renascida através disso.

Sempre que uma criança nasce, não somente a criança nasce — essa é uma parte da coisa. A mãe também nasce. Antes disso, ela era uma mulher comum; através do nascimento, ela se torna uma mãe. De um lado, o filho nasce, de outro lado, a mãe nasce. E uma mãe é totalmente diferente de uma mulher: existe uma distância, toda a existência dela se torna qualitativamente diferente. Antes, ela pode ter sido uma esposa, uma amante, mas repentinamente isso não mais é tão importante. Um filho nasce, uma nova vida entrou: ela se torna mãe.

Eis por que os maridos têm sempre medo dos filhos. Basicamente, eles nunca gostam dos filhos, porque uma terceira parte entra no relacionamento — não somente entra, mas a terceira parte se torna o centro. E depois disso, a mulher jamais é a mesma

esposa, ela fica diferente. Depois disso, se um marido realmente quer amor, ele tem de se tornar exatamente como um filho, porque aquela mulher que se tornou mãe, jamais pode ser uma esposa comum novamente. Ela se tornou mãe, você não pode fazer nada quanto a isso agora. A única coisa que lhe sobra, é se tornar um filho para ela. Esse é o único modo de você conseguir o amor dela novamente, caso contrário, o amor ficará se movendo na direção do filho dela.

Uma mãe atingiu o auge. É como se o marido, o amante, fosse apenas um meio para ela se tornar mãe. Olhe para a diferença: uma mulher está buscando se tornar mãe, esperando se tornar mãe; o marido, o amante, é apenas um meio. Para o marido, os filhos não são a meta: o homem está buscando uma mulher para amar, uma amante e, se os filhos acontecem, eles são simplesmente acidentes. Ele tem de tolerá-los: eles estão ao lado da estrada, eles não são a meta, onde termina a estrada.

Isso fará uma diferença quando a pessoa se move no caminho para Deus. A questão surge nova e novamente. Milhares de mulheres ficaram interessadas em Buda, e elas queriam entrar no caminho, elas queriam ser iniciadas, mas Buda resistiu, Buda tentou evitar. A razão era que o método era basicamente de orientação masculina e, permitir mulheres, corromperia todo o esquema. Mas ele teve de conceder, porque era um homem de compaixão. E como milhares de mulheres vinham insistentemente para serem iniciadas, ele acabou concedendo. Mas ele disse com muita tristeza; "Minha religião ia ser uma força viva por cinco mil anos. Agora, ela será somente uma força viva por quinhentos anos" — porque o oposto entrou; agora, tudo seria um caos. E foi assim que aconteceu: o budismo desapareceu da Índia em quinhentos anos. Ele não pôde permanecer uma força viva, porque, quando uma mulher entra, muitos problemas entram com ela: ela introduz sua feminilidade, e o método é basicamente para o masculino.

Se você puder compreender o ponto de vista de Buda, Jesus parecerá mais compassivo. Então, você não pensará nele como um macho-chauvinista — ele não era: ele não era a favor do homem, contra a mulher. E seu método, que a igreja perdeu completamente, pode ser usado por ambos. E o homem que levantou a questão, é o homem que criou a igreja. Simão Pedro é o homem que criou toda a igreja, o cristianismo — e, é claro, ele tinha de ser o primeiro a levantar a questão.

Simão Pedro lhes disse:

"Deixe Maria sair do nosso meio, porque as mulheres não são dignas da vida.

A igreja permaneceu antimulher: existiram mosteiros onde nenhuma mulher tinha permissão de entrar — a mulher parece ser a raiz causal do mal. O estranho sempre parece ser o mal, porque vocês não podem compreender. Se você puder compreender, então, algo pode ser feito. A mulher permanece sendo o mistério e, uma vez que uma mulher entre na sua vida, ela começa a dominá-lo. E a dominação dela é tão sutil, que você não pode se rebelar contra isso.

O homem sempre teve medo disso. Assim, aqueles que estão em busca de algum segredo na natureza, ou em Deus, gostariam de evitar a mulher, porque, uma vez que ela chegue, ela começa a dominar tudo. E ela quer sua total atenção: ela não gostaria que Deus estivesse ali como um competidor, ela não gostaria que a verdade estivesse ali como uma competidora; ela não permitiria nenhum competidor, ela é ciumenta. Assim, se alguém está querendo buscar, é melhor evitar as mulheres.

Consta que Sócrates disse... Um jovem perguntou a ele o que ele sugeria, se ele deveria ou não se casar. E ele perguntou ao homem certo. Ele pensou que estava perguntando ao homem certo, porque Sócrates tinha sofrido muito com o casamento. Ele teve uma mulher, Xantipa, uma das mulheres mais perigosas em toda a história da humanidade. E ele sofreu demais: continuamente, ela o

importunava e o dominava, atirando coisas nele. Ela chegou até a derramar chá no seu rosto, deixando a metade do rosto dele marcada por toda a vida. Assim, o jovem estava certo ao perguntar àquele homem — Sócrates sabia. Sócrates disse: "A pessoa deve se casar. Se você conseguir uma boa esposa, você será feliz, e se você conseguir uma esposa como a minha, você se tornará um filósofo. Em ambos os casos, você lucrará".

Simão Pedro lhes disse — aos seus amigos e aos outros discípulos:

"Deixe Maria sair do nosso meio, porque as mulheres não são dignas da vida".

Era perigoso dar permissão à entrada de mulheres — porque, então, os territórios ficariam anuviados, você não saberia aonde estava indo, você não saberia o que estava acontecendo. Para o homem, a mulher simboliza o misterioso, o desconhecido, o estranho; para o homem, a mulher simboliza o poético, o nebuloso, o ilógico, o irracional, o inconsciente. A mulher simboliza o absurdo. É sempre difícil descobrir alguma lógica no comportamento de uma mulher. Ela pula de um ponto para outro, há intervalos, ela é imprevisível.

Aconteceu certa vez: Houve uma briga demorada entre Nasruddin e sua esposa. E no final, como acontecia sempre, Nasruddin pensou que devia se render. É difícil brigar com uma mulher. Ela tem de vencer, caso contrário, ela criará tamanho problema, que não vale a pena, a vitória não vale a pena. Assim, Nasruddin pensou: "Por que perder três ou quatro dias inteiros? E depois tenho que me render sempre! Assim, por que não me render agora?". Assim, ele disse: "Tudo bem, concordo com você".

A esposa disse: "Agora não adianta mais — eu mudei de ideia".

E aqueles que estão em busca de Deus, têm sempre medo, porque, com mulheres, você nunca tem certeza. E é melhor não torná-las companheiras de viagem — elas criarão problemas, e o problema é multidimensional. O comportamento delas é ilógico, a mente delas é imprevisível. E não é somente isso, sempre há também uma profunda possibilidade de se apaixonar, uma profunda possibilidade de ser atraído para elas, uma profunda possibilidade da entrada do sexo. E uma vez que o sexo entre, todo o caminho é perdido, porque agora, você está se movendo numa outra direção. Os monges, os buscadores têm sempre de ter medo: o medo deles é compreensível. E este homem, Simão Pedro, estava dando a direção para os séculos vindouros, que a pureza da religião seria perdida, a racionalidade seria perdida...

Assim, ele disse: "Deixe Maria sair do nosso meio... "E Maria não era uma mulher comum — a mãe de Cristo! Nem essa deveria ter permissão... "... porque as mulheres não são dignas da vida". Que vida? A vida que eles estavam buscando, a vida eterna. Agora, tente compreender por que as mulheres não são capazes dessa vida.

Todo o foco da mulher é natural, ela vive na natureza, ela é mais natural do que o homem. Na Índia, nós a chamamos de *prakriti*, a própria natureza, a terra, a base de toda a natureza. Ela é mais natural: suas tendências, suas metas são mais naturais. Ela nunca pede pelo impossível, ela pede por aquilo que é possível. O homem tem algo nele, que sempre busca o impossível, ele nunca fica satisfeito com o possível — simplesmente tornar-se um marido satisfeito não é nada. Uma mulher ficará feliz se ela puder ser apenas uma esposa profundamente contente, uma mãe; então, sua vida está cumprida.

Os biólogos dizem que há uma razão: no homem, há um desequilíbrio fisiológico, um desequilíbrio hormonal; a mulher é mais completa, ela é como um círculo, equilibrada. Eles dizem que a primeira célula da qual você decide se você será homem ou mulher... Vinte e três cromossomos são dados pela mãe e vinte e

três são dados pelo pai. Se os vinte e três da mãe e os vinte e três do pai fizerem vinte e três pares simétricos, então, há um profundo equilíbrio: uma menina nascerá. Eles se equilibram, fazem uma simetria; assim, uma menina nascerá. Mas o pai tem um par avulso de cromossomos, que, na mulher, são equilibrados. Se uma célula contendo vinte e três cromossomos incompletos entra e encontra o óvulo da mãe, então, nascerá um homem, nascerá um menino, porque haverá um desequilíbrio.

E vocês podem ver esse desequilíbrio até no primeiro dia em que nascem uma menina e um menino; o menino é inquieto desde o primeiro dia, a menina é tranquila desde o primeiro dia. Mesmo antes do primeiro dia, ainda no útero, as mães sabem, porque os meninos são inquietos; eles chutam, eles fazem coisas, mesmo no útero; uma menina simplesmente repousa, dorme. As mães podem ficar cientes se vai nascer um menino ou uma menina, porque um menino não fica quieto. Existe uma profunda inquietação no homem e, devido a essa profunda inquietação, ele está sempre se mexendo e fazendo alguma coisa, sempre interessado no distante, na jornada.

A mulher é mais interessada no lar, no circundante; uma mulher é mais interessada na fofoca da vizinhança próxima. Ela não fica muito preocupada sobre o que está acontecendo no Vietnã. Isso é muito distante. O que está acontecendo em Chipre, é sem significado. Ela não pode nem conceber porque seu marido continua lendo sobre Chipre... "Como isso entra na vida dele!?" E o marido acha que ela não tem interesse por assuntos mais elevados. Esse não é o ponto. Ela está à vontade consigo mesma; assim, somente o circundante lhe interessa. Se a mulher de alguém for embora com outra pessoa, ou se alguém estiver doente, ou se uma criança nascer, ou se alguém morrer, só essas coisas são notícias. Essas são as notícias — mais pessoais, mais domésticas: basta a vizinhança.

E uma esposa ou mãe mais contente nem se preocupará com a vizinhança, sua própria casa é suficiente. Está perfeito para ela, e a razão é biológica: seus hormônios, suas células estão equilibradas. Um homem tem uma inquietação, e essa inquietação lhe traz perguntas, dúvidas, movimento. Ele não pode ficar satisfeito a menos que descubra o supremo. E mesmo assim você não sabe se ele ficará satisfeito ou não, ou se ele novamente começará a perquirir sobre uma outra coisa. Isso faz uma diferença. E todas as religiões sempre existiram para alcançar o distante.

Assim, sempre que uma mulher vem a um Jesus, ela não está vindo em busca de Deus. Não, essa coisa distante não tem significado para ela. Ela pode ter se apaixonado por Jesus. Quando uma mulher vem a Buda, ela não vem para descobrir o que é a verdade — ela pode ter se apaixonado por Buda; Buda pode tê-la atraído. Essa tem sido minha sensação também: se um homem vem a mim, ele sempre diz: "Tudo o que você diz parece convincente, eis por que eu me apaixonei por você". Sempre que uma mulher fala, ela nunca diz o mesmo. Ela diz: "Eu me apaixonei por você, eis por que tudo o que você diz parece convincente".

Pedro está certamente com medo de que até Maria, a mãe de Jesus, crie problemas. Você estará se movendo em território desconhecido. É melhor permanecer com as fronteiras, com as definições. Não permita a entrada de mulheres! Você pode depender da mente masculina, você sabe como ela funciona, você conhece o próprio funcionamento dela. O homem funciona com o consciente e a mulher funciona com o inconsciente. Assim, o homem acumula detalhes, mas nunca pode ser muito profundo. A mulher não acumula detalhes, mas pode ser muito profunda em simples e pequenos fatos. O homem pode atingir o conhecimento, muito conhecimento, mas não o amor intenso. A mulher pode atingir o amor intenso, mas não muito conhecimento — porque o conhecimento é um fenômeno consciente e o amor é um fenômeno inconsciente.

Simão Pedro lhes disse: "Deixe Maria sair do nosso meio, porque as mulheres não são dignas da vida".

E todas as religiões basicamente permaneceram contra as mulheres, porque elas foram criadas pelo homem. Nada pode ser avaliado por isso, não se trata de uma avaliação, é simplesmente que elas foram criadas pelo homem. Ele tem medo das mulheres, ele queria que seu território fosse bem delineado, ele não gostaria que mulheres entrassem nele.

Assim, todas as religiões permaneceram basicamente homossexuais, elas não são heterossexuais. E todas as comunidades religiosas permaneceram homossexuais: os monges vivem numa sociedade homossexual. Se alguma vez permitiram mulheres, eles permitiram-lhes num status secundário: elas não devem decidir nada, simplesmente tem de seguir as regras — seja o que for que os homens tenham decidido que deva ser seguido — de modo que elas não criem nenhum problema. E elas nunca tiveram a mesma importância, a mesma significância: foram postas de lado, receberam um papel secundário. Elas podem ser freiras, podem ter seus mosteiros, mas nunca serão importantes, não serão os fatores decisivos.

Você não pensa numa mulher se tornando um papa, impossível! Ela destruirá toda a estrutura, todo o sistema estabelecido.

Por estar pensando em termos de criar um sistema, uma igreja, uma grande organização de seguidores, por essa razão, Pedro diz: "As mulheres não devem ter permissão. E nós começaremos com a mãe de Jesus, porque, uma vez que ela tenha permissão, dando-lhe essa preferência por ser ela a mãe de Jesus, então, outras mulheres entrarão — e será impossível reter o caos".

Jesus disse:

Vejam, eu a conduzirei, de forma a torná-la masculina, pois ela também pode se tornar um espírito vivo

semelhante a vocês, homens.

Pois toda mulher, que se torna masculina, entrará no reino.

Jesus disse: "Eu a conduzirei, de forma a torná-la masculina". O que ele quer dizer com isso? Tornar uma mulher masculina significa tornar seu inconsciente consciente: trazer sua escuridão interna para dentro da mente consciente; assim, o inconsciente desaparece e ela se torna um todo consciente; fazer seu lado misterioso não um empecilho, mas um degrau. Isso pode ser feito, mas é preciso um grande mestre para isso: um mestre verdadeiramente grande, que seja ambos, masculino e feminino, que tenha atingido a perfeição interna, onde seu próprio masculino e feminino tenham se dissolvido e ele não mais esteja dividido; aquele que se tornou assexual, que não é nem masculino nem feminino. Só ele pode ajudar, porque ele compreende os dois. Assim, Jesus diz: "Eu a tornarei masculina".

O que ele está dizendo? Irá ele mudar seu corpo? Não, não é esse o caso. O corpo não é o ponto: há mentes femininas em corpos masculinos, e há mentes masculinas em corpos femininos. Uma Madame Curie é possível, e ela pode ser uma cientista tão perfeita e tão racional quanto qualquer outra pessoa; o corpo é feminino, mas a mente não é. E há homens que podem ser tão absurdos quanto qualquer mulher. Chaitanya Mahaprabhu era um perfeito homem, ele era um grande lógico, um filósofo. A história o teria registrado como um dos maiores lógicos se ele tivesse permanecido nisso. Mas, então, ele renunciou a toda a lógica, ficou louco, começou a dançar e a fazer *kirtan* nas ruas. Ele ficou feminino, até seu rosto ficou feminino, muito gracioso: até seu corpo foi atrás, ele ficou com formas arredondadas, as curvas entraram no seu corpo. E ele começou a amar a Deus como uma amada, dançando e cantando. Isso aconteceu mesmo.

O que Jesus está dizendo? Ele está dizendo que o inconsciente da mulher pode ser mudado em consciente, então, ela

se torna totalmente diferente. "E eu farei isso. Vejam, eu a conduzirei, de forma a torná-la masculina." O que ele quer dizer por "torná-la masculina"?

Os homens não devem pensar que estão em alguma posição mais alta. Isso somente se refere à escuridão interna da qual uma mulher comumente vive, a partir da qual ela tem de viver, porque ela é mais orientada pelo corpo. A natureza precisa mais dela do que do homem: o homem fica apenas na periferia, ele é dispensável; a mulher não é dispensável.

O homem não é tão necessário, eis por que vocês não encontram pais na natureza. As mães estão em toda parte — com os pássaros, os animais, os peixes, a mães estão em toda parte — mas não os pais. Somente na sociedade humana você encontra o pai, porque o pai é apenas uma formalidade, uma convenção social; o pai não é um fenômeno natural. Os lingüistas dizem que 'tio' é uma palavra mais antiga do que 'pai'; 'pai' entra na existência muito depois. Quando o relacionamento "um homem - uma mulher" fica estabelecido, então, surge o pai. Mas o tio já estava presente, porque todos os homens eram tios para a criança, ninguém sabia quem era o pai. Exatamente como com os animais, ninguém sabe quem é o pai, mas todos os machos são tios.

Pode haver novamente um mundo onde o pai desapareça, há uma possibilidade, porque o pai entrou na existência com a propriedade privada. Surgida a propriedade privada, o pai entrou na existência. Então, ele não somente dominou sua propriedade privada, como também guardou sua mulher particular. A propriedade privada irá acabar um dia ou outro. Uma vez que a propriedade privada acabe, o pai se dissolverá.

No Ocidente, o fenômeno já começou: há muitas mulheres sozinhas com seus filhos, o pai foi dispensado. Isso irá aumentar cada vez mais e mais. Mas a mãe não pode ser dispensada, a natureza precisa mais da mãe. Eis por que a mãe é um fenômeno mais corporal: as mulheres têm mais consciência do corpo do que os

homens. Se elas levam muito mais tempo quando estão se vestindo, essa é a razão. Você pode continuar buzinando e elas não vêm...

Certa vez eu ouvi de uma mulher... Eu estava sentado no carro e o marido dela estava buzinando. Ela olhou para fora da janela e disse: "Eu já lhe disse mil vezes que estou indo em dois minutos!". E ela estava exatamente certa, porque durante uma hora ela esteve dizendo: "Estou indo em dois minutos". Por que tanto tempo para se vestir? Ela é mais consciente do corpo. O homem é mais mente, a mulher é mais corpo.

Uma atriz famosa disse uma vez — quando ela disse isto, as pessoas pensaram que ela era muito humilde, modesta, e não se espera que as atrizes sejam assim — ela disse: "Eu sei que não sou muito bela, mas o que é a minha opinião contra a opinião do espelho?". O que é a minha opinião contra a opinião do espelho?! "Eu sei que não sou muito bela, mas o espelho diz: 'Você é a mais bela'".

Elas ficam horas paradas na frente ao espelho, olhando para si mesmas. Um homem nem pode imaginar o que está acontecendo.

Mulla Nasruddin estava matando moscas certo dia e disse para sua esposa: "Eu matei duas mulheres e dois homens, duas moscas machos e duas moscas fêmeas". Sua esposa ficou espantada e perguntou: "Como você ficou sabendo qual era macho e qual era fêmea?". Ele disse: "Duas estavam pousadas no espelho".

As mulheres são mais conscientes do corpo, mais corporais, mais enraizadas — eis por que vivem mais do que os homens, quatro anos a mais do que os homens. Eis por que há tantas viúvas: elas sempre exaurem o marido primeiro. Nascem cento e vinte meninos para cada cem meninas, mas, por volta dos quatorze anos, vinte meninos já morreram, e a natureza mantém seu equilíbrio. Só para manter o equilíbrio, a natureza faz nascer cento e vinte meninos para cada cem meninas, porque aquela centena de

meninas, por volta dos quatorze anos, ainda serão cem, mas os vinte meninos desaparecerão.

Se você é muito inquieto, sua inquietude dissipa energia. Se tudo for levado em conta, então, a mulher é o sexo mais forte: ela vive mais tempo, ela fica menos doente — ela pode fingir, isso é uma outra coisa, mas ela fica menos doente. Ela é mais saudável, a vida é mais forte nela, ela pode resistir às doenças mais facilmente do que o homem. Veja: quando é inverno, o homem anda com seus capotes e suéteres, e as mulheres andam sem mangas e nada lhes acontece. Elas têm mais tolerância, mais resistência, são mais protegidas, porque são mais enraizadas no corpo.

O homem vive na cabeça, é mais mental. Eis por que os homens ficam loucos, mais homens cometem suicídio e menos mulheres. As mulheres não são tão fracas; o homem é mais fraco, porque a mente não pode ser tão forte quanto o corpo. A mente entrou na existência muito mais tarde, o corpo tem uma longa experiência. Mas esse enraizamento no corpo se torna um problema quando elas entram no caminho para Deus.

Na vida, na vida natural, as mulheres são as vitoriosas. Mas uma vida espiritual vai contra e além da natureza. Então, seu enraizamento no corpo se torna um problema: a menos que toda a sua mente se torne consciente, o enraizamento no corpo não as vai abandonar. Elas estão muito profundamente enraizadas nele. O homem é como um pássaro, voando, e elas são como as árvores, enraizadas. Elas pegam mais nutrientes, é claro, e quando quer que um pássaro — um homem — queira descansar, ele tem de ir até a sombra de uma mulher, sob a árvore, para ser nutrido, agasalhado. Isso é bom no que tange a vida comum natural, é de ajuda; as mulheres são as vencedoras ali. Mas, quando a pessoa começa a se mover além da natureza, então, a própria ajuda se torna uma barreira.

Jesus diz: "Eu a conduzirei, de forma a torná-la masculina,

pois ela também pode se tornar um espírito vivo...".

Ela é um corpo vivo e o caminho é mais longo para ela. Pense três coisas: o corpo vivo, a mente viva e o espírito vivo. Essas são as três camadas. A mulher é o corpo vivo, o homem é a mente viva e, além dos dois, existe o espírito vivo, o *atma*. A partir da mente a distância é mais curta, mas para mover-se em direção ao espírito a partir do corpo, uma distância maior tem de ser atravessada. Mas não se desencoraje por isso de modo algum, porque, na natureza, tudo é equilibrado. É difícil, porque a distância é longa, mas, por outro lado, é mais fácil, porque uma mulher é um fenômeno simples. O homem é muito complexo e suas complexidades criam problemas.

A partir da mente, o espírito está mais perto, mas, para dar o salto a partir da mente não é fácil, porque a mente vive criando dúvidas. Uma mulher pode dar um salto facilmente: ela é enraizada no corpo, ela é confiança, ela não tem dúvidas. Uma vez que uma mulher se apaixone por um homem, ela pode ir com ele para o inferno, ela nem liga. Uma vez que haja confiança, ela seguirá. Eis por que uma mulher nunca pode imaginar como um homem pode se enganar tão facilmente, como um homem pode ser tão incrédulo tão facilmente. Isso é impossível para ela conceber, porque ela jamais é assim. Ela está sempre confiando e vive com sua confiança e não pode conceber como um homem pode ser incrédulo tão facilmente.

Assim, há dificuldades; como o corpo fica mais distante da alma, existe uma lacuna. Mas há uma ajuda também: é que a mulher pode dar um salto facilmente. Uma vez que ela se apaixone, em confiança, ela pode saltar. Assim, não tem havido muitos mestres no mundo das mulheres, mas tem havido grandes discípulas. E nenhum homem pode competir com as mulheres no que tange ao discipulado, porque uma vez que confiem, elas confiam.

Olhe, ande pela Índia: você verá monges jainistas, e olhe e veja as freiras jainistas. Os monges jainistas parecerão bem comuns. Sua roupa é diferente, mas eles são negociantes comuns. Se suas roupas forem trocadas e eles terem postos no mercado, vocês não descobrirão qualquer distinção. Mas as freiras jainistas são diferentes: elas têm uma pureza; uma vez que confiem, elas têm uma pureza. Olhe para as freiras católicas. Elas são diferentes dos padres católicos e dos monges católicos. Os monges são espertos e vocês não podem acreditar se eles são realmente celibatários ou não. Se forem absolutamente tolos, então tudo bem; mas se tiverem um pouco de inteligência, eles descobriram um jeito... Mas as freiras? Elas são celibatárias, você pode confiar nelas. Uma vez que dão o passo, elas se mantêm firmes.

Assim, há dificuldades, porque a distância é longa, mas há também capacidades que ajudam, porque o salto é certo. Uma vez que decidam, o salto é dado, então, elas não titubeiam. O corpo não conhece nenhuma vacilação, somente a mente conhece vacilações.

Jesus disse: "Vejam, eu a conduzirei, de forma a torná-la masculina, pois ela também pode se tornar um espírito vivo semelhante a vocês, homens. Pois toda mulher, que se torna masculina, entrará no reino".

Esta é uma parte do ensinamento de Jesus, a outra parte não foi registrada. A razão pode ser porque não havia nenhuma mulher para registrá-la — isto também foi registrado por um homem. Mas eu sei que há uma outra parte, e eu devo contar-lhes, de modo que fique registrado.

Na suprema culminação, no crescendo do ser espiritual, o masculino se torna feminino tanto quanto o feminino se torna masculino. Não é via única, não pode ser, porque vocês dois são extremos, opostos. Se a mulher se torna como o homem, então, o

que se tornará o homem? Ele se tomará como a mulher, então, os opostos se dissolvem.

Uma mulher terá de transformar seu inconsciente em consciente, sua irracionalidade em racionalidade, sua fé em pesquisa, sua espera em movimento. E um homem terá de fazer exatamente o oposto: ele terá de fazer do seu movimento um repouso, da sua inquietação uma tranquilidade, uma imobilidade, de sua dúvida uma confiança; e ele terá de dissolver seu racional no irracional. Então, um ser supra-racional nasce. De ambos os lados eles têm de se mover: o homem tem de se mover da sua masculinidade, a mulher tem de se mover da sua feminilidade. Porque uma mente que é masculina, é metade; e a metade não pode saber do todo. Uma mente que é feminina, é metade; e a metade jamais pode saber do todo. Ambos têm de se mover de suas posições estáticas, tornarem-se líquidos, fundirem-se um no outro, tomarem-se assexuais.

Os hindus têm miuta clareza sobre isso. Seus termos para o supremo, brahma, não pertence a nenhum gênero. Em inglês, fica difícil, porque há somente dois gêneros, mas em sânscrito eles têm um para o masculino, um para o feminino e um para o que transcendeu a ambos. Brahma é o terceiro, o gênero neutro, e alguém que chega a Brahma, se torna como Brahma: masculino não será masculino e feminino não será feminino: suas oposições desaparecerão. E somente então o ser é completo; então, o ser está livre, então, o ser fica liberado.

Jesus deve ter falado dessa outra parte também. Ela não foi registrada, porque, sempre que registramos, registramos de acordo conosco mesmos. Estou lhe dizendo muitas coisas, sua mente está registrando continuamente, mas você registrará de acordo consigo mesmo. Você deixará de fora muitas coisas e nem ficará ciente de que as deixou de fora. Este é o problema: você pode não estar ciente, você pode não estar excluindo conscientemente. Você simplesmente não as registrará, sua memória não as registrará; você

simplesmente as abandonará, você registrará de acordo consigo mesmo.

E, naquele tempo, isso era um problema maior, porque Jesus ia falando, os discípulos ouviam, e as palavras não eram registradas na mesma hora. Às vezes, anos se passavam, às vezes, centenas de anos se passavam, e aquilo passava de uma pessoa a outra e, então, era registrado. Havia uma completa mudança.

Faça um pequeno experimento, então você saberá: junte vinte amigos e sentem-se em um círculo. Dê um pedaço de papel a todos e, então, escreva uma frase. A primeira pessoa do círculo escreve a frase no seu pedaço de papel e diz a frase no ouvido da pessoa seguinte. Essa pessoa ouve a frase, escreve no seu papel, guarda o papel com ela e diz a frase no ouvido da terceira pessoa. Deixe a frase ir sendo registrada, e você ficará surpreso: quando ela volta à primeira pessoa, já não é a mesma frase, muita coisa mudou, muita coisa foi acrescentada, muito foi abandonado. Se isso pode acontecer dentro de um experimento de meia hora, então, quando as palavras foram levadas na memória durante séculos, é natural que muito tenha sido mudado. A outra parte está faltando.

Para um homem como Jesus, não é uma questão de masculino e feminino, é uma questão de tornar-se inteiro. A pessoa tem de deixar sua parte e alcançar o todo. Assim, não pense que você é masculino e que dessa forma tem alguma prioridade; não pense que você é um homem, portanto, Deus está mais perto de você, não pense que você é um homem, portanto você não tem nada a fazer, que você já fez muito só por ser um homem. Não, você também terá de se tornar feminino, tanto quanto uma mulher tem de se tornar masculina. Vocês dois têm de se mover do seu estado estático e tornar-se dinâmico, fundindo-se um no outro. Vocês dois têm de ir além das partes e tornarem-se o todo.

Assim, eu gostaria de dizer-lhes que eu conduzirei os homens até tornarem-se mulheres, e eu conduzirei as mulheres até tornarem-se homens, de modo que ambos se dissolvam, de modo

que a transcendência seja alcançada e o sexo desapareça, porque o sexo existe na divisão. Você está ciente do que a palavra 'sexo' significa? A raiz original no latim significa "divisão", dividir. Assim, quando você chegar a Deus, você não será nem homem nem mulher. Se você for homem, você ainda está dividido — como você pode chegar ao todo? Assim, não faça desse discurso uma viagem de ego masculino, ele não é. Fizeram isso na igreja.

Tente compreender que a parte tem de ser deixada para trás, de modo que você se torne o todo. Você não deve ficar identificado com nenhuma divisão, de modo que o indivisível possa entrar em você.

Simão Pedro lhes disse: "Deixe Maria sair do nosso meio, porque as mulheres não são dignas da vida".

Essa é a mente de Simão Pedro, não a mente de Jesus. Está fadado a ser assim: é a mente de um discípulo. Ele ainda não é iluminado, não pode ver o indivisível, pode somente ver de acordo com a sua mente. Um discípulo é meio cego. Ele já começou a ver, mas ainda não completamente. Um mestre está completamente aberto, ele pode olhar para todos os fragmentos. Um discípulo ainda está no mundo da ignorância, da divisão. Esse é Simão Pedro, a mente dele. E, quando Jesus se for, Simão Pedro se tornará mais importante do que Jesus, porque Simão Pedro será mais compreensível para as pessoas — ele pertence ao mesmo mundo delas.

Pedro criou a igreja, ele se tornou a pedra — a palavra 'Pedro' significa "pedra". E toda a igreja se ergue — ele realmente provou ser uma pedra muito forte! Ninguém provou ser uma pedra tão forte, nenhum discípulo de Buda, nenhum discípulo de Mahavira provou ser como Pedro, porque a igreja católica é a igreja mais forte que já existiu na terra. Mas é por isso que ela é a mais perigosa também: força em mãos erradas. E, quando um mestre não existe

mais, os discípulos se tornam mestres, eles começam a decidir as coisas. É claro, a atitude deles só pode ser um preconceito, uma verdade compreendida pela metade, uma verdade meio cozida. E lembrem-se bem: uma mentira é melhor do que uma meia verdade, porque uma mentira pode ser exposta algum dia, mas você não pode expor uma meia verdade.

Uma mentira será destronada num dia ou noutro, porque você não pode enganar as pessoas para sempre e para sempre. Mas uma meia verdade é muito perigosa: você não pode expô-la, porque ela leva um elemento da verdade. E esse ensinamento é uma meia verdade: ele carrega um elemento, que o feminino tem de se tornar masculino. Mas isso é uma meia verdade e, se você faz disso a verdade toda, é muito perigoso. A outra metade tem de ser acrescentada. Eis por que eu disse que estaríamos navegando em águas turvas.

Eu gostaria de acrescentar a outra metade: todo homem tem de se tornar como uma mulher, porque ele também tem de aprender a esperar; ele também tem de aprender receptividade; ele também tem de aprender a não-agressividade, a passividade; ele também tem de aprender a compaixão, o amor, o serviço — todas as qualidades da mente feminina. Somente então, quando você é inteiro — nem masculino nem feminino — você se torna mesmo capaz de entrar no reino. Então, você é um deus em si mesmo, porque Deus não é nem masculino nem feminino — ele é ambos, ou nenhum dos dois.

Lembrem-se da outra parte da verdade também, caso contrário, você perderá. Ninguém é mais capaz de entrar no divino, ninguém é menos capaz. Há diferenças, mas, no todo, se você leva em conta o todo, todos são igualmente capazes de entrar no divino; todos, eu digo, são igualmente capazes. Mas há tolos que sempre usarão suas qualidades negativas e, então, não poderão entrar. E há sábios que usarão suas qualidades positivas e, então, poderão entrar.

Por exemplo: a mente feminina tem ambas as qualidades, a negativa e a positiva. A positiva é amor, a negativa é o ciúme; a positiva é o compartilhar, a negativa é a possessividade; a positiva é a espera, a negativa é a letargia, porque a espera pode parecer espera e não ser; pode ser apenas letargia. E o mesmo acontece com a mente masculina: a mente masculina tem uma qualidade positiva que indaga, vai à busca, e uma qualidade negativa que está sempre duvidando. Você pode ser um indagador sem a dúvida? Então, você escolheu o positivo. Mas você também pode ser um homem desconfiado sem indagar, simplesmente sentado duvidando.

Um filósofo na segunda guerra mundial foi para o front. Então, chegou uma carta e uma foto de sua namorada que ele estava esperando. Ela estava sentada numa praia e um outro casal estava ao fundo, um casal feliz, muito apaixonado um com o outro, em êxtase. E ela estava sentada sozinha, deprimida, triste. Por um momento, ele se sentiu muito feliz de que sua namorada estivesse triste por ele, mas no momento seguinte ele duvidou: "Quem foi o cara que tirou esta foto?". Então, ele ficou preocupado, porque devia haver uma outra pessoa que tinha tirado a foto — "Quem é o cara?". Então, ele não pôde dormir a noite toda.

É assim que a dúvida negativa funciona. Um homem tem uma qualidade positiva, pois ele está em busca do repouso, e uma qualidade negativa, pois ele é inquieto. Só por ser inquieto, não há nenhuma necessidade de ficar identificado com isso. Você pode usar sua inquietação como um trampolim para atingir um repouso tranquilo. Você tem uma energia, um ímpeto para fazer algo — você pode usar esse ímpeto para se tornar um não-fazedor, você pode usar esse ímpeto para ser um meditador. O negativo tem de ser usado a serviço do positivo, e cada pessoa tem os dois. Sempre que há uma qualidade positiva, bem ao lado existe a negativa. Se você

prestar muita atenção ao negativo, você perderá; preste mais atenção ao positivo e você alcançará.

E macho e fêmea, ambos, tem de fazer isso. Então, acontece o fenômeno mais belo do mundo. Esse fenômeno é uma pessoa indivisível, uma unidade, um todo, um cosmos interno; uma sinfonia onde todas as notas se tornaram auxiliares umas das outras, não um ruído, mas dando um ritmo, uma cor ao todo. Elas fazem o todo, criam o todo, não são contra o todo, não mais são fragmentos, entraram numa unidade. Isso é o que Gurdjieff chama de "cristalização interna", ou o que os hindus chamaram de "atingir o si-mesmo", e o que Jesus chama de "entrar no reino de Deus".

DÉCIMO NONO DISCURSO

08 de setembro de 1974. Poona, Índia.

Jesus disse:

Um homem tinha convidado amigos para um jantar e, quando tudo já estava preparado, enviou seu empregado para chamar os convidados.

Ele foi ao primeiro, e disse:

Meu senhor vos está convidando.

Ele respondeu:

Eu tenho algumas questões contra alguns comerciantes; eles virão esta noite aqui; tenho que estar presente para lhes dar as minhas ordens. Rogo ser desculpado pelo jantar.

Ele foi a um outro, e lhe disse:

Meu senhor vos convidou.

Ele respondeu:

Eu comprei uma casa e eles me requisitaram por um dia. Não terei tempo.

Ele foi a um outro, e disse:

Meu senhor vos convida.

Ele respondeu:

Um amigo meu vai se casar e estou preparando um jantar; não poderei ir. Rogo ser desculpado pelo jantar.

Ele foi a um outro, e disse:

Meu senhor vos convida.

Ele lhe disse:

Eu comprei uma fazenda e terei que coletar o dinheiro do aluguel. Não poderei ir. Rogo minhas desculpas.

O empregado voltou e disse ao seu patrão:

Aqueles que vós convidastes para o jantar, desculparam-se.

O patrão disse ao empregado:

Vá pela estrada, traga os que encontrar para virem jantar. Comerciantes e negociantes não entrarão nos lugares de meu pai.

Jesus fala por parábolas. As parábolas são muito simples, mas muito significativas. Não são literais; assim, teremos de compreender seu significado simbólico. Esta parábola de hoje está relacionada a um tipo determinado, não exatamente a comerciantes e negociantes, mas ao tipo. Você pode não ser um negociante, mas ser o tipo; você pode ser um negociante e não ser o tipo.

Assim, lembrem-se: há um determinado tipo e esse tipo determinado constitui quase noventa e nove por cento das pessoas: os negociantes e os comerciantes estão por toda parte. Eles podem estar fazendo outra coisa, mas a mente deles é a de um negociante. Assim, a primeira coisa a ser compreendida: quem é um negociante, quem é um comerciante?

Um negociante é aquele que fica ocupado com coisas insignificantes, que fica ocupado com o trivial, que fica ocupado

com o exterior, que fica ocupado com coisas, mercadorias, mas não com ele mesmo. Ele se esqueceu completamente de si mesmo, está perdido no mundo. Pensa em dinheiro, posses, mas nunca em consciência, porque a consciência não é uma mercadoria, ela não pode nem ser vendida nem comprada, não tem utilidade. Um negociante é um utilitarista: poesia é insignificante, religião é insignificante, Deus é insignificante, porque não podem ser convertidos em objetos rentáveis, você não pode ganhar dinheiro com isso. E o dinheiro é a coisa mais significativa para esse tipo. Ele pode até se vender, pode se perder, pode destruir toda a sua vida, só para acumular dinheiro. Essa é a primeira característica do tipo.

Eu ouvi contar que dois negociantes se encontraram no mercado. Era a alta estação do ano. E um disse para o outro:

— Você ouviu dizer que o Sheik Fakhrunddin, o fabricante de roupas, morreu esta manhã?

O outro disse:

— O quê!? Logo no meio da temporada!?

Nem a vida é importante, nem a morte, somente a temporada. Sua medida é o dinheiro, ele mede um homem com dinheiro: quanto você conseguiu, não "quem você é" — essa é a importância. Se você tem dinheiro, você é importante, se você não tem dinheiro, você é um ninguém. Se ele lhe presta respeito, ele presta respeito às suas posses, nunca a você. Se você perder suas posses, ele nem olhará para você.

Certa vez aconteceu:

Um rico ficou pobre. Ele estava na miséria e estava dizendo à esposa:

— Acreditei que tinha muitos amigos. Cinquenta por cento deles já me deixaram, e os cinquenta por cento restantes ainda não sabem que fiquei pobre.

Todos irão embora, nunca estiveram com você. Você não pode ter uma amizade com um negociante. Não, ele é amigo apenas do dinheiro que você tem. No momento em que o dinheiro não existir mais, a amizade desaparece — ela nunca esteve dirigida a você.

Você não pode se relacionar com um negociante, é impossível: você não pode ser uma esposa, não pode ser um marido, não pode ser um filho, não pode ser um pai para um negociante, porque ele se relaciona somente com o dinheiro. Tudo o mais está além do ponto, sua meta é o dinheiro. Se o filho dele começa a ganhar dinheiro, o filho tem valor; se o pai é rico, então, ele é seu pai; se ele é pobre, você não gostaria que as pessoas soubessem que ele é seu pai.

Isso realmente acontece todos os dias na vida: você reconhecerá um pai que é rico; se ele for pobre ou um mendigo, você não o reconhecerá — você reconhece somente o dinheiro. O negociante — o tipo — não pode amar, porque o amor é o fenômeno mais antidinheiro do mundo.

O amor está interessado no ser. O amor é compartilhar, é dar — não somente o que você possui, mas o que você é. Um negociante nunca pode ser um amante, e um negociante sempre pensa que os amantes são um pouco loucos, que ficaram malucos: estão fora dos sentidos, vivem fazendo absurdos. "Por que você está desperdiçando seu tempo? Tempo é dinheiro!" — é isso o que diz um negociante.

Eu ouvi falar de um negociante que comprou cem relógios e os espalhou pela casa inteira. Alguém perguntou:

— O que você está fazendo?

Ele disse:

— Eu ouvi dizer que tempo é dinheiro; assim, quanto mais relógios, melhor!

Todo seu interesse é dirigido para as coisas, não para as pessoas. O amor está interessado em pessoas, a mente orientada pelo dinheiro está interessada nas coisas. E esse tipo de homem está continuamente ocupado: nunca descansa. Não pode, porque há sempre cada vez mais e mais a ser acumulado. Não há fim para isso.

Um homem de amor pode descansar. Há uma satisfação quando ele descansa. Mas um homem atrás de dinheiro não pode descansar nunca, porque não há fim para aquilo. E nunca há satisfação, porque o dinheiro não pode satisfazer a alma: a alma continua vazia, o interior permanece um recipiente vazio. Você vai pondo coisas dentro dele, mas elas nunca tocam o seu vazio interior. Quanto mais você acumula, mais você fica ciente de que está vazio, de que suas mãos estão vazias: o dinheiro está com você, mas você perdeu a si mesmo. Todo o seu esforço é para não olhar para esse fato, porque isso é muito doloroso.

O negociante corre atrás do dinheiro cada vez mais e mais. Ele quer se esquecer completamente dele mesmo no dinheiro — o dinheiro se torna um intoxicante. Ele está sempre ocupado, está sempre ocupado com "coisa-nenhuma". Eu digo "coisa-nenhuma", porque no fim aquilo tudo se prova nada. Tudo o que você possui prova ser exatamente como se você tivesse fazendo desenhos na água: eles desaparecem; a morte vem e todo o seu esforço é anulado. A morte nega o negociante.

Eu gostaria de lhes dizer que somente o negociante morre, mais ninguém — mas eles constituem noventa por cento das pessoas. Somente o negociante morre, porque somente ele acumula coisas, e a morte pode acabar com todas as coisas. A morte não pode levar seu amor, a morte não pode levar seu prazer, a morte não pode levar sua meditação, a morte não pode levar o seu Deus. Mas um negociante somente fica interessado em Deus se houver algum negócio a ser feito.

Aconteceu certa vez:

O tempo estava ruim e tempestuoso, e um avião estava perdido. A neblina era tão densa que todos ficaram com medo, apavorados. Um reverendo estava a bordo; exceto ele, todos estavam chorando, gritando, transpirando. O momento era perigoso — a qualquer momento, a morte. Até o piloto estava transpirando, nervoso. O reverendo disse a todos para se ajoelharem e rezarem. Todos — exceto o negociante, um homenzinho — se ajoelharam e começaram a rezar. O reverendo perguntou ao negociante:

— Por que você não está rezando?

O homem disse:

— Desculpe-me, Padre, porque eu não sei rezar. Nunca rezei.

E não havia tempo para ensinar o homem: a qualquer momento o avião podia cair, a qualquer momento ele podia colidir contra alguma coisa. Assim, o reverendo disse:

— Tudo bem, não há mais tempo agora. Assim, comporte-se como se estivesse numa igreja.

O negociante começou a andar pela aeronave coletando dinheiro das pessoas.

O tipo — até no momento da morte ele conhece somente um jeito de se comportar na igreja: coletando dinheiro. No momento final, o dinheiro ainda permanece o foco. Essa é a primeira coisa a ser compreendida, então, você será capaz de compreender aquelas sentenças.

Segunda coisa: nesta parábola, Jesus diz que o convite de Deus está sempre presente. Muitas vezes ele vem e bate, ou sua mensagem vem e bate à sua porta. Ele o convida para um jantar, mas você está sempre ocupado e não pode ir. Você quer ser desculpado.

Pense sobre si mesmo: se um mensageiro vem e o convida, você está pronto para ir? Você tem tantas coisas para fazer e acabar antes... e você nunca será capaz de terminá-las, porque não há fim

para elas. O convite é rejeitado. Você diz: "Eu teria ido, teria adorado ir..." mas isso tudo são coisas falsas. Por que você não pode aceitar o convite? Porque coisas mais importantes têm de ser feitas: há um casamento e você tem de ir, porque é um relacionamento de negócio; ou você comprou terras e tem de ir receber o aluguel; ou alguma outra coisa. Deus é sempre o último item na lista de um negociante. E este nunca chega ao último item — antes disso, a morte chega.

Deus é o fenômeno mais inútil. As pessoas vêm a mim e perguntam: "Por que meditar? O que conseguiremos com isso?". Elas estão perguntando; "Qual é o lucro? O que vamos ganhar com isso?". E se eu digo "nada", elas simplesmente não podem compreender.

Por que as pessoas vêm a mim? Para aprender nada? Para não alcançar nada? O negociante precisa de algo visível, tangível. Se ele medita e o dinheiro começa a cair sobre ele, então, vale a pena; se ele medita e se torna bem-sucedido no mundo, então, vale a pena; se ele medita e a doença desaparece, então, vale a pena.

Mas se você diz "nada", ou "Deus" — que significa o mesmo, só a palavra difere, porque Deus é o nada — se você usa as formas de medir que se usa no mundo, o que é Deus? Você não pode categorizá-lo. Onde você o colocará? Em que categoria? Como você irá rotulá-lo? E como você decidirá o preço? Ele é nada, ele não pertence a este mundo. De que modo você pode usá-lo? Você não pode usá-lo, porque Deus não é uma utilidade, é um êxtase.

Um êxtase não pode ser usado. Você pode desfrutá-lo, mas não pode usá-lo. Qual é a diferença entre desfrutar e usar? Você olha para uma árvore, para o verde, o sol nascendo — você desfruta isso, mas você não pode vender isso. Você olha para uma flor, e se deleita com ela. Mas o negociante colherá a flor para vendê-la no mercado. Você não pode pegar Deus e ir vendê-lo no mercado. Vocês têm tentado; é por isso que existem templos, mesquitas, gurudwaras, igrejas. É desta forma que o negociante se comporta

com Deus: ele tenta vendê-lo também e ganhar algo com isso. É um grande negócio.

E o sacerdote é o negociante que virou religioso — ele não é religioso, absolutamente. Eis por que ele está sempre contra Jesus, Buda, Nanak, Kabir; ele é contra todos eles, porque essas pessoas são perigosas, elas destroem todo o negócio. Um negociante não está interessado em Deus, em poesia, em oração, em amor, em beleza, em divindade; ele não está interessado em êxtase. Simplesmente desfrutar não significa nada para ele. Ele diz: "Qual é o lucro disso?".

Um milionário visitou certa vez uma tribo primitiva. Quando desceu do trem, viu um primitivo deitado na plataforma sob uma árvore. A manhã estava linda, muito ensolarada; o ar estava límpido, fresco e calmo; os pássaros estavam cantando e o homem descansava sob a árvore. O negociante não pôde tolerar aquilo. Ele disse:

— Ei, chefe! O que você está fazendo aqui? É hora de se levantar e ganhar a vida!

O homem que estava descansando, abriu os olhos e perguntou muito docemente:

— Por quê?

Esse "por quê" não podia ser compreendido pelo negociante. Ele disse:

— Por quê?! Para ganhar algum dinheiro!

O primitivo começou a rir e perguntou novamente:

— Por quê?

Aquilo era impossível! O negociante ficou aborrecido e disse:

— Por quê?! Para ter uma conta no banco, de modo que você possa se aposentar e descansar e, depois, ficar sem precisar trabalhar.

O primitivo fechou os olhos e disse:

— Já estou descansando agora.

Isso é impossível. Descansar agora é impossível. Um negociante adia o descanso para o futuro. "Trabalhe aqui, agora. Tenha uma conta bancária, depois se aposente, depois descanse e desfrute!" Mas isso nunca chega, não pode chegar. Um negociante nunca pode se aposentar — isso não está no tipo, essa não é uma qualidade do tipo. Ele pode se aposentar de um negócio, mas imediatamente, ou mesmo antes disso, ele dará um jeito de ter um outro, porque ele não pode descansar. Ele sempre pensa no futuro. Ele adia o momento de desfrutar. Lembre-se: um homem que é religioso desfruta aqui e agora. O paraíso de um homem religioso não está em algum lugar lá no céu, no futuro. Não! Mas é assim que um negociante olha para o paraíso.

O paraíso de um homem religioso é aqui e agora, neste exato momento. Ele desfruta, ele não adia, porque ninguém sabe sobre o futuro. Não há nenhum futuro, para ser exato. Somente o presente existe. O futuro é uma falácia. É apenas um modo para consolar as pessoas de alguma forma: que algum dia você poderá desfrutar. E a sua vida inteira você fica treinando para não desfrutar, para adiar — mesmo que você entre no paraíso.

Eu ouvi dizer que aconteceu certa vez:

Quatro negociantes entraram no céu. Eu não sei como eles entraram — devem ter sido contrabandeados para lá, deram um jeito qualquer. Então, morreu um santo que conhecia aqueles quatro comerciantes. Ele entrou e os viu no céu, mas ele ficou muito espantado com o que estava vendo, porque eles estavam presos a ferros, não estavam livres. Ele não podia acreditar naquilo; então, ele perguntou ao porteiro:

— O que é que há? Eu sempre ouvi dizer que no céu há liberdade total. Por que esses homens são prisioneiros aqui? Por que os amarraram?

— São quatro negociantes e eles querem voltar para o mundo. E isso não será bom. De algum modo eles entraram aqui.

Mas, agora, permitir que voltem para o mundo...! Todo o prestígio do céu será destruído. Eles querem voltar. Eles dizem que não há negócios aqui. Então, o que fazer? Tivemos que acorrentá-los.

Um negociante permanece um negociante, porque o tipo não pode mudar assim tão facilmente — a menos que você tome consciência de toda a falácia do adiamento, do futuro, do dinheiro, das posses; a menos que você se torne tão intenso em sua consciência, que a própria intensidade queime seu tipo. E se você deixar de ser um negociante, então, você se tornará religioso.

O convite chega todo dia, ele bate à sua porta todos os dias — para ser exato, a todo o momento ele bate à sua porta. Mas você diz: "Desculpe-me, tenho muito que fazer. Depois eu vou!".

Regozijo, felicidade, bem-aventurança, repouso... não, não são para o tipo negociante; ele tem muito mais a fazer antes de poder descansar. Eis por que o convite foi negado.

Agora, tente penetrar nesta parábola. Ela é bela.

Jesus disse:

Um homem tinha convidado amigos para um jantar e, quando tudo já estava preparado, enviou seu empregado para chamar os convidados.

Ele foi ao primeiro, e disse:

"Meu senhor vos está convidando".

Ele respondeu:

"Eu tenho algumas questões contra alguns comerciantes; eles virão esta noite aqui; tenho que estar presente para lhes dar as minhas ordens. Rogo ser desculpado pelo jantar".

Um jantar é simbólico do desfrute da vida. E, para Cristo, o jantar era um fenômeno meditativo. Ele sempre gostou muito que seus discípulos, amigos, viessem para jantar junto com ele. Até na

última noite, quando ele ia ser assassinado no dia seguinte, ele teve a última ceia. Ele desfrutou comendo com as pessoas. E o cristianismo elevou todo o fenômeno a um plano religioso. Os hindus são completamente ignorantes em relação a isso. Tente compreender.

Os animais sempre gostam de comer sozinhos, nunca juntos — isso faz parte da animalidade. Se um cão pegar um pedaço de pão, ele imediatamente fugirá para um canto. Ele não gosta que ninguém fique por perto, porque existe o perigo de que o outro possa pegar o pão dele. Ele tem medo, fica temeroso. Ele come, mas come sozinho. Nenhum animal compartilha: compartilhar é absolutamente humano. E se você tentar penetrar seu inconsciente, você sempre encontrará o animal escondido ali.

Você também não gosta de comer com as pessoas, você preferiria ficar sozinho. Olhe para um *brahmin* viajando de trem; ele ficará de costas para todos, se estiver comendo. Isso é uma semelhança com os animais: ele não convida os outros. Um muçulmano convidará os outros, um cristão gostaria de convidar para compartilhar, mas um hindu não. Os hindus perderam algo de grande valor: o sentimento de estar junto e compartilhar. Quando vocês compartilham a comida, vocês se tornam irmãos. Porque você é irmão de outra pessoa? Porque você compartilha o mesmo leite. Caso contrário, não há nada mais que o faça irmão de alguém. Você compartilha o mesmo peito, você compartilha o mesmo seio, você compartilha o mesmo alimento da mesma mãe — a mãe é o primeiro alimento.

Ao compartilhar a comida, você se torna irmão e, quando você compartilha a comida, você não tem medo do outro: nasce uma comunidade. Os hindus têm uma sociedade, mas não têm nenhum sentimento de comunidade. Os muçulmanos e os cristãos são mais orientados para a comunidade, pois podem compartilhar sua comida. E o alimento é muito básico na vida, porque você depende do alimento, você morrerá sem ele. Compartilhar a comida

com os outros significa compartilhar sua vida. E Jesus elevou isso ao status de oração: você não deve comer sozinho, você deve estar junto enquanto estiver comendo. Isso é uma transcendência da animalidade em você.

Na última noite, quando tinha de partir, ele juntou os amigos, os discípulos, e eles tiveram a última ceia. Mesmo antes da morte você deve permanecer compartilhando.

E o alimento também é um símbolo de amor. Você já observou por que você ama sua mãe? Por que existe tanto amor entre a criança e a mãe? Porque a mãe é o primeiro alimento: a criança comeu-a, a mãe entrou dentro dela. E a criança, primeiramente, se conscientiza da mãe não como uma fonte de amor, mas como uma fonte de alimento. Mais tarde, quando ela cresce em consciência, então, pouco a pouco, ela sentirá amor pela mãe.

O alimento vem primeiro, o amor vem a seguir. E o alimento e o amor ficam associados, porque vêm da mesma fonte. Eis por que se você vai a uma casa e não lhe oferecem nenhum alimento, você não se sente bem: eles o rejeitaram, eles não lhe deram seu amor, eles não foram anfitriões para você. Se lhe oferecem alimento — eles podem ser pobres, podem não ter muito a oferecer, mas oferecem o que quer que tenham — você tem uma sensação de bem-estar. Você foi bem-recebido, eles compartilharam seu alimento com você — porque o alimento está associado com o amor.

Sempre que uma mulher ama um homem, ela gostaria de preparar seu alimento. Ela gostaria de servir o alimento, ela gostaria de vê-lo comer. E, se uma mulher não tiver permissão de fazer isso, ela se sentirá incomodada, porque o amor flui através do alimento. O amor é invisível, ele precisa de um veículo visível. E a qualidade do alimento muda imediatamente: se uma mulher que o ama prepara a sua comida, essa comida tem uma qualidade diferente. Essa qualidade não pode ser analisada pelos químicos, mas ela tem uma qualidade diferente.

Se um homem que está com raiva, ou uma mulher que seja contra você, que o odeie, prepara sua comida, a comida já está envenenada — porque a raiva, o ódio, a inveja são venenos no sangue. Eles têm uma radiação própria, e essa radiação passa, através das mãos, para a comida. Se uma mulher realmente o odeia e prepara sua comida, ela pode até matá-lo, sem saber — nenhum tribunal será capaz de prendê-la. É muito perigoso viver com uma mulher que prepara sua comida e o odeia; é envenenamento lento. Mas se uma mulher o ama, ela lhe dá sua vida através do alimento, ela lhe dá seu amor através da comida. Ela se passa para você através da comida.

O alimento é muito básico. Ele pode ser compartilhado e, através desse compartilhar, você pode deixar sua animalidade para trás, você pode se tornar humano. Os hindus são uma das sociedades mais antigas, mas uma das sociedades mais inumanas, exatamente porque nunca se interessaram pelo compartilhar. Ao invés, criaram todos os tipos de barreiras, a fim de não compartilhar: um brahmin não pode comer com um sudra; um brahmin não pode comer com um *vaishya*, um negociante; um brahmin não pode comer com uma casta inferior. E, se você não pode comer com o outro, você rejeita o outro como humano. Se você não pode comer com alguém, isso mostra que você se acha superior e o outro muito inferior — existe uma fenda separando. Essa fenda é a mais inumana do mundo.

Jesus baseou muito de sua religião no compartilhar. Ele fala muitas vezes de Deus convidando as pessoas para um jantar. Esse homem da parábola convidou seus amigos para um jantar — e jantar é desfrutar, um puro desfrute do ser, do corpo. Desfrutar a comida e se esquecer de tudo é uma gratidão para com Deus.

O empregado foi até o primeiro, mas este respondeu: "Difícil... eu não posso ir, rogo ser desculpado".

Ele foi a um outro, e lhe disse:

"Meu senhor vos convidou".

Ele respondeu:

"Eu comprei uma casa e eles me requisitaram por um dia.

Não terei tempo".

Um negociante nunca tem tempo para si mesmo: nenhum tempo para desfrutar, nenhum tempo para meditar, nenhum tempo para amar. Está sempre com pressa. A ambição o faz tão febril, que ele não pode ter nenhum tempo.

Se você for ambicioso, você não terá tempo. Se você é não-ambicioso, você tem a eternidade aos seus pés. Um homem não-ambicioso tem tanto tempo para desfrutar e dançar e cantar que você nem pode conceber. Um homem ambicioso não tem nenhum tempo. Mesmo para amar, ele não tem tempo, porque há sempre o futuro, a conta bancária, o dinheiro que ele tem de conseguir com seu tempo se esse tempo for bem empregado. Um negociante até mesmo só sonha com negócios, só pensa em negócios.

Ele foi a um outro, e disse:

Meu senhor vos convida.

Ele respondeu:

Um amigo meu vai se casar e estou preparando um jantar; não poderei ir. Rogo ser desculpado pelo jantar.

Ele foi a um outro, e disse:

Meu senhor vos convida.

Ele lhe disse:

Eu comprei uma fazenda e terei que coletar o dinheiro do aluguel. Não poderei ir. Rogo minhas desculpas.

Eles todos estavam ocupados, não tinham nenhum tempo. Você também é ocupado? Então, você é um negociante. Ou tem algum tempo para desperdiçar, para meditar, só para estar no aqui e agora, cantar e dançar; ou para não fazer nada, simplesmente deitar-se sob uma árvore e desfrutar a existência? Parece bobagem...? Então, você é um negociante, então, você não é religioso. Mas, se você sente que isso é significativo, significativo — simplesmente ser, sem nenhum negócio à volta, sem estar de modo algum ocupado com qualquer coisa, desocupado — então, você é um homem religioso,

Lembre-se: a mente precisa de ocupação, ocupação constante — porque a mente não pode existir sem ocupação. Você deve ter ouvido esta historia:

Aconteceu certa vez, um homem fez reviver um fantasma, um gênio. O gênio disse:

— Há somente uma condição: precisarei de trabalho constante. Se você puder me suprir de trabalho constante, então, serei um escravo para você. Mas se você parar de me suprir de trabalho, então, você estará em perigo, eu o matarei imediatamente.

O homem devia ser um negociante, Ele disse:

— É isso o que eu quero! Já tive centenas de serviçais, mas todos preguiçosos, ninguém quer trabalhar. Essa condição é boa, é a meu favor. Eu lhe darei tanto trabalho quanto você goste, mais do que você possa fazer!

Ele não estava consciente do que estava dizendo e do que iria acontecer. Foi para casa muito feliz. Muitas, muitas ambições de muitos, muitos anos ele ordenou ao gênio. Mas em um minuto elas estavam todas acabadas e o gênio voltou. Ele disse:

— Agora, me dê outro trabalho.

Então, o homem começou a ficar com medo, por que onde encontrar tanto trabalho? Nem ele, um negociante, podia achar! Ele deu um outro trabalho. O gênio voltou. De manhã, o negociante

estava em perigo. Ele foi correndo ao encontro de um santo sufi e perguntou:

— O que fazer? Esse gênio me matará, ele terminou tudo o que pude pensar!

O santo sufi era um matemático. Ele disse:

— Vá e diga-lhe para fazer de um círculo um quadrado. Dê-lhe algo impossível que ele não possa fazer, caso contrário, ele o matará.

O negociante já morreu, mas o gênio ainda está tentando, ainda está ocupado.

Um negociante tem um gênio interno, e todos os desejos são impossíveis. Não apenas um círculo não pode ser enquadrado, nenhum desejo pode ser enquadrado tampouco. Todos os desejos são impossíveis. Mas a condição da mente é a mesma: "Dê-me trabalho, não me deixe vazia". Não que a mente o irá matar, mas ela pode matar seu ego se você não lhe der nenhum trabalho. Sempre que você tem trabalho, você está fazendo alguma coisa, você se sente muito bem, você é alguém. Sempre que você não tem trabalho, quando você não está fazendo nada, sua identidade é perdida, você não é ninguém.

Ainda outro dia eu estava lendo um livro, um livro sobre o movimento *Hare Krishna*. O nome do livro era *O mundo de Hare Krishna*. A mulher que escreveu o livro, se refere ao Dr. S. Radhakrishnan, antigo presidente da Índia, como o falecido Dr. Radhakrishnan — porque sempre que um político sai do poder, ele já está "morto". Ela pode não saber que ele está vivo, porque os jornais de repente se esquecem do homem que está fora do ofício. Agora onde está Nixon? Esquecido! Onde está Giri? Esquecidos, jogados na lata de lixo, ninguém se importa com eles. Somente quando eles morrerem haverá uma pequena nota nos jornais. Eis por que todos se agarram ao posto, ao trabalho. Ninguém quer se

aposentar, porque, uma vez aposentado, onde fica sua identidade? Você era alguém, agora, você virou ninguém.

O gênio da mente tem uma condição: "se você me der trabalho, eu lhe darei o ego, você será alguém. Se você parar de me dar trabalho, você não será ninguém. Lembre-se: se eu ficar vazia, você ficará vazio — você existe comigo".

Um negociante é um seguidor da mente. Ele permanece fornecendo trabalho. O ego fica fortalecido, mas a alma é perdida. Trata-se de um suicídio, mas muito sutil.

Se você puder viver por alguns momentos sem trabalhar e ainda assim se sentir agradecido a Deus, se você puder ser um ninguém e ainda assim se sentir grato, agradecido à existência, então, você é um homem religioso. Então, seu valor não vem do que você está fazendo, não vem de lá; seu valor não vem do seu fazer, seu valor vem do seu ser; então, seu valor não está no banco: está em você. Então, você é valioso. O mundo pode não reconhecer isso, porque o mundo reconhece o negociante. O mundo pode se esquecer de você completamente. Você pode passar pela rua e talvez ninguém lhe deseje bom-dia. É possível que ninguém olhe para você. Isso é possível, isso acontece, porque ninguém jamais olhou para você. Era o trabalho que você estava fazendo que era importante. Agora, o trabalho acabou, você não mais existe — você virou uma não-entidade.

Mas, se você pode ser feliz se tornando uma não-entidade, você se tornou um *saniáassin*, você entrou no outro mundo do divino. Agora, você pode desfrutar a beleza e a lua cheia. Agora você pode desfrutar o verdor das árvores e as ondas no lago. Agora você pode desfrutar tudo, e o todo está aberto e convidando a você.

O convite está sempre presente, mas você não tem nenhum tempo para olhar para ele. Você está sempre ocupado e você quer ser desculpado.

Durante muitas, muitas vidas você esteve dizendo: "Por favor me desculpe, eu não posso ir. Alguém está se casando e eu tenho de

ir lá. Não posso ir porque tenho de comprar uma casa". O que você está dizendo? A vida o convida para viver em êxtase e você rejeita o convite e, depois, diz: "estou sofrendo", "tenho sido rejeitado". Então você pergunta por que há tanto sofrimento na vida. Você rejeita todos os convites para ser feliz. As árvores o convidam, a lua o convida, as nuvens o convidam, o rio o convida. Toda a existência o convida de todos os lados. Mas você diz "desculpe-me". A rosa o convida e você passa ao largo e diz: "Desculpe-me, não posso ir até aí porque estou indo ao casamento de um amigo".

O empregado voltou e disse ao seu patrão:

"Aqueles que vós convidastes para o jantar, desculparam-se ".
... Eles não vêm.

O patrão disse ao empregado:

"Vá pela estrada,
traga os que encontrar para virem Jantar.
Comerciantes e negociantes
não entrarão nos lugares de meu pai".

Isso tem de ser compreendido; o convite primeiro foi enviado para pessoas respeitáveis, para pessoas que eram "alguém", pessoas que tinham atingido alguma identidade com o ego — o presidente, o primeiro ministro; o convite foi enviado para aqueles que eram "alguém", os VIP's. Eles recusaram, porque estavam muito ocupados e não podiam ir. Agora, o convite foi enviado aos mendigos, aos hippies, para os que viviam na estrada.

Isso é uma coisa muito significativa de ser compreendida: aqueles que pensam que são muito respeitáveis, perdem o divino. Até os mendigos alcançam e os imperadores perdem, porque os mendigos estão sempre na estrada. Você os convida e eles estão prontos. Eles nunca dirão "Desculpe-me": eles não têm nada do que

se desculpar. Eles estão simplesmente esperando. Você chama e eles vêm, eles estão na estrada.

Assim, o mestre disse: "Vá pela estrada, traga os que encontrar..." Você não encontrará gente respeitável lá: o prefeito e o presidente e o milionário. Não, você não os encontrará nas estradas, eles nunca estão lá. Vocês encontrarão os mendigos, gente que se extraviou, gente que não tem nada a fazer, vagabundos perambulando — você os encontrará.

Isso é muito significativo. Buda saiu de seu palácio e se tomou um mendigo; Mahavira saiu do seu reino e se tornou um faquir nu, pelas estradas — *paribrajaka*, sempre na estrada. O que isso significa? Agora, essas pessoas receberão o convite. E elas estão sempre prontas, não têm nada que as faça dizer "não posso ir". Não há nenhum casamento que tenham que comparecer, não têm nenhuma casa para vender ou comprar; não têm nada para fazer, estão sempre em repouso e à vontade.

O patrão disse: Agora, "... Vá pela estrada, traga os que encontrar para virem Jantar".

Os que são alguém no mundo do ego sempre recusarão o convite, porque o ego precisa de constante ocupação e não pode desfrutar. É como uma ferida: pode fazer sofrer, mas não pode dar prazer. Não é como uma flor, é como uma ferida.

Então, os que são como flores, os que já estão desfrutando, mesmo que não tenham recebido o convite, estão no jantar; os que já entraram na existência e que são alegres; os que não têm preocupações e cargas para carregar — os que estão na estrada...

Aquela pode ter sido uma noite de lua cheia... "Agora vá e traga os 'ninguéns'... porque Deus tem de compartilhar. Se os VIP's não vêm, então, os 'ninguéns'... mas Deus tem de compartilhar". E os mendigos desfrutam de Deus mais do que os imperadores, porque têm a qualidade de serem desocupados. Não são homens de

negócio, não são utilitaristas; vivem no momento, não adiam para o futuro.

Ouvi contar sobre um mendigo:

Um homem de negócios estava passando e o mendigo pediu dois ou três *annas* para tomar um chá. O negociante estava com pressa, como os negociantes sempre estão. Ele disse:

"Da próxima vez, quando passar, eu lhe darei. Agora estou com pressa".

O mendigo disse:

"Por favor, eu não sou um negociante e não posso viver de promessas. Ou dá ou não dá, ou diz "sim" ou "não", mas nada de futuro. Sou um mendigo, não posso viver de promessas, não há futuro para mim".

Um negociante vive de promessas; toda a sua vida é investida em notas promissórias. Ele vende seu presente por algum sonho no futuro.

E Jesus diz: "Comerciantes e negociantes não entrarão nos lugares de meu pai".

A situação é a mesma no que diz respeito a Deus, O Pai, e seu lugar, seu palácio. Se você disser "eu virei algum dia no futuro", você perderá. Se você diz: "Estou pronto agora mesmo. Não há nada que me prenda. Estava esperando pelo seu convite para começar a ir ao seu encontro"... somente então, você será capaz de entrar no reino de Deus.

Como você pode rejeitar os convites da vida? Mas você os tem rejeitado. Qual é o mecanismo dessa rejeição? As pessoas pensam que os saniássins renunciam à vida. Eu lhes digo que isso está absolutamente errado: somente os negociantes renunciam à vida; os saniássins desfrutam a vida, eles não renunciam a ela. Parece uma renúncia aos olhos de um comerciante e de um

negociante, mas ao contrário, os saniássins simplesmente desfrutam a vida: não estão renunciando a nada. Eles desfrutam mais intensamente, eis tudo. Desfrutam tão totalmente, que, se morrem neste exato momento, não haverá reclamação. Eles dirão: "Nós vivemos, desfrutamos. É o suficiente!".

Até mesmo um simples momento de vida de um saniássin é um preenchimento. Se ele morre, ele está feliz. Mas um negociante... mesmo milhões de vidas e ele não terminou seu trabalho; o trabalho é de tal ordem, que não pode acabar.

Há uma velha história nos Upanishads: Certo rei, Yayati, estava morrendo e já completara cem anos de idade. A Morte veio e Yayati disse: "Não é possível levares um de meus filhos? Porque eu ainda não vivi. Estava tão ocupado com os trabalhos do reino, que me esqueci completamente de que tinha de deixar este corpo. Eu ainda não vivi — é muito cruel me levares agora, porque toda oportunidade está perdida. Eu estava servindo ao povo e ao reino e não pude viver. Assim sê gentil comigo!".

A Morte disse: "Está bem, pergunte a seus filhos".

Yayati tinha cem filhos. Ele perguntou, mas os mais velhos já tinham se tornado espertos. A experiência torna as pessoas espertas, calculistas. Eles ouviram, mas não arredaram pé de suas posições. O mais jovem — ele era tão jovem, tinha apenas dezesseis anos — aproximou-se e disse: "Aceito".

Até a Morte sentiu pena do garoto, porque se um velho de cem anos ainda não viveu, como poderia aquele jovem de dezesseis já ter vivido? Ele não tinha nem sequer começado!

A Morte disse: "Você não sabe nada, você é inocente. Seus noventa e nove irmãos, por outro lado, estão calados. Alguns deles já devem ter chegado aos setenta, setenta e cinco anos. Eles estão velhos, e a morte deles virá mais cedo ou mais tarde. É uma questão de alguns anos. Mas por que você?".

O jovem disse: "Se meu pai não pôde viver em cem anos, como eu posso esperar viver? A coisa toda é inútil! Para mim, basta compreender que meu pai não pôde viver em cem anos, mesmo que eu viva cem anos, não há nenhuma possibilidade de viver. Deve haver algum outro modo de viver. Através da vida, parece que a vida não pode ser vivida; assim, tentarei através da morte. Permita-me, e não crie barreiras".

É isso o que um saniáassin está dizendo: "Se eu não pude viver através da vida do ego, eu viverei através da morte do ego. Assim, leve-me!".

O filho foi levado e o pai viveu mais cem anos. Então, a Morte voltou novamente. O pai ficou novamente surpreso. Ele disse: "Tão cedo!? ...Porque eu pensava que cem anos fosse muito tempo, que não havia necessidade de me preocupar. Eu não vivi ainda. Eu tentei, planejei, e agora tudo está pronto e eu estava exatamente começando a viver, e vens novamente! Assim é demais!".

E isso aconteceu dez vezes: cada vez um filho doava sua vida e o pai vivia.

Quando ele estava com mil anos, a Morte veio e perguntou a Yayati: "Qual é a sua ideia agora? Devo levar um outro filho novamente?".

Yayati disse: "Não, porque agora sei que mesmo mil anos são inúteis. É a minha mente, não é uma questão de tempo. Eu não paro de ficar envolvido nos mesmos absurdos. Fiquei habituado a desperdiçar a existência e o ser. Assim, agora isso não vai adiantar".

Yayati deixou escrito para as gerações vindouras, de modo que vocês possam se lembrar; "Muito embora tenha vivido mil anos, não pude viver devido à minha mente. Ela está sempre interessada no futuro e eu sempre perdi o presente. E a vida está no presente".

Se você não estiver aqui e agora, você continuará perdendo a vida. O convite sempre foi dado a você, mas você nunca estava ali,

nunca foi encontrado em casa; você estava envolvido em algum outro lugar. E, então, você diz que sofre, e pergunta: "Por que tanta miséria?". E todos parecem ser miseráveis: os que viveram muito parecem miseráveis; os que não viveram parecem miseráveis. Gente jovem, gente velha, todos parecem miseráveis. Porque a mente é a mesma.

Certa vez eu vi um anúncio na janela de um restaurante. Estava escrito no vidro da janela: "Não fique parado aí fora com cara de miserável — entre e farte-se!". Assim, se você permanece parado do lado de fora, você fica miserável e, se você entra, você fica farto e se torna miserável também.

A mente é miséria. "Dentro" ou "fora" não adianta; cem anos, mil anos, nada adianta; uma vida, muitas vidas não adianta nada — a menos que você se torne consciente de que esta mente que você está carregando, a mente de um negociante, é a barreira. Abandone esta mente e o sãias acontece.

E Jesus diz: "Comerciantes e negociantes não entrarão nos lugares de meu pai".

Eles perderão por si mesmos — não que as portas não estejam abertas. Eles perderão por si mesmos — não que o convite não tenha sido dado. O convite está eternamente presente; é um convite presente, para sempre e para sempre. E o mensageiro vem todos os dias.

Jesus era um mensageiro, mas os judeus o rejeitaram. Buda era um mensageiro, os hindus o rejeitaram. O mensageiro vem todos os dias, bate à sua porta, mas você diz "estou ocupado".

Aconteceu na vida de Buda:

Ele passou por certa aldeia muitas e muitas vezes, quase trinta vezes. E um homem estava sempre pensando em ir ouvi-lo, mas havia sempre uma coisa ou outra: a esposa estava doente, ou a esposa estava grávida, ou havia muitas pessoas, hóspedes na casa,

ou havia algum negócio a resolver, ou alguma coisa ou outra. Buda chegava e partia e o homem não conseguia ir vê-lo.

Trinta vezes em trinta anos, Buda passou pela aldeia. E, então, certo dia de repente, de manhã, quando estava indo abrir sua loja, o homem ouviu dizer que Buda ia morrer naquele dia. Então, ele ficou ciente do que havia perdido, mas, então, era tarde demais. Ele saiu correndo — Buda estava a dez, quinze milhas de distância. Ele chegou à noite.

Buda tinha se recolhido. Ele perguntara aos discípulos: "Vocês têm algo a perguntar?".

Mas eles estavam chorando e se lamentando, e disseram: "Você já disse o bastante e não compreendemos nem mesmo isso. Não temos mais nada a perguntar".

Assim, Buda perguntou três vezes, como era seu hábito, porque, como ele dizia, "vocês são tão surdos, que podem perder repetida e repetidamente". Ele costumava dizer toda frase três vezes, de modo que pudessem ouvir.

Então ele foi para trás de uma árvore. Sentou-se descansadamente, fechou seus olhos e começou a se dissolver no universo.

Então, aquele homem chegou correndo, transpirando, e perguntou: "Onde está Buda? Tenho de lhe perguntar algo. E esperei tanto tempo!".

Os discípulos disseram: "Você chegou muito tarde. Buda passou pela sua aldeia e nós sabemos que ele sempre perguntava por você, e você nunca veio. Trinta vezes ele passou pela sua aldeia. Ele esteve sempre perto de sua casa; a aldeia é pequena — bastava um minuto de caminhada e você teria chegado até ele. E ele sempre perguntava se aquele negociante tinha vindo ou não, e sempre tivemos de dizer 'não'. Às vezes os *bhikkhus* iam até você e o convidavam, e você dizia: 'Desta vez é impossível, porque é a temporada das vendas; desta vez é impossível, porque minha

esposa está grávida; desta vez é impossível, porque chegaram hóspedes em minha casa". E agora você vem, mas é tarde demais."

Esta é uma das histórias de maior compaixão. Buda saiu da sua meditação e disse: "Ele pode ter se desviado, mas meu convite ainda está de pé. Ele pode estar atrasado, mas eu ainda estou vivo. Assim, deixe-o perguntar. Estava esperando por ele, estava retardando minha dissolução, porque esperava que ele viesse agora, ao ouvir dizer que eu estava para morrer".

Abandone a mente negociante! Do contrário, você já perdeu muitos budas antes e pode perder nova e novamente. E perder se torna uma rotina para você, torna-se um hábito. Jesus está certo:

"...Comerciantes e negociantes não entrarão nos lugares de meu pai".

Este reino não é para eles, porque eles não estão interessados neste reino, absolutamente: o interesse dele é no reino deste mundo. Seus olhos estão focados para baixo, eles olham para baixo, olham para o material, para o mundo. Devido ao modo como o olhar está focado, eles não podem ver acima. Então, o convite fracassa — eles ouvem, mas se desculpam.

Vocês têm escolhido o não-essencial e rejeitado o essencial. Vocês têm escolhido o que não tem valor, vocês têm escolhido o que intrinsecamente irá morrer e rejeitado o imortal. Vocês têm escolhido o corpo e rejeitado o interior, o mais interno, a consciência. E, seja o que for que você escolha, você se move naquela direção.

Seja cuidadoso quanto a isso. Olhe para a situação, não comece a pensar sobre os outros: "Aquele homem é um negociante". Olhe para si mesmo, porque de cem pessoas, noventa e nove são negociantes — há toda a possibilidade de que você seja um negociante... Não pense que você é uma exceção, porque essa exceção é totalmente diferente. Essa exceção já entrou, ela já está jantando com Deus.

VIGÉSIMO DISCURSO

09 de setembro de 1974. Poona, Índia.

Seus discípulos lhe perguntaram:

Quando o repouso dos mortos virá e quando o novo mundo virá?

Ele lhes disse:

O que vocês esperam já veio, Mas vocês não o reconhecem.

Seus discípulos lhe disseram:

Vinte e quatro profetas falaram em Israel e eles todos falaram sobre ti.

Ele lhes disse:

Vocês recusam o vivo que está diante de vocês, e ficam falando sobre os mortos.

Jesus disse:

Lancei fogo sobre o mundo e, veja, estarei vigiando o mundo até que esteja em chamas.

Isso tem acontecido repetidamente: Jesus vem, mas vocês não o reconhecem; Buda vem, mas vocês não o reconhecem. Por que isso acontece...? E depois, durante séculos e séculos, vocês ficam pensando em Jesus e Buda. Então, as religiões são criadas; então, grandes organizações são criadas para aquele que você nunca reconheceu quando estava aqui. Por que vocês perdem o Cristo

vivo? Isso tem de ser compreendido, porque deve ser algo muito profundamente enraizado na mente, na própria natureza da mente. Não se trata de um erro individual, não se trata de engano cometido por este ou aquele homem. Durante milênios tem sido cometido pela mente humana.

É preciso penetrar a mente para compreendê-la. Uma coisa: a mente não tem nenhum presente, ela somente tem passado e futuro. O presente é tão fino, que a mente não pode agarrá-lo. No momento em que a mente o agarra, ele já virou passado. Assim, a mente pode lembrar-se do passado, pode desejar o futuro, mas não pode ver o presente. O passado é vasto, o futuro também é vasto; o presente é tão atômico, tão sutil, que, na hora em que você toma ciência dele, ele já se foi. E você não é tão consciente assim! Uma grande intensidade de consciência-em-si é necessária, somente então, você será capaz de ver o presente. Você tem de estar completamente alerta; se você não estiver totalmente alerta, o presente não pode ser visto. Você já está embriagado com o passado e com o futuro.

Ainda outro dia aconteceu...

O Mulla Nasruddin veio me ver. Ele chamou um táxi, entrou e disse:

— Motorista, leve-me até a Osho Commune.

O motorista saiu do carro muitíssimo aborrecido, porque o táxi estava parado diante do número 17 da Koregaon Park (exatamente no endereço da osho commune).

Ele abriu a porta e disse para o Mulla Nasruddin:

— Camarada, nós já chegamos na comuna. Pode sair!

Nasruddin disse:

— Está bem, mas não dirija tão depressa da próxima vez.

A mente é bêbada. Não pode ver o presente, o que está diante de você. A mente está cheia de sonhos, desejos. Você não tem uma presença. Eis por que se perde Jesus, perde-se Buda, perde-se

Krishna e, depois, durante séculos, vocês choram e se lamentam; depois, durante séculos, vocês se sentem culpados. Durante séculos vocês pensam, oram, imaginam e, quando Jesus está presente, vocês perdem. Jesus só pode ser encontrado se você alcançar uma presença de espírito, uma presença tal que não exista nenhum passado, que não exista nenhum futuro. Somente tal presença pode olhar para o presente. E, então, o presente é eterno. Mas a eternidade está na profundidade, não é um movimento linear, não é horizontal — é vertical.

A segunda coisa a se lembrar: você pode compreender o passado, porque para compreender qualquer coisa você precisa de tempo para pensar, teorizar, filosofar, sistematizar, argumentar. Então, intelectualmente, você pode classificar as coisas. Mas, quando Jesus está presente, você não pensa — você não tem nenhum tempo para pensar. A mente precisa de tempo para pensar. Ela tateia no escuro. De algum modo, ela cria uma espécie de compreensão, que não é compreensão absolutamente. Se você tem compreensão, então, você pode olhar diretamente dentro do fato e a verdade do fato é revelada. Se você não tem compreensão, você tem de pensar.

Lembre-se: um homem de compreensão nunca pensa, ele simplesmente olha para o fato. O próprio olhar revela. Um homem sem compreensão pensa. Ele é apenas como um cego que quer sair desta casa: antes de sair da casa, ele tem de pensar: "Onde fica a porta, onde fica a escada, onde fica o portão?". Mas um homem com olhos, se ele quiser sair, ele simplesmente sai. Ele nunca pensa: "Onde está a porta, onde está a escada, onde está o portão?". Como ele pode olhar, não há necessidade de pensar.

Se você é cego, então, há muita necessidade de pensar. O pensamento é um substituto, ele esconde sua cegueira. Um homem que pode ver diretamente, nunca pensa: Jesus não é um pensador, Aristóteles é um pensador; Buda não é um pensador, Hegel é um pensador. Um homem que é iluminado, nunca pensa, ele

simplesmente olha, ele tem olhos de ver. E o próprio olhar revela onde está o caminho, onde está a porta, onde está o portão e, então, ele vai.

Quando Jesus está presente, o portão está aberto. Mas você é cego; há toda a possibilidade de que você pergunte ao próprio Jesus: "Onde está a porta? Onde está o portão? Para onde devo ir?".

Há uma famosa pintura de William Hunt. Quando ela foi exibida em Londres pela primeira vez, os críticos levantaram questões. É uma pintura de Jesus, uma das mais belas: Jesus está parado numa porta. A porta está fechada e parece que esteve fechada por toda a vida, pois as ervas daninhas cresceram ao seu redor; ninguém a abriu, parece, durante séculos. Ela parece muito velha, carcomida. Jesus está em pé junto à porta e a pintura é intitulada "Olhe, estou à porta!". Há uma aldrava na porta, e uma das mãos de Jesus segura aquela aldrava.

A pintura é bela. Mas os críticos sempre procuram por algum erro; toda a mente deles se move em direção ao que possa estar faltando. Eles realmente encontraram um erro: a aldrava está ali na porta, mas não há maçaneta. Assim, eles disseram a Hunt: "A porta está bem, Jesus está bem, mas de uma coisa você se esqueceu: não há nenhuma maçaneta na porta".

Hunt riu e disse: "Esta porta abre por dentro". — Jesus está em pé junto à porta do homem, do seu coração. Ele não pode abrir por fora; assim, não há necessidade de nenhum puxador, há somente uma aldrava. Abre por dentro, a porta do coração.

Jesus vem e bate à sua porta... mas você começa a pensar. Você não abre a porta; ao invés, você pode até ficar assustado e fechá-la ainda mais: "Quem sabe que tipo de homem está parado aí fora? Parece um mendigo! E quem sabe o que ele irá fazer uma vez que você abra a porta?". Quando você abre o coração você fica vulnerável; então, você não está tão seguro e a salvo. E este homem parece um absoluto estranho. Você não pode confiar. Eis por que quando Jesus vem até sua porta, você perde.

Primeiramente, você é cego, não pode ver, pode somente pensar. Em segundo lugar, você tem medo, fica apavorado com o desconhecido. Mas, no que diz respeito ao passado, você fica à vontade, porque muito tempo já passou, muitas pessoas já pensaram, já criaram teorias, já lhe supriram com tudo o que você precisava. Agora, você pode olhar nos livros — os livros são mortos. Mas você pode pensar sobre Jesus e chegar a uma convicção. E, então, não há nenhum perigo tampouco, porque mesmo que você abra seu coração para um livro, nada vai acontecer. Assim, milhões de cristãos continuam lendo a Bíblia todos os dias, os budistas continuam lendo o Dhammapada todos os dias. Eles repetem de um modo mecânico, todos os dias o mesmo, repetidamente. Não há nenhum perigo, porque o livro não é um fogo.

Mas Jesus é um fogo: uma vez que você abra seu coração, você será queimado totalmente. Uma vez que um estranho entre no seu coração, o desconhecido penetrou o conhecido. Agora, sua mente como existia antes, não pode existir nunca mais; você não pode ser mais o mesmo novamente. Uma descontinuidade aconteceu, o passado morreu — até mesmo em sonhos ele não pode mais ser refletido; tudo o que você tinha acumulado se foi. Este homem vai queimá-lo completamente, este homem será uma morte. Mas você fica apavorado, porque você não sabe que depois de toda morte há nascimento. Quanto maior a morte, maior o nascimento — quanto mais total a morte, mais total o nascimento. E este homem irá lhe dar uma morte total.

Você tem medo. Quem é esse que tem medo? Esse que tem medo dentro de você, é precisamente aquele que não é você. É o ego, sua acumulação do passado, sua identidade: você é um homem de posição, de prestígio, de poder, um homem de conhecimento, de respeitabilidade. Esse ego vai ser despedaçado completamente por este homem. Esse ego lhe diz: "Fique alerta! Não abra a porta tão facilmente. Ninguém sabe quem é esse homem. Primeiro se assegure". E quando você já tiver se assegurado, Jesus já terá ido

embora, porque ele não pode esperar à sua porta para todo o sempre. É um fenômeno tão raro: a penetração do desconhecido no conhecido, a penetração da eternidade no tempo. O encontro de Jesus com você é um fenômeno tão raro, que acontece somente em certos momentos e, então, se vai. Você perde — você não tem a presença de espírito.

Ouvi dizer que aconteceu certa vez:

Um miserável ganhou cinquenta mil rúpias do governo, porque ele estava viajando num trem quando houve um desastre. E ele fez uma petição. Seus ossos quebraram, houve muitas fraturas, mas ele ficou muito feliz quando conseguiu cinquenta mil rúpias. Ele andou por toda a cidade contando às pessoas as boas novas:

— Ganhei cinquenta mil rúpias e minha esposa ganhou vinte e cinco mil rúpias!

Então, um amigo perguntou:

— Mas a sua esposa também foi ferida no desastre?

O miserável disse:

— Não! Mas mesmo naquele caos, na hora do desastre, naquele acidente, eu tive a presença de espírito de chutar os dentes dela. Ela não estava ferida, absolutamente, mas eu tive a presença de espírito de dar um chute nos dentes dela. Assim, ela também conseguiu vinte e cinco mil rúpias.

Neste mundo, às vezes, você usa a presença de espírito — por razões erradas, é claro. Mas, quando Jesus vem, quando Buda vem, você nunca usa a presença de espírito, porque é perigoso. Aquilo não irá lhe dar nada; ao invés, pelo contrário, irá tirar-lhe tudo que você tem. Você não irá ganhar vinte e cinco mil rúpias do seguro, ou do governo; ao contrário, todo o tesouro que você tem acumulado, simplesmente irá por água abaixo. Assim, sempre que um Jesus está presente, você nunca olha para seus olhos diretamente. Você olha desse e daquele jeito, olha de lado... Você

nunca o encara. Seus olhos se movem para a esquerda e para a direita, sua mente se move para o passado e para o futuro... Mas, diretamente, imediatamente, você é esperto. Você perde, porque lá no fundo você queria mesmo evitá-lo.

Jesus é um desconforto. Encontrá-lo é inconveniente, porque ele despedaça seus ajustamentos completamente. Ele o faz ciente de que você tem sido absolutamente errado, ele o faz sentir que você tem pecado, ele o faz sentir que você perdeu a rota. Ele o faz sentir que sua vida toda foi um desperdício, que você não chegou a lugar nenhum, que você tem estado parado no mesmo lugar por milhões de vidas.

É claro, você fica inquieto diante dele, você começa a balançar e a tremer lá no fundo. O único meio é evitar, e você é muito esperto quando se trata de evitar. Você evita de tal modo, que nem você fica ciente de que está evitando.

Agora, tente compreender estas palavras:

Seus discípulos lhe perguntaram:

"Quando o repouso dos mortos virá e quando o novo mundo virá?".

Os judeus estão esperando há séculos pelo dia em que os mortos serão ressuscitados, pelo dia em que nascerá uma nova ordem mundial de paz, de bênção — uma ordem divina. Este mundo é feio. Da forma que é, é como um pesadelo. E o único meio de tolerá-lo é esperar que algum dia, isso não mais seja assim, que o pesadelo terminará. Algum dia, este mundo horroroso desaparecerá e um novo mundo de beleza e verdade e bondade nascerá. Isso é um truque da mente. Isso é intoxicante, dá esperança a você. E a esperança é a maior bebida alcoólica — nada pode ser comparado a ela. Se você pode esperar, você pode permanecer bêbado para todo o sempre. Isso lhe dá uma possibilidade para esperar: "Este mundo

não é o derradeiro, essa feiúra não é a derradeira, esta vida não é a verdadeira vida. A vida real está para vir". É assim que uma pessoa não-religiosa pensa.

Uma pessoa religiosa aceita seja o que for, não fica esperando por outra coisa acontecer; ela aceita este mundo como ele é, esta vida como ela é. Ela tem uma profunda aceitação: é agradecida até por isso, não fica reclamando. Ela não diz "isto é feio e isto é ruim e isto é um pesadelo". Ela diz: "O que quer que seja, é belo. Eu o aceito". E através dessa aceitação, ela nasce, ela se torna um novo homem e um novo mundo está presente. Este é o modo de se entrar no novo mundo. Se você simplesmente esperar, ficar esperando que algum dia este mundo mude, ele nunca irá mudar — ele sempre foi assim. Desde que Adão e Eva deixaram o jardim do Éden, ele permaneceu assim.

Na China, há um provérbio: 'Progresso' é a palavra mais velha.

Sempre, a mente humana tem pensado que estamos progredindo. Nós não estamos indo para lugar nenhum, o mundo tem permanecido o mesmo. Os detalhes podem mudar, mas a substância permanece a mesma; é sempre a mesma roda e ela se move no mesmo trilho.

Uma pessoa religiosa é aquela que aceita este exato momento — seja qual for o caso — e, através dessa aceitação, ela nasce renovada, o morto é ressuscitado. Isso é um renascimento. E, quando seus olhos ficam diferentes, o mundo todo fica diferente, porque o mundo não é a questão: o jeito que você olha para ele é a questão. O jeito que você o aborda é a questão — sua atitude é seu mundo. Este mundo é neutro: para um Buda ele se parece com *moksha*, a suprema beleza e êxtase; para você ele se parece com o inferno, o último, o sétimo — nada pode ser pior do que isso. Depende de como você olha para ele.

Quando você renasce, tudo renasce com você: as árvores serão as mesmas e, contudo, não serão as mesmas; os montes serão

os mesmos e, contudo, não serão os mesmos — porque você mudou. Você é o centro do seu mundo, e, quando o centro muda, a periferia tem de seguir, porque o mundo é apenas uma sombra ao seu redor. E aqueles que estão esperando e pensando que algum dia a sombra irá mudar, são tolos.

Os judeus estavam esperando, como todo mundo está esperando, pelo dia do porvir, em que o mundo renasceria e os mortos seriam ressuscitados. Haveria paz, eterna paz, e vida. Assim, eles perguntaram a Jesus: "Quando o repouso dos mortos virá e quando o novo mundo virá?"

Eles estão perguntando sobre o futuro, e é assim que vocês perdem Jesus. Não pergunte a Jesus sobre o futuro, porque para um Jesus não existe nenhum futuro: toda a eternidade está presente para ele. E, para um Jesus, não existe nenhuma esperança, porque a esperança é um sonho. Para Jesus, somente a verdade existe, não a esperança. A esperança é uma ilusão, a esperança é intoxicante; ela dá tamanha embriaguez aos seus olhos, que, devido a essa embriaguez, você olha para o mundo e tudo fica diferente. Para Jesus, somente a verdade, a facticidade, — a existência nua, despida — existe. Ele não tem nenhuma esperança. Não que ele esteja em desespero — lembre-se: desespero faz parte da esperança. Se você espera no futuro, o desespero seguirá no passado. O desespero é uma sombra da esperança: se você tem esperança, você ficará frustrado. Quanto mais esperança, mais frustrado você ficará, porque a esperança cria um sonho e, então, ele não é realizado. Jesus não está em desespero, nem em frustração. Ele nunca espera; assim, tudo é preenchimento. Ele nunca tem expectativas; assim, tudo é como deve ser. Ele nunca sonha; assim, não há nenhum fracasso. Nada pode desapontá-lo, se você não estiver atrás do sucesso e nada puder frustrá-lo, se você não estiver olhando para o futuro. Não! Não há nenhuma miséria se não há nenhum sonho.

Os sonhos trazem a miséria; a existência é puro êxtase. Jesus vive aqui e agora, essa é a única existência para ele. Eis por que digo

que é muito difícil para Jesus encontrá-lo, porque você está sempre no futuro e ele está sempre aqui e agora. Como encontrar? A distância é enorme!

Há dois caminhos. Um: Jesus poderia começar a sonhar como você — o que é impossível, porque conscientemente você não pode sonhar. Conscientemente não há nenhuma possibilidade para o sonho, porque, se a consciência está presente, o sonho não pode vir. O sonho vem somente quando se está dormindo profundamente. Assim, Jesus não pode vir para o seu nível. Isso é impossível. Seja de que forma que ele tente, isso não pode ser feito. Ele gostaria, um Buda gostaria, de vir exatamente para onde você está a fim de encontrá-lo, mas isso é intrinsecamente impossível, porque ele não consegue adormecer, ele não consegue ficar inconsciente, ele não consegue entrar no sonho, ele não consegue ter esperança. Então, onde encontrá-lo? Se ele se movesse num sonho, no futuro, então, poderia haver um encontro. Mas isso não é possível, é impossível. A única possibilidade é ele sacudir você acordá-lo.

Assim, Jesus continua dizendo aos discípulos: "Acorde, fique alerta! Observe, veja, olhe!". Ele continua dizendo: "Seja cuidadoso, tenha presença de espírito aqui e agora!". Mas os discípulos perguntam sobre o futuro. Eles não estão olhando para Jesus, estão pensando no futuro, porque eles sofreram no passado. Esse é o equilíbrio: sofreram no passado, serão bem-aventurados no futuro. Esse é o equilíbrio da vida deles; caso contrário, tornam-se insanos.

Nos velhos tempos, todo imperador tinha um sábio na corte, e um bobo também. Parece absurdo — um sábio é necessário, mas por que um bobo? Para equilibrar; caso contrário, a corte ficaria desequilibrada. E é correto.

Aconteceu certa vez:

Um grande rei tinha um sábio, mas não tinha um bobo. E as coisas começaram a dar errado. Então, começaram umas buscas e foi encontrado um homem que era um bobo perfeito. A perfeição é

rara: encontrar um sábio perfeito é raro, encontrar um bobo perfeito é mais raro ainda. Mas a perfeição é bela, onde quer que esteja. Até um bobo perfeito tem uma qualidade que você não pode desafiar — a perfeição. A perfeição tem sua própria beleza, ela dá uma graça. Se você quer ver o que é um bobo perfeito, leia o romance de Dostoievski, O Idiota.

Um bobo perfeito foi encontrado. O rei quis fazer um teste para ver se ele realmente valia a pena. Então, disse para o bobo:

— Faça uma lista dos dez maiores bobos da minha corte. — Havia cem membros na corte. — Faça uma lista de dez pessoas, e ponha os nomes em ordem: o maior bobo primeiro e, depois, o segundo e depois o terceiro... E foram-lhe dados sete dias. No sétimo dia, o rei perguntou:

— Já fez a lista?

O bobo disse:

— Sim.

O rei ficou curioso e perguntou:

— Quem é o primeiro?

— Você! — respondeu o bobo.

O rei ficou irritado e perguntou:

— Por quê!? Você terá de me dar uma explicação!

O tolo disse:

— Ontem, até ontem, eu não tinha preenchido o primeiro lugar. Para um de seus ministros você deu milhões de rúpias, e enviou-o para um país distante para comprar diamantes grandes, pérolas e outras pedras preciosas. Eu lhe digo que o homem nunca mais vai voltar. Você confiou nele — você é um bobo. Somente um bobo confia.

O rei disse:

— Está certo. Mas se ele voltar?

— Então, eu riscarei seu nome e porei o nome dele no lugar — respondeu o bobo.

Nas antigas cortes era uma obrigação, porque isso dava um equilíbrio. Sua vida é um contínuo esforço para manter o equilíbrio. Se você for muito numa mesma direção, o equilíbrio é perdido e haverá enfermidade e desconforto. 'Desconforto' significa que o equilíbrio foi perdido; 'desconforto' — a própria palavra significa desequilíbrio. Assim, quando seu passado é feio — um longo sofrimento, um fenômeno tedioso, um enfado — como você vai equilibrar isso? Você tem de equilibrar, caso contrário, ficará louco. Você equilibra isso com um belo futuro, você pinta um retrato romântico do futuro; isso dá um equilíbrio.

Mas Jesus não precisa de nenhum equilíbrio, porque ele mesmo é o equilíbrio. Jesus não precisa de nenhum sábio e de nenhum bobo.

No que se refere a você, seu passado é como um sábio, porque você ganhou experiência; você ganhou sabedoria através da experiência. Seu futuro é como um bobo: ele sonha. Se você não tiver nenhum futuro, o que acontecerá? De repente, você ficará furioso. Se você não tiver nenhum futuro, você ficará louco.

Eis o que aconteceu no Ocidente, principalmente nos Estados Unidos. Devido à bomba H, a energia atômica, o futuro não existe mais. Se os Estados Unidos se tornaram a terra dos hippies e dos beatmiks, a razão é que os Estados Unidos estão mais alertas. Eles usaram a bomba atômica na segunda guerra mundial, e ficaram alertas: o futuro não existe mais, e o passado é apenas uma enorme feiúra, um pesadelo. O que fazer? O futuro não existe mais para perder o tempo com ele, para sonhar e manter o equilíbrio; nasce o hippie — ele ficou perturbado, não está equilibrado.

Um Buda também nasce de um modo semelhante, mas o método é diferente. Um Jesus também nasce de um modo semelhante, mas o método é diferente: ele simplesmente joga o passado fora, pára de pensar sobre o futuro e pára de se lembrar do passado. Então, de repente, ele mesmo é o equilíbrio. Você não pode desequilibrar um Jesus. Você pode desequilibrar qualquer um que

esteja apenas ajustado. Uma pessoa ajustada pode ser desequilibrada por qualquer acidente, mas Jesus não pode ser desequilibrado, não pode ficar louco, porque a própria base mudou. Ele não vive no passado, ele não vive no futuro.

Os discípulos perguntam a Jesus sobre o futuro. Como o encontro pode ser possível? Como eles o encontrarão? E esses são discípulos. O que esperar das massas?

Ele lhes disse:

"O que vocês esperam já veio, Mas vocês não o reconhecem".

O que vocês esperam já veio... Os mortos estão ressuscitados, eles alcançaram o repouso. O novo mundo já chegou, já está aqui, mas vocês não reconhecem. Jesus está falando dele mesmo: "Eu sou o novo mundo, sou o morto ressuscitado, sou a vida, o próprio centro da vida — e estou aqui, diante de vocês, e vocês não percebem. Vocês fazem perguntas sobre o futuro e o futuro está aqui".

Ele lhes disse: "O que vocês esperam já veio, mas vocês não o reconhecem".

Na eternidade, não há nenhum futuro. O futuro faz parte do presente, mas, devido à estreiteza de nossa mente, não podemos ver o todo. Somos exatamente como um homem que foi trancado num quarto e fica olhando através do buraco da fechadura: ele não pode ver o todo. Através do buraco da fechadura, você não pode ver o todo — a menos que você tenha usado haxixe! Caso contrário, através do buraco da fechadura, você não pode ver o todo.

Vou lhes contar uma história,

Certa vez aconteceu de três homens chegarem a uma cidade quando o sol estava se pondo. Eles tentaram de todo modo chegar

antes do pôr-do-sol. Eles correram, porque as portas podiam ser fechadas — no momento em que o sol se punha, as portas eram fechadas. E durante toda a noite eles teriam que permanecer do lado de fora dos muros. E seria perigoso... animais selvagens e assassinos e tudo o mais. Eles correram mas não puderam chegar na cidade a tempo. Quando chegaram lá, as portas já estavam fechadas, o sol já tinha se posto.

Um deles começou a bater no coração e chorar alto, de modo que o porteiro que estava atrás do muro pudesse ouvir. Ele gritou alto, bateu na porta, as mãos começaram a sangrar, e ele caiu desmaiado. Um outro começou a procurar em volta do muro. Podia haver uma outra pequena porta, uma porta na parte de trás, ou algum lugar por onde pudessem entrar, um sistema de esgoto, ou qualquer outra coisa. O terceiro era um fumante de haxixe: ele simplesmente fumou seu haxixe, então, olhou pelo buraco da fechadura e disse:

— Olhem! Não há nenhuma necessidade de ir a lugar algum: podemos entrar pelo buraco da fechadura!

É isso o que acontece quando você está numa viagem de droga. Acontece isto: o buraco de fechadura parece ser tão grande, que você acha que pode até entrar no reino de Deus pelo buraco da fechadura. Você permanece do lado de fora e, quando voltar a si, você rirá da coisa toda.

Pense num homem fechado num quarto, que pode olhar somente pelo buraco da fechadura: ele não pode ver todo o lado de fora, ele vê só uma parte. E imagine também que ele mexa os olhos olhando pelo buraco da fechadura: então, uma árvore pode chegar ao campo de visão; ele mexe os olhos, então, uma outra árvore entra no campo de visão. A primeira árvore saiu da existência; a primeira se tornou passado e ele pensa que ela desapareceu. A segunda árvore tornou-se o presente, e a terceira, que ainda não apareceu, está no futuro. Ele continua mexendo os olhos: então, a segunda vai

para o passado e a terceira aparece, e esse homem pensa — e ele pensa logicamente — que "o que eu não posso mais ver, não existe mais, e o que eu ainda não posso ver, ainda não existe".

É isso o que estamos fazendo. E esse homem não pensará que seu olho está se movendo através de um buraco de fechadura. Ele pensará que as árvores estão se movendo para dentro da existência e para fora da existência. É isso o que estamos dizendo: dizemos que o tempo passa. Lembre-se: o tempo não está passando, apenas sua mente se move. Onde o tempo pode se mover? Você já pensou nisso. Onde o tempo pode se mover? ...Porque o movimento precisa de tempo novamente: se seu tempo está se movendo, então, um outro tempo será necessário, porque o movimento precisa de tempo.

Você vem da sua casa até esta casa. Você leva meia hora. Você se move de um ponto a a outro — o tempo é necessário. Se seu tempo está se movendo como pensamos que o tempo está se movendo — como um rio, vindo do passado, indo para o futuro — então, um outro tempo é necessário, no qual este tempo possa se mover. Então, você cairá num eterno retorno; então, o outro tempo estará se movendo em algum outro tempo. Não, isso não pode ser.

O tempo não está se movendo. Justamente ao contrário, é sua mente que se move, mas você não vê. É exatamente como quando você viaja de trem e o trem corre e você vê as árvores passando, correndo depressa: você está indo na direção oposta. Se você não puder olhar bem e observar, você pode ter essa sensação. E às vezes, você tem mesmo essa sensação, quando seu trem começa a andar e o outro trem está parado na plataforma: de repente, você pensa que o outro trem está andando.

Há milhões de anos, o homem existe na terra. A terra sempre esteve girando, mas ninguém ficava ciente disso; todo mundo pensava que o sol é que estava girando. E, contudo — embora a ciência continue dizendo isso — a linguagem não mudou: nós dizemos "nascer do sol", "pôr-do-sol". O sol nunca nasce, o sol

nunca se põe, mas, ainda pensamos como se fosse assim. Até um cientista pensa do mesmo modo. Ele sabe do fato, mas o pensamento está tão profundamente arraigado, que ele nunca pensa que a terra está se movendo. O "nascer da terra", o "pôr-da-terra" — não, não há tais expressões; o sol ainda gira ao redor da terra.

A mesma falácia existe sobre o tempo. O tempo não está se movendo, ele é eterno. Somente sua mente se move e, quando ela se move, você tem uma fresta estreita: o que vem diante dela é o presente, o que sai dela é o passado, o que ainda não entrou nela é o futuro. Mas aonde o presente pode se mover?

A coisa toda é absurda se você pensar sobre ela. Como pode o presente, de repente, ir para a não-existência? Como pode a existência se tornar não-existência? O passado não está em algum lugar que possa ser encontrado, ele se tornou não-existência. E como pode o futuro, que é não-existencial, entrar na existência? Isso parece absolutamente absurdo. A existência permanece existência, a não-existência permanece não-existência — somente sua mente se move. E você não pode ver o todo, eis porque a divisão é criada.

Jesus vive no todo. Eis porque ele diz: "O que vocês esperam já veio, mas vocês não o reconhecem". E não veio somente agora: o que você tem esperado sempre esteve aqui. Eis porque Jesus diz de um outro modo: "Antes de Abraão existir, eu já existia; eu sempre estive aqui". Sua mente diz que Jesus virá no futuro. A mesma mente negou Jesus, porque é impossível para a mesma mente ter alguma comunicação com o presente. Desse modo, os judeus dizem; "Este não é o homem certo pelo qual estamos esperando".

E ninguém jamais vai ser o homem certo. Quem quer que venha será o homem errado, porque não é uma questão do homem, dele ser certo ou errado; a questão é da mente, vivendo no futuro, investindo no futuro. E quando Jesus chega, não há mais nenhum futuro — então, todos os seus sonhos caem. Jesus se torna um destruidor dos seus sonhos, e vocês investiram tanto neles, que fica difícil, fica muito difícil.

Um médico estava dizendo a um bêbado;

— Pare de beber, senão sua audição se vai e você não será capaz de ouvir mais.

O bêbado disse:

— Eu não vou parar coisa nenhuma, porque o que estou ouvindo não é tão bom quanto o que estou bebendo. Mesmo que a audição se vá, não vou perder nada, porque o que estou ouvindo não vale a pena.

Vocês investiram tanto no futuro, que os seus sonhos se tornaram muito valiosos. Eles lhe dão equilíbrio contra o passado, eles lhe dão motivação para ir adiante e agir, eles o ajudam a correr. Na verdade, eles ajudam você e seu ego a existirem absolutamente. É difícil abandonar isso. Assim, sempre que um Jesus vem, ele lhe dirá:

"Eu estou aqui!". E você dirá: "Não, é o homem errado!". O homem certo nunca vem, não porque ele nunca venha, mas porque você não pode permitir que ele seja o homem certo. Uma vez que você aceite que Jesus é o Cristo, então, você tem de mudar imediatamente. Você não pode continuar no velho padrão; o velho estilo de vida tem de ser jogado fora. Você tem de morrer e renascer.

"O que vocês esperam já veio, mas vocês não o reconhecem".
Seus discípulos lhe disseram...

— novamente a mesma obsessão, novamente eles disseram:

Vinte e quatro profetas falaram em Israel e eles todos falaram sobre ti.

Esse número, vinte e quatro, é muito importante, porque os hindus pensam que há vinte e quatro *avatars*, os jainistas pensam

que há vinte e quatro *tirtânkaras* — "criadores de passagem" — os budistas pensam que há vinte e quatro budas, e os judeus pensam que há vinte e quatro profetas.

Por que vinte e quatro? Por que nem mais nem menos? Porque eles todos concordam quanto a isso? Neste mundo, tudo existe em certa quantidade; até mesmo a sabedoria, essa também tem uma certa quantidade. E essa quantidade é tal, que, quando um homem se torna iluminado, fica difícil para os outros se tornarem iluminados imediatamente. Toda a luz é absorvida naquele homem. Você pode viver na sua sombra, ele tentará ajudá-lo de todo modo, mas fica difícil.

Daí, o fenômeno: Buda morreu, e muitos discípulos se tornaram iluminados quando ele morreu. Mahavira morreu, e muitos discípulos se tornaram iluminados depois que ele se foi. O mesmo fenômeno que acontece sob uma árvore muito grande, onde pequenas plantas não podem sobreviver. Existe uma determinada quantidade e, quando alguém é como um Cristo, ele absorve toda a quantidade. Ele é tão vasto, que de toda parte pequenas quantidades desaparecem. Ele se torna toda a luz. Desse modo, muita matemática foi usada para calcular isso, e todos aqueles que estiveram calculando o fenômeno, chegaram a esse número vinte e quatro. Em um *mahakalpa* — período que vai de uma criação a uma aniquilação — vinte e quatro são as possibilidades, vinte e quatro pessoas podem alcançar o pico mais alto.

Os discípulos disseram a Jesus: "Vinte e quatro profetas falaram em Israel e eles todos falaram sobre ti". E eles todos disseram: "Somos somente os novos arautos. O verdadeiro ainda vem, o derradeiro, o supremo está por vir. Somos somente as boas novas". Essa é a diferença entre um profeta e um cristo. Um cristo é a acumulação de todas as aspirações, de todos os anseios profundos, de todos os sonhos, de tudo o que foi pensado sobre o outro mundo; um cristo é o ponto culminante, é o pico, o Everest. Um profeta indica, ele aponta o caminho, ele lhes dá a nova de que aquele um

está vindo; um profeta é um mensageiro. Vinte e quatro profetas declararam que cristo estava vindo, o ponto ômega, onde toda humanidade e toda a consciência da humanidade chegaria a um ápice.

Seus discípulos Ihe disseram: "Vinte e quatro profetas falaram em Israel e eles todos falaram sobre ti".

Ele lhes disse:

"Vocês recusam o vivo que está diante de vocês, e ficam falando sobre os mortos".

"Por que trazer à baila esses vinte e quatro profetas? Vocês não estão olhando para mim! Vocês ainda estão falando sobre aqueles vinte e quatro profetas que estão mortos. Eles falaram sobre mim, vocês falam sobre eles — e eu estou aqui. Eles me perderam, porque estavam olhando no futuro; vocês me perdem porque estão olhando para o passado, e eu estou aqui!".

Jesus disse: "Lancei fogo sobre o mundo e, veja, estarei vigiando o mundo até que esteja em chamas".

Isso tem de ser compreendido muito profundamente, muito conscientemente. É muito fácil falar sobre os mortos, porque você está morto: você tem a mesma qualidade, você tem uma similaridade com os mortos. É muito difícil olhar para Jesus, porque então você tem de estar vivo. Somente o semelhante pode sentir o semelhante; para se conhecer, o similar é necessário. Como você pode conhecer a luz se você está na escuridão? Como você pode conhecer o amor, como você pode conhecer a vida se você não é isso? Você perde Jesus porque você não está vivo. Sua vida é obtusa, vida morta. Sua vida passa-se no mínimo e Jesus existe no máximo dela. Você existe como o alfa, e ele existe como o ômega. Você é o A e ele é o Z, ele é a derradeira culminação.

Vocês continuam falando, até mesmo diante dele, vocês não param de falar absurdos. Teria sido melhor se os discípulos tivessem ficado em silêncio, teria sido melhor se tivessem simplesmente permanecido com ele. Mas ficaram fazendo perguntas tolas. Essas perguntas podem ser respondidas por um erudito, não há nenhuma necessidade de se ir até um Jesus. E os eruditos estão disponíveis, são baratos, nunca há escassez deles. Um Jesus somente acontece às vezes — no ponto culminante do crescimento humano, ele acontece; quando o círculo chega ao seu pico, ele acontece. Ele é raro, e vocês ficam fazendo perguntas tolas, curiosidades infantis como esta: "Vinte e quatro profetas falaram em Israel e eles todos falaram sobre ti".

Jesus simplesmente rejeita a coisa toda. Ele diz: "Bobagem! Não façam perguntas bobas. Vocês recusam o vivo... ao fazerem a própria pergunta... vocês rejeitam o vivo".

Como pode uma pessoa fazer uma pergunta diante de Jesus? A pessoa deveria olhar, a pessoa deveria bebê-lo, a pessoa deveria comê-lo, a pessoa deveria permitir que ele entrasse no seu âmago mais profundo, na mais recôndita parte do seu ser. A pessoa deveria fundir-se nele, e permitir-lhe fundir-se nela.

E vocês ficam fazendo perguntas! E ficam perguntando sobre profetas! Eles falaram, agora vocês querem a confirmação de Jesus. Você quer um certificado de Jesus, uma assinatura na qual ele também diga: "Sim, eles falaram sobre mim!". Você não pode ver Jesus diretamente? Precisa de um certificado? Se Jesus não for o bastante, de que servirá o certificado? Mesmo que Jesus diga — ele esteve dizendo continuamente: "Eu sou aquele por quem estão esperando" — vocês continuam fazendo perguntas tolas sempre e novamente. Em algum lugar lá no fundo, há dúvida, e a pergunta surge da dúvida. O discípulo que está perguntando deveria estar olhando para Jesus naquele momento para ver como ele responde.

E esse é o truque da mente: se Jesus disser "sim, eu sou aquele que todos os profetas declararam estar para chegar", então,

você pensará que aqueles profetas também disseram que aquele que é verdadeiro não proclamaria, não diria "eu sou aquele". E, se Jesus disser "não, eu não sou aquele", então, você dirá "ele mesmo disse que não é aquele".

Olhe para o truque da mente, como ela quer escapar dele.

As pessoas perguntam: "Você se realizou?". Se eu disser "sim", eles dirão que nos Upanishads está dito que aquele que diz "eu me realizei", não se realizou. Se eu disser "não", eles dirão: "Então, está bem. Então devemos ir procurar alguém que tenha se realizado. Por que perder tempo com você?".

A mente está em busca de como evitar, e a questão é tola — eis por que Jesus não a responde. E a pergunta é um truque. De um modo sutil, Jesus está dizendo uma coisa e os discípulos estão perguntando outra coisa. Ele não está respondendo diretamente, porque, se responder diretamente, o que quer que ele diga, servirá para você deixá-lo.

Você está pronto para deixá-lo a qualquer momento. É um milagre que você não o tenha deixado ainda, que continue deixando-se ficar? Talvez seja pela imprecisão de sua resposta, talvez seja por ele não dizer nem "sim", nem "não". Talvez seja devido ao modo como ele está falando, que você não pode compreender e, dessa forma, ainda não decidiu o que fazer. Se ele disser "sim, eu sou aquele", você ficará cheio de suspeitas: "Como pode aquele que se realizou dizer 'eu sou aquele'!".

Jesus lhes disse: Vocês recusam o vivo. "Eu estou aqui e vocês falam sobre os profetas, os mortos..."

Vocês recusam o vivo que está diante de vocês, e ficam falando sobre os mortos.

Isso está acontecendo continuamente. Se eu digo alguma coisa, e você é um hindu e isso está escrito no seu Gita, você inclina a cabeça: "Sim, você está certo". Você não está inclinando a cabeça

para mim, você está recusando o vivo; você não está inclinando a cabeça para mim, você está inclinando a cabeça para o seu hinduísmo e para seu Gita. Você diz: "Sim, ele deve estar certo, porque isso está escrito no Gita". Se eu digo algo que seja contrário ao Gita, você não inclinará a cabeça, você dirá: "Ele deve estar errado, porque isso não está escrito no Gita". Se você estiver olhando para o vivo, se eu disser algo que seja contrário ao Gita, o Gita estará errado, não eu. Se eu disser algo que está escrito no Gita, o Gita estará certo porque eu disse assim.

Mas não é esse o caso. Se você é um judeu e eu digo algo, imediatamente sua mente judaica fica perturbada. Os judeus têm ficado perturbados durante todos estes discursos. Eles estão aqui, muitos deles estão aqui, e eles ficam perturbados. Eles escreveram cartas enormes para mim — cartas de trinta páginas! — dizendo que não é assim: "Você não compreende os judeus!". Se digo algo que vai contra sua mente judaica, imediatamente, sou rejeitado, não a mente judaica. Se digo algo que se ajusta, você me aceita — mas isso não é aceitação, você está simplesmente se enganando. Se eu confirmo sua mente, então, você me aceita. Sua mente permanece o centro.

Isso é o que Jesus está dizendo: "Vocês recusam o vivo. Olhem para mim, eu estou aqui! O sol surgiu e vocês estão falando sobre a noite em que alguém disse que logo, logo, chegaria o sol, mas não olham para o sol: 'Logo, logo, surgirá a manhã e surgirá uma alvorada, e a escuridão desaparecerá'. Vocês ainda estão falando sobre aqueles que viveram na escuridão. Vocês falam sobre mim, e eu estou aqui e vocês não estão olhando para mim!". É muito difícil ficar alerta! Quando o hindu sente-se ferido, o judeu sente-se ferido, o cristão sente-se ferido, lembre-se: isso não é você, é simplesmente seu condicionamento. Ponha esse condicionamento de lado.

Olhe como os discípulos e os inimigos são parecidos. Eles não são muito diferentes, não há uma diferença básica. Os judeus

dizem para Jesus: "Você não é aquele que foi prometido para todo o sempre, porque aqueles vinte e quatro profetas deram alguns sinais para nos ajudar a julgar. Você não é aquele, porque nós temos um critério vindo dos mortos, para conhecer o vivo". Eles dizem: "Não podemos acreditar em você. Prove! Porque estes são os sinais: reviva um morto, ressuscite-o!". E Jesus não pôde nem sequer salvar a si mesmo da cruz! Então o que ele faria!? Como poderia ressuscitar alguém da morte? Ele mesmo não pôde escapar da própria morte. Na cruz, ficou provado que ele não era o prometido.

E o que seus discípulos têm feito? Eles acreditam que ele curou o doente, acreditam que ele ressuscitou o morto, acreditam que ele não morreu na cruz e que, após três dias da sua morte, ele foi visto por algumas pessoas.

Mas ambos dependem dos mortos. O critério é fornecido pelos mortos, como se Jesus tivesse de seguir, simplesmente seguir os vinte e quatro profetas mortos que forneceram o critério; como se ele não tivesse permissão para ser espontâneo. Se você disser que ele nunca fez nenhum milagre, os judeus ficarão felizes. Eles dirão: "Sim, eis o que temos estado a dizer!". E os cristãos ficarão infelizes, porque, uma vez que seja provado que ele nunca fez nenhum milagre, então, ele não mais é um Cristo.

O Cristo não é o bastante em si mesmo? Como ele é, já não é uma luz? Como ele é, já não é a verdade? Como ele é, já não trouxe uma graça, uma graça desconhecida para este mundo?

Não, você tem um critério, ele deve se ajustar ao seu critério. Se ele se ajusta, ou se você pensa que ele se ajusta, então, está bem. Se ele não se ajusta, ou se você pensa que ele não se ajusta, então, ele não mais é a pessoa certa. A coisa toda parece ser a mesma: ambos estão vivendo com os mortos — os discípulos e os inimigos. Ninguém está olhando diretamente para o fenômeno que é Jesus.

Ele lhes disse: "Vocês recusam o vivo que está diante de vocês, e ficam falando sobre os mortos".

Jesus disse: Lancei fogo sobre o mundo...

Por que ele está dizendo isso? Porque os velhos profetas disseram que ele traria paz, eterna paz. Ele diz: Não!

Jesus disse: Lancei fogo sobre o mundo e veja, estarei vigiando o mundo até que esteja em chamas. Completamente. Eu não trouxe nenhuma paz".

Ele contradiz, só para ver se os discípulos se curvam ou não; ele contradiz, para ver o que eles dizem, como eles reagem. Ele não está contradizendo na verdade, porque a paz somente pode vir depois que o fogo tenha estado aqui.

Quando o mundo estiver em chamas, e o velho tiver sido queimado e deixado morto, somente então o novo poderá surgir. O novo vem sempre quando o velho está morto. O velho deve deixar de ser, para o novo ser, o morto deve desaparecer para o vivo aparecer. O conhecido deve ir, deve dar espaço para o desconhecido entrar.

Ele não está contradizendo, ele não pode contradizer; não há nenhuma possibilidade, porque os profetas realmente falaram sobre ele — mas ele contradiz os discípulos. Muitos devem tê-lo deixado então, porque: "Os ancestrais dizem que ele trará a paz, e este homem diz 'eu trouxe o fogo'. Ele é bem o oposto. Já temos muito fogo aqui, porque trazer mais fogo? Já estamos queimando, o mundo já está em chamas, pegando fogo, na miséria, na ansiedade, na angústia. Por que trazer mais fogo!? Precisamos de paz".

Mas lembrem-se; a paz não pode vir como você está. A paz não pode existir para vocês. Não é uma questão de paz, é uma questão sua: como você está, tudo o perturbará; como você está, você criará angústia ao seu redor. A angústia não é um acidente que acontece a você, ela é um desenvolvimento. Assim como as folhas surgem nas árvores, as ansiedades surgem em você — elas fazem parte de você. Você pode cortar as folhas, mas isso não vai adiantar;

isso será apenas uma poda e, ao invés de uma folha, quatro folhas virão — haverá mais ansiedade. A menos que você seja completamente queimado, a menos que não exista mais, a ansiedade virá.

Os hindus, principalmente Patânjali, usaram duas expressões para esta transformação: uma é *sabeej samadhi*, transformação com uma semente; e a outra é *nirbeej samadhi*, transformação sem uma semente. E a primeira não é nada, *sabeej samadhi* não é nada, porque a semente permanece, ela vai brotar outra vez e outra vez e outra vez; a semente não é queimada. Você carrega a semente; não há nenhuma árvore, mas a árvore virá, porque você carrega a semente. Você pode ter se reprimido completamente e, então, a árvore desapareceu — você se tornou uma semente.

O que é uma semente? Uma árvore comprimida, tão comprimida que você não pode vê-la. Mas dê uma oportunidade a essa semente, uma situação, o solo adequado, e a semente brotará e a árvore toda se mostrará. A semente carrega o plano geral, uma pequena semente carrega o projeto da árvore inteira. Em todos os detalhes, a semente carrega o plano geral: que tipo de folhas, que tipo de flores, que cor, a altura, a duração — tudo está trazido na semente. Se você puder ler a semente, você poderá fazer um retrato de como a árvore toda será.

A árvore é apenas um desdobramento da semente. O que quer que você seja, não é a questão; a questão é o tipo de semente que você está carregando dentro de você. Seja o que for que você seja, é apenas um desdobramento da semente. Você pode continuar moldando os galhos e cortando aqui e ali, mas tudo isso serão apenas modificações; você pode se enfeitar, mas você não mudará. E você pode enfeitar seu inferno, mas ele não pode ser o céu.

Patânjali usa uma outra palavra, *nirbeej samadhi*. Ele diz que, a menos que o *samadhi* sem semente seja alcançado, nada é alcançado — a menos que a semente seja queimada completamente,

de modo que toda a miséria, angústia, ansiedade morram, porque o plano geral foi queimado. É isso o que Jesus quer dizer.

Ele diz: "Lancei fogo sobre o mundo... Eu trouxe o fogo para queimar vocês. Não estou aqui para consolá-los, não estou aqui para confortar vocês. Estou aqui para destruir vocês, porque sua semente está errada". A semente deve ser queimada e, quando sua semente estiver queimada, quando você estiver vazio, somente então, a semente do divino entrará no seu útero. Então, um novo florescimento, um novo desabrochar acontece.

"Lancei fogo sobre o mundo e, veja, estarei vigiando o mundo até que esteja em chamas".

E isso é uma promessa. Ele diz; "Eu guardarei o mundo, eu permanecerei aqui até que todo o mundo esteja em chamas".

Sempre que um homem se torna um cristo ou um Buda, ele nunca desaparece. Somente você desaparece, porque você não existe, você é apenas uma aparência. Você vem e vai, você é uma forma. Você é apenas como uma onda no mar: você não tem nenhuma substância em você, você não é cristalizado. Você vem e vai, exatamente como um sonho vem e vai. Toda noite você vem e toda manhã você desaparece. Milhões de vezes você vem e milhões de vezes você desaparece. Mas sempre que um cristo acontece... O que significa ser um cristo? Significa aquele que alcançou o substancial: que não é mais forma, mas que alcançou a ausência de forma, que não pode desaparecer; aquele que não mais é uma onda, que se tornou o oceano; que não pode desaparecer.

Um Buda permanece, um Cristo permanece, ele permanece na existência. É isso o que se quer dizer por: estarei vigiando o mundo até que esteja em chamas — "eu estarei aqui". Mas você não o pôde ver quando ele estava no corpo; assim, como você será capaz de vê-lo quando ele não está no corpo? E veja o estranho fenômeno: muitos cristãos o vêem quando estão com os olhos fechados,

orando. Eles têm uma visão... e os discípulos mais próximos não puderam vê-lo quando ele estava presente. O que está acontecendo?

Esses Cristos que vocês vêem nas suas orações, são sua pura imaginação, alucinações, projeções. Vocês os criaram, é a sua mente. Eis por que um cristão vê Cristo, um judeu jamais pode ver Cristo, e um hindu... impossível até pensar nisso! Um hindu vê Krishna, ele tem seus próprios pontos de imaginação, seus próprios objetos de imaginação. Um jainista jamais pode ver Krishna. Mahavira virá nas suas visões. O que está acontecendo? Sua mente está imaginando. Você pode brincar com a imaginação. Isso é auto-hipnótico e é muito prazeroso. É muito prazeroso, você criou um Cristo dentro de você. Você se sente muito feliz, mas essa felicidade é simplesmente como aquela de um belo sonho. De manhã, você se sente muito feliz, porque você teve um sonho muito bonito. Mas mesmo que seja bonito, é um sonho inútil.

Por que se perde Jesus? Quando ele está presente, ele mesmo diz: "Vocês não olham o vivo". E, então, quando ele está morto, milhões de pessoas fecham os olhos e o vêem e desfrutam dele — as mesmas pessoas que o crucificaram quando ele estava no corpo. As mesmas pessoas continuam imaginando e pensando sobre ele — porque essa imaginação não é um fogo, é um consolo. Ela os consola: "Eu vi o Cristo".

As pessoas vêm a mim e dizem; "Eu vi o Cristo". E elas olham para mim, de modo que eu diga: "Sim, você o viu!". Então, elas podem sair muito felizes — crianças se divertindo com brinquedos. Se eu digo: "Isso é tolice, abandone toda a imaginação!", elas se sentem muito infelizes; elas nunca mais voltam a mim. Por que ir a um homem que destrói, que destrói seus sonhos bonitos?

Cristo, quando está vivo, você o perde; como você pode encontrá-lo quando ele não existe mais no corpo? Mas o mesmo fenômeno volta novamente à existência: agora os cristãos falam sobre Jesus como falavam diante dele sobre os vinte e quatro

profetas. Agora ele está morto. Agora você fala sobre o morto e perde o vivo.

Aconteceu de um cristão ir a um monge zen. Ele levou a Bíblia consigo e disse ao monge: "Eu gostaria de ler algumas frases de Jesus". E o homem a quem ele tinha ido, era ele mesmo um mestre vivo.

O mestre riu e disse: "Está bem".

Então, o cristão leu algumas frases do Sermão da Montanha. Depois de duas ou três frases, o mestre disse: "Perfeito, o homem que disse essas palavras era um iluminado". O homem ficou muito feliz, porque Cristo tinha sido reconhecido, e ele quis ler mais. Ele recomeçou a leitura. O mestre disse: "Sim, muito bom. Quem quer que tenha dito essas palavras era um iluminado".

O cristão agradeceu ao mestre e saiu, completamente feliz porque Jesus tinha sido reconhecido por um budista — e perdendo completamente o momento, porque aquele homem era ele mesmo um Cristo. E o mestre tentou duas, três vezes. Duas, três vezes ele disse: "Está bem!". Ele estava dizendo: "Deixe seu livro fechado. É o suficiente! Já confirmei. Já disse: 'Sim, esse homem era um iluminado'".

Se aquele homem estivesse realmente interessado na verdade, ao ouvir aquilo, teria olhado para o mestre, porque teria querido saber: "Quem está dizendo que o homem que pronunciou essas palavras era um iluminado?". Ele teria largado o livro. "Por que ficar preocupado sobre o morto? Olhe para este homem!". Mas ele saiu com seu livro. Deve ter ido procurar os companheiros cristãos e deve ter dito: "Jesus era realmente um iluminado. Eu fui a um budista... é muito difícil para um budista reconhecer Jesus. Esse homem é muito importante e ele o reconheceu!".

Você busca reconhecimento para o morto, de um vivo. Lembre-se disso, porque você pode estar fazendo o mesmo.

VIGÉSIMO PRIMEIRO DISCURSO

10 de setembro de 1974. Poona, Índia.

Jesus disse:

"Se vocês derem à luz ao que está dentro de si, aquilo que vocês têm os salvará. Se vocês não têm isso dentro de si, o que vocês não têm os matará".

Jesus disse:

"Deixe que aquele que busca, não cesse de buscar até que encontre. E, quando ele encontrar, será perturbado, maravilhar-se-á, e reinará sobre tudo".

E ele disse:

"Quem quer que encontre explicações para estas palavras não sentirá o sabor da morte".

A busca é por si mesmo. O que quer que busque, lá no fundo você está procurando por si mesmo. Eis por que toda busca externa se prova finalmente fútil. Você pode estar buscando riqueza, mas você está buscando a si mesmo. Quando você alcançar a riqueza, então, você perceberá a futilidade disso; a riqueza é alcançada, mas você permanece não-preenchido. Não era a riqueza que você estava buscando, absolutamente. A direção estava errada: você escolheu ir para bem longe de si mesmo, e você queria buscar a si mesmo.

O que exatamente um homem está buscando através da riqueza? Ele está buscando a vida através da riqueza, mais vida, vida abundante. A mente diz: "Sem riqueza, como você pode viver?". A mente diz: "Sem riqueza como você pode estar seguro?". A mente diz: "Sem riqueza, como você se protegerá da morte?". A riqueza é uma proteção contra a morte. A busca é pela vida. Mas, quando você alcança a riqueza, de repente, é revelado que a riqueza não pode protegê-lo. E se a riqueza não pode protegê-lo contra a morte, como ela pode lhe dar uma vida mais longa e abundante? Não, você estava buscando numa direção errada.

Um outro homem está buscando poder, prestígio. O que ele está buscando? Ele está buscando ser onipotente, ele está buscando ser tão poderoso que a morte não possa destruí-lo. Mas isso é lá no fundo, ele nem está consciente disso. Quando ele alcançar o poder, então, a pobreza será revelada.

Daí, o paradoxo: sempre que você tem sucesso no mundo, você sente o supremo fracasso. Eu digo repetidamente que, na vida, nada fracassa tanto quanto o sucesso. Se você não tem sucesso, então, a ilusão pode ser mantida, então você pensa: "Num dia ou noutro eu farei sucesso e alcançarei". Mas se você faz sucesso, como você pode manter a ilusão por mais tempo? Você teve sucesso, e o vazio interior permanece o mesmo. Ou melhor, bem ao contrário, agora você pode sentir isso muito mais devido ao contraste: a riqueza existe por toda volta e, dentro, a pobreza; a luz existe por toda volta e, dentro, a escuridão; a vida existe por toda volta e, dentro, a morte. Eis por que sempre que uma sociedade se torna enriquecida, rica, de repente a religião se torna significativa.

Numa sociedade pobre, a religião não pode ser significativa, porque as pessoas ainda não fracassaram. A busca que empreendem tem significado, a busca externa. Elas pensam que se puderem conseguir uma boa casa, tudo ficará bem; elas pensam que se puderem conseguir um pouco de dinheiro, então, tudo ficará bem. Um homem pobre pode viver de ilusão, mas não um homem rico. E,

se você vê um rico também vivendo de ilusão, lembre-se bem, ele ainda não é bem-sucedido.

Um Buda deixa o palácio, um Mahavira deixa o reino. Eles tiveram sucesso e o sucesso mostrou-lhes o fracasso. Eles se alertaram de que toda a direção estava errada, então deram uma virada. Eles se moveram totalmente para a direção oposta: eram reis, viraram mendigos; vestiam as roupas mais caras possível, ficaram nus. Isso se torna uma conversão: o sucesso fracassa e o fracasso se torna uma conversão.

Mas por que o sucesso fracassa? Ele fracassa porque você estava buscando não pela riqueza, você estava buscando não pelo poder, você estava buscando não por segurança e proteção; você não estava buscando por uma casa, você estava buscando por algo mais. Você estava buscando pelo lar eterno onde não há nenhum modo de ir-se embora. Você estava buscando por um repouso eterno, você estava buscando por uma paz que dura para sempre, atemporal. É isso o que é a busca: a busca pelo lar. É uma busca por um estado de ser, onde você se sente em casa. Você não estava buscando por riqueza, você estava buscando proteção contra a morte; você estava buscando uma vida que nenhuma morte pode destruir.

Esta vida vai ser destruída. A toda hora o medo está presente. Como você pode viver esta vida, quando ela existe como se você estivesse sobre um vulcão? A qualquer momento, a explosão, a qualquer momento você pode ser jogado para dentro da morte. Você pode viver cem anos, mas tremerá durante cem anos.

Há alguns anos, os cientistas começaram a pensar sobre esse problema, porque agora existe a possibilidade de que a vida do homem possa durar tanto quanto ele queira. Dentro deste século, será possível mudar a programação original no cromossomo, na célula básica. E então, você poderá sustentar a célula básica, de forma que "este corpo" viva trezentos anos. E, então, o corpo viverá trezentos anos. Exatamente agora, ele vive setenta anos, porque seu

pai e sua mãe viveram quase setenta anos; inconscientemente, eles sustentaram isso assim... A célula traz uma programação básica que determina que dentro de setenta anos você morrerá. Se pudermos mudar a programação na célula, então, o homem pode viver tanto quanto queira. Esse tem sido um dos maiores sonhos: vencer a morte, prolongar a vida tanto quanto se queira.

Há alguns anos, os cientistas se depararam com o fato. Agora, pode ser realizado, tornou-se exequível dentro deste século. Mas surgiu um novo problema.

Eles pensavam que, se isso pudesse ser feito, então, todo mundo ficaria feliz e o medo da morte desapareceria, a ansiedade em relação à morte desapareceria. Mas não! Quando eles ponderaram sobre o problema, eles ficaram cientes de que, se um homem vive por setenta anos ele tem medo da morte durante setenta anos. Se ele viver trezentos anos, ele terá medo da morte durante trezentos anos. O medo aumentará, não diminuirá. Como o medo pode ir embora? Você pode viver por trezentos mil anos, não faz nenhuma diferença — apenas que durante trezentos mil anos você ficará sobre o vulcão; a qualquer momento ele pode irromper, e o medo continua.

A busca é por uma existência sem morte. E essa existência está dentro de você — você está dentro de você. Eis por que você não pode se tocar: as mãos não podem entrar lá dentro, elas se movem por fora, elas foram inventadas para manipular o mundo exterior; as pernas não podem viajar para dentro, não há nenhuma necessidade, não há nenhum espaço para se viajar; os olhos não podem ver lá dentro, não há nenhuma necessidade — porque seu ser inventou todo esse mecanismo a fim de coexistir com as coisas, as pessoas, com o lado de fora.

Dentro, nada é necessário. Dentro, você é perfeito. Dentro, nada tem de ser feito, tudo é como deve ser, já é o caso.

A busca é por esse ser interior — e esse ser interior é onipotente. Nenhum poder pode se tornar um substituto dele. Você

pode se tornar um Napoleão ou um Hitler ou qualquer pessoa que você imagine, mas você permanecerá sem poder. A menos que você se torne um Buda ou um Jesus, você não pode se tornar onipotente, você não pode ser todo poderoso. Você pode se tornar um Einstein ou um Bertrand Russell, mas você não pode ser onisciente. Você pode juntar informação, tanta quanto possa, mas sua ignorância interna permanecerá a mesma, a menos que você se torne um Jesus, um Zaratustra — então, você se torna onisciente.

A busca é por onipotência, onisciência, onipresença. Lembre-se dessas palavras. Elas derivam de uma raiz sânscrita, *aum*. Em sânscrito, *aum* é o símbolo de todo o universo. Ela carrega os três sons básicos: a-u-m. Através desses três sons básicos, todos os sons evoluíram. Assim, *aum* é o som básico, a síntese de todos os sons, a síntese de todas as raízes básicas. Eis por que os hindus têm dito que esse *aum* é um mantra secreto, o maior mantra, porque ele envolve toda a existência.

As três palavras inglesas — omnipresente onipotente onisciente — derivam de *aum*. Elas significam aquele que se tornou tão poderoso quanto o *aum*, aquele que se tornou tão conhecedor como o *aum*, aquele que se tornou tão presente como o *aum* — aquele que se tornou universal, aquele que se tornou o todo. E a menos que o todo seja alcançado, não pode haver nenhum contentamento, não pode haver uma satisfação profunda, suprema. Você permanecerá um mendigo, e continuará mendigando, de uma vida a outra; você se moverá como um mendigo, não poderá ser um imperador.

Agora, devemos tentar penetrar essas lindas palavras de Jesus. Ele está dizendo coisas muito estranhas.

Jesus disse:

"Se vocês derem à luz ao que está dentro de si, aquilo que vocês têm os salvará. Se vocês não têm isso dentro de si, o que vocês não têm os matará".

Muito estranho! Ele diz: "Se vocês derem à luz ao que está dentro de si" — se você permiti-lo crescer, se você ajudá-lo a crescer, se você ajudá-lo a se manifestar, revelar-se, o que já está aí, a semente de mostarda... Ela já está aí; a semente do divino, a semente do reino de Deus já está aí. Se você ajudá-la, se você permitir que ela cresça... "aquilo que vocês têm os salvará". Vocês já a têm, ela os salvará. Mas se você perder..." se vocês não têm isso dentro de si, o que vocês não têm os matará".

Se você perder isso... como eu lhes disse, a palavra 'pecado' em hebreu significa "perder a rota" — se você se perder, você é um pecador. Você carrega a semente de mostarda, ela já está aí, mas você não lhe dá o solo, o solo certo, não a rega; você não se tornou um jardineiro. Você carrega a semente, morta, encerrada na cela, você não a põe na terra. Você tem medo de que a semente possa morrer. O medo é verdadeiro em um sentido: a semente terá de morrer, somente a árvore nascerá. Todo desabrochar é uma morte e um nascimento. O passado tem de morrer, o velho tem de morrer, somente então, o novo nasce. A semente terá de morrer — eis por que você tem medo; assim, você protege a semente.

Eu ouvi contar que aconteceu certa vez:

Um rei ficou intrigado, porque ele tinha três filhos, e todos eles eram sábios, fortes, talentosos, e ficava difícil decidir a quem passar o reino, quem seria o regente depois dele. E ele estava ficando mais velho a cada dia. Era muito difícil decidir, pois eles eram todos iguais de todos os modos, eram igualmente talentosos. Assim, ele perguntou a um sábio o que fazer. O sábio traçou um plano e disse ao rei: "Vá numa peregrinação". E seguindo o plano do sábio, o rei chamou seus três filhos e lhes deu uma mesma quantidade de sementes de belas flores. Ele lhes disse: "Preservem estas sementes tão cuidadosamente quanto possível, porque toda a vida de vocês depende delas. Quando eu voltar, vocês terão de me dar conta do que aconteceu com as sementes". E o rei partiu.

O primeiro filho pensou... ele era o mais velho, mais experiente nos caminhos do mundo, mais esperto e mais calculista. Ele pensou: "O melhor meio será trancar essas sementes em segurança, porque, quando meu pai vier, ele perguntará pelas sementes. Eu as devolverei a ele exatamente como ele me deu. E parece que disso depende muita coisa". Assim, ele tomou todo cuidado para encontrar o melhor cofre e trancou as sementes. Trancou o cofre e passou a carregar a chave consigo durante vinte e quatro horas por dia, porque toda a sua vida podia depender das sementes.

O segundo filho pensou: "As sementes têm de ser preservadas, mas se eu trancá-las como meu irmão mais velho, pode acontecer que elas apodreçam no cofre de ferro. E meu pai pode dizer: 'Essas não são as sementes que lhe dei. Elas apodreceram, ficaram inúteis'. Então o que fazer?". Ele foi ao mercado e vendeu as sementes, que eram de flores raras. Ele pensou: "Este é o melhor modo: vendê-las, guardar o dinheiro e, quando meu pai voltar, comprarei as sementes novamente e quem saberá a diferença? Sementes são sementes. Dou a meu pai as novas sementes, elas estarão frescas, vivas. Por que se incomodar com essas sementes velhas? E além do mais, ninguém sabe quando o pai voltará — um ano, dois anos, três anos... Ele não marcou nenhuma data. Pode levar alguns anos. Eu não preciso ficar preocupado com as sementes". Ele vendeu-as e guardou o dinheiro.

O terceiro filho pensou: "As sementes foram dadas — deve haver algum significado nisso". Ele era o mais jovem, o menos treinado nos caminhos do mundo, um pouco tolo e inocente. Ele pensou: "sementes existem para crescer".

A própria palavra 'semente' significa um crescimento, a própria palavra. Ela não é a meta, é uma ponte. A própria palavra significa um movimento na direção de algo. Uma semente em si mesma é insignificante, a menos que ela cresça, a menos que ela se torne alguma coisa. Uma semente é apenas uma fase passageira:

não é a meta. Não é o estado final, é apenas como uma ponte que você tem de atravessar. Assim, ele foi para o jardim e plantou as sementes.

Então, depois de um ano, o pai chegou e perguntou aos filhos sobre as sementes. O primeiro filho estava muito feliz, porque pensou: "O mais jovem destruiu-as. Como ele pode devolver as sementes, as mesmas sementes? Como ele pode devolvê-las? Agora, elas viraram plantas e estão florindo. E o segundo também perdeu, porque ele trocou as sementes, ele comprou novas. Ele foi ao mercado e comprou novas sementes".

O segundo pensou: "O primeiro perderá, porque suas sementes; já estão podres, inúteis, mortas. E o terceiro já perdeu, porque as sementes tinham de ser preservadas — exatamente, literalmente — e ele não as preservou. Eu vou vencer!"

Mas o terceiro nunca pensou em vencer, ele não estava interessado em nenhuma vitória. Ele estava simplesmente interessado em uma coisa: "O pai disse que as sementes tinham de ser preservadas. E as sementes são uma fase, não uma meta, A única maneira de preservá-las é permitir que cresçam. E agora as flores surgiram e logo, logo, sementes estarão chegando aos milhões". Ele estava apenas feliz porque seu pai ficaria feliz.

Então, o pai veio e disse ao primeiro filho: "Você é estúpido... As sementes não eram para serem preservadas em cofres de segurança, elas não existem para serem preservadas em bancos, porque, se você preservar uma semente assim, você a matará. Uma semente só pode ser preservada se ela puder morrer no solo e nascer novamente".

Ele disse ao segundo filho: "Você fez melhor do que o primeiro, porque você compreendeu que as velhas sementes morreriam. Mas a quantidade permanece a mesma, e uma semente, se preservada, multiplica-se em milhões; se uma semente é preservada, ela se multiplica em milhões. Você fez melhor do que o primeiro, mas você também perdeu".

E, então, ele perguntou ao terceiro filho, que levou seu pai ao jardim e disse: "Eu não as preservei no cofre, não as vendi no mercado, eu as joguei na terra. Essas são as sementes, mas, agora, elas se tornaram plantas. As plantas estão florindo, e logo, logo, haverá muitas sementes. Se o senhor quiser as sementes, eu as devolverei aos milhares".

O pai disse: "Você venceu! Você será o rei deste reino, porque o único meio de se preservar uma semente é deixá-la morrer, de modo que ela renasça".

Eis o que Jesus diz: "Se vocês derem à luz ao que está dentro de si, aquilo que vocês têm os salvará. Se vocês não têm isso dentro de si, o que vocês não têm os matará".

Mas você não tem olhado para dentro, absolutamente; você nem mesmo teve um único vislumbre. Assim, seja o que for que você tenha, irá destruí-lo, não pode lhe salvar. Você pode ter riqueza, pode ter poder, pode ter muitas coisas do mundo, mas nada irá salvá-lo. Ao contrário, esse peso do mundo irá afogá-lo. Você juntou muito peso e é isso o que já o está afogando, seu barco já está meio afundado. Você não consegue sair do barco tampouco, porque todas as suas posses estão nele; você tem de carregá-las até a outra margem. Mas as posses pertencem à margem de cá, e elas não podem ir para a outra margem. Ninguém nunca foi capaz de levar nada deste mundo para o outro.

Quando você morrer, como poderá carregar alguma coisa deste mundo para o outro? Quando você morre, seu corpo sucumbe. Tudo que podia ser carregado só podia ser carregado pelo corpo, e tudo o que você possuía foi possuído através do corpo. Quando o corpo sucumbe, o próprio meio, o próprio veículo sucumbe. Então, você não pode carregar nada. Então, você não pode carregar mais nada deste mundo, é impossível. Eis por que muitas pessoas espertas pensam: "Não junte mercadorias deste

mundo, junte apenas conhecimento, porque o conhecimento pode ser carregado". Lembre-se bem: o conhecimento não pode ser carregado tampouco, porque, quando o corpo sucumbe, o cérebro sucumbe, e o cérebro é o acumulador de conhecimento.

Seu cérebro é o computador no qual o conhecimento, a informação, se junta. Ele também está do lado de fora: se você tirar o cérebro de Einstein, ele será um idiota comum, porque o conhecimento desaparece junto com o cérebro. Mas, se você tirar o cérebro de Jesus, não haverá nenhuma diferença, ele permanecerá o mesmo, porque Jesus acumulou consciência-em-si, não conhecimento.

Assim, há três tipos de pessoas: as de orientação mais externa — estas juntam coisas, mas essas coisas não podem ser carregadas para a outra margem. Então, o segundo tipo — que não têm uma orientação tão externa, mas, ainda assim, externa. Essas pessoas juntam conhecimento, escrituras, teorias, filosofias. Elas são mais inteligentes, mas, ainda assim, estúpidas, porque o conhecimento é acumulado no cérebro e o cérebro faz parte do corpo — a parte mais interna, mas, ainda assim, parte do corpo. E, quando o corpo sucumbe, o cérebro sucumbe. Então, há o terceiro tipo de pessoa, que acumula consciência-em-si, cuja meta da vida inteira é ser cada vez mais e mais consciente.

Essa consciência é seu ser mais profundo. Somente essa consciência vai para a outra margem, somente essa consciência pertence à outra margem. No corpo, existem os dois mundos: este e aquele, o da matéria e o da consciência. E entre esses dois mundos existe um elo interno. Esse elo interno é seu conhecimento. Abandone as coisas e abandone o conhecimento. Cresça cada vez mais e mais em consciência, em consciência-em-si, torne-se cada vez mais e mais alerta. Quanto mais alerta, mais você levará deste mundo para o outro; você não irá como um pobre, você irá rico. Neste mundo você pode parecer pobre, como um Buda, como um

mendigo, como um *bbikkhu*, mas no outro mundo você será como um rei, porque você carregará somente você mesmo.

Isto aconteceu:

Quando Pompéia foi destruída por uma erupção vulcânica, a cidade toda foi incendiada no meio da noite, as construções desmoronaram e as pessoas foram fugindo. Todos estavam carregando uma coisa ou outra, porque a cidade era muito rica. E as pessoas carregavam suas coisas mais valiosas: uns carregavam seu ouro, uns seus diamantes, outros seu dinheiro; os eruditos carregavam suas escrituras, os livros — o que quer que pudesse ser salvo, eles estavam carregando. Mas havia um homem que não estava carregando nada, apenas seu cajado. E aqueles que estavam carregando as coisas estavam muito perturbados, preocupados — toda a vida deles estava sendo destruída. Somente aquele homem estava caminhando no meio da multidão como se estivesse indo para o seu passeio matinal. Aquela era sua rotina normal: às três horas da madrugada, ele saía para uma caminhada matinal, e aquela era a hora.

Quem quer que olhasse para ele, dizia: "Como!? Você não pode salvar alguma coisa? Perdeu tudo!?"

O homem disse: "Eu não tenho nada, e tudo o que tenho estou levando".

"Então, por que você está andando como se estivesse passeando? Em tamanha crise, as vidas todas destruídas, as pessoas arruinadas!"

O homem riu e disse: "Porque o que quer que vocês tenham acumulado, é deste mundo — a morte arruína tudo, o fogo queima tudo. Eu acumulei somente consciência. Pode ser uma crise para vocês, para mim é hora do meu passeio matinal".

Este homem é o místico, este homem é o iogue, este homem é aquele sobre quem Jesus está falando.

"Se vocês derem à luz ao que está dentro de si, aquilo que vocês têm os salvará. Se vocês não têm isso dentro de si, o que vocês não têm os matará".

Se você for pobre internamente, pode ser rico externamente, mas você irá ser destruído por suas próprias posses. Se você é rico internamente, então, não se preocupe. Então, quer você tenha algo ou não, a morte não pode arrebatá-lo de você. Somente a consciência transcende a morte; ela é o único raio de luz na vida humana que transcende a morte. Você pode morrer completamente consciente? Essa é a única questão, toda a questão. Mas se você não viveu completamente consciente, como você pode morrer completamente consciente? Mesmo na vida, você é tão inconsciente! — como pode ficar consciente na morte?

Lembre-se de que sempre que há muito sofrimento, o corpo tem um mecanismo automático para jogá-lo na inconsciência, porque, caso contrário, seria intolerável. Os médicos inventaram a anestesia muito recentemente, mas a natureza conhece a anestesia, ela sempre conheceu a anestesia. Sempre que você chega ao ponto limite, quando a dor é demasiada, de repente, você se torna inconsciente, desmaia, porque seria intolerável. Assim, o corpo tem um termostato interno. Você pode estar dizendo às pessoas que "está intolerável, a dor está intolerável", mas você está errado, porque, se estivesse intolerável você ficaria inconsciente.

Não existe dor que possa ser chamada de intolerável. Todas as dores são toleráveis, todos os sofrimentos são toleráveis. Eis por que você permanece alerta, caso contrário, desmaiaria. E a morte é a coisa mais dolorosa. Quando a morte vem, ela é a maior cirurgia possível, porque todo seu ser tem de ser levado embora, ser separado do corpo com o qual você se tornou tão identificado e uno. Não se trata de cortar um dedo, não se trata de cortar a mão, não se trata da remoção do apêndice — trata-se de remover, você, de todo o seu corpo. Nenhum médico pode fazer isso ainda. O corpo todo

está sendo removido, separado. E você tem vivido com este corpo durante setenta anos, oitenta anos; não somente vivido com ele, você tem vivido na identificação com ele: você pensa que você é o corpo. A dor é tamanha, que você ficará inconsciente.

A vida toda é uma preparação para ficar consciente na morte. Eis o que um *saniassin* deve fazer, eis o que um buscador deve fazer: ficar pronto! Não perca um único momento, porque uma vez perdido, não pode ser recuperado. E a única riqueza que você pode tirar dele é ser mais consciente. Faça o que for, mas faça-o em estado de alerta, com consciência. As vidas de vocês podem ser diferentes, mas a busca interna não pode ser diferente: é a mesma.

Você pode ser um negociante, você pode ser um professor, você pode ser um médico, um engenheiro, ou um trabalhador, mas isso não faz nenhuma diferença. A busca interna é a mesma: é como se tornar cada vez mais e mais consciente. Chega um ponto em que você está tão consciente, que nem a morte pode torná-lo inconsciente. É isso o que Jesus quer dizer: desenvolva o que está dentro de você. Se você tiver isso, você será salvo, se você não tiver isso, você será afogado.

E em um outro discurso. Jesus diz uma coisa muito estranha. Ele diz: "Aqueles que têm, deve ser dado mais. E àqueles que não têm, até o que têm será tirado". Parece absurdo! Jesus diz: "Aqueles que têm, deve ser dado mais. E àqueles que não têm, mesmo aquilo que têm deve ser tirado".

Ele está falando sobre a consciência, porque consciência atrai mais consciência. Se você se torna consciente, você se torna capaz de ser mais consciente; cada passo conduz a um passo mais adiante. Se você não está consciente, então, todo passo o conduz para mais longe.

Ouvi contar:

Mulla Nasruddin bateu certa noite em uma porta, às três horas da madrugada. Ele estava completamente bêbado. O estalajadeiro abriu a janela, olhou para baixo e disse:

— Nasruddin, eu já lhe disse muitas vezes que essa porta é a porta errada! Essa não é a sua porta. Vá para sua casa e bata lá, você está batendo na porta errada!

Nasruddin olhou para cima e disse:

— Como pode estar tão certo assim? Talvez você esteja olhando da janela errada, como pode estar tão certo assim?

A embriaguez do homem é tanta, que fica impossível ele pensar que "eu estou errado". O outro é que vai estar errado.

Se você sofre em sua vida, você sofre porque você está perdendo sua consciência em algum lugar: você está errado, mas você pensa que o outro possa estar olhando pela janela errada, você pensa que você sempre está batendo na porta certa.

Você esteve sempre batendo na porta errada, porque todas as portas neste mundo são erradas — a menos que você bata na porta interna, que não faz parte deste mundo. Ela anda com você, mas não faz parte deste mundo. Você carrega alguma coisa dentro que não pertence a este mundo. Esse é o seu tesouro, e essa é a sua porta, através da qual, Deus pode ser acessado.

Jesus diz: "Cresça naquilo que você já está carregando". O raio único já aconteceu: você não está ciente, ou apenas um pouquinho: uma consciência difusa, uma luz indistinta, muito indistinta — você não pode ver. Mas o raio já aconteceu, é dessa forma que vocês estão num nível mais elevado que os animais — nem isso os animais têm.

O primeiro raio de consciência já os penetrou, mas esse raio de consciência é apenas uma semente de mostarda: você tem de lhe dar o solo. O que é o solo para ele? Os hindus chamaram esse solo de *satsang*. Vá para perto daqueles que já cresceram mais alto que

você, fique perto deles, na presença deles, e seu raio de consciência se tornará cada vez mais e mais elevado — ele precisa de um desafio. Mas a tendência comum da mente é sempre andar junto com os inferiores, sempre andar junto com as pessoas que estão menos alertas do que você. Por quê? Porque lá você se sente superior, lá você sente que você é alguém.

Todo mundo busca o inferior e, através dessa busca, a pessoa torna-se ela mesma inferior. Sempre que você encontra um homem como Jesus, você fica perturbado, porque você não pode afirmar sua superioridade ali. Você é inferior, não se trata de um complexo de inferioridade. Você simplesmente é inferior diante de um Jesus, porque sua consciência é nada, e ele é uma luz tão tremenda, que você se torna quase escuro diante dele. Até mesmo sua luz bruxuleante, o raio único de consciência, parece não ser nada. Não pode deixar de ser assim: você leva sua vela terrena para fora, no dia claro de sol, e o que você perceberá? É como se a vela terrena, a chama, tivesse se tornado escura diante do sol. Leve sua vela terrena para a escuridão do quarto e ela se torna um sol em si mesma.

Dai a tendência da mente de buscar o inferior. É exatamente como a água: assim como a água sempre busca um nível cada vez mais e mais baixo, a mente sempre busca o inferior. Um marido não gostaria de se casar com uma mulher mais sábia do que ele, não. Ele não se casará com uma mulher mais alta do que ele, não. Ele não se casará com uma mulher mais velha do que ele, não! Por quê? Biologicamente seria melhor se um marido se casasse com uma mulher que fosse pelo menos cinco anos mais velha do que ele, porque então eles poderiam morrer juntos... porque uma esposa vai sempre viver cinco anos mais do que o marido, ela tem uma vida mais longa. Então, não haveria viúvas no mundo — e isso é uma coisa muito triste... Biologicamente, seria o método mais certo, que o rapaz de vinte se casasse com uma moça de vinte e cinco anos, mas o ego se sente ferido. Nem você gostaria de se casar com uma moça

mais alta, porque o ego se sente ferido — nem se casaria com uma mulher mais sábia. Não! A mente sempre busca o inferior.

Olhe para seus amigos — por que você os escolheu? Lá no fundo, você descobrirá que a causa é esta: eles são inferiores a você, com eles você se torna uma luz maior; caso contrário, você se torna uma chama comum de uma vela terrena. A mente busca o inferior para provar que é superior. As pessoas adoram os animais. As pessoas não podem amar os seres humanos. Então, como elas podem amar os animais? Mas um cão o apóia tão belamente como nenhuma pessoa pode fazer. Quer você bata nele ou lhe faça festa, não faz nenhuma diferença, ele continua abanando o rabo; ele está sempre lhe festejando. Ele sempre vai com você aonde quer que você vá, você não pode encontrar um melhor seguidor do que um cão. Por que as pessoas gostam da amizade de um cão? O inferior ajuda, você se sente superior.

Mulla Nasruddin estava jogando cartas com seu cão. Um homem olhou, ficou surpreso — o cão estava realmente jogando. Assim ele disse:

— Nasruddin, você realmente tem um cão estranho e sábio.

Nasruddin disse:

— Não é bem assim... Ele não é tão sábio quanto aparenta ser, porque sempre que pega uma boa mão, ele balança o rabo. Não é tão sábio quanto parece!

A mente está sempre buscando o inferior, e chega um ponto em que até mesmo um cão pode às vezes ser superior a você. De muitos modos, ele é! Ele é mais forte; se lutar com ele, você estará em maus lençóis. As pessoas vão caindo cada vez mais abaixo. Então, elas buscam coisas: um carro se torna seu objeto de amor. Faça o que quiser e o carro não faz nada. Depois uma casa, depois objetos, posses. Com as coisas, você se sente como uma pessoa, muito superior.

Satsang significa sempre escolher a companhia do superior. A mente o ajudará a escolher a companhia do inferior. Fique alerta e evite isso, porque com o inferior você se tornará inferior. Cada vez mais e mais o raio da consciência ficará perdido na escuridão.

Escolha sempre o superior, siga na direção do superior. Mas seu ego se sentirá ferido. O ego tem de ser deixado. *Satsang* significa viver contra o ego, transcender o ego, sempre buscando o superior. E você quer encontrar Deus... E você não fica feliz em encontrar Jesus e Buda?! Então, como será possível? ...Porque Deus é o máximo da luz, o clímax de toda a existência, o florescimento de toda a vida. Se você sempre escolhe o inferior, como pode realmente desejar entrar no reino de Deus? Você está seguindo um caminho errado.

Lembre-se disso, e somente um único ponto tem de ser mantido em mente continuamente, e este é: circule — com as pessoas, com os amigos, com os livros — sempre se lembrando de que existe algo superior, de modo que você possa abandonar seu ego; você pode se sentir inferior e abandonar o ego. Sempre busque o superior. Pouco a pouco, passo a passo... você será capaz de encontrar Jesus. E somente se você puder encontrar Jesus, você será capaz de encontrar Deus.

Este é o significado quando Jesus diz: "Exceto através de mim, você não pode chegar a ele". Este é o significado: se você não pode me encontrar, como pode pensar em encontrar o supremo? Se você encontra o filho, então, há a possibilidade de que você possa ser capaz de encontrar o pai, porque o filho é apenas um representante. Avatares, budas, tirtankaras são apenas os representantes, são uma luz do supremo. Se você não pode encontrá-los, se você não pode viver com eles, se seu ego não pode permitir que eles existam com você, então, não há nenhuma possibilidade para a derradeira e suprema verdade.

Jesus disse:

"Deixe que aquele que busca, não cesse de buscar até que encontre".

A mente é letárgica e, sempre que se move para cima, ela é mais letárgica ainda. Se você se move para baixo, ela tem muita energia, porque um movimento para baixo não precisa de nenhum esforço. É simplesmente água caindo de uma cascata, indo para baixo — nenhum esforço é necessário. Para alcançar o inferno, nenhum esforço é necessário, você chegará lá automaticamente: não faça nada e você chegará lá. Você já está fluindo em direção a níveis cada vez mais e mais baixos, e o mais baixo estado de mente é o inferno. Ele não é algo externo, ele é o degrau mais baixo da sua escada, onde a consciência desaparece: você se torna como um fenômeno vegetativo. Mas se você começa a se mover mais alto, mais acima, então será necessário esforço, muito esforço será necessário. Eis por que Jesus diz: "Deixe que aquele que busca, não cesse de buscar até que encontre".

Muitas vezes virão momentos em que a mente dirá: "O que você está fazendo? Por que você está fazendo tanto esforço? Relaxe, desfrute, descanse!". E se você ouvir a mente, você será jogado de volta. Não ouça a mente! Um buscador deve persistir e continuar fazendo esforços até que encontre.

Mas essa afirmação parece ser contrária ao zen — isso tem de ser compreendido, pois não é — porque os mestres zen dizem: "Não se esforce. Não faça nenhum esforço, caso contrário, você perderá. Um leve movimento e você já terá perdido. Esteja em repouso, fique totalmente relaxado, entregue, como se você não existisse, e você alcançará". Eles dizem: "Busque e você perderá, não busque e você encontrará". As palavras de Jesus parecem contrárias ao zen. Não são, porque, como você está, você não pode ficar numa entrega total. Mesmo que você tente, mesmo que você relaxe, a atividade continua.

O zen não é para vocês como vocês estão, Jesus é para vocês como vocês estão. E se você seguir Jesus, chegará um momento em que o zen será para você. Quando será esse momento? Quando você tiver exaurido todo o esforço, quando você tiver feito tudo que possa ser feito, quando você tiver chegado ao último pico do seu esforço. Agora, nada mais pode ser feito, agora, não há mais o que fazer; você pôs tudo que pôde nisso. Agora, não sobrou mais nada, toda a sua energia se moveu para o esforço. E não é "agora" que você pára, mas como toda a energia se moveu para o esforço, chega um momento de parada, vem um relaxamento. Isso acontece, o relaxamento-entrega acontece — você não pode fazê-lo. É como um homem que esteve correndo, correndo e correndo e, então, chega um momento em que ele não pode correr mais. Mesmo que você ponha uma baioneta atrás dele e diga "Ande!", ele dirá: "É impossível!".

Ouvi contar sobre uma rã:

A rã entrou numa vala estreita de uma estrada lamacenta. Ela entrou ali naquele sulco da estrada, mas não conseguia sair. Era muito difícil. Ela tentou e tentou — e nada! Seus amigos ajudaram, fizeram o que podia ser feito. Então a noite começou a chegar. Num estado depressivo, de frustração, os amigos tiveram de deixá-la à sua sorte. No dia seguinte, os amigos estavam pensando que ela já estaria morta àquela hora, pois ela estava bem na estrada, presa naquela vala estreita. Assim, eles foram vê-la, e eles a encontraram pulando daqui para ali numa perna só. Eles perguntaram:

— O que aconteceu? Como você pôde sair do sulco? Parece impossível, um milagre! O que aconteceu?

A rã disse:

— Que nada! Veio um caminhão e eu tive de sair. O caminhão estava se aproximando; eu tinha de sair!

Todo o esforço não fora aplicado quando não havia nenhum perigo. Se você vir a morte chegando, o caminhão chegando perto, você porá todo o esforço do seu ser naquilo, você sairá da vala. Você tem perdido, porque você se contém. Você faz coisas, você medita sem entusiasmo. É um esforço morno, você não pode evaporar através dele, porque existe uma determinada lei: um certo grau tem de ser alcançado, somente então, a evaporação acontece. Você faz isto e aquilo, mas você sabe que está só pela metade naquilo. Pela metade, nada acontece. O caminhão ainda não apareceu, você está na vala: metade do seu ser quer sair, mas metade de seu ser não quer sair. Você quer ser livre, mas a vala também lhe dá uma certa proteção, e a vala também lhe dá uma segurança, ela parece um lar — sair dali parece requerer muito esforço.

Jesus diz: "Busque e busque até encontrar". Continue fazendo o esforço, leve o esforço ao máximo, a um crescendo, então, o zen se torna aplicável. Se você estuda o zen, no começo você pode se mover numa direção errada. E isso está acontecendo no Ocidente, porque as pessoas no Ocidente, que escreveram sobre o zen, não sabem que esforço as pessoas do zen fizeram antes de relaxar. E ele apela muitíssimo para a mente preguiçosa. Eis por que há tanta atração pelo zen no Ocidente: não faça nada — isso apela, porque nada é preciso, você já é o caso. Ele apela, mas não vai ajudar.

Muito tem de ser feito antes de você chegar a um ponto onde o relaxamento é possível. E esse relaxamento não vem de você, ele acontece: como toda a energia se moveu, não sobrou nada para ficar inquieto; o repouso chega. E o zen está certo, porque somente nesse repouso é que o supremo é revelado. E Jesus está certo, porque esse repouso vem somente quando você colocou todas as suas energias no esforço. Jesus é a primeira parte e o zen é a última parte do mesmo processo; o zen é a conclusão, Jesus é o começo.

E eu gostaria de sugerir-lhes que Jesus é melhor para vocês, porque vocês são todos iniciantes. O zen pode desviá-los, o próprio apelo pode ser por razões erradas. Você pode começar pensando:

"Nada a ser feito. Estou bem como estou". Você não está bem como você está, caso contrário, não haveria nenhum problema. Por que você viria a mim? Por que você iria ao zen? Por que você buscaria Jesus? Se você já está bem, então, não há nenhum problema. Então, por que você busca? Então, por que desperdiça seu tempo na busca? Então, tudo é inútil, se você já está realmente bem; então, não há nenhuma necessidade de nenhum ioga para você, de nenhum tantra, de nenhum método. Mas esse não é o caso. Como você está, algo está errado: você não está feliz, você não é bem-aventurado, você não é extático. Você é muito miserável, está na miséria, numa profunda angústia — seu ser está doente. Não, você não está bem, tudo está errado.

Ouçã a Jesus: "Deixe que aquele que busca, não cesse de buscar até que encontre". E somente no fim você descobrirá que as pessoas do zen estão certas, porque, quando você fez tudo que podia ser feito, o esforço desaparece, a ausência de esforço vem a você. Nesse repouso, nessa quietude, onde não há nenhum movimento, nenhuma atividade, nenhuma energia para fazer alguma coisa, há o *samadhi*, a porta definitiva. Acontece sempre na ausência de esforço, mas a ausência de esforço acontece através de muito esforço.

Busque, e não pare de buscar até encontrar.

E, quando ele encontrar, será perturbado — uma coisa muito difícil. E, quando ele encontrar, será perturbado, maravilhar-se-á, e reinará sobre tudo.

Por quê? Quando você encontrar, por que você será perturbado? Você será perturbado porque a coisa é enorme. É tão vasta, infinita, que, quando a encontrar pela primeira vez, você ficará completamente perdido. Quando você fica consciente dela pela primeira vez, é como se um homem que tivesse vivido toda a sua vida num quarto escuro, numa célula escura, tivesse sido

trazido para o céu aberto, para a luz do sol. Ele ficará perdido, seus olhos não serão capazes de se abrir. Mesmo que ele abra os olhos, ele ficará tão desorientado que a luz parecerá escuridão.

O primeiro encontro com o divino é uma crise, porque você viveu muitas e muitas vidas de um modo errado. Você viveu muitas vidas tão miseravelmente, que, quando a bem-aventurança acontece, você não pode acreditar naquilo: você ficará perturbado. Você nunca esperou por aquilo, você nunca soube o que estava para acontecer. Você fala sobre Deus — você o conhece? O que você quer dizer? A palavra 'deus' não é Deus, as teorias sobre Deus não são Deus. Você pode conhecer definições do dicionário, das escrituras, mas o que você quer dizer realmente quando você diz "Estou buscando Deus"?

Ouvi contar:

Um garotinho estava fazendo um desenho, uma pintura, e a mãe perguntou:

— O que você está fazendo?

O menino estava tão absorto naquilo, que disse:

— Espere, não me perturbe: estou fazendo um retrato de Deus.

A mãe disse:

— Mas ninguém sabe como Deus se parece, ninguém sabe onde ele está. Como você fará um retrato dele?

O garoto respondeu:

— Não se preocupe. Quando eu acabar, as pessoas saberão como Deus é.

E todo buscador está nessa situação: você não sabe o que você está procurando, você não sabe qual é o alvo, você não sabe aonde você está indo, por que você está indo. Existe um grande ímpeto, isso é certo; existe uma profunda sede, isso é certo. Mas

você nunca provou isso do qual se tem sede. Você vai, tateia — quando de repente acontecer, você ficará perturbado.

Esta frase mostra que Jesus conheceu. Um homem que não tenha conhecido Deus, não pode escrever esta frase, um homem que não tenha conhecido Deus, não pode dizer: "quando você encontrá-lo, você ficará perturbado". Ele dirá: "Então, você ficará abençoado, absolutamente abençoado".

A bênção vem, mas ela vem somente quando a crise tiver passado. Deus é a maior catástrofe com a qual você pode cruzar, porque você ficará completamente despedaçado, você não mais existirá, você será atirado num abismo sem fundo, você se tornará um zero, toda a sua existência desaparecerá como vapor. De repente, você é disperso como uma nuvem, e o sol surge — a luz é demasiada e a verdade é demasiada. Você sempre viveu nas mentiras, toda a sua vida tem sido um tecido urdido de mentiras e mais mentiras e mais mentiras. Você será despedaçado, completamente despedaçado. Você morrerá quando Deus surgir; quando a verdade for revelada, você simplesmente desaparecerá. E Jesus está certo, você ficará perturbado.

Muitos voltaram dessa situação, muitos foram embora, muitos fugiram da situação. E, então, nunca mais voltaram, ficaram com medo.

Sinto que essas pessoas que são atéias são pessoas que de algum modo, em suas vidas passadas, chegaram a essa situação, e ficaram tão incomodadas, que fecharam seus olhos e fugiram. Agora elas não querem voltar a essa situação, e o melhor caminho é negar que Deus existe.

Elas são como crianças pequenas. Se você diz a uma criança pequena "não coma doces, não coma isto e aquilo", e se você a forçar muito e a fizer ficar com muito medo de que se ela comer doces ela ficará doente e com diarreia e com muitos outros problemas, então, olhe para esse menininho: se ele entrar num mercado ele fechará os olhos; sempre que houver uma possibilidade de uma loja de doces

ou algo parecido, ele fechará os olhos. Amedrontado, ele se recusa a ver. Ele está dizendo "não há nenhuma loja, nada", porque, se houver doces, então, será difícil não ser atraído novamente.

Os ateus são aquelas pessoas que em algum ponto de suas vidas passadas encararam essa situação, e ficaram tão apavorados que agora negam, dizem que não existe nenhum Deus. Essa negação está baseada no medo profundo. É psicológica, não é filosófica.

Tenho cruzado com muitos ateus e, sempre que penetro fundo, descubro que eles são pessoas que de algum modo ficaram tão apavoradas, que agora o medo da possibilidade toma conta delas: se Deus existe, então, novamente, ele os atrairá; se Deus existe mesmo, então, novamente, eles começarão a se mover. "Não! Não existe nenhum Deus, nenhuma verdade, nada! Tudo é uma mentira, e a vida toda é simplesmente um acidente". Então, elas ficam à vontade, então, elas podem evitar a catástrofe final.

Jesus está certo: "E, quando ele encontrar, será perturbado..." — E você também chegará a essa situação.

Muitos de vocês já chegaram alguma vez, não exatamente ao ponto sobre o qual Jesus está falando, mas a algum bem próximo. E vocês vêm a mim e me dizem: "É muito difícil agora, eu não posso meditar, eu não quero meditar. Um medo me pressiona, e parece que vai ser a morte. Eu vim a você para buscar a vida, não a morte. Mas estou apavorado e tenho ansiedade: sempre que fecho meus olhos e vou mais fundo, de repente eu sinto que vou morrer". Muitos de vocês já vieram e me disseram isso. Eis um bom sinal, isso mostra que você está realmente indo fundo, isso mostra que a meditação aconteceu. Não fuja daí, porque aí está o tesouro do Todo.

Basta um pouco mais, e você chegará ao ponto onde será incomodado, tão incomodado que todo o seu ser estará em jogo — e há toda a possibilidade de que você fuja. Mas se você fugir, então, durante muitas vidas você não será capaz de juntar coragem para

vir nessa direção, você simplesmente evitará essa dimensão. Quando surgir o incômodo no seu ser interno, fique alerta. Não tente escapar. Vá diante — todos têm de passar por isso.

A escola à qual Jesus pertencia, a dos Essênios, tem uma expressão para esse estado de incômodo. Eles o chamam de "noite escura da alma". Todo mundo tem de passar por isso. Somente então, a alvorada vem, quando você já passou pela noite escura da alma. Quanto mais escura a noite, mais feliz você deve se sentir, porque mais cedo haverá a alvorada. Logo, logo, do útero dessa noite, um sol vai nascer; logo, logo... não está muito longe. Quanto mais escura a noite, mais próximo de vir ele está. Não tente escapar, porque toda manhã precisa de uma noite escura como um útero, A noite escura prepara o terreno para a manhã chegar. Esse estado de incômodo é o útero através do qual a suprema bênção nascerá.

Jesus está certo — ouçam-no e lembrem-se dele. Isso irá chegar até vocês, a qualquer dia vai acontecer a vocês, e quanto mais cedo acontecer melhor. Sinta-se abençoado quando você se sentir perturbado no seu ser, não devido a alguma ansiedade deste mundo, mas devido à ansiedade que vem quando a verdade está chegando, quando você está perto dela.

A mesma ansiedade é sentida também perto de uma pessoa iluminada. Sempre que você vai a ela, um certo medo o pressiona. Você começa a tremer por dentro, você encontra razões para escapar, para não ir até aquele homem. Você é atraído, mas um medo profundo racionaliza: como ir embora, como não chegar até esse homem? Você não fica à vontade — você não consegue ficar com um Jesus, com um Buda. E você tem de passar por isso, faz parte do crescimento.

"E, quando ele encontrar, será perturbado..."

Mas, se ele não tiver escapado, não tiver dado as costas e corrido mundo afora, então: "... ele maravilhar-se-á". Então, ele

sentirá o *mysterion*, o misterioso. Então, ele rirá e sorrirá, porque, vinda dessa noite, uma tão bela manhã! A partir desse estado perturbador, desse inferno e medo e dessa angústia, tamanha bênção! De espinhos, tão belas flores! Então... Ele "maravilhar-se-á, e reinará sobre tudo".

Então, ele já não é um mendigo. Quando os desejos desaparecem — e eles desaparecem somente quando você já alcançou o seu ser, porque todos os desejos são basicamente desejos de alcançar o ser, a consciência interior — quando você alcançou o mais recôndito, os desejos desaparecem, você já não é um mendigo. Você se tornou um imperador, você se tornou um rei: ... "e ele reinará sobre tudo". Agora, toda esta existência é seu reino.

E ele disse:

"Quem quer que encontre explicações para estas palavras não sentirá o sabor da morte".

"Quem quer que encontre explicações para estas palavras"... não explicações em palavras, isso não ajuda. Eu lhes expliquei em palavras: isso não os deixará sem morte. Não, não explicações em palavras — explicação na vida, numa experiência vivida. As palavras nunca explicam, ao invés, pelo contrário, elas impedem a explicação. Somente a experiência pode explicar, somente a experiência pode ser a explicação. E Jesus disse: "Quem quer que encontre explicações para estas palavras"... Isto é, quem quer que encontre experiência, quem quer que atravesse esse estado perturbador — a ansiedade, a angústia, a noite espiritual — e quem se maravilhou e chegou a ver o *mysterion*, o misterioso.

Há duas palavras... Rudolf Otto, um dos pensadores mais profundos, mais penetrantes desta época, escreveu um livro muito profundo, de profundidade mesmo. Esse livro é *A idéia do Sagrado*. Ele usa duas palavras nesse livro: uma é *tremendum*, a outra é *mysterion*. Quando você encontra aquele ponto de perturbação pela

primeira vez, a coisa toda é um fenômeno tão tremendo, é *tremendum*. Você fica perdido naquilo, você não pode descobrir o que está acontecendo; você simplesmente enlouquece, como se a mente não pudesse funcionar. Esse é o último ponto em que a mente pode funcionar. Agora, a mente tem de ser deixada para trás. Um *tremendum* acontece — um terremoto, uma erupção vulcânica: tudo do passado é quebrado, jogado fora e despedaçado.

Se você puder passar por esse *tremendum*, então, surge o *mysterion*, o misterioso. O que é o misterioso? O misterioso é aquilo que não pode ser explicado de modo algum, o mistério é aquilo que é abençoado, belo, extático, mas não pode ser esclarecido. Ele é a fonte da existência — você não pode ir além dele, não há nenhum além. Você o experiencia, mas não pode analisá-lo. Você pode conhecê-lo, mas não pode fazer conhecimento a partir dele. Você pode senti-lo, mas não pode criar nenhuma teoria, nenhuma teoria a partir dele. Daí ele ser o *mysterion*, o supremo mistério.

E ele disse: "Quem quer que encontre explicações para estas palavras não sentirá o sabor da morte".

Aquele que sentiu o sabor do mistério final da existência, não sentirá o sabor da morte. A morte não é para ele. A morte existe apenas por causa da mente, a morte existe apenas devido ao ego, a morte existe apenas porque você está identificado com o corpo. Se você não estiver identificado com o corpo, se não tiver um ego louco dentro de você, se você estiver centrado em seu ser, a morte desaparece. A morte existe porque você é uma mentira.

Se você se tornar verdadeiro, a morte desaparece. Não há nenhuma morte para a verdade; ela é eterna, é a vida eterna. Assim, este é o círculo vicioso: como você é uma mentira, há a morte; e devido a haver morte, você fica com mais medo, cria mais mentiras à sua volta para se proteger. Então você fica emaranhado num círculo vicioso. É necessário ficar alerta e saltar fora disso.

A morte é um problema porque o ego existe. E o ego é a coisa mais falsa possível, a coisa mais ilusória possível: ele não existe realmente — você tem de sustentá-lo de algum modo, ele tem de ser constantemente sustentado — ele não é um fenômeno real. Se você deixá-lo até mesmo por vinte e quatro horas, ele morrerá. Vinte e quatro horas é muita coisa, vinte e quatro minutos bastam — vinte e quatro segundos. Você tem de alimentá-lo continuamente, você tem de puxá-lo para cima, você tem de manipulá-lo, você tem de apoiá-lo. Toda a sua vida você trabalha para ele, de modo que o sonho de que você é alguém possa ser sustentado. E então, na morte ele tem que desaparecer. Então, você sente o medo: você fica inconsciente, você renasce num outro corpo em estado de inconsciência, e todo o círculo começa novamente.

Não seja uma mentira! Comece a abandonar as mentiras, comece a deixar as máscaras caírem, seja um homem autêntico. E tente ser o que quer que você seja, não tente fingir ser aquilo que você não é, porque fingimentos não irão salvá-lo — eles são a própria carga que o fará afundar. A verdade salva.

Jesus disse: "A verdade libera, a verdade salva. A verdade se torna vida eterna".

E ele disse: "Quem quer que encontre explicações para estas palavras não sentirá o sabor da morte".

E o mesmo eu digo a vocês: Se você puder sentir seu próprio sabor, você não sentirá o sabor da morte; se você puder conhecer o seu ser, você nunca conhecerá a morte.

E aquilo que pode salvá-lo já está aí, mas é uma semente de mostarda. Ajude-a a crescer. E a primeira ajuda que você pode dar é ajudá-la a morrer. Não se apegue à semente, porque a semente é uma ponte, não é a meta. Ajude-a a morrer, a se dissolver, de modo que a vida interior que está escondida nela seja liberta e a semente se torne uma grande árvore. Pequena é a semente, mas a árvore será muito grande. Quase invisível é a semente — e a árvore? A árvore

se tornará uma grande proteção. Milhões de pássaros do céu virão se abrigar nessa árvore.

A verdade não apenas o salva, ela também salva outros através de você. A verdade não apenas se torna uma liberdade para você, ela se torna uma porta para a liberdade de muitos outros também. Se você se tornar uma luz, não é apenas sua vida que será iluminada — se você se torna uma luz, então, você também se torna uma luz para milhões; muitos podem viajar e alcançar a meta através de você. Se você se torna uma luz, você se torna um representante, você se torna um Cristo.

Eu não quero que vocês se tornem cristãos — isso é inútil, isso é uma mentira. Eu gostaria que vocês se tornassem cristos. E vocês podem se tornar cristos, porque vocês têm a mesma semente.

Mais livros de Osho:

<http://www.4shared.com/account/dir/ybtqB6UK/online.html?&rnd=22#dir=156474986>